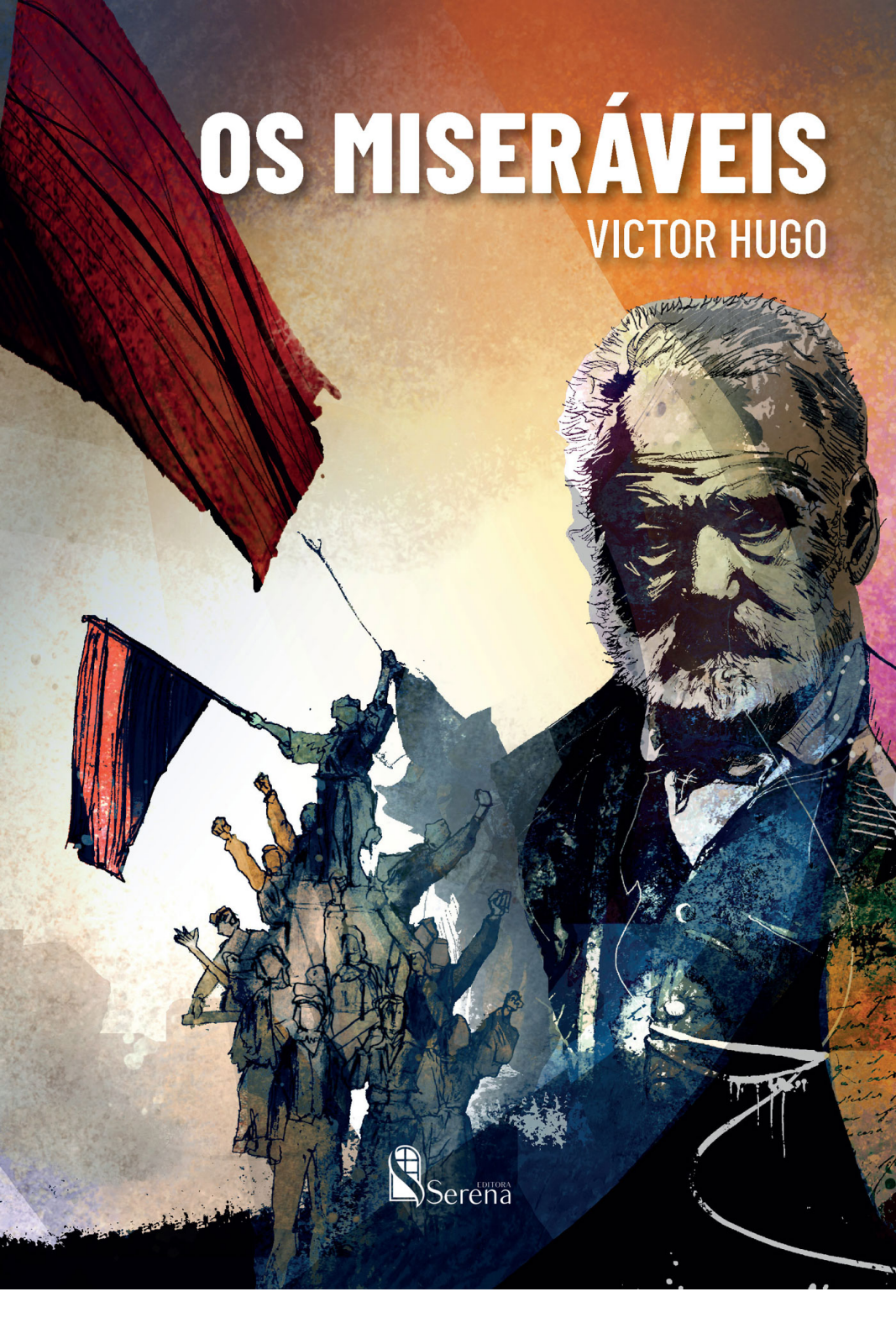


OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO



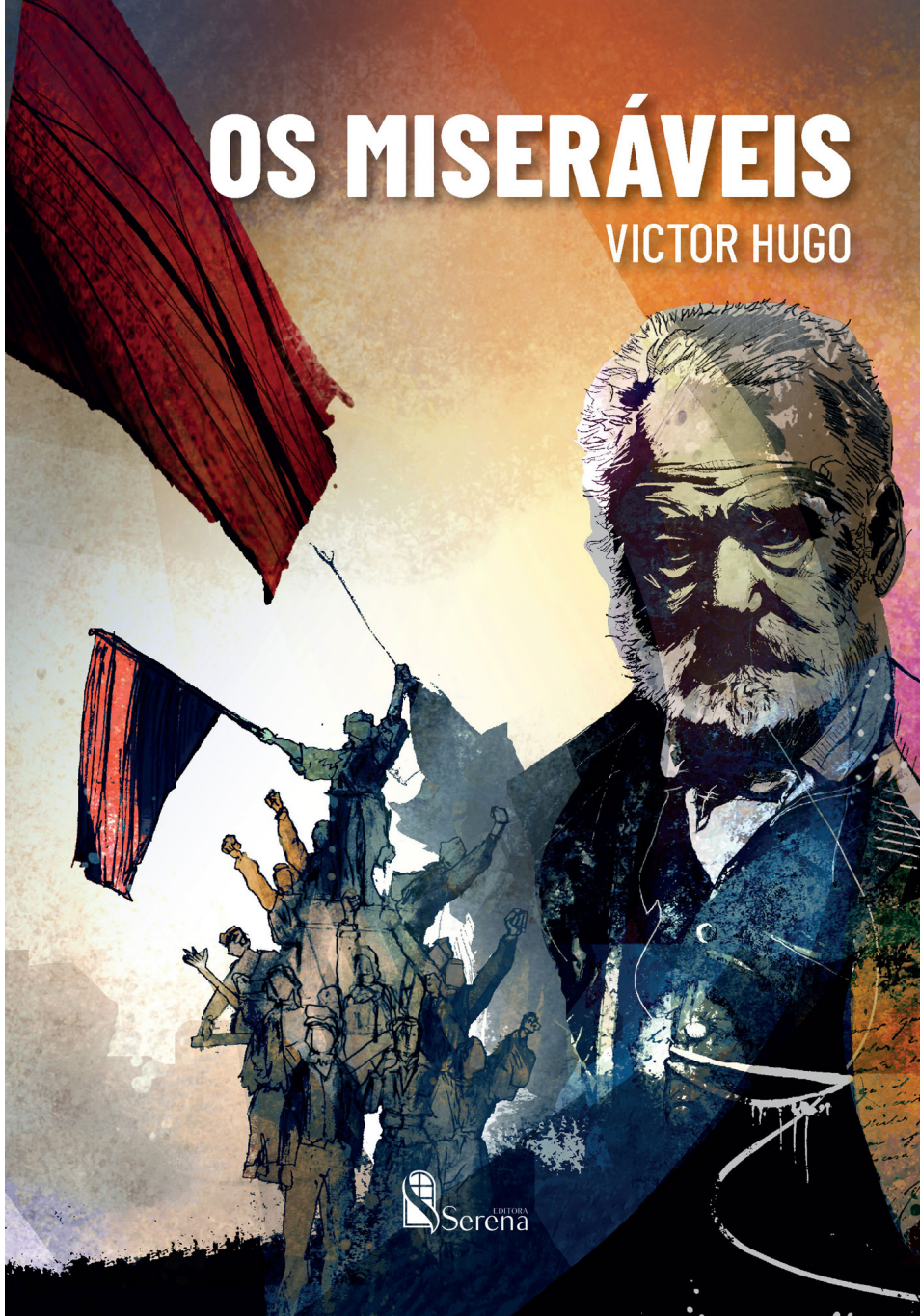
 EDITORA
Serena

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO



 **Serena**
LITTORE

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

TRADUÇÃO
JÚLIO DE ANDRADE FILHO



Todos os direitos reservados. É vedada a reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio, sem autorização expressa da Editora Serena. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer formato: físico, eletrônico, digital, fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação. Essas proibições também se aplicam às ilustrações, imagens e outros aspectos da obra. A violação de direitos autorais é punível como crime.

Direção editorial: Soraia Luana Reis

Edição: Estúdio Editorial Logos

Revisão: Mauro Barros e Sérgio Oliveira

Assistência editorial: Victoria Viana

Capa, projeto gráfico e diagramação: Aline Benitez

Ilustrações: Shutterstock

Desenvolvimento de eBook: Loope Editora | www.loope.com.br

1ª edição — São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

H895m	Hugo, Victor
	Os miseráveis [recurso eletrônico] / Victor Hugo ; direção de Soraia Reis ; traduzido por Julio Andrade Filho. – São Paulo, SP : Editora Serena, 2022. 664 p. ; ePub. Tradução de: Les Misérables ISBN: 978-65-89902-10-2 (Ebook)
	1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Tragédia. 4. Épico. I. Reis, Soraia. II. Andrade Filho, Julio. III. Título.
2022-1219	CDD 843.7 CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Romance 843.7
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31



Editora Serena
Rua Cardeal Arcoverde, 359 - cj. 141
Pinheiros – 05407-000 – São Paulo – SP
Telefone: 11 3068-9595
e-mail: atendimento@editoraserena.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

UM JUSTO
A QUEDA
DURANTE O ANO DE 1817
CONFIAR É, POR VEZES, ABANDONAR
A DECADÊNCIA
JAVERT
O CASO CHAMPMATHIEU
DESFORRA

SEGUNDA PARTE

WATERLOO
O NAVIO DE GUERRA ORION
CUMPRINDO PROMESSA FEITA À MORIBUNDA
O CASEBRE DE GORBEAU
CAÇADA TENEBROSA, MATILHA SILENCIOSA
PETIT-PICPUS
OS CEMITÉRIOS RECEBEM O QUE LHEM DÃO

TERCEIRA PARTE

PARIS ESTUDADA EM SEU ÁTOMO
O GRANDE BURGÊS
O AVÔ E O NETO
OS AMIGOS DO ABC
A EXCELÊNCIA DO INFORTÚNIO
A CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS
PATRON-MINETTE
O CRUEL POBRE HOMEM

QUARTA PARTE

ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA
EPONINE
A CASA DA RUA PLUMET
A AJUDA DA TERRA PODE SER A AJUDA DO CÉU
O FINAL QUE NÃO SE PARECE COM O PRINCÍPIO
O PEQUENO GAVROCHE
ENCANTAMENTOS E AMARGURAS
PARA ONDE VÃO ELES?
O ÁTOMO CONFRATERNIZA COM O FURACÃO
CORINTO
MARIUS ENTRA NA SOMBRA
A GRANDEZA DO DESESPERO
A RUA DE L'HOMME-ARMÉ

QUINTA PARTE

A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES
LAMA, E TAMBÉM ALMA
JAVERT SEM RUMO
O NETO E O AVÔ

A NOITE PASSADA EM CLARO
A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE
O CREPÚSCULO
SUPREMA SOMBRA, SUPREMA AURORA

SOBRE O AUTOR

Enquanto, pelas leis e costumes, houver proscrição social, forçando a existência de infernos em plena civilização e desvirtuando um destino divino por causas humanas; enquanto os três grandes problemas do século — a degradação do homem pela pobreza, a perdição da mulher pela fome e a atrofia das crianças pelas trevas — não forem resolvidos; enquanto em certas regiões continuar a asfixia social; em outros termos, sob aspecto mais amplo, enquanto houver na Terra ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis.

Victor Hugo
Hauteville-House, 1862

PRIMEIRA PARTE

Fantine

UM JUSTO

O bispo Myriel

Em 1815, o senhor Charles-François Myriel era o bispo de Digne, com 75 anos de idade, e aí residia desde 1806.

Corriam diversos boatos e conversas sobre sua pessoa quando chegou à diocese. Verdade ou não, o que se diz dos homens tem tanta importância em sua vida quanto o que eles fazem.

O senhor Myriel era filho de um conselheiro do Parlamento. Dizia-se que seu pai, desejando-o como herdeiro do cargo, casou-o muito cedo, costume muito comum entre famílias da aristocracia. Charles Myriel, mesmo casado, deu o que falar. Era atraente, de baixa estatura, elegante, gracioso, inteligente; continuava a dedicar sua vida aos prazeres mundanos.

Veio a Revolução, os acontecimentos se precipitaram e as famílias aristocratas foram dizimadas, perseguidas e se dispersaram. Charles Myriel fugiu para a Itália e lá sua esposa faleceu. Não tinham filhos. Mas o que se passou com ele? Quem sabe a destruição da antiga sociedade da França, a ruína de sua própria família, os trágicos acontecimentos de 1793, mais horrendos para quem via a distância, tudo isso tivesse feito germinar nele ideias de renúncia e solidão. Era impossível afirmar com segurança; o que se sabia é que, ao voltar da Itália, ele era padre.

Em 1804, Myriel, já idoso, era pároco e vivia em solidão.

Pela época da coroação, um pequeno problema de sua paróquia o levou a Paris. Entre outras pessoas influentes, visitou o cardeal Fesch, buscando ajuda a seus paroquianos. Numa ocasião em que o imperador fora ao palácio, o sacerdote estava no caminho por onde Sua Majestade devia passar. Napoleão, vendo-se observado, voltou-se e perguntou:

— Quem é esse homem que está me olhando?

— Senhor — respondeu Myriel —, o senhor vê um pobre homem, e eu um grande homem. Ambos podemos nos aproveitar disso.

O imperador, na mesma noite, pediu ao cardeal o nome daquele padre, e algum tempo depois, Myriel foi nomeado para a diocese de Digne.

O senhor Myriel, apesar de ser o bispo, teve de resignar-se à sorte de todas as pessoas que chegam a uma cidade pequena, onde é maior o número de bocas que falam do que o de cabeças que pensam. No fim de tudo, porém, as conversas em que o seu nome andava envolvido não passavam de boatos. Fosse quem fosse, depois de nove anos todas essas

invenções foram esquecidas. Ninguém ousaria repeti-las ou lembrá-las.

O senhor Myriel chegou a Digne acompanhado de sua irmã Baptistine, dez anos mais nova e solteira, e de uma criada da mesma idade, Magloire, camareira da senhorita Baptistine e despenseira do senhor bispo.

Baptistine era alta, pálida, delicada, agradável; era realmente o que indica a palavra “respeitável”. Nunca fora bonita; toda a sua vida, uma sequência de obras de caridade, envolveu-a numa espécie de alvura luminosa que lhe deu a beleza da bondade na velhice. Era mais que uma virgem, era uma alma. Parecia feita de sombras: o mínimo de corpo para determinar seu sexo, um pouco de matéria envolvendo uma luz; um pretexto para uma alma andar na terra.

Magloire era uma velhinha gorda, atarefada e sempre ofegante, por causa de sua contínua atividade e também pela asma de que padecia.

Ao chegar a Digne, o senhor Myriel foi acomodado no Palácio Episcopal, com todas as honras exigidas pelos decretos imperiais. E terminada a recepção, a cidade esperou pelos seus atos.

O sr. Myriel torna-se monsenhor Benvindo

O Palácio Episcopal ficava ao lado do hospital. Tudo era grandioso: os aposentos do bispo, os salões, os quartos, o pátio principal muito espaçoso e jardins com árvores magníficas. A sala de jantar era longa e suntuosa. O hospital, por sua vez, era uma casa acanhada e baixa, um único andar com um pequeno jardim.

Três dias depois de sua chegada, o bispo quis conhecer o hospital e, após a visita, chamou o diretor.

— Diga-me, quantos doentes tem atualmente?

— Vinte e seis, monsenhor.

— O mesmo que contei — disse o bispo.

— As camas — continuou o diretor — estão muito apertadas.

— Reparei nisso.

— A enfermaria é pequena e o ar não se renova.

— É justamente o que me pareceu.

— E o jardim é muito pequeno para os convalescentes.

— Sim...

— Nas epidemias, como neste ano foi a de tifo, não sabemos como acomodar os doentes.

— E não podia ser de outra forma.

— Monsenhor, não se pode fazer nada, é preciso resignar-se.

O bispo calou-se por um momento; depois, voltando-se rapidamente para o diretor do

hospital, lhe disse:

— Quantas camas poderiam caber nesta sala?

— Na sala de jantar de Vossa Excelência? — exclamou espantado o diretor.

O bispo percorria a sala com os olhos; parecia fazer cálculos e medições.

— Aqui podem caber vinte camas! É evidente que há um grande erro. Vocês são vinte e seis pessoas mal acomodadas e nós somos três, e há lugar para sessenta. Repito, aqui há um erro: vocês estão no meu lugar e eu no de vocês. O senhor ocupa a minha casa e eu vou ocupar a sua.

No dia seguinte, os vinte e seis doentes pobres estavam acomodados no Palácio Episcopal e o bispo, no hospital.

Myriel não tinha fortuna, pois sua família perdera tudo durante a Revolução. Sua irmã recebia uma pensão vitalícia, e ele, por sua vez, recebia um ordenado do Estado, como bispo. No mesmo dia em que se mudou para o edifício do hospital, determinou que essa quantia fosse empregada para a caridade. Essa ordem foi aceita com absoluta submissão por Baptistine.

Para ela, Myriel era seu irmão e seu bispo, e amava-o e venerava-o sinceramente. Somente a criada não se conformou com essa distribuição, porque muito pouco ele reservara para suas próprias despesas.

Certa vez, depois de três meses na cidade, o bispo disse:

— Sabe Deus como vivo apertado!

— Isso sei eu! — exclamou Magloire. — O senhor nem ao menos pediu verba para as despesas de transporte na cidade e nas viagens pela diocese. Esse era o costume com os bispos.

— Tem razão — disse o bispo, e fez a reclamação.

Algum tempo depois, o Conselho votou-lhe uma soma anual de três mil francos, como verba concedida ao senhor bispo para despesas de transporte nas viagens pastorais.

A burguesia local se irritou, e um senador do Império furioso escreveu uma carta confidencial ao ministro dos Cultos:

Carruagem para quê? Carruagem numa cidade que não chega a ter quatro mil habitantes? Despesas com a visita ao bispado? Em primeiro lugar, de que servem tais visitas? Em segundo lugar, como quer ele andar de carruagem numa terra montanhosa como esta, onde nem estradas há e só se pode andar a cavalo? Os padres são todos assim, ávidos e avaros! Este, quando chegou aqui, apresentou-se como um bom padre e agora se mostra como todos os outros, já precisa de carruagem, não dispensa o luxo dos bispos. Esses padrecos! Asseguro-lhe, senhor conde, que enquanto o imperador não nos livrar desta praga, as coisas não terão bom rumo.

Abaixo o papa! Eu sou por César e só por César! etc., etc.

Nessa época, as relações com a Santa Sé andavam complicadas.

Em compensação, isso alegrou muito a criada Magloire.

— O senhor bispo começou pelos outros, mas felizmente acabou cuidando de si. Finalmente, temos três mil francos para nós.

Porém, na mesma noite, Myriel fez novas doações com esse dinheiro: para a sopa aos

doentes do hospital, para as crianças abandonadas, órfãos... Quanto aos proventos da diocese, banhos, batizados, sermões, bênçãos de igrejas e capelas, casamentos etc., ele era tão diligente em cobrar dos ricos como generoso em dar aos pobres.

Passado algum tempo, começaram a chegar donativos em dinheiro.

Os que tinham e os que não tinham batiam à porta do senhor Myriel, uns procurando a esmola que outros haviam trazido. Enormes quantias passavam pelas suas mãos, mas nada mudava seu estilo de vida. Como a miséria nas classes baixas é sempre maior que a fraternidade nas classes altas, tudo era distribuído antes mesmo de ser recebido; era como água em terra seca: por mais que recebesse, o bispo estava sempre sem dinheiro. Privava-se até do pouco que possuía.

Assim, os pobres do lugar começaram a chamá-lo por um nome que lhes fizesse mais sentido, monsenhor Benvindo, um nome que muito o agradou.

E foi assim que ele ficou conhecido.

A bom bispo, um mau bispado

Não era porque havia convertido sua carruagem em esmolas que ele deixaria de fazer suas visitas, mesmo que a diocese fosse difícil de percorrer. Poucas planícies, muitas montanhas, quase nenhuma estrada. Quando as visitas eram próximas, ia a pé; nas montanhas, ia a cavalo. As mulheres o acompanhavam, mas quando o caminho era difícil, ele ia sozinho.

Um dia, chegou a Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento. O prefeito da cidade foi recebê-lo e o viu, descontente, apelar-se do animal. Algumas pessoas chegaram até a rir.

— Senhores — disse o bispo —, sei bem o que os desagrada. Acham que é muita soberba para um pobre padre vir num animal que Jesus Cristo usou. Mas asseguro que não o fiz por vaidade, mas por necessidade.

Nessas visitas, ele era indulgente e mais conversava que pregava. Nunca ia longe para buscar modelos e exemplos. Aos habitantes de um lugar, citava fatos acontecidos na povoação vizinha. Nas aldeias ávidas de lucros, onde os agricultores não se ajudavam, dizia:

— Vejam os de Embrun. Se um pai de família, no tempo da colheita, tem um filho no serviço militar ou as filhas trabalhando na cidade, ou está doente, o padre o recomenda durante o sermão e, no domingo, depois da missa, todos os habitantes, homens, mulheres e crianças, vão ao seu campo, fazem-lhe a colheita, guardando-lhe a palha e o grão nos celeiros.

Às famílias divididas por questões de dinheiro ou herança, dizia:

— Vejam os montanhese de Devolny, lugar tão selvagem que não se ouve o rouxinol

cantar há cinquenta anos. Pois ali, quando falece um pai de família, os filhos vão procurar a fortuna e deixam a herança para as irmãs, a fim de que possam fazer bons casamentos.

Assim discursava o bom sacerdote, paternal, inventando parábolas quando não tinha exemplos, conciso, com poucas palavras e muitas imagens, eloquente e convincente como Jesus Cristo.

As palavras semelhantes às obras

Sua conversa era afável e alegre. Punha-se à altura das duas mulheres que viviam a seu lado; quando ria, seu riso era sincero como o de uma criança. Magloire gostava de chamá-lo de Vossa Alteza. Um dia, ele foi à biblioteca procurar um livro que estava numa das prateleiras mais altas, mas, como era de baixa estatura, não o alcançou.

— Senhora Magloire — disse —, traga-me uma cadeira. Minha Alteza não chega àquela altura.

Às vezes era suavemente zombeteiro, mas sempre com alguma intenção séria. Durante uma Quaresma, chegou um jovem vigário. Pregou eloquentemente sobre a caridade, convidando os ricos a serem generosos com os pobres, a fim de evitarem o inferno, que pintou com as cores mais horríveis que pôde, para assim ganharem o paraíso, encantador e agradável.

Entre os ouvintes estava um abastado comerciante, muito avarento, que tinha ganho dois milhões fabricando tecidos, lãs e bonés. Nunca em sua vida havia dado uma esmola sequer. Desde o sermão, notaram que, todos os domingos, dava um vintém às seis velhinhas que mendigavam na porta da catedral. Eram seis para dividir a moeda. Um dia, o bispo o viu e disse sorrindo à sua irmã:

— Veja, ele está comprando o paraíso por um vintém...

Quando se tratava de caridade, não recuava mesmo diante de negativas, usando de respostas que faziam refletir. Certa vez, fazia a coleta num salão da cidade. Estava presente o velho marquês de Champertier, rico e avarento, que conseguia ser ao mesmo tempo ultrarrealista e ultravoltairiano. Já existiu gente assim... O bispo, chegando-se a ele, disse:

— O senhor devia contribuir com alguma coisa.

O marquês voltou-se e respondeu bruscamente:

— Eu tenho os meus próprios pobres, monsenhor.

— Nesse caso, rogo-lhe que os dê a mim.

Nascido na Provença, Myriel em pouco tempo familiarizou-se com os dialetos do sul. Isso agradava ao povo e contribuía bastante para lhe trazer simpatias. No campo, na cidade, ou na mais humilde choupana das montanhas, achava-se em casa. Sabia dizer as coisas mais complicadas na linguagem mais simples.

E era sempre o mesmo, tanto para o povo quanto para a nobreza. Não condenava nada

apressadamente ou sem levar em conta as circunstâncias.

Certa noite, numa reunião, o bispo ouviu sobre um processo criminal já próximo do julgamento. Um homem sem recursos, por amor de uma mulher e seu filho, fabricou moedas falsas. Nessa época, esse crime era punido com a morte. A mulher foi presa como a única culpada quando gastava a primeira moeda feita por ele. Somente ela poderia delatar seu amante e condená-lo. Apesar da insistência do procurador, ela continuou a negar que ele tivesse qualquer participação. O procurador teve, então, uma ideia. Inventou que o amante tinha outra e chegou a forjar cartas de amor, convencendo a mulher da existência de uma rival. Num acesso de ciúme, ela denunciou o amante, confessando tudo. O homem estava perdido, e seria julgado com sua cúmplice. Contava-se o acontecido, louvando a esperteza do procurador. Pondo em jogo o ciúme, fez surgir a verdade, e da vingança veio a justiça. O bispo ouviu tudo em silêncio. Quando terminaram, perguntou:

— Por quem serão julgados o homem e a mulher?

— Pelo tribunal.

— E quem irá julgar o procurador?

Um dia, ocorreu um trágico acontecimento na cidade. Um homem foi condenado à morte por crime de homicídio. Não lhe faltava instrução, e antes de ser preso era saltimbanco e escrivão. Na véspera da execução, o capelão da cadeia adoeceu repentinamente. Era preciso um padre que assistisse o condenado em seus últimos momentos, e ao procurar o pároco, ele se recusou:

— Isso não é comigo, nada tenho que fazer com condenados, não é esse o meu lugar... E eu também estou doente.

Depois de lhe contarem a resposta do pároco, o bispo respondeu:

— O pároco tem razão, aquilo não é lugar para ele, é para mim.

E, dizendo isso, dirigiu-se imediatamente à cadeia, entrou na cela do condenado, estendeu-lhe a mão e conversou com ele, passou o dia a seu lado, sem se lembrar de comer nem de dormir, orando a Deus. Foi pai, irmão, amigo, bispo somente para o abençoar. Aquele homem ia morrer desesperado. A morte era para ele um abismo, do qual recuava horrorizado. O abalo de sua condenação abria fendas nesse véu chamado vida, que nos separa do mistério das coisas. Até a chegada do bispo, por essas aberturas só via trevas; veio o bispo e apontou-lhe a claridade. No dia seguinte, o bispo subiu com ele ao cadafalso, sob os olhares da multidão que o contemplava admirada, com o seu manto roxo e a cruz episcopal ao peito, ao lado do infeliz, com as mãos amarradas atrás das costas. O coitado, antes tão triste e acabrunhado, estava radiante. Sentia sua alma reconciliada e esperava em Deus. No momento em que o carrasco se preparava para dar o golpe fatal, o bispo abraçou-o pela última vez, dizendo-lhe:

— Quem morre para satisfação dos homens ressuscita em Deus; o que se vê repellido por seus irmãos encontra abertos os braços do Pai! Reze, creia, entre na vida eterna que o Pai está lá!

Quando desceu do cadafalso, o seu olhar trazia uma estranha luz. O povo não sabia o que admirar, se sua palidez ou sua serenidade. Entrando em sua humilde casa, que ele chamava, sorrindo, de palácio, disse à irmã:

— Acabei agora mesmo de celebrar pontificalmente.

Como quase sempre as coisas mais sublimes são também as menos compreendidas, não faltou na cidade quem, comentando a conduta do bispo, dissesse:

— Simples afetação!

Para o bispo, ver a guilhotina foi um choque do qual levou muito tempo para se recuperar. No dia seguinte à execução, e depois por muitos dias, ele ficou acabrunhado. A serenidade violenta do momento fúnebre desaparecera; o fantasma da justiça social o obcecava. Ele parecia censurar-se. Às vezes falava sozinho, e uma noite sua irmã o ouviu:

— Não pensei que fosse algo tão monstruoso! É um erro concentrar-se na lei divina a ponto de esquecer a lei humana. A morte pertence a Deus. Com que direito os homens ousam tocar nessa entidade desconhecida?

Com o tempo, essas impressões se atenuaram e desapareceram. Podiam chamá-lo a qualquer hora para confessar um enfermo ou ver um moribundo, pois o bispo sabia ser este o seu dever mais sagrado. As viúvas e os órfãos eram visitados espontaneamente. Sabia escutar silencioso e animar com palavras de conforto. Admirável consolador e... Não procurava destruir a dor pelo esquecimento, mas dignificá-la pela esperança.

Ele sabia que a crença era salutar e procurava acalmar o homem desesperado, apontando-lhe o homem resignado; sabia transformar a dor que contempla uma sepultura na dor que fixa o olhar em uma estrela.

Como monsenhor Benvindo poupava suas batinas

A vida íntima do senhor Myriel se assemelhava à sua vida pública. Quem pudesse observá-la de perto ficava impressionado com a pobreza voluntária em que vivia o bispo de Digne. Dormia pouco, como os idosos e a maioria dos pensadores. De manhã, rezava a missa, ou em casa, ou na catedral. Feito isso, punha-se a trabalhar.

Um bispo é um homem muito ocupado: deve receber o secretário da diocese, que é um cônego, e seus vigários-gerais. Deve visitar congregações, conceder licenças, examinar livros eclesiásticos, catecismos, breviários etc. É preciso expedir ordens, pôr em dia a correspondência, mil assuntos.

No tempo que sobrava, ia assistir os necessitados, doentes e aflitos; e nas poucas horas livres, lia, escrevia, cuidava de sua horta. Tudo para ele era *jardinar*.

— O espírito é um jardim — costumava dizer.

Pelo meio-dia, quando o tempo estava bom, andava a pé pelos campos ou na cidade, entrando, muitas vezes, nos pobres casebres. Como queria que as batinas durassem muito tempo, nunca saía sem a capa roxa, o que, durante o verão, era um tanto penoso.

À noite, às oito e meia, ceava com a irmã, enquanto a senhora Magloire, de pé, os servia à mesa. Nada mais frugal que essa refeição. Se o bispo tinha algum hóspede, Magloire aproveitava para servir-lhe um peixe ou alguma caça. Terminado o jantar,

conversava uma meia hora com a irmã Baptistine e a criada Magloire; depois ia para o seu quarto e continuava a escrever.

Às nove horas, as duas senhoras se retiravam, subiam para seus quartos no andar superior, deixando-o só até a manhã.

Quem guardava sua casa

Sua casa tinha três cômodos no térreo, três quartos no andar superior e, por último, o sótão. Atrás da casa, havia um pequeno jardim. As duas mulheres habitavam a parte superior e o bispo o andar térreo. A primeira sala, que dava para a rua, servia de sala de jantar; a segunda, de quarto; e a última, de capela. A antiga farmácia do hospital, pequeno compartimento construído no jardim, foi transformada em cozinha e celeiro.

Havia ainda no jardim uma estrebaria, a antiga cozinha do hospital, onde o bispo criava duas vacas. Por pouco que fosse o leite que elas produzissem, todas as manhãs mandava a metade para os doentes do hospital.

— Para pagar o dízimo — dizia.

Nada mais simples de imaginar do que o quarto de dormir do bispo. Uma porta envidraçada dando para o jardim; bem em frente, uma cama de ferro do hospital; ao lado do leito, atrás de uma cortina, os objetos de toalete, traindo ainda os antigos hábitos elegantes de homem da sociedade. Toda a sua biblioteca consistia num grande armário, com portas de vidro, cheio dos mais variados volumes. Perto da porta envidraçada, uma grande mesa; sobre esta, um tinteiro, muitos papéis em desordem e grandes volumes amontoados. Diante da mesa, a cadeira com assento de palha. Ao lado da cama, um genuflexório, tirado da capela.

Todos os cômodos da casa, tanto os do andar térreo como os do andar superior, eram pintados de branco, como de hábito nos hospitais e nos quartéis.

Ainda lhe restavam, de tudo o que possuía outrora, seis talheres de prata e uma concha para sopa, que Magloire todos os dias via, com prazer, reluzindo sobre a toalha branca da mesa. E o bispo disse, mais de uma vez:

— Não me acostumaria a comer com um talher que não fosse de prata...

É preciso acrescentar aos talheres dois castiçais de prata maciça, herança que lhe coube de uma tia. Esses castiçais, com duas velas de cera, estavam colocados em cima da lareira de seu quarto.

Quando havia alguém para jantar, a senhora Magloire acendia as velas e punha os castiçais à mesa. No próprio quarto do bispo, à cabeceira da cama, havia um pequeno armário, no qual a criada, todas as noites, guardava os talheres, mas nunca tirava a chave da fechadura.

O jardim também tinha quatro canteiros; Magloire cultivava hortalças em três deles, e

no último o bispo havia plantado flores; aqui e ali, havia árvores frutíferas. O bispo passava ali uma ou duas horas sempre que podia, podendo, limpando, revolvendo a terra para lançar novas sementes.

Em toda a casa, não havia uma só porta fechada a chave. A porta da sala de jantar, que dava saída para a praça da catedral, fora, outrora, guarnecida de fechaduras e ferrolhos, como se fosse a porta de uma prisão. O bispo mandou tirar todas as fechaduras e daí em diante, quer fosse de noite, quer fosse de dia, a porta ficava trancada por um simples fecho. Quem quisesse abrir a porta podia fazê-lo a qualquer hora. Nos primeiros tempos, isso afligia as duas mulheres, mas o bispo lhes dizia:

— Se quiserem, mandem pôr ferrolhos nos quartos de vocês.

Desde então, elas começaram a compartilhar da confiança do bispo ou, pelo menos, fingiam compartilhar. Apenas Magloire sentia, de tempos a tempos, certos arrepios de medo. Quanto ao prelado, poderemos compreender seu modo de pensar explicado nestas linhas escritas por ele à margem de uma página da Bíblia: “Eis a diferença: a porta do médico nunca deve estar fechada; a porta do padre deve estar sempre aberta”.

Certa vez, um pároco ousou perguntar — talvez instigado por Magloire — se o bispo tinha certeza de não estar cometendo uma imprudência, deixando a porta aberta à disposição de quem quisesse entrar, e se não receava alguma desgraça em uma casa tão mal guardada.

O bispo colocou a mão em seus ombros e, com serena gravidade, respondeu:

— Se o senhor não guarda a casa, em vão vigiam os que a guardam.

Dizia sempre:

— O sacerdote tem tanta bravura quanto o militar. Com a diferença de que a nossa deve ser mais pacífica.

Cravatte

Este fato ajudará muito a compreendermos a personalidade do bispo de Digne.

Após a eliminação da quadrilha de Gaspar Bés, Cravatte, um de seus lugares-tenentes, refugiou-se nas montanhas. Oculto nas cavernas, ele e mais alguns salteadores faziam incursões em aldeias. Certa noite, entrou na catedral e levou tudo o que encontrou na sacristia. Seus assaltos amedrontavam toda a região. Puseram soldados em seu encalço, mas em vão. Ele escapava sempre.

Em meio a esse terror, chegou o bispo em uma de suas visitas pelo distrito. O prefeito tentou convencê-lo a não continuar, porque o bandido ocupava as montanhas. Seria perigoso mesmo se fosse acompanhado de escolta, expondo inutilmente a vida de três ou quatro soldados.

— Por isso mesmo pretendo ir sem escolta.

— Mas isso é uma temeridade — ponderou o prefeito.

— Há três anos — replicou o bispo — que não visito o lugarejo nas montanhas. São pastores honestos e bons amigos. Fabricam cordões de lã muito bonitos, coloridos, e tocam canções montanhesas em pequenas flautas. Eles precisam ouvir a palavra de Deus, de tempos em tempos. Que diriam de um bispo que tem medo? Que diriam se eu não fosse?

— Mas, monsenhor, e os salteadores?

— Tem razão, se eu os encontrar... Também devem ter necessidade de ouvir a palavra de Deus!

— Monsenhor, é uma quadrilha, uma alcateia de lobos famintos!

— Talvez seja dessa alcateia que Jesus queira que eu seja pastor. Quem conhece os desígnios da Providência?

— Eles podem roubá-lo!

— Mas eu não tenho nada.

— Podem matar o senhor!

— Ora! Para que matar um padre ocupado apenas em fazer suas orações?

— Meu Deus! E se acontece de encontrá-los pelo caminho?

— Pedirei esmolas para meus pobres.

— Monsenhor, não vá! Está expondo a sua vida!

— Pois é esse o seu medo, prefeito? Não estou no mundo para guardar a minha vida, mas sim para guardar as almas.

Não houve outro jeito senão deixá-lo partir. Acompanhava-o somente um rapaz que se ofereceu para ser o guia.

Atravessou a montanha em sua mula, chegando são e salvo até os amigos pastores. Permaneceu ali quinze dias pregando, ensinando, administrando, moralizando. Quando estava para partir, resolveu cantar um *Te Deum*, mas a modesta igreja paroquial tinha apenas deteriorados paramentos de damasco, velhos e usados.

— Ora, vigário, não será problema. Anuncie o *Te Deum*. O resto se arranjará depois — disse o bispo.

Não havia nada nem nas igrejas vizinhas para vestir o bispo, e quando não sabiam mais o que fazer, dois homens desconhecidos deixaram uma grande arca ao bispo. Nela estavam todas as vestes pontificais roubadas da catedral, no mês anterior, e num papel se lia: *De Cravatte a monsenhor Benvido*.

— Não dizia eu que tudo se arranjará? — disse o bispo. E acrescentou sorrindo: — Deus mandou um manto de arcebispo a quem se contentaria com uma sobrepeliz de vigário.

— Deus... ou o diabo — murmurou o pároco, abanando a cabeça.

O bispo olhou fixamente para o vigário e disse:

— Deus!

Ao voltar, ele comentou com a irmã e a criada:

— Então, eu não tinha razão? Vai um pobre sacerdote visitar os montanheses com as mãos vazias e volta de lá com elas cheias! Quando fui, levava apenas a minha confiança em Deus, e agora volto trazendo o tesouro de uma catedral!

O que aconteceu ao tesouro? Havia lá coisas belíssimas, tentadoras, ótimas para serem roubadas em benefício dos pobres. Já haviam sido roubadas, é verdade, e bastava desviar a direção do roubo... em direção aos necessitados. Não se sabe com certeza o que aconteceu, mas entre os papéis do bispo há uma nota obscura e que talvez se refira a esse caso: *O ponto consiste em saber se isto deve voltar para a catedral, ou ir para o hospital.*

Filosofia de sobremesa

O senador, já citado anteriormente, era um homem culto, um antigo procurador, não dotado de mau coração, e prestava os serviços que podia em favor dos filhos, genros, parentes e até amigos; aproveitara sempre o que a vida tem de melhor, sem se importar com mais nada, porque o contrário, no seu entender, era asneira.

Um dia, estava ele jantando com o bispo na casa do prefeito quando, à sobremesa, o senador, meio alegre, exclamou:

— Senhor bispo, se não se importa, conversemos um pouco. Vou lhe fazer uma revelação. Tenho um sistema filosófico propriamente meu.

— Faz muito bem — respondeu o bispo. — Conforme é a filosofia que professamos, assim é a cama que preparamos para nós próprios.

O senador, mais animado, continuou:

— Sejamons bons rapazes!

— Pobres diabos, mesmo! — disse o bispo.

— Declaro-lhe — prosseguiu o senador — que tenho na minha biblioteca todos os filósofos, magnificamente encadernados.

— Como Vossa Excelência, senhor — interrompeu o bispo.

O senador prosseguiu:

— Odeio Diderot! É um ideólogo, um declamador revolucionário, mas no íntimo mais crente em Deus do que Voltaire. Uma gota de vinagre numa colher de farinha amassada vale pelo *fiat lux*. Imaginem uma gota maior e uma colher maior e aí têm o mundo! Nesse caso, de que serve o Pai Eterno? Só serve para emagrecer os que pensam demais. Abaixo esse grande Todo que me incomoda! Aqui entre nós, declaro-lhe que tenho a cabeça no devido lugar, e não me sinto entusiasmado pelo seu Jesus que prega por todos os cantos a renúncia e o sacrifício. Conselho de um avarento dado a mendigos. Renúncia, por quê? Sacrifício, a quem? Nunca vi um lobo que se imole por outro lobo. Como me recomendam o sacrifício e a renúncia, devo meditar sobre todas as minhas ações e quebrar a cabeça para distinguir o bem do mal, o justo do injusto e o lícito do ilícito. Por quê? Porque terei de dar contas das minhas ações? Quando? Depois da minha morte. Que belo sonho! Senhor bispo, a imortalidade da alma não passa de um mito, uma promessa encantadora e mais nada! Que felicidade ser filho de Adão! Ser alma, ser anjo, ver-se com

asas azuis nos ombros, que linda perspectiva! Deus não passa de um monstro sem sentido! Sacrificar a terra pelo paraíso é largar a presa pela sombra! É extremamente estúpido ser enganado pelo infinito. O que sou eu senão uma porção do nada? Existia antes de nascer? Não. Continuarei a existir depois de morto? Não. O que sou então? Um pouco de poeira agregada por um organismo. O que devo fazer na terra? Posso escolher: sofrer ou gozar. Aonde me conduzirá o sofrimento? Ao nada. Mas terei sofrido. Aonde me levará o gozo? Ao nada. Mas terei gozado. Assim, a minha escolha está feita. É indispensável dominar ou ser dominado. Prefiro dominar! É preferível ser martelo a ser bigorna. É essa a minha teoria. No fim de tudo isto está o coveiro, o final. Creia-me, a morte é a morte e, por mais que me digam, não posso deixar de rir quando penso que há alguém que venha me falar algo sobre ela. É um conto de fadas, o bicho-papão para crianças, Jeová para os homens! Além do túmulo, há a igualdade do nada. Então, viva a sua vida acima de tudo. Façamos uso do nosso eu, enquanto o possuímos. Repito-lhe, senhor bispo, tenho a minha filosofia e os meus filósofos e não me deixo envolver por bobagens. Agora, os que rastejam na lama, os miseráveis, deem a eles as lendas, as quimeras, a alma, a imortalidade, o paraíso, as estrelas. E eles lá vão engolindo tudo. Quem não tem nada tem Deus. Pelo menos isso ele tem. Não faço objeção, mas o bom Deus é para o povo.

— Ora, isso é que se chama falar! — exclamou o bispo, batendo palmas. — Excelente! É realmente maravilhoso o seu materialismo, senhor! Quem o professa está livre de cair em logros; não se deixa queimar vivo como Joana d’Arc! Quem consegue possuir tão admirável materialismo tem o prazer de conseguir a irresponsabilidade e adquirir a convicção de que tudo pode devorar sem susto, empregos, dignidades, poder, traições úteis, saborosas capitulações de consciência e que descerá ao túmulo, depois de feita a digestão. Eu não posso deixar de lhe dar os parabéns! Os fidalgos, como Vossa Excelência disse, têm uma filosofia própria, sutil, requintada, acessível unicamente aos ricos, um ótimo condimento para temperar todas as voluptuosidades da vida. Essa filosofia foi extraída das profundezas e desenterrada por buscadores especiais. Mas vocês são príncipes de boa índole e não acham ruim que a crença no bom Deus possa constituir a filosofia do povo, assim como o ganso recheado de castanhas é o peru trufado dos pobres.

O irmão descrito pela irmã

Para dar ideia da vida íntima do bispo e do modo como as duas mulheres subordinavam suas ações aos hábitos dele, a carta que Baptistine enviou à viscondessa de Boischevron, sua amiga de infância, é uma boa amostra.

Digne, 16 de Dezembro de 18...

Minha querida amiga:

Não se passa um só dia em que não falemos a seu respeito. Isto é um hábito antigo, mas há ainda outra razão. Imagine que a Magloire, lavando as paredes da casa, fez uma grande descoberta: várias pinturas por baixo do papel que as recobria. Reparadas algumas pequenas avarias, o meu quarto ficou um verdadeiro museu.

Meu irmão está habituado a certas coisas e diz sempre que um bispo deve ser como ele. Imagine que a porta da nossa casa nunca se fecha a chave. Meu irmão não tem medo de nada, nem mesmo de noite.

Expõe-se aos maiores perigos e não podemos sequer demonstrar que isso nos assusta. No ano passado, fez uma das suas excursões a um lugar infestado de salteadores e não quis que nós o acompanhássemos, demorando-se por lá quinze dias. Quando chegou em casa, e quando todos já o julgavam morto, disse-me: “Aqui está como me roubaram!”. E abriu uma grande mala onde estavam todas as joias roubadas da catedral e que os ladrões tinham dado a ele!

No princípio, assustava-me muito por ver como ele se envolvia em perigos sem tomar qualquer medida de precaução, mas depois fui-me habituando.

Adeus. O papel acabou, e por isso concluo, desejando-lhe todas as melhores venturas.

Baptistine

P. S. — O seu sobrinho está lindo como os anjos. Sabe que em breve vai fazer cinco anos? Ontem, vendo passar um cavalo com joelheiras, perguntou: “O que tem aquele cavalo nos joelhos?”.

O bispo em presença de uma luz desconhecida

Pouco mais tarde, o bispo fez uma coisa mais arriscada ainda do que andar pela montanha infestada de bandidos.

Morava no campo um homem que vivia inteiramente isolado da sociedade. Esse homem, de nome G..., era tido como quase um monstro. Um homem terrível, que morava numa espécie de gruta, segundo diziam, e por ali ninguém passava. Era um ateu miserável, mas o bispo se lembrava dele, olhando o horizonte, onde um pequeno bosque marcava o lugar em que vivia o homem. E pensava que lá habitava uma alma que merecia uma visita.

Essa ideia a princípio lhe parecia natural, mas, após um momento de reflexão, era quase repulsiva, porque ele também compartilhava da impressão geral sobre o homem. Contudo, deve o pastor fugir da ovelha sarnenta? Não. Mas que ovelha era aquela!

E ele ficava sem saber direito o que fazer. Algumas vezes ia até o meio do caminho, mas logo voltava.

Um dia, espalhou-se na cidade a notícia de que um rapazinho que trabalhava como criado do velho malfeitor viera à cidade em busca de um médico para ir ver o homem,

moribundo, e que não passaria daquela noite.

— Graças a Deus! — exclamaram alguns.

O bispo pegou sua bengala, cobriu-se com o capote, não só por causa do mau estado da batina, mas para se abrigar do frio da noite, e saiu.

O sol estava quase se pondo quando o bispo chegou ao lugar. Ao ver-se próximo da caverna, o coração bateu-lhe mais depressa. Saltou uma vala, deu alguns passos e, de repente, descobriu o esconderijo oculto por um matagal.

Era uma pequena cabana, de aspecto pobre, mas asseada, com toda a parte da frente coberta por uma parreira.

Ao lado da porta, numa velha cadeira de rodas, estava sentado um homem de cabelos brancos e que parecia sorrir para os últimos raios de sol. Junto do velho, encontrava-se de pé o rapaz, que oferecia ao doente uma tigela de leite.

O bispo adiantou-se. Ao ouvir seus passos, o velho voltou a cabeça:

— Desde que aqui estou esta é a primeira vez que alguém vem a minha casa. Quem é o senhor?

— Chamo-me Benvindo Myriel — respondeu o bispo.

— Benvindo Myriel... Já ouvi esse nome. Não é ao senhor que o povo chama de monsenhor Benvindo?

— Exatamente.

O velho continuou com ligeiro sorriso:

— Então, é o meu bispo.

— Creio que sim

— Tenha a bondade de entrar.

O velho estendeu a mão ao prelado, mas este fingiu não perceber e limitou-se a dizer:

— Vejo com prazer que me enganaram, o senhor não parece muito doente.

— Espero ficar restabelecido — respondeu o velho. E, após uma curta pausa, acrescentou: — Não viverei mais de três horas.

O bispo fitou-o, admirado, e ele continuou:

— Tenho alguns conhecimentos de medicina, por isso sei identificar os sintomas da morte. Ontem estava com os pés frios; hoje são os joelhos, e sinto que o frio vai subindo para o meio do corpo; quando chegar ao coração, morrerei. Pedi que me trouxesse aqui fora porque queria ver o sol uma última vez. E gostei que tenha vindo, monsenhor, porque é bom que esse momento tenha testemunhas. Cada qual tem a sua mania, queria viver até ao romper da aurora, mas sei que só me restam três horas. Morrerei de noite, mas, no fim, que importa isso? Morrer é uma coisa simples. Morrerei à luz das estrelas. — E, voltando-se para o rapazinho, disse: — Vá descansar. Você passou a noite em claro.

O rapazinho entrou e o velho falou consigo mesmo:

— Quando eu morrer, ele estará dormindo. São dois sonos que se completam.

G..., com o seu aspecto sereno e firme, a voz vibrante e grave, era um octogenário dos que causam admiração ao fisiologista. O bispo via naquele velho o homem de ação, que, mesmo próximo da morte, conservava as atitudes de um forte. No olhar límpido, na voz firme, no robusto movimento dos ombros, parecia haver ainda energia de sobra para repelir a morte. A sua agonia parecia um ato de vontade própria.

O bispo sentou-se numa pedra.

— Sabe, monsenhor, o tirano do homem é a ignorância. Um tirano que criou a realza, essa autoridade tomada de ideias falsas, enquanto a ciência é a autoridade tomada da verdade das coisas. O homem deve ser governado só pela ciência.

— E pela consciência — acrescentou o bispo.

— É a mesma coisa. A consciência não é mais do que a quantidade de ciência inata que nós possuímos.

O bispo escutava, admirado, esse modo de falar que era novo para ele.

O velho prosseguiu:

— Quanto a Luís XVI, votei contra a morte dele. Não me julgo com direito de matar um homem, mas tenho o dever de exterminar o mal. Por isso votei pelo fim do tirano, isto é, pelo fim da prostituição para a mulher, da escravidão, das trevas para a criança. Votei tudo isto, votando pela República. Votei pela fraternidade, pela concórdia, pela aurora. Fizemos cair a sociedade velha, vaso de misérias, que, ao derramar-se sobre o gênero humano, se converteu em uma taça de alegrias!

— Alegria amarga! — retorquiu o bispo.

— Pode-se dizer alegria perturbada; e hoje, depois desse fatal restabelecimento do passado chamado 1814, alegria desaparecida. Desgraçadamente, reconheço que a obra ficou incompleta; demolimos o antigo regime nos fatos, mas não pudemos exterminá-lo nas ideias. Não basta destruir os abusos, é necessário modificar os costumes. Destruiu-se o moinho, mas ainda ficou o vento.

— Destruir pode ser útil; mas não posso confiar numa destruição feita com ódio.

— O direito tem também seu ódio, senhor bispo, e o ódio do direito é um fator do progresso. Assim, diga o que disserem, a Revolução Francesa foi o maior passo que a humanidade deu depois do aparecimento de Cristo. Incompleta, concordo, mas sublime. Resolveu todas as incógnitas sociais, suavizou os espíritos, acalmou, pacificou, esclareceu; inundou a terra com ondas da civilização. A Revolução Francesa foi a sagração da humanidade.

O bispo não pôde conter-se e retorquiu:

— Sim? E o 93?

O velho endireitou-se na cadeira e exclamou com toda a energia possível a um moribundo:

— Aí vem com 93! Já esperava por isso! Há mil e quinhentos anos começou a formar-se uma nuvem que, ao fim de quinze séculos, rebentou. E o senhor vem acusar o raio!

O bispo respondeu, aparentando indiferença:

— O juiz fala em nome da justiça e o sacerdote em nome da religião, que é uma justiça mais elevada. O raio não deve enganar-se. E olhando-o fixamente, acrescentou:

— E Luís XVII?

— Luís XVII? Quem é que o senhor lamenta? É a criança inocente? Nesse caso, estamos de acordo, porque choro com o senhor. Para mim, o irmão de Cartouche, pendurado pelos braços só pelo crime de ser irmão de Cartouche, não é menos digno de pena do que o neto de Luís XV martirizado na torre do Templo, só pelo fato de ser neto de Luís XV.

Seguiu-se um momento de silêncio. O bispo quase se arrependia de ter vindo, mas agora estava estranhamente impressionado.

O moribundo prosseguiu:

— O senhor não gosta do rigor da verdade, senhor padre! Cristo sim, que pegava uma vara e varria o templo. O seu açoite dizia bem rudes verdades. Quando exclamava *Sinite parvulos*, não fazia distinção entre as crianças. Não teria escrúpulo de juntar o filho de Barrabás com o filho de Herodes. À inocência não importam os títulos. É tão sublime coberta de farrapos como envolta num manto de arminho ornado de flores-de-lis.

— É verdade — disse o bispo em voz baixa.

— Insisto em minha opinião — continuou o velho. — Falou-se em Luís XVII, então vamos chorar sobre todos os inocentes, sobre todos os mártires, sobre todas as crianças, sejam filhos do povo, sejam filhos do rei? Então, temos que retroceder para antes de 93, porque é antes de Luís XVII que as lágrimas devem começar a ser derramadas. Estou pronto a chorar com o senhor os filhos dos reis, contanto que o senhor chore comigo os filhos do povo!

— Eu choro por todos — disse o bispo.

— Igualmente! — exclamou G... — Mas, se a balança pender, que seja antes para o lado dos filhos do povo, porque há mais tempo que sofrem!

Seguiu-se nova pausa, interrompida pelo velho, que fitou o bispo com um olhar perscrutador.

— Sim, senhor bispo, há muito que o povo sofre! Mas o que pretendia ao vir interrogar-me sobre Luís XVII? Não o conheço. Tenho vivido sempre aqui encerrado, sem ver ninguém além desse rapazinho que me tem servido. O seu nome ouvi por duas ou três vezes e, devo dizê-lo, pronunciado com respeito, mas isso nada quer dizer; os homens astuciosos sabem perfeitamente como se lança poeira nos olhos do povo. O senhor é um prelado, quer dizer, um homem com rendimentos, palácios, cavalos, lacaios, boa mesa, todas as sensualidades da vida, enfim; mas não me esclarece sobre o seu valor intrínseco; talvez para alguém como o senhor, que vem aqui com o intuito de me dar sabedoria e luz! Quem é o senhor, afinal?

O bispo inclinou a cabeça e respondeu:

— *Vermis sum*.

— Um verme de carruagem! — murmurou o homem.

Chegara a sua vez de se mostrar ativo e o bispo, humilde.

— Pois seja assim! — replicou o bispo suavemente. — Mas explique-me de que modo a minha carruagem, a minha boa mesa, o meu palácio e os meus lacaios, como é que tudo isto prova não ser a piedade uma virtude, a clemência um dever e que 93 não foi um ano de terror?

O velho passou a mão pela fronte como que para afastar uma nuvem e disse:

— Antes de lhe responder, peço-lhe que me perdoe. O senhor está em minha casa, é meu hóspede, devo tratá-lo então com cortesia. O senhor discute as minhas ideias, então devo limitar-me a combater os seus raciocínios. As suas riquezas são vantagens que eu tenho a meu favor no debate, mas não é educado usá-las. Prometo deixar isso de lado.

— Agradeço — disse o bispo.

G... continuou:

— Voltemos à explicação que me pediu. Dizia-me que 93 foi um ano de terror.

— Isso mesmo. Que me diz de Marat batendo palmas em frente da guilhotina?

— Que ideia faz o senhor de Bossuet entoando um *Te Deum*?

A resposta era cruel, mas foi direta ao alvo com a rigidez de uma ponta de aço. O bispo estremeceu e ficou ofendido ao ouvir citar Bossuet daquela maneira.

O velho começava a respirar com dificuldade, mas ainda mostrava perfeita lucidez:

— Tirando a Revolução, que, em geral, foi uma grande afirmação humana, 93 é uma réplica. O senhor acha-o inexorável, mas o que tem sido a monarquia? Lamento Maria Antonieta, arquiduquesa e rainha, mas lamento também aquela pobre mulher huguenote, que em 1685, no reinado de Luís, o Grande, foi amarrada a um poste, nua até a cintura, com o filhinho que amamentava abandonado a alguma distância; o seio transbordava de leite e o coração de angústia; a criancinha, esfomeada e pálida, agonizava e o carrasco ordenava à mãe que escolhesse entre a morte da criança e a morte da consciência. Que lhe parece esse suplício de Tântalo aplicado a uma pobre mãe? Creia, senhor bispo, a Revolução Francesa teve as suas razões. O resultado dela será um mundo melhor.

E concluiu o seu pensamento nestas poucas palavras:

— As brutalidades do progresso chamam-se revoluções! Depois de terminadas, todos reconhecem que o gênero humano foi maltratado, mas que progrediu.

Do monsenhor Benvindo saíram estas palavras, a última trincheira de resistência interna do bispo e que deixava de novo transparecer toda a severidade de há pouco:

— O progresso deve crer em Deus. O bem não pode ser servido pela impiedade. Um ateu é um péssimo guia para a humanidade.

Depois de alguns instantes de silêncio, o velho ergueu um dedo para o céu, dizendo:

— O infinito existe, está bem! Se o infinito não tivesse um *eu*, o *eu* seria o seu limite e, portanto, não seria infinito, ou, por outras palavras, não existiria. Mas ele existe. Logo tem um *eu*. O *eu* do infinito é Deus!

Apenas acabou de falar, e o velho cerrou os olhos. O esforço tinha sido demais.

Chegara, enfim, o instante supremo.

O bispo compreendeu toda a urgência da ocasião e que fora ali como um sacerdote. Passando então do extremo da frieza à extrema comoção, contemplou aqueles olhos fechados, pegou aquela mão inerte e gelada e disse:

— Esta hora pertence a Deus! Não acha que seria de lamentar que o nosso encontro tivesse sido em vão?

A essas palavras, o homem reabriu os olhos.

— Senhor bispo — disse ele com lentidão —, tenho passado a minha vida na meditação, no estudo e na contemplação. Tinha 60 anos quando fui chamado pelo meu país para tomar parte na direção dos seus negócios. Combati os abusos; havia tiranias, e destruí-as; havia direitos e princípios, professei-os. O território estava invadido, defendi-o; a França estava ameaçada, ofereci-lhe o meu sangue. Não era rico e fiquei pobre. Fui um dos senhores do Estado; socorri os oprimidos, protegi os que sofriam. Rasguei as toalhas dos altares, é verdade, mas foi para cobrir as feridas da pátria. Sustentei o progresso da humanidade para a luz e opus-me algumas vezes ao progresso inexorável. Cumpri com o

meu dever e fiz o bem que me foi possível. No fim de tudo, fui expulso, perseguido, escarnecido, conspurcado, amaldiçoado, proscrito. Passados já tantos anos e, apesar dos meus cabelos brancos, muita gente se julga ainda com direito de me desprezar; para a multidão ignorante sou um condenado; resigno-me sem ódio ao isolamento. Agora, com 86 anos, vou morrer. Que veio o senhor pedir a mim?

— A sua bênção — disse o bispo, ajoelhando-se.

Quando o bispo ergueu os olhos, o rosto do velho revestiu-se de majestade. Acabava de expirar.

O bispo regressou profundamente absorto nos seus pensamentos. Orou a noite toda. No dia seguinte, alguns curiosos tentaram perguntar sobre G...; o bispo, como única resposta, limitou-se a apontar-lhes para o céu.

Desde então, o prelado redobrou de afeto os pequenos e os desvalidos. A menor alusão ao “velho malfeitor G...” fazia-o cair em profunda meditação. Ninguém podia negar que a passagem daquele espírito diante do seu e que o reflexo daquela grande consciência sobre a sua tinham contribuído para aproximá-lo da perfeição.

Como era de esperar, a “visita pastoral” deu o que falar durante algum tempo.

— É o lugar de um bispo a cabeceira de um moribundo dessa laia?

Era evidente que lá não havia esperança de conversão; todos os revolucionários são relapsos. Devia estar muito curioso para ver como é que o diabo leva uma alma.

Certa ocasião, uma senhora já idosa, pertencente à classe que se julga muito espiritual, disse-lhe:

— Andam todos ansiosos por saber quando o monsenhor receberá o barrete vermelho.

— Ora! Ora! É uma cor extravagante! — respondeu o bispo. — Felizmente, os que a desprezam num barrete a veneram em um chapéu.

Uma restrição

Seria um erro concluir do que temos dito que monsenhor Benvindo fosse um *bispo filósofo* ou um *sacerdote patriota*. O seu encontro com o velho G... deixou-o num estado de admiração que o tornou ainda mais afetuoso.

Embora monsenhor Benvindo não fosse muito dado à política, seria interessante contar quais foram suas atitudes em certos acontecimentos daquela época.

Pouco depois da elevação de Myriel ao episcopado, o imperador nomeou-o barão do Império, bem como a vários outros bispos. E Myriel foi convidado por Napoleão a tomar parte no sínodo dos bispos da França e da Itália convocado em Paris. Ele foi um dos noventa e cinco bispos que compareceram, mas esteve presente a uma única sessão e a três ou quatro conferências particulares. Bispo de uma diocese montanhosa, vivendo pobremente no meio da natureza, achou que levaria àqueles eminentes personagens ideias

que mudariam o clima da assembleia.

Voltou a Digne e, ao ser interrogado sobre o motivo do seu breve regresso, respondeu:

— Eu os incomodei. A minha presença era para eles uma porta aberta pela qual entrava o ar de fora.

Noutra ocasião, disse ainda:

— Então, que querem vocês? Aqueles senhores são príncipes e eu não passo de um pobre bispo camponês.

O fato é que Myriel não fora bem recebido. Certo dia, na casa de um dos seus colegas mais notáveis, disse sem pensar:

— Que lindos relógios! Que lindos tapetes! Deve ser tudo muito incômodo! Eu não gostaria de ter todo esse supérfluo gritando em minha cara todos os dias que há tanta gente a morrer de fome e de frio.

Claro que não é inteligente odiar o luxo, porque traria junto a decadência das artes. Contudo, entre eclesiásticos, fora das cerimônias, o luxo é um erro. Parece revelar hábitos pouco caridosos. Um padre rico é um contrassenso. O padre deve conservar-se junto dos pobres. Pode-se por acaso ver um operário trabalhando sem descanso numa fornalha sem ter um cabelo queimado, uma unha suja, uma gota de suor, ou um pouco de cinza no rosto? A primeira prova da caridade de um sacerdote, sobretudo de um bispo, é a pobreza.

Era assim que pensava Myriel.

Ele intrometia-se pouco nas questões teológicas da época e não emitia opinião sobre as questões vitais da Igreja e do Estado. Mas a decadência de Napoleão foi totalmente indiferente para o bispo. De 1813 por diante, aderiu ou aplaudiu a todas as manifestações hostis contra o imperador, chegando ao extremo de não querer ir visitá-lo na ocasião do seu regresso da ilha de Elba e abstendo-se de ordenar, na sua diocese, preces públicas a favor dele por ocasião dos Cem Dias.

Monsenhor Benvindo teve, também, a sua hora, a sua nuvem, a sua hora de animosidade, em que a sombra das paixões da época perpassou por aquele grande e sereno espírito ocupado das coisas eternas. Embora reconheçamos que não foi para uma missão política que Deus criara o bispo Myriel, compreenderíamos e admiraríamos o seu proceder, se ele — em nome do direito e da liberdade — opusesse firme, vigorosa e justa resistência contra Napoleão no tempo da sua onipotência. Mas aquele que, durante a prosperidade do inimigo, não foi um acusador obstinado deve calar-se na derrota. O denunciador das épocas de prosperidade é o único com direito a fazer justiça quando se der a queda. Por isso, quando já se vislumbrava a derrota de Napoleão em Waterloo, a aclamação do Exército e do povo àquele que já estava condenado pelo destino nada tinha de ridículo e, mesmo tendo reservas quanto ao déspota, um coração como o de monsenhor Benvindo não podia deixar de reconhecer o que havia de augusto e de tocante à beira desse abismo, a estreita ligação existente entre uma grande nação e um grande homem.

Excetuando isso, o bispo Myriel era e foi justo, verdadeiro, equitativo, inteligente, humano e digno. Era um sacerdote, um sábio e um homem.

Em nove anos, por causa de suas ações piedosas e maneiras afáveis, o bispo Myriel granjeara na cidade de Digne uma afetuosa e filial veneração. A sua conduta em relação ao

imperador foi aceita e perdoada pelo povo, aquele bom e fraco rebanho que, se idolatrava o seu imperador, também amava o seu bispo.

A solidão do monsenhor Benvindo

Há quase sempre, em torno de um bispo, uma quantidade tão grande de clérigos quanto de soldados ao redor de um general. Não há poder que não tenha seu séquito, nem fortuna que não tenha seu cortejo. Todo bispo um pouco influente é cercado por um esquadrão de querubins, seminaristas que guardam e mantêm a boa ordem no palácio episcopal, sempre atentos aos sorrisos de Sua Excelência.

Do mesmo modo que há pessoas influentes na política, assim há influentes na Igreja. São os bispos bem-aceitos no mundo social, ricos, com boas rendas, hábeis, que sem dúvida sabem rezar, mas que também sabem pedir. Felizes dos que se aproximam deles! Os bispos fazem chover em torno de si, sobre os que são diligentes ou favorecidos, sobre toda essa juventude que sabe ser agradável, paróquias rendosas, vultosas prebendas, capelanias ou cargos diocesanos. Hoje em dia o padre é o único homem que pode chegar a rei; e que rei!, o rei supremo. Por isso, que viveiro de aspirações não é um seminário! E com que facilidade a ambição se intitula vocação!

Humilde, pobre, pouco conhecido, monsenhor Benvindo não pertencia ao grupo dos bispos influentes, o que se notava pela completa ausência de sacerdotes à sua volta. Como se viu, fora mal recebido em Paris e, por consequência, nenhum futuro glorioso sorria a esse velho solitário. Os seus cônegos e vigários eram pobres criaturas, tão do povo como ele, confinados naquela diocese sem saída para o cardinalato e muito parecidos com o seu bispo.

Sabia-se que um santo que vive no meio de uma excessiva abnegação é perigosa vizinhança; sua pobreza incurável pode tornar-se contagiosa, pode exigir de quem se aproximar um maior desapego de si mesmo. Por isso, todos fogem de tão incômoda virtude; por isso monsenhor Benvindo vivia no maior isolamento.

Vivemos numa sociedade extremamente sombria. Conseguir obter êxito é o único título valioso no seio da corrupção.

Aliás, não há nada mais odioso que o sucesso. Sua semelhança com o merecimento engana os homens. Para muitos, sucesso é o mesmo que superioridade. O sucesso, sócia do talento, infelizmente tem um ingênuo que nele crê facilmente: a história. Ser bem-sucedido: eis a teoria. Progresso supõe capacidade. Ganhar na loteria: eis o máximo da habilidade. Quem triunfa é benquisto. Tudo está em ter sorte de nascer com uma boa estrela. Tenham sorte, que o resto virá depois.

O que é simplesmente dourado passa por ouro puro. Ser o primeiro a chegar não constitui honra, a não ser que se chegue a ser alguma coisa. É o vulgar e velho Narciso

adorando a própria imagem, aplaudindo a vulgaridade. Essas qualidades excepcionais que formaram Moisés, Êsquilo, Dante, Michelangelo ou Napoleão, a plebe confere de repente, por aclamação, a quem quer que consiga alguma coisa, seja lá o que for. Que um eunuco venha a possuir um harém; que um pregador se torne bispo porque fala fanhoso; que o mordomo de algum palácio saia dele tão rico que o façam ministro das finanças, não importa: os homens chamam a isso Gênio.

Eles confundem com as constelações do espaço aquelas estrelas que os pés dos patos deixam impressas no lodaçal.

As crenças do bispo

Acima da sua fé, o bispo possuía um excesso de amor. Era por isso que o julgavam vulnerável, os “homens sérios”, as “pessoas sisudas”, a “gente sensata”.

Que excesso de amor era esse?

Era uma benevolência serena, que se estendia a todos os homens e às vezes chegava até às coisas. Era afável para com todos e indulgente com as criaturas de Deus. Examinava o caos que ainda existe na natureza, sem ira e com a atenção do linguista que decifra um palimpsesto. Esse profundo meditar fazia com que dissesse coisas estranhas. Certa manhã, estava no jardim e supondo-se a sós, sem saber que a irmã caminhava atrás dele, parou de repente, fitando no chão uma enorme aranha, negra, peluda, horrenda. Sua irmã o ouviu dizer:

— Pobre animal! Que culpa tem de ser assim tão feio?

Se dermos crédito ao que diziam de sua juventude, monsenhor Benvindo foi homem de gênio áspero e até violento. Sua mansidão não era instintiva, mas resultava de grande convicção destilada em seu íntimo ao longo da vida, penetrando-lhe a alma lentamente; porque o caráter, como um rochedo, pode ter fendas pelas quais se infiltra a água. Essas fendas são eternas, mas nem por isso a rocha deixa de ser indestrutível.

Em 1815, ele estava com 75 anos, mas parecia não ter mais de 60. Era baixo e um tanto gordo, e tentava emagrecer dando longos passeios a pé: tinha o andar firme e ereto. Monsenhor Benvindo possuía o que o povo chama “um bonito rosto”, porém tão amável que a simpatia sobressaía.

A oração, a celebração dos ofícios religiosos, a esmola, a consolação dos aflitos, a fraternidade, a frugalidade, a hospitalidade, o desapego, a confiança, o estudo, o trabalho, ocupavam todos os momentos da sua existência. “Ocupavam” é o termo adequado, porque cada dia do bispo era tomado por bons pensamentos, boas palavras e boas obras.

Meditava sobre a grandeza e a presença de Deus; sobre a eternidade futura, mistério extraordinário; sobre a eternidade passada, mistério mais extraordinário ainda. Não estudava Deus, admirava-o.

Sentava-se num banco de madeira encostado a uma parreira decrépita; olhava os astros através das silhuetas imprecisas e raquíticas de suas árvores frutíferas. Aquele palmo de terra tão pobremente plantado era-lhe caro e suficiente.

Que mais precisava esse velho, que dividia suas poucas horas de descanso entre a jardinagem de dia e a contemplação de noite? Esse pedaço de terra, tendo como teto o firmamento, já não era suficiente para que pudesse adorar a Deus em suas criações? Um pequeno jardim para passear e a imensidão para meditar. A seus pés, o que podia ser cultivado e dar fruto; sobre sua cabeça, o que se podia estudar, o que era assunto de profunda meditação; algumas flores na terra e todas as estrelas do céu.

Como pensava monsenhor Benvindo

Seria possível imaginar que ele possuía alguma dessas filosofias pessoais, que às vezes germinam nos espíritos solitários e vão gradualmente tomando vulto até fazer desaparecer as crenças religiosas; mas ninguém, entre as pessoas que conheceram monsenhor Benvindo, podia pensar semelhante coisa. O que iluminava aquele homem era o coração. A sua sabedoria era feita dessa luz.

Pouca teoria e muitas obras. A meditação humana não tem limites. Por sua conta e risco analisa e esquadrinha o seu próprio deslumbramento. Seja como for, na terra há homens — serão homens? — que no fundo dos horizontes da meditação descobrem as alturas do absoluto e avistam a terrível montanha infinita. Monsenhor Benvindo não era desses; não era um gênio. Não há dúvida de que esses sonhos têm sua utilidade moral e que por esses árduos caminhos é o homem que se aproxima da perfeição ideal, porém o bispo seguia o caminho mais curto, o do Evangelho.

Há homens que se ocupam na extração do ouro; ele ocupava-se em extrair a piedade. As suas minas eram a miséria universal, e o sofrimento tornava-se uma ocasião para que ele mostrasse a sua natural bondade. *Amai-vos uns aos outros*, essa era sua doutrina, que ele executava sem desejar mais nada.

Um dia, o homem que se julgava “filósofo”, o tal senador de quem falamos, disse:

— Ora, veja o espetáculo que o mundo apresenta: a guerra de todos contra todos; o mais forte é o que tem razão. O tal *amai-vos uns aos outros* é uma bobagem!

— Pois seja — respondeu o bispo, sem discutir —, mas, nesse caso, a alma deve encerrar-se nela como a pérola dentro da ostra!

E ele assim fazia. Vivia satisfeito com isso, sem se intrometer nessas maravilhosas questões que atraem e amedrontam, nas perspectivas insondáveis da abstração, nos princípios da metafísica, em nenhuma dessas profundezas que levam o apóstolo a Deus e o ateu ao nada.

O bispo era apenas um homem que observava as questões misteriosas, sem as

perscrutar nem debater, nem se cansar em averiguá-las, um homem que respeitava os mistérios do incompreensível.

A QUEDA

No fim de um dia de caminhada

Num dos primeiros dias de outubro de 1815, uma hora antes do pôr do sol, entrou em Digne um homem que viajava a pé. Os raros habitantes que a essa hora estavam às janelas observavam o viajante com certa inquietação. Seria difícil encontrar alguém de aspecto mais miserável. Poderia ter, quando muito, 46 ou 48 anos. Era um homem de estatura mediana e robusto. Um boné escondia parte de seu rosto suado, de pele queimada pelo sol. A camisa, amarela, de pano grosseiro, deixava-lhe descoberto o peito cabeludo; vestia calças de cotim azul, muito usadas e gastas, com um joelho desbotado e o outro rasgado; uma esfarrapada blusa parda, tendo num dos cotovelos um remendo de pano verde, cosido com barbante. Calçava sapatos forrados, sem meias, e trazia às costas uma volumosa mochila de soldado, em bom estado e muito apertada, e na mão um enorme cajado nodoso. Tinha a cabeça rapada e usava uma longa barba.

Ninguém o conhecia. Era evidentemente um forasteiro. De onde viria? A julgar pelo cansaço de que dava mostras, esse homem devia ter caminhado todo o dia.

Chegando à esquina da rua Poichevert, virou à esquerda e seguiu na direção da prefeitura, onde entrou. Um quarto de hora depois, tornou a sair. Um gendarme estava sentado diante da porta, e o desconhecido tirou o boné e o cumprimentou humildemente. Em vez de responder ao cumprimento, o soldado examinou-o com atenção e, depois de o seguir algum tempo com a vista, entrou.

Havia então em Digne uma excelente estalagem chamada A Cruz de Colbas, cujo proprietário era um tal Jacquin Labarre, homem de muita consideração na cidade. O desconhecido dirigiu-se para a hospedaria, que era a melhor da cidade, e entrou na cozinha, que se abria para a rua.

No meio da cozinha, estava o estalajadeiro, que também era o cozinheiro, correndo de um lado para o outro, atarefado nos preparativos do jantar para os carroceiros na sala ao lado. Ao ouvir abrir a porta e entrar mais um freguês, perguntou, sem tirar os olhos do que fazia:

— Que deseja, senhor?

— Comer e dormir — respondeu o homem.

— Nada mais fácil — tornou o estalajadeiro. E, voltando-se para o recém-chegado, examinou-o dos pés à cabeça e acrescentou:

— Pagando, é claro!

O homem tirou da algibeira da blusa uma bolsa e respondeu:

— Eu tenho dinheiro.

— Nesse caso, estou às suas ordens.

O homem tornou a guardar a bolsa, tirou a mochila, encostou-a à porta e foi sentar-se num banco perto da lareira, sem largar o cajado. As noites de outubro em Digne são muito frias.

Entretanto, o estalajadeiro, andando de um lado para o outro, não deixava de observar o recém-chegado.

— A que horas sai a janta?

— Daqui a pouco — respondeu o estalajadeiro.

Enquanto o desconhecido se aquecia, Jacquin Labarre pegou um lápis, rasgou um pedaço de um jornal velho, escreveu uma ou duas linhas e entregou-o a seu ajudante de cozinha e moço de recados, dizendo-lhe algumas palavras ao ouvido. O rapaz saiu em disparada até a prefeitura.

O desconhecido, que não reparara em nada, tornou a perguntar:

— O jantar ainda levará muito tempo?

— Não demora — respondeu o estalajadeiro.

O rapaz voltou trazendo um papel. O estalajadeiro desdobrou o papel, pareceu ler com atenção, abanou a cabeça e ficou um momento pensativo. Por fim, foi até o viajante e disse:

— Senhor, não posso atendê-lo.

— Como? — perguntou o homem, levantando-se. — Tem medo de que eu não pague? Posso pagar adiantado. Já viu que tenho dinheiro.

— Não se trata disso.

— Mas então do que se trata?

— O senhor tem dinheiro, mas não tenho quarto livre.

— Posso ficar na estrebaria — replicou tranquilamente o desconhecido.

— Não pode ser.

— Por quê?

— Porque já é pequena para os cavalos que estão lá.

— Então dê-me qualquer canto do celeiro. Veremos isso depois do jantar.

— Mas eu não posso servir o jantar.

Essa declaração, feita com firmeza, impressionou o homem, que exclamou:

— Então não quer me dar de comer? Caminhei desde o nascer do sol, estou morto de fome e de cansaço, vou pagar e não vou comer?

— Não tenho nada para lhe dar — respondeu o estalajadeiro.

O homem soltou uma gargalhada e, voltando-se para o lado dos fogões, exclamou:

— Não tem nada? E aquilo ali?

— Está tudo reservado.

— Para quem?

— Para os carroceiros.

— Quantos são eles?

— Doze.

— Mas a comida ali chega para vinte.

— Eles querem tudo e já pagaram adiantado.

O desconhecido tornou a sentar-se e disse, sem erguer a voz:

— Estou numa estalagem e tenho fome, e não saio daqui!

O estalajadeiro aproximou-se dele e falou num tom de voz que o fez estremecer:

— O melhor que tem a fazer é ir embora!

O forasteiro, que estava curvado para o fogo da lareira, voltou-se de repente; porém o estalajadeiro, sem lhe dar tempo de falar, disse em voz baixa:

— Chega dessa conversa. Quer que lhe diga qual o seu nome? É Jean Valjean. Quando o vi entrar, desconfiei e mandei perguntar quem era você. Aqui está a resposta que me deram. Sabe ler?

Ao mesmo tempo que dizia isto, mostrou o papel que o rapaz lhe trouxera. O homem percorreu-o rapidamente com a vista e o estalajadeiro, após uma pausa, continuou:

— Eu tenho o costume de ser delicado com todos. Por isso, peço-lhe novamente, vá embora!

O forasteiro curvou a cabeça, pegou a mochila que tinha posto no chão e saiu da estalagem.

Já na rua, caminhou ao acaso, como um homem humilhado e triste. Não olhou para trás uma só vez. Se o tivesse feito, teria visto o estalajadeiro na porta, rodeado por todos os hóspedes e pelas pessoas que passavam na rua naquele momento, apontando-o com o dedo; e, pelos olhares de desconfiança, adivinharia que sua chegada seria o assunto de todas as conversas na cidade.

Caminhou assim durante algum tempo, a esmo e esquecendo a própria fadiga, como acontece sempre àqueles a quem a tristeza domina. Então, sentiu fome de novo e viu uma luz no fim da rua. Era uma taverna e havia homens lá dentro.

O viajante bateu à porta e entrou:

— Quem está aí? — perguntou o dono.

— Alguém que quer comer e dormir.

— Está bem, aqui há comida e cama. Venha aquecer-se junto do fogo, a sopa está quase pronta.

O homem obedeceu. Foi sentar-se junto da lareira, esticando as pernas cansadas e sentindo o cheiro apetitoso que saía da panela.

Um dos homens que estavam sentados à mesa era um peixeiro, o qual, antes de vir para a taverna, tinha ido deixar o cavalo na estalagem de Labarre. Estivera no grupo que rodeava o estalajadeiro, meia hora atrás. Assim, do lugar onde estava, fez um sinal quase imperceptível ao taverneiro. Este veio até a mesa e os dois trocaram algumas palavras em voz baixa. O recém-chegado parecia mergulhado nas suas reflexões.

O taverneiro voltou à lareira, pôs bruscamente as mãos em seus ombros e disse:

— Trate de sair já daqui.

O homem voltou-se e respondeu tristemente:

— Também sabe?...

— Sei.

— Já me mandaram embora da outra estalagem.

— E desta também.

— Para onde quer que eu vá?

— Para onde quiser!

O desconhecido pegou o cajado e a mochila e saiu.

Algumas crianças que o haviam seguido desde a estalagem e que pareciam estar à sua espera jogaram-lhe pedras. O homem as ameaçou raivoso e a meninada se dispersou como uma revoada de passarinhos.

O desconhecido continuou a caminhar. Entrou numa rua ladeada em quase toda a sua extensão de jardins, fechados apenas por sebes, o que tornava a via mais alegre. Entre os jardins e as sebes avistou uma casinha branca. Pela janela, viu uma sala grande e comida sobre a mesa. Sentado, estava um homem de meia-idade brincando com uma criancinha que tinha nos joelhos. Ao lado, uma mulher jovem amamentava outra criança.

O estranho observou a cena por um instante. Uma casa onde havia alegria devia ser hospitaleira; e onde via tanta felicidade, talvez encontrasse alguma compaixão.

Bateu de leve na vidraça com os dedos.

O marido levantou-se, pegou no candeeiro, dirigiu-se para a porta e abriu-a.

— Peço-lhe que me desculpe de o ter incomodado — disse o desconhecido —, mas, se eu o pagar, posso ter um prato de sopa e um canto para dormir no jardim?

— Quem é você? — perguntou o dono da casa.

— Venho de Puy Moisson. Caminhei o dia todo. Poderia fazer-me o que lhe pedi, pagando?

— Eu não recusaria pousada a um homem de bem que me pagasse — disse o marido.

— Mas por que não vai para a estalagem?

— Não tem lugar.

— Não é possível! Hoje não é dia de feira. Já foi à estalagem do Labarre?

— Já, sim, senhor.

— E então?

O desconhecido respondeu com dificuldade:

— Não sei, ele não quis me receber.

— E já foi a uma estalagem que há na rua Chaffaut?

Ficou evidente o embaraço do forasteiro, que balbuciou:

— Ali também não me quiseram dar pousada.

O rosto do dono da casa assumiu então uma expressão de desconfiança. Olhou novamente o desconhecido dos pés à cabeça e, de repente, exclamou:

— Será você o tal homem?

Dizendo isto, deu três passos para trás e pegou uma espingarda, que estava pendurada na parede.

Às palavras do marido, a mulher pegou as duas crianças e se escondeu atrás dele, o olhar desvairado, murmurando em voz baixa:

— É um ladrão!

O dono da casa disse:

— Vá embora!

— Por caridade — disse o viajante —, dê-me ao menos um copo de água!

— Vou lhe dar um tiro de espingarda, isso sim!

E, em seguida, fechou violentamente a porta.

A noite continuava a descer e a aragem fria dos Alpes aumentava de força. Como não conhecia as ruas, o viajante passou outra vez a caminhar ao acaso. Chegou assim à prefeitura, depois ao seminário. Ao passar pelo largo da catedral, ameaçou a igreja com o punho cerrado. Exausto de fadiga e já sem esperança de encontrar abrigo, deitou-se no banco de pedra perto da igreja.

Nesse momento, uma senhora já idosa saía da igreja e, ao ver aquele homem deitado, perguntou-lhe:

— Que faz você aí, pobre homem?

— Bem vê que estou deitado — respondeu ele secamente.

A bondosa senhora, por certo bem digna de tal nome, era a marquesa de R.

— Nesse banco? — tornou ela.

— Quem por dezenove anos dormiu em uma tábua — disse o homem — pode muito bem passar a noite num colchão de pedra!

— Então foi soldado?

— É verdade, minha senhora, fui soldado.

— Por que não vai para o albergue?

— Porque não tenho dinheiro.

— Valha-me Deus! Também não tenho comigo senão quatro soldos!

— Aceito, sempre é alguma coisa!

O homem pegou o dinheiro. A marquesa continuou:

— Isso não chega para ir para ao albergue. Já tentou, por acaso? Não é possível que passe a noite aqui. Sem dúvida está com fome e sente frio. Poderiam dar-lhe pouso por caridade.

— Já bati em todas as portas! E todos me repeliram.

A marquesa tocou-lhe então no braço e indicou-lhe, do outro lado do largo, uma casinha branca pegada ao palácio episcopal.

— Naquela também?

— Naquela não.

— Pois então vá até lá.

A prudência aconselha a sabedoria

Nessa mesma noite, o bispo de Digne, depois do seu passeio pela cidade, recolhera-se no seu quarto até muito tarde, ocupado com um grande estudo. Às oito horas, calculando que a mesa estaria posta e que talvez a irmã estivesse à espera dele, fechou o livro, levantou-se e foi para a sala de jantar.

Quando o bispo entrou, Magloire falava com certa vivacidade. Conversava com Baptistine sobre um assunto habitual e ao qual o bispo estava acostumado. Tratava-se da porta da rua, sem trancas.

Ao sair para fazer compras para a ceia, Magloire ouvira dizer de um homem suspeito, que nesse dia tinha chegado à cidade, onde certamente ainda permanecia. E que seria bom todos se recolherem cedo às suas casas, tendo o cuidado de fechar e *aferrolhar bem as portas*. Magloire acentuou muito essas últimas palavras, mas o bispo sentou-se em frente da lareira para se aquecer, parecendo distraído com outras coisas.

Baptistine, querendo satisfazer Magloire, e sem desagradar ao irmão, aventurou-se a dizer timidamente:

— Meu irmão ouviu o que disse Magloire?

— Vagamente — respondeu o bispo.

Depois, voltando um pouco a cadeira, descansou as mãos nos joelhos e, erguendo o rosto cordial e risonho para a velha criada, acrescentou:

— Então, o que há? Estamos em perigo?

Magloire repetiu a história desde o princípio: um vagabundo esfarrapado vagando pelas ruas, um homem de dar medo etc.

— É verdade isso? — disse o bispo.

— É como lhe digo, monsenhor. Tenho o pressentimento de que nesta noite acontece alguma desgraça na cidade! E ainda mais, a polícia deixa correr tudo sem tomar providências. Viver numa terra montanhosa e nem sequer haver lampiões pelas ruas! Se alguém sai, está tudo na escuridão! A senhorita também é da minha opinião, monsenhor.

— Eu? — atalhou Baptistine. — Eu não disse nada. O que o meu irmão fizer está sempre bem-feito.

Magloire continuou, como se não tivesse ouvido o protesto:

— Dizíamos há pouco que esta casa não é segura e que se o monsenhor permitisse, eu iria ainda hoje chamar o serralheiro para colocar as trancas. Além disso, o monsenhor tem o costume de mandar todo mundo entrar, mesmo durante a noite, nem é preciso pedir licença...

Nesse momento bateram à porta com força.

— Pode entrar — disse o bispo.

O heroísmo da obediência passiva

A porta se abriu.

O forasteiro entrou, deixando a porta aberta. Trazia a mochila às costas, o cajado na mão. A expressão do seu olhar era rude, atrevida, fatigada e violenta. Era uma aparição sinistra.

Magloire nem teve forças para gritar. Estremeceu e ficou boquiaberta. Baptistine voltou-se e, avistando o homem, levantou-se assustada. Depois, lentamente, fitou o irmão e seu rosto tornou-se calmo e sereno.

O bispo olhava o desconhecido tranquilamente. Quando ia perguntar ao recém-chegado o que desejava, o homem encostou-se ao cajado com ambas as mãos, olhou para o velho e para as duas mulheres e, sem esperar que o bispo falasse, disse em voz alta:

— Chamo-me Jean Valjean. Passei dezenove anos nas galés. Há quatro dias fui posto em liberdade e vou ao meu destino. Hoje andei doze léguas a pé. Cheguei aqui quase à noite e fui a uma estalagem onde não me quiseram recolher por causa do meu passaporte amarelo, que tinha apresentado na delegacia por não ter outro remédio. Fui a outro albergue e ninguém quis me receber. Fui ao campo para dormir ao relento, mas o céu estava encoberto com ameaça de chuva, então voltei à cidade e estava na praça, deitado num banco de pedra, quando uma boa senhora me indicou esta casa. Agora, diga-me, o que é isto aqui? Se é uma estalagem, tenho dinheiro para pagar. Cento e nove francos e quinze soldos, que ganhei nas galés com o meu trabalho. Eu pago, o que me importa? Estou cansado e tenho fome. Posso ficar?

— Magloire — disse o bispo —, ponha mais um prato na mesa.

O homem deu três passos e se aproximou da mesa.

— Perdão, parece que não perceberam. Eu sou um presidiário saído há pouco. — E, tirando do bolso uma grande folha de papel, abriu-a e prosseguiu: — Aqui está o meu passaporte. Amarelo, e que serve para me expulsarem de onde eu estiver. Eu sei ler; ouça o que diz: “Jean Valjean, preso liberto, posto em liberdade depois de dezenove anos. Cinco por roubo com arrombamento, catorze por tentar fugir quatro vezes. É um homem perigosíssimo”. Todos me expulsaram e o senhor quer me receber? Se isto é uma estalagem, vai me dar de comer e deixar-me dormir aqui em qualquer canto, na estrebaria, por exemplo?

— Magloire — disse o bispo —, ponha lençóis limpos na cama da alcova.

Magloire saiu para cumprir as ordens do bispo. Este voltou-se para o desconhecido e disse-lhe:

— Sente-se, senhor, e aqueça-se. A ceia não tarda e, enquanto o senhor come, arrumaremos a cama.

— Mas é verdade? Não é possível! Posso ficar? O senhor não vai me expulsar? Eu, um condenado! Não me trata de você, mas de *senhor*? Oh! Bendita mulher que me indicou esta casa! Eu vou jantar! Uma cama com colchão e lençóis! Como todo mundo! Há dezenove anos que não durmo numa cama! O senhor não quer mesmo que eu me vá? Que gente abençoada! Mas eu tenho dinheiro. Perdão, senhor hoteleiro, como é o seu nome? Pago o que quiser. O senhor é mesmo estalajadeiro?

— Eu sou um padre e moro aqui — disse o bispo.

— Padre! — replicou o homem. — Mas é um bom padre! Então não vai me cobrar nada?

— Não — disse o bispo —, guarde o seu dinheiro.

Magloire regressou, trazendo um prato que pôs sobre a mesa.

— Magloire — disse o bispo —, traga os castiçais de prata que este candeeiro não

ilumina nada.

— Senhor padre — disse o homem —, o senhor é muito bom: não me despreza, recebe-me em sua casa, acende as velas só por minha causa, apesar de saber de onde venho e que sou um homem perigoso.

O bispo, sentado ao lado dele, tocou-lhe a mão:

— O senhor não precisava dizer-me quem era. Esta casa não é minha, é de Cristo. Aquela porta não pergunta a quem entra se tem nome, mas sim se tem algum infortúnio. O senhor sofre, tem fome e sede, bem-vindo seja! O dono desta casa não sou eu, são todos aqueles que precisam de abrigo. Que necessidade tenho eu de saber seus nomes? Além do mais, antes que me digam, vocês têm um nome que eu já sei qual é.

O homem arregalou os olhos, admirado.

— Verdade? Sabia como me chamava?

— Sabia — respondeu o bispo —, chama-se meu irmão.

Nesse ínterim, Magloire tinha posto a ceia na mesa; uma sopa feita de água, azeite, pão e sal, um bocado de toucinho, um pedaço de carne de carneiro, alguns figos, um pouco de queijo fresco e pão de centeio, além de uma garrafa de vinho.

A fisionomia do bispo tomou instantaneamente uma expressão de alegria própria das naturezas hospitaleiras:

— À mesa! — disse com vivacidade.

Tranquilidade

Monsenhor Benvindo, depois de se ter despedido da irmã, pegou um dos castiçais de prata e entregou o outro ao seu hóspede, dizendo-lhe:

— Vou conduzi-lo ao seu quarto.

A casa era dividida de tal modo que, para entrar e sair da capela onde ficava a alcova, era preciso passar pelo quarto do bispo. No momento em que ambos passavam, Magloire guardava os talheres de prata no armário que ficava à cabeceira da cama. Era o último serviço que fazia todas as noites antes de se deitar.

O bispo acomodou o hóspede na alcova, onde havia uma cama preparada com toda a limpeza e uma mesinha, sobre a qual o homem pousou o castiçal.

— Durma bem — disse-lhe o bispo —, e pela manhã não se vá sem primeiro tomar uma xícara de leite quente das nossas vacas.

— Muito obrigado, senhor padre — respondeu o homem.

Mal proferira essas palavras e se voltou de repente para o velho, cruzou os braços e, fitando-o com um olhar selvagem, exclamou com voz rouca:

— Então o senhor me acolhe e me deixa dormir a seu lado? — E, interrompendo-se, sorriu de um jeito monstruoso: — Já pensou bem? Quem lhe garante que eu não seja um

assassino?

— Isso compete a Deus! — respondeu o bispo.

Depois, abençoou o homem, que não se inclinou, e sem se voltar, retornou ao seu quarto.

Quando se hospedava alguém na alcova, corria-se uma cortina que escondia o altar da capela. O bispo, passando em frente a esse cortinado, ajoelhou-se e rezou uma pequena oração.

Um momento depois, estava em seu jardim, caminhando, sonhando e contemplando, com toda a alma e o pensamento, essas grandes coisas misteriosas que Deus mostra à noite aos olhos que se mantêm abertos. Quanto ao homem, estava realmente tão exausto que se deixou cair na cama com a roupa que estava e imediatamente adormeceu.

Dava meia-noite quando o bispo voltou do jardim para seus aposentos. Alguns minutos mais tarde, todos dormiam naquela pequena casa.

Jean Valjean

O hóspede do bispo acordou no meio da noite.

Jean Valjean vinha de uma pobre família de camponeses. Na sua infância não aprendera a ler. Perdera os pais ainda pequeno. Ficou-lhe somente uma irmã mais velha, viúva, com sete filhos, meninos e meninas. Essa irmã havia criado Jean Valjean e, logo que se casou, deu-lhe casa e comida. O marido morreu. O mais velho dos sete filhos tinha 8 anos e o mais novo, apenas 1. Jean Valjean acabava de completar 25. Fez as vezes de pai e sustentou a irmã que o havia criado.

À noite voltava fatigado, e comia a sua sopa sem proferir uma só palavra. Às vezes, sua irmã tirava-lhe da tigela o melhor da ceia, isto é, o pedaço de carne, de toucinho, ou couve, para dar a algum dos filhos; ele, com a cabeça quase metida na tigela, os compridos cabelos caídos diante dos olhos, não reclamava, parecendo não se importar.

Não longe da casa dos Valjean, vivia uma rendeira chamada Marie-Claude; as crianças, sempre com fome, iam às vezes pedir leite a ela, em nome da mãe, e bebiam em seguida, com tanta pressa que as meninas o derramavam sobre o avental e a gola dos vestidos. Se a mãe soubesse desses abusos, teria castigado os pequenos delinquentes.

Jean Valjean, rústico e resmungão como era, sem que a mãe o soubesse, pagava o leite a Marie-Claude, e as crianças continuavam impunes.

Jean trabalhava podando árvores, como pedreiro, nos estábulos, e a irmã também não ficava ociosa. Mas que se podia fazer, o trabalho de dois mal dava para sustentar sete crianças. Chegou um inverno muito rigoroso, em que Jean Valjean não encontrou ocupação. Ficou sem trabalho e a família, sem pão. Sete criancinhas sem pão!

Num domingo à noite, o padeiro se preparava para dormir quando ouviu uma

violenta pancada na vidraça da sua loja. Correu imediatamente e chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura no vidro feita a socos, pegar um pão e o levar. O padeiro saiu a toda, o ladrão já ia longe, mas conseguiu alcançá-lo e o segurou; o ladrão já havia jogado o pão, tendo porém o braço ensanguentado. Era Jean Valjean.

Ele foi levado aos tribunais pelo crime de roubo noturno com arrombamento, praticado numa casa habitada. Possuía uma espingarda que manejava muito bem e caçava em lugares proibidos. Tudo isto lhe foi prejudicial.

Jean Valjean foi declarado culpado e condenado a cinco anos de trabalhos forçados nas galés.

Partiu para Toulon, onde lhe vestiram o macacão vermelho, traje dos condenados. Desde então, tudo o que fora a sua existência até aí se desvaneceu, incluindo o nome; deixou de ser Jean Valjean para ser apenas um número, o 24601. E sua irmã? Que destino levou? Que destino levaram aquelas sete criancinhas?

É sempre a mesma história. Aquelas pobres criaturas, agora sem apoio, sem guia nem asilo, partiram ao acaso, cada qual pelo seu lado, e pouco a pouco foram se embrenhando nessa névoa em que se perdem os destinos solitários. Abandonaram a terra que os viu nascer; o campanário da sua aldeia esqueceu-os; no fim de alguns anos passados nas galés, até o próprio Jean Valjean os esqueceu. Naquele coração, onde existira uma ferida, ficara uma cicatriz.

Pelo fim do quarto ano de prisão, chegou a vez de Jean Valjean tentar uma fuga. Seus companheiros o ajudaram, como se costuma fazer nesses lugares.

Fugiu. Por dois dias, andou pelos campos, usufruindo a liberdade, se é ser livre ver-se perseguido, voltar a cabeça a todo o instante, estremecer ao menor ruído, ter medo de tudo, do homem que passa, do cão que ladra, do cavalo que galopa, da hora que bate, do dia porque está claro, da noite porque está escuro, da estrada, do atalho, do arvoredado, do sono. Na noite do segundo dia, foi preso. Havia trinta e seis horas que não comia e não dormia. O tribunal marítimo condenou-o a mais três anos de prisão, o que elevou a oito anos a sentença. No sexto ano teve ainda outra chance de escapar. Deram o alarme e os guardas o encontraram escondido sob a quilha de um navio em construção. Resistiu, mas inutilmente. Crime de evasão e rebelião. Esse delito foi punido com mais cinco anos, dos quais dois com duplas correntes. Treze anos! No décimo ano, tentou a fuga novamente, porém não foi mais feliz do que das outras vezes. Mais três anos por essa nova tentativa; dezesseis, portanto. No décimo terceiro ano tentou evadir-se pela última vez, sendo preso depois de quatro horas de liberdade. Mais três anos por essas quatro horas. Dezenove anos! Em outubro de 1815, foi posto em liberdade; dezenove anos por ter quebrado um vidro e roubado um pão.

Jean Valjean entrara para as galés soluçante e trêmulo; saiu de lá impassível. Entrara angustiado, saiu sombrio.

O que se passara naquela alma?

O interior do desespero

Jean Valjean era um ignorante, não um imbecil. Os maus-tratos, as correntes, a masmorra, a cansaço e o sol inclemente fizeram-no concentrar-se e refletir.

Reconheceu que não era um inocente injustamente punido. Concordeu que havia cometido uma ação reprovável; que, talvez, se tivesse pedido, não recusariam aquele pão; era absurdo ele, infeliz e mesquinho como era, querer se vingar de toda uma sociedade, e imaginar que é pelo roubo que se foge à miséria, pois é impossível sair da miséria pela porta que leva à infâmia; enfim, ele estava errado.

Depois, deve ter se perguntado:

Fora ele o único a agir mal? Confessada a culpa, não fora bárbaro e desmesurado o castigo infligido? Onde estava o abuso maior, na pena imposta pela lei ou no crime? O exagero da pena não extinguiu o crime e invertia a situação, fazendo do culpado a vítima e do devedor o credor, pondo o direito justamente do lado de quem cometeu o furto? Essa pena, aumentada e agravada pelas sucessivas tentativas de fuga, não era um atentado do mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o indivíduo, um crime que começara todos os dias e se estendeu por dezenove anos? Não seria, talvez, exagero a sociedade tratar injustamente aqueles que mais precisavam, os mais dignos de atenção?

Propondo-se essas questões e resolvendo-as, ele julgou a sociedade e a condenou. Condenou-a ao seu ódio.

Convenceu-se de que não havia nenhum equilíbrio entre o prejuízo que havia causado e o prejuízo que sofrera; concluiu que seu castigo não era, na verdade, uma injustiça, mas uma iniquidade.

Jean Valjean sentia-se indignado. A sociedade só lhe havia causado males; nenhum homem se aproximara da não ser para fazê-lo sofrer. Jamais, depois de sua mãe, de sua irmã, havia encontrado uma palavra amiga, um olhar de bondade. De sofrimento em sofrimento, chegara à convicção de que a vida era uma guerra, e que o vencido era ele. Sua única arma era o ódio que levaria consigo quando saísse da prisão.

Havia em Toulon uma escola para os condenados, onde se ensinava o essencial àqueles que mostrassem boa vontade. Jean Valjean começou a frequentá-la aos 40 anos e aprendeu a ler, a escrever, a contar. Sentiu que, ao fortalecer a inteligência, fortificava seu ódio. Em certos casos, a instrução e a luz podem servir para desenvolver a maldade.

Falava pouco. Quase nunca o viam rir. Era preciso uma emoção enorme para arrancarlhe, uma ou duas vezes no ano, esse riso lúgubre de condenado, quase um eco do riso dos demônios.

Por momentos, no meio de seu trabalho nas galés, parava. Punha-se a pensar.

Sua razão, mais amadurecida e perturbada que outrora, revoltava-se. Tudo o que lhe havia acontecido parecia um absurdo; tudo o que o cercava parecia impossível. Dizia a si mesmo: é um sonho. Olhava o guarda a alguns passos dele, e este lhe parecia um fantasma, e, de repente, esse fantasma o atingia com o seu bastão.

Todas essas coisas, realidades cheias de espectros, fantasmagorias repletas de realidade, tinham criado em Jean Valjean um estado interior quase inexplicável. Tudo isso, leis, preconceitos, fatos, homens, iam e vinham sobre ele, segundo o movimento misterioso que Deus imprime à civilização, caminhando por cima e esmagando-o com inexorável indiferença. Almas caídas no abismo do mais intenso infortúnio, homens infelizes perdidos no mais fundo desses limbos, os condenados sentem sobre si todo o peso da sociedade humana, tão horrível para os que estão do lado de fora, tão terrível para os que se acham por baixo.

Em tal situação, Jean Valjean meditava; e quais seriam os seus sonhos? Para ele, não havia sol, nem belos dias de verão, nem céu azul, nem manhãs bonitas de abril.

Em dezenove anos, o inofensivo pedreiro e podador, o temível prisioneiro das galés, tornou-se capaz, graças à maneira como a prisão o tinha moldado, de duas espécies de maldade: primeiramente, de uma maldade rápida, irrefletida, uma espécie de represália pelo mal sofrido; em segundo lugar, de uma maldade grave, séria e meditada com as falsas ideias que sua desgraça lhe dera. O ponto de partida, como o ponto de chegada de todos os seus pensamentos, era o ódio à lei humana, ódio que, se não fosse interrompido em seu desenvolvimento por algum incidente providencial, se tornaria com o tempo ódio à sociedade, ódio à humanidade, ódio à criação, que se traduziria por um vago e brutal desejo de ser nocivo, não importa a quem, a qualquer ser vivente.

Não era sem razão que o passaporte qualificava Jean Valjean como “homem muito perigoso”. Ano a ano, aquela alma foi se dissecando lenta, mas fatalmente. E coração ressequido quer dizer olhos sem lágrimas. Quando saiu das galés, fazia dezenove anos que não derramava uma lágrima.

Ondas e sombras

Homem ao mar!

Que importa! O navio não para. O vento sopra e ele tem um rumo que é obrigado a seguir. E segue em frente.

O homem desaparece, reaparece, mergulha e vem à tona, grita, estende os braços, mas ninguém o ouve; o navio, sob a força do furacão, obedece às manobras, e os marinheiros e passageiros pouco se importam com o naufrago; sua cabeça não é mais que um ponto no meio das ondas enormes.

Ei-lo em luta com a voracidade da água. Tenta firmar os pés e não encontra um ponto de apoio; estende os braços e não encontra a que se apegar. As ondas revoltas e retalhadas pelo vento rodeiam-no assustadoras. A espuma das ondas fustiga seu rosto, como se fosse a lava deste vulcão líquido.

A cada vez que mergulha, vê precipícios cheios de trevas; medonha vegetação o prende

e o retém, agarrando-lhe os pés; as ondas o jogam de uma para outra e, sorvendo amarguras, o covarde oceano se empenha em afogá-lo; a imensidão se diverte com a sua agonia. Parece-lhe que toda a água se transformou em ódio.

Por isso, luta. Tenta defender-se, esforçar-se, e consegue nadar. Ele, quase a desfalecer, combate o invencível.

Onde está o navio? Muito longe. Apenas visível na pálida escuridão do horizonte.

Cai a noite; há horas que está nadando, exausto; o navio, aquela mancha longínqua onde havia homens, desapareceu; ele está só na voragem do crepúsculo, afunda, resiste, debate-se, sente rolar sob seu corpo vagas invisíveis, grita por socorro.

Não há mais homens. Onde está Deus?

Chama ainda, grita por socorro.

Nada no horizonte; nada no céu.

Em torno dele só a escuridão, o nevoeiro, a solidão, tumulto tempestuoso e inconsciente, o redemoinho infinito das águas enfurecidas. Nele, o horror e a fadiga. A seus pés, o abismo infinito e nem um só ponto de apoio. O frio intenso o paralisa. As mãos crispadas fecham-se agarrando o nada.

Que fazer? Desesperado, cansado de lutar, entrega-se sem esperança, deixa-se arrastar, deixa-se despedaçar, e ei-lo que desaparece para sempre nas lúgubres profundidades do abismo.

Ó marcha implacável das sociedades humanas! Perda de homens e almas no meio do caminho! Oceano onde some tudo o que a lei deixa cair! Sinistra inexistência de socorro! Ó morte moral!

O mar é a inexorável escuridão social onde as sentenças arremessam seus condenados. O mar é a imensa miséria incomensurável.

A alma, caindo nesse vórtice, pode transformar-se em cadáver. Quem a ressuscitará?

Novos problemas

Quando saiu da prisão, Jean Valjean ouviu estas estranhas palavras: — *Está livre!* — o momento pareceu-lhe mentira, e um raio de luz penetrou-lhe a alma. Mas esse clarão logo empalideceu. Ele acreditara na possibilidade de uma vida nova, mas bem depressa aprendeu o que era a liberdade acompanhada de um passaporte amarelo.

No dia seguinte à sua libertação, ofereceu-se para trabalhar ajudando alguns homens que descarregavam fardos. Como estavam precisando, aceitaram-no. Pôs mãos à obra. Era esperto, robusto e desembaraçado e o patrão se sentia satisfeito por ter contratado aquele homem.

Enquanto ele estava trabalhando, passou um gendarme, notou-o e pediu-lhe os documentos. Jean não teve outro jeito senão mostrar seu passaporte amarelo e continuou a

trabalhar.

Pouco antes, havia perguntado a um dos operários quanto ganhavam por dia. Responderam-lhe: “Trinta soldos”. Quando anoiteceu, e como no dia seguinte tinha de partir, apresentou-se ao dono, pedindo que lhe pagasse. Este, sem lhe dirigir uma única palavra, deu-lhe quinze soldos. Jean Valjean reclamou, mas o dono da fábrica respondeu:

— Isto é mais do que você merece.

Valjean insistiu. O patrão encarou-o e lhe disse:

— Cuidado, ou volta para a prisão!

Liberdade não é estar solto. Sai-se das galés, mas a condenação continua.

O hóspede acordado

Eram duas da madrugada e Jean Valjean acordou. Fazia vinte anos que não dormia e tinha dormido mais de quatro horas. Abriu os olhos, viu a escuridão que o rodeava e tornou a dormir novamente.

Quando muitas sensações nos agitam durante o dia, podemos adormecer, mas, uma vez acordados, será impossível conciliar o sono de novo. Foi o que aconteceu a Jean Valjean.

Ele estava num desses momentos em que as ideias são confusas. Uma espécie de vaivém obscuro lhe agitava o cérebro. As recordações do passado, as lembranças do presente, cruzavam-se confusamente nele, porém havia um pensamento que lhe voltava sempre e expulsava; os outros: tinha notado os seis talheres e a concha de prata que a senhora Magloire havia posto à mesa.

Estavam ali. A alguns passos. No momento em que atravessara o quarto para chegar à alcova, a velha criada os guardava num pequeno armário, à cabeceira do leito. Eram de prata maciça. Pela concha lhe dariam no mínimo duzentos francos. O dobro do que ganhara em dezenove anos.

Soaram as três da manhã. Reabriu os olhos, ergueu-se de chofre, esticou os braços para procurar a mochila e sentou-se na cama. Ficou assim por um tempo e finalmente levantou-se e foi até a janela. Não tinha grades e estava fechada com um trinco, apenas. Olhou o jardim e viu que era cercado por um muro branco e baixo, muito fácil de escalar.

Voltou para perto da cama e tirou algo da mochila, colocando-o sobre a cama, guardou os sapatos, pôs o saco às costas, cobriu-se com o boné, procurou às apalpadelas o cajado e colocou-o junto da mochila, perto da janela. Depois, voltou à cama e pegou o objeto, que parecia uma pequena barra de ferro. Seria uma alavanca? Ou talvez uma clava?

Pegou o ferro com a mão direita e encaminhou-se para a porta do quarto contíguo, que era o do bispo, contendo a respiração e abafando os passos para não ser pressentido. Chegando à porta, encontrou-a entreaberta. O bispo não a tinha fechado.

O que ele fez

Jean Valjean ficou atento. Nenhum ruído.

Empurrou a porta, com a delicadeza do gato que quer entrar.

Estava suficientemente aberta para que ele pudesse passar, mas uma mesa pequena que formava um ângulo obstruía a passagem.

Ele percebeu o obstáculo e empurrou a porta com mais força; uma dobradiça enferrujada soltou um grito rouco e prolongado em meio ao silêncio.

Parou trêmulo e desorientado, apoiando-se na planta dos pés. Parecia impossível que o ruído daquela dobradiça não abalasse toda a casa, como o abalo de um terremoto; o velhinho acordaria, as duas mulheres não tardariam a gritar, e logo as pessoas viriam acudir e a cidade estaria em polvorosa, com os soldados em marcha. Por um instante, considerou-se perdido.

Deixou-se ficar onde estava, petrificado como uma estátua de sal e sem se atrever a fazer o menor movimento. Decorreram alguns minutos.

Jean Valjean espreitou para dentro do quarto. O mais completo sossego. O rangido da dobradiça enferrujada não despertara ninguém. Avançou um passo e entrou no quarto.

Estava o mais profundo silêncio. Ele avançou cautelosamente. Aqui e além divisavam-se algumas formas confusas, papéis espalhados por cima de uma mesa, muitos volumes amontoados sobre um banco, uma poltrona cheia de roupas, um genuflexório, vultos informes entre as trevas. Do lado oposto do quarto, ouvia-se a serena respiração do bispo adormecido.

De súbito, parou, porque se encontrava junto da cama, onde tinha chegado mais depressa do que pensara.

A natureza, às vezes, mistura seus efeitos e espetáculos às nossas ações, com uma espécie de intenção sombria e inteligente, como se nos quisesse fazer refletir. Já se passara perto de meia hora e já uma espessa nuvem cobria o céu. No momento em que Jean Valjean parou em frente ao leito, a nuvem rasgou-se, como se o fizesse de propósito, e um raio de luar, atravessando a janela, iluminou o pálido rosto do prelado, que dormia serenamente.

Todo o seu rosto estava iluminado de uma expressão de completa esperança, satisfação e beatitude. Ele pareceu rodeado de glória, suavemente velada por uma meia-luz inefável. A lua no céu, a natureza adormecida, o jardim onde não se agitava uma única folha, a casa tão calma e o silêncio acrescentavam um não sei quê de solene e indizível ao venerável repouso daquele homem.

Sem que se suspeitasse, havia algo de divino naquele homem.

Jean Valjean, na escuridão, empunhando a barra de ferro, sentia-se assombrado diante da serenidade do ancião. Jamais havia contemplado coisa semelhante. Aquela confiança o assustava. O mundo moral não tem um espetáculo mais grandioso do que este: o de uma consciência perturbada e inquieta, a ponto de praticar uma má ação, contemplando o

sono de um justo.

Seus olhos não se afastavam do ancião. O único sentimento era o de uma estranha indecisão. Ele hesitava entre dois abismos: um que salva e outro que condena. Parecia prestes a esmagar aquela cabeça ou a beijar aquelas mãos.

De repente, Jean Valjean caminhou ao longo da cama, sem olhar para o bispo, direto ao armário ao lado da cabeceira. Levantou a barra de ferro para forçar a fechadura. A chave lá estava. Abriu, e a primeira coisa que apareceu foi a cestinha em que se guardavam os talheres.

Pegou-a, atravessou o quarto a passos largos, indiferente ao barulho que fazia, chegou à porta, entrou no oratório, abriu a janela, pegou o cajado, saltou para o jardim, guardou a prata na mochila, pulou o muro com a agilidade de um tigre, e fugiu.

O bispo trabalha

No dia seguinte, ao nascer do sol, monsenhor Benvindo passeava pelo jardim quando viu Magloire correndo em sua direção, transtornada.

— Excelência, Excelência, sabe por acaso onde está a cestinha dos talheres?

— Sei — respondeu o bispo.

— Deus seja louvado! — disse ela. — Eu já não sabia o que pensar.

— Aqui está.

— Mas está vazia. E os talheres?

— Ah! — continuou o bispo. — Então são os talheres que a preocupam? Não sei onde possam estar.

— Jesus! Roubaram! Sem dúvida, foi o homem que dormiu aqui.

Num abrir e fechar de olhos, com a vivacidade própria de velhinha sagaz e bem conservada, Magloire correu ao oratório, entrou na alcova e voltou logo para junto do bispo.

— Ai, monsenhor! O homem roubou a prata e fugiu!

Ao mesmo tempo que soltava essa exclamação, dirigiu o olhar para o muro, onde se viam marcas de pés e plantas esmagadas.

— Olhe, foi por ali que ele fugiu! Que crueldade! Roubar nossa prata!

O bispo ficou em silêncio por um tempo, e disse depois com a maior serenidade, erguendo os olhos para Magloire:

— Aquela prata nos pertencia?

Magloire ficou sem saber o que responder. Seguiu-se outra pausa, após a qual o bispo prosseguiu:

— Magloire, há muito que não era lícito ser possuidor daquela prata, que pertencia de direito aos pobres. E quem era aquele homem? Não era, obviamente, um homem pobre?

— Válha-me Jesus! — replicou Magloire. — Não falo por mim, nem pela senhora Baptistine, a nós não faz diferença. Mas é pelo senhor. Com que talheres vai comer daqui por diante?

O bispo encarou-a com ar de espanto e respondeu:

— Essa agora! Pois não há colheres de estanho?

Magloire encolheu os ombros.

— O estanho tem mau cheiro.

— Nesse caso, há as de ferro.

A criada fez uma careta expressiva, dizendo:

— O ferro tem muito mau sabor.

— Então — disse o bispo — talheres de madeira.

Alguns instantes depois, ele tomava a primeira refeição na mesma mesa em que, na véspera, Jean Valjean havia sentado. Enquanto comia, Magloire resmungava baixinho.

— Onde já se viu? Receber um homem daqueles! Ainda bem que só nos roubou! Deus do céu! A gente até se arrepia quando pensa no que poderia ter acontecido!

No momento em que o bispo e sua irmã iam levantar-se da mesa, bateram à porta.

A porta se abriu. Um estranho e violento grupo apareceu à soleira. Três homens agarravam outro pelo pescoço. Eram três gendarmes e Jean Valjean. O que parecia chefear os demais aproximou-se do bispo, fazendo-lhe continência.

— Monsenhor...

Jean Valjean levantou a cabeça, espantado.

— Mas ele não é o vigário?

— Silêncio — disse um gendarme. — É o senhor bispo.

Entretanto, o bispo já se aproximara dos homens e exclamou, com os olhos fitos em Jean Valjean:

— Ah, então voltou?! Que bom tornar a vê-lo. Mas eu não lhe dei também os castiçais? São de prata como os talheres e poderão render-lhe bem duzentos francos. Por que não os levou também?

Jean Valjean arregalou os olhos e encarou o bispo com uma expressão que nenhuma linguagem poderia traduzir.

— Então é verdade o que este homem disse, monsenhor? — perguntou o cabo que comandava os gendarmes. — Nós o encontramos como quem está fugindo. Nós o prendemos para nos certificarmos. Ainda mais com esses talheres de prata...

— E ele lhes disse — interrompeu sorrindo o bispo — que foram presenteados por um velho padre em cuja casa havia passado a noite? Já percebi tudo. E os senhores o trouxeram até aqui? Mas isso não está direito.

— Sendo assim, podemos deixá-lo ir? — perguntou o cabo.

— Sem dúvida — respondeu o bispo.

Livre, Jean Valjean, recuou espantado.

— Então, estou livre?! — exclamou ele.

— Pois não ouviu? — disse um dos gendarmes.

— Meu amigo — tornou o bispo —, não vá embora sem os castiçais.

Foi até a lareira, pegou os dois castiçais de prata e entregou-os a Jean Valjean.

Jean Valjean tremia dos pés à cabeça. Pegou os castiçais maquinalmente e apalermado.

— Agora — disse o bispo —, vá em paz. E, se voltar, não precisa passar pelo jardim. Pode entrar e sair sempre pela porta da rua, que está fechada apenas por uma simples aldraba, seja de dia ou de noite.

E, em seguida, voltando-se para os soldados, acrescentou:

— Os senhores podem retirar-se.

Jean Valjean sentiu-se como que prestes a desfalecer.

O bispo aproximou-se dele e disse-lhe em voz baixa:

— Não se esqueça jamais de que o senhor me prometeu usar esse dinheiro para tornar-se um homem de bem.

Jean Valjean, que não se lembrava de ter prometido coisa alguma, ficou sem ação. O bispo continuou:

— Jean Valjean, meu irmão, o senhor não pertence mais ao mal, mas ao bem.

Resgatei a sua alma; libertei-a dos maus pensamentos e do espírito da perdição, para entregá-la Deus.

O pequeno Gervais

Jean Valjean saiu da cidade como se estivesse fugindo. Andou toda a manhã, sem comer ou sentir fome. Quando o sol começou a se pôr no horizonte, encontrou-o sentado atrás de uma moita, imerso em seus pensamentos. Foi quando viu um rapazinho, com uns 12 anos, vindo da região de Saboia, sanfona a tiracolo, cantarolando uma canção.

Sem parar de cantar, interrompia por vezes a caminhada e parava para atirar ao ar algumas moedas que trazia na mão, talvez toda a sua fortuna. Entre elas havia uma moeda de quarenta soldos. O menino parou ao lado da moita, sem ver Jean Valjean, e pôs-se a atirar seu punhado de dinheiro que, até então, tinha aparado nas costas da mão.

Dessa vez a moeda de quarenta soldos escapou-lhe e foi rolando, por entre os arbustos, até Jean Valjean, que a escondeu com o pé.

O rapaz viu o que aconteceu e dirigiu-se ao homem.

— Senhor — disse o menino, com a intrepidez da infância, feita de ignorância e inocência —, esse dinheiro é meu.

— Qual é o seu nome? — disse Jean Valjean.

— Gervais.

— Vá embora.

— Mas o senhor tem que dar a minha moeda — replicou o menino.

Jean Valjean curvou a cabeça e não disse nada. O menino continuou:

— Quero o meu dinheiro!

Jean Valjean parecia não ouvir. O menino agarrou-o pela gola da blusa e abanou-o,

tentando ao mesmo tempo empurrar o pesado sapato de cima da moeda de quarenta soldos.

— Quero o meu dinheiro!

Jean Valjean levantou a cabeça. Continuou sentado. Seus olhos estavam turvos. Encarou o menino saboiano quase com espanto, estendeu a mão para o seu cajado e perguntou com voz terrível:

— Quem é você?

— Sou eu, senhor — respondeu o menino. — Sou Gervais! Por favor, levante esse pé, meu senhor!

Depois, enraivecido, embora pequeno como era, falou ameaçador:

— Ah! O senhor não quer levantar o pé? Vamos, levante esse pé ou vai ver só!

— Você ainda está aqui? — disse Jean Valjean. E, levantando-se bruscamente, sem tirar o pé de cima da moeda: — Trate de ir embora!

O rapazinho encarou-o; depois começou a tremer da cabeça aos pés e saiu correndo, sem olhar para trás. Mas, cansado pela correria, ele parou e Jean Valjean, ainda mergulhado em seus pensamentos, ouviu que alguém soluçava.

A noite descia gradualmente; desde que o menino desaparecera, Jean continuava de pé e, desde a manhã, não se alimentara. De repente, estremeceu; era o frio da noite.

Enterrou mais o boné na cabeça, abotoou a blusa, deu um passo e curvou-se para levantar do chão o cajado.

Nesse momento, avistou a moeda, que com o peso do pé quase enterrara no chão e que brilhava por entre as pedras.

— Que diabo é isto? — murmurou ele por entre dentes.

Em seguida recuou três passos e parou, sem poder despregar os olhos daquele ponto brilhante que seu pé havia pisado e que ali luzia como fosse um olho encarando-o.

Ao cabo de alguns minutos, apanhou a moeda e olhou em todas as direções, imóvel e trêmulo como um animal feroz em busca de abrigo.

Nada viu, e caminhou na direção em que o rapazinho tinha desaparecido. Depois de ter dado uns trinta passos parou, olhou em volta e gritou com todas as forças:

— Gervais! Gervais!

Ninguém respondeu.

Começou a andar de novo, e depois a correr, gritando em meio à solidão:

— Gervais! Gervais!

O menino, certamente, já ia bem longe.

Avistando um padre a cavalo, aproximou-se e perguntou:

— O senhor por acaso viu passar um menino? Chama-se Gervais.

— Não vi ninguém.

Tirou do bolso duas moedas de cinco francos e deu-as ao sacerdote.

— Senhor Vigário, para os seus pobres. Ele é um menino de mais ou menos 10 anos e carrega uma sanfona. Ele andava por aqui e...

— Não o vi.

Jean Valjean pegou violentamente mais duas moedas e deu ao padre.

— Para seus pobres, e mande-me prender. Sou um ladrão.

O padre chicoteou o cavalo e fugiu assustado.

Jean Valjean pôs-se a correr de novo, na direção do que parecia ser uma pessoa deitada ou abaixada, mas não era nada mais que uma pedra e arbustos. Finalmente, parou numa encruzilhada e gritou ainda uma vez:

— Gervais! Gervais! Gervais!

Foi esse o seu último esforço; os joelhos dobraram bruscamente, como se um poder invisível o oprimisse sob o peso da consciência da sua má ação, e caiu exausto sobre uma pedra, com as mãos na cabeça, gritando:

— Sou um miserável!

Naquele momento, não aguentou mais e começou a chorar. Era a primeira vez que isso acontecia depois de dezenove anos. Lembrou-se das palavras do bispo: “Resgatei a sua alma; libertei-a dos maus pensamentos e do espírito da perdição, para entregá-la a Deus”.

A lembrança dessas palavras o deixava confuso. Sentia que o perdão daquele sacerdote fora o mais forte ataque de todos os que até então sofrera; que seu endurecimento seria definitivo se resistisse àquela clemência; que, se cedesse, seria preciso renunciar ao ódio que lhe havia enchido a alma; dessa vez era vencer ou ser vencido, pois a luta já havia começado entre sua maldade e a bondade daquele homem.

O que era certo, e ele próprio não duvidava, é que Jean Valjean já não era o mesmo homem e que tudo nele se achava alterado. Ele encontrara Gervais e lhe havia roubado quarenta soldos. Por quê? Não conseguia explicar. Foi, talvez, o último efeito das más intenções que trouxera das galés. De qualquer modo, essa última ação condenável teve um efeito decisivo sobre a sua alma. Desorientado como quem procura salvação, esforçou-se por encontrar o menino para devolver-lhe a moeda; depois, vendo que isso era inútil e impossível, parou desesperado. Tudo se passou como uma visão. Realmente ele viu o sinistro Jean Valjean, ali, em sua frente. E o comparou ao bondoso bispo.

Jean Valjean chorou longamente. Olhou para a sua vida e pareceu-lhe horrível; olhou para a alma e pareceu-lhe medonha; porém uma luz suave iluminava-lhe a vida e a alma. Quantas horas chorou assim? O que fez depois? Para onde foi? Ninguém soube.

Mas, naquela mesma noite, o cocheiro que chegava a Digne pela manhã viu um homem ajoelhado orando diante da porta da casa do monsenhor Benvindo.

DURANTE O ANO DE 1817

O ano de 1817

Esse ano de 1817 era o vigésimo segundo ano do reinado de Luís XVIII. Todos em Paris só comentavam o crime de Dautun, que havia jogado no tanque do Mercado das Flores a cabeça do próprio irmão. Napoleão estava em Santa Helena e os grandes jornais ainda eram pequenos folhetins. Aqueles eram os momentos confusos da Restauração Francesa, após a derrota de Napoleão em Waterloo e a volta de Luís XVIII ao trono. Durante a Restauração, o novo regime Bourbon era uma monarquia constitucional e, diferentemente do antigo regime absolutista, tinha limites ao seu poder.

Foi justamente nesse ano que quatro rapazes fizeram das suas. Eram quatro estudantes de direito em Paris e cada um tinha sua amante. Todas eram moças experimentadas em namoros inconstantes, exceto Fantine, ainda iludida em encontrar o amor de sua vida — que ela pensava ser Tholomyès. Fantine era uma dessas criaturas que desabrocham, por assim dizer, do fundo do povo. Saída das mais espessas e insondáveis sombras da sociedade, tinha na frente o símbolo do anonimato e do desconhecimento. Nascera em Montreuil-sur-Mer. Filha de quem? Quem o poderia dizer? Ninguém lhe conheceu o pai nem a mãe.

Para Tholomyès, tudo não passava de um namoro qualquer, como tantos outros. Mas ela o amava apaixonadamente. Ele era rico, gozador, com 30 anos, sem querer mais nada na vida além de se divertir. E combinou, naquele verão, que todos iriam passear nos jardins de Paris num domingo de folga. Foram os quatro rapazes e as quatro garotas.

Almoçaram, alugaram cavalos, foram até um parque de diversões andar de montanha-russa. O passeio, que começara de manhã bem cedo, estava terminando com um jantar no Champs-Élysées. Já fazia um ano que esses jovens mantinham as quatro garotas como amantes, e como nenhum deles tinha intenção de levar o namoro adiante — mesmo sabendo que as garotas estavam apaixonadas —, disseram que, naquele domingo, teriam uma surpresa para elas.

Ao fim do jantar, chegou o momento da surpresa. Cada um, com toda a solenidade, deu um beijo na frente da respectiva amante; depois os quatro, em fila, se dirigiram para a porta, com o indicador à boca, ordenando silêncio. Eles saíram e deixaram as quatro moças sozinhas.

Uma hora depois, o garçom que servira à mesa trouxe uma carta escrita pelos rapazes, entregue a ele com a recomendação de só mostrá-la para as jovens depois de uma hora.

Era uma carta de despedida. Eles foram embora, pregando uma peça nas garotas e deixando-as lá, sozinhas no restaurante, mas pelo menos com a conta paga. Depois de um breve momento de indignação, gargalharam gostosamente. Fantine riu-se como as demais.

Uma hora depois, quando voltou a seu quarto, pôs-se a chorar. Esse tinha sido o seu primeiro amor; ela havia se entregado a Tholomyès como a um marido, que foi embora sem dizer nada, deixando-a... com uma filha.

CONFIAR É, POR VEZES, ABANDONAR

Duas mães se encontram

Uma enorme carroça bloqueava a passagem de um beco escuro em Montfermeil, nas proximidades de Paris. Exibiam grosso eixo de ferro maciço, no qual se fixava um varal enorme que sustentava duas rodas descomunais. Do eixo caía uma corrente quase até o chão, como se fora a corda de um balanço, onde estavam sentadas duas meninas.

A alguns passos dali, sentada à porta de uma estalagem, estava a mãe, que balançava as duas crianças com olhar atento, com medo de que caíssem. A cada vaivém, os elos da corrente produziam um rangido alto.

Atenta como estava às crianças, a mulher não percebeu que alguém se aproximara dela; de repente, ouviu uma voz que dizia bem ao seu ouvido.

— Que crianças lindas a senhora tem!

A alguns passos, estava uma mulher que também trazia uma criança no colo e carregava um grande saco, que parecia muito pesado.

A criança que a mulher apertava contra si era um dos mais divinos seres que seria possível de ver. Era uma menina de 2 a 3 anos, vestida com uma blusinha com fitas e renda. A saísta levantada de um lado deixava a descoberto a coxa branca, roliça e firme. Era rosada e o seu aspecto era o mais saudável. Estava dormindo, naquele sono de absoluta confiança próprio da sua idade.

Quanto à mãe, que era ainda jovem, o seu aspecto era pobre e triste. Suas vestes denotavam uma operária que voltava a ser camponesa. Era jovem. Os cabelos, dos quais se via uma madeixa loura, pareciam abundantes, mas ocultavam-se sob uma touca de freira, apertada, pequena, amarrada por baixo do queixo. Estava pálida e exausta, parecia doente. Olhava a filhinha adormecida em seus braços com esse jeito especial da mãe que acabou de amamentar a criança.

Seu nome era Fantine.

Fantine era uma jovem moça, amante das pequenas maravilhas da juventude. Quis o acaso que conhecesse um jovem estudante de nome Félix Tholomyès, em Paris, e que se apaixonasse por ele. Em toda a sua inocência, Fantine entregou-se totalmente a Tholomyès, tal como uma esposa se entregaria a um marido. Dessa paixão viria a nascer Cosette. Assim que a soube grávida, o jovem estudante abandonou a pobre jovem, que se viu sozinha no mundo, sem qualquer meio de subsistência.

Que resolução tomaria? Não sabia a quem recorrer. Tinha cometido uma falta, pois a

sua natureza era de pudor e virtude. Percebeu vagamente que estava prestes a cair na miséria, ir de mal a pior. Ocorreu-lhe a ideia de regressar à sua terra natal, Montreuil-sur-Mer, onde talvez alguém a reconhecesse e lhe desse trabalho; sim, mas era necessário ocultar a sua falta.

Vendeu tudo quanto tinha, apurando duzentos francos e, depois de pagar as suas pequenas dívidas, ficaram-lhe apenas uns oitenta francos. Com 22 anos, numa bela manhã de primavera, saiu de Paris levando a filha. Quem as visse passar ficaria compadecido. Aquela mulher não tinha no mundo senão a criança que levava no colo, e a criança só tinha no mundo a mulher que a amamentava.

Sobre Félix Tholomyès, vinte anos mais tarde era um importante advogado de província, influente e rico, eleitor circunspecto e jurado severíssimo, mas, apesar de tudo, sempre dado ao prazer.

Voltando a Fantine, depois de ter viajado muitas léguas, viu-se em Montfermeil, no beco. Aquelas duas crianças foram para ela como que um deslumbramento, fazendo-a parar diante dessa visão de alegria. Por isso o elogio à mulher sentada na soleira.

A mãe das crianças ergueu a cabeça, agradeceu o elogio, fez sentar a desconhecida no banco da porta, enquanto ela permaneceu na soleira, e puseram-se ambas a conversar.

— Eu me chamo Thénardier — disse a mãe das duas crianças.

— Meu marido é o dono desta estalagem.

Essa senhora Thénardier era uma mulher ruiva, carnuda, angulosa; o tipo da mulher de soldado em toda a sua desgraça. Ainda era jovem; tinha apenas 30 anos. Se essa mulher, no momento sentada, se levantasse, talvez sua altura e suas espáduas de colosso ambulante amedrontassem logo de início a viajante, perturbando a sua confiança. Uma pessoa que está sentada, em vez de estar de pé, influi às vezes num destino!

A viajante contou sua história com algumas modificações. Era operária, seu marido havia falecido, faltara-lhe trabalho em Paris, e ia então procurá-lo em outros lugares, em sua terra natal; como estava carregando a filhinha e sentia-se cansada, tomara a diligência de Villemomble, e de Villemomble viera a pé até Montfermeil; a menina havia andado um pouco mais; sendo muito criança, fora preciso levá-la nos braços, até que adormeceu.

A criança despertou e foi logo brincar com as outras duas meninas. As duas mulheres continuavam a conversar.

— Como se chama a sua menina?

— Cosette. Vai completar 3 anos.

— É a idade da minha mais velha. E como são as crianças, já parecem três irmãs!

Essa frase foi a faísca que Fantine provavelmente esperava; segurou a mão da estalajadeira e disse-lhe, olhando-a fixamente:

— A senhora quer cuidar da minha menina?

A senhora Thénardier teve um desses movimentos de surpresa, que não são nem consentimento nem recusa. Fantine prosseguiu:

— Veja a senhora, eu não posso levar Cosette comigo para a minha terra; o trabalho não o permite. Ninguém lá dá emprego a quem tem uma criança. A gente da minha terra é muito atrasada. Foi Deus que me levou a passar pela sua casa. Quando vi as suas garotinhas tão lindas, tão asseadas e contentes, fiquei comovida e pensei: “Ali está uma boa

mãe!”. É o que a senhora disse, serão três irmãs. E depois, não vou demorar em voltar. Diga, quer cuidar dela?

— Mas eu preciso ver... — disse a senhora Thénardier.

— Pagarei seis francos por mês.

Nesse instante, ouviu-se uma voz de homem gritar do fundo da taberna:

— Menos de sete francos, nada feito, e seis meses pagos adiantados.

— Seis vezes sete... quarenta e dois; quarenta e dois francos — disse a senhora Thénardier.

— Está bem, eu pagarei — disse a mãe de Cosette.

— E mais quinze francos para as primeiras despesas — acrescentou a voz do homem.

— Soma ao todo cinquenta e sete francos — disse a senhora Thénardier.

— Pagarei também, tenho oitenta francos. Ainda me resta alguma coisa para ir até minha terra. Indo a pé, é claro. Lá ganharei dinheiro e, logo que tiver um pouco, voltarei para buscá-la.

A voz do homem voltou a se ouvir:

— A menina tem enxoval?

— É o meu marido — explicou a estalajadeira.

— Sem dúvida que tem, o meu tesouro. Logo vi que era o seu marido... E um bom enxoval! Tudo às dúzias; vestidinhos de seda, como uma dama. Está aqui no meu saco de roupas.

— Pois tem que deixar tudo — replicou a voz de homem.

— Mas é claro! — disse a mãe. — Seria estranho eu deixar minha filha sem roupas!

O dono da casa então apareceu.

— Está feito — disse ele.

O acordo estava concluído. A mãe passou a noite no albergue, deu o dinheiro e deixou a criança. Tornou a amarrar o saco de roupas, quase vazio e muito mais leve, e partiu no dia seguinte, esperando voltar o mais depressa possível.

Quando a mãe de Cosette se foi, o homem disse à esposa.

— Isso vai pagar a minha letra de cento e dez francos, que vence amanhã. Faltavam-me cinquenta francos. E olha que se não pagasse tinha protesto, processo, que sei eu! Realmente, você armou uma bela ratoeira com as meninas!

— Eu nem havia percebido — disse a mulher.

Primeiro esboço de duas figuras sombrias

O rato apanhado na ratoeira era franzino, mas o gato se alegra mesmo com um ratinho magro.

Quem eram esses Thénardier?

Essas criaturas pertenciam à classe composta de gente rústica enriquecida e de pessoas inteligentes decaídas, que está entre a chamada classe média e a chamada classe baixa, combinando alguns dos defeitos da segunda com quase todos os vícios da primeira, sem possuir nem os impulsos generosos do operário, nem a honestidade ordeira do burguês.

Na mulher havia a alma do bruto e, no homem, a capa do avaro. O marido, principalmente, assustaria qualquer fisionomista. Basta olhar para certos homens para ficarmos desconfiados, para percebermos toda a maldade de que estão impregnados. Havia sido soldado; sargento, como costumava dizer.

Sua mulher tinha uns doze ou quinze anos a menos que ele e não passava de uma mulher grosseira e má que se deliciava com romances imbecis.

A cotovia

Para prosperar, não basta ser mau. O albergue não dava lucro. Graças aos cinquenta e sete francos de Fantine, Thénardier evitara um protesto e honrara sua assinatura. Nos meses que se seguiram, ainda tiveram necessidade de dinheiro; a mulher foi a Paris e empenhou o enxoval de Cosette por sessenta francos.

Os Thénardier acostumaram-se a ver a menina como uma criança da qual cuidavam por caridade e assim a tratavam. Como não tinha mais enxoval, vestiram-na com as roupas velhas das filhas, isto é, com farrapos. Só lhe davam o que comer com os restos dos outros pratos, pouco melhor que o cão, pouco pior que o gato. O gato e o cão, afinal, eram seus comensais costumeiros. Cosette comia com eles, debaixo da mesa.

A mãe escrevia todos os meses, para ter notícias da filhinha. Os Thénardier respondiam sempre: “Cosette está maravilhosamente bem”. Fantine enviava todos os meses os sete francos combinados, mas no sétimo mês o marido reclamou de que a quantia já não bastava e passou a exigir doze francos.

A mãe, convencida de que sua filha estava feliz “e bem”, concordou e mandou os doze francos exigidos.

Há certas naturezas que não podem amar, de um lado, sem odiar, de outro. A senhora Thénardier amava apaixonadamente suas duas filhas, o que a fazia detestar a estranha. O menor lugar que Cosette ocupasse em sua casa dava-lhe a impressão de que a menina roubava às suas próprias filhas, diminuindo até o ar que respiravam. Essa mulher, como muitas que agem assim, distribuía diariamente uma quantidade igual de carinhos e pancadas. Se não tivesse Cosette em sua casa, certamente suas filhas receberiam tanto uns como outros; mas a menina fez-lhes o favor de desviar os maus-tratos para o seu lado. Suas filhas só recebiam carícias. Bastava que Cosette fizesse um movimento e já chovia sobre ela uma saraivada de castigos violentos e imerecidos.

Como a senhora Thénardier era má para Cosette, as duas filhas tornaram-se

igualmente más. As crianças, nessa idade, não são mais do que o retrato da mãe. A única diferença é o tamanho. E só.

Assim se passou um ano e depois ainda outro. Entretanto, dizia-se na aldeia:

— Que excelentes pessoas são esses Thénardier. Apesar de não serem ricos, sustentam e educam uma pobre criança que foi abandonada em sua casa!

Quando Thénardier soube, não se sabe por que meios, que Cosette era bastarda e que a mãe não podia confessar esse fato, exigiu quinze francos mensais, dizendo que “a criatura” estava crescendo e “comia muito”, ao mesmo tempo que ameaçava mandá-la embora.

— Que ela não me aborreça! — exclamava —, senão eu lhe mando a menina para acabar com seus segredinhos. É preciso que me pague mais.

A mãe enviou-lhe os quinze francos. De ano para ano, a criança crescia e sua miséria aumentava.

Enquanto Cosette era pequenina, foi bode expiatório das outras duas crianças; logo que começou a se desenvolver um pouco, isto é, antes mesmo de completar 5 anos, tornou-se a criada da casa.

Cosette era obrigada a dar recados, varrer os quartos, o quintal, a rua, lavar pratos e até carregar pesos. Os Thénardier julgavam-se autorizados a proceder desse modo porque a mãe, que continuava em Montreuil-sur-Mer, começava a falhar nos pagamentos, chegando a ficar alguns meses em atraso.

Se Fantine tivesse voltado ao fim desses três anos, não reconheceria Cosette; tão alegre e sadia quando chegara àquela casa, tornara-se magra e pálida. Estava sempre inquieta.

A injustiça tornara-a arisca e a miséria a deixara feia. Restavam-lhe somente os lindos olhos que davam pena, porque, grandes como eram, pareciam conter maior quantidade de tristeza.

Era doloroso ver, no inverno, aquela pobre criança, que não tinha ainda 6 anos, tiritando de frio, coberta de farrapos, varrendo a rua antes de o sol sair, com uma vassoura enorme em suas mãozinhas arroxeadas e os olhos cheios de lágrimas.

Na aldeia, chamavam-na de Cotovia, aquela criaturinha tão leve como um pássaro, tremendo, assustada e medrosa, sempre a primeira a se levantar naquela casa e em toda a aldeia, andando pela rua ou pelos campos antes da aurora.

Só que essa pobre cotovia não cantava nunca.

A DECADÊNCIA

Um avanço no fabrico dos vidrilhos pretos

E essa mãe que, no dizer dos habitantes de Montfermeil, abandonara a filhinha? Onde estava? Que fazia?

Depois de ter deixado Cosette com os Thénardier, ela chegou a Montreuil-sur-Mer. Fazia mais de doze anos que Fantine deixara sua terra natal, que estava bem diferente. Enquanto ela descia de miséria em miséria, sua cidade progredia sempre mais.

Montreuil-sur-Mer tinha como indústria principal a imitação das miçangas inglesas e dos vidrilhos negros da Alemanha, mas essa indústria nunca progredira, por causa da escassez de matéria-prima. Mas cerca de dois anos antes de Fantine voltar, veio morar na cidade um desconhecido que teve a ideia de substituir a resina pela goma-laca, e, no caso dos braceletes, substituir as correntes soldadas por correntes engastadas. Essa pequena alteração reduziu o preço da matéria-prima, o que permitiu elevar o preço da mão de obra, melhorar o fabrico, o que era uma vantagem para o consumidor; e em vender por melhor preço, triplicando os lucros.

Em menos de três anos o autor dessa inovação ficou rico, e enriqueceu tudo o que estava ao seu redor. Nada se sabia de sua origem e quase nada do início de sua carreira. Quando chegou a Montreuil-sur-Mer, ele não possuía mais que a roupa do corpo, tinha o aspecto e o linguajar de um operário e trazia algumas centenas de francos.

No mesmo dia em que entrava na pequena cidade, com uma mochila nas costas e um cajado na mão, ocorreria um grande incêndio na sede do conselho municipal, e esse homem se lançou ao fogo e salvou as duas filhas do capitão da guarda — motivo pelo qual nem pediram seu passaporte.

Depois disso, todos ficaram sabendo como se chamava: seu nome era Madeleine.

Madeleine

Ele era um homem de 50 anos, de aspecto preocupado e muito bondoso. Eis tudo o que se poderia dizer.

Os lucros de Madeleine eram tão grandes que, logo no segundo ano, ele pôde construir uma grande fábrica, com vastas oficinas, uma para os homens e outra para as mulheres. Quem tivesse fome podia apresentar-se ali e estar certo de encontrar pão e trabalho.

Ele requeria aos homens boa vontade; às mulheres, bons costumes; e a todos, probidade. Dividiu as oficinas para separar os sexos, conservando a integridade moral das mulheres. Sobre esse assunto, era inflexível. Aliás, esse era o único ponto em que ele se mostrava, de algum modo, intolerante. Madeleine dava emprego a todos. Não exigia senão uma coisa: “Seja um homem honesto! Seja uma boa moça!”.

Madeleine fazia sua fortuna; mas, coisa singular num comerciante, não mostrava ser essa a sua ambição. Parecia interessar-se mais pelos outros que por si mesmo. As instalações do hospital eram insuficientes; doou-lhe, então, mais dez leitos. A cidade baixa, onde morava, tinha somente uma escola, quase em ruínas; ele mandou construir duas: uma para as meninas e outra para os meninos. Pagava do próprio bolso aos respectivos professores um salário duas vezes maior que o magro salário oficial. Fundou, então, uma farmácia, que distribuía gratuitamente os medicamentos.

A cidade devia-lhe muito, e os pobres, tudo; Madeleine era tão útil, que fora indispensável lhe prestar honras, era tão bondoso, que era impossível deixarem de lhe querer bem; os seus operários, especialmente, adoravam-no, o que ele recebia com uma espécie de melancólica gravidade.

A sociedade o via com desconfiança. Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: “É um comerciante”. Ao vê-lo distribuir o dinheiro que ganhara, bradaram: “É um ambicioso”. Quando viram que repelia todas as honras, exclamaram: “É um aventureiro!”. E, finalmente, quando o viram desprezar a sociedade, disseram ainda: “Não tem educação, é um grosseiro”.

Mas os serviços por ele prestados à localidade eram tão notáveis que o rei o nomeou novamente prefeito. Madeleine recusou ainda uma vez, mas o magistrado e as autoridades foram suplicar que aceitasse, e o povo em plena rua pediu que não recusasse. O que pareceu fazê-lo se decidir foi o que uma velha senhora do povo lhe gritou:

— Um bom prefeito é uma ótima coisa. Ninguém tem o direito de recuar diante do bem que pode fazer.

Essa foi a terceira fase de sua ascensão. Madeleine tornara-se o senhor Madeleine, e o senhor Madeleine transformara-se no senhor prefeito.

Madeleine de luta

No início de 1821, os jornais anunciaram o falecimento do senhor Myriel, bispo de Digne, cognominado “monsieur Benvindo”, com 82 anos. O senhor Madeleine, no dia

seguinte, vestiu-se todo de preto. A cidade toda reparou nesse luto inexplicável e foram muitos os comentários, parecendo lançar alguma luz sobre as origens do prefeito. Concluiu-se daí que tinha algumas relações de parentesco com o venerável bispo.

O senhor Madeleine percebeu essa mudança pelos frequentes cumprimentos das senhoras idosas e pela maior frequência de sorrisos das mais jovens. Uma noite, uma das mais velhas frequentadoras daquela pequena sociedade aristocrata, muito curiosa por direito de antiguidade, ousou perguntar-lhe:

— O senhor era por acaso primo do falecido bispo de Digne?

— Não, minha senhora.

— Mas — replicou a matrona — o senhor pôs luto por ele.

— É que, na minha juventude, fui laçao de sua família.

Havia ainda quem notasse mais uma coisa: todas as vezes que pela cidade passava algum jovem saboiano oferecendo-se para limpar as chaminés, o prefeito mandava-o chamar perguntava-lhe o nome e dava-lhe dinheiro.

Os pequenos saboianos contavam isso a outros e daí passaram a aparecer muitos pela cidade.

Vagos clarões no horizonte

Pouco a pouco, à medida que o tempo passava, foram caindo todas as oposições. Vinha gente que morava até a dez léguas de distância para consultar o senhor Madeleine. Ele terminava disputas, impedia processos, reconciliava inimigos. Todos o tomavam como juiz de seus direitos. Parecia que tinha como princípio vital o livro da lei natural. Um único homem, em toda a cidade e arredores, continuava rebelde, fosse qual fosse a ação do senhor Madeleine.

Muitas vezes, quando o prefeito passava pelas ruas, calmo, afetuoso, um homem de estatura elevada, com um casacão pardo, chapéu na cabeça e grossa bengala na mão, voltava-se subitamente para trás e seguia-o com a vista até ele desaparecer, cruzando os braços, balançando a cabeça com lentidão e levantando o lábio superior junto com o inferior até o nariz, carranca que poderia traduzir-se assim: “Mas quem é este homem? Tenho certeza de que já o vi. Em todo caso, não é a mim que ele engana”.

Chamava-se Javert e era inspetor da polícia. Quando ele chegou à cidade, a fortuna do grande industrial já estava feita e Madeleine já era o senhor Madeleine.

Javert nascera numa prisão, filho de uma cartomante cujo marido estava nas galés. Depois de crescido, lembrou-se de que estava fora da sociedade e perdeu para sempre a esperança de tornar a entrar nela. Reparou que a sociedade mantinha afastadas duas classes de homens: os que a atacam e os que a protegem; ele só podia escolher entre essas duas classes, ao mesmo tempo que sentia um inexplicável ódio à classe de boêmios a que

pertenciam. Entrou na polícia e se deu bem, porque aos 40 anos era inspetor, tendo na sua juventude sido vigia dos prisioneiros de Toulon.

Esse homem se compunha de dois sentimentos muito simples e relativamente bons, mas que ele tornava maus, porque os exagerava: respeito à autoridade e ódio a qualquer rebelião; a seus olhos, o roubo, o assassinato e todos os crimes não passavam de formas de rebelião. Cobria de desprezo, de aversão e tristeza tudo o que houvesse transposto, nem que fosse uma vez sequer, o limite legal do crime. Era absoluto e não admitia exceções de espécie alguma.

Era um homem estoico, sério e austero; afeito a cogitações melancólicas, humilde e ativo, como são os fanáticos. Seu olhar era um verdadeiro estilete, frio e penetrante. Toda a sua vida se resumia em duas palavras: vigiar e observar.

Desgraçado de quem lhe caísse nas mãos! Prenderia o próprio pai se ele fugisse das galés e denunciaria a própria mãe se ela escapasse do cárcere. E o faria com essa espécie de satisfação interior própria da virtude. Levava uma vida de privações, de isolamento, de abnegação, de castidade, sem uma distração sequer.

Facilmente se compreende que Javert era o terror de toda essa classe, que a estatística anual do Ministério da Justiça designa sob a rubrica de *gente sem profissão*.

Bastava pronunciar o nome de Javert para pôr todos em debandada; o seu aparecimento petrificava-os.

Tal era esse homem terrível.

E mantinha um olhar fixo no prefeito. Cheio de suspeitas e conjecturas. O senhor Madeleine acabou percebendo essa insistência, mas parecia que isso pouco o incomodava. Nunca dirigiu a Javert nenhuma pergunta; não o procurava nem o evitava; suportava aquele olhar incômodo e quase pesado. Tratava Javert como os outros, com deferência e bons modos.

Por algumas palavras que Javert deixara escapar, porém, via-se que ele investigara secretamente todos os vestígios anteriores deixados em algum lugar pelo senhor Madeleine. Parecia saber que alguém havia tomado algumas informações em certo lugar sobre determinada família desaparecida. Uma vez aconteceu até de dizer, falando consigo mesmo:

— Acho que o peguei!

Depois permaneceu, por três dias, pensativo, sem pronunciar palavra. Parecia que o fio ao qual se prendera se havia rompido. Javert, naturalmente, estava um tanto desconcertado pela completa naturalidade e tranquilidade do senhor Madeleine.

Um dia, porém, os modos estranhos do inspetor impressionaram o prefeito. Eis quando isso aconteceu.

Fauchelevant

O senhor prefeito passava certa manhã por uma viela não calçada quando ouviu um barulho e viu um grupo de pessoas ali perto. A causa daquele ajuntamento era um velho chamado Fauchelevant, que havia caído, ficando debaixo das rodas da carroça que guiava, acidentemente provocado pela queda do cavalo que a puxava.

Esse Fauchelevant era um dos raros inimigos que o senhor Madeleine ainda tinha. Quando Madeleine chegara a Montreuil-sur-Mer, Fauchelevant, antigo tabelião e homem instruído, possuía um pequeno comércio que não ia muito bem. Ele viu aquele operário enriquecer, enquanto ele, com toda a sua instrução, se arruinava. Isso o encheu de inveja e, daí em diante, não perdeu uma ocasião em que pudesse prejudicar Madeleine. Veio a falência e o velho, que possuía apenas uma carroça e um cavalo, e sem família e sem filhos, fizera-se carroceiro para viver.

O cavalo tinha as duas pernas quebradas, não podendo por isso levantar-se, e o velho estava entalado entre as duas rodas. A queda fora de tal modo desastrosa, que todo o peso da carroça, carregada, lhe esmagava o peito. O velho soltava os mais dolorosos gemidos. Haviam tentado tirá-lo dali, mas em vão. Qualquer esforço mal aplicado, uma sacudida infeliz, podia matá-lo. Era impossível livrá-lo senão levantando a carroça por baixo. Javert, que havia chegado no momento do desastre, mandou imediatamente buscar um macaco para levantar a carroça.

Foi então que chegou o senhor Madeleine e todos se afastaram respeitosamente.

O senhor Madeleine voltou-se para os circunstantes:

— Não há por aí um macaco?

— Foram já arranjá-lo — respondeu um aldeão.

— Quanto tempo levará para chegar?

— Foram a Flachot, onde há um ferreiro, mas só voltarão em um quarto de hora.

— Um quarto de hora! — exclamou Madeleine.

Havia chovido no dia anterior, o chão estava encharcado, a carroça afundava na lama, comprimindo o peito do velho carroceiro. Era evidente que antes de cinco minutos estaria com as costelas quebradas.

— É impossível esperar um quarto de hora — disse o prefeito para os que o rodeavam.

— Pois não há outro remédio!

— Escutem — tornou ele —, debaixo da carroça há lugar suficiente para que um homem entre e a suspenda com os ombros. Há por aqui alguém que tenha força e bom coração? Ganhará cinco luíses de ouro!

Ninguém se mexeu no meio do grupo.

— Dez luíses!

Todos os presentes baixaram os olhos. Um deles murmurou:

— Seria preciso ser forte como o diabo, e ainda com risco de ficar esmagado!

— Vamos — continuou Madeleine —, vinte luíses.

Ninguém respondeu.

— Não é por falta de boa vontade — disse uma voz.

O senhor Madeleine voltou-se e reconheceu Javert, que continuou:

— O que lhes falta é força. Seria preciso um homem muito poderoso para levantar com os ombros uma carroça dessas. Olhando fixamente para Madeleine, prosseguiu,

acentuando cada uma das palavras: — Senhor Madeleine, só uma vez vi um homem capaz de fazer o que o senhor está pedindo.

Madeleine estremeceu.

Javert acrescentou com ar de indiferença, mas sem despregar os olhos de Madeleine:

— Era um prisioneiro.

— Ah! — exclamou Madeleine.

— Que estava nas galés de Toulon.

Madeleine empalideceu. Em instantes, tornou a olhar em volta de si.

— Então não há ninguém que queira ganhar vinte luíses, salvando a vida deste pobre homem?

Como da primeira vez, ninguém se mexeu.

Madeleine encarou os olhos de falcão de Javert, sempre fixos em sua pessoa, olhou os camponeses imóveis e sorriu tristemente. Depois, sem nada dizer, pôs-se de joelhos e, antes mesmo que alguém tivesse tempo de dizer qualquer coisa, já estava debaixo da carroça.

Foi um horrível momento de expectativa e de silêncio.

Todos viram Madeleine quase de bruços, sob aquele peso enorme, tentar por duas vezes apoiar-se sobre os joelhos e os cotovelos. Gritavam-lhe:

— Senhor Madeleine! Saia daí!

Até Fauchelevent lhe dizia:

— Senhor Madeleine! Vá embora! O senhor vai ficar esmagado também! — Madeleine não respondia.

As rodas continuavam a afundar cada vez mais, e já parecia impossível que Madeleine saísse de onde estava.

De repente, todo aquele peso estremeceu. A carroça erguia-se lentamente e metade das rodas já estava desenterrada. Ouviram então uma voz que gritava:

— Ajudem depressa! Ajudem!

Era Madeleine, que fazia um último esforço.

Todos correram a ajudá-lo. A carroça foi levantada por vinte braços. O velho Fauchelevent estava salvo.

Madeleine levantou-se. Estava pálido, coberto de suor, as roupas rasgadas e cheias de barro. Todos choravam e o velho beijava-lhe os joelhos, chamando-o de Deus. O prefeito tinha no rosto uma expressão de sofrimento feliz e celestial, e olhava serenamente para Javert, que continuava a encará-lo.

A senhora Victurnien gasta trinta francos pelo bem da moral

Quando Fantine voltou à sua terra natal, ninguém mais se lembrava dela. Felizmente,

foi admitida na oficina das mulheres da fábrica do senhor Madeleine, e quando viu que podia se sustentar, teve um momento de alegria. Podia viver honestamente do próprio esforço! Comprou um espelho, alegrou-se de ver sua juventude, os lindos cabelos e os belos dentes, esquecendo muitas coisas para não pensar senão na sua Cosette e na possibilidade de um futuro melhor; sentia-se quase feliz.

Não podendo dizer que era casada, tomou muito cuidado para não falar da filhinha. No começo, pagava com toda a exatidão os Thénardier. Como só sabia assinar o próprio nome, era obrigada a lhes escrever por intermédio de um escrivão público.

Mas, como enviava cartas frequentemente, não houve quem não notasse. Suas companheiras de trabalho murmuravam entre si que Fantine “escrevia cartas” e que “tinha um passado”.

Não existe gente mais curiosa para espionar a vida alheia do que os que não têm com ela relação nenhuma. Algumas pessoas são más unicamente pela necessidade que têm de falar. Suas conversas são como essas lareiras que num instante consomem toda a lenha; elas precisam de grande quantidade de combustível, e o combustível é a vida alheia.

Por isso, Fantine era observada. Além de tudo, mais de uma mulher invejava-lhe os cabelos loiros e a brancura dos dentes. Notaram ainda que na oficina, no meio das companheiras, ela voltava o rosto para enxugar uma lágrima. Era quando pensava em sua filhinha ou, talvez, no homem que tanto amara um dia. É um esforço doloroso romper os vínculos do passado.

Essas mulheres descobriram que ela escrevia pelo menos duas vezes por mês sempre para o mesmo endereço: “Senhor Thénardier, estalajadeiro em Montfermeil”. Levaram o escrivão para a taberna, o pobre velho que não podia encher o estômago de bom vinho sem esvaziar a bolsa de segredos. Souberam assim que Fantine tinha uma filha e concluíram que era uma mulher da vida fácil. Pediram a uma bisbilhoteira que fosse falar com os Thénardier e esta contou, ao voltar:

— É verdade que gastei trinta e cinco francos, mas sosseguei a consciência: vi a criança!

Essa mulher, senhora Victornien, tinha 56 anos e usava a dupla máscara da feiura e da velhice. Uma megera, sentinela da virtude do próximo. Era uma velha seca, áspera, espinhosa, azeda, quase venenosa, mas sem nunca se esquecer do monge fugido do convento de quem era viúva, que a havia amansado e subjugado na juventude. Era uma urtiga em que se viam as marcas da batina.

Tudo isso levou tempo. Havia mais de um ano que Fantine trabalhava na fábrica, quando um dia a superintendente da oficina lhe entregou cinquenta francos, da parte do prefeito, avisando que se considerasse despedida e que devia abandonar a cidade. Foi no mesmo mês em que os Thénardier lhe exigiram quinze francos em vez de doze.

Fantine ficou aterrada. Não podia sair da cidade, pois ainda não havia pago o aluguel do quarto e os móveis. Cinquenta francos não eram suficientes para liquidar essas dívidas. E ela ainda devia sair imediatamente da oficina. Acabrunhada, mais pela vergonha do que pelo desespero, deixou a fábrica e trancou-se em seu quarto. Agora o seu pecado era conhecido de todos!

Aconselharam-na a procurar o prefeito. Mas não teve coragem. Ele lhe dera cinquenta

francos porque era bom, e a expulsava porque era justo. Submeteu-se à sentença.

O êxito da senhora Victurnien

O senhor Madeleine não chegou a saber nada do que se passara. Ele pusera à frente dessa oficina uma mulher já idosa, recomendada pelo pároco; era pessoa respeitável, firme, justa, cheia da caridade que consiste em dar, mas sem a caridade que consiste em compreender e perdoar. Foi com essa autoridade dada pelo patrão e com a plena convicção de que estava agindo bem que a vigilante instaurara o processo, julgara, condenara e executara Fantine.

Fantine ofereceu-se como criada, andando de casa em casa. Ninguém a quis receber. Não havia podido deixar a cidade. O vendedor de móveis usados, para quem estava devendo, havia dito que, se ela fosse embora, mandaria prendê-la como ladra. E o dono do quarto alugado dissera que ela era jovem e bonita e poderia arranjar dinheiro facilmente.

Começou a trabalhar como costureira, fazendo camisas para os soldados, o que lhe rendia doze soldos ao dia, mas a filha lhe custava dez soldos. Foi a partir de então que começou a atrasar o pagamento dos Thénardier.

Ela aprendeu com uma vizinha a arte de viver na miséria; a como transformar uma saia em cobertor e um cobertor em saia; como poupar as velas comendo à luz que vem da janela do vizinho.

Pensou em mandar buscar a filha. Mas não! Fazê-la partilhar de sua miséria? Além disso, estava devendo aos Thénardier. Como acertar as contas? E a viagem? Onde arranjar dinheiro para pagá-la?

A velha vizinha, que lhe havia dado o que poderíamos chamar de aulas de miséria, era uma santa mulher chamada Marguerite, devota, no bom sentido da palavra, pobre e caridosa com os pobres e até com os ricos, sabendo o suficiente para poder assinar o nome e, sobretudo, crendo em Deus, o que é a verdadeira sabedoria.

Às vezes, de sua janela, a senhora Victurnien via Fantine passar, reparando com cuidado na miséria “daquela criatura” que graças a ela tinha sido “colocada no seu devido lugar”, e se felicitava por seus piedosos esforços. Os maus têm uma maneira sinistra de serem felizes.

O excesso de trabalho como costureira e sua miséria deixavam Fantine cansada, e a tossezinha seca com a qual tinha chegado à cidade anos atrás aumentava.

Ela dizia às vezes à sua vizinha Marguerite:

— Veja como minhas mãos estão quentes.

Resultado do êxito da senhora Victornien

Os credores não a abandonavam e o inverno tinha chegado. Fantine não ganhava quase nada. As dívidas aumentavam. Os Thénardier, mal pagos, escreviam-lhe a todo instante cartas que a enchiam de apreensão. Um dia, escreveram que Cosette estava praticamente nua e tinha necessidade de uma saia de lã, sendo preciso que a mãe enviasse pelo menos dez francos para comprar-lhe um agasalho!

Fantine recebeu a carta e, no dia seguinte, foi a um barbeiro e soltou os admiráveis cabelos loiros que lhe caíram pelas costas abaixo.

— Que lindos cabelos! — exclamou o barbeiro.

— Quanto me dá por eles? — perguntou Fantine.

— Dez francos.

— Então, pode cortar.

Comprou em seguida uma saia de lã e mandou-a aos Thénardier, que ficaram furiosos. O que eles queriam era dinheiro. Deram a saia a uma das filhas e a pobre Cotovia continuou a tremer de frio.

Fantine arranjou um amante, o primeiro homem que encontrou e a quem não amava, mas aceitou-o por despeito, com raiva no coração. Era um miserável, uma espécie de músico mendigo, um vagabundo ocioso, que a espancava e que a deixou como ela o aceitara, com desprezo.

Ela, porém, adorava a filha.

Quanto mais fundo descia, quanto mais sombrio se tornava tudo em volta dela, mais aquele anjo brilhava em sua alma. Dizia a si mesma: “Quando eu for rica, trarei Cosette para junto de mim!”.

E se punha a rir. A tosse, porém, não a abandonava e o suor corria-lhe pelas costas continuamente.

Um dia, recebeu dos Thénardier uma carta nestes termos: “Cosette ficou doente com uma febre que anda por esta região; febre miliar, dizem. Os remédios são caros e não podemos pagar. Se não mandar quarenta francos dentro de oito dias, a menina morrerá”.

Fantine começou a gargalhar e disse a sua vizinha:

— Quarenta francos! Nem mais nem menos! Dois napoleões! Onde querem que eu os arranje? Será que esses camponeses não pensam?

Ela saiu à rua e percebeu um grupo de pessoas ao redor de uma carruagem estranha, onde um homem, de pé, vestido de vermelho, falava ao público. Era um dentista de feira, que oferecia ao público dentaduras completas, analgésicos, pós e elixires.

Fantine misturou-se ao grupo e pôs-se a rir como os outros daquela discursadeira cheia de gírias e frases bonitas. O dentista, vendo o riso daquela moça tão bonita, exclamou de repente:

— Você tem belos dentes. Se quiser vender-me seus dentes, pago-lhe dois napoleões de ouro.

— Dois napoleões! — resmungou uma velha desdentada. — Esta é que é feliz!

Fantine afastou-se, tapando os ouvidos para não ouvir a voz do homem que lhe gritava:

— Pense bem, beleza! Dois napoleões servem para muita coisa. Se mudar de ideia, venha à noite ao albergue onde estou hospedado.

Fantine voltou furiosa para seu quarto e contou o ocorrido a sua boa vizinha Marguerite.

— Dois napoleões, ele ofereceu.

— Quarenta francos!

— Isso mesmo — disse Fantine —, quarenta francos.

Ficou pensando e pôs-se a trabalhar, mas logo largou a costura e foi reler a carta dos Thénardier na escada.

Quando voltou, perguntou a Marguerite, que trabalhava ao seu lado:

— A senhora sabe o que é febre miliar?

— Sei, é uma doença. E precisa de remédios fortes para curar.

— E isso dá em crianças?

— Especialmente em crianças, que podem até morrer.

À noite, Fantine desceu e viram-na dirigir-se para os lados onde estavam os albergues.

No dia seguinte, Marguerite encontrou Fantine sentada na cama, pálida, gelada. Não havia dormido. De um dia para outro envelhecera mais de dez anos.

— Jesus! — disse Marguerite. — O que tem você, Fantine?

— Nada! — respondeu. — Pelo contrário, estou feliz. Porque minha filhinha não vai morrer dessa terrível doença por falta de remédios.

E mostrou à boa velha os dois napoleões que brilhavam sobre a mesa.

— Santo Deus! Onde arranjou esse dinheiro!

— Ganhei...

E sorriu. Uma saliva avermelhada se via nos cantos dos lábios, na boca aparecia um buraco escuro. Os dois dentes superiores tinham sido arrancados.

Fantine mandou os quarenta francos aos Thénardier, mas no fim das contas tudo aquilo fora um artil do casal para conseguir dinheiro. Cosette não estava doente.

Ela não tinha mais a cama; restava-lhe um farrapo que chamava de cobertor, um colchão estendido no chão e uma cadeira quebrada. Perdera a vergonha e a vaidade. Era o último sinal. Saía à rua com toucas sujas. Fosse por falta de tempo ou por indiferença, não remendava mais a própria roupa.

As pessoas para as quais ainda devia dinheiro não lhe davam sossego. Passava a noite chorando e pensando. Tinha os olhos muito brilhantes e sentia uma dor nas espáduas, na altura da omoplata esquerda. Tossia muito. Odiava profundamente o senhor Madeleine, mas não dizia uma palavra.

Por essa mesma época, Thénardier escreveu dizendo que tinham sido muito bondosos e pacientes, mas que precisavam imediatamente de cem francos, senão poria Cosette para fora de casa, ainda convalescente da doença.

“Cem francos”, pensou Fantine. Mas onde encontrar um emprego que lhe rendesse cem soldos por dia?

— Coragem! Vendamos o resto.

E a coitada entregou-se à prostituição. Nada mais restava a Fantine.

Christus nos liberavit

Toda essa história mostra a sociedade comprando uma escrava e deitando-a na miséria.

Esse é o doloroso comércio a que a escrava se rende. A fome, o frio, a solidão, o abandono, a nudez. A miséria oferece, a sociedade aceita. Costuma-se dizer que a escravidão não existe mais na Europa, mas continua a existir, oprimindo a mulher, e chamando-se prostituição.

Foi isso que restou a Fantine. Tudo o que tinha de lhe acontecer já havia acontecido. Tudo suportou, tudo sofreu, tudo perdeu, tudo chorou. Resignou-se, com essa resignação que se assemelha à indiferença, como a morte se assemelha ao sono.

A ociosidade do senhor Bamatabois

Oito ou dez meses depois do que foi narrado nas páginas precedentes, nos primeiros dias de janeiro de 1823, em uma noite em que nevara, um cavalheiro elegante e ocioso, trajando um daqueles casacos enormes, que completavam a elegância nos tempos de frio, divertia-se em provocar e atormentar uma mulher num vestido de baile muito decotado, que girava em frente do café dos oficiais. Esse cavalheiro elegante fumava, porque era decididamente essa a moda.

Todas as vezes que a mulher passava diante dele, o elegante lançava-lhe, junto com uma baforada, uma gracinha que ele achava espirituosa, como:

— Que mulher feia! É melhor se esconder! O que fez com seus dentes?

Este senhor chamava-se Bamatabois.

A mulher, triste fantasma enfeitado, que vagava de um lado para outro por cima da neve, não respondia, nem mesmo olhava para ele, sem deixar por isso de completar em silêncio, com melancólica regularidade, seu passeio, que a levava, de cinco em cinco minutos, a receber aqueles sarcasmos, como o soldado condenado que volta para receber chicotadas.

O cavalheiro, vendo que suas gracinhas não causavam efeito, aproveitou-se de um momento em que a mulher estava de costas, seguiu-a cautelosamente e, prendendo o riso, abaixou-se, pegou um punhado de neve e lançou-lhe de repente nas costas nuas. A infeliz

soltou um rugido, voltou-se e arremeteu contra o homem, cravando-lhe as unhas no rosto, com as mais horríveis palavras que um carroceiro podia dizer. Esses palavrões, vomitados com a voz enrouquecida pela aguardente, saíam de uma boca na qual, efetivamente, faltavam os dois dentes superiores. Era Fantine.

Essa algazarra atraiu os oficiais, os transeuntes, logo formou-se um círculo de pessoas que se divertiam em volta do homem e da mulher, o homem debatendo-se, chapéu na calçada, a mulher dando-lhe pontapés e socos, descoberta, gritando sem dentes, sem cabelos, pálida de cólera, horrível.

De repente, saindo do meio da multidão, um homem de elevada estatura agarrou a mulher por um braço e disse-lhe:

— Acompanhe-me.

A mulher levantou a cabeça; sua voz calou-se instantaneamente. Seus olhos estavam vidrados e tremia de medo. Havia reconhecido Javert.

O elegante cavalheiro aproveitou-se do incidente para fugir.

A solução de algumas questões da polícia municipal

Javert afastou os curiosos, rompeu o círculo e pôs-se a andar em direção à delegacia, arrastando consigo a infeliz. Nem ele nem ela diziam coisa alguma. O bando de espectadores seguia-os dizendo gracejos. A suprema miséria causa obscenidades.

Ao entrar na delegacia, Fantine caiu em um canto, imóvel e calada, encolhendo-se como uma cadela assustada. Javert sentou-se, tirou do bolso uma folha de papel timbrado e pôs-se a escrever.

Javert estava impassível; seu rosto sério não denotava emoção alguma. Era um desses momentos em que costumava exercer sem controle, mas com todos os escrúpulos de uma consciência severa, seu temível poder discricionário. Ele era o juiz, julgava e condenava. E quanto mais examinava o comportamento daquela mulher, mais se sentia revoltado, porque estava evidente que acabava de presenciar um crime.

Acabava de ver, ali, no meio de uma rua, a sociedade, representada por um proprietário-eleitor, insultada e atacada por uma criatura desclassificada. Uma prostituta havia ofendido um burguês. E ele, Javert, havia presenciado tudo, e escrevia em silêncio.

Quando terminou, assinou, dobrou o papel e disse ao sargento:

— Chame três guardas e leve esta mulher à cadeia. — Depois, voltando-se para Fantine: — Você terá cadeia por seis meses.

A coitada estremeceu.

— Seis meses! Seis meses de prisão! — exclamou. — O que será de Cosette? Minha filha! Minha filha! Mas o senhor sabe que eu ainda devo mais de cem francos aos Thénardier, senhor inspetor?

E arrastou-se nas lajes molhadas pelos sapatos cheios de lama de todos aqueles homens, sem se levantar, suplicando de joelhos.

— Senhor Javert. Juro-lhe que a culpa não foi minha. Foi aquele homem que não conheço que jogou neve nas minhas costas. Ele tinha o direito de jogar neve na gente, quando a gente passa sem fazer mal a ninguém? Isso me enfureceu. Estou doente, como vê, e já fazia tempo que ele me dizia gracinhas: “Vá ser feia noutro lugar! Ao menos se tivesse dentes!”. Eu bem sei que não tenho mais os meus dentes. Eu não estava fazendo nada e dizia a mim mesma: “É um homem que se diverte”. Então ele jogou neve em minhas costas. Senhor Javert, meu bom inspetor! Pode ser que eu tenha errado em me defender. Mas, o senhor sabe, na hora a gente não pensa, fiquei nervosa. Perdoe-me só por esta vez, senhor Javert. Que bobagem fui fazer! Amo minha Cosette, o meu pequeno anjo da Santa Virgem! Que será dela? Os Thénardier são estalajadeiros, não querem saber de desculpas. Querem é dinheiro. Não deixe que me prendam! Veja, é uma criancinha que eles vão abandonar na estrada, em pleno inverno; é preciso ter dó dessa criaturinha, senhor Javert. No fundo, não sou má. A miséria é que me tem feito beber aguardente; eu não gosto de beber, mas faz com que a gente se esqueça da desgraça. Em tempos mais felizes, bastava olharem para as minhas gavetas para verem logo que eu não era uma desleixada, que só pensava em enfeitar-me. Tenha dó de mim, senhor Javert!

Fantine falava curvada, sacudida pelos soluços, cegada pelas lágrimas, tossindo de quando em quando uma tosse seca e curta, balbuciando com a voz lenta da agonia. Teria enternecido um coração de granito, mas nada pôde fazer com um coração de madeira.

— Vamos — disse Javert —, já ouvi tudo o que tinha a dizer. Vá andando! Você tem seis meses de prisão e nem o Padre Eterno pode mudar as minhas ordens.

Fantine compreendeu que a sentença era irrevogável. Então, caiu em si e murmurou:

— Piedade!

Javert voltou-lhe as costas.

Os soldados agarraram-na pelo braço.

Minutos antes, um homem entrara na sala, sem que ninguém o impedisse. Fechara a porta atrás de si, encostara-se a um canto e ouvira todas as súplicas de Fantine.

No momento em que os soldados puseram as mãos sobre a infeliz, que não queria levantar-se, ele deu um passo, saiu da sombra e disse:

— Um instante, por favor!

Javert levantou os olhos e reconheceu o senhor Madeleine. Tirou o chapéu e o saudou com uma espécie de cinismo ofendido:

— Perdão, senhor prefeito...

Essas palavras, *senhor prefeito*, causaram um estranho efeito sobre Fantine. Ela se pôs de pé, empurrou com os braços os soldados e dirigiu-se ao senhor Madeleine. Encarando-o fixamente, com os olhos arregalados, gritou:

— Ah! Então é você o tal de senhor prefeito!

Depois deu uma gargalhada e cuspiu-lhe no rosto.

Madeleine limpou o rosto e disse:

— Inspetor Javert, ponha essa mulher em liberdade!

Javert sentiu que ia enlouquecer. Sentira, naqueles curtos instantes, as mais violentas

emoções de toda a sua vida. Ver uma rameira cuspir no rosto de um prefeito era um sacrilégio quase impossível de acontecer. Mas quando viu o prefeito, o magistrado, enxugar tranquilamente o rosto e dizer “Ponha essa mulher em liberdade”, faltaram-lhe o pensamento e a palavra. Ficou mudo.

Fantine não ficou menos admirada. Levantou o braço nu e agarrou-se ao fogareiro como se fosse cair. Começou a falar em voz baixa, como se conversasse consigo mesma.

— Estou livre! Não vou ficar seis meses na prisão! Quem disse semelhante coisa? Não é possível, fui eu que entendi mal! Não podia ser o monstro deste prefeito! Foi o senhor Javert que disse? Quando eu lhe contar tudo, me deixará ir embora. É este maldito monstro que tem a culpa de tudo. Este homem, senhor Javert, expulsou-me por causa de um bando de faladeiras que na oficina não se ocupam senão da vida alheia. Despedir uma pobre moça que vivia honestamente do seu trabalho e cumpria com o seu dever! Desde então não ganhei o suficiente e me aconteceram todas estas desgraças. Tenho a minha Cosette e não tive outro remédio senão me tornar uma mulher da vida. Agora já sabe que foi por causa desse homem que me veio todo esse mal. Depois disso tudo, pisei no chapéu daquele homem na frente do café dos oficiais. Mas, em compensação, ele me estragou o vestido com a neve. Nós só temos um vestido de seda para sair à noite. O senhor compreendeu? Verdade que não fiz nenhum mal de propósito, senhor Javert. Oh! senhor Javert, foi o senhor que me pôs em liberdade, não é? Pode tirar informações, pode falar com o meu senhorio; estou terminando de pagar minhas dívidas, o senhor vai ver que sou uma mulher honesta. Ah! meu Deus, eu lhe peço perdão; fechei sem querer a chaminé do fogareiro e provoquei toda essa fumaça.

Madeleine a ouvia com a mais profunda atenção. Enquanto ela falava, tirara a carteira do bolso do colete e, não encontrando nenhum dinheiro, tornou a guardá-la. Disse então a Fantine:

— Quanto a senhora disse que está devendo?

Fantine, que só olhava para Javert, voltou-se para ele.

— Por acaso estou falando com você?

Depois, dirigindo-se aos soldados:

— Vocês viram como eu cuspi na cara dele? Ah! velho malvado, você veio aqui para me dar medo, mas eu não tenho medo de você. Só tenho medo do senhor Javert, do meu bom senhor Javert!

Enquanto assim falava, voltou-se para o inspetor:

— Eu bem sei que o senhor inspetor é justo. Bem vejo que é justo. Tudo é simples, um homem se divertir jogando neve nas costas de uma mulher, o que fazia rir os oficiais, porque eles têm de divertir-se com alguma coisa e nós não servimos para mais nada. E depois o senhor, que é obrigado a manter a ordem, prende a mulher que agiu mal; mas, pensando melhor, como tem bom coração, manda-me pôr em liberdade, por causa da minha filha, porque, se eu ficasse seis meses presa, não poderia sustentá-la. E é claro que eu não vou fazer outra vez uma coisa semelhante, senhor Javert! Podem fazer o que for comigo, que não direi nada. Foi hoje só. Eu gritei porque levei um susto, não esperava que aquele homem fosse jogar neve em mim. Depois, como já disse, estou doente; tusso muito, tenho no estômago como que um fogo que me queima e o médico me disse: —

Tome cuidado!

De repente, pôs-se a arrumar apressadamente o vestido e se dirigiu para a porta, acenando aos soldados amigavelmente com a cabeça:

— O senhor inspetor disse que estou livre e eu vou embora.

Pôs a mão na maçaneta; mais um instante e estaria na rua.

Até esse momento, Javert conservara-se de pé, com os olhos fixos no chão, tão deslocado nessa cena como uma estátua à espera de ser colocada em alguma parte.

O ruído da maçaneta o despertou. Levantou a cabeça com uma expressão de autoridade soberana, feroz nos animais selvagens, atroz nos homens sem importância.

— Sargento! Você não vê que essa rameira está indo embora? Quem disse a vocês que ela está livre?

— Eu — disse Madeleine.

Fantine, ouvindo a voz de Javert, estremeceu e largara o fecho da porta, como um ladrão surpreendido larga o objeto que tentava roubar. Desde esse momento, sem dizer uma só palavra, sem mesmo ousar respirar, o seu olhar ia alternadamente de Madeleine para Javert e de Javert para Madeleine, conforme falava um ou outro.

Quando o senhor Madeleine disse aquele *eu* ao inspetor Javert, este voltou-se para o prefeito, pálido, com os lábios roxos, o olhar desesperado, agitado por um tremor imperceptível, e, com os olhos baixos, mas a voz firme, disse:

— Senhor prefeito, isso não é possível.

— Como? — disse Madeleine.

— Essa infeliz insultou um cidadão.

— Inspetor Javert — retrucou Madeleine num tom amigável e conciliador —, escute. O senhor é pessoa muito honesta, não tenho dificuldade alguma em me explicar consigo. Eis o que aconteceu: eu estava passando pela praça quando o senhor prendeu essa mulher. Perguntei o que tinha acontecido e estou informado de tudo; aquele cidadão é que é o culpado e ele é que deveria ter sido preso.

Javert replicou:

— Mas essa miserável insultou o senhor.

— Isso é comigo — disse Madeleine. — Sua injúria só a mim diz respeito. Posso agir como entender.

— Peço perdão, mas ela não desrespeitou o senhor, e sim a Justiça.

— Inspetor Javert — replicou Madeleine —, a primeira justiça é a consciência. Eu ouvi bem o que essa mulher disse e sei o que estou fazendo.

— E eu, senhor prefeito, não compreendo nada do que estou vendo aqui.

— Então, limite-se a obedecer.

— Eu obedeco ao meu dever, e meu dever ordena que essa mulher cumpra os seis meses de prisão.

Madeleine respondeu calmamente:

— Escute bem o que digo: essa mulher não vai ficar presa, nem por um dia.

A essas palavras decisivas, Javert ousou encarar fixamente o prefeito e lhe disse, mas em tom de voz cada vez mais respeitoso:

— Estou na iminência de resistir às ordens e é a primeira vez que isso me acontece,

mas permita-me observar que estou nos justos limites de minhas atribuições. Eu estava presente. Essa mulher lançou-se sobre o senhor Bamatabois, eleitor e proprietário daquela bela casa de três andares com sacadas, que faz esquina com a praça. Enfim, é um homem de posses! Seja como for, isso é um caso de polícia das ruas, está sob a minha jurisdição e eu mantereí essa mulher presa.

Então Madeleine cruzou os braços e disse com uma voz severa que ninguém na cidade jamais ouvira.

— O caso de que o senhor fala compete à polícia municipal. Nos termos dos artigos nove, onze, quinze e sessenta e seis do código criminal, quem deve julgá-lo sou eu. Ordeno, portanto, que essa mulher seja posta em liberdade.

Javert quis tentar um derradeiro esforço.

— Mas, senhor...

— E ainda lhe recorde do artigo oitenta e um da lei de 13 de dezembro de 1799, a respeito da detenção arbitrária.

— Se o senhor permitir...

— Nem mais uma palavra!

— Mas...

— Retire-se — ordenou Madeleine.

Javert recebeu o golpe de frente, firme e em cheio no peito, como um soldado russo. Cumprimentou respeitosamente o senhor Madeleine e saiu.

Fantine afastou-se da porta e, estarrecida, viu-o passar à sua frente. Acabava de se ver disputada por dois poderes opostos. Assistira, à sua frente, à luta de dois homens em cujas mãos estavam sua liberdade, sua vida, sua alma e sua filha; um deles a queria condenar às trevas; o outro a conduzia para a luz. Um falava como o seu demônio, o outro como seu anjo da guarda. O anjo havia vencido o demônio, e, coisa que a fazia tremer, esse anjo, esse libertador, era precisamente o homem que ela odiava, o que havia muito tempo considerado como o autor de todos os seus males: Madeleine!

E, no mesmo momento em que ela acabava de insultá-lo de modo tão vergonhoso, ele a salvava! Tinha então se enganado? Estava sem saber o que fazer e tremia. Ela ouvira, espantada, o que eles diziam e olhava-os desorientada, sentindo, a cada palavra que Madeleine proferia, desmoronar as medonhas trevas do ódio que lhe ensombravam a alma, sentindo nascer em seu coração algo de confortante e inefável, que nada mais era que alegria, confiança e amor.

Depois que Javert saiu, Madeleine lhe falou com voz lenta, sufocada, como de alguém que não quer chorar:

— Ouvi tudo o que a senhora disse. Eu ignorava o que lhe aconteceu e vejo bem que é verdade. Não sabia nem mesmo que a senhora tinha deixado de trabalhar nas minhas oficinas. Por que não veio falar comigo? Não faz mal: vou pagar as suas dívidas, mandarei buscar sua filhinha, ou, se quiser, a senhora mesma poderá ir ter com ela. Depois a senhora poderá morar aqui, ou em Paris, ou onde quiser. Eu me encarregarei da senhora e da criança. Nem será preciso que volte a trabalhar, que eu lhe darei todo o dinheiro de que precisar. Tornará a ser honesta quando voltar a ser feliz. E repare o que lhe afirmo desde já que, se tudo é como a senhora contou, não duvido de que nunca deixou de ser virtuosa

aos olhos de Deus. Oh! pobre mulher!

Isso era mais do que a pobre Fantine poderia suportar. Rever Cosette! Libertar-se daquela vida infame! Viver livre, rica, feliz, honesta, em companhia de Cosette! Ver surgir em meio a toda a sua miséria todas essas realidades celestiais. Olhou estupefata para o homem que lhe falava e nada pôde fazer senão soluçar dolorosamente.

Suas pernas se enfraqueceram, ajoelhou-se diante do senhor Madeleine e, antes que este o pudesse impedir, sentiu que ela lhe pegara a mão, encostando-lhe os lábios.

Em seguida, caiu desmaiada.

JAVERT

O começo do descanso

Madeleine mandou levar Fantine à enfermaria que instalara em sua própria casa.

Ela passou boa parte da noite a delirar e a falar em voz alta. Por fim, adormeceu.

No dia seguinte, pelo meio-dia, Fantine acordou. Sentiu que alguém estava perto de seu leito; afastou as cortinas e viu o senhor Madeleine de pé, olhando para algo à cabeceira da cama. Era o crucifixo da parede.

Madeleine pegou em sua mão e perguntou:

— Como está passando?

— Bem; dormi bastante e acho que vou ficar boa. Não há de ser nada.

Madeleine, que passara o dia colhendo informações, já sabia de tudo, conhecia a história de Fantine nos seus mais pungentes pormenores.

— Pobre mãe, o que tem sofrido! — disse ele. — Mas esse inferno do qual acaba de sair é a primeira forma do céu. Era indispensável começar por aí.

Suspirou profundamente. Fantine sorria-lhe com esse sorriso sublime ao qual faltavam dois dentes.

Javert, por seu lado, havia enviado uma carta ao chefe de polícia, em Paris. Todos pensaram que ele estava pedindo sua demissão.

Madeleine apressou-se a escrever aos Thénardier, a quem Fantine devia cento e vinte francos e a quem ele remeteu trezentos, dizendo-lhes para trazer logo a criança a Montreuil-sur-Mer, onde sua mãe doente a reclamava.

Os Thénardier ficaram deslumbrados.

— Diabos! — disse ele à mulher. — Não vamos mandar a criança não! Eis que a cotovia se transforma em vaca leiteira. Já estou adivinhando. Algum estúpido se apaixonou pela mãe.

Respondeu, então, enviando uma conta de quinhentos e tantos francos e nela figuravam, superiores a trezentos francos, duas notas incontestáveis, uma do médico e a outra do boticário que havia cuidado das filhas do casal. Cosette não havia ficado doente. O único trabalho que teve foi substituir os nomes.

O senhor Madeleine imediatamente lhe enviou mais trezentos francos e escreveu: “Mandem Cosette o mais depressa possível”.

— Cristo! — disse Thénardier. — Agora é que não vamos soltar essa menina.

Fantine, porém, não melhorava. Continuava doente na enfermaria.

Madeleine ia vê-la duas vezes por dia e cada vez ela lhe perguntava:

— Quando chega a minha Cosette?

— Talvez amanhã de manhã. De uma hora para outra poderá estar aqui; estou esperando.

Mas Fantine não melhorava. Pelo contrário, o seu estado se agravava de semana a semana. Aquele punhado de neve aplicado sobre a pele nua, entre as duas omoplatas, provocara uma súbita supressão de transpiração, e a doença, que havia anos progredia, declarou-se com toda a violência. O médico avaliou Fantine e balançou a cabeça.

— E então? — perguntou Madeleine.

— Ela não tem uma filha que deseja muito ver? — disse o médico. — Faça com que chegue o mais depressa possível.

Madeleine estremeceu.

Thénardier, entretanto, não largava a menina, e inventara mil razões. Cosette não estava muito bem de saúde para correr o risco com aquele inverno. E ainda havia um restinho de pequenas dívidas, cujas faturas estava reunindo, etc. etc.

— Mandarei alguém buscar Cosette! — disse Madeleine. — Se for preciso, eu mesmo irei.

Ele escreveu, sob ditado de Fantine, esta carta que ela mesma assinou:

“Senhor Thénardier,

Queira entregar Cosette ao portador. Todas as pequenas despesas lhe serão pagas. Tenho a honra de saudá-lo com consideração.

Fantine”.

Sobreveio, porém um grave incidente. Por melhor que modelemos a pedra misteriosa de que é feita a nossa vida, nada podemos fazer para que desapareça o véu irrevogável do destino.

Como Jean pôde se tornar Champ

Certa manhã, o senhor Madeleine estava no seu escritório, ocupado em pôr em ordem alguns problemas do município, caso decidisse ir até Montfermeil, quando lhe vieram dizer que o inspetor de polícia, Javert, lhe queria falar. Ouvindo pronunciar esse nome, Madeleine não pôde deixar de demonstrar desagrado, depois do que acontecera na delegacia.

— Mande-o entrar.

Javert entrou.

Madeleine continuou sentado ao lado da lareira, com a pena na mão, atento a alguns papéis e não se perturbou com a chegada de Javert. Como não lhe era possível esquecer do

caso da pobre Fantine, convinha que se mostrasse glacial.

Javert cumprimentou respeitosamente o prefeito, que estava de costas para ele, continuando a fazer as suas anotações, sem sequer o encarar. O inspetor de polícia deu dois ou três passos no gabinete e parou, sem quebrar o silêncio.

Ele jamais exibira um comportamento tão estranho, com um olhar em que não havia nem rancor, nem cólera, nem desconfiança; parara a alguns passos de distância e ali se conservava de pé, numa atitude quase disciplinar, com a rudeza ingênua e fria de um homem que nunca soube o que era a afabilidade e foi sempre paciente; esperava sem proferir uma palavra, sem fazer um movimento, numa humildade verdadeira e numa resignação tranquila, esperando que Madeleine se dignasse atendê-lo. Sereno, sério, de chapéu na mão e olhos baixos, com uma expressão que marcava o meio-termo entre o soldado diante do superior e o réu na presença do juiz.

— Que há de novo, Javert?

Javert permaneceu por um instante em silêncio, como se meditasse sobre alguma coisa, dizendo depois com uma espécie de solenidade triste sem deixar de ser humilde:

— Acontece, senhor, que cometeram um ato criminoso. Um oficial inferior faltou ao respeito a um magistrado da maneira mais grave. Venho, como é meu dever, trazer o caso ao seu conhecimento.

— Quem é esse oficial? — perguntou Madeleine.

— Eu — disse Javert.

— E quem é esse magistrado que tem algo a reclamar desse oficial?

— O senhor.

Madeleine endireitou-se na poltrona. Javert continuou com ar severo e os olhos sempre baixos:

— Senhor, vim aqui para pedir-lhe que convença as autoridades competentes a me destituírem do cargo que ocupo.

Madeleine, admirado, já ia responder quando Javert o interrompeu.

— O senhor dirá talvez que eu deva pedir demissão, mas isso não é suficiente. Errei e devo ser punido. É preciso que eu seja expulso. No outro dia o senhor foi injustamente severo comigo. Hoje eu quero que o senhor o seja com toda a justiça.

— Mas que embrulhada é essa? O que quer dizer com tudo isso? Onde foi que o senhor fez alguma ação culpável pela qual o deva punir? O que o senhor me fez? O senhor está se acusando, quer ser substituído...

— O senhor vai entender. Logo após o que aconteceu por causa daquela mulher, fiquei furioso e o denunciei à Chefia de Polícia de Paris.

O senhor Madeleine, que não costumava rir-se muito mais que Javert, deu uma gargalhada:

— Por ter invadido as atribuições da polícia?

— Não, como antigo condenado às galés.

Madeleine empalideceu.

Javert, que ainda não havia levantado os olhos, continuou:

— Fazia muito tempo que vinha pensando nisso. Fisionomia parecida, sua força descomunal, o caso do velho Fauchelevent, sua pontaria infalível... Mas, enfim, eu o

confundi com um tal de Jean Valjean.

— Um tal... Como você o chamou?

— Jean Valjean. É um condenado que eu conheci há vinte anos, quando era ajudante da guarda em Toulon. Esse tal Jean Valjean, segundo consta, depois que saiu das galés, roubou um bispo, depois cometeu outro roubo à mão armada numa estrada, do qual foi vítima um rapazinho saboiano. Há oito anos escapou, e ninguém nunca o encontrou. Então, pensei que... A raiva deu-me coragem e eu o denunciei à polícia de Paris.

Madeleine perguntou em tom de indiferença:

— E que responderam ao senhor?

— Que eu estava louco. Eles é que estavam com a razão.

— Ainda bem que o reconhece!

— Não havia outro jeito, pois o verdadeiro Jean Valjean foi encontrado.

Madeleine deixou cair a folha de papel que tinha entre as mãos; levantou a cabeça, olhou fixamente para Javert e disse:

— Ah!

Javert prosseguiu:

— Parece que por esta região vivia um certo Champmathieu. Era muito pobre. Ninguém lhe dava atenção. Então, houve um roubo, invasão de propriedade e galhos de árvores frutíferas quebrados. Prenderam Champmathieu quando ainda carregava as frutas e o trancafiaram. Como a cadeia estava em mau estado, achou o senhor juiz conveniente que transferissem Champmathieu para Arras, onde está a prisão do departamento. Nessa mesma prisão achava-se um antigo condenado de nome Brevet, que naquela época tinha sido porteiro da prisão pelo seu bom comportamento. Assim que viu Champmathieu, ele exclamou: “Ei! Conheço esse homem, olhe para mim! Você é Jean Valjean!”. O velho respondeu: “Quem é Jean Valjean?”. Brevet retrucou: “Não se faça de bobo! Você é Jean Valjean e esteve nas galés de Toulon. Já faz vinte anos. Nós estivemos juntos...” Champmathieu negou. Depois disso, indagaram e pesquisaram e eis o que se soube. Há coisa de trinta anos, esse tal Champmathieu era podador de árvores em diferentes lugares, mas principalmente em Faverolles, onde se perdeu o seu rasto. Ora, o que era Jean Valjean antes de ter ido para as galés pelo crime de roubo qualificado? Podador. Onde? Em Faverolles. Ainda outra prova: o nome de batismo desse Valjean era Jean e o sobrenome da mãe, Mathieu. Nada mais natural do que pensar que, ao sair da prisão, tivesse adotado o nome de sua mãe e passasse a chamar-se Jean Mathieu. Depois foi para Auvergne, de *Jean* a pronúncia da região cria esse *chan*, e começam a tratá-lo por Champmathieu. O homem não se importou com essa mudança, e ei-lo transformado em Champmathieu. Perguntam em Faverolles. A família de Jean Valjean não mora mais lá. Ninguém sabe onde esteja. Como o senhor deve saber, entre essa gente, é muito comum desaparecerem famílias inteiras. Gente desse gênero, quando não é lama, é poeira. E depois, como essa história data de mais de trinta anos, já não existe ninguém em Faverolles que tenha conhecido Jean Valjean. Pediram informações em Toulon. Além de Brevet, só havia dois condenados que o conheceram pessoalmente. Mandaram-nos buscar para os confrontar com o Champmathieu, e para eles, como para Brevet, é Jean Valjean. A mesma idade, 54 anos, a mesma estatura, o mesmo modo de andar, o mesmo homem, enfim, era ele. Enquanto isso

acontecendo, mandei minha denúncia à polícia de Paris. Respondem-me que eu havia perdido o juízo e que Jean Valjean está em Arras em poder da Justiça. O juiz ordenou-me que eu fosse a Arras e me apresentaram Champmathieu...

— E então? — interrompeu Madeleine.

Javert respondeu com o seu ar incorruptível e triste:

— Senhor, a verdade é a verdade. Fiquei contristado, mas ele é Jean Valjean. Reconheci-o também.

Madeleine disse em voz muito baixa:

— Está bem certo de não ter se enganado?

Javert pôs-se a rir, com esse riso doloroso provocado pela sua profunda convicção:

— Mais do que certo.

— E o que disse esse homem?

— Ele nem parece compreender o que está acontecendo e diz: “Sou Champmathieu e isso ninguém me tira!”. Tem ar de quem está espantado e se faz de bobo. Tanto melhor! O tal é esperto, mas não adianta nada porque as provas lá estão. Já foi reconhecido por quatro pessoas e será condenado. Foi levado ao tribunal de Arras. Também fui chamado e lá estarei como testemunha.

Madeleine sentara-se novamente à escrivaninha, retomara os papéis, folheando-os tranquilamente, ora lendo, ora escrevendo como um homem muito ocupado. Voltou-se para Javert.

— Muito bem, mas esses detalhes pouco me interessam, quando há tanto a fazer. Javert, o senhor me fará o favor de ir imediatamente à casa de dona Buseaupied, aquela senhora que vende ervas, lá embaixo na esquina da rua Saint-Saulve. Diga-lhe que apresente queixa contra o carroceiro Chesnelong. Esse homem é um estúpido, quase atropelou a pobre mulher e sua filhinha. É preciso que seja punido. Em seguida, o senhor irá à rua Montre-de-Champigny, à casa do senhor Charcellay. Ele se queixa de que há uma calha da casa vizinha que traz água da chuva para a sua, o que está estragando os alicerces da sua residência. Depois, examinará se existem as contravenções de que se queixam a viúva Doris, da rua Guibourg, e a senhora Renée Le Bossé, da rua Garraud-Blanc, e fará o competente auto. Mas talvez eu lhe esteja dando muito trabalho. O senhor não vai ausentar-se nestes dias? Como me disse, iria a Arras para tratar desse caso dentro de oito ou dez dias...

— Muito mais cedo, senhor. Eu quase tinha a certeza de haver dito que o julgamento seria amanhã e que eu partiria pela carruagem que sai nesta noite.

Madeleine fez um movimento imperceptível.

— E quanto tempo durará esse julgamento?

— Um dia, no máximo. A sentença será pronunciada, o mais tardar, amanhã à noite. Mas eu não vou esperar pela sentença, que é certa; logo que acabar meu depoimento, voltarei para cá.

— Muito bem.

E despediu Javert com um gesto. Este, porém, não se moveu.

— Perdão, senhor — disse ele.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou Madeleine.

— Senhor, resta-me lembrar... Que devo ser demitido.

Madeleine levantou-se.

— Javert, o senhor é um homem honrado, por isso merece a minha estima. Exagera a falta que cometeu, que é uma ofensa que só a mim diz respeito. O senhor é digno de subir, e não de descer. Espero que continue no cargo.

Javert fitou Madeleine, no fundo do seu olhar parecia ser possível ver a consciência pouco esclarecida, mas rígida e casta, e retorquiu com voz tranquila:

— Não posso concordar com isso, senhor prefeito. Quanto a exagerar o que fiz, não é tanto assim. Eis aqui o meu raciocínio. Suspeitei do senhor injustamente.

E continuou:

— Eu o denunciei como um condenado a trabalhos forçados, sem provas, num acesso de cólera, e com o fim de me vingar do senhor, um homem respeitável, um prefeito, um magistrado! Isso é grave. Eu, agente da polícia, ofendi a autoridade na pessoa do senhor! Eu não desejo que me trate com bondade; a sua bondade azedou-me o sangue manifestando-se com os outros, portanto não a quero para mim. Bondade má que consiste em dar razão à mulher da vida contra o burguês, ao agente de polícia contra o prefeito, ao que está num lugar inferior contra o que ocupa uma posição superior. Com essa bondade desorganiza-se a sociedade. Meu Deus, ser bom é fácil, o que é difícil é ser justo!

Tudo isso foi dito num tom de voz humilde, ríspido, desesperado e convicto.

— Veremos — disse o senhor Madeleine.

E estendeu-lhe a mão.

Javert recuou e exclamou num tom decidido:

— Perdão, senhor, mas isso não está certo. Um prefeito não dá a mão a um delator.

E acrescentou entre dentes:

— Sim, isso mesmo: desde o momento em que abusei de meu cargo na polícia, não passo de um delator.

Depois, saudou-o com uma inclinação profunda e se dirigiu até a porta. Lá chegando, voltou-se e, com os olhos sempre baixos, disse:

— Eu continuarei no serviço até que venha um substituto.

Saiu.

Madeleine ficou pensativo, ouvindo aquele passo firme e decidido que se afastava pelo corredor.

O CASO CHAMPMATHIEU

A tempestade na mente

O leitor, certamente, já adivinhou que o senhor Madeleine é o próprio Jean Valjean.

Ele havia alugado um cavalo e uma charrete para ir até Arras, atormentado pelas circunstâncias. No dia seguinte, muito cedo, ele partiria e, nessa noite, estava em seu quarto.

Pouca coisa deveremos acrescentar ao que o leitor já conhece de tudo o que aconteceu a Jean Valjean depois da aventura com o pequeno Gervais. A partir daquele momento, tornou-se outro homem. Ele executou todos os desejos do bispo. Foi mais que uma transformação, foi uma transfiguração.

Conseguiu desaparecer, vendeu as pratas do bispo, conservando apenas os castiçais como recordação, andou de cidade em cidade, atravessou a França, veio para Montreuil-sur-Mer, realizou tudo que já conhecemos, chegou a tornar-se irreconhecível a qualquer perseguição, e, já estabelecido, feliz por ter sua consciência sanada das recordações de seu passado, a primeira parte da sua vida desmentida pela segunda, passou a viver tranquilo, pacífico e cheio de esperanças, dominado apenas por dois pensamentos: ocultar o próprio nome e santificar a própria vida; escapar dos homens e voltar a Deus.

Esses dois pensamentos estavam tão estreitamente ligados em seu espírito que formavam uma única coisa; ambos eram igualmente imperiosos e inquietantes, dominando suas mínimas ações. Entretanto, às vezes, punham-se em conflito entre si. Nesses casos, como devem lembrar-se, o homem que toda Montreuil-sur-Mer chamava de senhor Madeleine não hesitava em sacrificar a primeira à segunda, a própria segurança à virtude. Assim, a despeito de todo o seu cuidado e prudência, guardava ainda os castiçais do bispo, vestira luto pela sua morte, interrogava todos os pequenos saboianos que passassem e salvara a vida do velho Fauchelevent, apesar das inquietantes insinuações de Javert. Parecia até que suas primeiras obrigações não eram para proveito próprio.

Contudo, nada de semelhante ainda lhe havia acontecido. Jamais as duas ideias que governavam esse infeliz homem travaram luta tão encarniçada. Ele o compreendeu confusa mas profundamente desde as primeiras palavras ditas por Javert ao entrar em seu escritório. No momento em que ouviu aquele nome há tanto tempo sepultado, Jean Valjean, tomou-se de espanto, enervado pelo sinistro capricho de seu destino, e com esse espanto sentiu o tremor que precede os grandes desabamentos; ao escutar Javert, o primeiro pensamento que o assaltara fora o de denunciar-se, livrar Champmathieu da

prisão e colocá-lo em seu lugar; mas logo reprimiu o impulso.

Passou o resto do dia nesse estado. Tudo estava confuso e embaralhado em sua mente. Ainda assim, foi fazer sua visita a Fantine, recomendando-a aos cuidados da irmã Simplicie. Sentia vagamente que talvez fosse preciso ir a Arras porque se convencera de que, como estava livre de qualquer suspeita, não havia inconveniente em ser testemunha do que iria acontecer. Por isso alugou a charrete.

Depois do jantar, subiu ao seu quarto, para meditar.

No primeiro momento, conseguiu se iludir. Trancou a porta e apagou a vela, sentindo-se inexpugnável com a porta trancada e invisível com a vela apagada. Então, concentrou-se em si mesmo, apoiou os cotovelos na mesa, escondeu a cabeça entre as mãos e pôs-se a pensar em meio às trevas: “Onde estou? Não será tudo isto um sonho? É mesmo verdade que vi Javert e que ele me falou daquele modo? Quem será esse Champmathieu? Será possível que se pareça comigo a tal ponto? E ainda ontem estava tão tranquilo e longe de suspeitar semelhantes coisas! Que fazer?”.

Não importava o fim severo e religioso a que se propunham suas ações, tudo o que havia feito até aquele dia não era nada mais que um buraco que cavara para enterrar o próprio nome. Suas reflexões iam ficando cada vez mais claras. Aos poucos, ia-se dando conta de sua posição.

Parecia-lhe que acabara de acordar de um estranho sono e que, no meio da noite, resvalava para um abismo inevitável. Em meio a toda essa sombra, entrevia um desconhecido, um estranho, que o destino tomava por ele e o empurrava à voragem em seu lugar. Para que o redemoinho parasse, era preciso que antes engolissem alguém, ele ou outro qualquer. Ele confessou a si próprio que o seu lugar nas galés estava vago; que, por mais que fizesse, estaria sempre lá; que o roubo ao pequeno Gervais ali o conduziria outra vez e que esse lugar vago o atrairia até que o fosse preencher, o que era inevitável e fatal. Mas ele tinha um substituto. Alguém chamado Champmathieu tivera essa falta de sorte; quanto a ele, presente nas galés, na pessoa de Champmathieu, presente na sociedade sob o nome de Madeleine, nada tinha a temer, se não impedisse que os homens selassem sobre a cabeça de Champmathieu aquela pedra de infâmia que, como a pedra do sepulcro, cai uma vez para não mais se levantar.

Madeleine acendeu a vela de novo.

— Por que tenho de me preocupar com tudo isso? Estou salvo! Tudo está acabado. Javert me preocupava, mas agora está satisfeito e me deixará tranquilo, pois tem em mãos o seu Jean Valjean! Quem sabe terá até vontade de deixar esta cidade! E tudo isso sem que eu fizesse esforço algum! E se alguém sair prejudicado, não será por minha culpa. São coisas da Providência. É uma prova de que ela quer que isso aconteça! Terei eu o direito de contrariar suas decisões? Está decidido, vamos deixar que as coisas aconteçam! Deixemos que Deus conduza os fatos como forem de seu agrado!

Não sentiu, porém, a mínima alegria. Pelo contrário.

Confessou a si mesmo que tudo o que ele acabava de decidir em seu espírito era monstruoso, que “deixar as coisas correrem e não se opor à vontade de Deus” era horrível. Permitir que se consumasse aquele engano do destino e dos homens, não o impedir, ajudar com o seu silêncio, nada fazer, enfim, era fazer tudo, era o mais baixo degrau da hipocrisia

e da indignidade! Um crime hediondo e mesquinho.

Pela primeira vez, depois de oito anos, o infeliz sentia o amargo sabor de um mau pensamento e de uma má ação.

Ele perguntou a si mesmo qual a finalidade de sua vida. Fechar a porta ao seu passado! Mas ele não a estava fechando, santo Deus! Com aquela ação, estava abrindo-a novamente! Tornava-se o mais odioso dos ladrões. Estava roubando a outro a existência, a vida, a paz, o lugar ao sol! Tornava-se um assassino! Matava, assassinava moralmente um homem miserável; infligia a ele essa horrenda morte em vida, essa morte a céu aberto que se chama galé!

Pelo contrário, salvar esse homem, vítima de um erro tão lúgubre, tornar a ser por dever o condenado Jean Valjean era completar verdadeiramente a sua ressurreição e fechar para sempre o inferno de onde saíra!

Colocou seus livros em ordem, jogou ao fogo um maço de dívidas de pequenos comerciantes, escreveu uma carta ao senhor Laffite, banqueiro em Paris, e a colocou no bolso. Tirou da secretária uma carteira que continha algumas notas e o passaporte de que se servira naquele mesmo ano para ir às eleições.

Sentia que chegara a outro momento decisivo para a sua consciência e para o seu destino: o bispo marcara a primeira fase da sua nova vida e que aquele Champmathieu lhe marcava a segunda. Após a grande crise, a grande prova.

Sim, ele havia decidido denunciar-se e salvar aquele homem de uma injustiça. Depois, de repente, pensou em Fantine.

— E essa pobre mulher?

Nova crise.

Fantine aparecera bruscamente em seus pensamentos causando o efeito de um raio de luz inesperado.

— Até aqui só pensei em mim, se devia me calar ou me denunciar, salvar minha alma ou me esconder... A primeira santidade consiste em pensar no próximo. Vejamos, examinemos! Se me denuncio, me prendem, soltam Champmathieu, mandam-me novamente para as galés. O que acontecerá a isto aqui? Aqui há uma cidade, fábricas, indústrias, operários, homens, mulheres, velhinhos, crianças, gente pobre! Eu criei tudo isso, eu dei vida a tudo isso; onde há a fumaça de um fogão, eu é que pus lenha ao fogo e comida nas panelas; produzi o bem-estar, aumentei o crédito e a circulação; antes de mim, nada disso existia; eu incentivei, dei vida, animei, fecundei, estimulei, enriqueci todo este distrito. Se eu faltar, tudo isso morre. E essa mulher que tanto sofreu, cheia de tantos merecimentos em sua miséria, a quem, sem querer, causei tanta desgraça! E essa criança que eu queria buscar, como prometi à sua mãe! Se eu desaparecer, que acontecerá? A pobre mãe morrerá, a criança se tornará sabe lá o quê?

— Uma pobre criança crescerá na rua! Como um cão! Ora! Mas isso é abominável! Sem que a infeliz mãe possa rever sua filhinha! Sem que a criança possa conhecer a própria mãe! E tudo isso por causa desse velho tratante, ladrão de frutas, que sem dúvida deve merecer ir para as galés por muitas outras coisas que não por esse pequeno roubo! E eu faltarei ao meu dever para com toda essa pobre gente! E ainda me vou denunciar? Hei de cometer semelhante loucura?

Madeleine levantou-se e passou a caminhar pelo quarto. Desta vez parecia que estava contente.

— Sim, é isso mesmo! Cheguei à verdade, encontrei a solução. A minha resolução está tomada, deixemos caminhar as coisas! É o interesse de todos, e não meu. Sou Madeleine, e desgraçado é Jean Valjean! Não sou eu, não conheço esse homem, não sei de quem se trata; se pode haver neste momento alguém que seja Jean Valjean, que se arrume como puder! Não tenho nada com isso.

Deu ainda alguns passos e parou de repente.

— Vamos! — disse ele. — Não posso hesitar ante nenhuma das consequências da minha decisão. Há ainda alguns fios que me ligam a esse tal Jean Valjean! É necessário cortá-los.

Procurou nos bolsos, tirou a carteira, abriu-a e pegou uma pequenina chave.

Introduziu-a em uma fechadura da qual apenas se via o buraco, perdida como estava nas sombras mais carregadas do papel que recobria a parede. Abriu um pequeno cofre, uma espécie de gaveta escondida no ângulo da parede com a lareira. Nesse esconderijo havia somente alguns trapos, um sobretudo de pano azul, umas calças velhas, uma mochila e um grande bastão de madeira com ambas as extremidades de metal. Os que viram Jean Valjean na época em que passou por Digne, em outubro de 1815, facilmente reconheceriam todas as peças desse miserável enxoval.

Ele as havia conservado, do mesmo modo como conservara os castiçais de prata, para não esquecer jamais sua origem, com a diferença de que escondia os objetos trazidos das galés e expunha os castiçais presenteados pelo bispo. Olhou depois furtivamente para a porta, como se julgasse possível que ela se abrisse apesar do trinco que a fechava; em seguida, com um gesto vivo e brusco, de uma única vez, sem mesmo dar um último olhar àquelas coisas que tão religiosa e perigosamente guardara durante tantos anos, pegou tudo, trapos, bastão e mochila, e jogou ao fogo.

A mochila, queimando com todos os seus farrapos, fizera aparecer alguma coisa que brilhava entre as cinzas. Quem se inclinasse teria facilmente reconhecido uma moeda de prata. Sem dúvida, a moeda de quarenta soldos roubada ao pequeno saboiano. Depois, atirou ainda os dois castiçais de prata; o fogo poderia deformá-los bastante e transformá-los numa espécie de barra, tornando-os irreconhecíveis.

Com um dos castiçais remexeu o braseiro. Um minuto mais e estariam ambos no fogo. Mas a tempestade que afastara de si com tanto esforço tornava a descarregar-se sobre ele. As ideias já se tornavam confusas, maquinais e cheias de medo, o que é próprio de quem se desespera.

Por mais que fizesse, recaía sempre no mais pungente dilema que lhe ocupava o fundo da mente: “Conservar-se no paraíso e tornar-se aí mesmo demônio! Voltar para o inferno e tornar-se nele anjo! Que havia de fazer, grande Deus, que havia de fazer?!”

Seria mesmo necessário que se denunciasse? Ou deveria esconder o seu segredo? Não conseguia ver nada claro. Sentia somente que, fosse qual fosse a decisão, seria necessário e inevitável que deixasse morrer alguma parte de sua pessoa; tanto à direita como à esquerda, abria-se um sepulcro; teria de suportar irremediavelmente uma agonia: a agonia da felicidade ou da virtude.

O viajante, chegando a seu destino, toma providências para voltar

Madeleine, depois de muito ponderar, decide ir até Arras. Afinal, que mal faria em apenas testemunhar o julgamento como prefeito?

Ao chegar ao hotel, perguntou se haveria meios de voltar naquela mesma noite a Montreuil-sur-Mer pela carruagem dos correios; o lugar ao lado do boleeiro estava ainda vago; reservou-o, pagando antecipadamente.

Feito isso, saiu do hotel e pôs-se a andar pela cidade, a caminho da prefeitura, onde estavam ocorrendo as audiências dos tribunais. Lá chegando, dirigiu-se ao primeiro advogado que encontrou:

— Meu senhor, em que ponto estão?

— Já acabaram — respondeu o advogado.

— Acabaram!?

Essa palavra foi repetida de tal modo, que o advogado se voltou para quem a repetira:

— O senhor é parente do réu?

— Não, senhor. Não conheço ninguém aqui. Mas houve condenação?

— Sem dúvida. Não podia deixar de ser.

— A trabalhos forçados?

— Por toda a vida.

Madeleine continuou com voz fraca que mal se ouvia:

— Então, foi provada a identidade?

— Qual identidade? — perguntou o advogado. — Não havia identidade a provar. O caso era simples. A mulher matou o filho; provado o infanticídio e tendo o júri rejeitado a premeditação, ela foi condenada por toda a vida.

— Então era uma mulher?

— Certamente, chamada Limosin. Mas de quem falava o senhor?

— Oh, de nada; mas já que terminou a audiência, por que a sala continua iluminada?

— Por causa do outro julgamento, que começou há duas horas. É também um caso simples. Trata-se de um vagabundo, um reincidente, um ex-prisioneiro que cometeu um roubo. Não sei o nome dele, mas tem aspecto de bandido. De minha parte, só pela cara, eu mandaria para as galés.

— Não haverá maneira de entrar na sala?

— Não acho, porque há muita gente. A audiência agora está interrompida, e como saíram algumas pessoas, pode ser que encontre lugar para quando continuar a sessão.

— Por onde se entra?

— Por aquela porta.

O advogado afastou-se. Em poucos instantes, Madeleine experimentava quase ao mesmo tempo todas as emoções possíveis. As palavras daquele homem indiferente haviam

atravessado simultaneamente seu coração como agulhas de gelo, ou lâminas candentes. Quando viu que o julgamento ainda não tinha terminado, não sabia se estava sentindo contentamento ou desgosto.

Junto da porta que comunicava com a sala da audiência estava um oficial de Justiça, a quem Madeleine perguntou:

— Esta porta vai abrir logo, não?

— Não, senhor, não abre mais. A sala já está cheia. Não entra mais ninguém. Há ainda dois ou três lugares atrás do senhor juiz, mas ele não permite ali senão os funcionários públicos.

Madeleine retirou-se de cabeça baixa, atravessou a antecâmara e tornou a descer a escadaria, lentamente, como se hesitasse em cada degrau. É provável que estivesse resolvendo alguma coisa. O violento combate que se travava no seu íntimo, desde a véspera, ainda não havia terminado; a cada instante tinha de enfrentar novas emboscadas. Chegando ao patamar da escada, encostou-se ao corrimão e cruzou os braços. De repente, desabotoou a sobrecasaca, tirou do bolso uma caderneta, rasgou uma folha, pegou um lápis e escreveu rapidamente estas palavras: “Madeleine, prefeito de Montreuil-sur-Mer”. Depois subiu novamente as escadas, atravessou a multidão, foi direto ao oficial de Justiça, entregou-lhe o papel e disse com autoridade:

— Leve isto ao senhor juiz.

O oficial pegou o papel, leu-o e obedeceu.

Entrada de favor

Sem que o suspeitasse, o prefeito de Montreuil-sur-Mer gozava de certa celebridade. Havia mais de sete anos que sua reputação de virtude acabara por ultrapassar os limites de sua pequena aldeia e se espalhara por dois ou três departamentos vizinhos. O conselheiro do Tribunal Real de Douai, que presidia a audiência, conhecia esse nome tão universalmente honrado. Quando o porteiro, abrindo discretamente a porta, se inclinou por trás da cadeira do juiz e lhe entregou o papel, informando que aquele senhor desejava assistir ao julgamento, o juiz ordenou que ele entrasse.

O momento supremo havia chegado. Ele tentava se concentrar, em vão. Na saleta contígua à sala de audiências, Madeleine ainda se debatia internamente. De repente, viu diante de si a porta pela qual havia entrado, foi até ela, abriu-a e saiu. Não estava mais na saleta; estava fora, em um corredor; um corredor longo, estreito, cheio de degraus e guichês, cheio dos mais estranhos ângulos, iluminado aqui e ali pelos clarões pálidos das lamparinas.

Respirou livremente e pôs-se a escutar; nenhum ruído em sua frente, nenhum ruído às suas costas... Mas ele fugia como se o perseguissem.

Depois de ter dado diferentes voltas pelo corredor, pôs-se a escutar. Sempre o mesmo silêncio e as mesmas sombras ao redor. Tremiam-lhe as pernas; encostou-se então ofegante à parede, porque os seus passos eram vacilantes e trêmulos como os de uma criança.

Então, ali, sozinho, de pé, em meio àquela escuridão, tremendo de frio e talvez de mais alguma coisa, começou a pensar. Assim passou um quarto de hora. Por fim, inclinou a cabeça, suspirou cheio de angústia e deixou cair os braços. Voltou à saleta e caminhou até a parede oposta, onde havia outra porta. Agarrou a maçaneta, a porta se abriu.

Estava na sala de audiências.

Um lugar onde as convicções vão se formar

Madeleine deu um passo, fechou maquinalmente a porta atrás de si e ficou de pé, contemplando o vasto recinto.

No fundo da sala ele via alguns juízes com ar distraído, de togas muito usadas, roendo as unhas, ou fechando os olhos com sono; no lado oposto, uma multidão de gente esfarrapada, soldados de fisionomia honesta e rude, velhos enfeites de madeira ensebada, um teto muito sujo, escuridão, sujeira e tristeza; e de todo esse conjunto se desprendia uma impressão austera e augusta, porque aí se fazia sentir essa formidável instituição humana a que chamamos lei e essa incomparável coisa divina a que chamamos justiça.

Ninguém prestou atenção nele, porque todos os olhares convergiam para um único ponto, um banco de madeira à esquerda do presidente. Nele, iluminado por muitas velas, estava sentado um homem entre dois gendarmes.

Era o homem. Madeleine nem o procurou, seus olhos se dirigiram para ele naturalmente como se soubessem antecipadamente onde encontrá-lo.

Julgou ver a si mesmo, envelhecido, na verdade, nada parecido de rosto, mas em tudo semelhante nos modos, no aspecto, com os cabelos eriçados, as pupilas inquietas e ferozes, vestido com uma blusa igual à que usava quando chegara a Digne, cheio de ódio, escondendo na alma pensamentos horríveis que acumulara durante dezenove anos de galés. Disse a si mesmo: “Voltarei a ser assim?”.

Horrorizado, fechou os olhos.

O juiz e o advogado-geral o cumprimentaram com meneios de cabeça, mas Madeleine apenas reparou que o cumprimentavam. Estava tomado por uma espécie de alucinação e limitava-se a olhar.

Juízes, escrivão, gendarmes, uma multidão de cabeças cruelmente curiosas, era o que já tinha visto uma vez, havia vinte e sete anos. Tornava a encontrar todas essas coisas funestas; estavam todas ali; não era um esforço de memória, ou miragem do pensamento, eram verdadeiros juízes, gendarmes, homens de carne e osso. Era tudo fato, tudo o que a realidade tem de terrível, os aspectos monstruosos do seu passado. Tudo aquilo era um

abismo escancarado a seus pés.

Teve medo, fechou os olhos e exclamou no mais íntimo de sua alma: “Nunca!”.

Procurou Javert, mas não o encontrou.

Havia mais de três horas que o julgamento se prolongava. Julgavam um vagabundo, encontrado no campo, carregando um ramo cheio de frutas maduras roubado de um quintal, a chácara Pierron. Quem era esse homem?

A acusação dizia:

— Temos diante de nós não somente um ladrão de frutas, temos em nosso poder um bandido, um relapso, um ex-forçado, um celerado dos mais perigosos, um malfeitor chamado Jean Valjean, que a Justiça procura e que há oito anos, saindo das galés de Toulon, roubou na estrada, à mão armada, um rapaz saboiano chamado Gervais, crime previsto pelo artigo 383 do Código Penal, pelo qual o processaremos depois, quando a identidade estiver judicialmente provada. E cometeu agora um novo roubo. É um caso de reincidência. Que seja condenado pelo fato recente, que depois o condenaremos pelos crimes passados.

O defensor desempenhou-se admiravelmente, alegando que o roubo das frutas não estava materialmente provado. Seu cliente, que ele, na qualidade de defensor, insistia em chamar de Champmathieu, não fora visto por ninguém escalando o muro nem quebrando os galhos da árvore. Prenderam-no tendo nas mãos aquilo que o advogado chamava mais prazerosamente de *ramo*; mas o pobre homem insistia em dizer que o havia encontrado no chão e o levava consigo. Onde estava a prova em contrário? Sem dúvida, o galho fora quebrado e depois largado no chão. Roubo? Devia ter acontecido, mas como afirmar com segurança que o ladrão era realmente Champmathieu?

Terminou, portanto, suplicando ao júri que, se achasse evidente a identidade de Jean Valjean, então lhe aplicasse as penas de polícia que puniam o condenado quando mudava de residência sem licença, e não o espantoso castigo que as leis impunham ao condenado reincidente.

O advogado-geral replicou ao defensor do acusado. Foi violento e cheio de floreios como costuma ser essa classe de advogados.

— É um homem dessa categoria, etc. etc., vagabundo, mendigo, sem meios de subsistência, etc. etc., acostumado pela sua vida passada às mais culpáveis ações, sobre quem a condenação às galés fez tão pouco efeito, como o prova o crime cometido contra o pequeno Gervais, etc. etc., é um homem que, encontrado na via pública em flagrante ação de roubo, a alguns passos do muro que acabava de saltar, tendo ainda nas mãos o objeto roubado, nega o roubo, a escalada; nega absolutamente tudo, nega até seu próprio nome, sua própria identidade! Além de muitíssimas outras provas sobre as quais não vamos insistir, quatro testemunhas o reconhecem: Javert, o íntegro inspetor de polícia Javert, e três dos seus antigos companheiros de ignomínia, os criminosos Brevet, Cheneldieu e Cochepaille! Nega tudo. Fareis justiça, senhores jurados, etc. etc.

Enquanto o delegado falava, o acusado ouvia de boca aberta, com uma espécie de espanto que não era isento de admiração. Estava surpreso de que um homem pudesse falar daquele modo. De tempos a tempos, nos momentos mais enérgicos da acusação, nos instantes em que a eloquência, não podendo conter-se, transborda num fluxo de epítetos

infamantes e envolve o acusado como uma tempestade, ele movia lentamente a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, numa espécie de protesto mudo e triste com que se contentara desde o começo do julgamento.

O advogado-geral chamou a atenção do júri para aquela atitude estúpida, evidentemente calculada, e que denotava não imbecilidade, mas esperteza, astúcia, hábito de iludir a Justiça, e que punha a descoberto a profunda perversidade daquele homem. Terminou fazendo reservas para o caso de Gervais e reclamando severa punição.

A pena era de trabalho forçado por toda a vida.

O defensor levantou-se, começou por cumprimentar o “senhor advogado-geral” por seu “magnífico discurso”, replicou como pôde, mas com menos firmeza; o terreno, evidentemente, desmoronava-se sob seus pés.

Negativas sistemáticas

Chegara o momento de terminar o julgamento. O presidente mandou que o réu se levantasse e perguntou:

— Tem alguma coisa a acrescentar à sua defesa?

O réu, de pé, amassando nas mãos seu enebado boné, pareceu não entender. O presidente repetiu a pergunta.

O homem dessa vez ouviu e indicou ter compreendido. Olhou em volta, o público, o seu advogado, os jurados e o presidente, apoiou o punho sobre a velha grade de madeira à sua frente e começou a falar. Parecia que todas as palavras saíam de uma só vez.

— O que eu tenho a dizer é que fui carroceiro em Paris, e esse trabalho é um inferno, você tem que ficar ao sol o tempo todo e no inverno se sente tanto frio que é preciso esfregar os braços, mas os patrões reclamam, porque dizem que se perde tempo com isso. Essas coisas dão cabo de um homem muito depressa. A gente envelhece depressa. Ainda tinha uma filha que trabalhava de lavadeira, ganhava alguma coisa e para os dois chegava. Também sofria, a coitada, sempre metida numa tina, com chuva, com neve, é preciso lavar sempre. Tem muita gente com pouca roupa, é preciso lavar depressa, senão perde o freguês. A minha filha vinha para casa às sete horas da noite, e sempre tão cansada que se deitava logo. O marido batia nela e ela morreu, sempre uma moça tão sossegada, que nunca ia a divertimento nenhum. Eu digo a verdade, é só perguntar, mas... Como sou burro! Paris é muito grande, quem é que conhece ali o senhor Champmathieu? Ainda assim, tem a casa do senhor Baloup. Eu trabalhei lá... Nem sei o que querem de mim aqui...

O homem calou-se e conservou-se de pé. Tinha dito todas essas coisas com uma voz alta, rouca e áspera, com uma espécie de ingenuidade irritada e selvagem. Quando ele acabou de falar, todo o auditório começou a rir. Olhando então para o público, e sem que

compreendes o motivo, ele riú também. Um espetáculo sinistro.

O presidente, homem honesto, lembrou aos jurados que o senhor Baloup havia sido convocado a testemunhar, mas como fora à falência, não pôde ser encontrado. Dirigindo-se depois ao réu, disse:

— Você está numa situação em que precisa refletir. Há suspeitas muito graves e que podem lhe trazer consequências gravíssimas. Então, pergunto ainda uma vez; explique-se claramente sobre estes dois fatos: em primeiro lugar, escalou ou não o quintal de Pierron, partiu um galho e roubou as maçãs, isto é, cometeu o crime de roubo com invasão de propriedade? Em segundo lugar, é ou não o condenado liberto Jean Valjean?

O acusado meneou a cabeça com o ar de quem compreendeu muito bem e que sabe o que vai responder. Abriu a boca, voltou-se para o presidente e disse:

— Primeiro...

Em seguida olhou para o boné, depois para o teto, e calou-se.

— Réu — disse o procurador com voz severa —, preste atenção: você não responde a nenhuma pergunta. A sua hesitação o condena. É evidente que não se chama Champmathieu, que é o condenado Jean Valjean, que se ocultou sob o nome de Jean Mathieu, que era o nome de sua mãe; que esteve no Auvergne e que nasceu em Faverolles, onde exercia a profissão de podador de árvores. É evidente que roubou algumas maçãs de Pierron. Tudo isto será levado em conta pelos senhores jurados.

O acusado levantou a voz quando o procurador terminou de falar e exclamou:

— Você é que é muito mau! Eu não roubei nada de ninguém, eu sou um homem que muitas vezes fico sem comer. Eu vinha de Ailly, e encontrei no chão um galho quebrado ainda com maçãs, e apanhei-o, muito longe de suspeitar que me causaria tantos problemas. Faz três meses que estou preso e que andam me arrastando para cima e para baixo. Mas o que eu posso dizer? Eu não roubei nada, apanhei o que estava no chão. Os senhores falam de Jean Valjean, Jean Mathieu! Eu não conheço esses homens, só sei que trabalhei na casa do senhor Baloup e me chamo Champmathieu. E ainda são muito espertos em dizer onde eu nasci, se nem eu mesmo sei! Estive em Auvergne, estive em Faverolles. Que tem isso? Então não se pode ter estado em Auvergne, nem em Faverolles, sem ter estado nas galés? Torno a dizer: eu sou Champmathieu, e não roubei nada de ninguém. Afinal, por que os senhores estão me perseguindo assim?

O procurador, então, se dirigiu ao presidente da corte:

— Tendo em vista as negativas confusas, mas extremamente hábeis do réu, que ainda que quisesse se passar por idiota não seria capaz de conseguir, por favor, chame de volta os condenados Brevet, Cochepaille e Cheneldieu, e o inspetor Javert, para sejam interrogados uma última vez sobre a identidade do réu com o condenado Jean Valjean.

— Devo observar — disse o presidente — que o inspetor Javert, chamado no exercício das suas funções, deu o seu depoimento e partiu.

— É justo, senhor presidente — tornou o procurador. — Mas, em vista da ausência do senhor Javert, devo recordar aos senhores jurados o que ele disse. Javert é um homem respeitado pela sua rigorosa e estrita probidade em suas funções. Eis o seu depoimento: “Não necessito de suposições morais e provas materiais que desmintam as negativas do acusado. Reconheço-o perfeitamente. Esse homem não se chama Champmathieu; é um

ex-condenado muito temido chamado Jean Valjean. Só foi solto ao fim de sua pena de dezenove anos de trabalhos forçados por um roubo qualificado. Além do roubo de Gervais e desse de Pierron, tenho ainda suspeitas de outro, cometido em casa do defunto bispo de Digne. Vi esse homem muitas vezes quando fui ajudante de guarda nas galés de Toulon”.

Essa declaração categórica pareceu produzir profunda impressão tanto no público como no júri.

Um momento depois, o condenado Brevet entrou na sala. O auditório estava em suspenso. Brevet vestia a roupa preta das prisões centrais e parecia um homem de negócios com ar de velhaco.

— Brevet — disse o presidente —, o senhor não pode prestar juramento porque sofreu uma sentença infamante. Ainda assim, reflita antes de responder: considere que, de um lado, há este homem que, com uma palavra sua, só pode perder; por outro lado, há a justiça, que uma palavra sua pode esclarecer. O momento é solene; se julga ter-se enganado, é tempo de se retratar. Acusado, levante-se. Brevet, observe-o bem, concentre as suas recordações e diga-nos se continua a reconhecer esse homem como Jean Valjean, outrora seu camarada nas galés.

Brevet olhou para o acusado e voltou-se para a mesa.

— Sim, senhor presidente. Fui eu o primeiro que o reconheci e insisto que é Jean Valjean, que foi para Toulon em 1796 e que saiu de lá em 1815. Eu saí um ano depois.

Trouxeram em seguida Cheneldieu, condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Estava cumprindo a sentença em Toulon, de onde fora trazido a Arras para ser testemunha neste processo. Era baixo, com mais ou menos 50 anos, vivo, enrugado, raquítico, amarelo, atrevido, febril, apresentando em todo o seu físico uma espécie de fraqueza doentia, e nos olhos uma força imensa.

O presidente fez as mesmas perguntas que fizera a Brevet. Cheneldieu soltou uma gargalhada.

— Ora essa! Se o reconheço! Ficamos cinco anos presos à mesma corrente. Está de mau humor, meu velho?

O gendarme trouxe Cochepaille. Esse outro condenado a prisão perpétua não era menos selvagem nem parecia menos estúpido do que o acusado. Foram feitas as mesmas perguntas que aos demais:

— É Jean Valjean — disse Cochepaille. — É o mesmo a quem chamavam *Jean-le-Cric*, tanta era a força que ele tinha!

O acusado escutara as afirmações dos três homens com um ar de espanto que, segundo a acusação, era o principal meio de defesa.

— Acusado, ouviu o que foi dito? O que tem a responder? — perguntou o presidente.

— Eu respondo, magnífico!

No mesmo momento rompeu no auditório um prolongado rumor, que quase se comunicou ao júri. Ficava claro que o homem estava perdido.

— Oficiais de Justiça, façam restabelecer o silêncio. Vou encerrar os debates.

Nesse momento, houve certo movimento ao lado do presidente e ouviu-se uma voz dizer:

— Brevet, Cheneldieu, Cochepaille! Olhem para este lado!

Todos os olhos se voltaram para o lado de onde ela partira. Um homem que se encontrava entre os espectadores privilegiados que tinham assento atrás do juiz levantara-se, empurrara a porta da grade e avançara para o meio da sala. O presidente, o delegado, o senhor Barmatabois, vinte pessoas que o reconheceram exclamaram:

— O senhor Madeleine!

Champmathieu cada vez mais admirado

Era Madeleine. Tinha o chapéu na mão e a sobrecasaca cuidadosamente abotoada. Estava muito pálido e tremia ligeiramente. Os cabelos, ainda grisalhos no momento em que chegara, agora estavam completamente brancos. Havia embranquecido em uma hora.

A voz que se ouvira fora tão pungente, o homem que se apresentara no meio da sala parecia tão tranquilo, que em princípio ninguém compreendeu nada. Ninguém podia acreditar que aquele homem de aspecto tão sossegado tivesse soltado o grito terrível.

Antes mesmo que o presidente e o procurador pudessem dizer uma palavra, o homem a quem todos ainda chamavam senhor Madeleine dirigiu-se a Cocheville, Brevet e Cheneldieu.

— Não me reconhecem? — perguntou ele.

Os três ficaram mudos e fizeram com a cabeça um sinal negativo. Madeleine voltou-se para os jurados e para o juiz e disse com voz suave:

— Senhores jurados, mandem soltar o acusado. Senhor presidente, mande-me prender: o homem que procuram não é ele, sou eu. Sou Jean Valjean.

Parecia que ninguém respirava. À primeira comoção de espanto sucedera esse silêncio sepulcral. Entretanto, o rosto do presidente apresentava uma expressão de simpatia e tristeza. Trocou um rápido sinal com o procurador e algumas palavras em voz baixa com os conselheiros assessores. Em seguida, dirigiu-se ao público e perguntou:

— Há por aí algum médico?

O procurador tomou a palavra:

— Senhores jurados, este incidente tão inesperado não me inspira, como aos senhores, senão um sentimento que não necessitamos expressar. Todos conhecem, ao menos pela reputação, o honrado e respeitável senhor Madeleine, prefeito de Montreuil-sur-Mer. Se no auditório se encontra algum médico, pedimos que se apreste a assistir o senhor Madeleine, acompanhando-o à sua residência.

Madeleine não deixou que ele acabasse de falar. Interrompeu-o num tom cheio de mansidão e de autoridade:

— Agradeço os seus bons desejos, mas não estou louco, como vou provar. Os senhores estavam a ponto de cometer um grave erro; soltem esse homem, eu sou quem deve ser

condenado. O que faço neste momento é compreendido por Deus, que me está vendo, e é quanto me basta. Podem prender-me. Eu fiz o que pude. Ocultei-me sob outro nome, enriqueci, tornei-me prefeito, quis de novo fazer parte de gente de bem. Mas isso agora me parece impossível. É verdade que roubei o senhor bispo, é ainda verdade que roubei o pobre Gervais. Tiveram razão em lhes dizer que Jean Valjean era um bandido da pior espécie. Talvez não tenha sido totalmente culpa dele. Ouçam, ilustres juízes! Um homem que foi tão humilhado como eu não tem nenhuma queixa a fazer à Providência, nem conselho algum a dar à sociedade; mas saibam que a infâmia da qual tentei escapar é uma coisa prejudicial; as galés fazem do condenado o que ele é; reflitam sobre isso, por favor. Antes de ir para as galés, eu era um camponês pobre, de pouca inteligência, um idiota; as galés provocaram uma mudança em mim. Eu era estúpido; tornei-me cruel, era lenha, tornei-me tição. Mais tarde, a indulgência e a bondade me salvaram, pois a severidade me arruinou. Encontrarão em minha casa, entre as cinzas da lareira, a moeda de quarenta soldos que roubei, há sete anos, do pequeno Gervais. Não tenho mais nada a acrescentar; levem-me. Bom Deus! O promotor balança a cabeça; você pensa, “Madeleine ficou louco!” porque você não acredita em mim! Isso é angustiante. Pelo menos não condene este homem! E esses homens não me reconhecem! Gostaria que Javert estivesse aqui; ele me reconheceria!

Em seguida, voltou-se para os três condenados: .

— Pois bem, eu reconheço você, Brevet! Não se lembra daqueles suspensórios de tecido xadrez que usava nas galés?

Brevet sentiu uma espécie de abalo de surpresa e olhou-o de alto a baixo. Madeleine continuou:

— Você, Cheneldieu, tem o ombro direito todo queimado porque um dia se deitou em cima dum braseiro para apagar as letras TFP, de Trabalhos Forçados Perpétuos, tatuadas ali... É verdade ou não é?

— É verdade — disse Cheneldieu.

Depois, dirigiu-se a Cochepaille:

— Cochepaille, você tem no braço esquerdo uma data em letras azuis. É a data do desembarque do imperador em Cannes: 1º de Março de 1815. Arregace a manga!

Cochepaille arregaçou a manga e todos os olhos fitaram o braço nu. Um gendarme aproximou uma vela: ali estava, de fato, a data.

Madeleine voltou-se para o público e para os juízes com um sorriso, o sorriso do triunfo, mas era também o do desespero.

— Bem — disse ele —, eu sou Jean Valjean.

Em todo o recinto já não havia juízes, nem acusadores, nem gendarmes; não havia senão olhos fixos num só ponto. Ninguém mais se lembrou do papel que tinha de desempenhar: o procurador esqueceu-se de que estava ali para acusar, o presidente para dirigir a audiência e o advogado para defender. Coisa extraordinária! Ninguém fez a mínima pergunta, não interveio autoridade alguma.

Não havia a menor dúvida de que ali estava Jean Valjean. Era claríssimo. A aparição desse homem fora suficiente para inundar de luz toda aquela questão, um momento antes tão obscura. Sem que fosse necessária a menor explicação, a multidão compreendera

rapidamente a simples e magnífica história de um homem que se denunciara para que em seu lugar não fosse condenado um inocente.

— Não desejo interromper vocês por mais tempo— disse Jean Valjean. — Vou embora, já que não querem me prender, pois tenho muito que fazer. Os senhores sabem quem eu sou e onde estou, e poderão me prender quando quiserem.

E dirigiu-se para a porta. Nunca ninguém soube quem abriu a porta, mas é certo que a achou aberta. Chegando ali, voltou-se para trás, dizendo:

— Senhor delegado, fico à sua disposição.

Depois dirigiu-se ao público:

— Todos me julgam digno de compaixão, não é verdade? Meu Deus, quando penso no que estive a ponto de fazer, sinto-me digno de inveja. Mas eu preferia que nada disto tivesse acontecido.

Ainda não havia decorrido uma hora quando o veredito do júri aliviou Champmathieu de todas as acusações. Champmathieu, posto em liberdade imediatamente, foi embora apalermado, achando que toda aquela gente era doida, e sem compreender coisa alguma do que tinha acontecido.

DESFORRA

O espelho em que Madeleine contempla os cabelos

O dia começara a raiar. Fantine passara uma noite com febre e insônia, mas ainda assim povoada de sonhos felizes. A irmã Simplicite, que durante toda a noite velara junto dela, aproveitou para ir preparar um calmante. A digna irmã estava no laboratório da enfermaria, curvada sobre as drogas e sobre os diferentes vidros, quando de repente voltou a cabeça e soltou um pequeno grito. Tinha diante de si o senhor Madeleine, que entrara silenciosamente.

— Ah! É o senhor prefeito! — exclamou ela.

Madeleine perguntou em voz baixa:

— Como está essa pobre mulher?

— Agora está menos mal. Mas ficamos bem inquietos...

Contou que Fantine ficara muito mal na véspera, mas que agora se sentia bem porque achava que o prefeito tinha ido buscar Cosette. A irmã não ousou interrogar o prefeito, mas percebeu que não era de lá que ele vinha...

— Fizeram muito bem em não a desiludir — disse ele.

— Sim — tornou a irmã. — Mas vendo-o agora e sabendo que não trouxe a filha, que vamos dizer?

Madeleine pensou um instante e depois respondeu:

— Deus vai nos inspirar.

— Seja como for, não se deve mentir — murmurou a irmã em voz baixa.

Quando ela ergueu os olhos e olhou para o rosto dele, exclamou:

— Jesus! Que foi que lhe aconteceu? Seus cabelos estão todos brancos!

— Brancos?! — disse ele.

A irmã Simplicite tirou um espelhinho do estojo da enfermaria usado pelo médico e entregou a Madeleine, que viu seu reflexo e disse:

— Brancos!

Essa palavra foi dita com indiferença e como se ele estivesse pensando noutra coisa.

— Posso vê-la? — perguntou Madeleine.

— Mas o senhor prefeito não vai mandar buscar a filha? — disse a irmã, ousando arriscar-se a uma pergunta.

— Sem dúvida, mas para isso são necessários dois ou três dias.

— Então, se ela até lá não vir o senhor prefeito — tornou timidamente a irmã —, não

saberá que já voltou e ficará mais fácil ter paciência; quando a criança chegar, pensará que foi o senhor quem a trouxe. Deste modo não haverá mentiras.

Madeleine pareceu refletir um instante, depois disse com gravidade:

— Não, irmã, preciso vê-la. Talvez não possa me demorar.

A religiosa pareceu não notar a palavra *talvez* e respondeu respeitosamente, baixando os olhos:

— Ela está descansando, mas o senhor prefeito pode entrar.

Madeleine entrou no quarto onde Fantine dormia. A respiração saía do peito com o ruído trágico próprio daquelas doenças, mas havia uma espécie de serenidade espalhada em todo o rosto e que a transfigurava enquanto dormia. Toda ela tremia como que um abrir de asas prestes a levantar voo e a levá-la, asas que pareciam se agitar, mas que não se viam. Quem a visse assim não poderia acreditar que era uma enferma quase sem esperança. Parecia mais alguém que iria voar do que alguém que iria morrer.

Madeleine ficou de pé junto ao leito, contemplando ora a doente, ora o crucifixo na parede. Fantine abriu os olhos e, ao vê-lo ali, disse-lhe, sorrindo com serenidade:

— E Cosette?

Fantine feliz

Fantine não fez um só movimento de surpresa nem de alegria. Aquela simples pergunta, *E Cosette?*, foi feita com uma fé tão profunda, com tanta certeza, com ausência de inquietação e de dúvida, que Madeleine não achou uma única palavra para responder.

Fantine continuou:

— Eu já sabia que o senhor se encontrava aí, estava dormindo, mas o via muito bem. Eu o segui com os olhos toda a noite. O senhor estava no centro de uma auréola brilhante e tinha em volta de si toda espécie de figuras celestes.

Madeleine ergueu os olhos para o crucifixo.

— Mas — continuou ela —, diga-me, onde está Cosette? Por que não a pôs sobre a cama, para que eu a visse assim que acordasse?

Madeleine respondeu-lhe qualquer coisa, mas felizmente chegou o médico, que havia sido prevenido e que veio em auxílio de Madeleine.

— Sossegue, minha filha. A menina está ali.

Os olhos de Fantine iluminaram-se e inundaram de luz todo o rosto.

— Oh! Tragam-na aqui! — exclamou ela.

— Ainda não, a senhora ainda tem febre e precisa se curar primeiro.

Fantine interrompeu:

— Mas eu já estou boa! Eu sei que não tenho nada! Então... Quero ver minha filha!

— Enquanto estiver nesse estado não vou permitir que veja a menina. Não basta vê-la,

é preciso que viva para ela. Quando estiver mais calma, eu mesmo a trarei.

A pobre mãe abaixou a cabeça.

— Perdoe-me, doutor, peço-lhe que me perdoe. Eu esperarei quanto quiser, mas juro que não me faria mal vê-la. Pois não é natural que eu deseje ver a minha filha, a quem foram buscar em Montfermeil? Eu não estou zangada. Tenho certeza de que vou ser feliz. Quando virem que estou muito tranquila, verão que não foram os remédios, mas a presença da minha filha.

Madeleine sentou-se numa cadeira que estava ao lado da cama, Fantine voltou-se para ele, fazendo visíveis esforços para parecer tranquila e prudente, a fim de que, vendo-a tão calma, não tivessem dificuldade em lhe trazerem Cosette. Porém, mesmo contendo-se, não conseguia deixar de dirigir a Madeleine intermináveis perguntas:

— Foi boa a sua viagem, senhor prefeito? Que bondade a sua em ir buscá-la! Diga-me como ela está. Veio bem pelo caminho? Depois de tanto tempo, acho que se esqueceu de mim, pobre anjinho! As crianças não têm boa memória, são como os passarinhos. E ela tem roupa branca? Os Thénardier a mantinham limpa? Alimentavam-na bem? Estou muito alegre, senhor prefeito! Como eu desejo vê-la! Não é bonita a minha filha?

Madeleine pegou-lhe na mão.

— Cosette é bonita — disse ele — e passa bem. Irá vê-la em breve, mas por agora sossegue. Está falando muito e ainda por cima descobre os braços, o que faz aumentar a tosse.

A tosse a interrompia a cada momento.

Fantine nada retrucou, achando ter comprometido a confiança que queria inspirar, e pôs-se a dizer coisas indiferentes.

— Montfermeil é tão bonita, não é mesmo? No verão muita gente vai passear por lá. Os Thénardier têm muitos fregueses na taverna?

Madeleine segurava-lhe a mão e a olhava com visível ansiedade; era evidente que tinha vindo para dizer-lhe coisas e que hesitava. O médico já havia se retirado e somente irmã Simplicie continuava ali.

Súbito, em meio àquele silêncio, Fantine gritou:

— Eu estou ouvindo a voz dela! Estou ouvindo!

Havia uma criança brincando no pátio; a filhinha de alguma operária. A criança — era uma menina — ia e vinha, correndo para se aquecer, rindo e cantando em voz alta. Era a voz dela que Fantine escutava.

— Oh! — continuou — é a minha Cosette! Conheço bem a voz dela!

A criança afastou-se e a voz deixou de ser ouvida. Fantine escutou ainda por algum tempo, depois o rosto anuviou-se. Com a cabeça no travesseiro, continuou a falar:

— Como nós vamos ser felizes! Em primeiro lugar teremos um jardimzinho, o senhor Madeleine prometeu. A minha filha vai brincar no jardim. Ela já deve saber ler. Como vou gostar de vê-la correndo atrás das borboletas! Quando ela irá à primeira comunhão? Oh, boa irmã, então não sou doida?! Pensar já na primeira comunhão da minha filha!

E, dizendo isso, começou a rir.

Madeleine largara a mão de Fantine. Escutava o que ela dizia como se escuta o sibilar do vento, com os olhos no chão e o espírito mergulhado em reflexões. A pobre mãe calou-

se de repente, o que o fez erguer a cabeça. Fantine parecia horrível.

Não só não falava, mas parecia nem respirar, estava quase sentada na cama, o rosto antes radiante agora estava lívido e os olhos estavam focados em algo terrível do outro lado do quarto.

— Bom Deus! — exclamou Madeleine. — O que você tem, Fantine?

Ela não respondeu, nem deixou de olhar na direção da porta. Fantine tocou os braços do prefeito e fez sinal para que ele olhasse para trás.

Madeleine voltou-se e viu Javert.

Javert satisfeito

Foi isso o que aconteceu.

Logo que chegou a Montreuil-sur-Mer, a primeira providência de Madeleine foi postar a sua carta para o banqueiro e em seguida dirigir-se à enfermaria para ver Fantine.

Mas, assim que saiu do tribunal, o procurador tomou a palavra para deplorar o ato de loucura do respeitável prefeito de Montreuil-sur-Mer, declarando que as suas convicções em nada tinham sido abaladas por aquele incidente, que mais tarde se esclareceria, e pediu a condenação de Champmathieu, que era evidentemente o verdadeiro Jean Valjean. Por seu lado, o advogado teve pouco trabalho para refutar essa arenga e estabelecer que, depois das revelações do senhor Madeleine, isto é, do verdadeiro Jean Valjean, o processo estava completamente prejudicado e o júri tinha diante de si um inocente. O presidente concordou, e logo Champmathieu era plenamente absolvido.

Como o promotor precisava de um Jean Valjean, escapando-lhe Champmathieu, lançou mão de Madeleine. Era preciso que a Justiça seguisse seu curso.

A ordem de prisão foi logo expedida; Javert tinha acabado de se levantar quando o correio lhe entregou o mandato de prisão.

Quem não conhecesse Javert e o visse no momento em que entrou na enfermaria não poderia adivinhar o que se passava. Ele estava tranquilo, frio, e subira a escada vagarosamente, como costumava fazer. Mas quem o conhecesse bem e o examinasse atentamente teria estremecido. A fivela da sua gravata, em vez de estar na nuca, estava ao pé da orelha esquerda, sinal de agitação.

Chegando ao quarto de Fantine, Javert empurrou a porta, com o cuidado de um enfermeiro ou de um espião, e entrou. Ficou de pé na porta com o chapéu puxado sobre os olhos e a mão esquerda enfiada na casaca abotoada até o queixo. Na dobra do cotovelo, podia-se perceber o castão de chumbo da enorme bengala, que trazia sempre escondida.

Ficou assim durante quase um minuto, sem que notassem a sua presença. De repente, Fantine levantou os olhos, viu-o e fez com que Madeleine se virasse.

No mesmo instante em que o olhar de Madeleine se encontrou com o de Javert, este

estava com a expressão exata do demônio que consegue reencontrar o condenado que lhe pertencia. A certeza de ter Jean Valjean finalmente em suas mãos fez aparecer em sua fisionomia tudo o que ele tinha na alma. O fundo remexido subiu à tona. A humilhação de ter perdido a pista por algum tempo, de ter se enganado com Champmathieu, quebrava-se sob o peso do orgulho de ter adivinhado tão bem desde o princípio e de ter, havia tanto tempo, um instinto tão infalível.

Nesse momento Javert estava no céu. Sem que pudesse perceber claramente, ele personificava a justiça, a luz e a verdade em sua função celeste de destruir o mal. A impiedosa alegria honesta de um fanático em plena atrocidade conserva um brilho lugubrememente venerável. Javert, em sua felicidade, era digno de lástima, como todo ignorante que triunfa. Não havia nada tão pungente e terrível como aquela figura em que se mostrava o que poderíamos chamar de a maldade do bem.

A autoridade reafirma os seus direitos

Fantine não vira Javert desde o dia em que o prefeito a livrara dele. O seu cérebro enfermo não compreendeu coisa alguma, apenas tinha certeza de que ele viera lhe buscar. Não pôde suportar a horrorosa aparição, sentiu-se expirar, e gritou com a maior aflição:

— Salve-me, senhor Madeleine!

Jean Valjean (daqui por diante não o chamaremos de outro modo) levantara-se. Ouvindo a exclamação de Fantine, voltou-se para ela e disse com a maior doçura:

— Não tenha receio. Não foi por sua causa que ele veio aqui.

Depois, dirigindo-se a Javert: — Já sei o que o senhor quer.

Javert retorquiu:

— Vamos, depressa!

Essas palavras foram acompanhadas por uma inflexão em que havia qualquer coisa de selvagem e frenético. Não foram palavras humanas, foi um rugido.

Não agiu como era costume, não disse para o que viera, não exibiu o mandado de prisão. Para ele, Jean Valjean era um inimigo misterioso e inatingível, um lutador tenebroso que ele combatia havia cinco anos sem que nunca tivesse podido derrubá-lo.

Essa prisão não era um começo, mas um fim. Limitou-se, pois, a dizer: “Vamos, depressa!”.

Falando desse modo, lançou a Jean Valjean esse olhar que ele lançava como um arpão e com o qual costumava puxar para si todos os miseráveis. Era o mesmo olhar que Fantine, dois meses antes, sentira que penetrava até a medula dos ossos. Ao grito de Javert, Fantine abriu novamente os olhos. Mas o prefeito estava junto dela, o que poderia temer?

Javert avançou até o meio do quarto e gritou:

— Então, apresse-se!

A pobrezinha estremeceu. Em seguida, viu uma coisa como nunca lhe aparecera nos mais negros delírios da febre. Viu o inspetor Javert segurar o prefeito pela gola do casaco e este curvar a cabeça. Pareceu a ela que o mundo se acabava.

— Senhor prefeito! — gritou Fantine.

Javert desatou a rir:

— Aqui não há mais nenhum prefeito!

Jean Valjean não tentou livrar-se da mão que o segurava e disse:

— Javert...

Javert interrompeu-o:

— Chame-me de senhor inspetor!

— Eu queria lhe dizer uma palavra em particular, senhor inspetor.

— Fale alto, fale alto! — respondeu Javert. — Comigo não se fala em particular.

Jean Valjean continuou, baixando a voz:

— É um pedido que quero lhe fazer...

— Já disse que fale alto.

— Mas o que eu tenho a dizer só deve ser ouvido pelo senhor.

— Que me importa isso? Não tenho que ouvir nada!

Jean Valjean voltou-se para ele e disse-lhe rapidamente em voz baixa:

— Dê-me três dias! Três dias para ir buscar a filha desta infeliz mulher! Pagarei o que for preciso! Venha comigo, se quiser.

— Você está brincando — exclamou Javert. — Não pensei que fosse tão estúpido! Quer três dias para poder escapar! Diz que é para ir buscar a filha dessa criatura! Mas isso é muito bom! Formidável!

Fantine estremeceu.

— A minha filha! — exclamou ela. — Ir buscar a minha filha! Então ela não está aqui?! Diga-me, irmã, onde está Cosette? Senhor Madeleine, senhor prefeito, quero a minha filha!

Javert bateu com o pé no chão.

— Agora é a outra! Vê se cala a boca, vagabunda! Que diabo de terra é esta em que os condenados são magistrados e as meretrizes tratadas como condessas! Mas tudo isso vai acabar e já não era sem tempo!

Então, encarou Fantine e acrescentou, tornando a segurar Jean Valjean:

— Já disse que aqui não há nenhum Madeleine, nem senhor prefeito. O que temos aqui é um ladrão, um assassino, um ex-condenado chamado Jean Valjean, o qual não escapa de minhas mãos!

Fantine levantou-se, sobressaltada, e, apoiada nos braços rígidos, olhou para Jean Valjean, para Javert, para a religiosa, abriu a boca como quem vai falar; mas saiu-lhe da garganta um gemido; os dentes bateram; depois, caiu pesadamente sobre o travesseiro. Sua cabeça bateu contra a cabeceira da cama e dobrou-se sobre o peito, com a boca aberta, os olhos arregalados e fixos.

Estava morta.

Jean Valjean abriu a mão de Javert como se fora a mão de uma criança, e disse:

— O senhor matou essa mulher.

— Acabe com isso! — gritou Javert furioso. — Não estou aqui para ouvir conversas. Vamos andando, senão mando algemá-lo.

Num canto do quarto havia uma velha cama de ferro em péssimo estado. Jean Valjean aproximou-se desse leito, deslocou a cabeceira num piscar de olhos, coisa fácil para músculos como os seus, agarrou a barra mais grossa e olhou para Javert, que recuou até a porta.

Jean Valjean, com a barra de ferro na mão, dirigiu-se vagarosamente para a cama de Fantine. Voltou-se para Javert e disse-lhe com uma voz que mal se ouviu:

— Não o aconselho a que me perturbe neste momento.

Então, apoiou o cotovelo na cabeceira do leito, pôs a mão à testa e contemplou assim o corpo imóvel de Fantine. Em sua fisionomia, em toda a sua atitude, só havia uma coisa: piedade. Depois de alguns instantes de reflexão, inclinou-se para Fantine e falou-lhe em voz baixa.

Que terá dito? O que poderia dizer um homem condenado àquela mulher morta? Que palavras terá usado? Ninguém pôde ouvir. A irmã Simplicie, única testemunha de tudo que se passou, contou muitas vezes que, no momento em que Jean Valjean falava aos ouvidos de Fantine, percebeu um sorriso estender-se sobre os lábios pálidos e as pupilas vidradas da morta.

Jean Valjean tomou entre as mãos a cabeça de Fantine e acomodou-a sobre o travesseiro, como qualquer mãe faria a um filho; depois, amarrou-lhe os cordões da blusa e arrumou-lhe os cabelos dentro da touca. Feito isso, fechou-lhe os olhos.

O rosto de Fantine, naquele instante, parecia estranhamente iluminado. A morte é a entrada na grande luz.

A mão de Fantine pendia para fora da cama, Jean Valjean ajoelhou-se, levantou-a timidamente e beijou-a. Em seguida ergueu-se e voltou-se para Javert, dizendo:

— Agora estou às suas ordens.

Um túmulo adequado

Javert conduziu Jean Valjean à cadeia da cidade.

A prisão de Madeleine produziu uma comoção extraordinária. Quando se ouviu que ele era “um ex-condenado”, todo o bem que fizera foi esquecido em menos de duas horas. Durante todo o dia não se ouviram senão conversas como esta:

— Então não sabem? Era um antigo condenado a trabalhos forçados!

— Quem?

— O prefeito.

— O senhor Madeleine?

— Ele não se chamava Madeleine, tem um nome esquisito, Béjan, Bojean ou Boujean.

— Já está preso!
— Preso!
— Está na cadeia da cidade, esperando que o transfram.
— Tem de ser julgado por um roubo de estrada que cometeu há anos.
— Eu sempre desconfiei de alguma coisa. Era um homem perfeito demais, ele dava dinheiro a todos os meninos vadios que encontrava. Sempre achei que havia alguma coisa estranha por trás de tudo aquilo.

Em toda a cidade, apenas três ou quatro pessoas se conservaram fiéis à sua memória. A velha porteira que o servia fazia parte desse pequeno grupo.

Na noite daquele mesmo dia, a idosa porteira estava sentada, refletindo tristemente sobre o ocorrido. A fábrica estivera fechada durante todo o dia, a rua estava deserta. Não havia em toda a casa mais ninguém além das duas religiosas, Perpétua e Simplicie, que estavam velando o corpo de Fantine.

Na hora em que Madeleine costumava recolher-se, a porteira levantou-se, tirou de uma gaveta a chave do quarto do prefeito e o castiçal que ele usava para subir ao quarto, depois pendurou a chave no prego onde ele costumava encontrá-la, e colocou o castiçal ao lado, como se o esperasse. Em seguida, tornou a sentar-se e continuou a meditar.

Nesse momento, o vidro da janela se abriu, uma mão passou pela abertura, pegou a chave e acendeu a vela no castiçal.

Era o senhor Madeleine.

— Jesus, senhor prefeito! — exclamou ela. — Pensei que o senhor estivesse...

Jean Valjean completou a frase:

— Na cadeia — disse ele. — Ali estava, mas quebrei um ferro da janela, pulei de um telhado e estou aqui. Vou ao meu quarto, vá chamar a irmã Simplicie, que decerto está velando a pobre infeliz.

A velha obedeceu prontamente.

Jean Valjean foi ao seu quarto e olhou em volta. Não havia sinal algum da desordem da última noite. A porteira arrumara tudo. Somente colocara sobre a mesa as duas pontas de metal de seu cajado e a moeda de quarenta soldos, enegrecida pelo fogo, coisas que encontrara no meio das cinzas da lareira.

Pegou uma folha de papel e escreveu: *“Aqui estão as duas pontas do cajado e a moeda de quarenta soldos, roubada ao pequeno Gervais, da qual falei no tribunal”*. Colocou sobre o papel a moeda de prata e os dois pedaços de metal, de tal modo que fossem a primeira coisa que vissem ao entrar no quarto. Tirou de um armário uma camisa velha e rasgou-a. Com esses trapos embrulhou os dois castiçais de prata. Nisso, bateram duas vezes à porta. Era a irmã Simplicie.

Estava pálida, tinha os olhos vermelhos e o castiçal que trazia na mão tremia.

— Minha irmã, faça o favor de mandar entregar isto ao vigário.

O papel estava desdobrado. A irmã lançou-lhe os olhos e ele disse:

— Pode ler.

A religiosa leu:

“Rogo ao senhor vigário que tome conta de tudo quanto deixo nesta cidade. Com meu

dinheiro, pagará as culpas do meu processo e o sepultamento da mulher que hoje morreu aqui. O resto deve ser distribuído aos pobres”.

A irmã quis falar, mas só pôde balbuciar alguns sons inarticulados. Mas ainda conseguiu dizer:

— Então o senhor não deseja ver pela última vez a pobre criatura?

— Não — disse ele —, andam já em minha perseguição, e se me prendessem no seu quarto, isso poderia perturbá-la.

Tinha apenas pronunciado essas palavras quando se ouviu grande barulho na escada. Era um tumulto de muitos passos subindo e a voz da porteira dizendo o mais alto que podia:

— Juro que não entrou aqui ninguém durante todo o dia, nem em toda a noite, não saí da porta nem um instante!

A isto uma voz de homem respondeu:

— E como explica a luz nesse quarto?

Jean Valjean e a irmã Simplicie reconheceram a voz de Javert. Como o quarto fora construído de modo que a porta, ao abrir-se, escondia o recanto da parede do lado direito, Jean Valjean apagou a vela e escondeu-se nele.

A irmã Simplicie caiu de joelhos ao pé da mesa.

A porta abriu-se e Javert entrou.

No corredor ouviu-se o cochichar de muitos homens e a voz da porteira, que continuava a protestar que não tinha entrado ninguém.

A religiosa, rezando, não se mexeu, nem sequer ergueu a vista.

A vela estava sobre a lareira e a claridade era mínima.

Javert viu a irmã e parou espantado.

Para Javert, a autoridade eclesiástica era a primeira de todas. Era religioso, superficial e correto sobre esse ponto, como em todos os demais. A seus olhos, um padre era um espírito que jamais se engana e uma religiosa, uma criatura isenta de pecados. Eram almas isoladas do mundo e com uma única porta que se abria apenas para a verdade.

Ao ver a Irmã, seu primeiro movimento foi o de retirar-se. Mas havia um outro dever que o empurrava no sentido contrário. Seu segundo movimento foi o de continuar ali e arriscar-se a fazer ao menos uma pergunta.

Ali estava a irmã Simplicie, que jamais, em toda a sua vida, havia dito uma mentira. Javert o sabia, por isso mesmo a tinha em grande consideração.

— Irmã, estava sozinha neste quarto?

Seguiu-se um momento terrível de expectativa, e a velha porteira sentiu que ia desfalecer. A irmã respondeu:

— Estava.

— Sendo assim — tornou Javert —, desculpe-me a insistência, é o meu dever, não vii esta noite uma pessoa, um homem que se evadiu e que nós procuramos, esse tal Jean Valjean, não o viu?

— Não — respondeu a irmã.

E mentiu. Mentiu duas vezes seguidas, sem hesitar, com a rapidez da dedicação.

— Queira desculpar-me — disse Javert; e saiu, fazendo um cumprimento.

Santa mulher! Que esta mentira lhe seja recompensada no paraíso! A resposta da irmã foi para Javert tão decisiva que ele nem chegou a reparar na vela apagada e ainda fumegante que estava sobre a mesa.

Uma hora depois, um homem, caminhando pelo meio das árvores e do nevoeiro, afastava-se rapidamente de Montreuil-sur-Mer na direção de Paris. Era Jean Valjean. Ficou provado, pelo testemunho de dois ou três carroceiros que o viram na estrada, que ele carregava um pequeno embrulho e usava uma blusa. Onde a teria encontrado? Ninguém sabe. Alguns dias antes, morrera na enfermaria da fábrica um velho operário que nada deixara, além de uma blusa. Talvez fosse essa.

Uma última palavra a respeito de Fantine. Todos nós temos uma mãe comum, a terra. Fantine foi devolvida a essa mãe.

O vigário julgou que agia corretamente, reservando para os pobres a maior quantia que pudesse do dinheiro que Jean Valjean lhe deixara. No fim das contas, de quem se tratava? De um condenado e de uma meretriz. Essa foi a razão pela qual simplificou o enterro de Fantine, reduzindo-o ao estritamente necessário, à vala comum.

Fantine, portanto, foi enterrada na parte gratuita do cemitério, propriedade de todos e de ninguém, onde se perdem os pobres. Felizmente, Deus sabe onde reencontrar as almas. Quando a enterraram no meio dos primeiros ossos que apareceram, já estava escuro; passou para a promiscuidade das cinzas. Seu túmulo assemelhou-se ao seu leito.

SEGUNDA PARTE

Cosette

WATERLOO

O que se encontra no caminho de Nivelles

Em maio de 1861, um viajante a pé seguia pela estrada que liga Nivelles a La Hulpe. À beira da estrada, do lado direito, ficava uma estalagem, com uma carroça de quatro rodas à porta, uma pilha de galhos secos ao lado de uma sebe e uma escada deitada ao comprido de um alpendre velho, fechado por um tapamento de palha.

Estava um lindo dia de sol; sobre uma grande árvore, cujos ramos rumorejavam com esse sussurro mal distinto, que mais parece vir dos ninhos que do vento, um passarinho, provavelmente apaixonado, gorjeava no alto.

O viajante curvou-se e pôs-se a examinar uma escavação circular bastante grande, semelhante ao alvéolo de uma esfera. No mesmo instante, a porta se abriu e saiu uma aldeã, que, ao ver o viajante e percebendo o que ele estava examinando, disse-lhe:

— Foi uma bala de canhão francesa que fez isso. — E depois acrescentou: — O que se vê ali em cima, perto daquele prego, é o buraco de uma grande bala do tamanho de um ovo, que não chegou a atravessar a madeira.

— Como se chama este lugar? — perguntou o viajante.

— Hougomont — disse a aldeã.

O viajante endireitou-se, deu alguns passos e pôs-se a olhar por cima das sebes, de onde, por entre as árvores que se destacavam no horizonte, avistou um montículo, e sobre ele aquilo que de longe parecia um leão.

Estava no campo da batalha de Waterloo.

Hougomont

Hougomont foi um lugar fúnebre, o começo do obstáculo, a primeira resistência encontrada em Waterloo que se opôs ao grande lenhador da Europa, que se chamava Napoleão.

Era um palácio acastelado, agora é apenas uma granja. Se Napoleão pudesse ter conquistado esse canto de terra, onde hoje passeiam galinhas e perus, talvez lhe desse a

conquista do mundo inteiro.

Hougomont, vista num mapa, parece um retângulo irregular do qual fosse cortado um ângulo. Aí é que está a porta meridional que dá para o castelo, escondido bem atrás de suas arcadas. Napoleão mandou contra Hougomont seu irmão, Jerônimo, mais três divisões que foram praticamente aniquiladas.

O tumulto das batalhas ainda é sentido entre esses muros; o horror ainda é bem visível; sente-se ali a vida e a morte; tudo aconteceu ontem mesmo. Os ingleses construíram barricadas; os franceses conseguiram entrar, mas não puderam manter-se ali. O castelo serviu como torre; a capela, como trincheira. Ali os inimigos se exterminaram mutuamente. Os franceses foram alvejados por todos os lados, por trás dos muros, do alto dos celeiros, do fundo dos subterrâneos, de todas as janelas e respiradouros, por todas as fendas das pedras.

Ao sair da capela, vê-se um poço. Por que não tiram mais água desse poço? Porque está repleto de esqueletos. Depois da batalha, todos tiveram pressa em enterrar os cadáveres. A morte tem sua maneira peculiar de perseguir o vencedor, fazendo acompanhar a glória pela peste. O tifo faz parte do triunfo. O poço era fundo; fizeram dele um sepulcro. Aí foram jogados trezentos mortos; talvez, com muita pressa. Estariam todos mortos? A lenda diz que não. Parece que, na noite que se seguiu ao sepultamento, ainda se ouviam pedidos de socorro saindo do fundo.

Uma porta dá para o pomar, dividido em três partes: um jardim, o pomar e um bosque. Foi nesse jardim, que fica em nível mais baixo que o pomar, que seis soldados do primeiro regimento de infantaria ligeira, tendo ali penetrado e não podendo mais sair, apanhados e encurralados como urso na sua cova, travaram combate com duas companhias inimigas. Eles atiravam de cima, e os soldados, apenas seis contra cerca de duzentos, levaram um quarto de ora para serem derrotados.

Sobem-se alguns degraus e passa-se do jardim para o pomar propriamente dito.

Ali caíram mortos mil e quinhentos homens em menos de uma hora. A parede parece prestes a recomeçar o combate. Ali existem ainda as trinta e oito seteiras, abertas pelos ingleses a alturas irregulares. As seteiras situam-se todas no muro sul, porque dali é que vinha o ataque principal. Esse muro, pela parte de fora, é disfarçado por uma sebe; os franceses atacaram pensando não encontrar mais que uma cerca viva. Eles encontraram o muro e uma emboscada, com os soldados ingleses entrincheirados, as trinta e oito seteiras fazendo fogo ao mesmo tempo, uma tempestade de balas e metralhas. Assim desapareceu a brigada Soye. Waterloo começou aí.

Um rio de sangue inglês, alemão e francês misturados, um poço atulhado de cadáveres, regimentos inteiros destruídos, soldados mutilados, três mil mortos naquela mansão solitária, degolados, fuzilados, queimados.

O 18 de Julho de 1815

Voltemos para o ano de 1815.

Se na noite de 17 para 18 de junho de 1815 não tivesse chovido, o futuro da Europa teria sido diferente. Algumas gotas de água a mais ou a menos venceram Napoleão.

A batalha de Waterloo não pôde começar senão às onze e meia da manhã, o que deu tempo para Blucher chegar. Por quê? Porque a terra estava molhada e foi preciso que o solo secasse para que a artilharia pudesse manobrar.

Napoleão era oficial de artilharia e todos os seus planos de batalha se baseavam em fazer convergir a artilharia sobre um determinado ponto; isso era a chave da vitória. Ele tratava a estratégia do inimigo como uma cidadela, e atacava-a até rompê-la. Avançava sobre o ponto fraco com a metralha; atava e desatava as batalhas com o tiro dos canhões. Era esmagar batalhões, pulverizar regimentos, romper linhas, triturar e atacar, bater sem descanso, tarefa confiada aos projéteis dos canhões. Um método temível que, aliado ao gênio, o tornou invencível durante quinze anos.

No dia 18 de junho de 1815, contava mais uma vez com a artilharia porque tinha muito mais canhões que Wellington. O inglês dispunha apenas de cento e cinquenta e nove bocas de fogo; Napoleão tinha duzentas e quarenta.

Ele imaginava que com o solo seco e a artilharia com liberdade de ação, a batalha começaria às seis da manhã. Às duas horas já estaria terminada e ganha. Que culpa cabe a Napoleão na perda dessa batalha? O naufrágio pode ser imputado ao piloto?

Não pensamos assim.

Seu plano de batalha era, segundo a opinião de todos, uma obra-prima. Ir direto ao centro da linha aliada, abrir uma brecha na frente inimiga, dividi-la em dois, impelir a metade britânica para Hal e a metade prussiana para Tongres; transformar Wellington e Blücher em duas coisas insignificantes; conquistar Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxelas, lançar o alemão no Reno e o inglês no mar. Tudo isso tinha sido calculado por Napoleão para essa batalha.

Segundo a nossa opinião, uma sequência de acasos domina os dois capitães de Waterloo; e quando se trata de destino, esse misterioso culpado, nós julgamos como o povo, esse juiz ingênuo.

A

Quem quiser fazer uma ideia clara da batalha de Waterloo não precisa mais do que imaginar um A maiúsculo deitado no chão. A perna esquerda do A é a estrada de Nivelles, a direita é a de Genappe e a corda do A, a depressão de Ohain a Braine-l'Alleud. O vértice do A é o Mont-Saint-Jean, onde está Wellington; a extremidade inferior do lado esquerdo, Hougomont, onde está Jerônimo Bonaparte; a outra extremidade inferior é a Belle Alliance, onde está Napoleão. No meio dessa corda situa-se o ponto onde se decidiu a

batalha.

Dois exércitos inimigos num campo de batalha são dois lutadores. É uma luta corpo a corpo, um tentando derrubar o outro. Aproveita-se de tudo; um arbusto torna-se ponto de apoio; o ângulo de uma parede é trincheira; por falta de uma proteção, um regimento cede terreno; uma depressão do lugar, um atalho no momento certo, um bosque ou um barranco podem prender os pés desse exército, impedindo-o de recuar. Quem sai do campo está vencido. Daí a necessidade de o general examinar o menor grupo de árvores e avaliar o mínimo relevo.

Os dois generais tinham estudado com toda a atenção a planície de Mont-Saint-Jean, chamada hoje de Waterloo. Wellington examinara-a no ano precedente, com previdente sagacidade, como local onde iria ocorrer uma grande batalha. Nesse dia de 18 de junho, ele estava com vantagem. O Exército inglês estava no alto e Napoleão, no ponto mais baixo.

O lado obscuro das batalhas

Todos conhecem a primeira fase dessa batalha; o seu começo foi incerto, vacilante, ameaçador para os dois exércitos, mais para os ingleses do que para os franceses.

Chovera a noite toda, a terra estava encharcada, e aqui e ali se viam poças fundas e cheias de água; as rodas das carroças afundavam até os eixos. A ação começou tarde, porque Napoleão costumava segurar a artilharia como se fosse uma pistola na mão, ora apontando para um ponto, ora para outro. Ele preferiu esperar até que as carretas que conduziam as peças pudessem rodar livremente; mas para isso era preciso que aparecesse o sol e secasse a terra, e o sol não apareceu. Quando se ouviu o primeiro tiro de canhão, o general inglês Colville olhou para o relógio e constatou que eram onze horas e trinta e cinco minutos.

A luta começou com fúria, talvez até com mais fúria do que desejava Napoleão, no caso da ala esquerda francesa, em seu ataque a Hougomont. Ao mesmo tempo, Napoleão atacou o centro.

Há, porém, uma circunstância a notar: na infantaria inglesa, e especialmente na brigada de Kempt, havia grande número de recrutas, que foram muito valentes. Apesar da sua inexperiência, saíram-se muito bem nessa prova; sobretudo fizeram um excelente trabalho de atiradores. O soldado atirador, quase que entregue a si mesmo, torna-se, por assim dizer, o seu próprio general, e esses recrutas deram mostra de alguma coisa própria da invenção e da fúria dos franceses.

Após a tomada de Haie-Sainte, a batalha começou a vacilar. E, à tarde, a batalha se definiu.

Quatro horas da tarde

Pelas quatro horas, a situação do Exército inglês era grave.

A batalha, para Wellington, tinha dois pontos de apoio, Hougomont e Haie-Sainte. Hougomont ainda se sustentava, mas estava em chamas; Haie-Sainte já tinha sido tomada. De todo o batalhão alemão que a defendia, apenas quarenta e dois homens ainda estavam com vida; todos os oficiais, com exceção de cinco, tinham sido mortos ou presos. Três mil combatentes foram massacrados nessa granja. Os escoceses não existiam mais; os intrépidos dragões de Ponsonby estavam já despedaçados. Aquela valente cavalaria havia-se dobrado sob a força dos lanceiros franceses; de mil e duzentos cavalos, só restavam seiscentos; dos três tenentes-coronéis, dois jaziam mortos. Ponsonby caíra, cortado por sete golpes de lança. Duas divisões inteiras, a quinta e a sexta, estavam completamente destruídas.

Com Hougomont em perigo e Haie-Sainte já nas mãos do inimigo, toda a batalha convergia para um ponto, o centro. Era o único nó que continuava resistindo.

O centro do Exército inglês, um pouco côncavo, denso e compacto, estava situado em posição forte. Ocupava a planície do Mont-Saint-Jean, tendo por trás a aldeia e na frente a encosta, então bastante áspera. Em volta da planície, os ingleses haviam cortado as sebes aqui e ali, construindo trincheiras nos espinheiros, colocando a boca de um canhão entre dois troncos e fazendo pontas nos ramos dos arbustos. Sua artilharia estava emboscada debaixo das moitas. Todo esse trabalho, digno de um cartaginês, estava tão bem-feito que Haxo, enviado pelo imperador às nove horas da manhã para fazer o reconhecimento das forças inimigas, nada conseguiu ver e voltou dizendo a Napoleão que não havia obstáculo algum, além das duas barricadas que fechavam as estradas de Nivelles e de Genappe. Era a época em que as searas estavam altas; nas fraldas do planalto, um batalhão da brigada Kempt, o 95º, armado de carabinas, estava deitado no meio dos trigais.

Assim resguardado e seguro, o centro do Exército anglo-holandês podia dizer-se em boa posição. Wellington tinha ainda, numa dobra do terreno, os dragões de Somerset, com mil e quatrocentos cavalos. Era a outra metade dessa cavalaria inglesa tão justamente célebre. Destruido Ponsonby, ficava Somerset.

Às quatro horas, a linha inglesa recuou. De repente, não se via na crista do planalto senão a artilharia e os atiradores; o resto desapareceu; os regimentos, rechaçados pelas bombas e pelas balas francesas, recuaram para uma depressão, e, por um movimento retrógrado que se fez, a vanguarda do Exército inglês ocultou-se e Wellington principiou a recuar.

— Já batem em retirada! — gritou Napoleão.

Napoleão de bom humor

O imperador, mesmo doente e incomodado por uma enfermidade localizada, nunca estivera de tão bom humor como naquele dia.

Aquele homem impenetrável sorria desde a manhã.

Cada instante daquela noite fora para ele um momento de prazer, e esses instantes reunidos não o haviam deixado dormir um só minuto. Depois de ter percorrido a linha das guardas principais, julgou por um momento, ao ouvir o rumor dos passos de uma coluna em marcha, que Wellington se retirava, e disse para Bertrand:

— É a retaguarda do Exército inglês que marcha em retirada. Farei prisioneiros os seis mil ingleses que há pouco chegaram a Ostende.

A chuva redobrava, o eco dos trovões perdia-se nos vales, e ele dizia, no meio daquele fragor, zombando de Wellington:

— Esse inglesinho precisa levar uma lição!

Às três horas da madrugada, porém, perdeu a primeira ilusão; os oficiais que ele enviara para reconhecimento informavam que o inimigo não fazia movimento algum. Nem uma só fogueira do acampamento estava apagada. O Exército inglês dormia. Era profundo o silêncio na terra; só no céu havia ruído. Às cinco, dois desertores belgas que acabavam de deixar o seu regimento contaram-lhe que o Exército inglês esperava pela batalha.

— Melhor! — exclamara Napoleão. — Prefiro destruí-los a rechacá-los.

Às nove horas, no instante em que o Exército francês, posto em movimento em cinco colunas, se havia espalhado, as divisões em duas linhas com a artilharia entre as brigadas e as fanfarras à frente, estremecendo os campos com o rufar dos tambores e o clangor dos clarins, possante, enorme, feliz, um mar de capacetes, com o horizonte cheio de sabres e baionetas, o imperador, comovido, exclamou duas vezes:

— Magnífico! Magnífico!

O imperador faz uma pergunta ao guia Lacoste

Napoleão estava alegre naquela manhã de Waterloo, e tinha razão para estar. O plano de batalha concebido por ele era admirável.

Uma vez começada a batalha, suas variadas peripécias, a resistência de Hougomont, a tenacidade de Haie-Sainte; a muralha inesperada onde se esfacelou a brigada de Soye; as baterias atoladas na lama; os quinze canhões sem escolta; o efeito quase nulo das bombas que caíam sobre o campo inimigo, afundando-se no solo amolecido pelas chuvas; toda aquela cavalaria, quase quinze esquadrões, completamente anulada; a ala direita inglesa ainda calma, a ala esquerda quase intacta; as quatro divisões do primeiro corpo, com vinte e sete fileiras de soldados e uma frente de duzentos homens entregues aos canhões inimigos; o terrível troar das balas sobre aquelas multidões; as colunas de ataque

desunidas; a divisão Marcognet, surpreendida entre a cavalaria e a infantaria, fuzilada à queima-roupa no meio dos trigais por Best e Pack, apunhalada por Ponsonby, e sua bateria de sete peças, atolada na lama; os mil e quinhentos homens mortos em menos de uma hora no pomar de Hougomont; os mil e oitocentos homens abatidos em menos tempo ainda ao redor de Haie-Sainte; todos esses incidentes tempestuosos, passando como nuvens da batalha diante de Napoleão, lhe haviam apenas turvado o olhar, sem conseguir ensombrear aquela face imperial da certeza.

Napoleão estremeceu quando Wellington recuou.

Ao ver subitamente desguarnecido o alto do Mont-Saint-Jean e desaparecer a vanguarda do Exército inglês, que se escondia, para se reunir de novo, ergueu-se nos estribos. Pelos olhos passou-lhe o clarão da vitória. Wellington, encurralado na floresta de Soignes, era a Inglaterra definitivamente derrubada pela França.

Ele pensava, examinava as vertentes, notava as rampas, perscrutava os pequenos bosques, os campos de centeio, o caminho; parecia contar todas as moitas. Observou mais demoradamente as barricadas inglesas nas duas estradas principais, dois grandes amontoados de árvores cortadas, armadas com dois canhões, os únicos de toda a artilharia inglesa que ainda estavam no campo de batalha. Inclinou-se e falou à meia-voz com o guia Lacoste. O guia fez um sinal de cabeça negativo, provavelmente de mau agouro.

O imperador aprumou-se na sela e se concentrou.

Wellington havia recuado.

Bastava terminar esse recuo com um grande massacre.

Napoleão, voltando-se bruscamente, mandou um estafeta especial a Paris a fim de anunciar que a batalha estava ganha.

Deu ordem aos cavaleiros de armadura de Milhaud para que tomassem o alto do Mont-Saint-Jean.

O imprevisto

Eram três mil e quinhentos gigantes montados em cavalos, que, formados em linha, ocupavam um quarto de légua de terreno; eram vinte e seis esquadrões, protegidos pela retaguarda, pela divisão de Lefebvre-Desnouettes; cento e seis soldados de elite, mil cento e oitenta e sete caçadores e oitocentos e oitenta lanceiros. Traziam capacetes sem penacho e couraças de ferro batido, com pistolas nos coldres e longos sabres.

Recebida a ordem do imperador, que lhes foi levada pelo ajudante de campo Bernard, Ney desembainhou a espada e pôs-se à frente dos enormes esquadrões, que começaram a se movimentar.

Toda aquela cavalaria, de sabres em punho, estandartes e trombetas ao vento, formada em duas colunas, desceu com movimento uniforme, parecendo um só homem. Subiam,

graves, ameaçadores, imperturbáveis; nos intervalos da fuzilaria, podia-se ouvir o colossal ruído dos cascos dos cavalos. De longe, pareciam distanciar-se em direção à crista do planalto, duas imensas serpentes de aço atravessando a batalha como um prodígio.

Estranha coincidência numérica! Aqueles vinte e seis esquadrões iam ser recebidos por vinte e seis batalhões. Por trás do alto do planalto, a infantaria inglesa os esperava muda, imóvel. Os soldados ingleses não viam os franceses e nem estes viam os ingleses. Mas os ingleses ouviam subir aquela maré de homens; ouviam o ruído de três mil cavalos a trote, o bater alternado e simétrico das ferraduras nas pedras da estrada, o atrito das couraças, o tinir dos sabres e uma espécie de hálito feroz. Após uma pausa terrível, em que tudo era silêncio, apareceu subitamente em cima da esplanada uma comprida fileira de braços erguidos brandindo sabres, uma multidão de capacetes, trombetas e estandartes, e três mil cabeças de homens gritando:

— Viva o imperador!

A terra parecia tremer quando toda aquela cavalaria desembarcou na planície.

De repente, do meio da vanguarda da coluna dos cavaleiros de armadura levantou-se um clamor terrível. Ao chegarem ao alto da encosta, freados em plena corrida de extermínio sobre o inimigo, os cavaleiros viram abrir-se, entre eles e os ingleses, uma vala, um abismo. Era a estrada de Ohain.

O barranco íngreme lá estava, inesperado, aberto sob os cascos de seus cavalos, com o leito escancarado entre as duas margens; a segunda fileira empurrou a primeira, a terceira empurrou a segunda; os cavalos empinavam, deitando-se para trás, caíam sobre as patas traseiras, escorregavam de costas, derrubando e esmagando os cavaleiros, sem meios para recuar. A coluna tornou-se um projétil e o impulso tomado para esmagar os ingleses esmagou os franceses, cavalos e cavaleiros rolaram confusamente, esmagando uns aos outros, formando uma só carne naquele abismo, e, quando este já estava atulhado de homens vivos, os outros passaram por cima e foram avante. Quase um terço da brigada Dubois ficou sepultada ali.

Então começou a perda da batalha.

Napoleão observara o terreno antes de ordenar a carga, porém não pôde ver a estrada, que não formava sequer uma ruga na superfície do terreno. Desconfiado, porém, ao ver a capelinha branca que marca a volta da estrada de Nivelles, fez, talvez receoso da eventualidade de qualquer obstáculo, alguma pergunta ao guia Lacoste. O guia respondeu que não. Quase se pode dizer, então, que desse aceno de cabeça de um aldeão é que nasceu a catástrofe de Napoleão.

Outras fatalidades ainda deviam surgir. Seria possível que Napoleão ganhasse aquela batalha? Respondemos que não. Por quê? Por causa de Wellington? Não. Por causa de Deus. Que Bonaparte vencesse em Waterloo não era coisa cabível nas leis do século XIX. Preparavam-se novos fatos nos quais Bonaparte não tinha nenhum papel a representar. Já era tempo de o colosso tombar.

O excessivo peso desse homem sobre os destinos humanos perturbava o equilíbrio. Ele, sozinho, valia mais que toda a humanidade. Essa superabundância de vitalidade humana concentrada em uma única cabeça, o mundo subindo ao cérebro de um homem, seria fatal para a civilização, se continuasse. Chegara o momento em que devia intervir a

incorrutível equidade suprema. O sangue ainda quente, tantos cemitérios abertos, tantas mães em lágrimas, são motivos terrivelmente suficientes.

Napoleão tinha sido denunciado ao infinito, e sua queda já estava decidida.

Tornava-se incômodo a Deus.

Waterloo não era uma batalha; era a completa mudança da face do universo.

O planalto de Mont-Saint-Jean

Ao mesmo tempo que os cavaleiros deram com o barranco, depararam com a bateria oculta, que os fulminava à queima-roupa com as suas sessenta peças.

Toda a artilharia volante do inimigo se juntou a galope com os esquadrões. Os cavaleiros de armadura nem tiveram tempo de parar. O desastre daquela estrada cavada no solo já os havia dizimado, mas não desencorajado.

Os cavaleiros precipitaram-se sobre os esquadrões ingleses. Com sabre nos dentes e pistolas em punho, assim foi o ataque. Os batalhões ingleses, tão ferozmente atacados, não se moveram. Todas as frentes dos esquadrões inimigos foram atacadas de uma só vez. Um redemoinho frenético os envolveu, mas aquela fria infantaria continuou impassível. A primeira fila, de joelhos em terra, recebia os cavaleiros na ponta das baionetas, e a segunda os fuzilava; atrás desta, os canhoneiros carregavam as peças, a frente do esquadrão se abria, deixava passar uma erupção de balas de canhão e tornava a se fechar. Os cavaleiros respondiam com seus ataques. Seus cavalos enormes, empinados, pulavam as fileiras, saltavam por cima das baionetas e caíam, gigantescos, em meio àquelas muralhas vivas.

Fileiras inteiras de homens desapareciam esmagadas sob o peso dos cavalos. As baionetas cravavam-se no ventre daqueles centauros. Os esquadrões, assim atacados pela cavalaria alucinada, se juntavam sempre mais, sem vacilar. Com munição quase inesgotável, metralhavam continuamente os atacantes.

Wellington lembrou-se da sua cavalaria, e se Napoleão se lembrasse também naquela ocasião da sua infantaria, teria ganho a batalha. Esse esquecimento foi fatal para ele.

De repente, os atacantes sentiram-se atacados. A cavalaria inglesa estava às suas costas. Diante deles, os esquadrões; atrás, Somerset, com os mil e quatrocentos guardas-dragões. Somerset tinha à sua direita a cavalaria ligeira alemã, e à sua esquerda os carabineiros belgas; os cavaleiros, atacados pela esquerda e pela direita, pela frente e por trás, pela infantaria e pela cavalaria, tiveram de defender-se por todos os lados.

A luta durou duas horas e o planalto foi tomado, perdido e retomado.

A situação de Wellington piorara. Aquela estranha batalha era como um encarniçado duelo entre dois feridos, que, enquanto prosseguiram combatendo e resistindo, iam cada qual perdendo o sangue que lhe restava. Qual dos dois irá cair primeiro?

Os cavaleiros de armadura não tinham conseguido seu intento, porque o centro

continuava firme. Sendo a planície de todos, não era de ninguém; mas a maior parte ainda pertencia aos ingleses. O enfraquecimento dos ingleses tornava-se, porém, irremediável. Era horrível a hemorragia daquele exército.

Kempt, na ala esquerda, reclamava reforço.

— Não temos! — respondia Wellington. — Que se deixe matar!

E quase ao mesmo tempo, coincidência que diz da prostração dos dois exércitos, o marechal Ney pedia infantaria a Napoleão, e Napoleão exclamava:

— Infantaria? Onde a tenho para lhe mandar? Quer que eu a fabrique?

O Exército inglês era o mais necessitado. Os ímpetos furiosos daqueles grandes esquadrões de couraças de ferro e peitos de aço haviam esmagado a infantaria. Wellington já não tinha cavalaria. Numerosas baterias jaziam desmontadas. Às cinco horas, o Estado-Maior inglês achava que estava tudo perdido.

Foi mais ou menos nessa hora que uma linha de baionetas brilhou ao longe nas colinas que ficam para os lados de Frischemont.

Mau guia para Napoleão, bom guia para Bulow

Se o pequeno pastor que servia de guia a Bulow, lugar-tenente de Blucher, o tivesse aconselhado a sair da floresta acima de Prischemont, e não abaixo de Plancenoit, talvez o século XIX fosse diferente. Por qualquer outro caminho que não fosse o que vinha sair abaixo de Plancenoit, o Exército prussiano viria a esbarrar num barranco impossível de ser transposto pela artilharia, e Bulow não chegaria a tempo.

Mais uma hora de atraso, então, e Blucher, já não encontraria Wellington em pé. Mas já era hora de Bulow chegar, estava demorando muito. As estradas estavam intransitáveis, e os soldados e as carretas atolavam na lama. Até o meio-dia a vanguarda de Bulow não tinha conseguido chegar à capela de S. Lambert. Se a ação tivesse começado antes, duas horas mais cedo, teria acabado às quatro, e quando Blucher chegasse, encontraria a batalha ganha por Napoleão.

Fora o imperador, com sua luneta, o primeiro que, ao meio-dia, avistara no horizonte algo que lhe prendera a atenção:

— Vejo lá ao longe uma nuvem; parecem tropas. — Depois perguntou ao duque de Dalmácia: — Soult, o que se vê para o lado da capela de S. Lambert?

O marechal apontou a luneta naquela direção e respondeu:

— Quatro ou cinco mil homens, senhor. É certamente Grouchy.

Fosse o que fosse, permanecia imóvel. O Estado-Maior estudava a nuvem, e alguns disseram que era uma coluna descansando, outro que eram árvores... a nuvem não se movia e Napoleão enviou uma divisão de cavalaria ligeira para reconhecer aquele ponto.

Era Bulow que não se movia. Como a sua vanguarda era pequena, teve de esperar o

corpo do exército, porque tinha ordem de se concentrar antes de entrar em linha; às cinco horas, porém, vendo o perigo em que estava Wellington, Blucher ordenou a Bulow que atacasse.

E as balas prussianas começaram a chover sobre as fileiras da guarda de reserva colocada atrás de Napoleão.

A guarda

O resto é conhecido. A irrupção de um terceiro exército, a deslocação da batalha, oitenta e seis bocas de fogo troando de repente, os franceses rechaçados, a linha inglesa tomando outra vez a ofensiva e impelida para a frente, a brecha gigantesca feita no Exército francês, os canhões ingleses e prussianos se auxiliando, o extermínio, a destruição pela frente e pelos lados.

Ao perceber que ia morrer, a guarda gritou: “Viva o imperador!”.

Quando os altos capacetes dos granadeiros da guarda, enfeitados com suas águias de metal brilhante, apareceram, o inimigo sentiu respeito pela França; e os que estavam vencendo, crendo-se vencidos, recuaram; mas Wellington gritou:

— Guardas, de pé! E não errem!

O regimento vermelho dos guardas ingleses, deitado por trás das sebes, levantou-se. A bandeira tricolor, que tremulava em volta de nossa águia, foi crivada por uma nuvem de balas; os combatentes arrojaram-se uns contra os outros; principiava então a suprema carnificina.

O marechal Ney, no meio daquela tormenta, era alvo dos golpes de todos, o suor escorrendo, fogo nos olhos, a farda desabotoada, uma das dragonas cortada por uma cutilada de um guarda a cavalo, banhado em sangue, cheio de lama, magnífico, com uma espada quebrada na mão, dizia:

— Venham ver como um marechal da França morre no campo de batalha!

Desvairado, gritava no meio de todas aquelas balas e disparos de canhão que esmagavam um punhado de homens:

— Oh, quisesa que todas estas balas inglesas me entrassem na barriga, mas para mim não há nada!

Ele não morreu. Estava reservado para as balas francesas, infeliz!

A catástrofe

A fuga da retaguarda foi desordenada e a derrota, terrível.

O Exército retrocedeu rapidamente de todos os lados ao mesmo tempo, e ao grito de “Traição!” seguiu-se o grito “Salve-se quem puder!”. Um Exército em debandada é um degelo. Tudo se curva, se abre, flutua, rola, cai e se precipita. Desagregação total. O pior das batalhas é a derrota, porque amigos se matam para fugir; dispersam-se e esmagam-se uns contra os outros. Napoleão ergue muralhas com o que lhe resta da guarda, mas em vão. Ele corre a galope entre os fugitivos, fala com eles, ameaça, suplica, mas aqueles que de manhã gritavam vivas ao imperador agora mal o reconhecem. A cavalaria prussiana voa, avança, voa, corta, mata, extermina. As parelhas se soltam, os carroções tombados atulham as estradas, os soldados em fuga caminham por cima dos mortos e por cima dos vivos. As forças estão perdidas. Uma multidão de quarenta mil homens foge pelas matas, pontes, estradas, mochilas e fuzis atirados ao chão, passagens abertas a golpes de espada, não há mais camaradas, nem oficiais, nem generais naquele horror inexprimível! Leões transformados em cabritos. Assim foi a fuga.

Essa queda, esse terror, teria acontecido sem motivo? Não. Foi o dia do destino. A força superior ao homem dominou aquele dia. Os que haviam vencido toda a Europa caíram vencidos. Waterloo foi o gonzo do século XIX. Era preciso que o grande homem desaparecesse, era necessária a desapareição do grande homem para o desenvolvimento do século. Na batalha de Waterloo passou mais do que uma nuvem, passa um meteoro. Foi a passagem de Deus.

Quando a noite caía, dois soldados agarraram um homem num campo, segurando-o pelo sobretudo, fazendo-o parar, um homem feroz, pensativo, sinistro, que, levado até ali pela avalanche de fugitivos, acabava de apear do cavalo e, segurando as rédeas, virava-se para contemplar Waterloo. Era Napoleão, tentando ainda ir em frente, o imenso sonâmbulo de um sonho desfeito.

O último esquadrão

No meio da torrente da derrota, porém, alguns regimentos conservaram-se imóveis até a noite, lutando.

Ao escurecer, por volta das nove horas, restava um, no fundo da esplanada do Mont-Saint-Jean, comandado por um oficial obscuro chamado Cambronne, lutando ainda debaixo da artilharia inimiga e cercado pelas massas inglesas. A cada nova descarga inimiga, o esquadrão diminuía, mas respondia ao fogo.

Quando eles não eram mais que um punhado de homens, quando a bandeira nada mais era que um trapo, quando o monte de cadáveres se tornou maior que o número dos vivos, houve entre os vencedores algo como um terror sagrado em volta daqueles moribundos e a artilharia inglesa calou-se para tomar fôlego. Foi uma espécie de pausa.

Puderam ouvir, naquela escuridão crepuscular, que as armas estavam sendo carregadas; as mechas dos canhões ingleses eram então acesas novamente, e um general inglês, comovido com tanta bravura, gritou:

— Bravos franceses, rendam-se!

Ao que o general Cambronne respondeu:

— Merda!

Cambronne

Entre aqueles gigantes, houve um titã, que foi Cambronne.

O que pode haver de mais grandioso do que pronunciar essa palavra e em seguida morrer?

O homem que ganhou a batalha de Waterloo não foi Napoleão, derrotado; não foi Wellington, recuando às quatro horas, e sem esperança às cinco; não foi Blucher, que não combateu. O homem que ganhou a batalha de Waterloo foi Cambronne.

Fulminar com tal palavra o trovão que nos aniquila é vencer.

A palavra de Cambronne produz o efeito de uma fratura. É a fratura de um peito pelo desprezo; é a explosão da superabundância do sofrimento. Quem venceu? Foi Wellington? Não. Sem Blucher, estava perdido. Foi Blucher? Não. Se Wellington não tivesse começado, Blucher não teria podido acabar. Esse Cambronne, esse soldado ignorado da última hora, essa insignificância da guerra, no momento em que estoura de raiva, oferecem-lhe o escárnio, a vida! Como deixaria de explodir?

O espírito dos grandes dias se apoderou do homem desconhecido naquele fatal momento. Cambronne achou a expressão justa para Waterloo.

A resposta inglesa a Cambronne foi: FOGO!.

As baterias flamejaram, a colina estremeceu, de todas aquelas bocas de bronze saiu um último vômito de projéteis, densa nuvem de fumaça cobriu os primeiros raios da lua, e quando se dissipou, nada mais restava.

Foi assim que as legiões francesas, mais grandiosas do que as romanas, expiraram em Mont-Saint-Jean, no solo ensopado em água e sangue, no meio das sombrias searas de trigo, no lugar em que hoje passa, às quatro horas da manhã, assobiando e fustigando alegremente o seu cavalo, o condutor Joseph, que faz o serviço da mala-posta de Nivelles.

Quot libras in duce?

A batalha de Waterloo é um enigma. É tão obscura para os que a ganharam quanto para os que a perderam.

Nesse acontecimento impregnado de necessidade sobrenatural é nula a parte exercida pelos homens.

Se tiramos Waterloo de Wellington e Blucher, tira-se alguma coisa à Inglaterra e à Alemanha? Não. Na época em que Waterloo não era mais do que o tinir de sabres, a Alemanha tinha Goethe acima de Blucher. E a Inglaterra, Byron acima de Wellington.

O que foi Waterloo? Uma vitória? Não. Uma partida ganha pela Europa e paga pela França.

Quanto ao resto, Waterloo é o mais extraordinário encontro havido na história: Napoleão e Wellington. Não eram dois inimigos, eram dois polos opostos. De um lado a exatidão, a previsão, a geometria, a prudência, as reservas poupadas, um inalterável sangue-frio, um método que se aproveita do terreno, a tática que equilibra os batalhões, a guerra dirigida de relógio na mão, nada entregue ao acaso, a velha coragem clássica e a correção absoluta; do outro a intuição, a excentricidade militar, o instinto, todos os mistérios de uma alma profunda, a associação com o destino; o rio, a planície, a floresta e a colina de certo modo obrigados a obedecer, o déspota tiranizando até o campo de batalha. Wellington era o Bareme da guerra. Napoleão, o seu Miguel Ângelo; e dessa vez o gênio foi vencido pelo cálculo.

De ambos os lados se esperava por alguém. Napoleão esperava Grouchy; não apareceu. Wellington esperava Blucher e ele veio.

Waterloo é uma batalha de primeira ordem, ganha por um general de segunda. O que é indispensável admirar na batalha de Waterloo é a Inglaterra; é a firmeza, a resolução e o sangue inglês; o que a Inglaterra ali tem de soberbo não é o seu capitão, é o seu exército.

O que se deve admirar acima de tudo em Waterloo é a prodigiosa habilidade do acaso. Chuva noturna, o muro de Hougomont, a estrada de Ohain, Napoleão enganado pelo guia, Bulow guiado e bem pelo seu; todo esse cataclismo é admiravelmente conduzido.

Em conclusão, digamos que em Waterloo houve mais carnificina do que batalha. Fez-se um cálculo: de cada lado, foram setenta e dois mil combatentes, daí a carnificina. Foram cento e quarenta e quatro mil combatentes; sessenta mil mortos.

Deve-se achar que Waterloo foi bom?

Waterloo, examinando-se do ponto culminante da questão, é intencionalmente uma vitória contrarrevolucionária. É a Europa contra a França; Petersburgo, Berlim e Viena contra Paris. Paris é o *status quo* contra a iniciativa, é o 14 de julho de 1789, atacado através de 20 de março de 1815, é o toque das monarquias contra a indomável sublevação francesa. Aniquilar, enfim, este grande povo, cuja erupção durava havia vinte e seis anos,

era o grande sonho. Solidariedade dos Brunswick, dos Nassau, dos Romanoff, Hohenzollern e Habsburg com os Bourbon.

Em suma, o que venceu em Waterloo, o que se sorria por trás de Wellington, o que lhe dava todos os bastões de marechal da Europa, o que fazia rolar alegremente as carretas cheias de esqueletos, o que encorajou Blucher a esmagar o inimigo, o que do alto da planície de Mont-Saint-Jean se debruçava sobre a França como sobre uma presa, era a contrarrevolução.

Vamos contemplar em Waterloo apenas o que está em Waterloo. De liberdade intencional não existe. A contrarrevolução foi involuntariamente liberal, da mesma forma que, por um fenômeno correspondente, Napoleão foi involuntariamente revolucionário. Em 18 de junho de 1815, o Robespierre montado foi apeado de seu cavalo.

Recrudescimento do direito divino

Com o fim da ditadura, desmoronou-se um sistema completo da Europa.

O Império ocultou-se numa sombra que se assemelhou à do mundo romano agonizante. Tornou a ver-se o abismo, como no tempo dos bárbaros. Com a diferença que a barbárie de 1815, a que foi chamada de contrarrevolução, tinha fôlego curto, logo faltou-lhe o ar e se extinguiu.

Os reis retomaram seus antigos tronos, o senhor da Europa foi metido em uma jaula, o antigo regime voltou a ser o novo, e toda a sombra e toda a luz da terra mudaram de lugar só porque, na tarde de um dia de verão, um pastor disse a um prussiano em um bosque: “Vá por aqui e não por ali!”.

As velhas realidades mórbidas e venenosas revestiram-se de aparências novas. A mentira desposou 1789 e o direito divino mascarou-se com uma Carta, as ficções tornaram-se constitucionais, os preconceitos, as superstições e as traições, com o artigo 14 no coração, envernizaram-se de liberalismo. Mudança de pele das serpentes.

Em presença e na frente desta antiga Europa recomposta, esboçaram-se os contornos de uma França nova. O futuro, escarnecido pelo imperador, teve o seu momento de entrada, e trazia na fronte a estrela da liberdade. Os olhos ardentes das novas gerações voltaram-se para ele. Coisa singular: apaixonaram-se ao mesmo tempo pela futura liberdade e pelo passado, Napoleão. A derrota engrandecera o vencido, Bonaparte caído parecia mais alto do que Napoleão de pé.

Aquele fantasma fazia tremer o velho mundo. Os reis não puderam reinar à sua vontade com o rochedo de Santa Helena no horizonte.

O campo de batalha à noite

O clarão da lua, que no dia 18 de junho de 1815 era cheia, favoreceu a perseguição feroz de Blucher contra os fugitivos, cujo rasto denunciava, e auxiliou a carnificina, entregando aquela trágica multidão ao massacre da cavalaria prussiana.

Após o último tiro de canhão, a planície do Mont-Saint-Jean ficou deserta.

Os ingleses ocuparam o acampamento dos franceses. É a prova habitual da vitória deitar-se o vencedor no leito do vencido.

Não louvamos a guerra, ela tem belezas terríveis que não temos ocultado, mas também tem atrocidades. Uma delas é o rápido despojamento dos mortos depois da vitória.

Quem faz isso? Quem mancha assim o triunfo? Quem são esses gatunos que se aproveitam da glória? São os mesmos, dizem, não há troca nenhuma; os que ficam em pé saqueiam os que jazem por terra. O herói do dia torna-se o vampiro da noite. O que é certo é que, após os vencedores, vêm os ladrões. Todo exército tem uma cauda, e é a ela que devemos acusar. São animais noturnos gerados pelo crepúsculo da guerra, vestindo uniformes sem ser combatentes, taverneiros contrabandistas correndo, muitas vezes com suas mulheres, sobre pequenas carroças, roubando para revender, mendigos oferecendo-se como guias a oficiais, vagabundos acostumados à pilhagem. Essa corja eram os chamados “retardatários”. Nenhum exército de nenhuma nação pode-se considerar responsável por essa gente; falavam italiano, e seguiam os alemães; falavam francês, e seguiam os ingleses. Viam-se maior ou menor número de vagabundos seguindo os exércitos conforme a tolerância maior ou menor dos chefes. Wellington, rendamos-lhe de muita boa vontade essa justiça, tinha-o em número muito reduzido.

Contudo, na noite de 18 para 19 de junho, os mortos foram despojados. Wellington foi intransigente; pena capital para quem quer que fosse preso em flagrante delito; mas a rapina é tenaz. Enquanto num canto do campo de batalha fuzilavam os gatunos colhidos na sua habitual tarefa, os outros roubavam o outro canto.

Pela meia-noite, vagueava, ou, antes, rastejava um homem do lado da estrada de Ohain. Era, segundo todas as aparências, um dos que nós acabamos de descrever, nem inglês, nem francês, nem aldeão, nem soldado, mais corvo do que homem, atraído pelo cheiro dos mortos, vindo a Waterloo para despojar os cadáveres. De tempos em tempos, ele parava, examinava a planície em volta para ver se alguém o observava, curvava-se rápido, mexia em alguma coisa no chão, depois se erguia e prosseguia o seu caminho com o mesmo ar de quem se esquia de ser visto.

Um olhar que vasculhasse aquele nevoeiro notaria parada, a alguma distância, uma carroça coberta de vime puxada por um cavalo faminto que mastigava as urtigas e, em cima da carroça, uma mulher sentada no meio de algumas caixas e embrulhos. Talvez entre essa carroça e aquele vagabundo existisse algum laço. Ao longe se ouvia vagamente o passo cadenciado das patrulhas, indo e vindo, e o das rondas do acampamento inglês.

O vagabundo noturno investigava o enorme sepulcro da estrada de Ohain, onde

jaziam cavalos e soldados, um amontoado de mortos. Caminhava com os pés metidos no sangue dos vencidos e dos vencedores.

De repente, ele parou.

A alguns passos na sua frente, no lugar em que terminava o montão de cadáveres, saía de sob aquela pilha enorme de homens e de cavalos uma mão aberta, iluminada pela luz da lua. Nela havia um objeto que, pelo seu brilho, parecia ser um anel de ouro.

O homem curvou-se, ficou um momento de cócoras, e, quando se levantou, a mão já estava sem o anel.

Neste momento, porém, estremeceu, ao sentir-se agarrado por trás e voltou-se.

Era a mão aberta que tinha se fechado, apertando-lhe a aba do capote que o cobria.

Um homem honrado gelaria de susto; aquele, porém, desatou a rir.

— Ora! — disse ele. — Não passa de um morto. Prefiro um ressuscitado a um gendarme!

Aquela mão, porém, desfaleceu e largou-o. Acabou rápido o esforço no túmulo.

— E essa agora! — tornou o vagabundo. — Mas esse morto está vivo! Vamos ver.

Inclinou-se de novo, revolveu os cadáveres, afastou os que causavam obstáculo, agarrou aquela mão, puxou-lhe o braço, livrou a cabeça, arrastou o corpo e, alguns instantes depois, carregava um homem inanimado, pelo menos desfalecido. Era um oficial de certa posição entre os cavaleiros de couraça; uma grande dragona dourada aparecia por baixo da armadura; não tinha mais o capacete. Um grande golpe de sabre cortava-lhe o rosto, e só se via sangue.

Não parecia ter nenhum membro quebrado porque os mortos, por algum feliz acaso, se tal palavra aqui podemos empregar, haviam formado um arco por cima dele, impedindo-o assim de ser esmagado.

Sob a couraça, trazia a cruz de prata da Legião de Honra.

O gatuno arrancou-lhe a cruz, fazendo-a desaparecer num dos bolsos do capote.

Depois, apalpou os bolsos do oficial, viu um relógio e o tirou. Revistou-lhe o gibão, encontrou uma bolsa e roubou-a também.

Quando estava prestando esses curiosos cuidados ao moribundo, o oficial abriu os olhos.

— Obrigado.

O ladrão, porém, em vez de responder, levantou a cabeça. Ouvia-se na planície um rumor de passos, talvez os de alguma patrulha que se aproximava.

O oficial murmurou, pois ainda havia na sua voz alguma coisa da agonia:

— Quem ganhou a batalha?

— Os ingleses — respondeu o vagabundo.

O oficial tornou:

— Procure nos bolsos, vai encontrar uma bolsa e um relógio. Fique com eles.

Isto já estava feito, porém o vagabundo fez que executou a ordem do moribundo e disse:

— Não há nada.

— Então roubaram-me — replicou o oficial. — Que pena, era para recompensá-lo.

Os passos da patrulha tornavam-se cada vez mais distintos.

— Vem gente aí — disse o vagabundo, fazendo o movimento de quem vai fugir.

O oficial, porém, reteve-o, levantando o braço.

— Devo-lhe a vida. Quem é o senhor?

O vagabundo respondeu com rapidez e em voz baixa:

— Eu era também do Exército francês, como o senhor. Mas preciso deixá-lo aqui, senão me fuzilam. Salvei-lhe a vida, agora arranje-se como puder.

— Qual é o seu posto?

— Sargento.

— Como se chama?

— Thénardier.

— Não vou me esquecer desse nome — disse o oficial. — E o senhor lembre-se do meu. Chamo-me Pontmercy.

O NAVIO DE GUERRA ORION

O número 24.601 torna-se o 9.430

Jean Valjean fora preso novamente.

Vamos transcrever duas pequenas notas publicadas nos jornais da época.

Essas notícias são um tanto sumárias; como se sabe, naquele tempo não havia ainda a *Gazeta dos Tribunais*.

A primeira saiu no *Drapeau Blanc*, de 25 de julho de 1823:

“Um dos distritos do Pas-de-Calais foi palco de extraordinário evento. Um homem desconhecido na província, chamado Madeleine, tinha restabelecido, havia alguns anos, e graças a novos inventos, uma antiga indústria local: o fabrico de vidrilhos pretos.

Esse homem, que fizera com isto a sua fortuna, e também a daquela localidade, foi nomeado prefeito, em reconhecimento aos seus valiosos serviços. A polícia, porém, descobriu que Madeleine era um antigo forçado chamado Jean Valjean, saído das galés e condenado em 1796 por crime de roubo; e como tal foi novamente posto a ferros. Parece que, antes da sua prisão, Jean Valjean conseguira retirar do banco uma quantia superior a meio milhão honestamente ganha no seu comércio. Não se sabe onde Jean Valjean escondeu esse dinheiro quando voltou para as galés”.

A segunda notícia, mais detalhada, é extraída do *Journal de Paris* da mesma data e diz o seguinte:

“Acaba de comparecer perante o tribunal criminal do Var um antigo forçado livre, chamado Jean Valjean, fato notável pelas circunstâncias que o revestem. Esse celerado, que enganara a polícia, mudando de nome, e que chegou a ser nomeado prefeito de uma das nossas vilas do norte, onde estabelecera um comércio bastante considerável, acaba de ser enfim desmascarado e preso, graças ao infatigável zelo do Ministério Público. Vivia com uma concubina, que morreu de susto na ocasião em que o prenderam. Esse miserável, dotado de uma força hercúlea, achou meio de evadir-se, mas, três ou quatro dias depois da sua fuga, foi preso aqui mesmo em Paris, quando ia subir numa carruagem para Montfermeil-sur-Oise. Dizem que ele aproveitara o intervalo desses dias de liberdade para tirar do banco uma quantia considerável, avaliada em seiscentos ou setecentos mil francos, que ninguém ainda descobriu onde foram escondidos. Seja como for, Jean Valjean acaba de ser entregue ao juiz criminal do departamento do Var, acusado de roubo à mão armada há oito anos, pouco mais ou menos, que cometeu contra um jovem.

Segundo o hábil e eloquente órgão do Ministério Público, provou-se que o roubo foi praticado em cumplicidade e que Jean Valjean fazia parte de uma quadrilha de salteadores. Em consequência disso, Jean Valjean foi condenado à pena de morte e recusou-se a apelar da sentença. O rei, porém,

na sua inesgotável clemência, dignou-se comutar-lhe a pena para trabalhos forçados por toda a vida, e Jean Valjean foi imediatamente enviado para as galés de Toulon.

Jean Valjean recebeu novo número nas galés. Passou a ser o 9.430.

Assim, com o senhor Madeleine, desapareceu a prosperidade de Montreuil-sur-Mer. Tirando-lhe Madeleine, tiraram-lhe a alma. As grandes oficinas do senhor Madeleine foram fechadas; os edifícios se transformaram em ruínas, os operários se foram. Os fios ligados por Madeleine quebraram-se, desligaram-se; os produtos não eram tão bons, quebrando a confiança do consumidor, os pedidos diminuíram e não se fizeram mais encomendas; o salário diminuiu, os ateliês se fecharam, veio a falência. E, depois, nada mais havia para os pobres. Tudo se evaporou.

Menos de quatro anos depois da sentença dos tribunais, as despesas para a arrecadação dos impostos foram duplicadas no distrito de Montreuil-sur-Mer.

Onde se leem dois versos cujo autor é talvez o diabo

Há em Montfermeil uma velha superstição, que diz que o diabo escolheu a floresta, desde tempos imemoriais, para ocultar os seus tesouros. As mulheres afirmam que não é raro encontrar, no fim do dia, nos lugares mais escuros do bosque, um homem negro, como um lenhador, de tamancos, com dois chifres na cabeça em vez de boné ou chapéu. Ele está sempre cavando um buraco. Há três maneiras de tirar proveito desse encontro. A primeira é ir direto falar com ele. Nesse caso, vê-se que o homem não é mais do que um camponês, que parece negro por ser a hora do crepúsculo, e que está cortando ervas para suas vacas e que os chifres são apenas um forcado. Volta-se então para casa e se morre em uma semana... A segunda maneira consiste em observá-lo, esperar que ele tenha aberto a cova, que a tenha fechado, e assim que ele for embora, corre-se bem depressa, reabre-se o buraco e tira-se o tesouro. Morre-se em um mês. A terceira, enfim, consiste em não falar com o homem negro, não olhar para ele, e fugir a toda a pressa. O que assim fizer ainda vive um ano.

Como as três maneiras têm seus inconvenientes, a segunda oferece alguma vantagem, a da posse do tesouro — mesmo que por um mês —, e é a mais adotada. Parece que essa operação não requer nenhuma habilidade. Pelo menos, se formos acreditar na tradição e, em particular, nos dois versos enigmáticos escritos em latim que nos deixou um monge, um tanto feiticeiro, chamado Tryphon. Esse Tryphon foi sepultado na abadia de Saint-Georges de Bocherville, perto de Rouen, onde nascem sapos sobre a sua sepultura.

Fazem-se então esforços enormes, porque os buracos geralmente são muito fundos, trabalha-se toda a noite, porque é de noite que essas coisas acontecem; molha-se a camisa, queima-se toda a vela, inutiliza-se uma enxada e, quando se consegue chegar ao fundo do buraco, o que se encontra? O que é afinal esse tesouro do diabo? Um soldo, quando muito

um escudo, uma pedra, um esqueleto, um cadáver sangrento, às vezes um espectro dobrado em quatro como uma folha de papel numa pasta, às vezes nada. É o que parecem dizer aos curiosos indiscretos estes versos de Tryphon:

Fodit, et in fossa thesauros, condit opaca.

As nummas, lapides, cadaver, simulacra, nihilque.

“Cava e nas sombras um tesouro oculta

Da escura cova; viram-se algumas pedras,

Moedas, esqueletos; um cadáver,

Às vezes tudo isto, outra vez nada.”

Ora, pouco tempo depois que o Ministério Público julgou que Jean Valjean andou pelos arredores de Montfermeil, notou-se na mesma aldeia que um velho chamado Boulatruelle andou “passeando” pelo bosque.

Boulatruelle era um homem malvisto, por acharem que também havia estado nas galés; mas era respeitoso, humilde e sorridente na frente dos gendarmes, filiado talvez a alguma quadrilha, segundo se dizia, e suspeito de sair à noite para armar emboscadas nas estradas. Afinal, a única coisa que ele realmente fazia era embebedar-se.

Havia algum tempo que Boulatruelle largava seu trabalho de conservação das estradas para se embrenhar no mato com sua enxada, e era visto procurando alguma coisa na mata. Alguma pobre mulher que passasse achava primeiro que era Belzebu, depois percebia que era Boulatruelle. Esses encontros pareciam contrariar o velho, que procurava se esconder e ocultar o que fazia.

Com o passar do tempo, as visitas do velho ao bosque cessaram e ele voltou ao seu trabalho. Mas a curiosidade de algumas pessoas continuou, pois julgavam que havia algo lá, não os fabulosos tesouros da lenda, mas algum ganho mais palpável do que as notas do banco do diabo, cujo segredo o velho havia quase descoberto. Os mais intrigados eram o mestre-escola e o taberneiro Thénardier, o qual, sendo amigo de todas as pessoas, não desdenhava a amizade de Boulatruelle.

— Já estive nas galés — dizia Thénardier —, e ninguém sabe se voltará.

Uma tarde, ambos levaram o velho para beber e ele se fartou de vinho. O mestre-escola e o taberneiro, com algum trabalho, conseguiram juntar as poucas e obscuras frases que Boulatruelle deixou escapar. Foi isso que julgaram entender.

Boulatruelle, ao dirigir-se um dia para o trabalho, viu escondidas, debaixo de uma moita, uma pá e uma picareta. Achando que pertenciam ao carregador de água, não pensou mais no assunto. De tarde, porém, viu sem ser percebido “um sujeito que ele conhecia perfeitamente, mas não era da região”, e que teria sido um companheiro de Boulatruelle nas galés. Ele se negou a dizer-lhe o nome, mas explicou que o indivíduo trazia um embrulho quadrado, como uma caixa ou um cofre. Quando decidiu seguir o homem, já era tarde demais: o sujeito entranhara-se no mais emaranhado da floresta, e como já era noite fechada, Boulatruelle não pôde ver para onde ele fora. Duas ou três horas depois, viu o sujeito sair do bosque apenas com uma pá e uma picareta, e deixou-o

ir, porque o homem era três vezes maior que ele.

De manhãzinha, correu à mesma moita e não encontrou mais nem pá nem picareta. Concluiu então que o tal indivíduo entrara no bosque, cavara um buraco com a picareta, colocara nele o cofre e fechara o buraco servindo-se da pá. Ora, o cofre era muito pequeno para conter um cadáver; portanto, o que guardava era dinheiro.

Daí as suas buscas. Boulatruelle explorou, sondou, esburacou toda a floresta, cavando em todos os lugares onde a terra parecia ter sido revolvida havia pouco. Tudo em vão.

Era preciso que a corrente do tornozelo tivesse sido preparada para se quebrar com uma só martelada

No fim de outubro de 1823, os habitantes de Toulon viram entrar no seu porto, para reparar algumas avarias, o navio Orion.

Orion era um navio de guerra, composto simultaneamente das coisas mais pesadas e mais leves que há, porque ao mesmo tempo tem de lidar com as três formas da substância, sólida, líquida, e fluida, e devendo lutar contra todas as três. Tem onze garras de ferro para agarrar o granito no fundo do mar, e mais asas e antenas do que uma libélula para receber o vento das nuvens. Seu hálito sai por cento e vinte canhões como relâmpagos enormes. O oceano procura desorientá-lo na espantosa semelhança de suas ondas, mas o navio tem uma alma, a bússola, que o dirige, mostrando-lhe sempre o norte. Nas noites escuras, seus faróis substituem as estrelas. Contra o vento, tem a corda e a vela; contra a água, tem a madeira; contra o rochedo, o ferro, o cobre, o chumbo; contra a sombra, a luz; contra a imensidade, uma agulha.

Todos os dias, de manhã até a noite, o cais e os diques ficavam cobertos de ociosos que vinham ali e se demoravam só para ver o Orion. Certa manhã, essa multidão foi testemunha de um acidente.

A tripulação estava ocupada em atar as velas. O marinheiro encarregado de prender a extremidade da grande vela de estibordo perdeu o equilíbrio. Ao cair, ele agarrou-se a uma corda com uma das mãos, depois com outra, conseguindo ficar suspenso, mas o golpe imprimiu à vela um movimento de balanço. O homem ia e vinha na ponta daquela corda como a pedra de uma funda.

Socorrê-lo era arriscar-se temerariamente. Nenhum dos marinheiros ousava aventurar-se. O pobre homem já estava cansado, seus braços se torciam de modo horrível. Cada esforço que fazia para tornar a subir à verga só servia para intensificar a oscilação da vela. Esperavam a cada instante que ele soltasse a corda; havia momentos em que todos se voltavam para não vê-lo cair.

De repente, viu-se um homem que subia pelo cordame com a agilidade de um gato. Estava vestido de vermelho; era um forçado; usava boné verde; era um forçado condenado

por toda a vida. Chegando ao cesto da gávea, um golpe de vento levou-lhe o boné, deixando descoberta uma cabeleira branca; não era nenhum moço.

O condenado, empregado a bordo com uma sentença das galés, fora desde o primeiro momento pedir permissão ao capitão para arriscar sua vida e ajudar o marinheiro. A um sinal afirmativo do oficial, quebrara com um golpe de martelo a corrente e corra para o mastro. Ninguém, naquele instante, notou a facilidade com que a corrente fora rompida. Só mais tarde é que pensaram nisso.

Com rapidez incrível, chegou à verga, levantou os olhos ao céu e deu um passo adiante. A multidão respirou. Chegando à ponta, amarrou ali uma extremidade da corda que havia levado, deixou cair a outra extremidade, pôs-se a descer ao longo da corda, e, então, em vez de um só homem suspenso sobre o abismo, viram-se dois. Dez mil olhos estavam fixos naqueles dois. Nenhum grito, nem uma palavra; a mesma emoção franzia todas as sobranceiras. Todos prendiam a respiração, como se temessem aumentar, o mínimo que fosse, o sopro do vento que balançava os dois miseráveis.

Nesse meio-tempo, o forçado se aproximara do marinheiro. Bem na hora; um minuto mais e o homem, desesperado e sem forças, se deixaria cair no abismo; o condenado amarrou-o fortemente com a corda na qual se segurava, enquanto trabalhava com a outra mão. Enfim, viram-no subir e suspender o marinheiro. Segurou-o por alguns instantes para que recobrasse as forças, depois amparou-o nos braços e o levou por sobre a verga até o mastro e, de lá, ao cesto da gávea, onde o deixou nas mãos de seus companheiros.

A multidão rompeu em aplausos; houve até velhos guardas das galés que choraram; as mulheres se abraçavam no cais, ouviam-se vozes gritando em uma espécie de enternecido furor: “Perdão para esse homem!”. Ele, porém, parecia preparar-se para descer imediatamente e voltar à sua tarefa.

Para chegar mais depressa, deixou-se escorregar pelo cordame e pôs-se a correr em cima de uma verga mais baixa. Todos os olhos o seguiam. Em certo momento, houve um sobressalto; ou porque estivesse cansado, ou porque sentisse tontura, pareceu hesitar e perder o equilíbrio. De repente, a multidão deu um só grito; o condenado acabava de cair ao mar.

A queda era perigosa. Junto ao Orion estava fundeada a fragata Algeciras, e o pobre homem tinha caído entre os dois navios. Quatro homens se arrojaram a toda a pressa ao mar num barco, animados pela multidão. O homem, porém, não voltara à superfície, desaparecendo no mar sem deixar uma esteira de espuma. Procuraram, mergulharam, mas em vão. Nem o cadáver apareceu.

No dia seguinte, o jornal de Toulon publicava as seguintes linhas:

“Ontem, um forçado cumprindo a pena a bordo do Orion, ao voltar de socorrer um marinheiro, caiu ao mar e afogou-se. Não foi possível encontrar o cadáver. Presume-se que tenha ficado preso nas estacas da ponte do Arsenal. Ele estava registrado sob o número 9.430 e chamava-se Jean Valjean”.

CUMPRINDO PROMESSA FEITA À MORIBUNDA

O problema da água em Montfermeil

Montfermeil era um lugar pacífico e bonito, que não ficava à beira de estrada, e onde se vivia sem muitos gastos, no gozo da vida calma do campo. A única coisa rara era a água, por causa do nível do planalto, pelo que era necessário ir buscá-la a considerável distância.

Os que moravam no fim da aldeia se abasteciam nos magníficos lagos dos bosques; os da outra extremidade só conseguiam água potável numa fonte que ficava na encosta, a um quarto de hora de distância.

Portanto, a provisão de água era tarefa cansativa. As grandes residências, a aristocracia, a taverna Thénardier, todos pagavam um vintém por balde de água a um homem cujo serviço era esse; mas esse homem só trabalhava até as sete horas da noite durante o verão, e até as cinco da tarde durante o inverno; quando caía a noite e se fechavam as portas das casas, quem não tivesse água para beber ou ia buscar na fonte, ou passava sede.

Esse era o terror daquela pobre criança, a pequena Cosette. Ela era útil aos Thénardier de duas maneiras: faziam-se pagar pela mãe e faziam-se servir pela filha. Assim, quando a mãe deixou de enviar o dinheiro, nem por isso eles deixaram de se servir da menina como criada. Era ela quem ia buscar água quando necessário. Cosette, com medo de ter de caminhar na escuridão da noite, tinha grande cuidado para que nunca faltasse água em casa.

O Natal de 1823 foi particularmente brilhante em Montfermeil. Saltimbancos vindos de Paris obtiveram permissão para armar suas barracas na rua principal da aldeia, e um grupo de comerciantes ambulantes, sob a mesma tolerância, construiu suas tendas na praça da matriz e até a rua onde ficava o albergue dos Thénardier.

Na mesma noite de Natal, alguns homens estavam sentados à mesa e bebiam na sala do albergue dos Thénardier. A senhora Thénardier cuidava do jantar que estava sendo preparado num belo fogo; o marido bebia com os hóspedes e falava de política.

Cosette estava no seu lugar de costume, sentada debaixo da mesa da cozinha, perto da lareira; vestia-se de farrapos e costurava meias de lã para as filhas do casal. Na sala ao lado, ouviam-se os gritos e risos das duas filhas dos Thénardier, Eponine e Azelma.

No canto da lareira, pendurada a um prego, via-se uma palmatória.

De vez em quando, os gritos de um bebê que devia estar em algum canto da casa sobressaía no meio de todo o barulho da estalagem. Era um garotinho, nascido num dos invernos anteriores — sem saber por quê, dizia a senhora Thénardier, talvez efeito do frio

— e tinha pouco mais de 3 anos. A mãe o amamentara, mas não gostava do pequeno. Quando a choradeira ensurdecadora do garoto ficava importuna, o marido dizia:

— Seu filho está gritando; vá ver o que ele quer.

— Bah! — respondia a mãe —, ele me amola!

E a pobre criança continuava a gritar na escuridão.

Dois retratos completos

O senhor Thénardier completara 50 anos e sua esposa tinha quase 40.

Ela era alta, grande, loura, gorda e carnuda, e pertencia a essa raça de colossos selvagens que andam em exposição pelas feiras, sustentando adornos nos cabelos. Era ela quem fazia tudo em casa, e sua única criada era Cosette, um rato servindo um elefante. Seu rosto largo, crivado de sardas, parecia uma escumadeira. Tinha barbas. Era um carregador de mercado vestido de mulher. Praguejava como ninguém e vangloriava-se de quebrar uma noz com um soco. Sem os romances que havia lido e que, por momentos, faziam aparecer a mulher pedante que se ocultava sob aquele bicho-papão, jamais ninguém teria a ideia de pensar que ela fosse uma mulher. Era como o produto do enxerto de uma donzela em uma peixeira. Quando a ouviam falar, diziam: “É um gendarme”; quando a viam beber, diziam: “É um carroceiro”; quando a viam maltratar Cosette, diziam: “É um carrasco”. Quando dormia, um dente ficava para fora da boca.

O marido era um homem baixo, magro, pálido, anguloso, com aspecto de doente, mas gozava de uma saúde de ferro. A sua esperteza começava por isso. Tinha o ar de uma fuinha e a aparência de um homem de letras. Seu maior gosto era beber com os carroceiros. Ninguém jamais conseguia burlá-lo. Fumava num cachimbo enorme. No mais, era um espertalhão. Existe gente assim. Devem lembrar-se de que ele mentia ter tomado parte em batalhas; costumava contar que, em Waterloo, como sargento de um 6º ou 9º regimento, ele, sozinho, lutando contra um esquadrão inteiro de terríveis hussardos, conseguira salvar “um general seriamente ferido”.

Thénardier pertencia àquela espécie de gatunos e ladrões de que falamos, percorrendo as estradas, vendendo a estes, roubando àqueles, rodando com toda a família, homem, mulher e crianças, em cima de uma carroça atrás dos exércitos em marcha. Terminada a guerra, tendo alguns haveres, basicamente bolsas, relógios, anéis de ouro e cruzes de prata, recolhidos nos campos semeados de cadáveres, viera abrir seu pardieiro em Montfermeil. Thénardier era hipócrita, glutão, preguiçoso e esperto. Não desprezava as criadas, o que fazia com que sua mulher as dispensasse. Aquela gigante era ciumenta. Parecia que aquele homenzinho magro e amarelo era o objeto da cobiça universal.

A mulher era uma criatura medonha, que não amava senão as filhas e que não temia senão o marido. Era mãe por ser mamífera, mas ainda assim a sua maternidade

concentrava-se nas filhas. O marido só pensava em enriquecer, pois estava endividado.

Esse homem e essa mulher representavam a aliança da astúcia e da raiva. Enquanto Thénardier ruminava e tramava, a mulher não pensava nos credores, não pensava no dia de hoje nem no futuro, e vivia o minuto presente.

E Cosette vivia entre os dois, como uma criatura que fosse ao mesmo tempo triturada por um moinho e despedaçada por uma tenaz. Cada um deles tinha um modo diferente de atormentar a menina. A estalajadeira a moía de pancadas, o estalajadeiro a fazia andar descalça no inverno. Era como uma mosca a serviço de duas aranhas.

O que se passa nessas almas, que há pouco saíram do seio de Deus, quando se encontram assim pequeninas e nuas entre os homens?

Vinho para os homens e água para os cavalos

Quatro viajantes chegaram à estalagem naquela noite.

Cosette tinha um olho roxo de um murro da senhora Thénardier, que de vez em quando lhe dizia que estava horrorosa com aquele olho preto.

O que a tranquilizava era que na estalagem não se bebia muita água, pois não havia mais. Não faltava gente com sede, mas era dessa sede que se dirige com mais vontade à pipa de vinho do que à bilha de água.

Cosette continuou seu trabalho durante mais um quarto de hora, mas contava os minutos, desejando que já fosse o dia seguinte, claro e iluminado. De repente, um dos feirantes ambulantes hospedados na estalagem entrou e disse com maus modos:

— Ainda não deram de beber ao meu cavalo.

— Sim, senhor, deram — disse a Thénardier.

— E eu digo que não — tornou o feirante.

Cosette saiu então de sob a mesa e disse:

— Oh, senhor! Olhe que o cavalo bebeu, bebeu no balde, um balde cheio; até fui eu que lhe dei de beber.

Isso não era verdade. Cosette mentia.

— Ora vejam como esta menina tão pequena já sabe contar mentiras do tamanho desta casa! — exclamou o homem. — Já disse que não bebeu, moleca! Quando não bebe, ele respira de um modo que eu conheço.

Cosette insistiu, acrescentando com voz abafada pela angústia e que mal se ouvia:

— Mas ele até bebeu bastante!

— Chega — tornou o feirante encolerizado —, deixem-se de histórias, deem de beber ao cavalo e acabemos com isto!

Cosette foi se meter outra vez debaixo da mesa.

— Nada mais justo — disse a senhora Thénardier. — Se o cavalo não bebeu, é preciso

dar-lhe de beber.

Depois acrescentou, olhando em volta:

— Então? Onde se meteu ela?

Cosette saiu e a mulher continuou:

— Sua cadela sem nome, vá dar de beber ao cavalo.

— Senhora, mas é que não há mais água — disse Cosette com medo.

A estalajadeira abriu a porta da rua de par em par e acrescentou:

— Pois vá buscar!

A senhora Thénardier voltou ao fogão e provou com uma colher de pau o que estava na panela, resmungando:

— Na fonte há muita água. A espreitinha... É melhor eu cuidar das minhas panelas. Toma, sua lesma — acrescentou —, quando voltar, compre um filão de pão na padaria. Aí tem quinze soldos.

Cosette pegou o dinheiro sem dizer uma palavra, colocou no bolso do avental e ficou imóvel com o balde na mão e a porta escancarada em sua frente. Parecia esperar que alguém viesse em seu socorro.

— Ainda não foi? — gritou a senhora Thénardier.

Cosette saiu e a porta tornou a fechar-se.

Entra em cena uma boneca

Havia muitas barracas que se estendiam até a estalagem dos Thénardier, e a última delas era de brinquedos. Na primeira estante da frente havia uma imensa boneca, vestida de crepe rosa, com espigas de ouro na cabeça, cabelos naturais e olhos de esmalte. Durante todo o dia ali ficara aquela maravilha, para deslumbramento dos transeuntes de menos de 10 anos, sem que se encontrasse em Montfermeil uma mãe bastante rica para comprá-la para a filha. Eponine e Azelma passaram horas e horas a contemplá-la, e até Cosette, às escondidas, teve a ousadia de ir vê-la.

Quando Cosette saiu com o balde, não pôde evitar de levantar os olhos para aquela maravilhosa boneca, para a "senhora", como ela lhe chamava. A barraca parecia a ela um palácio, a boneca era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza, a felicidade, que apareciam numa espécie de irradiação quimérica àquela infeliz criatura tão profundamente sepultada numa fria miséria.

A pobre criança esquecia tudo naquela adoração, mesmo a tarefa que devia executar. De repente, porém, a voz rude da estalajadeira chamou-a à realidade:

— Ainda está aí, sirigaita? Espera que já vou aí! Quero saber o que ficou fazendo!

A senhora Thénardier havia chegado à porta e avistara Cosette em êxtase.

Cosette fugiu levando o balde e dando as passadas mais largas que conseguia.

A menina solitária

Já era noite e a pobre criança, rodeada de sombras, desapareceu na escuridão. Quanto mais caminhava, porém, mais espessas se tornavam as trevas. Pelas ruas já não se via ninguém.

Enquanto havia casas, a menina seguiu com bastante coragem. De vez em quando, via o clarão de uma vela através das fendas de uma porta, sinal de luz, de vida; lá haveria gente, e isso a confortava. No entanto, à medida que se adiantava, diminuía o passo maquinalmente. Quando passou o ângulo da última casa, Cosette parou. Passar da última loja tinha sido difícil; ir além da última casa tornava-se impossível. Colocou o balde no chão e começou a coçar lentamente a cabeça, gesto das crianças amedrontadas e indecisas. Já não era Montfermeil, eram os campos.

Olhou a escuridão, não havia mais gente, mas animais e, talvez, até almas do outro mundo. Olhou de novo, ouviu os lobos a caminhar pelo mato e viu distintamente as almas do outro mundo agitando os ramos das árvores.

O medo deu coragem a Cosette:

— Vou dizer que não tinha mais água!

Pegou o balde e voltou a Montfermeil. Mas parou de novo.

Era a senhora Thénardier que lhe aparecia, medonha, a boca de hiena e o ódio nos olhos. Que fazer? Para onde ir? Como resolver? Na sua frente o espectro da senhora Thénardier; por trás todos os fantasmas da noite e dos bosques.

Foi da mulher que ela fugiu. Assustada, voltou a correr para a fonte, entrando no bosque sem nada escutar, sem olhar em volta, só parando de correr quando lhe faltou o ar.

Mas ela não se perdeu na escuridão e chegou à fonte, um pequeno tanque natural onde corria mansamente um fio de água. Agarrando-se a um arbusto que lhe servia de ponto de apoio, mergulhou o balde, mas não percebeu que tudo o que tinha no bolso do avental caíra na água. A moeda de quinze soldos desapareceu. Cosette não a viu nem a ouviu cair. Retirou o balde quase cheio e colocou-o à beira da fonte.

Estava exausta e apavorada de se ver em meio àquela densa escuridão. Sua vontade era de fugir o mais depressa dali, mas ao olhar o balde que estava à sua frente, o medo de Thénardier era tanto que não ousou fazer isso sem levá-lo.

Com muito custo conseguiu levantá-lo. Deu alguns passos e se viu obrigada a pousá-lo no chão outra vez. Respirou um instante, depois pegou novamente na alça e continuou a caminhar, dessa vez por mais algum tempo. Mas era inevitável parar novamente. Após alguns segundos de repouso, começou a andar, inclinada para a frente, de cabeça baixa como uma velha. Isso tudo se passava no fundo de um bosque, de noite, em pleno inverno, longe de todo olhar humano; tratava-se de uma criança de 8 anos. Somente Deus contemplava então aquela triste cena.

E talvez também sua mãe! Porque há coisas que forçam os mortos a abrir os olhos no interior dos túmulos.

Cosette nem ousava chorar de tanto medo da senhora Thénardier, mesmo de longe. Já estava exausta e ainda não saíra da floresta. Desse jeito, levaria mais de uma hora para voltar... Chegando ao pé de um velho castanheiro, fez uma última parada, mais longa que as outras, para descansar bastante; depois, concentrou todas as forças, levantou o balde e continuou a andar corajosamente.

Nesse momento, Cosette sentiu que o balde já não lhe pesava. Uma mão enorme erguia o balde vigorosamente. A criança levantou a cabeça e viu caminhando ao lado dela, na escuridão, um vulto negro. Era um homem que viera por trás e que segurava o balde para ela.

Há instintos para todos os encontros da vida.

A criança não se assustou.

O que prova talvez a inteligência de Boulatruelle

Na tarde daquele mesmo dia de Natal de 1823, um homem passeou durante muito tempo na parte mais deserta do boulevard do Hospital, em Paris.

Esse homem, no modo de se vestir, como em toda a sua pessoa, era o tipo que se poderia chamar de mendigo de boa aparência; a extrema miséria combinada com o extremo asseio. Usava um chapéu de abas largas, muito velho e gasto, um sobretudo amarelo-ocre, já muito usado, e pesados sapatos com fivelas de cobre. A julgar por seus cabelos completamente brancos, fronte enrugada, lábios lívidos, rosto em que tudo respirava fadiga, poderíamos dar-lhe mais de 60 anos. Pelo andar firme, embora lento, pelo vigor que acompanhava todos os seus movimentos, teria 50 anos apenas. Carregava um pequeno embrulho na mão esquerda, envolto num lenço, e com a direita apoiava-se numa espécie de cajado cortado numa sebe.

Já à noite, ele estava na ruela de La Planchette e entrava no escritório das diligências para Lagny, onde viu que a carruagem partia às quatro e meia. Os cavalos estavam atrelados e os viajantes, chamados pelo cocheiro, subiam a toda a pressa a escada de ferro que levava aos assentos.

— Há algum lugar vago? — perguntou o homem.

— Há um único, aqui ao meu lado, neste assento — disse o cocheiro.

— Fico com ele.

— Suba.

O cocheiro, ao olhar para o medíocre vestuário do viajante e para a bagagem insignificante, exigiu o dinheiro adiantado.

— Vai até Lagny?

— Vou.

Por volta das seis horas a diligência estava em Chelles. O cocheiro parou para deixar os

cavalos descansarem e o homem desceu. Andou pelos campos e foi para a orla do bosque. Ele se movimentava pela estrada que conduzia a Montfermeil como alguém que conhece a região.

No bosque, pôs-se a olhar com cuidado para todas as árvores, avançando passo a passo como se seguisse um caminho misterioso só dele conhecido. Houve um momento em que parecia desorientado, parando sem saber para onde ir. Enfim, às apalpadelas, chegou a uma clareira onde havia um amontoado de grandes pedras esbranquiçadas.

Dirigiu-se diretamente até essas pedras, examinando-as com atenção através do nevoeiro, como se as estivesse passando em revista. Uma grande árvore, coberta de saliências, que são como que as verrugas da vegetação, estava a alguns passos do monte de pedras. Foi até a árvore e passou-lhe a mão pelo tronco, como se quisesse contar todas aquelas verrugas.

Em seguida, pôs-se a bater com o pé no chão durante algum tempo, no espaço compreendido entre a árvore e as pedras, como alguém que quer assegurar-se de que a terra não teria sido revolvida.

Feito isto, tornou a seguir o seu caminho pelo meio do bosque.

Era este o homem que acabava de encontrar Cosette.

Ao caminhar por entre o mato em direção a Montfermeil, avistara aquela sombra pequenina que se movia com um gemido, que pousava um objeto pesado no chão, e que depois tornava a pegar nele e continuava o seu caminho.

Aproximou-se e viu que era uma criancinha levando um enorme balde de água. Foi até ela e pegou silenciosamente a alça do balde.

Cosette na escuridão ao lado de um desconhecido

O homem dirigiu-lhe a palavra: falava com voz grave e quase baixa:

— Minha filha, isso é pesado demais para você.

Cosette ergueu a cabeça e respondeu:

— É, sim, senhor.

— Deixe que eu levo para você.

Cosette largou o balde e o homem passou a caminhar ao lado dela.

— É mesmo muito pesado! — disse ele. — Quantos anos você tem?

— Oito anos, senhor.

— Você não tem mãe?

— Não sei — respondeu a criança. — Acho que não. As outras têm, mas eu não. Acho que nunca tive.

O homem parou, pousou o balde no chão, abaixou-se para ver o rosto da menina no meio da escuridão.

— Como se chama?

— Cosette.

O homem sentiu como que um choque elétrico. Olhou-a mais uma vez, depois pegou o balde e recomeçou a andar.

— Onde mora?

— Em Montfermeil, não sei se o senhor sabe onde é.

— E é para lá que nós vamos?

— É, sim, senhor.

O homem fez uma pausa e depois continuou:

— Quem foi que te mandou buscar água a esta hora?

— Foi a senhora Thénardier.

O homem replicou com um tom de voz que se esforçava para ser indiferente, mas em que havia uma emoção singular:

— Quem é essa senhora Thénardier?

— É a minha patroa — disse a criança —, a dona da estalagem.

— Da estalagem? — disse o homem. — Então vou lá pernoitar hoje.

Enquanto caminhavam, Cosette levantava os olhos para esse homem com uma espécie de tranquilidade e abandono inexprimível. Nunca ninguém a ensinara a rezar, mas agora ela sentia algo que se parecia com a esperança e com a alegria, e que se dirigia para o céu.

Haviam chegado à aldeia e Cosette guiou o viajante pelas ruas. Passaram pela padaria, porém, ela não se lembrou do pão que devia comprar. O homem parou de fazer perguntas e guardava um silêncio triste. Ao se aproximarem da estalagem, Cosette disse-lhe, tocando-lhe o braço timidamente:

— Senhor...

— Que é, minha filha?

— Estamos perto da casa.

— E que tem?

— Pode me fazer o favor de me dar o balde?

— Por quê?

— É porque se a patroa vê que não fui eu que o trouxe, vai me bater.

O homem deu-lhe o balde e um instante depois estavam à porta da taberna.

O dissabor de receber um pobre que talvez seja rico

Cosette não pôde deixar de olhar para a grande boneca ainda exposta na barraca antes de bater à porta. Esta abriu-se e apareceu a senhora Thénardier com uma vela na mão.

— Ah, é você, bastarda! Como demorou! Deve ter se divertido muito, não é?

— Senhora — disse Cosette, tremendo —, aqui está um senhor que deseja se

hospedar.

A senhora Thenardier substituiu logo seu ar rabugento pela sua careta amável e procurou avidamente avaliar o recém-chegado.

— É o senhor? — perguntou ela.

— Sim, senhora — respondeu o homem, levando a mão ao chapéu.

Ao passar em revista as roupas e a bagagem do desconhecido, a senhora Thénardier sentiu desvanecer a careta amável e reaparecer o ar carrancudo.

— Pode entrar.

O homem entrou. A senhora Thénardier lançou-lhe um segundo olhar, avaliando o sobretudo desfiado, o chapéu deformado e consultou o marido, com um abanar de cabeça, um franzir de nariz e um piscar de olhos. Este respondeu com um leve agitar do indicador e um movimento dos lábios, que significavam “miséria completa”. Em virtude disto, a senhora Thénardier exclamou:

— Ai, acabo de me lembrar! Sinto muito, mas já não tenho lugar.

— Seja onde for — disse o homem —, no alpendre ou na cavaliária. Pagarei como se dormisse num quarto.

— Quarenta soldos.

— Seja por quarenta soldos.

— Quarenta soldos! — disse um carroceiro em voz baixa à senhora Thénardier. — O preço não é vinte soldos?

— Mas para ele são quarenta — replicou a senhora Thénardier no mesmo tom. — Não dou hospedagem a esses pobres por menos.

— Faz bem — acrescentou o marido também em voz baixa —, alojar esse tipo de gente traz má fama à casa.

O homem, sentado a uma mesa, observava a menina com atenção. Cosette estava magra e pálida; tinha quase 8 anos e não parecia ter mais de 6. Seus grandes olhos, mergulhados numa espécie de sombra, estavam quase sem brilho, tanto haviam chorado. Sua roupa não passava de um trapo, que no verão provocaria pena e no inverno, horror. Viam-se aqui e ali marcas azuis e negras onde a patroa lhe havia espancado. Seu modo de andar, suas atitudes, o som da sua voz, qualquer gesto, por mínimo que fosse, exprimiam um único sentimento: medo.

Seu medo era tanto que, ao chegar toda molhada, não tivera coragem de ir secar-se ao fogo, correndo silenciosamente para o seu trabalho.

De repente, a senhora Thénardier exclamou:

— E o pão?

Cosette tinha se esquecido completamente do pão. E fez o que toda criança assustada faz. Mentiu, dizendo que a padaria estava fechada. A senhora Thénardier disse, ameaçadoramente, que no dia seguinte iria saber se era verdade, e pediu a moeda de quinze soldos de volta.

Cosette enfiou a mão no bolso do avental e ficou lívida. A moeda havia desaparecido.

— Como é? Perdeu o meu dinheiro? Ou agora começou a roubar?

Ao mesmo tempo, estendeu o braço na direção da palmatória que estava pendurada perto da lareira.

Esse gesto terrível deu a Cosette a força de gritar:

— Perdão! Eu não faço mais!

A mulher agarrou a palmatória.

Mas o homem, que procurava algo no bolso de seu colete, disse ao ver a mulher levantar o braço:

— Perdão, senhora, mas agora mesmo vi uma coisa cair do bolso do avental dessa menina e rolar. Não será o que a senhora procura?

Ao mesmo tempo, ele se abaixou como se procurasse algo no chão. E logo entregou uma moeda de prata para a estalajadeira.

— É isso mesmo! — disse ela.

A moeda não era a mesma, porque se tratava de vinte soldos, mas a senhora Thénardier saía ganhando. E lançou um olhar feroz para a menina.

Nesse momento, abriu-se uma porta e entraram Eponine e Azelma, as lindas filhas dos Thénardier. Seu modo de vestir, sua alegria, a algazarra que faziam, tudo estava impregnado de altivez.

Quando elas entraram, a senhora Thénardier disse, num tom de quem ralha, mas que era cheio de meiguice:

— Aí vêm vocês agora!

As duas foram sentar-se ao pé do fogo. Brincavam com uma boneca que viravam e reviravam sobre os joelhos, conversando alegremente. De quando em quando, Cosette levantava os olhos de seu tricô, que fazia debaixo da mesa, e olhava tristemente para elas.

De repente, a senhora Thénardier, que continuava a passear pela casa de um lado para o outro, viu que Cosette estava distraída em vez de trabalhar.

— Ah, espere que eu cuido de você! — gritou ela. — É assim que se trabalha? Precisa de umas boas palmadas!

O desconhecido voltou-se então para a senhora Thénardier e disse-lhe, sorrindo:

— Ora, senhora, deixe que ela brinque também!

A mulher respondeu secamente:

— Já que ela come, que trabalhe. Eu não dou comida a ela para que fique à toa.

— Mas o que ela faz? — tornou o recém-chegado com uma voz doce, que contrastava com os seus trajes de mendigo e com os seus ombros de carregador.

A senhora Thénardier dignou-se responder:

— Faz meia para minhas filhas, que estão sem elas, quase, e que logo andarão descalças.

O homem olhou para os pezinhos vermelhos de Cosette e continuou:

— Quanto vai custar esse par de meias que ela está fazendo?

A senhora Thénardier deu-lhe um olhar desdenhoso.

— Trinta soldos, pelo menos.

— E se eu der cinco francos? — tornou o homem.

— O quê? — exclamou um carroceiro que escutava a conversa.

O estalajadeiro decidiu tomar a palavra.

— Pois não, senhor; se tem esse desejo, fique com as meias pelos cinco francos. Nós não sabemos recusar nada aos viajantes.

— Mas tem que pagar já — disse a mulher com o seu jeito curto e seco.

— Fico com as meias — respondeu o homem, tirando do bolso uma moeda de cinco francos que pôs em cima da mesa.

Em seguida voltou-se para Cosette:

— Agora, você trabalha para mim. Pode brincar.

As filhas dos Thénardier não viram nada disso, entretidas com suas bonecas, já meio gastas. Uma boneca é das mais imperiosas necessidades e, ao mesmo tempo, um dos mais encantadores instintos infantis. Cuidar, enfeitar, arrumar, vestir, acariciar, adormecer, imaginar que alguma coisa é alguém. Enquanto sonha, enquanto conversa, enquanto costura vestidinhos, blusinhas e saias, a menina torna-se moça, a moça torna-se mulher. O primeiro filho é a continuação da última boneca.

Uma menina sem boneca é quase tão infeliz quanto uma mulher sem filhos. Cosette, portanto, fez uma boneca da pequena espadinha de chumbo.

A senhora Thénardier tinha se aproximado do estranho... Afinal, quem sabe não fosse um banqueiro... Há tanto rico extravagante!

— Olhe, senhor — prosseguiu ela, retomando seu ar bondoso —, eu não levo a mal que a menina brinque, nem me oponho a isso, mas é por esta vez só, porque o senhor é generoso. Ela não tem nada de seu, portanto precisa trabalhar.

— Mas ela não é sua filha? — perguntou o homem.

— Oh, meu Deus! Não, senhor! É uma pobrezinha que nós recolhemos por caridade. Não somos ricos, mas, enfim, fazemos o bem que podemos. Por mais que tenhamos escrito para a terra dela, há seis meses que não nos respondem. Acho que porque a mãe morreu.

— Ah! — disse o homem, recaindo na sua meditação.

— A mãe não era grande coisa — acrescentou a senhora Thénardier —, uma mãe que não quer saber da filha...!

De repente, Cosette parou de brincar com sua espada-boneca e notou que as filhas do casal tinham ido brincar com o gato e haviam deixado sua boneca a alguns passos da mesa. Deixou cair a espada, que não a satisfazia, e passeou os olhos lentamente pela sala.

A senhora Thénardier falava baixo ao marido e contava dinheiro; Eponine e Azelma brincavam com o gato; os viajantes comiam ou bebiam ou cantavam; ninguém a notava. Saiu de baixo da mesa, arrastando-se nos joelhos e nas mãos, certificou-se outra vez de que eles não a observavam e pegou a boneca largada. Daí a um instante estava outra vez sentada no seu lugar e imóvel, porém, com as costas voltadas de modo a fazer sombra à boneca que tinha no colo.

Ninguém a vira, exceto o viajante do casacão, que comia pausadamente a sua ceia.

Essa alegria de Cosette durou apenas quinze minutos. Por mais que ela tomasse precauções, não viu que um dos pés da boneca saía da sombra. Azelma viu e chamou a irmã:

— Olhe só!

Cosette tivera a ousadia de pegar sua boneca!

As duas chamaram a mãe e apontaram para a menina, que não via nem ouvia nada, em êxtase.

O semblante da senhora Thénardier assumiu aquela expressão peculiar que se compõe da terrível mescla das ninharias da vida e que fez com que esse tipo de mulher fosse chamado de megera.

Nessa ocasião, o orgulho ferido aumentou sua ira ainda mais. Cosette ultrapassara todos os limites; Cosette havia colocado mãos sujas na boneca que pertencia às “suas meninas”. Uma czarina que visse um camponês experimentando a fita azul do filho imperial não teria expressão diferente.

Ela gritou com uma voz rouca de indignação:

— Cosette!

Cosette estremeceu como se a terra tremesse sob seus pés.

Ela colocou a boneca no chão com uma espécie de veneração misturada de angústia. Então, sem tirar os olhos dela, apertou as mãos, e fez o que nenhuma das emoções daquele dia tinha conseguido, nem a ida ao bosque, nem o peso do balde, nem a perda do dinheiro, nem a vista da palmatória: começou a chorar.

— Então o que foi? — perguntou o viajante, que se levantara da mesa.

— Pois não enxerga? — respondeu a senhora Thénardier, apontando para o corpo do delito que jazia aos pés de Cosette. — Esta esfarrapada não teve o atrevimento de tocar na boneca das minhas filhas?

— Ora! E o que tem ela brincar com a boneca? — disse o homem.

— São mãos sujas e nojentas!

Cosette redobrou os soluços.

— Vai calar essa boca?! — gritou a senhora Thénardier.

O homem foi direto à porta da rua, abriu-a e saiu.

Mal ele saiu e a mulher deu um forte pontapé em Cosette, que a fez gritar de dor.

A porta tornou a se abrir; o homem voltou carregando com as duas mãos a fabulosa boneca que todas as crianças da aldeia admiravam; colocou-a de pé na frente de Cosette e lhe disse:

— Tome, é para você.

Cosette ergueu os olhos, viu o homem chegando com a boneca, como se visse o próprio sol, olhou para a boneca, afastou-se lentamente e foi se esconder num canto da parede, debaixo da mesa.

Não chorava mais, não falava, parecia até que não ousava respirar.

Todos pararam de falar, até os bêbados ficaram mudos como estátuas. A megera começou com suas conjecturas: “Quem será esse velho? Um milionário, um mendigo, um ladrão?”.

O estalajadeiro olhava da boneca para o viajante; parecia farejar aquele homem como se farejasse um saco de dinheiro. Ele se aproximou da mulher e disse em voz baixa:

— Essa boneca deve ter custado uns trinta francos. Não faça bobagens. O melhor é respeitar o homem.

A mulher se voltou para a menina e disse, com uma voz que se esforçava por ser meiga, mas que era besuntada pelo mel azedo próprio das mulheres malvadas:

— Então, Cosette, não vai pegar sua boneca? Esse homem a deu para você.

A criança, porém, contemplava a maravilhosa boneca com uma espécie de terror. O

seu rosto estava ainda inundado de lágrimas, mas os seus olhos começavam a encher-se dos clarões de uma estranha alegria. Aproximou-se por fim da boneca e murmurou, olhando timidamente para a Thénardier:

— Posso pegar, senhora? É verdade? Ela é para mim?

O desconhecido parecia ter os olhos cheios de lágrimas, parecia não falar para não chorar. Limitou-se a dar um aceno afirmativo com a cabeça.

Agora eram Eponine e Azelma que olhavam com inveja para Cosette.

A menina pôs a boneca, a quem dera o nome de Catarina, em cima de uma cadeira, e sentou-se no chão diante dela.

Aquele desconhecido, que parecia uma visita que a Providência fazia a Cosette, era a coisa que a senhora Thénardier mais odiava no mundo. Mandou as filhas se deitar e também mandou Cosette ir dormir, pois a coitadinha devia estar cansadinha. Cosette foi, levando Catarina nos braços.

Decorreram algumas horas. A missa do galo acabara, a ceia terminara, os bebedores haviam saído, a estalagem estava fechada, a lareira já tinha se apagado, mas o hóspede permanecia ainda no mesmo lugar e na mesma postura de meditação. Desde que Cosette saíra, não tornara a dizer uma palavra. Na sala apenas se achavam os estalajadeiros, que tinham ficado por conveniência e por curiosidade.

— Vou me deitar — disse a mulher ao marido. — Você faça o que achar melhor.

O marido sentou-se a um canto e começou a ler o jornal. Assim passou uma hora. O estalajadeiro havia lido pelo menos três vezes o mesmo jornal. O estranho nem se movia. “Será que está dormindo?”, pensou Thénardier. Enfim levantou o boné, aproximou-se respeitosamente e aventurou-se a dizer:

— O senhor, por acaso, não quer repousar?

O estranho concordou e o estalajadeiro levou o hóspede a um quarto do andar superior. Enquanto o viajante avaliava o cômodo, Thénardier se fora discretamente, sem ousar dizer boa-noite, não se atrevendo a tratar com desrespeitosa curiosidade um homem a quem se propusera esfolar na manhã seguinte.

Quando se viu só, pegou uma das velas e saiu do quarto, olhando ao redor, como se procurasse alguma coisa. Atravessou um corredor e chegou à escada. Ali ouviu um ligeiro ruído que se assemelhava à respiração de uma criança. Deixou-se conduzir por esse ruído e chegou ao vão da escada. Nesse lugar, no meio de lixo e de enormes teias de aranha, havia uma cama toda esburacada, com palhas à mostra, e uma manta. Nessa cama dormia Cosette, abraçada com a boneca, cujos olhos abertos brilhavam na escuridão.

Uma porta aberta ao lado de onde Cosette dormia deixava ver um grande quarto, onde o estranho entrou e viu duas camas iguais, onde dormiam as filhas do casal. Ao fundo, o berço onde dormia o bebê que havia gritado durante toda a tarde.

Ele já ia se retirar quando viu a lareira, que não tinha nem fogo nem cinzas; contudo, o que lá havia atraído a atenção do viajante, que se inclinou para ver. Eram dois sapatinhos de criança, seguindo o costume das crianças que colocam seus calçados nas lareiras no dia de Natal para esperar o presente de alguma boa fada. A fada, isto é, a mãe, já havia feito a visita e podia-se ver reluzindo em cada sapatinho uma bela moeda novinha de dez soldos.

O homem endireitou-se e já ia retirar-se quando descobriu no fundo, escondido, um

tamanco grosseiro, muito velho, todo coberto de cinza e lama seca. Era o tamanco de Cosette. Ela, com a enternecedora confiança das crianças que pode ser sempre iludida, sem nunca desanimar, pusera também o seu tamanco. Dentro do tamanco não havia coisa alguma.

O desconhecido meteu os dedos no bolso do colete, curvou-se, e colocou ali uma moeda de ouro.

Depois, voltou cuidadosamente para o seu quarto.

Thénardier e suas manobras

De madrugada, duas horas antes de romper o dia, Thénardier preparava a conta do viajante. A mulher, de pé, meio curvada sobre ele, seguia com os olhos o que o marido escrevia. Não trocavam uma palavra. Este silêncio era apenas interrompido pelo ruído da Cotovia varrendo a escada.

Após um quarto de hora, Thénardier produziu a seguinte obra-prima:

CONTA DO HÓSPEDE DO Nº 9

Ceia — 3 francos

Quarto — 10 francos

Luz — 5 francos

Vela — 4 francos

Serviço — 1 franco

Total — 23 francos

— Vinte e três francos! — exclamou a mulher com um entusiasmo misturado de alguma hesitação.— Mas tem razão, Thénardier, só se cobra o que ele deve — murmurou ela, que se lembrava da boneca dada a Cosette em presença das filhas —, isso é justo, mas é demais. Ele não vai querer pagar.

Thenardier sorriu friamente:

— Deixa que ele pagará.

Thénardier acendeu o cachimbo e saiu. Apenas tinha saído e o viajante apareceu, segurando sua trouxa e o cajado.

O marido voltou imediatamente à porta e ficou ali imóvel, visível somente para sua mulher.

— Já de pé? — disse ela. — Está indo embora?

Enquanto assim falava, amassava desajeitadamente a conta entre as mãos, fazendo-lhe dobras com as unhas. Seu rosto insensível mostrava uma expressão pouco frequente, a timidez e o escrúpulo. Apresentar uma conta daquelas a um homem cuja aparência era tão pobre parecia-lhe ser difícil.

O viajante mostrava-se preocupado e distraído. Respondeu:

— Sim, já me vou.

— Então o senhor não veio a Montfermeil para tratar de algum negócio?

— Não, estou de passagem. Minha senhora — acrescentou. — Quanto lhe devo?

A senhora Thénardier, sem responder, estendeu-lhe o papel dobrado. O homem desdobrou-o e leu, mas sua atenção estava visivelmente em alguma outra coisa.

— A senhora faz bons negócios aqui em Montfermeil?

— Ora, meu senhor, os tempos estão difíceis! E depois, temos tão poucos cidadãos por aqui! Aqui só há gente pobre. Temos tantas preocupações! Essa menina nos custa os olhos da cara. Além do mais, tenho minhas filhas. Não tenho obrigação de estar alimentando filhas dos outros.

— E se alguém ficasse com ela?

O rosto vermelho e violento da mulher se iluminou de uma expressão horrível.

— Pois fique com ela, leve-a embora, adoce-a, tempere-a, beba-a, e seja abençoado pela Santa Virgem e por todos os santos do paraíso!

— Está combinado. Chame a menina.

Nesse momento, o senhor Thénardier avançou para o meio da sala e falou com delicadeza, enquanto pedia à mulher que os deixasse a sós:

— Meu senhor — disse então —, devo dizer-lhe que adoro essa criança. A nossa pequena Cosette! O senhor não estava querendo levá-la? Pois eu não posso consentir que a leve. É verdade que nos custa dinheiro, é verdade que tem seus defeitos, é verdade que não somos nada ricos, é verdade que gastei mais de quatrocentos francos em remédio, só numa de suas doenças! Mas, afinal, é preciso fazer alguma coisa pelo amor de Deus. Ela não tem pai nem mãe; eu a criei. O pão da minha casa nunca lhe faltou. Minha mulher é muito nervosa, mas também adora a criança. É como se fosse nossa filha.

O estranho continuava a encará-lo. Thénardier continuou:

— O senhor me perdoe, mas ninguém dá uma criança ao primeiro que passa... O senhor me compreende, vamos dizer que eu a deixe ir... Seria um sacrifício para mim... Mas eu ia querer saber para onde ela vai, na casa de quem vai ficar, para ir visitá-la de vez em quando... Nem sei o seu nome, seria preciso que me mostrasse ao menos seu passaporte, dizer-me onde mora...

O viajante, ainda encarando o estalajadeiro com um olhar duro, respondeu, de modo sério e decidido:

— Senhor Thénardier, ninguém usa passaporte para viajar a cinco léguas de Paris. Se eu quiser levar Cosette, eu a levarei. O senhor não precisa saber o meu nome, o meu endereço, não precisa saber para onde vou levá-la, e minha intenção é que ela nunca mais torne a vê-lo. Está bem assim? Sim ou não?

Thénardier percebeu que estava lidando com alguém de muita personalidade. Na véspera, enquanto bebia com os hóspedes, ficara observando o estranho, estudando-o como um matemático. Nenhum gesto ou movimento passou-lhe despercebido. Por que tanto interesse na menina? Por que, tendo tanto dinheiro, usava roupas tão pobres? Ele não podia ser o pai de Cosette. Seria o avô? Quando se tem um direito, deve-se declará-lo, e ele, evidentemente, não tinha direito algum sobre Cosette. Então, quem era? O homem

misterioso parecia claro e decidido, então resolveu tirar a máscara, antes que perdesse sua chance.

— Bem, nesse caso, preciso de mil e quinhentos francos.

O estranho tirou do bolso uma velha carteira de couro preto, abriu-a, pegou três notas e colocou-as em cima da mesa. Depois, cobrindo-as com as mãos robustas, disse ao estalajadeiro:

— Mande trazer Cosette.

A menina, que encontrara maravilhada aquela moeda reluzente no tamanco e a colocara no bolso do avental, adivinhava de onde ela tinha vindo. Havia cinco anos, isto é, tão longe quanto podiam ir suas recordações, a pobre criança tremia de medo e de frio. Sempre se sentira nua, exposta à áspera brisa da desgraça, mas agora se sentia agasalhada. Sua alma estava aquecida. Não estava mais sozinha; havia alguém ao seu lado.

Logo começou a fazer seu trabalho, e de tempos em tempos parava, ficava imóvel, esquecida da vassoura e do universo inteiro, admirando aquela estrela brilhando no fundo de seu bolso. Foi durante uma dessas contemplações que a senhora Thénardier a encontrou, para chamá-la até a sala.

O estranho pegou o pacote que levava e, ao desembulhá-lo, tirou um vestido, uma blusa, meias, sapatos, enfim, toda a roupa de que uma criança precisava. Todas da cor preta. Mandou que Cosette se vestisse e partiram.

Aquele que procura o melhor para si mesmo pode tornar sua situação pior

Thénardier chamou a mulher e mostrou-lhe os mil e quinhentos francos.

— Ora! Só isso?

Era a primeira vez que ela ousava criticar um ato do marido. O tiro acertou no alvo.

— Realmente, tem razão! — disse ele. — Sou um imbecil! Traga -me o chapéu.

Thénardier foi atrás do homem e de Cosette seguindo a indicação dos vizinhos, que os tinham visto passar. Ao chegar à planície, olhou até onde lhe alcançava a vista, mas não viu nada. Os dois viajantes tinham alguma dianteira, mas criança anda devagar; além do mais, Thénardier conhecia bem aqueles lugares.

De fato, algum tempo depois ele avistou o chapéu do homem por cima de um arbusto. Thénardier não se enganava. O homem sentara-se ali para deixar Cosette descansar. O taberneiro afastou a moita e apareceu subitamente aos olhos dos viajantes.

— Mil perdões e desculpas, senhor — disse ele todo esbaforido —, mas aqui tem o seu dinheiro. Eu quero Cosette de volta.

— Como? O senhor quer levar Cosette?

— Sim, senhor, eu pensei melhor e vi que não posso entregar a menina assim. Ela não

me pertence, e sim à mãe. Mas, como a mãe morreu, não posso dar a criança senão a uma pessoa que me trouxesse um papel assinado por ela. Isto é claro.

O homem, em vez de responder, enfiou a mão no bolso; Thénardier, ao ver aparecer a carteira de dinheiro, sentiu um estremecimento de alegria.

“Bem”, pensou, “ele vai tentar me corromper!”

O homem abriu a carteira e tirou de lá não o punhado de notas que Thénardier esperava, mas um papel amassado, que ele mostrou aberto ao etalajadeiro, acrescentando:

— Tem muita razão. Leia.

Thénardier pegou no papel e leu:

Montreuil-sur-Mer, 25 de Março de 1823

Senhor Thénardier

Faça o favor de entregar Cosette ao portador desta.

O senhor será pago por todas as pequenas despesas.

Saúdo-o com consideração.

Fantine.

— Conhece essa assinatura? — tornou o homem.

Thénardier a reconheceu.

Depois tentou um último golpe.

— Está bem, senhor — disse ele —, uma vez que o senhor é o portador. Mas quero que me paguem o que ainda falta, o que não é assim tão pouco.

O viajante ficou de pé e disse, sacudindo a poeira que lhe cobria a manga do casacão:

— Senhor Thénardier, a mãe desta criança julgava dever-lhe, em janeiro, cento e vinte francos, porém em fevereiro você mandou-lhe uma conta de quinhentos, dos quais recebeu trezentos em fins de fevereiro e no princípio de março recebeu mais outros trezentos. Desde então até agora são nove meses que, a quinze francos por mês, como combinado, são cento e trinta e cinco francos. Ora, como recebeu cem francos a mais, restam, por consequência, trinta e cinco, que é quanto se deve. E eu lhe dei há pouco mil e quinhentos.

Thénardier sentiu o que sentem os lobos quando estão presos pelos dentes de ferro da armadilha em que caíram.

Fez então o que faz o lobo; deu uma sacudidela para se desprender. A audácia já lhe tinha dado bom resultado uma vez.

— Senhor de quem não sei o nome — disse, pondo de lado as maneiras educadas —, ou me dá mil escudos ou eu levo a pequena comigo.

O desconhecido, porém, disse tranquilamente para a criança:

— Vamos embora, Cosette.

Ele deu-lhe a mão esquerda e com a direita apanhou o cajado do chão.

Thénardier notou a grossura do cajado e a solidão do lugar, e julgou conveniente não impedir a partida dos dois.

Mas ele ainda não tinha desistido.

“Quero saber para onde vai”, pensou consigo mesmo.

O homem conduzia Cosette de cabeça baixa, em atitude de reflexão e tristeza. De vez em quando olhava para trás, para ver se não os seguiam.

De repente, ele notou Thénardier e entrou rapidamente com Cosette no meio de algumas árvores mais espessas, onde os dois poderiam bem desaparecer.

O estalajadeiro viu e apressou o passo, e seguiu-os por duzentos ou trezentos passos. De súbito, o homem voltou-se outra vez e avistou o estalajadeiro. Dessa vez, porém, olhou para ele de modo tão inquietante que Thénardier julgou “inútil” ir mais adiante e voltou.

Reaparece o número 9.430 e Cosette ganha na loteria

Jean Valjean não morrerá.

Quando caiu ao mar, ou antes, quando se jogou ao mar livre das correntes, nadou por baixo d'água até o ancoradouro, onde se escondeu num barco. À noite, nadou até a costa e lá conseguiu comprar novas roupas numa taberna. De lá, seguiu um itinerário obscuro, iludindo a vigilância. Foi assim que chegou a Paris. Lá, sua primeira providência foi comprar roupa de luto para uma menina de sete a oito anos e depois arranjar uma casa. Feito isto, dirigira-se a Montfermeil.

Em Paris chegou-lhe às mãos um dos jornais que registravam a notícia de sua morte, e sentiu-se tranquilizado e mais seguro, como se realmente tivesse morrido.

No mesmo dia em que Jean Valjean arrancara Cosette das garras dos Thénardier, voltou para Paris. O sol se punha quando chegou, na companhia da criança, à esplanada do Observatório. Desceu da carruagem, pagou ao cocheiro, tomou Cosette pela mão, e ambos, em meio à noite escura e pelas ruas desertas, dirigiram-se para o boulevard do Hospital.

Aquele dia tinha sido estranho e cheio de emoções para Cosette. Comeram escondidos pão e queijo, trocaram de carruagem várias vezes, andaram a pé outros trechos, mas Cosette tudo suportou sem reclamar. Estava cansada, porém, e Jean Valjean a carregou no colo, onde ela, sem largar a boneca, pousou a cabeça no ombro dele e adormeceu.

O CASEBRE DE GORBEAU

Ninho do mocho e da cotovia

Foi diante de um casebre num bairro distante do centro de Paris que Jean Valjean parou. A habitação parecia pequena vista da rua, porque só se viam dela uma porta e uma janela, mas por dentro era grande como uma catedral.

Jean Valjean tirou do bolso uma chave mestra, abriu a porta, depois fechou-a com cuidado, ainda com Cosette no colo, subiu a escada e lá em cima abriu outra porta. O quarto onde entrou era uma espécie de sótão, bastante espaçoso, cuja mobília consistia em um colchão estendido no chão, uma mesa e algumas cadeiras. A um canto ficava um fogareiro, que estava aceso para aquecer o ambiente. No fundo, atrás de uma divisória envidraçada, havia uma cama. Jean Valjean levou a criança até essa cama e a deitou, sem que Cosette acordasse.

Depois acendeu uma vela; tudo isso estava preparado de antemão em cima da mesa, e, como na véspera, pôs-se a contemplar Cosette. A pequenina, com essa extrema confiança tranquila, adormecera sem saber com quem estava e continuava a dormir sem saber onde estava. Jean Valjean curvou-se então e beijou a mão da criança. Nove meses atrás ele beijara a mão da mãe, no momento em que ela também adormecera.

Era dia claro e a menina ainda dormia. Quando uma carroça pesada passou na rua e abalou as paredes do casebre, Cosette acordou sobressaltada:

— Já vou, senhora, já vou, já vou!

Saltou da cama, com as pálpebras ainda meio fechadas, tanto era o sono, estendendo os braços para o canto da parede.

— Meus Deus! Onde está a vassoura?

Abrindo os olhos, viu o rosto sorridente de Jean Valjean.

— Ah! É mesmo! — disse a menina. — Bom dia, senhor.

Cosette viu sua boneca ao pé da cama e, enquanto brincava, fazia mil perguntas a Jean Valjean: Onde estava? Paris era muito grande? A senhora Thénardier estava longe? Ela não iria voltar? Finalmente, perguntou:

— Quer que eu varra o quarto?

— Não, pode brincar — respondeu Jean Valjean.

Assim, o dia passou. Cosette estava feliz entre sua boneca e aquele velho.

Dois infortúnios fazem a felicidade

Jean Valjean nunca amara alguém.

Fazia vinte e cinco anos que vivia só no mundo, sem nunca ter sido pai, amante, marido ou amigo. Nas galés era mau, sombrio, ignorante e insociável. Sua irmã e os filhos de sua irmã haviam lhe deixado apenas uma recordação vaga e longínqua, que com o tempo se desvanecera quase completamente. Fizera todos os esforços para tornar a encontrá-los e, não conseguindo, esquecera-os. A natureza humana é assim.

Quando viu Cosette, libertou-a e a levou consigo, sentiu uma vida nova. Tudo o que havia de paixão e afeto no seu íntimo despertou, concentrando-se naquela criança.

De sua parte, Cosette se tornava outra também. Era tão pequena quando a mãe a deixara que era impossível lembrar-se dela. Como todas as crianças, havia tentado gostar de alguém. Mas não conseguira. Todos a haviam repellido: os Thénardier, suas filhas e as outras crianças.

Mas quando aquelas duas almas se encontraram, reconheceram-se; uma completava a outra. O instinto de Cosette procurava um pai, como o instinto de Jean Valjean procurava um filho. No momento misterioso em que suas mãos se tocaram, ligaram-se inseparavelmente.

Jean Valjean escolhera bem seu esconderijo. Parecia estar em completa segurança. A janela do quarto se abria para a rua, e não precisavam temer os olhares dos vizinhos. Somente um dos quartos da casa estava ocupado, além daquele de Jean Valjean e de Cosette. Era uma velha que cuidava da limpeza do quarto de Jean Valjean e se intitulava a primeira locatária. Todo o resto estava inabitado.

As semanas passaram rápidas. As duas criaturas viviam uma existência feliz. Acontecia, às vezes, de Jean Valjean tomar as mãos rosadas de Cosette, cortadas pelo frio, e beijá-las. A pobre criança, acostumada a ser espancada, não sabia o que queria dizer aquilo, e se afastava envergonhada.

Jean Valjean começou a ensiná-la a ler e a deixá-la brincar; nisso quase que se resumia toda a vida dele. Ele amou e voltou a ser forte. Não se sentia menos vacilante que Cosette. Protegendo-a, sentia-se mais seguro. Graças a ele, ela pôde viver; graças a ela, ele pôde continuar na virtude.

Ele foi o sustentáculo daquela criança e ela lhe serviu de ponto de apoio. O divino mistério dos equilíbrios do destino!

As observações da primeira locatária

Jean Valjean tinha a prudência de nunca sair durante o dia. Todas as tardes, à hora do crepúsculo, passeava por uma hora ou duas, às vezes só, quase sempre na companhia de Cosette, preferindo as calçadas das ruas mais desertas e visitando as igrejas ao cair da noite.

A velha cuidava da limpeza, cozinhava e cuidava das compras.

Ela não perdia de vista Jean Valjean. Era um tanto surda, o que a fazia tagarela. Fez algumas perguntas a Cosette, que, nada sabendo, nada pode contar, senão que vinha de Montfermeil. Certo dia, a velha viu Jean Valjean descosturar a bainha do casaco, de onde tirou um pedaço de papel amarelado. Ela reconheceu com espanto ser uma nota de mil francos.

Pouco depois, ele pediu-lhe que fosse trocar a nota, dizendo que era a renda semestral que havia recebido na véspera. A velha foi trocar o dinheiro fazendo mil e uma conjecturas, porque, afinal, se ele saía apenas de tarde, a essa hora o banco já não estava aberto... Então, como ele recebeu aquela nota?

Aquela nota de mil francos, devidamente comentada e multiplicada, produziu uma multidão de discussões exaltadas entre as comadres da rua Vignes-Saint-Marcel.

Dias depois, quando Jean Valjean estava em mangas de camisa serrando uma tábua, e Cosette admirava-o trabalhando, a velha foi revistar o casaco pendurado num prego. A bainha estava novamente costurada. Apalpou-a e pôde sentir, entre as dobras, pedaços de papel. Sem dúvida, mais notas de mil francos!

Notou, também, que havia diversos objetos naqueles bolsos. Não apenas agulhas, tesoura e linha, coisas que já tinha visto, mas uma grande carteira, um punhal e, interessante, várias perucas de cores diversas. Cada bolso do casaco parecia preparado para algum acontecimento imprevisto.

Uma moeda de cinco francos faz barulho ao cair no chão

Havia um mendigo que se abrigava à beira de um velho paiol, ao qual Jean Valjean ajudava; ele nunca passava à sua frente sem lhe dar algum dinheiro. Diziam alguns que aquele velho de 75 anos era da polícia...

Uma noite, Jean Valjean, que não tinha levado Cosette consigo, viu o homem que estava curvado e parecia rezar. Quando Valjean lhe deu a esmola, o mendigo ergueu a cabeça, olhou para Jean Valjean fixamente e baixou os olhos depressa. Foi como um relâmpago que fez Valjean estremecer. Ele parecia não ver o rosto do velho, mas uma figura assustadora e conhecida. Recuou assustado e voltou para casa.

Ele não ousava confessar para si mesmo que a pessoa que acabava de ver era Javert.

Alguns dias depois, seriam oito da noite, estava no quarto com Cosette quando ouviu a porta do casebre abrir-se e fechar-se. A velha, que era a única pessoa que habitava a casa, além dele, deitava-se sempre ao anoitecer. Fez sinal a Cosette para que se calasse e ouviu

alguém subir pela escada acima. Apagou a vela e notou passos pesados, como os de um homem.

O ruído de passos cessou. Jean Valjean ficou em silêncio, imóvel, com as costas voltadas para a porta, sem ousar se mexer. Ao cabo de bastante tempo, como não ouvisse mais nada, voltou-se sem fazer barulho e, ao olhar para a porta do quarto, viu uma luz pelo buraco da fechadura. Evidentemente havia alguém escutando e com uma vela na mão.

Ao romper do dia, foi acordado pelo ranger de uma porta de algum quarto no fim do corredor, e ouviu os mesmos passos do homem que no dia anterior havia subido a escada. Jean Valjean pulou da cama e espiou pelo buraco da fechadura. Era um homem que passava sem parar pelo quarto. O corredor estava escuro e não foi possível ver seu rosto, mas dava para vê-lo perfeitamente de costas. Era alto, usava um sobretudo comprido e uma bengala debaixo do braço. Era a silhueta medonha de Javert.

Era evidente que esse homem havia aberto a porta com uma chave, como se estivesse em sua própria casa. Quem lhe teria dado a chave?

Às sete horas, a velha veio fazer a limpeza. Enquanto varria, varria, ela lhe perguntou:

— O senhor ouviu alguém entrar a noite passada?

— De fato, ouvi sim... Quem era?

— Um novo inquilino da casa — disse a velha. — Chama-se Dumont, Daumont, um nome assim.

— E o que faz esse senhor Dumont?

A velha o encarou com seus olhos de fuinha e respondeu:

— Um dono de terras, como o senhor.

Talvez ela não tivesse nenhuma intenção oculta ao responder assim, mas Jean Valjean julgou perceber qualquer coisa. Quando a velha saiu, ele fez um pacote de uma centena de francos que estavam guardados num armário e escondeu-os no bolso. Embora tivesse tomado todo o cuidado, uma moeda de cem soldos escapou-lhe das mãos e rolou pelo chão.

Ao escurecer, desceu e olhou atentamente para todos os lados da rua. Parecia estar absolutamente deserta. Tornou a subir para o quarto.

— Vamos, Cosette.

Tomou-a pela mão e os dois saíram de casa.

CAÇADA TENEBROSA, MATILHA SILENCIOSA

Zigue-zagues estratégicos

Jean Valjean deixou apressadamente a rua e internou-se por inúmeras outras, fazendo o maior número de voltas possível, voltando às vezes pelos mesmos lugares para se assegurar de que não estava sendo seguido.

Cosette caminhava sem fazer perguntas. Os sofrimentos dos seis primeiros anos da sua vida tinham introduzido alguma coisa de passivo na sua natureza. Mas Valjean não sabia para onde ir, tanto quanto a menina.

Não sabia para onde ir, não tinha um plano, nem mesmo tinha certeza de que aquele homem fosse Javert; e, depois ainda que fosse Javert como saber que ele o teria reconhecido? Não julgavam que o condenado Jean Valjean tinha morrido afogado ao despencar daquele navio? Mas coisas estranhas vinham acontecendo há alguns dias, e ele estava decidido a não mais voltar para aquela casa.

Deslizou pelas casas, sempre segurando a mão da criança, observando a parte iluminada das ruas, vasculhando os becos com cuidado, e às vezes voltando pelo mesmo caminho para despistar quem o estivesse seguindo.

Quando soavam as onze horas, Jean Valjean e Cosette atravessaram a rua em frente da delegacia de polícia, mas o instinto o fez se virar. Nesse momento, viu, graças ao lampião que estava à porta da delegacia, três homens que o seguiam, bem próximos. Um deles entrou na delegacia. O que andava na frente pareceu-lhe especialmente suspeito.

Puxando Cosette pela mão, entrou com ela em um beco, muito iluminado pela lua cheia.

Jean Valjean escondeu-se no ângulo de uma porta, calculando que, se aqueles homens ainda o estavam seguindo, dali não poderia deixar de vê-los bem, quando atravessassem pela claridade. Logo eles apareceram. Agora, eram quatro. Todos altos, vestidos com longos casacos, de chapéus redondos, empunhando grossos cajados. Não eram menos assustadores por sua grande estatura e punhos enormes do que por seu andar sinistro no meio da noite.

Pararam no cruzamento e pareciam indecisos. Aquele que parecia ser o guia voltou-se, indicando com um gesto decidido a direção em que se encontrava Jean Valjean; outro parecia optar pela direção contrária. No instante em que o primeiro se voltou, a lua iluminou-lhe o rosto.

Jean Valjean reconheceu Javert perfeitamente.

Felizmente passam carruagens pela ponte de Austerlitz

A incerteza de Jean Valjean já não existia; a dúvida continuava apenas com seus perseguidores. Ele se aproveitou da hesitação deles e saiu para os lados do Jardim Botânico. Não havia um único transeunte, e Valjean apressou os passos. Caminhou ao longo do Jardim Botânico e chegou ao cais. Lá chegando, virou-se e não viu ninguém em seu encalço.

Na ponte de Austerlitz, teve que pagar pedágio para ele e para Cosette, e ficou contrariado porque a fuga devia passar despercebida. Uma grande carroça atravessava o Sena ao mesmo tempo que ele; isso lhe foi de grande utilidade, porque pôde atravessar toda a ponte à sombra da carroça.

Passada a ponte, avistou alguns estaleiros, mas para chegar lá devia atravessar um grande espaço iluminado. Foi para lá com Cosette e viu uma ruazinha estreita e escura entre dois estaleiros rodeados por muros. Parecia feita para ele. Antes de prosseguir, olhou para trás.

Do lugar onde estava, podia ver toda a ponte de Austerlitz. Quatro sombras acabavam de chegar. Eram os quatro homens.

Restava-lhe, porém, uma esperança: talvez aqueles homens não o tivessem avistado quando atravessara o grande espaço iluminado puxando Cosette pela mão. Nesse caso, adiantando-se pela pequena rua que estava em sua frente, se conseguisse chegar aos estaleiros, aos charcos, às hortas, aos terrenos baldios, poderia certamente escapar.

Entendendo a planta de Paris de 1727

Depois de ter dado uns trezentos passos, chegou a um ponto onde a rua se bifurcava. Partia-se em duas, à esquerda e à direita. Jean Valjean tinha que escolher uma delas.

Sem demorar-se muito, tomou a direita. É que o lado esquerdo ia dar em algum bairro habitado e a da direita ia dar nos campos desertos.

Jean Valjean, carregando Cosette no colo, cansada demais para continuar andando, voltava-se de vez em quando para ver se não estava sendo seguido, e tomava o cuidado de ficar no lado escuro da rua.

De repente, em dado momento, pensou ver na parte da rua por onde já tinha passado algo que se movia. Apressou-se mais ainda, mais correndo do que andando, na esperança de encontrar algum beco lateral por onde pudesse escapar e despistar ainda uma vez seus perseguidores.

Chegou a um muro. E, uma vez mais, era preciso decidir se iria à esquerda ou à

direita.

No momento em que Jean Valjean pensava em virar à esquerda para ver se chegava a uma rua onde pudesse escapar, viu na esquina uma espécie de estátua negra, imóvel.

Era um homem que, evidentemente, acabava de se colocar ali, para impedir-lhe a passagem. Jean Valjean recuou.

Esse ponto, em Paris, tinha sido totalmente remodelado nos últimos anos. As plantações, os estaleiros e as velhas construções foram postos abaixo, dando lugar a hipódromos, estações de ferrovias e arenas. O lugar era chamado pelo povo de Petit-Picpus. As ruas eram mal pavimentadas e pouco frequentadas. Excetuando-se duas ou três ruas, tudo aí se resumia em muros e solidão. Não havia uma loja, uma carruagem; apenas, aqui e ali, uma vela iluminando alguma janela. Esse bairro do século passado está muito bem indicado na planta de 1727.

E ali estava Jean Valjean, sendo vigiado por aquele fantasma. Aquela sombra, há pouco percebida, era sem dúvida Javert.

Valjean olhou para o beco sem saída. Olhou para a travessa; lá estava a sentinela. Via aquela figura sombria destacar-se, negra, em contraste com o pavimento inundado pela luz branca da lua.

Jean Valjean sentiu-se preso por uma rede que se fechava lentamente. Olhou para o céu em desespero.

Tateando para fugir

De onde estava, Jean Valjean notou que, num ângulo formado por uma reentrância no muro, havia algo que se parecia com uma porta enorme. Era um grande amontoado de tábuas, as do alto mais largas que as de baixo, ligadas por longas barras de ferro transversais. Ao lado, havia a porta de um edifício enorme e muito antigo, provavelmente desabitado há muito. Percorreu-o rapidamente com os olhos. Convenceu-se de que, se pudesse entrar ali, talvez conseguisse escapar.

Em meio à fachada, havia em todas as janelas dos diversos andares uma espécie de funil de chumbo. As várias calhas desenhavam na fachada uma estranha ramificação serpenteando pelos portões das velhas chácaras.

Ele sentou Cosette em uma pedra, recomendando-lhe silêncio, e correu ao lugar onde a calha central tocava o chão. Talvez houvesse algum meio de subir por eles e entrar no edifício. Mas os canos estavam velhos e imprestáveis, apenas mantendo-se nos ganchos que os prendiam à parede. Além disso, todas as janelas, mesmo as do sótão, estavam protegidas por grades de ferro, e, como a lua batia em cheio naquela fachada, poderia ser visto pela sentinela na extremidade da rua. E que fazer de Cosette? Como fazê-la subir toda a altura de um edifício de três andares?

Desistiu da ideia e voltou ao lugar onde estava Cosette. Dali não podia ser visto por ninguém. Estava na sombra. Ali havia duas portas no muro e, no alto, viam-se ramos de hera, ou seja, as portas, caso pudesse arrombar uma delas, davam certamente para um jardim onde poderiam passar a noite escondidos.

O tempo corria. Era preciso agir depressa.

Jean Valjean examinou o portão maior e viu que nem portão era, não tinha dobradiças, nem fechadura, nem a abertura central. As barras de ferro atravessavam de lado a lado. Reconheceu que o que ele pensou ser um portão não passava de um tapume de madeira encostado a uma construção qualquer. Era bem fácil arrancar uma tábuia, mas detrás dela havia uma parede.

Seria impossível com iluminação a gás

Nesse momento, Jean Valjean ouviu um ruído surdo e cadenciado, e percebeu que um pelotão de soldados acabava de chegar, com as baionetas brilhando, e vinham avançando na sua direção.

Os soldados, com Javert à frente, paravam a cada poucos passos, examinando todos os ângulos da rua e todos os vãos das portas e dos portões.

Foi um instante de terror. Alguns poucos minutos separavam-no daquele abismo medonho que se abria aos seus pés. Agora, não se tratava apenas das galés, mas de Cosette perdida para sempre.

Só era possível fazer uma coisa.

Graças às suas inúmeras fugas das galés, Jean Valjean se tornara mestre na arte de subir e escalar paredes de pedra, sem ganchos e sem escadas, usando apenas a força muscular, sendo capaz de alcançar até a altura de um sexto andar.

Jean Valjean mediu com os olhos o muro sobre o qual se dobravam os ramos de hera. Tinha, mais ou menos, uns dezoito pés de altura. O ângulo que fazia com a fachada do edifício principal estava tomado, na parte inferior, por um triângulo de alvenaria. O triângulo tinha cinco pés de altura. De sua parte mais alta, o espaço que ainda faltava para se chegar ao alto do muro era de mais ou menos catorze pés.

A dificuldade era Cosette; ela não sabia como escalar uma parede. Seria preciso uma corda. Jean Valjean não a tinha. Onde encontrar uma corda à meia-noite, naquele lugar?

Nesse instante, seu olhar desesperado viu o lampião que iluminava o beco. Por essa época, ainda não havia bicos de gás nas ruas de Paris. Ao cair da noite, acendiam-se lampiões colocados de distância em distância, os quais subiam ou desciam por meio de uma corda que atravessava as ruas de lado a lado e se prendia em pequenos ganchos. A carretilha em que se enrolava essa corda estava colocada abaixo do lampião, numa pequena caixa de ferro, cuja chave era guardada pelo acendedor, e a corda até certa altura era

protegida por um tubo de metal.

Jean Valjean, com a energia do desespero, atravessou a rua num salto, abriu a portinhola da caixa com a ponta do canivete e um instante depois voltava para o lado de Cosette trazendo uma corda.

Cosette, percebendo toda a agitação, quis saber, amedrontada, o que estava acontecendo. Jean Valjean, sem outra saída e sem querer se estender demais em explicações complicadas, afirmou que era a senhora Thénardier que estava vindo para levá-la de volta. Por isso, a menina teria que ficar em silêncio absoluto.

Então, tirou a gravata, passou-a sob os braços de Cosette, tomando cuidado para não machucá-la, amarrou a gravata a uma extremidade da corda, dando-lhe um nó conhecido pelos marinheiros por ser resistente, segurou a outra ponta da corda nos dentes e escalou a parede.

Cosette sentiu que se levantava do chão. Antes que pudesse dar-se conta do que se passava, estava no alto do muro. Jean Valjean segurou-a, e foi se arrastando até o plano inclinado do telhado. Um violento rumor anunciou a chegada da patrulha. Ouviu-se a voz de Javert.

— Revistem esse beco! Tenho certeza de que ele está aqui...

Jean Valjean deixou-se escorregar ao longo do telhado, sempre segurando Cosette, e pulou para o chão. Fosse por medo ou por coragem, a menina permaneceu calada.

O começo de um enigma

Jean Valjean viu-se numa espécie de jardim muito extenso e esquisito, um desses quintais tristes que parecem feitos para serem vistos em noites de inverno. O mato tomava conta da metade do terreno; um limo verde cobria o resto.

A seu lado havia um barracão que lhe servira para descer. Havia várias repartições em ruínas e uma delas parecia servir de depósito. Os fundos do grande edifício que se via da rua também tinham janelas gradeadas.

Não se via nenhuma outra casa. O fundo do jardim perdia-se na noite.

Jean Valjean entrou no barracão com Cosette. O fugitivo nunca se julga suficientemente a salvo. A criança, sempre pensando na senhora Thénardier, também se escondia o mais possível. Cosette tremia e chegava-se junto dele. Para lá do muro ouvia-se o barulho da patrulha revistando o beco, as coronhadas de armas nas pedras, os chamados de Javert para os soldados e suas imprecações misturadas a palavras ininteligíveis.

Depois de alguns minutos, aquele murmúrio confuso começava a se afastar. Jean Valjean não respirava.

De repente, no meio desse profundo silêncio, elevou-se um novo rumor, um ruído celeste, divino, tão arrebatador como o outro era horrível. Era um hino que saía das trevas,

vozes de mulheres, mas vozes compostas do timbre puro das virgens e do tom ingênuo das crianças, vozes parecidas com as que os recém-nascidos ouvem e o moribundos começam a ouvir. Esse canto vinha do sombrio edifício que dominava o jardim.

No momento em que se perdiam os ecos da algazarra dos demônios, aproximava-se outro rumor, a melodia de um coro de anjos no silêncio da noite.

Jean Valjean e Cosette caíram de joelhos.

Enquanto o hino continuava a se fazer ouvir, Jean Valjean não pensou em mais nada. Não via mais a noite, mas o céu. Parecia sentir as asas que todos temos dentro de nós.

O canto parou. Talvez tivesse durado muito tempo. Jean Valjean não saberia dizer. As horas de êxtase não duram mais que um minuto.

Tudo voltou ao silêncio. Nenhum ruído na rua, nenhum ruído no jardim. Tanto o que o amedrontava quanto o que o confortava desapareceram.

O enigma continua

A brisa da noite começava a soprar, o que indicava estarmos à uma ou duas horas da madrugada. Cosette nada dizia. Como tinha se sentado a seu lado, encostando a cabeça em seus braços, Jean Valjean pensou que ela estivesse dormindo. Mas estava com os olhos bem abertos; parecia perturbada, o que inquietou Jean Valjean.

— Estou com frio — disse ela, tremendo. — Será que ela ainda está lá? A senhora Thénardier?

— Ah, ela já foi embora.

A criança suspirou como se lhe tivessem tirado um peso do peito.

Jean Valjean saiu do barracão para procurar melhor abrigo, e ao passar por um ângulo do edifício, notou algumas janelas no interior das quais se via alguma luz. Todas as janelas davam para uma sala bastante grande, ladrilhada, cheia de colunas e arcos, mas não pôde distinguir senão uma tênue luz e muitas sombras. O clarão vinha de uma lamparina que brilhava a um canto.

A sala estava deserta; não havia nenhum movimento.

Mas, depois de apurar a vista, pareceu ver no chão um vulto, coberto com lençol, que parecia ser humano. Estava estendido de bruços, com o rosto nas lajes, os braços em cruz, na imobilidade da morte. Podia jurar que aquela figura sinistra tinha uma corda no pescoço.

Jean Valjean teve a coragem de encostar o rosto à janela para tentar perceber algum movimento. De repente, sentiu-se dominado por um medo inexplicável e fugiu, correndo de volta ao barracão sem se atrever a olhar para trás. Parecia-lhe que, se voltasse a cabeça, veria a medonha figura caminhando atrás dele a passos largos e agitando os braços.

Chegou quase sem fôlego. Os joelhos se dobravam e o suor corria-lhe pelas costas.

Que estranha casa era aquela, cheia dos mistérios da noite, chamando as almas na sombra com as vozes dos anjos? E, quando elas vêm, oferecem essa visão horrenda; prometendo abrir as portas do paraíso e escancarando as portas de um túmulo?

Aproximou-se de Cosette. Ela dormia.

O enigma torna-se duplamente misterioso

Ele sentou-se ao lado dela, cobriu-a com seu casaco e ficou a observá-la.

Mas, em meio aos pensamentos, começou a ouvir um ruído semelhante ao guizo de uma cascavel. Vinha do jardim. Olhou e viu que havia alguém.

Era alguém que caminhava e que parecia ser um homem, levantando-se, abaixando-se e parando, com movimentos regulares, como se estivesse estendendo ou arrastando alguma coisa pelo chão. Quem quer que fosse, parecia coxear.

Jean Valjean estremeceu, agitado pelo medo constante. Há pouco, tinha medo ao pensar que o lugar era deserto; agora se assustava com o pensamento de não estar só. Começou a imaginar que Javert e os soldados ainda não tinham se afastado; que o inspetor havia deixado alguém de vigia e que, se aquele homem o visse, o tomaria por um ladrão e o entregaria à polícia.

Pegou Cosette que ainda dormia, e a pôs no colo, afastando-se para o canto mais escuro do barracão. E dali passou a observar os movimentos do homem no jardim. O estranho é que o ruído de guizos o acompanhava em todos os passos. Quando ele se aproximava, o ruído também se aproximava; quando ele se afastava, o ruído se afastava. Era evidente que o guizo estava preso naquele homem; mas o que significava aquilo?

Enquanto observava, tocou nas mãos de Cosette. Estavam geladas.

— Meu Deus! — exclamou.

Chamou-a em voz baixa.

— Cosette!

A menina não abriu os olhos.

Sacudiu-a com força. Nem assim Cosette acordou.

Estaria morta? Jean Valjean levantou-se tremendo da cabeça aos pés. Os mais terríveis pensamentos lhe assaltaram a mente. Lembrou-se de que o sono pode ser mortal ao relento, numa noite fria.

Cosette, pálida, continuou caída no chão, estendida, sem fazer um movimento. Notou a respiração fraquíssima, prestes a se extinguir. Como aquecê-la? Como acordá-la?

Saiu do barracão, sabendo que era absolutamente necessário que Cosette estivesse quanto antes numa cama, ao lado de um bom fogo.

O homem do guizo

Foi diretamente ao homem que vira. O homem estava agachado e não o viu aproximar-se. Em alguns passos, Jean Valjean estava em sua frente, dizendo:

— Cem francos!

O homem assustou-se e levantou os olhos.

— Cem francos, se me der asilo por esta noite!

A lua iluminava em cheio o rosto espantado de Jean Valjean.

— Ora! Mas é o senhor, senhor Madeleine! — disse o homem.

Esse nome, pronunciado daquela maneira, àquela hora, naquele lugar desconhecido, por um homem desconhecido, fez Jean Valjean recuar. Esperava tudo, menos aquilo. Quem lhe falava era um velhinho corcunda, coxo, vestido quase como um camponês, com uma joelheira de couro na perna esquerda, da qual pendia um guizo bastante grande. Não se via o rosto, escondido nas sombras.

— Como é que o senhor veio parar aqui, senhor Madeleine? Por onde entrou? Caiu do céu, por acaso? E sem gravata, sem chapéu, sem casaco! Em mangas de camisa! Meu Deus, os santos agora estão ficando loucos!

— Mas quem é o senhor? Que casa é esta?

— O senhor não me reconhece? Eu sou aquele que o senhor mesmo colocou aqui, e esta casa é a mesma em que o senhor me empregou. O senhor salvou-me a vida — disse-lhe o homem.

Um raio de luar iluminou-lhe o rosto e Jean Valjean reconheceu o velho Fauchelevent.

— Ah! Lembrei-me do senhor!

— Ainda bem! — exclamou o velho, quase repreendendo-o.

Jean Valjean, vendo-se reconhecido por aquele homem, ao menos pelo nome de Madeleine, redobrou os cuidados multiplicando as suposições. Era ele, o intruso, quem fazia as perguntas.

— Por que esse guizo amarrado no seu joelho?

— Ora, para evitar que se encontrem comigo. Aqui só há mulheres e muitas meninas. O barulho as avisa. Quando eu chego, elas fogem.

— E que casa é esta?

— Mas se foi o senhor que me arrumou lugar para trabalhar aqui como jardineiro! Aqui é o convento do Petit-Picpus.

Jean Valjean lembrou-se. O acaso, isto é, a Providência, o havia conduzido ao convento onde o velho Fauchelevent, aleijado em consequência do desastre sofrido com a carroça, fora admitido por sua recomendação, dois anos antes.

— Agora me diga — continuou Fauchelevent —, como diabo fez para entrar aqui, senhor Madeleine? Só se o senhor fosse um santo, e não um homem; aqui não entram homens. Só eu...

— Eu preciso ficar aqui — respondeu Valjean. — O senhor poderá fazer por mim o

que eu fiz outrora em seu favor.

Fauchelevant tomou entre as velhas mãos encarquilhadas e trêmulas as mãos robustas e vigorosas de Jean Valjean e ficou alguns instantes como se não pudesse falar. Enfim, exclamou:

— Mas seria uma bênção de Deus se eu pudesse retribuir-lhe um pouco o benefício que me fez! Estou a seu dispor. O que quer que eu faça?

— O senhor tem algum quarto disponível?

— Sim, um barracão lá atrás.

O barracão estava tão escondido por trás das ruínas do antigo convento e feito de tal modo para que ninguém o visse que mesmo Jean Valjean não o havia percebido.

— Ótimo, agora peço duas coisas. Em primeiro lugar, não diga a ninguém o que sabe a meu respeito. Em segundo lugar, não procure saber mais do que sabe.

O velhinho concordou e foi com Jean Valjean buscar Cosette.

Não decorrera meia hora e já Cosette dormia na cama do velho jardineiro, aquecida e com as cores voltando ao rosto.

Os dois homens aqueciam-se encostados a uma mesa, sobre a qual Fauchelevant pusera um bocado de queijo, pão, uma garrafa de vinho e dois copos. O velho dizia a Jean Valjean, descansando-lhe a mão sobre o joelho:

— Ah, senhor Madeleine, não me reconheceu logo! Salva a vida dos outros e depois nos esquece! Os outros não o esquecem jamais!

Como Javert seguiu a pista?

Quando Jean Valjean, na mesma noite em que foi preso por Javert, conseguiu fugir da cadeia em Montreuil-sur-Mer, a polícia acreditou que ele iria para Paris. Tudo se perde nessa cidade, e nenhuma floresta esconde melhor um homem do que aquela multidão. Todos os fugitivos sabem disso, e a polícia também.

Por isso Javert foi chamado para dirigir as buscas ao antigo condenado na gigantesca metrópole.

Ele já havia esquecido Jean Valjean — para os cães sempre em atividade, o lobo de hoje faz esquecer o de ontem — quando, em dezembro de 1823, leu uma nota em um jornal, informando que o forçado havia falecido, e publicava o fato em termos tão formais que Javert ficou plenamente convencido da verdade. Limitou-se a dizer: “Essa é uma boa notícia” e deixou o jornal de lado, não pensando mais no assunto.

Tempos depois, um documento vindo do interior, dirigido à polícia de Paris, lhe caiu nas mãos. Falava do sequestro, por parte de um desconhecido, de uma menina de sete ou oito anos chamada Cosette, filha de uma tal Fantine já falecida. Javert ficou pensativo... O nome de Fantine era bem conhecido dele. Lembrava-se de que Jean Valjean lhe provocara

o riso, ao pedir um prazo de três dias antes de ser preso para ir buscar a filha daquela criatura. Ora, a criança acabava de ser raptada por um desconhecido! Quem seria esse desconhecido? Jean Valjean? Mas Jean Valjean estava morto!

Javert foi até Montfermeil esperando esclarecer as coisas. Nos primeiros dias, os Thénardier, despeitados, contaram tudo o que acontecera. O desaparecimento da Cotovia provocara comentários no lugar. Mas logo os estalajadeiros perceberam que suas queixas sobre o rapto de Cosette iriam atrair sobre eles, e sobre os seus não poucos negócios escusos, os penetrantes olhos da Justiça. E depois, como explicariam a história dos mil e quinhentos francos recebidos?

Thénardier mudou de tática, pôs uma mordaza na mulher, e fez-se de admirado quando lhe falaram da “criança raptada”. Claro, sem dúvida ele tinha se queixado no início por terem lhe levado a menina tão querida, ele queria que Cosette ainda ficasse mais alguns dias, mas fora o avô quem a levava, o que fizera muito bem.

Foi essa a história que Javert encontrou quando chegou a Montfermeil. Aquele avô fazia desaparecer o fantasma de Jean Valjean.

Javert, contudo, ainda sondou alguns pontos na história contada por Thénardier:

— Quem era o tal avô? Como se chamava?

Thénardier respondeu com a maior simplicidade:

— É um agricultor muito rico: eu vi o passaporte e parece-me que se chama Guillaume Lambert.

Lambert era nome de gente de bem e não levantava suspeitas.

Javert voltou para Paris.

— Jean Valjean está bem morto, e eu sou um palerma.

O policial voltou a se esquecer desse incidente quando, tempos depois, ouviu falar de um mendigo que dava esmolas e morava na periferia de Paris. Esse personagem extravagante vivia sozinho com uma menina de 8 anos que não sabia nada sobre si mesma, exceto que viera de Montfermeil. Montfermeil! Mais uma vez esse nome chamou a atenção de Javert, que entrevistou um espião da polícia que se vestia como mendigo. Este acrescentou alguns detalhes: o homem era muito tímido, nunca saía de casa, senão de noite, não falava com ninguém e usava um casaco amarelo que devia valer milhões, porque era forrado com cédulas de dinheiro. Javert quis saber mais sobre o tal sujeito e, vestido com as mesmas roupas do espião da polícia, viu o suspeito se aproximar certa noite. O homem lhe deu a esmola, Javert levantou a cabeça e o estremecimento que Jean Valjean sentiu ao reconhecer Javert foi o mesmo dele ao reconhecer Jean Valjean.

Mas a escuridão poderia tê-lo enganado; a morte de Jean Valjean era oficial.

Por isso, sem ser notado, seguiu o homem até a casa e interrogou a velha inquilina, o que não demandou muito esforço. A velha confirmou o caso da sobrecasaca forrada de milhões e contou sobre o episódio da nota de mil francos.

Javert alugou um quarto e se instalou nele na mesma noite. Foi escutar à porta do misterioso inquilino, esperando ouvir-lhe o som da voz, mas Jean Valjean percebeu a luz da vela pelo buraco da fechadura e ficou em silêncio.

No dia seguinte, Jean Valjean deixou o quarto em que morava. Mas o ruído produzido pela moeda de cinco francos caindo no chão foi notado pela velha, que suspeitou que

iriam sair e apressou-se em avisar Javert. À noite, quando Jean Valjean saiu, Javert, com dois homens, esperava-o por trás das árvores da rua.

Javert o seguiu, mas as incertezas ainda se acumulavam em seu espírito. E se ele prendesse o homem, e no dia seguinte os jornais publicassem que “um venerando avô, de cabelos brancos, agricultor respeitável, quando passeava em companhia de uma netinha de 8 anos, foi preso e conduzido à delegacia central como um ex-condenado evadido”?

As suas roupas de velho preceptor, a declaração de Thénardier, que o apresentara como avô da menina, e por fim a notícia de sua morte nas galés, tudo isso se juntava às incertezas de que talvez aquele homem não fosse mesmo Jean Valjean. Mas, se aquele homem não era Jean Valjean, se não era nenhum honesto proprietário, era provavelmente algum malandro enredado na trama escura dos crimes de Paris, algum perigoso chefe de quadrilha, dando esmolas para esconder outros crimes. Sem dúvida teria cúmplices de confiança e esconderijos desconhecidos. Todas aquelas voltas que dava nas ruas pareciam indicar que não se tratava de um homem qualquer. Javert estava certo de que ele não conseguiria escapar.

Só muito mais tarde, e graças à claridade de uma hospedaria, pôde reconhecer perfeitamente Jean Valjean. Foi então que pediu reforço.

Colocou seu agente numa das saídas do beco, percebendo que Valjean estava numa armadilha, e começou a brincar. Deixou que o homem caminhasse em sua frente, com a certeza de tê-lo seguro, mas desejando protelar o mais possível o momento de prendê-lo, seguindo-o com os olhos com a voluptuosidade da aranha que deixa a mosca voar e do gato que deixa o rato correr. Que delícia impedir o outro de respirar!

Javert estava satisfeito. As malhas da rede estavam solidamente atadas; sentia-se perfeitamente seguro da vitória e adiantou-se lentamente, sondando e examinando todos os ângulos da rua, como se fossem os bolsos de um ladrão. Quando chegou ao centro da teia, não encontrou mais a mosca.

Podemos imaginar o seu desespero.

O sentinela na esquina não vira passar ninguém.

Seu desapontamento teve um momento de raiva e desespero.

Ele errou ao não prender Jean Valjean na casa em que estava hospedado, e sobretudo errou quando achou que podia brincar de rato com um leão. Seja como for, Javert não perdeu a cabeça.

Certo de que o ex-condenado não poderia estar muito longe, postou várias sentinelas, armou ratoeiras, organizou emboscada e vasculhou, durante toda a noite, o bairro inteiro. A primeira coisa que viu foi o lampião cuja corda havia sido cortada, e concentrou todas as buscas no beco, com muros baixos que davam para imensos terrenos baldios. Javert revistou todos os quintais e terrenos, como se procurasse uma agulha.

De manhãzinha, deixou dois homens de sentinela e voltou à delegacia, envergonhado como um policial que se tivesse deixado apanhar por um ladrão.

PETIT-PICPUS

Rua Picpus, número 62

Atrás do portão da casa 62 dessa rua, há meio século, via-se um pátio rodeado de muros cobertos de videiras e o rosto de um porteiro ocioso. Por cima do muro, viam-se grandes árvores.

Entrando na casa, chegava-se a um pequeno vestíbulo para onde dava uma escada apertada entre duas paredes, tão estreita que não deixava passar senão uma pessoa de cada vez, e alcançava-se o primeiro andar. Seguindo o corredor em frente, chegava-se a uma sala onde se via na parede que ficava em frente da porta, uma cavidade, protegida por uma grade de ferro.

Supondo que ninguém pudesse ser tão magro para tentar entrar ou sair por esse buraco, a grade não deixaria passar o corpo, mas deixava passar os olhares, isto é, o espírito. Um cordão, ligado a uma campainha, pendia à direita. Puxando-se esse cordão, ouviam-se a campainha e uma voz muito próxima, quase fazendo-nos estremecer.

— Entre à direita.

Era uma doce voz de mulher, tão doce que era lúgubre.

Notava-se, então, à direita, em frente da janela, uma porta envidraçada; abrindo-a, estávamos numa espécie de frisa, iluminada apenas pela luz indecisa da porta envidraçada. Era pequena, mobiliada com duas cadeiras velhas e um tapete muito usado, verdadeiro camarote com balaustrada de madeira escura. Tinha uma grade feita de barras de ferro.

Quando os olhos começavam a se acostumar com aquela meia-luz, tentavam atravessar a grade, mas não conseguiam ver nada além de seis polegadas. Ali, encontrava-se um biombo com várias divisões que cobriam toda a largura da grade. Estava sempre fechado.

Ao fim de alguns instantes, ouvia-se uma voz que dizia assim:

— Estou aqui. Que deseja o senhor?

Por trás da grade percebia-se uma cabeça de que se viam somente a boca e o queixo; a parte superior do rosto estava coberta por um véu negro.

Entrevia-se um hábito negro e uma forma apenas visível coberta por um sudário escuro. Essa cabeça falava, sem nos ver, sem sorrir jamais.

Assim era o interior daquela melancólica e severa casa conhecido como Convento das Bernardas da Adoração Perpétua. Aquele camarote era o locutório. A escuridão em que se achava mergulhado o camarote gradeado vinha de o locutório ter uma janela do lado do mundo e nenhuma do lado do convento. Não deviam olhos profanos ver nada daquele

lugar sagrado.

No entanto, havia qualquer coisa por trás daquela sombra; havia uma luz, uma vida naquela morte.

A Ordem de Martin Verga

O convento que, em 1824, existia havia já muitos anos na rua Picpus era uma comunidade de bernardas sob a regra de Martin Verga. Ele fundou em 1425 uma congregação de bernardas beneditinas, tendo como sede Salamanca e como sucursal Alcalá. Essa congregação espalhou seus ramos por todos os países católicos da Europa.

Elas se vestem de preto, com exceção da touca, que é branca. Não comem carne durante o ano inteiro, jejuam na Quaresma e em outros dias especiais, levantam-se desde uma hora da manhã até as três, para ler o breviário e cantar matinas, dormem sobre palha e lençóis de sarja em todas as estações, não tomam banho, jamais acendem a lareira, submetem-se à disciplina todas as sextas-feiras, observam a regra do silêncio, falam somente nas horas de recreio.

Obediência, pobreza, castidade, clausura: esses são seus votos. As bernardas jamais veem o sacerdote oficiante, sempre escondido por uma cortina de sarja de nove pés de altura. No sermão, quando o pregador está na capela, elas cobrem o rosto com o véu. Devem sempre falar em voz baixa, caminhar olhando para o chão e com a cabeça inclinada. Um único homem pode entrar no convento: o bispo diocesano.

O jardineiro, claro, é sempre um velho, e para que as religiosas sejam avisadas de sua presença, prendem-lhe um guizo nos joelhos.

Elas ainda fazem a chamada reparação, cada uma em sua vez, durante doze horas. Consiste em orar por todos os pecados, faltas, desordens, violações, iniquidades e crimes cometidos sobre a terra. A irmã que faz a reparação está de joelhos nas pedras diante do Santíssimo Sacramento, de mãos erguidas e corda ao pescoço. Quando o cansaço é insuportável, ela se prostra de bruços, com o rosto no chão e os braços em cruz; nisto consiste todo o alívio permitido.

Quando deparamos com uma delas, vemos-lhe somente a boca. Todas têm os dentes amarelados. Jamais entrou no convento uma escova de dentes. Escovar os dentes é o mesmo que estar no alto de uma escada debaixo da qual se acha um abismo: a perdição da própria alma.

Às quintas-feiras, ouvem missa solene, rezam as vésperas e todos os ofícios como aos domingos. Além disso, observam escrupulosamente todas as pequenas festas, desconhecidas para as pessoas do mundo, de que a Igreja outrora era pródiga na França e ainda o é na Itália e na Espanha. As horas que passam na capela são intermináveis.

Uma vez por semana, cada irmã deve ajoelhar-se no chão e confessar em voz alta,

diante de todas, as faltas e os pecados cometidos durante a semana. As madres consultam-se mutuamente após cada confissão e infligem, em voz alta, a penitência.

Além da confissão em voz alta, para a qual são reservadas as faltas de certa gravidade, há outra confissão para os pecados veniais que elas costumam chamar de “culpa”. “Fazer a culpa” consiste em prostrar-se de bruços durante o ofício na frente da priora, até que esta, que todos tratam de “nossa madre”, advirta a penitente, por um pequeno golpe dado em seu banco, de que pode levantar-se. Fazem a culpa por coisas mínimas: um vidro quebrado, um véu rasgado, um atraso involuntário de alguns segundos para chegar ao ofício, uma nota desafinada na igreja etc., isso já é suficiente.

Somente a priora pode comunicar-se com estranhos. As outras só podem ver os parentes mais próximos e, assim mesmo, muito raramente. Se, por acaso, uma pessoa de fora se apresenta para ver uma religiosa que conheceu ou amou no mundo, é necessária uma negociação. Se se trata de uma mulher, a autorização às vezes pode ser concedida; a religiosa vem e fala por trás de um biombo que não se abre senão quando a visita é uma mãe ou uma irmã. A permissão é sempre recusada para os homens.

Assim é a regra de São Bento, agravada por Martin Verga.

Austeridade

Na época em que se passa esta história, havia um internato anexo ao convento. Eram meninas nobres, na maior parte ricas, e seu uniforme consistia em um vestido azul com uma touca branca e um Espírito Santo, de prata dourada ou de cobre, preso à blusa.

As alunas, crescendo ao lado de tanta austeridade, conformavam-se com todos os costumes do convento. Houve uma até que, voltando ao mundo, depois de muitos anos de casada, ainda não havia conseguido deixar de dizer cada vez que batiam à sua porta:

— Para sempre seja louvado!

Assim como as religiosas, as alunas só viam os pais no locutório. As próprias mães estavam proibidas de abraçá-las.

Um dia, uma das meninas foi visitada pela mãe, que levava junto sua irmãzinha de 3 anos. A menina chorava porque queria abraçar a irmã. Impossível.

A mãe suplicou que fosse permitido ao menos passar as mãos pela grade para que a aluna a pudesse beijar. Isso foi recusado quase com indignação.

Alegrias

Apesar de tudo, essas meninas não deixavam de encher aquele casarão de encantadoras recordações.

Na hora do recreio, a porta se abria e as crianças inundavam o jardim de alegria. Brincavam, chamavam umas às outras, corriam, lindos dentinhos brancos brilhavam por todos os cantos; os véus, de longe, vigiavam os risos, as sombras espionavam a luz, mas que importa? Aquelas quatro paredes tristes tinham seu momento de encanto.

Foi ainda aí que se deu este diálogo memorável:

Uma madre: — Por que você está chorando, minha filha?

A criança (de 6 anos): — Eu disse a Alice que conhecia a história da França. Ela diz que eu não sei, mas eu sei.

Alice, a menina grande (de 9 anos): — Não, ela não sabe.

A madre: — Como é isso, minha filha?

Alice: — Ela me disse para abrir o livro ao acaso e fazer a ela qualquer pergunta do livro, e ela responderia.

— Então?

— Ela não respondeu.

— Deixe-me ver. O que você perguntou a ela?

— Abri o livro ao acaso, como ela propôs, e fiz a primeira pergunta que encontrei.

— E qual era a pergunta?

— Foi: “O que aconteceu em seguida?”.

O refeitório, uma grande sala que recebia luz de um pórtico de arcadas ao rés do chão, era escuro e úmido e, como dizem as crianças, cheio de bichos. Havia o canto das aranhas, o canto das lagartas, o canto dos tatuzinhos e o canto dos grilos. O canto dos grilos ficava perto da cozinha e era o mais apreciado, porque era menos frio. Toda aluna pertencia a uma nação de acordo com o canto onde se sentava na hora das refeições.

Um dia, o arcebispo, fazendo a visita pastoral, viu entrar na classe por onde passava uma bonita menina, de cabelos louros, e perguntou a outra aluna ao seu lado:

— Quem é aquela?

— É uma aranha, monsenhor.

— Oh! E a outra?

— É um grilo.

— E aquela outra ali?

— É uma lagarta.

— Ora, e você?

— Eu sou um tatuzinho, monsenhor.

O fim do Petit Picpus

O convento do Petit-Picpus estava em decadência, assim como as demais ordens religiosas. Logo, começou a se esvaziar. Em 1840, o pequeno convento desapareceu, e também o pensionato. Não existiam mais nem as velhas senhoras nem as meninas; as primeiras morreram, as outras foram embora.

As vocações religiosas não subsistiam porque a rigidez dos conventos assustava. Há quarenta anos, eram quase cem irmãs; há quinze, não mais que vinte e oito. O fardo da adoração era implacável.

E foi por causa dessa decadência que o convento deixou de educar as meninas.



OS CEMITÉRIOS RECEBEM O QUE LHES DÃO

A maneira de entrar no convento

Foi a esse convento que Jean Valjean chegou.

As vozes que ouvira no meio da noite eram das religiosas, o fantasma estendido no chão era a irmã que fazia a reparação e o guizo era do jardineiro.

Depois de acomodar Cosette, e antes de adormecer, Jean Valjean disse:

— Eu preciso ficar aqui.

Essas palavras agitaram-se durante toda a noite no pensamento de Fauchelevent.

Para dizer a verdade, nenhum dos dois dormiu.

Jean Valjean, com Javert no encalço, sabia que ele e Cosette estariam perdidos se voltassem a Paris. Mas aquele convento era, ao mesmo tempo, o lugar mais perigoso porque, se nenhum homem podia entrar e o descobrissem justamente ali, era um delito flagrante, e Jean Valjean estava a um passo da prisão; além disso, esse era o lugar mais seguro porque, se conseguisse ser aceito e pudesse continuar morando lá, quem iria procurá-lo num convento?

Fauchelevent, por seu lado, dava voltas e mais voltas sem entender nada. Como o senhor Madeleine podia estar ali, com muros tão altos cercando o convento? E a menina? Ninguém pode escalar um muro com uma criança nos braços. Quem poderia ser aquela criança?

Desde que Fauchelevent chegara ao convento, não ouvira mais falar de Montreuil-sur-Mer e não tinha notícias de lá. Somente por algumas palavras escapadas de Jean Valjean é que o jardineiro pôde imaginar que, talvez, o senhor Madeleine falira, e estava sendo perseguido pelos credores. Escolhera o convento como esconderijo, claro, mas o jardineiro acabava voltando sempre à mesma pergunta: como Madeleine conseguira entrar com aquela menina?

Quando o sol raiou, Fauchelevent abriu os olhos e viu Madeleine olhando Cosette adormecida. Fauchelevent disse:

— Agora que está aqui, como fez para entrar?

Essa estranha pergunta resumia toda a situação e despertou Jean Valjean, perdido em seus pensamentos.

— Primeiro — continuou o velho —, o senhor vai começar por não colocar o pé para fora desta choupana; o senhor e a menina. Um passo no jardim e estamos perdidos.

— Está bem.

— O senhor chegou em boa hora, quero dizer, em má hora. Uma das irmãs está muito doente e não deve escapar. Por isso, as outras começaram as orações pelos agonizantes; e, depois rezarão pelos mortos, e não deverão vir por aqui. Por hoje, podemos ficar tranquilos aqui, mas não sei amanhã.

— Mas — retrucou Jean Valjean — esta choupana está oculta pelas ruínas e pelas árvores; ninguém a vê do convento.

— E as freiras nunca se aproximam daqui.

— E então?

— Mas há as alunas — completou Fauchelevent.

— Que alunas?

Quando Fauchelevent abria a boca para se explicar, ouviu-se um toque de sino.

— A freira morreu. É o dobre, senhor Madeleine. O sino tocará de minuto em minuto, durante vinte e quatro horas, até que o corpo saia da igreja. Está ouvindo? Na hora do recreio elas brincam no pátio; basta que uma bola se perca para que corram, apesar das proibições, e passem a vasculhar por todo canto.

— Quem? — perguntou Jean Valjean.

— As meninas. O senhor seria descoberto num instante. Mas hoje não há perigo algum. Não haverá recreio e passarão o dia em orações.

— Ah, entendi, há alunas no pensionato.

E Jean Valjean pensou: “Ótimo lugar para educar Cosette”.

Fauchelevent exclamou:

— Claro que há meninas, e como gritariam ao vê-lo! Ser homem aqui é o mesmo que ter peste. Já viu como amarraram um guizo no meu joelho como se eu fosse um animal feroz.

— Este convento seria a nossa salvação — murmurou Valjean. — É, mas o difícil é continuar aqui.

— Nada — retrucou o velho. — A dificuldade é poder sair.

— Sair?

— Isso mesmo, senhor Madeleine, para o senhor entrar, é preciso sair.

E, depois de ouvir nova badalada fúnebre, Fauchelevent continuou:

— Não se pode encontrar o senhor aqui sem mais nem menos. De onde vem? Para mim, o senhor caiu do céu, porque o conheço muito bem; mas, para as freiras, é preciso que entre pela porta... O senhor não poderia sair pelo mesmo lugar por onde entrou?

Jean Valjean empalideceu; só a ideia de voltar àquela rua terrível o fazia estremecer. Ele acreditava que toda a polícia continuava vigilante, sentinelas por todo canto, Javert a esperá-lo na encruzilhada.

— Impossível! — disse Jean Valjean. — Senhor Fauchelevent, o melhor mesmo é dizer que eu caí do céu.

— Ouça... Outro repique diferente. Esse foi para lembrar ao porteiro que deve informar a municipalidade para que mande um médico que constate a morte da irmã. Tudo isso faz parte de um funeral. As freiras não gostam nada dessas visitas. Mas como se apressaram em chamar o médico desta vez! Que será que está acontecendo? A menina continua dormindo. Como se chama?

— Cosette.

— Para ela sair, é fácil. Saio com meu balaio às costas, ela fica dentro bem quieta. Deixo-a na casa de uma boa amiga, uma velhinha surda, que acomodará a menina por algum tempo. Depois ela volta em sua companhia. Mas como o senhor vai fazer para sair?

Novo sinal da campainha.

— É o médico indo embora, ele chegou, olhou e viu que a irmã está morta. Depois que o médico assina o passaporte para o paraíso, o serviço funerário manda um caixão. Elas é que colocam a defunta no caixão, mas quem fecha sou eu. Um jardineiro também tem algo de coveiro. Colocam o caixão em uma sala com porta para a rua onde nenhum homem pode entrar, só eu. Lá é que fecho tudo. Aí eles vêm buscar, trazem um caixão vazio e levam o cheio.

JeanValjean contemplava Cosette e não ouvia mais o que Fauchelevent dizia. O jardineiro continuou sua história.

— Abrem a cova no cemitério Vaugirard. Tenho lá um amigo, o coveiro Mestienne. As religiosas deste convento conseguiram como privilégio ser levadas para o túmulo ao cair da noite. Mas quanta coisa aconteceu desde ontem! Morreu a madre, e o senhor Madeleine...

— Foi enterrado — disse Jean Valjean, sorrindo tristemente.

Fauchelevent mudou-lhe o sentido das palavras.

— É, se o senhor morasse aqui, então poderia considerar-se enterrado.

Novamente, ouviu-se o sinal da campainha. Fauchelevent amarrou apressadamente a joelheira ao joelho.

— Desta vez é comigo. A madre priora me chamando. Senhor Madeleine, não saia daí e me espere. Se sentir fome, aí há pão, vinho e queijo.

Em menos de dez minutos, Fauchelevent, cujo guizo espantava as religiosas de seu caminho, bateu levemente à porta, e uma voz suave lhe respondeu:

— Para sempre, para sempre — isto é: — Entre.

A porta dava para o locutório e era reservada ao jardineiro, em casos de necessidade. A priora, sentada na única cadeira que havia ali, estava à espera de Fauchelevent.

Fauchelevent na presença de dificuldades

No momento em que Fauchelevent entrou, notou a preocupação na fisionomia da priora, a agradável e inteligente senhorita de Blemeur, madre Innocente, a única que se mostrava sempre jovial.

A priora, que estava rezando o rosário, levantou os olhos e disse:

— Ah! É o senhor Fauvent!

Essa abreviação do seu nome tinha sido adotada em todo o convento.

— Preciso conversar com o senhor.

— E eu, de minha parte — disse Fauchelevent, com uma audácia que interiormente o amedrontava —, tenho também algo a dizer para a senhora madre.

Ela olhou bem para ele.

— Ah! O senhor tem alguma comunicação a fazer?

— Um pedido.

— Pois bem, pode falar.

Fauchelevent conseguira as boas graças da comunidade. Sempre solitário, sempre entregue às suas ocupações, não tinha nada mais a fazer senão ser curioso. Era como um surdo cuja vista se torna mais penetrante, ou como um cego cujo ouvido se torna mais sensível. Fauchelevent, embora sabendo tudo, nada revelava saber. Todo o convento o julgava estúpido, o que, em religião, é grande mérito. Sua discrição o favorecia. Contudo, nem por isso deixou de se informar com dois homens; no convento, com o porteiro, que conhecia todas as particularidades do locutório, e, no cemitério, com o coveiro, que estava bem informado a respeito dos sepultamentos. Para a congregação, tinha tantas qualidades! Velho, coxo, talvez um pouco surdo, dificilmente poderiam substituí-lo.

Fauchelevent começou a falar com a madre. Falou por muito tempo de sua idade, de suas doenças, da carga dos anos agora duplamente pesados, das crescentes exigências do trabalho, do tamanho enorme do jardim, das noites passadas em claro, como a última, por exemplo, em que fora preciso cobrir os melões com esteiras por causa da lua, e acabou falando que tinha um irmão (ela fez um movimento) já nada moço (segundo movimento, mas revelando mais tranquilidade) que, se lhe dessem licença, poderia aquele irmão ir viver na sua companhia, podendo assim ajudá-lo, porque era excelente jardineiro, que a comunidade lucraria muito e que, se não admitissem seu irmão, ele se sentia sem forças para o trabalho e seria obrigado, muito a contragosto, a deixar o convento. E que seu irmão tinha uma netinha que traria para ser educada no temor de Deus, e mais tarde, quem sabe, poderia se tornar uma religiosa.

Quando Fauchelevent acabou de falar, a priora parou de escorregar entre os dedos as contas do rosário e lhe disse:

— Será que o senhor, até a noite, poderia arranjar uma barra de ferro bem forte?

— Para quê?

— Para servir de alavanca.

— Pois não, Madre — respondeu Fauchelevent.

A priora, sem dizer mais uma palavra, levantou-se e entrou para a outra sala. Fauchelevent ficou só.

Madre Innocente

Passou-se quase um quarto de hora. A priora voltou e tornou a sentar-se na cadeira.

— Senhor Fauvent! O senhor conhece bem a capela?
— Tenho lá um cantinho para assistir à missa e aos ofícios.
— É preciso levantar a laje do pavimento, o lado do altar.
— Essa é uma ocasião em que seriam necessários dois homens.
— Madre Ascensão é tão forte como um homem e o ajudará.
— Uma mulher não se pode comparar nunca a um homem.
— Mas só temos, para ajudá-lo, uma mulher. Cada um faz o que pode. O mérito está em trabalhar segundo as próprias forças. Um claustro não é um estaleiro.
— E uma mulher não é um homem. Meu irmão é que é forte!
— O senhor vai usar uma alavanca. A pedra está posta de tal modo que girará sobre si mesma.

— Está bem, reverenda madre. Abrirei a cripta.
— E as quatro madres cantoras estarão presentes.
— Diga-me o que devo fazer, reverenda madre, depois da cripta aberta.
— É preciso depositar ali alguma coisa.

Seguiu-se um momento de silêncio. A priora, depois de mover o lábio inferior em sinal de hesitação, continuou:

— Hoje cedo faleceu a madre Crucificação. Uma bem-aventurada.
— Ah! agora estou ouvindo o dobre, madre.
— As madres a levaram para a câmara mortuária que dá para a igreja. Nenhum homem, a não ser o senhor, deve entrar naquela sala.
— De modo algum!

Fauchelevant enxugou a testa.

A priora tornou a murmurar qualquer coisa, talvez uma oração, e depois levantou a voz.

— Senhor Fauvent, madre Crucificação foi uma bênção para a comunidade. É fora de dúvida que nem todos podem morrer como o cardeal Bérulle enquanto rezava a santa missa, entregando a alma a Deus ao pronunciar estas palavras: — *Hanc igitur oblationem*. Mas, sem pretender tanta felicidade, madre Crucificação teve morte muito bonita. Manteve-se consciente até o último instante. Havia algo de paraíso naquela morte.

— Amém.

— Senhor Fauvent, é preciso cumprir a vontade dos mortos. Aliás, não se trata de um simples cadáver, mas de uma santa. Fazia vinte anos que ela dormia em seu caixão, por permissão expressa de nosso santo pai, Pio VII.

Algumas contas do rosário tornaram a passar silenciosamente pelos dedos da priora.

— Senhor Fauvent, madre Crucificação será enterrada no caixão que lhe serviu de leito durante vinte anos.

— Então, devo fechá-la naquele caixão?

— Isso mesmo.

— E deixamos de lado o caixão do serviço funerário?

— Precisamente. As quatro madres cantoras o ajudarão a descê-lo na cripta.

Fauchelevant teve um sobressalto.

— Mas...

— É preciso obedecer à vontade dos mortos. Ser enterrada na cripta, debaixo da capela, não ir para solo profano, continuar depois de morta onde sempre viveu, essa foi a vontade da madre Crucificação. Ela mesma o pediu, isto é, mandou.

— Mas é proibido... Se o agente da Saúde Pública... O comissário de polícia, o inspetor da prefeitura...

— Proibido pelos homens, ordenado por Deus.

— E se vierem a saber?

— Temos confiança no senhor.

— Ora! Eu sou como uma pedra destas paredes.

— Senhor Fauvent, está resolvido?

— Obedeço humildemente.

— Está combinado. O senhor fechará o caixão. As irmãs o levam para a capela. Cantaremos o ofício dos mortos. Depois voltaremos para o claustro. Entre onze horas e meia-noite, o senhor traz a alavanca. Tudo será feito em segredo. Na capela só estarão as quatro madres cantoras, madre Ascensão e o senhor.

— Farei tudo o que puder para provar a minha dedicação à comunidade. Fecharei o caixão. Precisamente às onze horas estarei na capela. Lá estarão as madres cantoras junto com madre Ascensão. Dois homens seria bem melhor. Enfim, trarei a alavanca. Abriremos a cripta, desceremos o caixão e fecharemos tudo novamente. O governo não suspeitará de nada. Reverenda madre, tudo está combinado?

— Não. Ainda há o caixão vazio.

Ambos se calaram. Fauchelevant e a priora puseram-se a pensar.

— Senhor Fauvent, que faremos com o caixão vazio?

— Levamos ao cemitério. Cubro com o pano mortuário.

— Está bem, mas quem o levar para descer à sepultura vai saber que não tem nada dentro...

— Oh, di... — exclamou Fauchelevant. Mas o “abo” ficou na garganta.

A priora começou a fazer o sinal da cruz e olhou fixamente para o jardineiro.

— Reverenda madre, eu encho o caixão com terra. Dará a impressão de que há alguém lá dentro.

— Tem razão. Terra e homem são coisas idênticas. Então o senhor cuidará também do caixão vazio?

— Eu cuido.

O rosto da priora ficou mais calmo. Fauchelevant dirigiu-se para a porta. Antes que ele saísse, ela elevou docemente a voz:

— Senhor Fauvent, estou contente com o senhor; amanhã, depois do enterro, pode trazer o seu irmão; diga a ele que traga também a menina.

Jean Valjean parece ter lido Austin Castillejo

Fauchelevant sentia-se perplexo. Levou um quarto de hora para chegar à sua choupana no jardim. Cosette já estava acordada. No momento em que Fauchelevant entrou, Jean Valjean mostrava-lhe o balaio de jardineiro e dizia:

— Será preciso sair desta casa, mas voltaremos e continuaremos aqui muito bem acomodados. O jardineiro vai levar você escondida no balaio. Você vai me esperar na casa de uma senhora. Eu irei mais tarde. Mas, cuidado; se não quiser que a senhora Thénardier a leve de volta, fique quietinha!

Cosette fez um sinal com a cabeça, séria.

Ao barulho de Fauchelevant abrindo a porta, Jean Valjean voltou-se.

— E então?

— Tudo certo e nada certo — respondeu Fauchelevant. — Já tenho permissão para recebê-lo; mas antes de entrar é preciso que o senhor saia. Aí está o problema. Quanto à menina, a coisa é fácil.

Fauchelevant, falando mais consigo mesmo do que com Jean Valjean, murmurou:

— Tem uma coisa a mais que me preocupa... Eu disse que encheria de terra. Mas a terra começará a correr de um lado para outro, e os homens vão desconfiar. O senhor compreende, senhor Madeleine, o governo vai descobrir.

Jean Valjean encarou o jardineiro com expressão interrogativa.

Fauchelevant continuou:

— O pior é que tudo tem de ser feito amanhã! Amanhã é que devo trazê-lo aqui. A priora estará à sua espera.

E explicou tudo o que havia combinado com a madre. Mas como poderia trazer o senhor Madeleine e Cosette, se o senhor Madeleine não estava lá fora? Aí estava o primeiro problema. O segundo era o caixão vazio.

— Que negócio é esse de caixão vazio? — perguntou Jean Valjean. — Ponha alguma coisa para enchê-lo, em vez de terra.

— Um cadáver? Não tenho nenhum.

— Coloque uma pessoa qualquer. Eu!

Fauchelevant, que havia sentado, pulou como se uma bomba tivesse estourado debaixo de sua cadeira.

— Por que não?

Jean Valjean exibiu um daqueles sorrisos que lhe vinham como um relâmpago em céu de inverno.

— Ah, o senhor está rindo, não está falando sério.

— Como não? Eu preciso sair daqui. E sem ser visto. Aí está um modo. Mas antes eu preciso saber: como se dará o enterro? Onde está esse caixão?

Fauchelevant explicou que o caixão estava na câmara mortuária e que Jean Valjean poderia se esconder num cubículo ao lado da sala, onde o jardineiro guardava os utensílios para sepultamentos.

— Ficarei escondido no cubículo durante toda a noite e por toda a manhã — ponderou Jean Valjean.

Ele havia passado por dificuldades maiores. Quem já foi prisioneiro conhece a arte de se encolher de acordo com o diâmetro das evasões. Aliás, um caixão que carrega um ser

vivo, expediente comum aos condenados, é também expediente de reis. Se formos acreditar no monge Austin Castillejo, Carlos V, querendo, depois de sua abdicação, rever Plombes pela última vez, usou o mesmo meio para entrar e sair do convento de S. Justo.

Fauchelevant, mais calmo, exclamou:

— Mas como fará para respirar?

— Faça alguns buracos na altura da boca e pregue a tampa do caixão sem apertar muito.

— E se tiver vontade de tossir ou espirrar?

— Quem foge não tosse nem espirra. A única coisa que me inquieta é o cemitério.

— Pois isso não me preocupa — disse Fauchelevant. — Se o senhor está certo de sair-se bem do caixão, eu cuidarei de tirá-lo da cova. Vou explicar o que vai acontecer: chegaremos pouco antes do pôr do sol, antes de fecharem o portão do cemitério. A carruagem fúnebre irá até bem perto do túmulo. Levarei no bolso um martelo, um formão e uma torquês. Eles descem o caixão na cova, o padre faz as orações e vai-se embora. Eu fico só com o coveiro Mestienne. É meu amigo, como já lhe disse. Mas é um beberão. Eu o levo para beber vinho, não custa para embebedar-se. Deixo-o deitado, e tiro o senhor da cova.

Jean Valjean estendeu-lhe a mão, que Fauchelevant se apressou em apertar com a tocante efusão dos homens simples.

— Está combinado, senhor Fauchelevant. Tudo sairá bem.

Não basta ser bebado para ser imortal

No dia seguinte, quando o sol já declinava, os raros transeuntes viam a passagem de um cortejo fúnebre, um caixão coberto com um pano branco, sobre o qual se via uma grande cruz preta, semelhante a uma gigante defunta com os braços abertos. Atrás do carro ia um padre de sobrepeliz e um menino de coro de batina vermelha. Atrás de tudo caminhava um velho, que coxeava. O cortejo dirigia-se para o cemitério Vaugirard.

O cemitério Vaugirard era o que se poderia chamar de cemitério em desuso.

O mato o invadia, as flores o desertavam. Os burgueses não gostavam nada de ser enterrados no Vaugirard; isso cheirava a pobreza. No Père-Lachaise, isso sim! Ser enterrado no Père-Lachaise era como ter móveis de acaju. O sol ainda não havia desaparecido quando a carruagem fúnebre entrou na avenida do cemitério Vaugirard. O pobre coxo que o seguia era Fauchelevant. O enterro da madre, a saída de Cosette, Jean Valjean na câmara mortuária, tudo se passara sem imprevistos.

Fauchelevant mancava satisfeito. Suas duas conspirações, uma com as religiosas, outra com Madeleine, uma a favor do convento, outra contra, tinham tido completo êxito. A calma de Jean Valjean era contagiante. Fauchelevant já não duvidava de que tudo acabaria

bem. O que faltava fazer era quase nada. Em dois anos, havia embebedado dez vezes o coveiro, o bravo Mestienne, homem simples, bochechudo. Divertia-se com ele; fazia dele o que bem entendia.

De repente, a carruagem parou; haviam chegado ao portão. Era preciso mostrar a permissão para o enterro. O encarregado do serviço funerário conversou com o porteiro do cemitério. Durante a conversa, um desconhecido veio se postar ao lado de Fauchelevent, segurando uma pá.

— Sou o coveiro — disse o homem.

— Mas o coveiro é o senhor Mestienne.

— Era. Ele morreu.

Fauchelevent esperava qualquer coisa, menos que um coveiro pudesse morrer. Todavia, é uma verdade, os coveiros também morrem.

Fauchelevent ficou boquiaberto.

— Mas não é possível! O coveiro é Mestienne.

— Depois de Napoleão, Luís XVIII. Depois de Mestienne, Gribier. Amigo, eu sou Gribier.

Fauchelevent deu uma gargalhada.

— Cada coisa que acontece! Mestienne morreu, mas Lenoir ainda vive! Sabe quem é Lenoir? É um garrafão de vinho tinto de seis soldos. Ah! pobre Mestienne! Morreu! Sinto muito! Era um bom sujeito! Mas o senhor também é um bom sujeito. Não é, amigo? Venha, vamos beber um trago juntos.

O homem respondeu:

— Eu estudei. Completei o quarto ano. Não bebo mais.

O coche começou a rodar pela rua principal do cemitério. Fauchelevent diminuiu o passo. O coveiro caminhava em sua frente.

Fauchelevent examinou novamente o inesperado Gribier. Era um desses homens que, embora jovens, parecem velhos e que, embora magros, são fortes.

— Camarada! — chamou ele. — Eu sou o coveiro do convento.

— Meu colega! — replicou o homem.

— Então, Mestienne morreu! — murmurou Fauchelevent.

O homem respondeu:

— Deus consultou seu caderno de prazos. Era a vez de Mestienne. E Mestienne morreu.

O coche fúnebre rodeou um grupo de ciprestes, deixou a rua principal, entrou por outra mais estreita, chegou a um terreno vazio, internando-se em um pequeno bosque. Isso indicava a proximidade da sepultura. Felizmente, a terra solta, molhada pelas chuvas, travava as rodas, atrasando um pouco a marcha do cortejo. Logo, o coche parou.

Fauchelevent, no cúmulo da inquietação, olhava para todos os lados. Grandes gotas de suor corriam-lhe pelas faces.

O coroinha desceu da carruagem, seguido pelo padre.

Uma das pequenas rodas do coche subiu um pouco em um monte de terra revolvida; por detrás, via-se uma cova aberta.

Entre quatro tábuas

Jean Valjean estava calmo dentro do caixão. Toda a trama se desenrolava bem, desde a véspera. Como Fauchelevent, contava com a presença de Mestienne. Não tinha a mínima dúvida acerca do bom resultado de tudo.

As quatro tábuas de um caixão produziam uma espécie de paz terrível; talvez um pouco da paz dos mortos se aliasse à tranquilidade de Jean Valjean.

Pouco depois que Fauchelevent acabara de pregar a tábua de cima, Jean Valjean sentiu que o levavam. Pela diminuição dos solavancos concluiu que passavam da calçada para um caminho de terra, isto é, que acabaram as ruas e principiavam os boulevards. Por um ruído surdo que ouviu, adivinhou que atravessavam a ponte de Austerlitz. Quando o carro parou a primeira vez, achou que entrava no cemitério, e na segunda parada disse consigo: “Chegamos à sepultura”.

Depois, percebeu que erguiam o caixão; o roçar áspero na madeira indicava que lhe amarravam cordas para descê-lo até a cova. Sentiu frio e soube que estava no fundo.

Uma voz solene se ouviu lá em cima. Era uma voz grave recitando frases latinas, e uma voz de menino respondendo.

Ouviu sobre a tábua que o cobria algo semelhante ao bater suave de algumas gotas de chuva. Provavelmente, era a água benta. Pensou: “Em breve tudo estará terminado. Fauchelevent levará Mestienne para beber, depois voltará sozinho e eu sairei daqui. Será coisa de uma hora”.

A voz grave repetiu:

— *Requiescat in pace.*

E a voz do menino disse:

— *Amen.*

Jean Valjean, com o ouvido atento, percebeu passos que se afastavam.

“Lá vão eles”, pensou. “Agora estou só.”

De repente, ouviu sobre a cabeça um ruído semelhante ao ribombar de um trovão.

Era uma pá de terra que caía em cima do caixão.

Logo após, nova pá de terra.

Um dos buracos feitos para que pudesse respirar ficou obstruído.

Terceira pá de terra.

Depois, ainda outra.

Há coisas mais poderosas que os homens mais fortes.

Jean Valjean perdeu os sentidos.

A origem do ditado: não perder a cartada

Quando o coche fúnebre se afastou, quando o padre e o coroinha tornaram a subir na carruagem, distanciando-se, Fauchelevent viu o coveiro pegar a pá e começar a jogar a terra na cova. Foi então que tomou uma resolução desesperada.

Colocou-se entre a cova e o coveiro, cruzou os braços, e disse:

— Eu pago!

O coveiro, olhando admirado, respondeu:

— Pagar o quê?

Fauchelevent repetiu:

— Eu pago o vinho na taverna!

— Vá para o diabo! — disse o coveiro.

E jogou uma pá de terra sobre o caixão.

Fauchelevent sentiu-se vacilante, mas gritou, com voz cheia de aflição.

— Vamos, amigo, antes que a taverna feche!

Enquanto falava, ainda refletia: “E se ele concordar, ficará bêbado?”.

— Escute, camponês — respondeu o coveiro —, se faz mesmo questão, concordo.

Vamos beber. Depois do serviço, não antes.

E tornou a encher a pá de terra. Fauchelevent o deteve.

— Mas é um vinho de seis soldos!

— E essa agora, parece um relógio... Din, don, din, don; repete sempre a mesma coisa.

Ora, vá passear!

E jogou outra pá de terra. Depois, enterrou a pá no chão e continuou:

— Hoje à noite vai fazer frio, e a defunta sairá gritando atrás de nós se a deixarmos ali, descoberta.

Nesse momento, enquanto enchia novamente a pá, o coveiro curvou-se e um dos bolsos de sua blusa se abriu. O olhar espantado de Fauchelevent caiu maquinalmente naquele bolso entreaberto e parou. Ele acabava de ter uma ideia.

Sem que o coveiro percebesse, Fauchelevent meteu a mão no bolso e retirou o que tinha visto.

O coveiro jogou na sepultura mais uma pá de terra. Quando ia jogar mais uma, Fauchelevent perguntou-lhe:

— A propósito, colega, trouxe sua nomeação? O sol já vai se esconder.

— Que se esconda!

— O portão do cemitério vai fechar.

— E daí?

— Você está com sua nomeação?

— Ah, a nomeação!

O coveiro procurou em todos os bolsos.

— Não está comigo... Será que a perdi?

— Quinze francos de multa — disse Fauchelevent.

O coveiro ficou verde. O verde é a palidez das pessoas lívidas.

— Quinze francos de multa!

O coveiro deixou cair a pá.

Chegara a vez de Fauchelevent.

— Ora, não se desespere. Não vá se suicidar para aproveitar a cova. Quinze francos são quinze francos, e pode ser até que não precise pagá-los. Uma coisa é clara; o sol já se esconde e o cemitério vai fechar em cinco minutos. Em cinco minutos o senhor não terá tempo para encher a cova, e não vai dar tempo de sair antes que se fechem os portões.

— É verdade...

— Então terá de pagar os quinze francos de multa.

— Quinze francos!

— Mas vou ajudar... Onde mora?

— A dois passos da barreira, a um quarto de hora daqui, rua Vaugirard, número 87.

— Ainda tem tempo para sair. Então, corra até a sua casa, pegue o papel e volte, que o porteiro do cemitério lhe abrirá o portão. Se tiver a nomeação, nada terá de pagar. Depois o senhor enterrará o seu morto. Eu fico aqui esperando, para impedir que ele fuja da cova.

O coveiro, cheio de gratidão, apertou-lhe a mão e saiu correndo.

Fauchelevant chamou o senhor Madeleine, mas não obteve resposta. Deixou-se escorregar para o interior da cova, lançou-se sobre o caixão e gritou:

— O senhor está aí?

Completo silêncio.

Fauchelevant pegou o formão e o martelo e fez saltar a tampa do caixão. O rosto de Jean Valjean apareceu no crepúsculo, de olhos fechados, pálido. Macilento, imóvel.

— Está morto!

O pobre homem começou a soluçar.

— A culpa é de Mestienne. Por que aquele imbecil foi morrer justamente agora que ninguém esperava? Ele é que causou a morte do senhor Madeleine. Coitado do senhor Madeleine! Está no caixão. Não há nada mais a fazer. E a menina? Que irei fazer com ela? Mas como, diabos, ele entrou no convento? Não se deve fazer coisas assim. Senhor Madeleine! Senhor Madeleine!

Enquanto falavam, ele arrancava os cabelos com o maior desespero. Ouviu, ao longe, por entre as árvores, um guincho agudo e prolongado. Era o portão que se fechava.

Fauchelevant inclinou-se sobre Jean Valjean e, de repente, deu um salto para trás. Jean Valjean abriu os olhos.

Presenciar a morte é terrível, porém presenciar uma ressurreição não deve ser menos. Jean Valjean havia desmaiado. O ar puro tornara a animá-lo.

— Então, o senhor está vivo! Tanto o chamei que o senhor voltou. O que eu faria com a menina se o senhor tivesse morrido? Que história, que história! Ah! o senhor está vivo, e tudo acabou bem!

Jean Valjean saiu do caixão e ajudou-o a pregar a tampa novamente.

O cemitério estava fechado e não deviam temer pela volta do coveiro Gribier. Ele deveria estar em casa, ocupado em procurar a nomeação, e sem o papel, não poderia voltar ao cemitério.

Fauchelevant pegou a pá, Jean Valjean, a enxada, e ambos fizeram o enterro do caixão vazio. Quando a cova já estava cheia, foram até o portão. Lá chegando, Fauchelevant, que levava consigo a nomeação de Gribier, jogou-a no guichê, o porteiro puxou a corda, o portão se abriu e ambos saíram.

A rua Vaugirard estava deserta. Ao encontrar o número 87, Fauchelevent pediu a Jean Valjean que o esperasse fora enquanto levava as ferramentas para dentro da casa.

Ele entrou no número 87, subiu as escadas, levado pelo instinto que conduz o pobre aos sótãos, e bateu à porta.

— Entre — respondeu uma voz.

Era Gribier. A casa do coveiro era, como todas as casas pobres, um sótão sem móveis e, ao mesmo tempo, atravancado. Um caixote servia de cômoda, uma esteira fazia o papel de cama, e o próprio chão servia de mesa e cadeiras. Num canto, sobre uns trapos, restos de algum tapete, um grupo quase indecifrável, que parecia uma mulher e algumas crianças. Toda a sala em grande confusão, como se tivesse acontecido ali uma catástrofe. As tampas dos caixotes estavam fora do lugar, os farrapos espalhados pelo chão, a mulher havia chorado, as crianças, provavelmente, tinham apanhado. Era evidente que o coveiro havia procurado inutilmente a nomeação, responsabilizando a todos pela sua perda. Ele parecia desesperado.

Mas Fauchelevent, querendo chegar logo ao fim da aventura, não notara esse lado triste de seu êxito.

— Trago de volta a pá e a enxada. Amanhã de manhã, poderá reaver sua nomeação com o porteiro do cemitério.

E deixou ali as ferramentas.

— O senhor deixou cair sua nomeação e eu a encontrei no chão, depois que o senhor foi embora; enterrei a morta, tapei a cova, fiz o seu trabalho; o porteiro lhe devolverá o papel e o senhor não terá de pagar os quinze francos.

— Obrigado! — exclamou Gribier, deslumbrado. — De outra vez, quem paga o vinho sou eu!

Interrogatório bem-sucedido

Uma hora depois, no meio da noite escura, dois homens e uma menina apresentavam-se no número 62 da travessa Picpus. O mais velho deles levantou a aldrava e bateu.

Eram Fauchelevent, Jean Valjean e Cosette.

Ambos tinham ido buscar a menina onde Fauchelevent a havia deixado no dia anterior. Cosette passara as vinte e quatro horas sem nada compreender, tremendo em silêncio. Sentia tanto medo que nem tinha chorado. Cosette nada deixara transpirar de tudo o que havia visto ou ouvido nos dois últimos dias.

Adivinhava que estava atravessando algum perigo. Sentia perfeitamente que era preciso “ser esperta”. O medo é mudo. Além disso, ninguém guarda tão bem um segredo quanto uma criança.

Somente depois daquelas vinte e quatro horas cheias de inquietação é que ela, revendo

Jean Valjean, deu um grito tão forte que parecia estar saindo de um abismo.

Fauchelevant, como era do convento, conhecia a senha sem a qual não poderia entrar. Assim, foi resolvido o duplo e terrível problema: sair e entrar. O porteiro os deixou entrar e a priora, de rosário na mão, já os esperava. Uma madre vocal, com o véu abaixado, estava de pé a seu lado.

A priora examinou Jean Valjean de alto a baixo. Nada como dois olhos baixos para observar as coisas que os rodeiam.

Depois, perguntou:

— Você é o irmão do senhor Fauvent?

— Sim, reverenda madre — respondeu Fauchelevant.

— Como se chama?

Fauchelevant respondeu:

— Ultime Fauchelevant.

Ele tivera, de fato, um irmão já falecido chamado Ultime.

— De onde vem?

— De Picquigny, que fica ao pé de Amiens — respondeu Fauchelevant.

— Que idade tem?

— Cinquenta anos.

— Que profissão exerce?

— Ele é jardineiro

— É bom cristão?

— Toda a nossa família é — respondeu Fauchelevant.

— Essa menina é sua?

Fauchelevant respondeu:

— É, sim, reverenda madre.

— O senhor é pai dela?

Fauchelevant respondeu:

— Avô.

A madre vocal disse à meia-voz à priora:

— Como responde bem!

Jean Valjean não pronunciava uma palavra. A priora observou Cosette atentamente e disse à madre vocal:

— Ela vai ser feia.

As duas religiosas conversaram por alguns minutos em um canto do locutório; depois, a superiora voltou-se e disse:

— Senhor Fauvent, o senhor vai receber mais uma joelheira de guizo. Agora precisamos de duas.

De fato, Jean Valjean havia sido aprovado; usava a joelheira de couro com o guizo e sua presença era oficial. Chamava-se Ultime Fauchelevant.

A causa determinante para a sua admissão fora a observação da priora a respeito de Cosette: “Vai ser feia”. A priora, depois desse prognóstico, fez logo amizade com Cosette, dando-lhe um lugar no pensionato como aluna.

Isso tudo era muito lógico.

Embora não houvesse espelhos no convento, as mulheres têm uma intuição especial a respeito de um rosto; ora, as moças que se sentem bonitas dificilmente se tornarão religiosas, como a vocação é mais frequente na proporção inversa da beleza, espera-se mais das feias que das bonitas. Daí essa preferência pelas feiasas.

O êxito do bom e velho Fauchelevent fora tríplice: com Jean Valjean, a quem salvara e dera abrigo; com Gribier, que dizia: “O senhor me salvou da multa”; com o convento, que, graças a ele, conservando consigo o corpo de madre Crucificação, iludira César e satisfizera a Deus.

Quanto ao convento, sua gratidão para com Fauchelevent foi grande. Tornou-se o melhor dos empregados e o mais precioso dos jardineiros. Logo na primeira visita do arcebispo ao convento, a priora contou o caso a Sua Excelência, um pouco para se confessar, um pouco para se vangloriar. O arcebispo, ao sair do convento, falou entusiasticamente do assunto ao padre de Latil, seu confessor, mais tarde arcebispo de Reims e cardeal. A admiração por Fauchelevent foi tão longe que chegou a Roma, até o papa.

Clausura

Cosette, no convento, continuou a guardar segredo.

Naturalmente, julgava-se filha de Jean Valjean. E nada sabendo, nada poderia dizer e, mesmo que soubesse de alguma coisa, nada revelaria. Cosette já havia sofrido tanto que tinha medo de tudo, mesmo de falar, de respirar.

Depressa habituou-se ao convento. Contudo, sentia saudade de Catherine, mas não ousava dizer nada. Uma vez, porém, disse a Jean Valjean:

— Pai, se eu soubesse, traria Catherine comigo.

As religiosas não adotaram o nome de Ultime; chamavam-no de *o outro Fauvent*.

Se aquelas boas freiras tivessem um pouquinho do olhar de Javert, acabariam por notar que, quando era preciso sair para tratar de algum assunto relativo ao jardim, era sempre o Fauchelevent mais velho, doente e coxo quem saía, jamais o outro mais novo; mas, seja porque os olhos sempre fixos em Deus jamais sabem espionar, seja porque elas preferiam espionar-se mutuamente, ninguém deu atenção a isso.

No que bem fez Jean Valjean, mantendo-se oculto; Javert continuou a observar os arredores do convento durante mais de um mês.

Aquele convento era para Jean Valjean como uma ilha cercada de abismos. O mundo para ele agora eram aquelas quatro paredes. Dali via o céu, o suficiente para se conservar sereno, e Cosette, o suficiente para viver satisfeito.

Morava com o velho Fauchelevent na casinha situada ao fundo do jardim. Jean Valjean trabalhava durante todo o dia no jardim e ajudava muito. Já havia sido podador de

árvores, dando-se bem com a nova ocupação. Quase todas as árvores do pomar eram novas; enxertou-as e as fez produzir frutos excelentes. Cosette tinha permissão de passar com ele uma hora por dia.

Na hora marcada, ela corria para a choupana, transformando-a em verdadeiro paraíso. Jean Valjean sentia-se encantado, vendo aumentar a própria felicidade com a felicidade que proporcionara a Cosette. A alegria que irradiamos tem isso de especial: longe de se enfraquecer como todos os reflexos, volta para nós mais resplandecente ainda. Nas horas de recreio, Jean Valjean via-a de longe, correndo e brincando, distinguindo-lhe o riso no meio da gritaria das outras meninas.

Cosette, agora, sabia rir.

Deus emprega os meios que prefere para chegar a seus fins. O convento, assim como Cosette, contribuiu para manter e completar a obra do bispo em Jean Valjean. Às vezes, ele encostava-se à enxada e descia lentamente às espirais sem fim do sonho.

Lembrava-se dos antigos companheiros das galés. Acordavam de madrugada, trabalhavam até a noite, dormiam em salas que só eram aquecidas nos meses mais frios do ano. Viviam sem nomes, chamados por números, baixando os olhos, baixando a voz, com os cabelos raspados, submetidos às chicotadas, à vergonha.

Depois, seu espírito recaía nas criaturas que tinha sob os olhos.

Também elas viviam de cabelos cortados, olhos baixos, quase sem voz, não na vergonha, mas submetidas à chacota do mundo, não sujeitas a chibatadas, porém com os ombros macerados pela disciplina. Também seus nomes tinham sido apagados da memória dos homens, substituídos por austeros apelidos. Jamais comiam carne ou bebiam vinho, vestiam-se não com os macacões vermelhos dos forçados, mas com sudários negros, de lã, pesados no verão, insuficientes no inverno, sem poder usar roupas mais leves no calor e, sobretudo, mais quentes no frio. Por seis longos meses, usavam roupas de sarja que lhes causavam febre. Dormiam em celas, onde jamais se acendeu uma vela, e deitavam-se sobre feixes de palha. Enfim, nem o sono lhes era poupado; todas as noites, depois de um dia de sofrimento, era preciso levantar-se, interromper o primeiro sono e ir rezar numa capela fria e escura, com os joelhos sobre a pedra dura.

Em certos dias, algumas daquelas criaturas devem ficar doze horas seguidas ajoelhadas no chão, ou prostradas com o rosto em terra e os braços em cruz. Os primeiros eram homens; estas eram mulheres.

O que os homens haviam feito? Havia roubado, violado, pilhado, matado, assassinado. Eram bandidos, falsários, envenenadores, incendiários, assassinos, parricidas. O que haviam feito aquelas mulheres?

Absolutamente nada.

Dois lugares de escravidão; mas, no primeiro, a possibilidade de libertação, um limite legal, sempre, embora longínquo, ou ao menos a evasão. No segundo, a condenação por toda a vida, e como única esperança, no futuro distante, esse clarão de liberdade que os homens chamam de morte.

No primeiro, está preso por correntes; no segundo, pela fé. E nesses dois lugares, tão semelhantes e tão diversos, essas duas espécies de seres tão diferentes tinham por alvo o mesmo fim, a expiação.

Aos primeiros, a expiação de seus crimes, e a elas, a expiação pelos crimes alheios.

Jean Valjean via que aquela casa era também uma prisão, cheia de grades. Para guardar anjos. Os muros altos que vira cercando tigres agora rodeavam cordeiros. Aquelas virgens eram mais duramente castigadas que os próprios forçados.

Quando pensava nisso, desfazia-se aos poucos a soberba que dele ia se apoderando. Ao reconhecer sua miséria, chorou muitas vezes. Todos os sucessos que teve nos últimos seis meses como que o impeliam a pôr em prática as piedosas exortações do santo bispo; Cosette, com o seu amor, o convento, com a sua humildade.

Às vezes, de tarde, à hora do crepúsculo, quando o jardim estava deserto, ele estava de joelhos na calçada que ladeava a capela, diante da janela por onde olhara na noite em que ali entrara, voltado para o lugar onde a irmã que fazia a reparação estava prostrada a rezar. Assim, ajoelhado a seu lado, ele também rezava. Talvez não ousasse ajoelhar-se diretamente diante de Deus.

Todo o seu coração se abismava em reconhecimento e abrasava-se de amor. Assim se passaram muitos anos. E Cosette ia crescendo.

TERCEIRA PARTE

Marius

PARIS ESTUDADA EM SEU ÁTOMO

Parvulus

Paris tem filhos como as florestas têm pássaros; o pássaro chama-se pardal, o filho de Paris, um moleque.

Reúnam essas duas ideias que contêm, uma, todo o calor, e outra, toda a aurora; aproximem essas duas faíscas, Paris e a infância, e como resultado veremos surgir um pequeno ser.

Ele é alegre. Não come todos os dias, mas, se lhe dá na telha, vai todas as noites ao teatro. Não tem camisa no corpo, nem sapatos nos pés, nem teto sobre a cabeça; é como as moscas do céu, que nada possuem de tudo isso.

Sua idade vai dos 7 aos 13 anos; vive em bandos, anda pelas ruas, dorme ao ar livre, usa as velhas calças do pai, que lhe chegam ao calcanhar, um velho chapéu de outro pai que lhe cobre as orelhas. Corre, espreita, perde tempo, fuma cachimbo, blasfema como um condenado, frequenta as tavernas, conhece ladrões, é amigo das meretrizes, fala gíria, canta versos obscenos e nada tem de mau no coração.

É que tem na alma uma pérola, a inocência, e as pérolas não se dissolvem na lama.

Se perguntassem à grande cidade: — Mas quem é ele? — ela, responderia: — É o meu filho.

Alguns de seus sinais particulares

O moleque de Paris é o anão gerado por uma gigante.

Esse querubim das enxurradas às vezes usa camisa; nesse caso, terá somente uma; às vezes anda calçado, mas então seus sapatos não terão solas; às vezes tem onde morar, e gosta de sua casa porque lá encontra a própria mãe, mas prefere a rua, porque aí encontra a liberdade.

Tem brinquedos e malícias peculiares, mas cujo fundo é o ódio aos burgueses; usa metáforas especiais: morrer é o mesmo que comer dente-de-leão pela raiz; tem ocupações próprias: baixar os estribos das carruagens, estabelecer pedágios para atravessar as ruas

durante as grandes chuvas, esquadrinhar entre as pedras das calçadas; tem sua moeda privativa, feita de pedacinhos de metal que encontra pela rua. Essa curiosa moeda que toma o nome de “trapos” tem curso muito bem regulamentado entre essa pequena boêmia de crianças.

Enfim, tem sua fauna particular, observada em seus habitats; são as lagartas, besouros e o “diabo”, inseto de cor preta que ameaça dobrando a cauda guarneçada de ferrões. Tem seu monstro fabuloso, que possui escamas no ventre, mas não é lagarto, tem excrescências nas costas e não é sapo, morando nos bueiros secos, negro, peludo, viscoso, arrastando-se ora depressa, ora devagar, sem gritar, mas sempre atento, tão terrível que ninguém jamais o viu; ele o chama de “a coisa surda”. Procurá-lo entre as pedras é uma de suas temíveis aventuras. Outro prazer: levantar de repente uma laje, observar os tatuzinhos.

Quanto a frases espirituosas, o moleque é dotado de imprevisível jovialidade, embaraça qualquer comerciante com sua risada fingida. Seus dotes percorrem toda uma gama, desde a alta comédia até a farsa.

No meio da multidão, está um deles. Um homem sério, cheio de berloques, se volta, indignado.

— Seu moleque! Você passou a mão na cintura de minha mulher!

— Eu, meu senhor? Pode me revistar, veja se a encontra!

Ele é agradável

À noite, graças a alguns vinténs que ele sempre dá um jeito de encontrar, o rapaz vai ao teatro. Transpondo aquela porta mágica, ele se transfigura; o moleque se transforma. Os teatros são como navios emborcados, com o porão para cima. É nesse porão que o garoto se acomoda.

Deem a alguém tudo o que é inútil, tirem-lhe tudo o que é necessário, e terão o moleque.

E ele não deixa de ter uma intuição literária. Sua tendência, porém, não é o clássico. Por natureza, ele é pouco acadêmico.

Ele berra, ridiculariza, zomba, briga, veste-se com os trapos da criança e os farrapos do filósofo, pesca nos esgotos, caça nas cloacas, extrai alegria da imundície, enche com sua verve as esquinas, zomba e morde, assobia e canta, encontra sem procurar, sabe o que desconhece, é espartano até na trapaça, é lírico até na torpeza. O moleque de Paris é Rabelais criança.

Não fica satisfeito com as calças se não tiverem o bolsinho do relógio. Admira-se pouco, assusta-se menos ainda, zomba cantando das superstições, faz blague dos mistérios, mostra a língua às almas do outro mundo.

Não é que ele seja prosaico; longe disso; mas substitui a visão solene pela

Ele pode ser útil

Paris começa no indolente e termina no moleque, duas espécies de criaturas desconhecidas em outras cidades; a aceitação passiva que se satisfaz em olhar e a iniciativa inesgotável. Só Paris tem disso em sua história natural. Toda monarquia baseia-se no indolente; toda a anarquia se refugia no moleque.

Essa criança pálida dos bairros de Paris vive e se desenvolve, começa e acaba no sofrimento, na presença das realidades sociais e das coisas humanas como testemunha pensativa. Olha sempre pronta a rir, mas sempre pronta para outras coisas também. Quem quer que seja, esses que se chamam de preconceito, abuso, ignomínia, opressão, iniquidade, despotismo, injustiça, fanatismo, tirania, tomem cuidado com esse garoto boquiaberto.

Essa criança crescerá.

De que argila é feita? Do primeiro barro que se encontrou. Um punhado de lama, um sopro e eis Adão. Basta que passe um Deus. E um Deus sempre passa ao lado de um moleque. A sorte o protege.

Pela palavra “sorte” queremos dizer acaso, até certo ponto. Esse pigmeu modelado da terra comum, ignorante, iletrado, vulgar, baixo. Ele se tornará um jônio ou um beócio? Espere, Espírito de Paris, aquele demônio que cria os filhos do acaso e os homens do destino, invertendo o processo do oleiro latino, faz do jarro uma ânfora.

Suas fronteiras

O moleque gosta da cidade, mas, sendo bastante sábio, também aprecia a solidão. Andar sem destino, isto é, flunar, é um ótimo modo de o filósofo passar o tempo.

Daí os passeios do pensador, aparentemente ao léu, a esses lugares tão pouco atraentes, marcados para sempre pelo epíteto de “tristes” que lhes deram os transeuntes.

Quem já tiver andado nessas solidões tão próximas dos bairros que poderíamos chamar de limbos de Paris deve ter entrevisto aqui e ali, no lugar mais abandonado, no momento mais inesperado, atrás de uma sebe mirrada ou no ângulo de uma parede sombria, crianças agrupadas, malcheirosas, sujas, poeirentas, cobertas de farrapos, com os cabelos eriçados, jogando bolinhas de gude. São todos os pequenos fugitivos das famílias

pobres.

Os terrenos baldios são o seu ambiente, a sua propriedade.

Estabeleceram aí um perpétuo curso de vadiagem, cantando ingenuamente seu repertório de modinhas obscenas. Estão ali, ou melhor, existem ali, longe de qualquer vigilância, na doce claridade de maio ou de junho, ajoelhados em torno de um buraco, jogando bolinhas, disputando vinténs, irresponsáveis, livres, soltos, felizes; logo que nos veem, lembram-se que é preciso ganhar a vida, e oferecem uma meia velha, cheia de besouros, ou um ramo de lilases. Esses encontros com tão estranhas crianças são uma das graças encantadoras, e ao mesmo tempo pungentes, nos arredores de Paris.

Às vezes, entre um grupo de meninos, há algumas meninas — serão irmãs? — quase mocinhas, magras, lívidas, queimadas pelo sol, sardentas, enfeitadas com espigas de centeio e ramos de papoulas, alegres, ariscas, descalças. À noite, ouvem-se os risos.

Paris é o centro que tem por circunferência todos os seus arredores; aí, para essas crianças, se resume toda a Terra. Elas jamais se aventuram fora desses limites. Não podem mais sair da atmosfera de Paris, como os peixes não podem sair da água.

Nisso se resume o universo.

Um pouco de história

Na época quase contemporânea em que se passa a ação deste livro, as crianças desamparadas abundavam em Paris. Todos os crimes do homem começam na ociosidade das crianças.

Mas Paris é exceção.

Enquanto em qualquer outra grande cidade a criança sem família é um homem perdido, enquanto a criança entregue a si mesma é, de algum modo, destinada e abandonada a uma espécie de imersão fatal nos vícios públicos que lhe devoram a honestidade e a consciência, o moleque de Paris, tão gasto e consumido na superfície, mantém-se interiormente quase intacto.

Respirar Paris é conservar a alma.

Mas isso não diminui o aperto no coração que se sente todas as vezes que se encontra uma daquelas crianças, em torno da qual parece ver-se flutuar os fios quebrados da família.

Mas esse abandono de crianças não era de todo desencorajado pela antiga monarquia. Um pouco do Egito e da Boêmia nas classes mais baixas acomodava as altas esferas e era útil ao desígnio dos poderosos. O ódio pela educação dos filhos do povo era um dogma. Ora, a criança abandonada é o corolário da criança ignorante. Aliás, a monarquia tinha às vezes necessidade de crianças e nessas ocasiões vasculhava as ruas.

No tempo de Luís XIV, para não nos afastarmos muito, o rei queria, com muita razão, criar uma frota. A ideia era boa. Mas vejamos os meios de que se serviu. É impossível uma

frota se, ao lado do navio a vela, joguete dos ventos, não houvesse o navio que vai para onde quer, movido a remos ou a vapor, para rebocar o primeiro. Naquele tempo, as galés eram para a Marinha o que hoje são os navios a vapor. Portanto, as galés eram imprescindíveis, mas não podiam existir se não houvesse os forçados. Colbert, por meio dos intendentos das províncias, produzia o maior número possível desses condenados. E os juizes eram complacentes. Um homem mantinha o chapéu na cabeça ao passar uma procissão, mandavam-no para as galés. Encontrava-se um rapaz pelas ruas: bastava que tivesse 15 anos e não tivesse onde dormir para que o mandassem para as galés.

Grande reinado! Grande século!

Sob Luís XV, as crianças desapareciam em Paris; a polícia as levava, não se sabe para que misteriosos fins. Acontecia, às vezes, que prendiam crianças que tinham pais. Estes, desesperados, lançavam-se sobre os policiais. Nesses casos, o Parlamento intervinha e mandava prender, quem? Os policiais?

Não.

Os pais.

O moleque teria classificação entre as castas da Índia

Os moleques de Paris formam quase uma casta. Poderia se dizer: não basta querer para pertencer a ela.

Os elementos que constituem fatores de consideração entre os moleques são muito variados. Conhecemos um muito respeitado e admirado por ter visto um homem cair do alto das torres de Notre-Dame; outro por ter conseguido penetrar no pátio onde estavam guardadas provisoriamente as estátuas da Catedral Saint-Louis-des-Invalides, roubando um pouco de chumbo; um terceiro, por ter presenciado o desastre de uma diligência; outro, ainda, porque conhecia um soldado que quase havia vazado o olho de um burguês.

Certa audácia em matéria religiosa envaidece qualquer moleque. Ser espírito forte é muito importante.

Assistir às execuções constitui um dever. Eles apontam para a guilhotina e riem-se, chamando-a com grande variedade de apelidos: fim da sopa, rabugenta, a mãe do azul (do céu), a última dentada etc. Para não perderem nenhuma parte do espetáculo, sobem nos muros, trepam nas balaustradas, nas árvores, nas grades, nas chaminés.

O moleque nasce tão pedreiro como marinheiro. Um telhado não lhe causa mais medo que um mastro.

Entre eles, um acidente memorável é tido na maior conta. Chega-se ao máximo de consideração quando acontece de um deles cortar-se “até o osso”.

Ser canhoto é a coisa mais invejável. Olhar vesgo é uma qualidade extraordinária.

Uma frase encantadora do último rei

No verão, ele se metamorfoseia em rã; e, ao cair da noite, diante das pontes de Austerlitz e de Iena, de cima das barcas de carvão e dos barcos das lavadeiras, ele mergulha no Sena, infringindo de todos os modos possíveis as leis do pudor e da polícia.

Às vezes esse mosquito — é assim que ele se qualifica — sabe ler; às vezes sabe escrever, e sempre é perito em garatujas. Ele não hesita em aprender todos os talentos que possam ser úteis à causa pública; de 1815 a 1830, imitava o peru; de 1830 a 1848, desenhava peras nas paredes. Numa noite de verão, Luís Filipe, voltando a pé de um passeio, viu um deles, muito pequeno, nas pontas dos pés, desenhando uma pera gigantesca num dos pilares da grade de Neuilly. O rei, com o pachorrento humor herdado de Henrique IV, ajudou o moleque, acabou o desenho e deu um luís ao garoto dizendo-lhe:

— Isto também é uma pera.

Há duas coisas que, para esse moleque de rua, são o suplício de Tântalo, sempre deseja e nunca consegue: derrubar o governo e mandar costurar as calças.

O moleque perfeito conhece todos os guardas da cidade de Paris, sabe sempre, quando encontra algum, apelidá-los convenientemente. Enumera-os todos com a ponta dos dedos. Estuda seus costumes, tem observações especiais a respeito de cada um. Lê como livro aberto o íntimo da polícia, dizendo-nos sem hesitar:

— Este é traidor, aquele é carrasco, o outro é ridículo... (todos esses termos, traidor, ridículo, carrasco, têm um significado particular na boca desses meninos).

— Esse aí imagina que é dono da Ponte Neuf e proíbe o povo de passear pela cornija do lado de fora do parapeito; aquele tem a mania de puxar a orelha das pessoas etc. etc.

A velha alma da Gália

Tudo o que foi descrito cabia em Poquelin, garoto nascido no bairro de Halles; o mesmo acontecia com Beaumarchais. Ser moleque é um dos tons do espírito gaulês. As travessuras do garoto aliadas ao bom-senso podem lhe dar mais força, como o álcool ao vinho. Às vezes, transforma-se em defeito.

O moleque de rua de Paris é respeitoso, irônico e insolente. Tem maus dentes, porque é mal alimentado e sofre do estômago, mas tem belos olhos porque tem espírito. É hábil no jogo de pernas. Brinca nas enxurradas, sempre pronto para alguma rebelião; de gatuno, passa a herói com rapidez.

Enfim, para resumir tudo numa palavra, o moleque é uma criatura que se diverte porque é infeliz.

Ecce Paris, ecce homo

O moleque é uma graça para a nação, e é ao mesmo tempo uma doença, doença que é preciso curar. Como? Pela luz.

A luz saneia.

A luz ilumina.

As generosas irradiações sociais são todas produzidas pela ciência, pelas letras, pelas artes, pelo ensino. Cedo ou tarde, a questão da instrução universal vai se estabelecer com a irresistível autoridade da verdade absoluta, e então aqueles que governarem sob a vigilância da ideia francesa terão de escolher: os filhos da França, ou os moleques de Paris; as chamas na luz, ou os fogos-fátuos nas trevas.

O moleque é a expressão de Paris e Paris, a expressão do mundo.

Paris é uma soma, um todo, o teto do gênero humano. Toda essa cidade de maravilhas é um resumo dos costumes mortos e dos costumes vivos.

Paris é agradável. Aceita tudo, e não é exigente no que diz respeito aos prazeres de Vênus. Desde que se divirta, concede anistias. A feiura a alegra, a deformidade a faz rir, o vício a distrai; a própria hipocrisia, esse cinismo supremo, não a revolta.

Que seria de toda essa eterna festa sem esse tempero? Nossas leis sabiamente o providenciaram, e, graças a elas, esse cutelo goteja sobre o Carnaval.

Escarnecer, reinar

Paris não tem limites. Paris faz mais que a lei, Paris faz a moda; Paris faz mais que a moda, faz a rotina. Paris pode ser tola, se quiser; às vezes, ela se dá esse luxo, então todo o universo se bestifica como ela; depois, Paris se levanta, esfrega os olhos e diz: “Que estúpida eu sou!”. E desata a rir na cara do gênero humano.

Que maravilha é esta cidade! É estranho que o grandioso e o burlesco se deem tão bem, que toda essa majestade não se altere pela paródia, que a mesma boca possa hoje soprar a trombeta do juízo final e amanhã uma flauta!

Paris tem uma jovialidade soberana. Seu riso é uma boca de vulcão que convulsiona toda a terra. Ela impõe aos povos tanto suas caricaturas quanto seu ideal; os mais altos monumentos da civilização humana aceitam suas ironias e confiam a própria eternidade à sua brejeirice.

Paris está sempre com os dentes à mostra; quando não zomba, ela ri.

Assim é Paris. A fumaça de suas chaminés são as ideias do universo. Monte de lama e de pedra, se quiserem, mas, acima de tudo, ente moral. É mais que grande, é imensa. Por

quê? Porque tem ousadia.

Ousar é o preço do progresso.

Todas as conquistas sublimes são mais ou menos prêmios da ousadia. Para que houvesse a revolução, não bastava que Montesquieu a pressentisse, que Diderot a pregasse, que Beaumarchais a anunciasse, que Rousseau a premeditasse; era preciso que Danton ousasse.

Para que o gênero humano marche sempre avante, é preciso que no horizonte haja altivas lições de valor. As temeridades deslumbram a história e constituem uma das grandes luzes do homem. A aurora, quando surge, é ousada. Tentar, desafiar, persistir, perseverar, ser fiel a si mesmo, agarrar o destino corpo a corpo, espantar a catástrofe, afrontar a injustiça do poder, eis o exemplo necessário aos povos, eis a luz que os eletriza.

O futuro latente do povo

Quanto ao povo parisiense, mesmo adulto, não deixa de continuar sendo moleque; retratar a criança é retratar a cidade; é por isso que estudamos a águia nesse pardal em liberdade.

É sobretudo nos seus arrabaldes que a raça parisiense aparece; lá ela é puro-sangue; lá está a sua verdadeira fisionomia; lá esse povo trabalha e sofre, e o sofrimento e o trabalho são as duas faces do homem.

Eles não sabem ler! Tanto pior. Só por isso devemos abandoná-los, transformando sua penúria em maldição? A luz não pode iluminar essas massas? Vamos, filósofos, ensinem, esclareçam, iluminem, pensem em voz alta, falem em voz alta, fraternizem-se com as praças públicas, anunciem as boas-novas, distribuam alfabetos, proclamem os direitos, cantem as marselhas, semeiem entusiasmo.

Essa multidão pode chegar ao sublime. Que saibamos nos servir dessa vasta combustão de princípios e de virtudes, que cintila, que brilha, que estremece em determinados momentos. Esses pés descalços, esses braços nus, esses farrapos, essa ignorância, essas trevas podem ser empregadas para a conquista do ideal.

Olhem através do povo e verão a verdade.

O pequeno Gavroche

Oito ou nove anos depois dos acontecimentos relatados na segunda parte desta

história, notava-se um menino de 11 a 12 anos que teria realizado perfeitamente esse ideal do moleque se, com o riso de sua idade nos lábios, não tivesse o coração completamente triste e vazio.

O rapazinho estava vestido com uma calça de homem, mas não era de seu pai, e uma blusa de mulher, que não era de sua mãe. Alguma alma caridosa lhe dera esses trapos. Contudo, tinha pai e mãe. Mas seu pai não se importava com ele e sua mãe não o amava. Era um desses garotos dignos de piedade porque tinha pai, mãe, e era órfão.

Ele só se sentia bem na rua. As pedras das calçadas eram para ele menos duras que o coração de sua mãe.

Era um rapaz ruidoso, pálido, ágil, esperto, divertido, cantava, jogava, roubava um pouco, mas ria quando o chamavam de garoto, ficava zangado quando o chamavam de vadio. Não tinha casa, não tinha comida, nem amor; mas era alegre porque era livre.

Mas, por mais abandonado que estivesse, acontecia às vezes, cada dois ou três meses, de ir visitar a mãe. E ia até a casa onde vivera Jean Valjean, como contamos anteriormente.

Nessa época, o número 50-52 era habitado por muitos indivíduos. Pertenciam todos à classe indigente, que começa no pobre envergonhado e se prolonga de miséria em miséria pelas classes mais baixas da sociedade até os dois seres em quem terminam todas as coisas materiais da civilização, o limpador de esgotos e o trapeiro que recolhe farrapos.

A “primeira inquilina” do tempo de Jean Valjean tinha morrido e havia sido substituída por outra igual. Essa nova velha chamava-se senhora Burgon; sua vida nada tinha de notável, a não ser uma dinastia de três papagaios que haviam reinado sucessivamente em sua alma.

Os mais miseráveis entre os que moravam naquele pardieiro eram uma família de quatro pessoas: pai, mãe e duas filhas já bem crescidas. Eles não tinham nada de particular, exceto a extrema miséria. O pai se chamava Jondrette. Algum tempo depois da mudança, ele avisara à velha:

— Senhora Fulana, se alguém vier perguntar por um polonês, um italiano ou talvez um espanhol, pode me chamar.

Essa era a família do rapazinho. Ele chegava, encontrava só miséria e, o que é mais triste ainda, nenhum sorriso; frio no lar, frio nos corações. Quando entrava, eles perguntavam:

— De onde vem você?

— Da rua — respondia ele.

Quando ia embora, perguntavam:

— Para onde vai?

— Para a rua.

E a mãe:

— O que veio fazer aqui, então?

O moleque vivia nessa ausência de afetos, mas isso não era motivo de sofrimento, tampouco odiava as pessoas por essa razão. Ele nem sabia como deveriam ser um pai ou uma mãe.

Todavia sua mãe amava as irmãs.

Ele se chamava Gavroche.

Cortar todos os fios parece ser o instinto de certas famílias miseráveis. O quarto onde morava a família de Jondrette era o último, no fim do corredor. O quarto contíguo era ocupado por um moço muito pobre chamado Marius.

O GRANDE BURGUEÊS

Noventa anos e trinta e dois dentes

Nas ruas ainda vivem alguns antigos moradores que se lembram de um homem chamado Gillenormand, do qual falavam com estima.

Esse homem já era velho quando eles ainda eram moços. Gozava de boa saúde. Era um velho diferente, um verdadeiro homem de outras eras, um perfeito e altivo burguês do século XVIII, levando sua posição de burguês como os marqueses levavam seu marquesado. Tinha mais de 90 anos, mas andava direito, falava em voz alta, tinha a vista bem conservada, bebia como os que bebem bem, comia, dormia e roncava. Tinha ainda os seus trinta e dois dentes e não punha óculos senão para ler. Facilmente contraía amizades, mas dizia ele que havia uns dez anos renunciara de vez às mulheres. Não podia mais agradar, costumava dizer; e não acrescentava: “Sou muito velho”, mas: “Sou muito pobre”. E dizia: “Se eu não tivesse perdido a minha fortuna, ahhh!”.

Fazia barulho por qualquer coisa, muitas vezes sem razão. Quando o contradiziam, ameaçava com a bengala; ele batia nas pessoas, como se fazia no passado. Tinha uma filha de 50 anos, solteira, com quem ralhava nos momentos de raiva e que chicotearia de muito boa vontade. Ela lhe dava a impressão de ter 8 anos. Esbofeteava energicamente a criadagem e dizia: “Ah! Corja de vagabundos!”.

Fazia a barba todos os dias com um barbeiro que o detestava, ciumento do senhor Gillenormand por causa de sua mulher muito bonita. O velho gabava-se de ser muito esperto e costumava dizer:

— Tenho algum poder de observação; quando uma pulga me pica, sou capaz de dizer de que mulher ela veio.

Dizia que a Europa possui amostras da Ásia e da África em formato pequeno. O gato é um tigre de salão, o lagarto é um crocodilo de bolso. As dançarinas da Opéra são selvagens cor-de-rosa. Não comem os homens, mas os ruminam. Que feiticeiras!

Luc-Esprit

Com 16 anos, numa noite, na Opéra, ele teve a honra de ser descoberto ao mesmo tempo por duas beldades, então maduras e célebres: Camargo e Sallé. Preso entre dois fogos, fizera uma heroica retirada na direção de uma pequena dançarina, uma mocinha chamada Nahenry, como ele de 16 anos, e da qual se enamorara.

Sentia-se incomodado com todos os nomes que via na política e no poder, porque os achava baixos e burgueses. Lia os periódicos, os folhetins, as gazetas, como ele dizia, contendo o riso. “Que gente é essa?”, exclamava. “Corbière! Humann! Perrier! E são ministros! Imagine, meu nome impresso no jornal: Senhor Gillenormand, ministro! Seria uma farsa! São tão estúpidos, que não seria impossível!”

Ele denominava alegremente todas as coisas pelos seus nomes próprios e impróprios, não se contendo nem mesmo na presença de senhoras.

Dizia grosserias, obscenidades e porcarias de modo tão tranquilo e calmo que tinha até certa elegância. Era a sem-cerimónia do seu século. Seu padrinho havia predito que ele seria homem de gênio, e lhe dera estes dois prenomes significativos: Luc-Esprit.

Basco e Nicolette

O velho tinha lá suas teorias.

Uma delas dizia que, quando um homem ama as mulheres e tem em casa uma em quem não confia, é feia, intratável, cheia de direitos, só existe um meio de se livrar da praga e viver em paz: é lhe dar o controle dos cordões da bolsa. A mulher então se apaixona pelo manuseio das moedas, suja as mãos de azinhavre, cuida da educação do caseiro e da instrução dos rendeiros, convoca os advogados, abre processos, faz arrendamentos, vende, compra, regula, manda, promete, compromete, liga, anula, cede, concede, retrocede, arranja, faz tolices, prazer magistral e pessoal, e isso a consola. Enquanto o marido a despreza, ela tem a satisfação de arruiná-lo.

O senhor Gillenormand aplicou essa teoria a si mesmo. Sua segunda mulher tomou conta de sua fortuna de tal modo que, quando se viu viúvo, lhe restava unicamente uma renda anual de quinze mil francos.

Sua casa tinha dois criados, “um macho e uma fêmea”. Quando um criado entrava para o seu serviço, o senhor Gillenormand o rebatizava. Aos homens, dava o apelido de suas províncias. Seu último criado era um gordo e asmático, de uns 50 anos, incapaz de correr vinte passos; mas, como era natural de Bayonne, o senhor Gillenormand apelidou-o de Basco.

Quanto às criadas, todas se chamavam Nicolette. Um dia, apresentou-se uma famosa cozinheira, altiva descendente de porteiros.

— Quanto quer ganhar por mês? — perguntou o senhor Gillenormand.

— Trinta francos.

- Como se chama?
- Olímpia.
- Dou-lhe cinquenta francos e vai se chamar Nicolette.

Magnon e seus dois filhos

O senhor Gillenormand era um galanteador e se apresentava como tal. Um dia, levaram-lhe à casa, escondido em um cesto, um gordo bebê recém-nascido, que gritava como o diabo, devidamente envolto em cueiros, cuja paternidade lhe era atribuída por uma criada despedida seis meses antes. O senhor Gillenormand contava então seus 84 anos.

Houve indignação entre os que o rodeavam: “Como ousa essa descarada fazer tal coisa? Que calúnia! Que audácia!”. Mas o velho não se irritou; ao contrário, olhou a criança com o amável sorriso de alguém que se sente lisonjeado pela calúnia.

— Imagine que tanta surpresa! São tão comuns essas coisas... O duque de Angoulême se casou com uma virgem de 15 anos, ele aos 85! Contudo, eu declaro que esse senhorzinho não é meu filho. Cuidem dele. Não é por sua culpa.

A mesma pessoa, que se chamava Magnon, enviou mais um presente no ano seguinte, outro menino, e dessa vez o ancião capitulou. Mandou os meninos de volta e obrigou-se a enviar à mãe oitenta francos mensais para criá-los com a condição de não repetir-lhe a história.

O senhor Gillenormand teve duas mulheres; a primeira dera-lhe uma filha que se conservara solteira, e a segunda uma outra que falecera aos 30 anos e que desposara, por amor ou por acaso, um soldado que servira nos exércitos da República e do Império, que tinha a cruz de Austerlitz e que fora promovido a coronel em Waterloo.

“É a vergonha da minha família”, dizia o velho burguês.

Regra: não receber ninguém senão à noite

Assim era o senhor Luc-Esprit Gillenormand, que ainda não havia perdido os cabelos, mais grisalhos que propriamente brancos, sempre penteados formando uma franja, e era, afinal, apesar de tudo, um ancião venerável. Um homem do século XVIII: frívolo e grandioso.

Quando completou 80 anos, saiu do mundo e entrincheirou-se em seus hábitos, em

sua casa no Marais. O principal, que nunca mudou, era manter a porta absolutamente fechada durante o dia e jamais receber ninguém, fosse qual fosse a razão, senão à noite. Jantava às cinco horas; depois a porta ficava aberta. Era o costume de seu século e ele não queria abandoná-lo.

“O dia é vulgar”, dizia ele, “e merece apenas uma porta fechada. As pessoas elegantes só iluminam suas mentes quando o zênite ilumina suas estrelas.” Assim ele se protegia de todos, mesmo que fosse o próprio rei. Essa era a elegância antiquada de sua época.

As duas não fazem um par

Falamos das filhas de Gillenormand, nascidas com um intervalo de dez anos. A caçula era uma alma encantadora, voltada para tudo o que é luz, dedicada às flores, aos versos, à música, entusiasmada, etérea, noiva, desde a infância, de uma vaga figura ideal de herói. A mais velha também tinha suas ilusões; via no ar um comerciante, um grande negociante, bem rico, um prefeito. As duas irmãs perdiam-se cada uma no seu sonho, na época em que haviam sido mocinhas. Ambas tinham asas, uma de anjo, outra de gansa.

A caçula conseguiu se casar com o homem de seus sonhos, mas morrera. A mais velha ainda estava solteira.

No momento em que entra nesta história, ela era uma velha virtuosa, uma puritana incombustível, um dos narizes mais agudos e um dos espíritos mais obtusos de que se pode ter conhecimento. Detalhe característico: com exceção de seus familiares mais íntimos, ninguém jamais lhe soube o primeiro nome. Chamavam-na de senhorita Gillenormand mais velha.

Era o pudor levado até as últimas consequências. Tinha uma horrível recordação em seu passado: um dia, um homem lhe vira o tornozelo. A idade só fez crescer esse pudor impiedoso. Sua blusa nunca era bastante opaca ou bastante fechada. Multiplicava os colchetes e alfinetes em lugares nos quais ninguém jamais pensaria em pôr os olhos. Mas quem puder que explique... Ela se deixava abraçar sem reclamar por um oficial dos lanceiros, seu sobrinho, Theodule.

Apesar dos favores que dispensava ao jovem oficial, a etiqueta de “hipócrita” lhe era bem adequada. Ela era da confraria da Virgem; em certas festas, usava véu branco, resmungava orações, venerava o “sagrado coração”, ficava horas e horas em contemplação diante de um altar, numa capela fechada ao comum dos fiéis.

Ela morava na casa do pai. O senhor Gillenormand mantinha a filha a seu lado, como o bispo mantivera a irmã. Esses acordos entre um ancião e uma mulher idosa não são nada raros e sempre apresentam o aspecto tocante de duas fraquezas que se apoiam mutuamente.

Além deles, havia em casa, entre esse velho e essa velha, um rapazinho, que na presença

de Gillenormand estava constantemente tremendo e sem ousar dizer uma palavra. Quando o velho lhe dirigia a palavra, era sempre em tom severo e às vezes de bengala no ar.

— Venha cá, seu tratante!

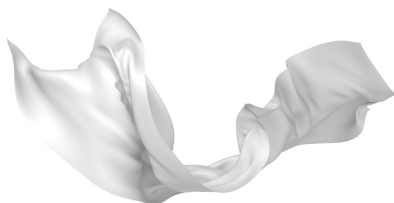
— Patife! Venha já até aqui!

— Responda, vagabundo!

— Se o vejo de novo, seu...

Ele o idolatrava.

Era seu neto.



O AVÔ E O NETO

Um salão antigo

Quando o senhor Gillenormand morava na sua casa anterior, frequentava vários salões muito distintos e nobres. Passava duas tardes por semana numa casa da vizinhança, o palacete da senhora baronesa de T., digna e respeitável pessoa cujo marido fora embaixador da França em Berlim. Viúva, ela vivia longe da Corte, retirada em seu isolamento nobre, altivo e pobre.

Do mesmo modo que alguns campanários, o salão da baronesa tinha dois galos.

Um era o senhor Gillenormand, o outro era o conde de Lamothe-Valois. O conde de Lamothe, que era um velho de 75 anos, não possuía nada que o tornasse notável, a não ser o seu ar silencioso e sentencioso, o seu anguloso e frio rosto, as suas maneiras perfeitamente polidas, a sua casaca abotoada até o pescoço e as suas pernas sempre cruzadas e enfiadas numas calças cor de gengibre amarelo. O rosto era da mesma cor das calças.

O senhor Gillenormand, por sua vez, vinha geralmente acompanhado da filha, esguia donzela que então já passava dos 40 e parecia ter 50, e por um belo menino de 7 anos, corado, saudável, de olhos confiantes.

Esse menino é o mesmo de quem falamos acima. Era chamado de “pobre criança” por ser filho de “um salteador do Loire”. Esse salteador do Loire era o genro do senhor Gillenormand, de quem ele dizia ser “a vergonha da família”.

Um dos espectros vermelhos da época

Aquele que passasse pela cidade de Vernos veria um homem de uns 50 anos cuidando de seu jardim, cheio de flores. Vivia na mais humilde das casas, solitário, na companhia de uma mulher que o servia. As flores eram a sua preocupação.

Desde muito cedo já estava no quintal, cortando, podando, revolvendo a terra, regando, andando no meio de suas flores com um ar de bondade, de tristeza e doçura, às vezes imóvel e pensativo por horas inteiras, ouvindo o canto de um passarinho em alguma

árvore, a tagarelice de uma criança em alguma casa. Sua comida era muito simples, bebia mais leite que vinho. Era tímido a ponto de parecer intratável, saía raramente e não via ninguém, mas sem um estranho ou um vizinho que viesse contemplar suas rosas ou suas tulipas, ele abria a porta sorrindo. Esse era o “salteador do Loire”.

Mas quem lesse as biografias ou os boletins do Exército ficaria impressionado com um nome muitas vezes mencionado, o de Georges Pontmercy. Ainda muito jovem, Georges Pontmercy era soldado do regimento de Saintonge. Pontmercy combateu corajosamente, durante a Revolução, em praticamente todas as grandes batalhas, destacando-se por sua bravura. Distinguiu-se em Austerlitz e o imperador lhe concedeu a cruz de honra. Foi ferido numa dessas ocasiões e do braço esquerdo extraíram-lhe nada menos que vinte e cinco pequenas lascas de osso.

Foi ele quem, como oficial de cavalaria em Waterloo, conquistou a bandeira do batalhão de Luneburgo e depositou-a depois aos pés do imperador. Estava coberto de sangue. Ao arrebatá-la, recebeu um golpe de sabre no rosto. O imperador, agradecido, nomeou-o ao posto de coronel, barão e oficial da Legião de Honra. Uma hora depois, ele caiu na vala de Ohain.

Quem era esse Georges Pontmercy? Nada menos que o salteador do Loire.

Depois de Waterloo, Pontmercy foi reformado e o rei Luís XVIII, considerando nulo tudo o que se fizera durante os Cem Dias, não reconheceu nem a sua qualidade de oficial da Legião de Honra, nem seu posto de coronel, nem seu título de barão. No tempo do Império, no intervalo entre duas guerras, encontrara tempo para casar-se com a senhorita Gillenormand. Mas a senhora Pontmercy acabou morrendo e deixando um filho. O avô, o velho burguês, reclamou a guarda do menino, declarando que o deserdaria se não ficasse com ele.

O pai, então, alugou a casa em Vernon e passava o tempo esperando que um cravo se abrisse e recordando seus feitos nas batalhas. O senhor Gillenormand não mantinha nenhuma relação com o genro. O coronel era para ele “um bandido” e ele era para o coronel “um palerma”. O senhor Gillenormand jamais falava do coronel, a não ser às vezes para fazer alusões depreciativas a seu “baronato”. Tinham combinado que Pontmercy não procuraria jamais ver o filho ou falar com ele, sob pena de vê-lo expulso e deserdado. Para os Gillenormand, Pontmercy era um pestilento.

A herança de Gillenormand não era muita coisa, mas a da senhorita Gillenormand mais velha era considerável. Essa tia solteirona, bastante rica pelo lado materno, tinha como único herdeiro o filho de sua irmã. O menino, que se chamava Marius, sabia que tinha um pai, nada mais. Ninguém lhe dizia mais que isso. No entanto, nos salões aonde seu avô o levava, os segredinhos e os cochichos impressionaram o espírito da criança, que pouco a pouco começou a pensar no pai com vergonha e angústia.

O coronel, de tempos em tempos, ia furtivamente a Paris, até a igreja de Saint-Sulpice na mesma hora em que a tia Gillenormand levava Marius à missa. O tesoureiro da igreja, irmão do padre Mabeuf, vigário de Vernon, notara a presença do homem com cicatriz no rosto e lágrimas nos olhos. Um dia, indo a Vernon para visitar o irmão, cruzou com o coronel Pontmercy e reconheceu o homem de Saint-Sulpice. Falou com o vigário e ambos, sob um pretexto qualquer, fizeram uma visita ao coronel. Este acabou contando sua

história, e souberam que Pontmercy sacrificara a própria felicidade pelo futuro do filho. Daí surgiu uma grande amizade.

O fim do salteador

Marius Pontmercy, como todas as crianças, teve de estudar. Quando saiu das mãos da tia Gillenormand, seu avô entregou-o a um digno professor da mais pura inocência clássica. Essa jovem alma, que ainda se abria, passou das mãos de uma beata para as mãos de um pedante. Marius, ao terminar os anos de colégio, entrou para a escola de direito.

Era monarquista fanático e austero. Não gostava do avô, cuja alegria e cinismo o constrangiam, e sentia-se humilhado pela sorte do pai. Tornou-se um rapaz ardente e frio, nobre, generoso, altivo, religioso, exaltado; digno até a aspereza, puro até a selvageria.

O término dos estudos clássicos de Marius coincidiu com a retirada do senhor Gillenormand da sociedade. O velho disse adeus ao salão da senhorita de T., vindo estabelecer-se em sua casa no Marais.

Quando Marius completou 17 anos, encontrou-se com o avô, que segurava uma carta na mão.

— Marius — disse o senhor Gillenormand —, amanhã você irá a Vernon para ver seu pai. Ele está doente e quer vê-lo.

Marius estremeceu. Pensara em tudo, menos que um dia pudesse chegar a ver seu pai. Nada poderia acontecer-lhe de mais imprevisto, de mais desagradável. Era o afastamento obrigado a uma reaproximação.

Ele estava convencido de que seu pai, o matador, como Gillenormand o chamava, não o amava; isso era claro, já que o abandonara daquela forma e o deixara entregue a cuidados alheios. E, como o rapaz via que não era amado, não amava também. Nada mais simples, pensava ele.

Marius poderia ter partido no mesmo dia e chegado no outro dia pela manhã, mas nem ele nem o avô pensaram em pedir indicações dos horários das partidas.

Assim, ele estava em Vernon no dia seguinte, ao escurecer. Perguntando a moradores onde ficava a residência do coronel, indicaram-lhe uma casa. Ao bater à porta, uma mulher atendeu.

— Aqui é que mora o senhor Pontmercy? — disse Marius.

A mulher fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Posso falar com ele?

A mulher fez um sinal negativo.

— Não posso? Mas eu sou o filho por quem ele está esperando.

— Ele já não o espera mais... — respondeu ela, chorando.

Na sala, iluminada por uma vela, havia três homens, um de pé, um de joelhos e um no

chão vestido de camisola, o coronel.

Os dois outros eram o médico e um padre, que rezava.

Havia três dias o coronel tinha sido atacado de febre cerebral. No começo da doença, tendo um mau pressentimento, escrevera ao senhor Gillenormand pedindo que lhe enviasse o filho. A doença se agravou. Chamaram o médico e o padre. Tanto um como outro chegaram tarde demais. O próprio filho não chegara a tempo.

Marius contemplava aquele homem que via pela primeira e última vez, aquele rosto venerável, os cabelos brancos, os membros robustos sobre os quais enxergava aqui e ali linhas escuras feitas pelos golpes dos sabres e estrelas vermelhas provocadas pelas balas. Notou a enorme cicatriz que o heroísmo imprimira naquela face em que Deus pusera tanta bondade. Pensou que aquele homem era seu pai e que estava morto; continuou, porém, indiferente.

O coronel nada deixara, e a venda da mobília deu apenas para pagar o enterro. A criada encontrou um pedaço de papel e o entregou a Marius. Era uma carta escrita pelo próprio coronel.

“Para meu filho.

O imperador me fez barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a Restauração me contesta esse título, que eu ganhei à custa do meu próprio sangue, peço a meu filho que o tome e use como seu. Não é preciso dizer que será digno dele.”

No lado de trás o coronel acrescentou:

“Nessa mesma batalha um sargento chamado Thénardier me salvou. Nestes últimos tempos, creio que esse homem estava estabelecido com uma estalagem numa aldeia nos arredores de Paris, em Chelles ou Montfermeil. Se meu filho algum dia o encontrar, recomendo-lhe que lhe faça todo o bem que puder”.

Movido, não pelo afeto filial, mas pelo vago respeito da morte, sempre tão imperioso no coração do homem, Marius pegou o papel e guardou-o.

Nada mais ficou do coronel. O senhor Gillenormand mandou que vendessem sua espada e seu uniforme. Os vizinhos invadiram o jardim, roubando as flores raras. As outras plantas transformaram-se em mato ou morreram.

Marius ficou em Vernon não mais de quarenta e oito horas. Depois do sepultamento, voltou a Paris e continuou os estudos de direito, sem pensar mais no pai, como se ele jamais tivesse existido. O coronel foi enterrado em dois dias e esquecido em três.

A utilidade de ir à missa e se tornar revolucionário

Marius havia mantido os hábitos religiosos da infância. Num domingo em que fora assistir à missa em Saint-Sulpice, na mesma capela aonde sua tia o levava quando pequeno, sem prestar atenção, ajoelhou-se num genuflexório em cuja espalda estava escrito: “Senhor Mabeuf, Tesoureiro”. A missa havia apenas começado quando um velho lhe disse:

— Queira desculpar-me: esse lugar é meu.

Marius afastou-se apressadamente e terminada a missa, o velho se aproximou de novo para se explicar.

— Não quero que tenha uma má ideia de mim — disse ele. — Foi nesse mesmo lugar que vi durante anos, a cada dois ou três meses, um pobre pai que não tinha outra maneira de ver o filho, impedido por questões de família. Vinha justamente na hora em que traziam o filho à missa. O menino não sabia que o pai estava ali, e talvez nem soubesse que tinha um pai. Esse pobre homem adorava o pequeno! Eu vi isso. Esse lugar ficou como que santificado para mim, e assumi o hábito de assistir à missa dali. Aquele pobre coitado tinha um sogro, uma tia rica, parentes, não sei quem mais, que o ameaçavam de deserdar a criança se o pai fosse visitá-la. Sacrificou-se para que o filho fosse rico e feliz. Separaram-no por divergências políticas. Só porque um homem esteve em Waterloo não é, por isso, um monstro; isso não é motivo para separar um pai de seu filho. Ele foi um coronel de Bonaparte. Não sei se ainda está vivo, mas morava em Vernon, onde meu irmão é o vigário... Chamava-se Pontmarie ou Montpercy... Tinha no rosto uma cicatriz enorme...

— Pontmercy — disse Marius, empalidecendo.

— Isso mesmo, Pontmercy. O senhor também o conheceu?

— Era meu pai...

O velho tesoureiro juntou as mãos e exclamou:

— Então o senhor é o menino! Pois saiba que tem um pai que o amou muito.

No dia seguinte, em casa, Marius disse ao senhor Gillenormand:

— Combinei uma caçada com os amigos. Posso me ausentar por três dias?

— Quatro! — respondeu-lhe o avô. — Vá, divirta-se.

E, piscando os olhos, disse baixinho à filha:

— Arranjou um namorico.

As consequências de conhecer um tesoureiro

Marius ausentou-se por três dias; na volta a Paris, foi à biblioteca da escola de direito. Na primeira vez que encontrou o nome de seu pai, nos boletins do Exército, teve um acesso de febre que durou uma semana.

Quando se encontrou novamente com o tesoureiro da igreja, este lhe contou sobre a vida em Vernon, sobre a solidão do pai, suas flores, seu isolamento. E Marius, assim, pôde conhecer um pouco sobre o pai, um homem raro, uma espécie de leão-cordeiro que ele

fora.

Ocupado com esses estudos, quase não via mais os Gillenormand. Aparecia somente à hora das refeições; depois, procuravam-no, mas não o encontravam. A tia resmungava. O senhor Gillenormand sorria:

— Chegou a hora das meninas! Eu pensava que era apenas um simples namoro, mas acho que é mesmo paixão.

Era mesmo uma paixão, até mesmo uma adoração, mas pelo pai.

A história que acabara de conhecer o espantava. A primeira impressão foi de deslumbramento.

A República e o Império tinham sido para ele, até então, apenas palavras monstruosas. A República, uma guilhotina na luz do crepúsculo; o império, um sabre no meio da noite. Acabava de fitá-los; e recuava cego por tanta luz. E pouco a pouco, passado o espanto, acostumou-se àqueles esplendores, fitou as ações a sangue-frio, examinou os personagens sem terror; viu sair da revolução o grande vulto do povo, e do Império o grande vulto da França.

Ele percebeu que, até aquele momento, não havia compreendido a própria pátria, assim como não havia compreendido o próprio pai. Não havia conhecido nem um nem outro. A cada instante, novos brilhos da verdade vinham iluminar-lhe a razão. Ele sentia uma espécie de exaltação natural, provocada por estas duas coisas novas para ele: seu pai e sua pátria.

Certa noite, em seu quarto, lia os boletins do Exército, estrofes escritas nos campos de batalha, e o nome de seu pai surgia de tempos em tempos, e sempre o nome do imperador Napoleão. Parecia ouvir os tambores, os clarins, os canhões, o galope dos cavalos. Estava extasiado, trêmulo, ofegante. De repente, sem mesmo saber que força o impelia, levantou-se, estendeu os braços para fora da janela, fixou os olhos na escuridão, no silêncio, na terna imensidão e gritou:

— Viva o imperador!

A partir desse instante, tudo estava dito. O imperador, que para seu pai fora apenas o capitão que inspirava admiração e ardor no seu serviço, foi para Marius mais do que isso. Foi o construtor, o homem predestinado que obrigava a dizer a todas as nações: “A grande nação”. Foi mais ainda; foi a encarnação da própria França, conquistando a Europa pela espada que empunhava e o mundo com a sua luz.

Marius dera um passo prodigioso. Onde antes ele vira a queda da monarquia, via agora a elevação da França. Sua orientação tinha mudado. Todas essas revoluções se davam no seu íntimo sem que a família desconfiasse.

Quando finalmente se despiu do aristocrata, do jacobino, do monarquista, quando se tornou completamente revolucionário, profundamente democrata e quase republicano, encomendou cem cartões com os seguintes dizeres: “Barão Marius Pontmercy”.

Isso nada mais era que uma consequência muito lógica da transformação por que passara, transformação que gravitava, toda, em torno de seu pai. Como, porém, não conhecia ninguém e não podia distribuir os cartões, guardou-os consigo.

Como outra consequência natural, quanto mais se aproximava do pai, de sua memória e das coisas pelas quais o coronel havia combatido durante vinte e cinco anos, mais se

afastava do avô. O caráter do senhor Gillenormand não lhe agradava. E, além disso, Marius sentia momentos de revolta ao pensar que o senhor Gillenormand, por motivos estúpidos, o tivesse arrancado sem piedade dos braços do pai, privando pai e filho da companhia um do outro.

Mas nada disso se revelava em seu exterior. Ele apenas se mostrava cada vez mais frio e raras vezes ficava em casa. Quando a tia o censurava, dava por pretexto os estudos, as aulas, os exames etc. O avô não saía de seu diagnóstico infalível:

— Está apaixonado, ele não me engana.

Marius, de vez em quando, fazia algumas saídas.

Numa dessas rápidas viagens, foi até Montfermeil, tentando encontrar o antigo sargento de Waterloo, o estalajadeiro Thénardier. Thénardier falira, o albergue estava fechado e ninguém sabia para onde ele fora.

Tanto o avô quanto a tia pareciam ter notado, sob a camisa do jovem, alguma coisa que pendia de uma fita preta amarrada ao pescoço.

Uma saia

Sobre o sobrinho lanceiro que o senhor Gillenormand tinha pelo lado paterno, ele vivia a vida de soldado, longe da família.

Vinha tão raramente a Paris que Marius jamais o tinha visto. Os dois primos só se conheciam de nome. Theodule era o favorito da tia Gillenormand, que o preferia justamente porque nunca o via. Não ver as pessoas permite-nos supor nelas todas as perfeições.

Certa manhã, depois de Marius pedir licença ao avô para fazer uma pequena viagem, a senhorita Gillenormand estava mais do que intrigada com essas ausências. Ela desconfiava de alguma aventura amorosa ilícita, uma mulher na penumbra, um mistério que não desgostaria de ver por detrás das lentes de seus óculos. Saborear um mistério é como saborear um escândalo, e nos compartimentos secretos do beatério há bastante curiosidade pelo escândalo.

Para se distrair, ela se refugiou nos trabalhos manuais, e já estava sentada havia muitas horas quando a porta se abriu e o tenente Theodule entrou, fazendo a saudação militar. Ela até podia ser hipócrita, devota, velha, mas é sempre agradável ver entrar no quarto um lanceiro.

— Você por aqui! — exclamou ela.

— Estou de passagem, minha tia.

— Dê-me um abraço, então!

Ele a abraçou. A tia foi até sua mesa e abriu a gaveta.

— Você não vai ficar nem uma semana?

— Devo partir nesta noite mesmo.

— Fique, meu sobrinho — e ela lhe deu dez luíses pela cortesia da visita.

— O coração diz que sim, mas as ordens mandam que parta. O caso é simples. Nós estávamos em Melun e fomos enviados para Gaillon. Para ir da antiga guarnição à nova, é preciso passar por Paris. Disse comigo: “Vou ver minha tia”.

— Você está viajando a cavalo com o seu regimento? — perguntou-lhe ela.

— Não, vou pela diligência. A propósito, quando cheguei fui reservar meu lugar no cupê e vi na lista de passageiros o nome de meu primo, Marius Pontmercy. Ele vai viajar também?

— Ele não tem juízo — disse a tia, surpresa. — Se fosse comportado como você, que vai viajar por dever, ele não passaria a noite toda numa diligência.

Aqui, aconteceu algo de extraordinário com a senhorita Gillenormand mais velha: ela teve uma ideia! Se fosse homem, teria batido na testa. Perguntou a Theodule:

— Você sabe que seu primo não o conhece?

— Eu já o vi, mas ele nem olhou para mim.

— Pois bem — continuou ela —, ele tem viajado muito, dormido fora... Queremos saber o que há debaixo disso tudo.

Theodule respondeu com a calma própria de um homem experimentado:

— Alguma saía, tia. Alguma mulher.

— É evidente, mas faça-nos um favor. Ele não o conhece, e a coisa vai ser fácil. Desde que há uma jovem na história, trate de ver quem é, e depois nos escreva contando tudo. Seu avô vai se divertir com isso.

Theodule não gostava muito desse tipo de espionagem, mas como estava apreciando os dez luíses, achou que poderia fazê-los multiplicar, e aceitou o encargo.

Marius, nessa noite, subiu à diligência sem desconfiar que estava sendo vigiado. Quanto ao espião, a primeira coisa que fez foi dormir.

Ao amanhecer, o cocheiro da diligência avisou que haviam chegado a Vernon e era ali que o tenente Theodule deveria descer, para apanhar a conexão até seu destino. Ao descer, viu que Marius também tinha descido e se aproximado de uma camponesa que vendia flores.

Comprou dela as flores mais bonitas, o que intrigou o tenente. Então, não mais para satisfazer a tia, mas por curiosidade pessoal, como esses cães que caçam por conta própria, pôs-se a seguir Marius. Ele queria saber para quem eram aquelas flores.

O primo dirigiu-se à igreja mas não entrou, contornou a grade.

— O encontro é fora, então — concluiu Theodule. — Vamos ver de quem se trata.

E continuou na ponta dos pés até o ângulo onde Marius havia desaparecido. Chegando ali, parou estupefato.

Marius, com o rosto escondido nas mãos, estava ajoelhado no chão, à beira de um túmulo. Havia deixado ali o buquê. Na extremidade oposta, numa pequena elevação, havia uma cruz de madeira preta com este nome gravado em letras brancas: Coronel Barão Pontmercy.

De onde estava, o tenente Theodule ouviu os soluços de Marius.

Mármore contra granito

Era ali que Marius viera a primeira vez que se ausentara de Paris. Era ali que ele vinha e toda vez o senhor Gillenormand dizia: “Vai dormir fora de casa!”.

O tenente Theodule ficou absolutamente desconcertado com aquela visão do túmulo de um coronel. Afastou-se, deixando Marius sozinho no cemitério; recuou como um soldado. A morte apareceu-lhe com enormes dragonas, e ele quase lhe fez a saudação militar.

Não sabendo o que escrever à tia, decidiu nada escrever. E nada teria de resultado se descrevesse sua descoberta, porque, por uma dessas combinações do acaso, a cena de Vernon teve uma espécie de repercussão em Paris.

Assim que Marius voltou para casa e subiu rapidamente para seu quarto para tomar um banho, o senhor Gillenormand, que se levantava bem cedo como qualquer velho de boa saúde, ouvira-o entrar e apressara-se em subir, o mais depressa que podiam suas velhas pernas, a escada que levava ao quarto de Marius, a fim de o abraçar e fazer-lhe algumas perguntas para ver se conseguia saber de onde ele vinha.

Mas o jovem levou menos tempo para descer que o octogenário para subir, e, quando o senhor Gillenormand entrou no quarto, Marius já havia saído. A cama não estava desfeita. Sobre ela, sem a mínima precaução, estavam o casaco e o cordão negro.

Momentos depois, ele fez sua entrada triunfal na sala, onde a senhorita Gillenormand mais velha estava fazendo seus bordados. O senhor Gillenormand segurava numa mão o casaco e na outra o cordão. E gritou:

— Vamos desvendar o mistério! Vamos saber todas as libertinagens de meu neto! Tenho aqui o retrato!

Uma caixinha preta, parecida com um medalhão, estava pendurada no cordão. O velho pegou-a, olhou-a por algum tempo sem a abrir com um ar de voluptuosidade, de contentamento e cólera, como um pobre-diabo faminto sentindo o cheiro de um jantar delicioso que não poderá provar.

— É evidente que aqui tem um retrato! Conheço essas coisas. Vai ver que é uma megera de dar medo! Os jovens de hoje têm mau gosto!

— Abra logo, meu pai.

Ele abriu-a e só encontraram um papel cuidadosamente dobrado.

— Já sei o que é — disse o senhor Gillenormand dando uma gargalhada. — Um bilhete de amor!

— Então leia! — disse a senhorita Gillenormand.

Ambos desdobraram o papel e leram:

“Para meu filho.

O imperador me fez barão no campo de batalha de Waterloo. Visto que a Restauração me contesta esse título, que eu ganhei à custa do meu próprio sangue, peço a meu filho que o tome e

use como seu. Não é preciso dizer que será digno dele”.

O que pai e filha sentiram não se pode descrever. Ficaram gelados como se sentissem o hálito de um cadáver. Não trocaram uma palavra. O senhor Gillenormand disse em voz baixa, como se falasse consigo mesmo:

— É a letra daquele bandido!

A tia examinou o papel e voltou a guardá-lo na caixinha. Nesse instante, um pequeno embrulho retangular, envolto em papel azul, caiu de um bolso do casaco. A senhorita Gillenormand o desembulhou. Eram os cem cartões de Marius. Mostrou um ao senhor Gillenormand e neste pôde ler: “Barão Marius Pontmercy”.

O senhor Gillenormand chamou Nicolette, pegou o cordão, a caixinha e o casaco, jogou tudo no meio do salão e disse:

— Leve esses trapos daqui!

Depois de uma hora de profundo silêncio, durante o qual o velho e a filha não trocaram palavra, Marius apareceu. Antes mesmo de entrar no salão, viu o avô segurando um de seus cartões; ao vê-lo entrar, exclamou com aquele ar de superioridade burguesa:

— Então, o senhor agora é barão. Dou-lhe meus parabéns. Que quer dizer isto?

Marius corou ligeiramente e respondeu:

— Isso quer dizer que sou o filho de meu pai.

O senhor Gillenormand parou de rir e disse severamente:

— Seu pai sou eu.

— Meu pai — retrucou Marius, sério, com os olhos baixos — era um homem humilde e heroico que serviu à República e à França, que viveu um quarto de século nos acampamentos, de dia com o peito exposto à metralha e às balas, de noite debaixo de neve, de lama, de chuva, que tomou duas bandeiras, que foi ferido vinte vezes, que morreu esquecido e no abandono, e que só teve um defeito: amar demais dois ingratos, a pátria e a mim!

Era mais do que o velho Gillenormand podia ouvir. Cada uma das palavras que Marius acabava de pronunciar causou sobre o rosto do monarquista o mesmo efeito que uma forja em um tição ardente. De sombrio tornou-se vermelho:

— Rapaz ingrato! — exclamou. — Não sei o que foi seu pai, nem me interessa saber! Mas o que eu sei é que no meio de toda aquela gente só havia miseráveis, vagabundos, assassinos, libertinos, ladrões! Todos! Está ouvindo, Marius? Você é barão como os meus chinelos! Eram todos bandidos que serviram a Robespierre! Todos eram salteadores que serviram Bu-o-na-parte! Todos eram traidores que atraíram seu rei legítimo! Todos covardes que fugiram dos prussianos e dos ingleses em Waterloo! Isso é o que eu sei. Se o seu pai está no meio deles, eu não sei; é uma pena, tanto pior!

Dessa vez Marius era a brasa e o senhor Gillenormand a forja. Marius tremia dos pés à cabeça, não sabia onde estava, sentia-se tonto. Mas que fazer? Seu pai acabava de ser pisado e maltratado na sua frente. Por quem? Pelo seu avô. Como vingar um sem ultrajar o outro? Era impossível insultar o avô, e era também impossível deixar seu pai sem uma vingança. Ficou alguns instantes indeciso e cambaleante; depois, levantou os olhos, olhou fixamente para o avô e gritou em voz alta:

— Abaixo os Bourbon, e esse porco, Luís XVIII!

O velho ficou pálido. Inclinou-se para a filha, que assistia àquela luta com o espanto de uma ovelha, e lhe disse sorrindo, quase calmamente:

— Um barão como aquele senhor e um burguês como eu não podem ficar debaixo do mesmo teto.

E, de repente, levantando-se, trêmulo, a fronte iluminada pelos terríveis raios da cólera, estendeu o braço na direção de Marius e gritou:

— Saia!

Marius foi embora.

No dia seguinte, o velho disse à filha:

— Mande sessenta luíses ao bebedor de sangue a cada seis meses e não me fale mais dele.

Marius, por sua vez, saiu indignado. Levando rapidamente os “trastes” de Marius para o quarto, Nicolette, sem perceber, deixou cair o medalhão que continha o papel escrito pelo coronel, que nunca mais foi encontrado. Marius ficou convencido de que o “senhor Gillenormand” — desde esse dia não o chamou de outro modo — lançara “o testamento de seu pai” na lareira. Sabia de cor as poucas linhas escritas pelo pai; portanto, nada estava perdido.

Marius foi-se embora sem dizer para onde, porque nem ele mesmo sabia, com trinta francos, seu relógio e algumas roupas. Tomou um cabriolé, alugando-o por hora, e dirigiu-se ao acaso para o Quartier Latin.

OS AMIGOS DO ABC

Um grupo que quase se tornou histórico

Nessa época, sentia-se uma vaga atmosfera revolucionária. Ventos incertos do passado sopravam pelo ar. Os monarquistas tornavam-se liberais, os liberais tornavam-se democratas. Adorava-se ao mesmo tempo Napoleão e a liberdade.

Ainda não havia na França o movimento das grandes organizações secretas que pregavam a independência e a liberdade, como na Alemanha ou na Itália. Somente pequenas associações, como a Sociedade dos Amigos do ABC.

Os Amigos do ABC não eram muito numerosos; era uma sociedade secreta ainda em embrião. Suas reuniões ocorriam numa sala dos fundos de um café. Ali, bebia-se, fumava-se, brincava-se, ria-se. Falava-se em voz alta sobre todos os assuntos e em voz baixa sobre outras coisas. Na parede estava pregado um velho mapa da França republicana.

A maior parte dos Amigos do ABC era composta de estudantes, entre eles: Enjolras, Combeferre, Jean Prouvaire, Feuilly, Courfeyrac, Joly, Grantaire.

Enjolras era filho único e rico. Talvez, em outra existência, já tivesse vivido o ideal revolucionário. Acreditava ser um soldado da democracia, e aos 22 anos tinha uma única paixão, o direito; um único pensamento, superar obstáculos. Era sério, o amante de mármore da Liberdade.

Ao lado de Enjolras, que representava a lógica da Revolução, Combeferre representava a filosofia. A lógica poderia terminar em guerra, enquanto a filosofia só poderia conduzir à paz. Combeferre completava e retificava Enjolras. Se fosse dado um lugar na história a esses dois jovens, um seria o justo, o outro seria o sábio. Enjolras era mais viril. Combeferre, mais humano.

Jean Prouvaire era uma nuance ainda mais suave que Combeferre. Era amoroso, cultivava um vaso de flores, tocava flauta, fazia versos, amava o povo, compadecia-se da mulher e da criança. Acima de tudo, era bom; durante todo o dia mergulhava nas questões sociais: o salário, o capital, o crédito, o matrimônio, a religião, a liberdade de pensamento, a liberdade de amar, a educação, as leis penais, a miséria, a propriedade, a produção e a distribuição. Como Enjolras, era rico e filho único.

Feuilly era operário numa fábrica de leques. Órfão de pai e mãe, ganhava apenas três francos diários e só tinha um pensamento: libertar o mundo. Tinha ainda outra preocupação: instruir-se, o que também chamava libertar-se. Aprendera sozinho a ler e a escrever; tudo o que sabia aprendera sozinho. E naquele grupo de jovens que pregavam a

utopia da França livre, ele pensava em todas as nações oprimidas. Tinha ojeriza pela prepotência da Turquia sobre a Grécia e a Tessália, da Rússia sobre Varsóvia e da Áustria sobre Veneza. Ele acreditava que há eternidade no que é direito. Cedo ou tarde, a parte submersa volta à superfície e torna a aparecer. A Grécia volta a ser Grécia, a Itália volta a ser Itália. O roubo de uma nação não será jamais prescrito. Não se tira a marca de uma nação como se se roubasse um lenço.

Quanto a Courfeyrac, talvez bastasse dizer “Courfeyrac, veja-se Tholomyès”. Com a diferença de que o primeiro era excelente rapaz. Excluindo-se o exterior, a diferença entre ele e Tholomyès era bem grande. O homem latente que existia em ambos era completamente diferente em cada um deles. Em Tholomyès havia um procurador; em Courfeyrac, um paladino.

Enquanto Enjolras era o chefe do grupo e Combeferre o guia, Courfeyrac era o centro. Os outros desprendiam mais luz, ele desprendia mais calor.

Joly era o doente imaginário jovem. O que conseguira com a medicina fora tornar-se mais doente do que médico. Aos 23 anos, passava a vida a observar a língua no espelho. Durante as tempestades, tomava o próprio pulso. No mais, era o mais alegre de todos. Todas essas incoerências, jovem, maníaco, doentio, alegre, davam como resultado um conjunto harmonioso, tornando-o uma criatura excêntrica e agradável.

Todos esses jovens, tão diferentes entre si, eram filhos diretos da Revolução Francesa. O puro sangue dos princípios corria em suas veias. Ligavam-se diretamente, sem nuances intermediárias, ao direito incorruptível e ao dever absoluto.

Entre todos esses corações apaixonados, havia um cético. Grantaire era um homem que procurava não acreditar absolutamente em coisa alguma. Todas essas palavras: direitos do povo, direitos do homem, contrato social, Revolução Francesa, república, democracia, humanidade, civilização, religião e progresso quase nada significavam para Grantaire. Ria-se delas. Vivia ironicamente. Como era um grande bebedor, eis o seu axioma: — Só existe uma certeza: o meu copo cheio. Vagabundo, jogador, libertino, frequentemente bêbado, dava àqueles jovens sonhadores o desprazer de ouvi-lo cantar continuamente.

No entanto, esse cético tinha um fanatismo. Não era nem uma ideia, nem um dogma, nem uma arte, nem uma ciência; era um homem: Enjolras. Grantaire admirava, amava e venerava Enjolras. E ele se ligara ao jovem pelo caráter. Um cético que se une a um crente é tão simples como a lei das cores complementares. O que nos falta nos atrai. Ninguém ama tanto a luz como o cego.

Grantaire sentia necessidade de Enjolras. Sem que entendesse claramente, sem que pudesse explicar, aquela natureza casta, sã, firme, reta, severa, o encantava, porque admirava o seu oposto.

Grantaire, verdadeiro satélite de Enjolras, vivia naquela sociedade de jovens; só se sentia bem em sua companhia, seguia-os por toda parte. Sua felicidade consistia em ver aquelas silhuetas se movimentarem entre os vapores do vinho. Toleravam-no por seu bom humor.

Oração fúnebre por um amigo

Certa tarde, Laigle de Meaux jovem estudante e membro da sociedade secreta Amigos do ABC — que era mais uma pequena quadrilha do que propriamente um grupo revolucionário, mas que planejava alimentar a revolta contra a monarquia vigente — estava recostado na porta do café quando percebeu um veículo de duas rodas circulando pela praça, devagar, quase indeciso. O que procurava aquele cabriolé?

Ao lado do cocheiro estavam um jovem e um saco de roupas, gravado com este nome: Marius Pontmercy.

O nome fez Laigle mudar de atitude. Desencostou-se da porta e chamou:

— Senhor Marius Pontmercy!

A carruagem parou.

O jovem, que também parecia profundamente preocupado, levantou os olhos.

— Sim?

— Eu estava à sua procura — replicou Laigle de Meaux.

— Como? — perguntou-lhe Marius; ele acabava de sair da casa do avô e agora um estranho o chamava. — Mas eu não o conheço.

— O senhor não estava na aula anteontem? Fui à escola por acaso e o professor estava fazendo a chamada. Quem falta três vezes perde a matrícula. Sessenta francos jogados fora.

Marius começou a prestar atenção. Laigle continuou:

— Blondeau é que fazia a chamada. Ele tem um nariz pontudo que fareja os ausentes. Começou de propósito pela letra P. Eu nem o escutava, porque meu nome não está nessa letra. Nenhuma falta; todo o universo estava presente. Blondeau já estava triste. Mas, de repente, ele chama “Marius Pontmercy”! — E empunha a pena. Pensei... Aí está um bom sujeito, que vai ser eliminado. Vamos salvá-lo e morte a Blondeau! Ele já havia mergulhado a pena na tinta preta; passeando as pupilas selvagens pela classe, repetiu: “Marius Pontmercy!” — Respondi: — “Presente!” — Isso fez com que o senhor não fosse eliminado.

— Mas...

— O senhor não foi eliminado, mas eu, sim... — explicou Laigle. — Eu estava sentado perto da cátedra para responder à chamada e perto da porta para fugir... Bruscamente, Blondeau pulou para a letra L, que é a minha. Sou de Meaux e me chamo Lesgle, ou Laigle.

— L'Aigle! — interrompeu Marius. — Belo nome!

— Sim, mas ele chama “Laigle”, eu respondo “Presente” e ele diz que se sou Pontmercy, não posso ser Laigle. Foi então que ele riscou meu nome.

Marius exclamou:

— Mas eu sinto muito, eu...

— Jovem — disse Laigle de Meaux —, que isso lhe sirva de lição. Para o futuro, seja mais pontual. E exijo permissão para embalsamar Blondeau em algumas frases elogiosas.

Vou presumir que ele está morto. Em sua magreza, em sua palidez, em sua frieza e em seu cheiro. Aqui jaz Blondeau, Blondeau o Nariz, o sabujo da chamada, rígido, honesto e hediondo. Que Deus o elimine como ele me eliminou.

— Peço-lhe mil desculpas.

— Pois eu gostei. Renuncio aos triunfos dos tribunais. Não defenderei a viúva, nem atacarei o órfão. Nada de togas, nada de estágios. Obtive minha eliminação, e devo-a ao senhor, Marius Pontmercy. Pretendo fazer-lhe uma visita de agradecimento. Qual é o seu endereço?

— Este cabriolé — respondeu-lhe Marius.

Nesse momento, Courfeyrac, outro dos jovens revolucionários, saía do café.

Marius sorriu tristemente.

— A verdade é que eu não sei para onde ir.

— Bem — disse Courfeyrac —, venha para a minha casa, se quiser.

— Eu teria feito esse convite antes, mas não tenho casa — observou Laigle.

— Cale-se, Bossuet — tornou Courfeyrac.

— Bossuet? — disse Marius. — Achei que seu nome fosse Laigle.

— Bossuet é uma metáfora — respondeu Laigle.

E, na mesma noite, Marius estava instalado num quarto da hospedaria onde também morava Courfeyrac.

O horizonte se alarga

Os choques entre jovens espíritos têm de admirável justamente o fato de não podermos jamais prever se vão produzir uma centelha ou um relâmpago.

Um pensamento sério atravessou de repente a batalha de palavras em que discutiam confusamente os Amigos do ABC.

— Dezoito de junho de 1815: Waterloo.

A esse nome, Waterloo, Marius tirou os punhos fechados de sob o queixo e começou a olhar fixamente para os demais. Então, levantou-se, dirigiu-se lentamente para o mapa da França no qual se via uma pequena ilha; pousou o indicador naquele pequeno espaço e disse:

— A Córsega. Uma ilhazinha que engrandeceu a França.

Enjolras, cujos olhos azuis não estavam fixos em ninguém e pareciam perdidos no vácuo, respondeu, sem olhar para Marius:

— A França não tem necessidade de nenhuma Córsega para ser grande. A França é grande porque é a França.

Marius não sentiu a mínima vontade de recuar; voltou-se para Enjolras, e sua voz soou com uma vibração que lhe vinha das entranhas.

— Não permita Deus que eu diminua a França! Mas não a diminuímos se a ela juntamos Napoleão. Quem irão admirar se não admiram o imperador? Se não aceitarem esse grande homem, quem vão aceitar? Ele tinha tudo. Era completo. Possuía no cérebro a soma das faculdades humanas. Fazia a história e a escrevia, combinava os algarismos de Newton com as metáforas de Maomé; deixou atrás de si no Oriente palavras tão magníficas quanto as pirâmides! Ele tudo via, tudo sabia e, de repente, a Europa, assustada, ouviu exércitos que se punham em marcha, peças de artilharia rodando, nuvens de cavalaria em meio à tempestade, gritos, clarinadas, tronos estremecendo por toda parte, e eles o viram erguer-se no horizonte, como o arcanjo da guerra!

Todos se calaram, e Enjolras baixou a cabeça. Marius, quase sem tomar fôlego, continuou com mais entusiasmo ainda:

— Meus amigos, sejamos justos! Que destino esplêndido para uma nação ser o Império desse imperador, quando essa nação é a França, que alia seu gênio ao gênio desse homem! Aparecer e reinar, marchar e triunfar, ter como lugares de parada todas as capitais, tomar seus granadeiros e transformá-los em reis, declarar a queda das dinastias, transfigurar a Europa à própria passagem! Fazer do Império Francês o sucedâneo do Império Romano, ser a grande nação e dar à luz o grande Exército, fazer voar por toda a terra suas legiões como a montanha que envia suas águias para todas as partes. Conquistar duas vezes o mundo, pela conquista e pelo deslumbramento, isso tudo é sublime; o que pode existir de maior?

— Ser livre — disse Combeferre.

Marius calou-se. Essa palavra simples e fria atravessou toda aquela efusão épica como uma lâmina de aço, e ele sentiu-a esvanecer-se em seu íntimo. Combeferre não estava mais ali quando Marius levantou os olhos para vê-lo. Provavelmente satisfeito com sua réplica à apoteose, acabava de sair, e todos, exceto Enjolras, o haviam seguido.

A sala estava vazia. Marius, contudo, não se deu por vencido; havia ainda nele um resto de fervor que iria dirigir a Enjolras, seu ouvinte solitário, quando ambos ouviram Combeferre cantando, enquanto se afastava:

*Se César me desse
a glória e a guerra
e eu tivesse de deixar
o amor de minha mãe,
eu diria ao grande César:
conserva seu cetro e seu carro:
prefiro minha mãe.*

A expressão terna e ousada, ao mesmo tempo cheia de angústia, com que Combeferre recitou o dístico, transmitiu uma estranha grandeza.

Marius, pensativo, olhando para o teto, repetiu quase que maquinalmente:

— Minha mãe?

Nesse momento, sentiu nos ombros a mão de Enjolras.

— Cidadão — disse-lhe Enjolras —, minha mãe é a República.

As discussões políticas com seus novos amigos, os jovens revolucionários que faziam parte do grupo Amigos do ABC, deixaram Marius aturdido. Ele começara a frequentar a sala onde se reuniam, aos fundos do café Musain, levado por Courfeyrac, e lá percebera algo intrigante que o abalara: suas convicções políticas, modificadas quando conheceu melhor o que o pai fizera e pelo qual lutara, talvez estivessem erradas. Talvez Napoleão realmente tivesse cometido muitos crimes, como sempre sustentara seu avô.

O que poderia haver de maior, perguntara ele aos novos amigos numa reunião, do que fazer do Império Francês o complemento simétrico do Império Romano, ser a grande nação e dar à luz o grande Exército, fazer voar por toda a terra as suas legiões como uma montanha envia para todas as direções as suas águias, vencer, dominar, fulminar, ser na Europa uma espécie de povo dourado a poder de glória, fazer-se ouvir através do triunfo das armas?

Combeferre, um dos novos amigos, respondera: “Ser livre”! E todos tinham ido embora da sala depois dessa resposta fulminante.

Marius não estava de acordo nem com o avô nem com os amigos; sentia-se duplamente isolado, pelo lado da velhice e pelo lado da juventude. Não frequentou mais o café Musain.

Nesse estado, nem pensou mais em certas exigências da vida cotidiana. As realidades da vida, porém, não se deixam esquecer.

Uma manhã, o dono da hospedaria entrou no quarto de Marius e lhe disse:

— Preciso de dinheiro.

— Peça ao senhor Courfeyrac que venha falar comigo — disse-lhe Marius.

Quando Courfeyrac chegou, Marius contou que estava sozinho no mundo, sem ninguém a quem recorrer. Discutindo o que fazer, Marius decidiu vender seu relógio e algumas peças de roupa, para poder pagar a hospedaria.

Nesse meio-tempo, tia Gillenormand, muito boa pessoa nas ocasiões tristes, acabou por descobrir o esconderijo de Marius. Uma manhã, quando voltava da escola, Marius encontrou uma carta da tia e seiscentos francos em ouro, numa caixinha lacrada.

Marius mandou de volta os trinta luíses com uma carta muito delicada em que declarava possuir meios de subsistência suficientes para enfrentar todas as suas necessidades. Restavam-lhe então três francos.

A tia não informou o avô a respeito da recusa do neto, temendo enfurecê-lo. Não querendo endividar-se, Marius deixou a hospedaria.

A EXCELÊNCIA DO INFORTÚNIO

Marius indigente

A vida para Marius ficou difícil. Coisa horrível, que inclui os dias sem pão, as noites sem sono e sem luz, a lareira sem fogo, as semanas sem trabalho, o futuro sem esperança, um chapéu velho que provocava o riso das mocinhas, a porta que encontra fechada à noite por não ter pago o aluguel, a insolência do porteiro, as zombarias dos vizinhos, as humilhações, a dignidade ofendida, a aceitação de trabalhos vis, o desgosto, a amargura, o desânimo.

Marius aprendeu como se devora tudo isso, e como, muitas vezes, essas são as únicas coisas que existem para devorar.

Nessa idade, em que a juventude nos enche o coração de uma altivez imperial, ele mais de uma vez baixou os olhos para as botinas furadas e conheceu a vergonha injusta e o pungente rubor da miséria. Assim se criam naturezas firmes e raras; a miséria, quase sempre madrastra, é também mãe algumas vezes. A indigência gera a grandeza de alma e de espírito; a pobreza alimenta a altivez; o infortúnio é um bom leite para os magnânimos.

Marius varria a escada, ia comprar um soldo de queijo brie na barraca da fruteira e esperava que anoitecesse para ir à padaria comprar um pão, que furtivamente levava para seu quarto, como se o tivera roubado. Às vezes viam entrar no açougue da esquina um rapaz de aspecto tímido com dois livros debaixo do braço e, que, depois de entrar e tirar o chapéu da cabeça, molhada de suor, fazia uma profunda saudação à espantada dona do açougue e ao moço que cortava, pedia uma costeleta de carneiro, que lhe custava seis ou sete soldos, enrolava-a num pedaço de papel, punha o embrulho entre os livros que trazia debaixo do braço e ia-se embora. Era o próprio Marius que a cozinhava essa costeleta que dava para três dias. No primeiro dia comia a carne, no segundo a gordura, no terceiro roía os ossos.

Muitas outras vezes tia Gillenormand fez tentativas para que ele aceitasse o dinheiro. Marius recusava sempre, respondendo que não tinha necessidade alguma.

Apesar de todas as vicissitudes, conseguiu, afinal, ser inscrito como advogado, morando supostamente no quarto de Courfeyrac, que era decente, e onde um certo número de livros de direito, misturados com volumes de romances envelhecidos, podiam simular a biblioteca exigida pelo regulamento. Às pessoas com quem se correspondia recomendava que lhe dirigissem as cartas para a casa de Courfeyrac.

Quando Marius alcançou o seu lugar na advocacia, escreveu a seu avô uma carta fria,

mas cheia de submissão e respeito, informando-o. O senhor Gillenormand leu a carta e, trêmulo, rasgou-a em quatro pedaços e atirou-a no cesto de lixo. Dois ou três dias depois, a senhorita Gillenormand ouviu seu pai, que estava só no quarto, falando em voz alta, o que acontecia todas as vezes que a sua agitação era muito grande. Ela ouviu e percebeu que o velho dizia: “Se não fosse um asno, saberia que não se pode ser um barão e um advogado ao mesmo tempo”.

Marius pobre

Marius vencera a parte mais difícil; o desfiladeiro em que caíra alargara-se um pouco em sua frente. A poder de trabalho, de coragem, de perseverança e de vontade, chegou a ganhar setecentos francos anuais. Aprendera alemão e inglês; graças a Courfeyrac, que o apresentara a um amigo editor, ele fazia um pouco de tudo no trabalho: redigia prospectos, traduzia artigos de jornais, anotava edições, compilava biografias etc., o que em média lhe dava setecentos francos anuais. Com esse dinheiro conseguia viver.

Marius vivia no pardieiro onde morara, certa vez, Jean Valjean e Cosette. Almoçando com quatro soldos, jantando com dezesseis, sua alimentação custava-lhe vinte soldos por dia, o que somava um total de trezentos e sessenta e cinco francos anuais. Acrescentem os trinta francos de aluguel, os trinta e seis francos dados à porteira, e ainda mais alguns pequenos gastos; por quatrocentos e cinquenta francos Marius tinha cama, comida e, ainda, quem lhe arrumasse o quarto. Seu terno custava-lhe cem francos; as roupas brancas, cinquenta; a lavagem destas, mais cinquenta francos; o total das despesas não ultrapassando seiscentos e cinquenta francos. Sobravam-lhe ainda cinquenta francos.

Marius submeteu-se a todas as privações, fez de tudo, não contraiu dívidas. Tinha a consciência de não dever um vintém a ninguém. Para ele, uma dívida era o começo da escravidão. Para ele, um credor é pior do que um senhor, pois o senhor só pode possuir a pessoa, e um credor tem em suas mãos a sua dignidade, podendo, se quiser, danificá-la. Preferia não comer a pedir emprestado. Passou muitos dias em jejum.

Ao lado do nome de seu pai, outro nome estava gravado no coração de Marius: era o de Thénardier. Marius, em sua natureza entusiasta e ponderada, envolvia numa espécie de auréola o homem a quem, segundo seu modo de pensar, devia a vida do pai, o intrépido sargento que salvara o coronel em meio às bombas e balas de Waterloo. Ele não separava jamais a lembrança desse homem da lembrança do seu pai, associando-os em sua veneração.

O que aumentava ainda mais a intensidade dos seus sentimentos de gratidão era a lembrança do infortúnio de Thénardier. Ele soubera em Montfermeil que o homem falira e que ninguém sabia para onde fora com a família. Durante três anos, gastou o pouco dinheiro que tinha buscando o sargento por todas as localidades. Nem uma só pessoa,

porém, soube lhe dar notícias de Thénardier, todos eram de opinião de que o estalajadeiro tinha se mudado para outro país. Era a única dívida que o coronel lhe deixara para pagar, e por isso o jovem julgava que era sua obrigação resolvê-la.

Marius progride

Nessa época, Marius tinha 20 anos. Fazia três que saíra da casa do avô.

Ambos continuavam do mesmo modo, sem procurar se rever. Mas rever-se para quê? Para se magoarem? Qual deles cederia primeiro? Marius era um vaso de bronze, mas o avô Gillenormand era um vaso de ferro.

Para dizer a verdade, Marius enganara-se a respeito dos sentimentos do avô.

Existem pais que não gostam dos próprios filhos, mas não existe avô que não adore os netos. No fundo, o senhor Gillenormand idolatrava Marius a seu modo, com broncas e safanões. Mas quando o neto foi embora, o velho sentiu um grande vazio no coração. Nos primeiros meses, esperou que aquele anarquista voltasse. Mas as semanas se passaram, passaram-se meses, passaram-se anos; e para desespero do senhor Gillenormand, o bebedor de sangue não voltava!

Quanto à tia, Marius não era para ela mais que uma espécie de silhueta vaga, e acabou por ocupar-se dele bem menos que do gato ou do papagaio que, provavelmente, devia possuir.

Mas enquanto o velho se lamentava, Marius se aplaudia. A austeridade de sua vida o enchia de satisfação. Dizia para si mesmo que tudo aquilo era uma expiação, que se não fosse assim mais tarde seria punido de outro modo por sua indiferença com o pai. Não era justo o pai ter sofrido e ele não.

A pobreza põe às claras a vida material, tornando-a por isso mesmo indesejável. O jovem rico tem mil e uma distrações levianas: as corridas de cavalo, a caça, os cães, o tabaco, o jogo, a boa mesa e tudo o mais; ocupações da parte menos nobre da alma. Já o jovem pobre sacrifica-se para conseguir um pedaço de pão; come e, depois de haver comido, só lhe resta sonhar.

Mas a miséria de um jovem nunca é miserável. Qualquer rapaz, seja qual for, por mais pobre que viva, com a sua saúde e vigor, o seu andar firme e olhos brilhantes, com o sangue fervendo nas veias, cabelos negros e faces frescas, lábios rosados, dentes brancos e hálito puro, causará sempre inveja a um imperador velho.

Entretanto, apesar de ser advogado, não exercia a profissão, como pensava o avô Gillenormand; aliás, jamais advogaria. A meditação constante afastara-o da advocacia. Visitar clientes, frequentar tribunais, andar à procura de causas, que tédio! E depois, para quê? Ele não via motivo algum para mudar de ganha-pão. Aquela obscura editora lhe dava um trabalho certo, sem muitas preocupações, e isso lhe bastava.

Marius vivia só.

E tinha só dois amigos, um jovem, Courfeyrac, e um velho, o senhor Mabeuf. Preferia o velho. Aliás, a ele devia a transformação por que passara; devia-lhe, ainda, ter conhecido e amado o próprio pai.

Não há dúvida de que a influência do senhor Mabeuf havia sido decisiva.

O senhor Mabeuf

Para ele, que não se importava com as grandes discussões políticas, todas as opiniões eram indiferentes, e aprovava todas desde que o deixassem em paz. O senhor Mabeuf tinha por opinião política amar apaixonadamente as plantas, e mais ainda os livros. Ele não era nem monarquista, nem bonapartista, nem cartista, nem orleanista, nem anarquista; era alfarrabista.

Não conseguia entender como os homens podiam se ocupar tanto em discutir sobre bobagens como a democracia, a monarquia, a república etc., enquanto no mundo existe uma variedade infinita de musgos, ervas e arbustos para ser contemplados.

Quando conheceu Pontmercy, houve logo essa mútua simpatia, entre o coronel e ele; o que o coronel fazia pelas flores, ele fazia pelas frutas. O senhor Mabeuf conseguira produzir peras tão saborosas quanto as de Saint-Germain.

Ele ia à missa mais por doçura de caráter do que por devoção, e também porque, gostando de contemplar os homens, mas detestando o barulho que provocam, somente na igreja poderia encontrá-los reunidos e silenciosos.

Alguém lhe perguntou um dia, quando já tinha passado dos 60 anos, se ele nunca tinha se casado.

— Eu me esqueci — costumava responder.

Ainda que pobre, tivera o talento de juntar, à força de paciência, de privações e de tempo, uma coleção preciosa de exemplares raros em todos os gêneros. Nunca saía de casa sem levar um livro debaixo do braço, mas voltava sempre trazendo dois.

Mabeuf simpatizava com Marius, porque, sendo moço e de uma índole boa, lhe aquecia a velhice sem assustar a timidez. Juventude e bondade produzem nos velhos o efeito do sol sem vento. E quando Marius estava saturado de glória militar, de pólvora, de marchas e contramarchas, e de todas as prodigiosas batalhas em que seu pai dera e recebera tantos golpes de sabre, e ia visitar Mabeuf, este lhe falava do herói do ponto de vista das flores.

Um dia, finalmente, o senhor Mabeuf abdicou de suas funções de tesoureiro, renunciou à igreja de Saint-Sulpice e estabeleceu-se perto da Salpêtrière, numa espécie de choupana, na vila de Austerlitz, onde, por cinquenta escudos anuais, tinha três salas, um jardim fechado por sebes e um poço.

Duas únicas visitas, o livreiro da Porta Saint-Jacques e Marius, eram admitidas em sua choupana de Austerlitz.

A pobreza, boa vizinha da miséria

Marius afeiçoara-se a esse bom velhinho. Encontrava-se com Courfeyrac e procurava o senhor Mabeuf, embora muito raramente, no máximo uma ou duas vezes por mês.

O prazer de Marius consistia em dar grandes passeios sozinho pela vizinhança e nas alamedas menos frequentadas do Luxembourg. Foi numa dessas caminhadas que descobriu o casebre Gorbeau, onde o isolamento e o baixo preço o tentaram, e ali ficou. Conheciam-no somente como o senhor Marius.

Todas as paixões, menos as do coração, se dissipam na meditação. As febres políticas de Marius já não existiam. Continuava com as mesmas opiniões, mais serenas e um tanto modificadas. Na verdade, ele agora não tinha mais opiniões, mas simpatias. De que partido era ele? Do partido da humanidade. Na humanidade, escolhia a França; na nação, escolhia o povo. No povo, a mulher.

Mais ou menos em meados de 1831, a velha que arrumava o quarto de Marius contou-lhe que seus vizinhos, os miseráveis Jondrette, seriam despejados. Marius, que passava quase o dia inteiro fora de casa, nem mesmo sabia que tinha vizinhos.

— Por quê? — perguntou.

— Porque não pagam o aluguel. Já devem dois meses.

— Quanto somam os alugueis vencidos?

— Vinte francos — respondeu-lhe a velha.

Marius tinha trinta francos guardados numa gaveta.

— Tome — disse à velha —, aqui estão vinte e cinco francos. Pague o aluguel, dê a eles estes cinco francos e não diga que fui eu.

O substituto

Quis o acaso que o regimento do qual Theodule era tenente fosse transferido para Paris. Isso deu ocasião para a segunda ideia da tia Gillenormand.

Na primeira vez, ela fez com que Marius fosse vigiado por Theodule; agora queria colocar Theodule no lugar de Marius.

Caso o avô sentisse a necessidade de um rosto jovem em casa, porque esses raios de sol

encantam as ruínas, esse seria o momento certo para encontrar um novo Marius.

“Trata-se de uma simples errata, como vejo nos livros”, pensava tia Gillenormand. “Em vez de Marius, leia-se Theodule.”

Um sobrinho é quase um neto, e na falta de um advogado, serve um lanceiro. Numa manhã em que o senhor Gillenormand se preparava para ler o jornal, a filha entrou na sala e lhe disse com a voz mais doce, pois se tratava de seu favorito:

— Papai, Theodule virá hoje aqui para cumprimentá-lo.

— Quem é esse Theodule?

— Seu sobrinho.

— Ah! — disse o velho.

Depois continuou a ler, sem pensar mais no sobrinho, que não passava de um Theodule qualquer, e não tardou muito em ficar de mau humor, o que lhe acontecia quase sempre que lia qualquer coisa. É que o jornal anunciava para o dia seguinte um dos acontecimentos que eram quotidianos na Paris de então: “Os estudantes da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina iriam reunir-se na praça do Panteon ao meio-dia para deliberarem”. Tratava-se de uma das questões do momento: a artilharia da Guarda Nacional e um conflito entre o ministro da Guerra e a “milícia dos cidadãos”, por causa de umas peças assestadas no pátio do Louvre”. Os estudantes deviam “deliberar” a esse respeito. Não era preciso tanto para exaltar o senhor Gillenormand. Lembrou-se de Marius, que era estudante, e que provavelmente iria como os outros “deliberar ao meio-dia na praça do Panteon”.

Enquanto assim pensava, Theodule entrou, vestido à paisana, o que tinha sido hábil e discretamente sugerido pela tia Gillenormand. O lanceiro raciocinara assim: “O velho druida não tem só o rendimento vitalício. Vale a pena a gente fantasiar-se de civil de vez em quando”.

Tia Gillenormand disse em voz alta:

— Theodule, seu sobrinho.

E, em voz baixa, ao tenente:

— Concorde com tudo.

E retirou-se.

O tenente, pouco acostumado a esses encontros tão veneráveis, balbuciou com certa timidez: “Bom dia, meu tio”. E fez uma saudação mista, composta do esboço involuntário e maquinal da saudação militar terminado pelo cumprimento burguês.

— Ah! É o senhor; muito bem, sente-se — disse-lhe o avô. Dito isso, esqueceu-se completamente do rapaz.

Theodule sentou-se e o senhor Gillenormand levantou-se. Passeou de um lado para outro da sala, com as mãos nos bolsos, falando alto, atormentando com os velhos dedos os dois relógios que tinha nos bolsos do colete.

— Bando de fedelhos! Convocados para se reunirem na praça do Panteon! Essa é boa! Uns pirralhos que ainda ontem usavam cueiros! Se lhes apertassem o nariz, sairia leite! E querem deliberar amanhã, ao meio-dia! Deliberar sobre a artilharia da cidade! Papaguear nas ruas a respeito das imbecilidades da Guarda Nacional!

— Muito certo — disse Theodule.

O senhor Gillenormand voltou um pouco a cabeça, viu Theodule, e continuou:

— Quando penso que aquele tratante fez a loucura de se tornar carbonário! Por que saiu da minha casa? Para se fazer republicano. Em primeiro lugar, o povo não quer saber da sua república; não quer porque tem bom-senso, e sabe que sempre houve reis, que sempre haverá reis, e ri de sua república, está ouvindo, cretino?

— O senhor tem razão, meu tio — disse Theodule.

O senhor Gillenormand continuou:

— Canhões no pátio do museu! Para quê? Para metralhar o Apolo do Belvedere? Ora! Os jovens de hoje são simplesmente libertinos! Ah! Marius! Ah! Mendigo! Ande, vá vociferar em praça pública! Vá discutir, debater, tomar medidas! Simples colegiais deliberando a respeito da Guarda Nacional!

— É evidente, meu tio — disse Theodule.

E, aproveitando o momento em que o senhor Gillenormand tomava fôlego, o lanceiro acrescentou magistralmente:

— Não deveria existir nenhum outro jornal além do *Moniteur*, nem outro livro além do *Anuário Militar*.

O senhor Gillenormand interrompeu um gesto que ia fazer, voltou-se, olhou fixamente para o lanceiro Theodule e lhe disse:

— O senhor é um imbecil.

A CONJUNÇÃO DE DUAS ESTRELAS

O apelido como formação dos nomes de família

Marius, nessa época, já era um belo jovem de estatura mediana com espessa cabeleira negra, fronte alta e inteligente, narinas abertas e palpitantes, ar sincero e calmo, e ostentava certa altivez melancólica, pensativa e inocente.

No tempo em que passou a pior miséria, notava que as mocinhas se voltavam ao vê-lo passar e então fugia ou se escondia envergonhado. Julgava que elas o olhavam por causa das roupas usadas, para zombar dele; a verdade é que o olhavam por sua graciosidade natural e que seguiam seu caminho com Marius nos pensamentos.

Mas havia duas mulheres de quem ele não fugia e às quais não dava a mínima atenção. Na verdade, ficaria muitíssimo admirado se alguém lhe dissesse que se tratava de mulheres. Uma era a velha de barba que varria seu quarto e que fazia Courfeyrac falar:

— Vendo que a criada usa barba, Marius não quer usar a sua.

A outra era uma jovem com quem sempre se encontrava sem jamais a notar.

Havia mais de um ano que Marius encontrava numa aleia deserta de Luxembourg um homem e uma menina sempre sentados lado a lado, no mesmo banco, na extremidade mais solitária do jardim. Cada vez que o acaso, sempre interferindo nos passeios das pessoas pensativas, levava Marius para aqueles lados, o que acontecia quase todos os dias, sempre encontrava ali o mesmo par. O homem poderia ter uns 60 anos, parecia triste e sério; a sua pessoa dava a impressão de robustez e cansaço, própria de antigos militares afastados do serviço. Seus cabelos eram extremamente brancos.

A primeira vez que a menina que o acompanhava veio sentar-se a seu lado, no banco que parecia terem adotado, aparentava ter de 13 a 14 anos, e era tão magra a ponto de ser quase feia, acanhada, insignificante, prometendo ter no futuro olhos muito lindos. Tinha o aspecto ao mesmo tempo adulto e infantil próprio de pensionistas de convento e vestia-se com um vestido grosseiro de merino negro. Pareciam pai e filha.

Marius examinou por dois ou três dias esse homem idoso, mas que ainda não era um ancião, e aquela menina, que ainda não era ninguém, mas não lhes deu muita importância. De sua parte, os dois pareciam não ter percebido sua presença. Ambos conversavam calmamente e com serena indiferença. A menina, sempre alegre, jamais parava de falar. O homem, porém, falava pouco e, por alguns momentos, dirigia-lhe olhares cheios de inefável paternidade.

Aquele personagem e aquela menina, talvez justamente porque pareciam evitar os

olhares, despertaram um pouco a atenção dos cinco ou seis estudantes que costumavam passear por ali. Courfeyrac, que era um desses estudantes, observara-os por algum tempo, mas, achando a menina feia, tratou de se afastar rapidamente, criando um apelido para ambos. Impressionado unicamente pelo vestido negro da menina e pelos cabelos brancos do velho, chamou-a de senhorita Lanoire e ao velho de senhor Leblanc. Como ninguém os conhecia, em falta de nome, o apelido vingou.

— Lá está o senhor Leblanc sentado em seu banco!

Marius viu-os assim, quase todos os dias, à mesma hora, durante o primeiro ano. O homem parecia-lhe simpático, mas a menina dava-lhe uma impressão desagradável.

Lux facta est

No segundo ano, Marius, sem mesmo saber por quê, interrompeu o hábito de passear no Luxembourg, passando seis meses sem pôr os pés em sua aleia preferida.

Um dia voltou ao seu antigo hábito e dirigiu-se diretamente à “sua aleia”. Quando lá chegou, viu, sempre no mesmo banco, o casal. Assim que se aproximou, certificou-se de que se tratava do mesmo homem; mas pareceu-lhe que a menina não era a mesma. A pessoa que via ao lado do senhor Leblanc era uma criatura alta e bela, com todas as formas encantadoras da mulher que só pode se traduzir por duas palavras: quinze anos. Admiráveis cabelos castanhos com brilhos dourados, sua fronte de mármore, as faces de pétalas de rosa, um tanto pálidas, uma alvura transparente, uma boca primorosa da qual o sorriso saía como uma claridade e a palavra como uma música.

No primeiro momento, Marius pensou que se tratava de outra filha do mesmo homem, sem dúvida a irmã da primeira. Mas, quando o invariável itinerário de seu passeio o levou pela segunda vez a passar pelo banco, examinando-a com atenção, viu que se tratava da mesma menina de antes. Em seis meses, transformara-se em moça. Quanto ao homem, nada tinha mudado.

Nos dias seguintes, Marius continuou a ir como sempre ao Luxembourg, encontrando, sempre no mesmo lugar, “o pai e a filha”, mas não lhes deu mais atenção. Não se preocupou mais com aquela menina quando a viu bela do que quando a achava feia. Passava bem perto do banco em que ela se sentava, simplesmente porque esse era o seu hábito.

Efeitos da primavera

Certo dia, o ar estava quente, o Luxembourg estava inundado de sombra e de sol, o céu estava puro como se os anjos o tivessem lavado pela manhã, os passarinhos gorjeavam entre os ramos dos castanheiros. Marius passou ao lado do banco, a jovem levantou os olhos para vê-lo, e os dois olhares se encontraram. Que havia dessa vez no olhar da jovem? Marius não pôde dizer. Não havia nada e havia tudo. Foi como que um estranho relâmpago.

Ela baixou os olhos e ele continuou seu caminho.

O que Marius acabava de ver não eram os olhos simples e ingênuos de uma criança; eram como que um abismo que se entreabrira, tornando a fechar-se bruscamente. É uma espécie de ternura indecisa que se revela ao acaso e que está à espreita. É um laço que a inocência arma sem o saber e no qual prende os corações. É uma virgem que olha como mulher.

À noite, ao recolher-se ao seu quarto, Marius observou com atenção a roupa que usava, e pela primeira vez reparou que tinha a inaudita estupidez de ir passear no Luxembourg com o seu traje “comum”, quer dizer, com um chapéu amassado, umas botas encardidas, as calças todas esgarçadas nos joelhos e um casaco preto, todo gasto nos cotovelos...

Início de uma doença grave

No dia seguinte, à hora de sempre, tirou do guarda-roupa a casaca nova, as calças novas, o chapéu e as botinas igualmente novas, vestiu essa armadura completa e, de luxo prodigioso, pôs luvas.

Assim preparado, dirigiu-se ao Luxembourg e encontrou Courfeyrac no caminho. Este disse depois aos amigos:

— Acabo de encontrar a casaca nova e o chapéu novo de Marius, com Marius dentro. Sem dúvida ia submeter-se a um exame. Estava completamente apalermado.

Chegando ao Luxembourg, Marius deu a volta ao lago e observou os cisnes. Finalmente, depois de mais algumas voltas, dirigiu-se para a “sua aleia”, lentamente, como se fosse de má vontade. Chegando à aleia, avistou, do outro lado, sentados “em seu banco”, o senhor Leblanc e a menina. Abotoou a casaca até em cima, puxou-a por todos os lados para que não mostrasse rugas, e marchou sobre o banco. Havia naqueles passos algo de ataque e, sem dúvida, um desejo de conquista. Por isso digo: marchou sobre o banco, como se dissesse: Aníbal marchou sobre Roma.

À medida que se aproximava, seus passos diminuía de velocidade mais e mais. Chegando a certa distância do banco, bem antes de alcançar o fim do trajeto, parou e, não pôde explicar como, dali mesmo voltou. Julgou ter visto o rosto da jovem voltar-se para vê-lo. Contudo, fez um esforço viril e violento, venceu a própria hesitação e continuou a

caminhar para a frente. Alguns segundos depois, estava vermelho até as orelhas, sem ousar olhar nem para a direita nem para a esquerda.

No momento em que passou diante do banco onde estava sentado o par, sentiu horrível palpitação do coração. Como na véspera, a jovem estava vestida de damasco preto com o chapéu de tule. Ouviu uma voz inefável que devia ser “a voz dela”. Ela conversava tranquilamente. Estava muito bonita.

Passou pelo banco, foi até a extremidade da aleia, voltou e passou novamente na frente da jovem. Dessa vez, estava muito pálido. Aliás, sentia-se realmente mal. Afastou-se do banco e da jovem e, voltando-lhe as costas, imaginava que ela o observava, e isso o fazia tropeçar.

Não quis mais voltar ao banco, parou na metade do caminho, e lá, coisa que jamais fizera antes, sentou-se, olhando para os lados.

Passado um quarto de hora, levantou-se e ficou de pé, imóvel. Pela primeira vez, depois de quinze meses, convenceu-se de que aquele senhor que se sentava ali todos os dias com sua filha notara sem dúvida a sua presença, achando provavelmente bem estranha essa sua assiduidade.

Depois, de repente, voltou-se para o lado oposto ao banco, ao senhor Leblanc e à sua filha, e retornou para sua casa.

Não se deitou sem antes escovar a casaca, dobrando-a com todo o cuidado.

O estrondo de trovões sobre Mame Bougon

No dia seguinte, *Mame Bougon* — é assim que Courfeyrac chamava à velha que, na realidade, se chamava senhora Burgon —, assustada, notou que o senhor Marius saía outra vez de roupa nova.

Ele voltou ao Luxembourg, mas não foi além do banco que ficava bem no meio da aleia. Sentou-se como na véspera, olhando de longe e vendo distintamente o chapéu branco, o vestido negro e, sobretudo, aquele clarão azulado da véspera. Não fez o mínimo movimento, retirando-se apenas quando já se fechavam os portões do Luxembourg.

No dia seguinte, era o terceiro dia, *Mame Bougon* sentiu-se novamente como que fulminada. Marius saiu com sua roupa nova mais uma vez!

— Três dias seguidos! — exclamou a velha.

Procurou segui-lo, para descobrir aonde o jovem estava indo, mas Marius andava muito depressa; era como se um hipopótamo quisesse perseguir um cabrito. Em dez minutos, perdeu-o de vista e voltou sem fôlego, furiosa, quase sufocada pela asma:

— Onde já seu viu! Pôr roupa nova todos os dias e fazer a gente correr desse jeito!

Marius voltara ao Luxembourg, é claro.

Lá estavam a jovem e o senhor Leblanc. Marius se aproximou o mais que pôde,

fingindo ler um livro, mas ficou ainda bastante longe, voltando depois a sentar-se no banco de sempre, onde passou quatro horas a ver saltitar no chão os pardais que pareciam zombar dele.

Assim passou-se uma quinzena. Marius continuava a ir ao Luxembourg, não mais para passear, mas para sentar-se sempre no mesmo lugar, sem mesmo saber por quê. Lá chegando, ficava ali, parado.

Realmente, a jovem era de uma beleza extraordinária. A única observação que se poderia fazer, quase uma crítica, era a respeito da contradição que seu olhar triste e seu sorriso alegre davam-lhe ao rosto, quase que perturbando-o, o que fazia com que em certos momentos aquele rosto tão meigo se tornasse estranho, sem deixar de ser encantador.

Feito prisioneiro

Num dos últimos dias da segunda semana, Marius, como sempre, estava sentado no seu banco, segurando nas mãos um livro aberto, embora havia duas horas não virasse uma página.

De repente, estremeceu. Alguma coisa estava acontecendo na outra extremidade da aleia. O senhor Leblanc e sua filha acabavam de se levantar; a jovem dera o braço ao pai e ambos se dirigiam lentamente para o meio da aleia... onde estava Marius.

Marius fechou o livro, tornou a abri-lo, esforçou-se para ler. Tremia. A auréola que sempre entrevira a distância caminhava na sua direção.

“Meu Deus”, pensou ele, “o que eles estão vindo fazer deste lado? Seus pés vão pisar na areia a dois passos de mim!” Ouvia aproximar-se o ruído suave e cadenciado de seus passos e achava que o senhor Leblanc o olhava irritado.

“Será que ela vai falar comigo?”, pensava. Abaixou a cabeça e quando a levantou, os dois estavam quase à sua frente.

A jovem passou e olhou para ele. Olhou-o fixamente com uma doçura pensativa, fazendo Marius estremecer dos pés à cabeça. Pareceu-lhe que ela o repreendia por ter ficado tanto tempo sem se aproximar, dizendo-lhe: “Sou eu que me aproximo”.

Marius ficou encantado na presença daqueles olhos cheios de luz e que pareciam lhe acender uma fogueira no cérebro.

Seguiu-a com os olhos até vê-la desaparecer. Depois, pôs-se a passear pelo Luxembourg como um louco. É provável que por momentos risse sozinho ou falasse alto. Passou tão compenetrado ao lado das amas que cuidavam das crianças que todas o julgavam apaixonado por elas.

Saiu do Luxembourg, esperando reencontrá-la em alguma rua. Encontrou-se com Courfeyrac sob as arcadas do Odéon e lhe disse:

— Venha jantar comigo.

Marius comeu como um lobo e depois pagou uma entrada de teatro ao amigo. Tudo se acabara. Marius amava uma mulher. Seu destino caminhava para o desconhecido.

O olhar das mulheres assemelha-se a certas máquinas, na aparência tranquilas, na realidade medonhas. Todos os dias passamos por elas sossegados, alheios ao perigo, impunes por nossa serenidade. Andamos em volta delas até que um dia somos apanhados, e tudo acaba! Inútil se debater. Todo o socorro dos homens se torna impossível.

Aventuras da letra U entregue a conjecturas

O isolamento, o desprendimento de tudo, a independência, o gosto pela natureza, a vida introspectiva, as lutas secretas da castidade e o êxtase cheio de ternura diante de toda a criação haviam preparado Marius para essa fase de arrebatamento a que chamamos paixão.

Decorreu um mês durante o qual Marius ia todos os dias ao Luxembourg. Marius vivia nas nuvens. Estava certo de que a jovem olhava para ele todas as vezes. Acabou criando coragem e aproximava-se cada vez mais do banco. Mas não passava mais pela frente, obedecendo ao instinto de prudência próprio dos apaixonados. Achava útil não atrair “a atenção do pai”. Calculava suas paradas atrás das árvores ou do pedestal das estátuas, de modo a se fazer ver o mais possível pela jovem e o menos possível pelo velho.

Mas o senhor Leblanc acabaria por suspeitar de alguma coisa, porque todas as vezes que Marius chegava ele se levantava e começava a passear. Porém o jovem não percebeu o que acontecia.

Uma tarde, quase ao anoitecer, encontrou no banco do qual o “senhor Leblanc e sua filha” acabavam de sair um lencinho simples, sem bordados, mas branco, finíssimo, e que lhe pareceu exalar aromas inefáveis. Pegou-o com verdadeiro entusiasmo. Estava marcado com as iniciais U. F. Marius nada sabia a respeito daquela linda garota, nem de sua família, nem de seu nome, nem de sua casa; essas duas letras eram a primeira coisa dela que lhe chegava às mãos, adoráveis iniciais sobre as quais bem depressa começou a fazer castelos no ar. U, evidentemente, era o seu nome.

“Úrsula!”, pensava então, “que nome lindo!”. Beijou o lenço, aspirou-lhe o perfume, colocou-o sobre o coração, diretamente sobre a carne, durante o dia, e à noite, sobre os lábios, para adormecer.

O lenço pertencia ao velho, que distraidamente o tinha deixado cair do bolso!

Nos dias que se seguiram ao precioso achado, Marius aparecia no Luxembourg beijando o lenço ou pousando-o sobre o coração. A bela jovem não entendia nada e tentava fazer com que ele entendesse isso fazendo-lhe sinais quase imperceptíveis.

Os próprios inválidos podem ser felizes

Houve uma ocasião em que “sua Úrsula” lhe deu motivos de queixa. Foi num dos dias em que ela convencera o senhor Leblanc a deixar o banco e a passear um pouco. A brisa soprava fresca e pai e filha, de braços dados, passaram diante do banco onde estava Marius. Assim que ambos passaram, ele levantou-se e seguiu-os com a vista, como é próprio das situações em que a alma está desvairada.

De repente, uma rajada de vento mais forte envolveu a jovem e levantou-lhe o vestido até quase a altura da liga, deixando entrever as pernas de rara perfeição. Marius ficou furioso.

Ela baixou rapidamente o vestido com um movimento assustado, mas Marius continuou indignado. Eles estavam sozinhos ali, mas e se alguém escondido tivesse visto também?

O que ela acabara de fazer foi horrível! Na verdade, ela não fizera nada, o único culpado foi o vento. Mas o ciúme que desperta no coração se impõe mesmo sem direito. Quando a “sua Úrsula”, depois de ter chegado à extremidade da alameda, voltou com o senhor Leblanc e passou diante do banco em que Marius tornara a sentar-se, ele lançou-lhe um olhar ferozmente zangado. A jovem fez um movimento de ligeiro erguer de sobranceiras, que significa: “O que será que aconteceu?”.

Foi essa sua “primeira discussão”.

Nesse momento, surgiu um inválido, um veterano das guerras, com uniforme, uma manga do casaco sem o braço e uma perna de pau. Apesar dessa figura, Marius pensou ver nos olhos da criatura um ar de satisfação. Pareceu-lhe até que, quando o cínico velho passou por ele bamboando na sua perna de pau, ele lhe dera uma piscadela muito fraternal e alegre, como se um acaso qualquer os tivesse posto de acordo, já que ambos tinham podido saborear em comum um espetáculo inesperado.

“Ele devia estar por aqui e certamente viu tudo!”, pensou o jovem. E teve vontade de exterminar o inválido.

O tempo abrandava todos os ângulos. Essa cólera de Marius por “Úrsula”, por mais justa e legítima que fosse, passou. Acabou por perdoar, não sem grande esforço. Mostrou-se amuado por três dias seguidos.

No entanto, através de tudo isso, e por causa de tudo isso, sua paixão aumentava e quase atingia o extremo da loucura.

Para Marius, saber — ou pensar que sabia — que ela se chamava Úrsula já era bastante, mas se tornava pouco. Queria saber onde ela morava. E seguiu “Úrsula”.

Ela morava na rua de l'Ouest, justamente no lugar mais deserto, numa casa de três andares de aparência modesta.

A fome aumentava. Ele sabia como ela se chamava, pelo menos seu primeiro nome, sabia onde ela morava; queria agora saber quem ela era.

Para isso, depois de segui-los e vê-los subir a escada, foi até o porteiro:

— Este senhor que agora entrou não é o que mora no primeiro andar?

— Não, senhor. O que entrou mora no terceiro.

Com o êxito, resolveu levar mais longe as averiguações.

— E qual a ocupação dele, o senhor sabe? — continuou ele.

— Ele vive de rendas. É um homem bom, ajuda muito os necessitados, embora não seja rico.

— Sabe me dizer como se chama? — tornou Marius.

O porteiro, porém, em vez de responder à pergunta, fitou-lhe os olhos e disse:

— O senhor é da polícia?

Marius saiu dali contrariado, mas feliz com suas descobertas.

No dia seguinte, Leblanc e a filha apareceram no Luxembourg, porém demoraram-se muito menos do que o costume, retirando-se ainda com o dia claro, seguidos por Marius até a entrada de casa.

Ao chegarem à porta, Leblanc deixou passar a filha, parou antes de transpor o limiar da porta e pôs-se a olhar fixamente para Marius. No outro dia, Marius esperou por eles, mas em vão. Os dois assíduos frequentadores não apareceram.

No outro dia, ninguém no Luxembourg. Marius esperou o dia inteiro e depois parte da noite de sentinela na rua de l'Ouest. Isso o ocupou até as dez horas. Assim se passaram oito dias. O senhor Leblanc e sua filha não apareciam mais no Luxembourg.

No dia seguinte, não encontrou ninguém no Luxembourg; contudo, esperou. À noitinha, dirigiu-se para a casa. Nenhuma luz nas janelas; as persianas estavam fechadas; o terceiro andar estava inteiramente às escuras. Marius bateu no portão, entrou e disse ao porteiro.

— O senhor do terceiro andar está?

— Mudou-se — respondeu o porteiro.

Marius cambaleou; em seguida perguntou, com voz sumida:

— Há quanto tempo?

— Desde ontem.

— Onde mora atualmente?

— Não sei.

— Não deixou, então, seu novo endereço?

— Não.

O porteiro, levantando os olhos, reconheceu Marius.

— Ah, é o senhor! Bem que eu desconfiava que era da polícia!

PATRON-MINETTE

As minas e os mineiros

O chão da sociedade está minado por toda parte, ora pelo bem, ora pelo mal. São verdadeiras minas sobrepostas. As catacumbas, onde se rezaram as primeiras missas, não eram apenas os subterrâneos de Roma, eram o subterrâneo do mundo.

Sob a construção social existem escavações de todos os tipos. Há a mina da religião, a da filosofia, a da política, a da economia, a da revolução. E a sociedade, que vive na superfície, nem mesmo suspeita dessas escavações, que não a afetam de modo direto, mas lhe modificam as entranhas. Existem tantos estágios subterrâneos quanto as diferentes atividades, e tantos são os diferentes resultados. E o que emerge dessas escavações profundas? O futuro.

A escada pela qual se desce a essas minas é estranha; cada degrau corresponde a um andar onde a filosofia pode fincar o pé e onde encontramos um desses trabalhadores, às vezes divinos, às vezes disformes. Abaixo de Jean Huss está Lutero; abaixo de Lutero, Descartes; abaixo de Descartes, Voltaire. E assim por diante.

Mais embaixo ainda, no limite que separa o indistinto do invisível, veem-se outros homens sombrios, que talvez ainda nem existam. Os de ontem são espectros, os de amanhã são larvas. Os olhos do espírito mal podem distingui-los.

Mas todos esses trabalhadores, desde o mais alto até o mais obscuro, desde o mais sábio até o mais louco, têm uma semelhança que é esta: o desinteresse. Marat se esquece de si mesmo, como Jesus. Põem-se de lado, omitem-se, não pensam mais em si próprios. Veem algo mais que a si mesmos.

Devemos tomar cuidado, porém, e tremer diante de quem não tem olhos. Também a ordem social tem seus mineiros negros.

Há um ponto em que a mina se transforma em sepultura e onde toda luz se extingue.

Embaixo de todas essas minas que acabamos de enumerar, embaixo de todas essas galerias, muito mais ainda, e sem nenhuma relação com os andares superiores, está a última mina. É o que chamamos de terceiro subsolo. É o túmulo das trevas, o subterrâneo dos cegos.

Daí se chega ao abismo. O inferno.

Babet, Gueulemer, Claquesous e Montparnasse

Um quarteto de bandidos, Claquesous, Gueulemer, Babet e Montparnasse, governava, de 1830 a 1835, os subterrâneos de Paris.

Gueulemer era um Hércules desclassificado. Seu antro era o esgoto do Arco Marion. Tinha seis pés de altura, peitorais de mármore, bíceps de bronze, respiração de caverna, o torso de um colosso e um crânio de passarinho. Gueulemer, com essa construção escultural, teria podido domar monstros; achou mais fácil tornar-se um deles. Fronte baixa, têmporas largas, menos de 40 anos, pés de pato, cabelos curtos e ásperos, queixo de javali; por aí pode-se imaginar o homem. Seus músculos pediam trabalho, sua estupidez recusava-o.

Babet, diáfano, contrastava com os músculos de Gueulemer. Babet era magro e sábio. Era transparente, mas impenetrável. Dizia-se químico. Já havia se casado e tinha dois filhos. Ignorava o que havia acontecido com a mulher e os filhos. Perdera-os como se perde um lenço. E, rara exceção no mundo nas sombras em que vivia, ele lia jornais.

Quem era Claquesous? Era a noite. Para se mostrar, esperava que o céu se forrasse de negro. À noite, saía de um buraco para onde voltava antes que o dia surgisse. Onde era esse buraco? Ninguém sabia. Ele dizia: — Não me chamo Claquesous. Chamo-me Ninguém. — Se acendiam uma vela, punha máscara. Era ventríloquo. Não se tinha certeza de que tivesse um nome, pois Claquesous era um apelido; não se tinha certeza de que tivesse voz, pois falava mais pelo ventre que pela boca; não se sabia ao certo se tinha um rosto, somente se conhecia a máscara. Desaparecia como um fantasma; aparecia como se saísse do fundo da terra.

Montparnasse era lúgubre. Menos de 20 anos, um belo rosto, lábios que pareciam cerejas, belos cabelos negros, claridade da primavera nos olhos; tinha todos os vícios e aspirava a todos os crimes. Era o moleque transformado em marginal, gentil, afeminado, gracioso, robusto, insensível, feroz. Vivia de roubos praticados com violência.

Composição da quadrilha

Esses quatro bandidos eram uma espécie de ladrão misterioso de quatro cabeças, trabalhando ativamente em Paris; eram o pólipo terrível do mal habitando a cripta da sociedade.

Trabalhavam seguindo um roteiro escrito. Se um crime necessitava de braços, cediam cúmplices mediante remuneração. Possuíam uma companhia de atores das trevas à disposição de todas as tragédias das cavernas.

“Patron-Minette”, esse era o nome que se dava à quadrilha. Na antiga e extravagante língua popular, que vai gradualmente desaparecendo, isso quer dizer “manhã”. Essa denominação, Patron-Minette, vinha provavelmente da hora em que encerravam seus trabalhos, já que a aurora era o instante em que os fantasmas desapareciam e os bandidos se separavam.

Essas criaturas não eram vistas passando pelas ruas. Durante o dia, fatigados por noites de atividade, iam dormir, ora nas pedreiras abandonadas, às vezes até nos esgotos. Eles se enterravam. Que foi feito desses homens? Eles existem ainda e sempre existiram. E enquanto a sociedade continuar a ser o que é, eles serão o que sempre foram. Sob o obscuro teto de seus esconderijos, renascerão continuamente da transpiração da sociedade. Fantasmas que são, voltarão sempre idênticos; a única diferença é que não usarão os mesmos nomes e não estarão contidos nas mesmas peles.

Mete medo encontrar um deles à meia-noite em alguma rua. Não parecem homens, mas formas feitas de névoa viva; dir-se-ia que formam um só corpo com as trevas, não se distinguindo delas.

O que é preciso para fazermos desaparecer essas larvas? Luz. Luz em quantidade. Não há morcego que resista à aurora. Iluminemos a sociedade pela parte de baixo.

O CRUEL POBRE HOMEM

Marius, procurando uma jovem de chapéu, encontra um homem de boné

Passou-se o verão, depois o outono; chegou o inverno. Nem o senhor Leblanc nem sua jovem filha voltaram mais ao Luxembourg.

Marius tinha somente um pensamento, rever aquele rosto adorável. Ele procurava sempre, procurava por toda parte, mas não encontrava nada. Não era mais Marius, o sonhador entusiasta, mas um jovem que caiu em profunda tristeza. Parecia-lhe que tudo havia desaparecido, o trabalho, o passeio, a natureza, nada mais existia para ele.

E se repreendia milhões de vezes. “Por que fui seguir a jovem? Eu era tão feliz só em vê-la! Ela olhava para mim. Isso já não era bastante?”

Voltou a viver cada vez mais só, perdido, acabrunhado, todo entregue à angústia interior, indo e vindo na sua dor como um lobo na armadilha, buscando em toda parte sua Úrsula ausente, embrutecido pelo amor.

Noutra ocasião, teve um encontro que lhe causou uma estranha sensação. Ao passar por uma das estreitas ruas próximas ao boulevard dos Inválidos, viu um homem vestido como um operário e de cabelos brancos. Impressionado com a beleza daqueles cabelos brancos, pôs-se a contemplar aquele homem que caminhava a passos lentos e como que absorvido em dolorosa meditação.

Marius pareceu reconhecer naquele homem o senhor Leblanc. Eram os mesmos cabelos, o mesmo aspecto, embora algum tanto modificado pelo traje, o mesmo modo de andar, apenas com uma diferença, mais triste. Mas por que aquelas roupas de operário? Qual a razão daquele disfarce?

Quando voltou a si, seu primeiro pensamento foi seguir o homem; quem sabe se não o levaria ao que procurava? Em todo caso, precisava vê-lo de perto e esclarecer o enigma.

Mas tomou a decisão muito tarde; o homem já não estava ali. Marius não pôde mais encontrá-lo. Isso o preocupou por alguns dias, depois se esqueceu. “Afinal”, dizia consigo mesmo, “talvez não passasse de simples semelhança”.

Marius continuava morando no casarão, onde só estavam ele e os Jondrette, cujo o aluguel ele havia pago sem nunca ter lhes contado. Os outros inquilinos tinham se mudado, ou sido despejados por falta de pagamento.

Caía a noite e Marius tinha saído de casa, era hora de jantar. Andava pensativo e cabisbaixo. De repente, sentiu um encontrão e, ao se voltar, viu duas jovens esfarrapadas, uma alta e a outra mais baixa, correndo esbaforidas como se fugissem de alguém. Marius distinguiu, entre o nevoeiro, os rostos lívidos, os cabelos desalinhados e os pés descalços. As duas conversavam enquanto corriam:

— Quase que os policiais me pegaram — disse a maior.

— Eu vi e dei no pé! — respondeu a mais baixa.

Marius ia continuar andando quando notou a seus pés um pequeno embrulho e o apanhou.

— Ora essa, aquelas duas deixaram cair isto.

Chamou por elas, mas como não as encontrou, colocou o embrulho no bolso e foi jantar, achando que as meninas já estariam longe.

Depois, essas sombras saíram de seu pensamento e ele voltou às suas preocupações habituais. Pensou nos seis meses de amor e felicidade ao ar livre, em plena luz do dia, sob as belas árvores do Luxembourg.

— Como a vida se tornou sombria! — pensava. — Continuam a aparecer jovens moças. Mas antes eram verdadeiros anjos; agora são simples morcegos.

Quadrifrons

À noite, quando ia se deitar, Marius encontrou no bolso do casaco aquele pacotinho que havia recolhido na rua. Tinha se esquecido dele. Pensou que deveria abrir, pois talvez tivesse o endereço das duas meninas, caso fosse delas, ou então as informações necessárias para devolvê-lo à pessoa que o perdera.

Ao desfazer o embrulho, notou que continha quatro cartas, todas abertas e com endereço, e todas exalavam um forte cheiro de tabaco.

A primeira carta estava assim endereçada: “À Senhora Marquesa de Gruchery, bem em frente à Câmara dos Deputados, número...”.

Marius achou que ali encontraria as indicações que procurava e que, afinal, como a carta não estava fechada, poderia lê-la sem inconveniente algum.

Dizia assim:

“Senhora Marquesa,

A virtude da clemência e da piedade é a que une mais estreitamente a sociedade. Queira, pois, usar seus sentimentos cristãos, lançando um olhar de compaixão sobre este desafortunado

espanhol, vítima da lealdade e de acatamento à sagrada causa da legitimidade, que pagou com seu sangue e à qual consagrou toda a sua fortuna, para defendê-la, achando-se hoje na completa miséria. Bem certo ele está de que sua muito honrada pessoa o socorrerá para que possa conservar uma existência extremamente penosa para um militar de educação e de honra, coberto de cicatrizes. Desde já, confio na humanidade que anima e no interesse que a Senhora Marquesa demonstra para com uma nação tão infeliz. Suas súplicas não serão em vão, e seu reconhecimento conservará de si encantadora lembrança.

Receba os sentimentos respeitosos com os quais tenho a honra de me assinar Don Alvarez, Capitão Espanhol de Cavalaria, monarquista refugiado na França, atualmente em viagem para a pátria, mas sem meios para chegar ao destino”.

Junto à assinatura não havia nenhum endereço. Marius esperava encontrar o endereço na segunda carta, em cujo envelope lia: “À Senhora Condessa de Montvernet, rua Cassette, número 9”.

Eis o que Marius leu:

“Senhora Condessa,

Sou uma infeliz mãe de família com seis filhos, o menor com apenas 8 meses. Desde meu último parto que me encontro doente; abandonada por meu marido há cinco meses, não tendo outro recurso no mundo, estou na mais completa indigência.

Na esperança de ser atendida pela Senhora Condessa, tenho a honra de ser, com o mais profundo respeito,

Sua criada, Balizard”.

Marius passou à terceira carta que, como as demais, era um pedido. Lia-se aí:

“Ilmo. Senhor Pabourgeot, eleitor, comerciante atacadista, rua Saint-Denis, esquina da rua aux Fers.

Tomo a liberdade de lhe dirigir esta carta para implorar que me conceda o precioso favor de suas simpatias e de seu interesse por um homem de letras que acaba de mandar um drama para o Teatro Francês. O assunto é histórico, e a ação se passa em Auvergne no tempo do Império; o estilo, julgo eu, é natural, lacônico, e pode ter algum mérito. Em quatro lugares distintos tem pares de versos para serem cantados. O cômico, o sério e o imprevisto ali se misturam à variedade dos personagens, e em toda a intriga se espalha um romantismo leve, enquanto a ação caminha misteriosamente e por entre peripécias impressionantes, e chega ao fim entre inúmeros golpes de cena admiráveis.

Meu principal objetivo é satisfazer o desejo que anima progressivamente o homem do nosso século, isto é, a moda, esse caprichoso e estranho catavento que muda de lugar a cada nova aragem.

Malgrado todas essas qualidades, sou forçado a julgar que o ciúme e o egoísmo dos autores privilegiados conseguiram minha exclusão do teatro, pois não ignoro os dissabores a que estão

sujeitos os autores mais novos.

Senhor Pabourgeot, sua justa reputação de protetor esclarecido dos homens de letras me anima a enviar-lhe minha filha, que lhe exporá nossa miserável situação, sem alimentos e sem aquecimento neste rigoroso inverno. Dizer-lhe que imploro que aceite a homenagem que lhe quero fazer com o meu drama e de todos os que eu fizer depois é prova de quanto ambiciono colocar-me no abrigo sob sua égide, adornando com seu nome os meus escritos.

Se se dignar honrar-me com a mais modesta oferta, ocupar-me-ei imediatamente em compor uma peça em versos como tributo do meu reconhecimento. Essa peça, que procurarei fazer a mais perfeita possível, lhe será enviada antes de ser inserida no início do drama e recitada em cena.

Ao Senhor e à Senhora Pabourgeot, minhas mais respeitadas homenagens.

Genflot, escritor.

P.S. — Não importa que me mande apenas quarenta soldos. Perdoe-me se lhe envio minha filha, em vez de ir eu mesmo em pessoa, mas tristes motivos de vestuário não me permitem sair...”.

Afinal Marius abriu a quarta carta. O cabeçalho era este:

“Ao Senhor benfeitor da igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas”.

Liam-se aí estas linhas:

“Senhor benfeitor,

Se se dignar acompanhar minha filha, presenciará uma calamidade horrível, e eu lhe mostrarei os meus certificados.

À vista desses documentos, sua generosa alma ficará emudecida por um sentimento de sensível benevolência, pois os verdadeiros filósofos sempre experimentam emoções muito vivas.

Compreenda, bondoso senhor, que é preciso passar pela mais cruel necessidade, e que é bem doloroso, para obter algum alívio, ter de fazê-lo atestar pela autoridade, como se não se fosse livre para sofrer e morrer de inanição enquanto esperamos que alguém socorra a nossa miséria. O destino é fatal para com alguns e demasiado pródigo e protetor para com outros.

Espero sua visita ou sua oferta, acaso se digne fazê-la, e peço-lhe que receba os sentimentos de respeito com os quais me honro de ser,

Magnânimo senhor, seu muito humilde e obediente servidor,

P. Fabantou, artista dramático”.

Depois de ler essas quatro cartas, Marius não ficou mais esclarecido que antes.

Em primeiro lugar, nenhum dos signatários dava o próprio endereço. Em segundo lugar, as cartas pareciam ter sido escritas por quatro indivíduos diferentes: Don Alvarez, a mulher Balizard, o poeta Genflot e o artista dramático Fabantou; mas estavam estranhamente escritas com a mesma caligrafia.

Que se havia de concluir disso senão que vinham da mesma pessoa?

Além do mais, o papel, grosso e amarelado, era idêntico nas quatro cartas, o cheiro de tabaco era o mesmo e, embora fosse evidente o esforço para variar o estilo, os mesmos erros de grafia se reproduziam com tranquilidade, tanto que o escritor Genflot cometeu os mesmos erros que o capitão espanhol.

No fim de tudo, nada indicava que aquelas cartas pertencessem às meninas que encontrara na rua. Afinal, eram simples papéis sem nenhuma importância. Marius tornou a colocá-las no envelope, jogou tudo a um canto e deitou-se.

No dia seguinte de manhã, quando estava se preparando para ir trabalhar, bateram à porta.

— Pode entrar, senhora Bougon, o que deseja a esta hora?

Uma voz, que não era a de *Mame* Bougon, respondeu.

— Perdão, senhor...

Era uma voz abafada, rouca, uma voz de velho saturado de aguardente.

Marius voltou-se depressa e deparou com uma jovem.

Uma rosa na miséria

Lá estava ela, no limiar da porta. Vestia uma camisa e uma saia, as mãos roxas, a boca entreaberta mostrava que lhe faltavam alguns dentes.

Marius erguera-se e olhava quase com espanto para aquela criatura, tão semelhante às figuras de sombra que povoam os sonhos.

O mais pungente era que aquela jovem não viera ao mundo para ser feia. Na sua infância devia ter sido linda. As graças da idade lutavam ainda contra a hedionda velhice antecipada pela libertinagem e pela pobreza. Naquele rosto de 16 anos morria um resto de beleza, como o descorado sol que desaparecera sob pesadas nuvens no despontar de um dia de inverno.

Aquele rosto não era totalmente desconhecido para Marius, porque lhe parecia tê-lo visto em algum lugar.

— Que deseja, menina?

— É uma carta para o senhor, senhor Marius.

Ela o tratava pelo nome, mas quem era aquela jovem, e como sabia seu nome?

Sem esperar que a mandasse entrar, ela avançou pelo quarto, olhando com certa ousadia para todos os cantos e para a cama ainda por fazer. Estava descalça. Pelos grandes buracos que tinha na saia, viam-se as pernas compridas e magras. Ela tremia de frio.

Com efeito, segurava uma carta, que apresentou a Marius. Ao abri-la, Marius notou que a cola do envelope ainda estava molhada; portanto, não devia vir de muito longe. Leu:

“Meu amável vizinho!

Tive conhecimento de suas gentilezas para comigo, pois há seis meses pagou o aluguel em atraso. Eu o abençoo. Minha filha mais velha vai lhe dizer que estamos sem um pedaço de pão há dois dias, quatro pessoas, e ainda com a esposa doente. Se o meu pensamento não me ilude, creio poder esperar que seu generoso coração se humanizará com o que aqui relatei e irá prodigar-me um modesto auxílio.

Com toda a consideração devida aos benfeitores da humanidade,

Jondrette

P.S. — Minha filha esperará pelas suas ordens, caro senhor Marius”.

Essa carta, em meio à estranha aventura que o preocupava, era como a luz de uma vela acesa numa caverna. Tudo se esclareceu.

Essa carta vinha do mesmo lugar de onde vinham as outras quatro. Era a mesma caligrafia, o mesmo estilo, a mesma ortografia, o mesmo papel, o mesmo cheiro de tabaco.

Eram cinco histórias, cinco nomes, cinco assinaturas e um único signatário. O espanhol Don Alvarez, a infeliz Balizard, o poeta dramático Genflot, o velho comediante Fabantou, todos eram Jondrette.

Marius certamente encontrara-se com os Jondrette no corredor ou na escada; mas, para ele, não passavam de sombras, tanto que na véspera, à noite, esbarrara na rua com as filhas dele sem as reconhecer, pois evidentemente eram elas, e a jovem que agora entrava em seu quarto lhe despertara a lembrança de tê-la visto antes.

Agora Marius via tudo com clareza. Seu vizinho explorava a caridade das pessoas de bom coração, escrevendo a pessoas que julgava ricas e caridosas, mandando as filhas entregar as cartas, por sua conta e risco. Aquele pai jogava uma partida com o destino, arriscando suas filhas no jogo. Aquelas pobrezinhas se dedicavam ainda a não se sabe que afazeres obscuros, resultando de tudo aquilo, no meio da sociedade humana tal qual está organizada, criaturas miseráveis que não eram nem crianças, nem moças, nem mulheres; uma espécie de monstros impuros e inocentes, produzidos pela miséria.

Enquanto Marius olhava admirado a jovem em seu quarto, ela ia e vinha sem se preocupar com a própria nudez. Por momentos, a camisa caía-lhe quase até a cintura. Tirava as cadeiras de lugar, pegava os objetos em cima da cômoda, apalpava as roupas de Marius, esquadrinhava o que havia pelos cantos.

— O senhor tem espelho! — exclamou ela.

Marius pensava, e a deixava à vontade. Ela se aproximou da mesa.

— Ah! Livros!

Em seguida, exprimindo a felicidade de poder vangloriar-se de alguma coisa, ao que nenhuma criatura é insensível, continuou:

— Eu sei ler.

E, pegando no livro que estava aberto sobre a mesa, leu muito corretamente:

— O general Bauduin recebeu ordem para tomar, com os cinco batalhões da sua brigada, o castelo de Hougomont, situado no meio da planície de Waterloo...

Chegando aqui interrompeu-se:

— Waterloo! Eu sei o que é. Foi uma batalha que houve há muito tempo. Meu pai esteve lá. Meu pai serviu nos exércitos. Waterloo foi contra os ingleses.

Depois disso largou o livro, pegou numa pena e exclamou:

— Também sei escrever!

Molhou a pena no tinteiro e voltou-se para Marius:

— Quer ver? Vou escrever duas palavras para lhe mostrar.

E, antes que ele tivesse podido responder, escreveu numa folha de papel em branco que estava na mesa: “Chegaram os gendarmes”.

— Pode ver que não tem erros de ortografia. Eu e minha irmã tivemos educação. Nem sempre fomos como somos.

Depois observou Marius, assumiu uma expressão estranha, e lhe disse:

— Senhor Marius, o senhor sabe que é um moço bonito?

E, ao mesmo tempo, veio a ambos o mesmo pensamento, fazendo-a sorrir, fazendo-o enrubescer. Ela aproximou-se dele e pôs-lhe a mão nos ombros:

— O senhor nem me dá atenção, mas eu o conheço, senhor Marius. Vejo-o sempre na escada, e já o vi entrar na casa de um tal senhor Mabeuf, que mora para os lados de Austerlitz, quando andei por lá. Fica-lhe muito bem esse cabelo despenteado.

Marius recuou delicadamente.

— Tenho aqui um pacote que acho que lhe pertence.

E entregou o envelope com as quatro cartas.

Ela bateu palmas e exclamou:

— Nós nos cansamos de procurar isso! E justamente o senhor foi achar! Foi na rua, não foi? Deve ter sido na rua. Olhe — disse ela, desdobrando uma delas —, esta é para o velho que vai à missa. E é justamente agora. Vou levá-la. Talvez nos dê com que almoçar hoje.

Isso fez com que Marius se lembrasse do que aquela infeliz tinha ido buscar no seu quarto. Procurou nos bolsos do colete, mas nada encontrou. A jovem continuava, parecia falar como se tivesse esquecido da presença de Marius.

— Às vezes eu saio à noite. Às vezes não volto para casa e durmo na rua. Sabe, à noite, quando ando pelas ruas, as árvores parecem-me forcas, vejo casas tão negras como as torres de Notre-Dame, imagino que as paredes brancas são praias, embora seja noite, ouço realejos e os teares das fábricas. Afinal, que sei eu? Acho que me atiram pedras; sem saber, começo a fugir, tudo roda. Quando a gente não come, fica tudo tão esquisito.

De tanto vasculhar em todos os bolsos, Marius acabou por juntar cinco francos e dezesseis soldos. Naquele momento, era tudo o que tinha no mundo.

— Aqui tenho para o jantar de hoje.

Ficou com os dezesseis soldos e deu os cinco francos à jovem.

— Cinco francos! — exclamou a jovem. — O senhor é muito boa pessoa, serão dois dias de vinho e carne! Vou tirar a barriga da miséria!

Ao se dirigir à porta para ir embora, viu em cima da cômoda uma crosta de pão seco que mofava, mordeu-a e disse:

— Está bom, mas está muito duro! Pode até quebrar os dentes!

Depois saiu.

Uma fresta providencial

Fazia cinco anos que Marius vivia na pobreza, mas só então percebeu que não havia conhecido a verdadeira miséria. Quem só viu a miséria do homem nada viu; é preciso ver a miséria da mulher; quem só viu a miséria da mulher nada viu; é preciso ver ainda a miséria da criança.

Como sentem frio! Parece até que estão num planeta bem mais longe do sol do que o nosso. Aquela jovem foi para Marius como que uma enviada das trevas. Ela lhe revelou todo o lado vergonhoso da noite.

Marius quase se repreendeu por suas preocupações, projetos e paixões terem impedido que olhasse um pouco para os vizinhos. Ter pago o aluguel deles havia sido um movimento maquinal, qualquer um faria a mesma coisa; mas ele, Marius, deveria ter feito mais. Uma simples parede o separava daqueles seres abandonados, que viviam às apalpadelas na noite, separados do resto da humanidade.

Enquanto Marius assim pensava, observava a parede que o separava dos Jondrette, um simples tapume de argamassa, que deixava passar o barulho de passos e vozes. Nenhum papel fora colado naquela parede, nem do lado de Marius, nem do lado dos Jondrette, e ela mostrava toda a sua grosseira construção.

Sem quase perceber, começou a examinar a parede e notou, no alto, perto do forro, um buraco resultante de três sarrafos que deixavam um vazio entre eles. O reboco que devia tapar esse buraco havia caído; e, subindo na cômoda, podia-se observar por ali o quarto dos Jondrette.

— Vamos ver quem é essa gente e onde moram — pensou Marius.

Subiu na cômoda e olhou pela abertura.

O homem selvagem em seu covil

O que Marius via era um chiqueiro.

Marius era pobre e seu quarto era indigente, mas asseado. O quarto que ele via era sujo, fétido, infecto, tenebroso, sórdido. Como únicos móveis, uma cadeira de palha, uma mesa quebrada, alguns cacos e, em dois cantos, dois catres indescritíveis; a luz entrava somente por uma janelinha de quatro vidros, cheia de teias de aranha.

O quarto que Marius ocupava tinha o pavimento de ladrilho em muito mau estado; mas aquela sala não era nem ladrilhada, nem assoalhada; andava-se sobre a terra nua, enegrecida pelos pés. Havia ali duas camas, uma ao pé da porta e a outra perto da janela, e ainda uma lareira e uma mesa, na qual havia papel e tinta, e onde um homem escrevia.

Devia ter seus 60 anos; era pequeno, magro, carrancudo, de aspecto cruel, astuto, inquieto; um hediondo maltrapilho. Tinha um cachimbo à boca e fumava. Não havia mais pão naquele chiqueiro, mas ali não faltava tabaco. Escrevia, provavelmente uma carta semelhante às que Marius havia lido.

Enquanto escrevia, o homem falava alto, e Marius podia ouvir-lhe as palavras:

— E não existe igualdade, mesmo quando se morre. Vejam o Père-Lachaise! Os grandes, os ricos, estão no alto. Chegam lá de carruagem. Os pequenos, os pobres, os infelizes, ficam na parte baixa, onde há lama até os joelhos, nos buracos, na umidade.

Aqui parou, bateu com o punho na mesa e acrescentou rangendo os dentes:

— Eu podia engolir o mundo inteiro!

Uma mulher muito gorda, que podia ter 40 ou 100 anos, estava acocorada perto da lareira, sobre os calcanhares nus. Embora estivesse agachada e como que amontoada sobre si mesma, podia-se ver que era de alta estatura. Era uma espécie de gigante ao lado do marido.

Sobre uma das camas, Marius pôde perceber uma menina muito alta, pálida, quase nua, com os pés pendurados, parecendo nem escutar, nem ver, nem viver. Era a irmã menor daquela que tinha vindo ao seu quarto.

Naquele quarto enorme não havia o mínimo sinal de trabalho; nem uma ocupação, nem uma roda de fiar, nem a menor ferramenta. Era a triste preguiça que se segue ao desespero e que precede a agonia.

O homem se calara, a mulher não falava, a menina nem parecia respirar. Ouvia-se o ruído da pena correndo pelo papel.

O homem resmungou, sem parar de escrever:

— Canalhas! Canalhas! Todos são canalhas!

— Calma, meu amiguinho — disse a mulher.

O homem continuou a escrever.

Estratégia e tática

Marius, com o coração oprimido, ia sair daquele observatório que havia improvisado quando um ruído lhe atraiu a atenção e o fez continuar no mesmo lugar.

A porta do chiqueiro acabava de se abrir bruscamente. A filha mais velha apareceu. Tinha nos pés grosseiros sapatos de homem, sujos de lama, que lhe chegavam até os tornozelos avermelhados; estava coberta com um velho xale esburacado, que Marius, uma hora antes, não tinha visto, mas que ela devia ter deixado à porta para inspirar mais compaixão, vestindo-o ao sair. Ela entrou, bateu a porta atrás de si, parou para tomar fôlego, pois viera correndo, e depois gritou com uma expressão de triunfo e alegria.

— Ele vem vindo!

O pai voltou os olhos, a mulher voltou a cabeça, a irmã menor nem se mexeu.

— Quem? — perguntou o pai.

— O velho da igreja Saint-Jacques!

— Ele vem para cá?

— Ele me seguiu!

O pai ficou de pé.

— Mas como você sabe? Você deu o endereço certo? Reze para ele não se enganar! Você disse que é a última porta ao fundo? Ele leu a carta? O que ele disse?

— Ufa! Como faz perguntas! Eu entrei na igreja e ele estava lá. Quando perguntou onde eu morava, eu me prontifiquei a levá-lo, mas o velho disse que ia fazer compras com a filha e depois viria para cá... Eu vi quando ele subiu num fiacre!

— E quem me garante que ele vem?

— Acabo de ver o fiacre subindo a rua, por isso vim correndo.

O homem se levantou. O rosto tinha se iluminado.

— Mulher, você ouviu! O filantropo vem aí. Apague o fogo!

A mulher nem se mexeu; Jondrette pegou a bilha que estava em cima da lareira e apagou o fogo. Depois, gritou para a filha mais velha:

— Estrague a palha dessa cadeira.

A menina não compreendeu. Ele agarrou a cadeira e, com um pontapé, afundou o assento, enfiando o pé através da palha.

— E está frio lá fora?

— Muito, está até nevando — respondeu a jovem.

O pai voltou-se para a filha mais nova, que estava na cama, e gritou:

— Saia da cama, sua imprestável! Ande, quebre um vidro já!

A criança, tremendo de medo ou de frio, não se mexeu.

— Quebre um vidro! — repetiu o homem.

A criança, movida por uma espécie de obediência inspirada pelo medo, levantou-se na ponta dos pés e deu um soco na vidraça. O vidro se quebrou, caindo ruidosamente.

A mãe, que ainda não havia pronunciado palavra alguma, levantou-se e perguntou com voz lenta e abafada, com palavras que pareciam sair geladas de seus lábios:

— Marido, você quer fazer o que mais?

— Vá para a cama.

A filha menor, sem sair da sombra em que se refugiara, mostrou o pulso ensanguentado. Ao quebrar o vidro, tinha-se machucado; foi então até a cama em que estava a mãe e pôs-se a chorar silenciosamente. Dessa vez, foi a mulher que se levantou e gritou:

— Viu o que fez a sua besteira? A coitadinha se cortou quebrando o vidro para você!

— Melhor — disse o marido. — Bem como eu previ.

Depois, rasgando a blusa que vestia, tirou uma tira e enrolou o pulso ensanguentado da menina.

O vento gelado entrava pela vidraça quebrada. E, através dela, era possível ver a neve que caía lá fora. O homem olhou em volta, para ver se não tinha se esquecido de nada.

Depois, encostou-se à chaminé da lareira, comentando:

— Agora, podemos receber o filantropo.

Um raio de luz nas trevas

— Veja como estou com frio — e a filha mais velha colocou a mão sobre a do pai.

— Ora, eu tenho mais frio que você.

— Você sempre tem mais que os outros, até a ruindade! — gritou a mãe.

— Cale a boca! — respondeu o homem.

Por um momento, fez-se silêncio no quarto; depois a filha menor continuou a soluçar. A mãe entre as mãos tomou-lhe a cabeça e a cobriu de beijos.

— Pare de chorar, meu amor, senão seu pai vai se zangar.

— Não, ao contrário, soluce mais que é bem melhor — gritou o pai.

Em seguida, se voltou-se para a filha mais velha:

— E o velho que não vem! Rasguei a camisa, estraguei a cadeira, a troco de nada! Deve estar se fazendo de difícil, não querendo se apressar porque sabe que estamos esperando por ele... Ah, como eu odeio esses ricos! Julgam-se superiores a nós, e eu não quero pão, seus carolas! Eu quero é dinheiro! Ah! dinheiro? Nunca! Porque dizem que vamos beber, que somos bêbados, vagabundos! E eles! Que são eles? Ladrões! Se não, não teriam enriquecido! Será que ele vem mesmo? O animal talvez se tenha esquecido do endereço! Aposto que esse velho animal...

Nesse instante, ouviu-se uma ligeira batida na porta. O homem correu e a abriu, exclamando com saudações profundas e sorrisos de adoração:

— Entre, meu senhor! Digne-se entrar, meu venerando benfeitor, assim como a encantadora senhorita.

Um homem idoso e uma jovem apareceram na porta. Marius continuava observando. O que sentiu naquele momento não pode ser descrito por palavras.

Era *ela*.

Marius mal a distinguia por entre o vapor luminoso que se formara diante de seus olhos. Era essa mesma doce criatura que ele há tanto tempo não via, que reaparecia agora no meio daquelas trevas, no meio daquele horror!

Era a mesma, apenas um pouco mais pálida; o busto se escondia sob uma capa de cetim preto. Entreviam-se, sob a roda do vestido, os pés minúsculos, calçados em sapatinhos de seda.

E, como sempre, estava acompanhada pelo senhor Leblanc. Dera alguns passos no quarto e depositara um grande pacote em cima da mesa.

A Jondrette mais velha havia se escondido atrás da porta e olhava com tristeza o chapéu de veludo, a capinha de seda e aquele rosto encantador e feliz.

Jondrette quase chora

O senhor Leblanc aproximou-se com olhar bondoso e triste, dizendo a Jondrette:

— Naquele pacote, o senhor encontrará roupas novas, meias e cobertores de lã.

Depois, aproximando-se da filha mais velha, enquanto os dois visitantes examinavam toda a miséria daquele quarto, disse em voz baixa:

— O que foi que eu disse? Trapos e nada de dinheiro... São todos iguais... E como foi que assinei a carta desse velho palerma?

— Fabantou, o artista!

Nesse instante, o senhor Leblanc se voltou para Jondrette, dizendo:

— Vejo que é digno de toda compaixão, senhor...

— Fabantou.

— Sim, estou lembrado...

— A fortuna já sorriu para mim. Infelizmente, agora é a vez da desgraça. Veja, meu benfeitor, nem pão, nem fogo. Minhas pobres crianças não têm fogo para se aquecer! A única cadeira que temos está imprestável! A vidraça quebrada, com um tempo destes! Minha esposa na cama, doente!

— Pobre mulher! — disse o senhor Leblanc.

— Minha filhinha machucada! — acrescentou Jondrette.

A pequena, distraída com a chegada de duas pessoas desconhecidas para ela, ficou admirando a moça e se esquecera de chorar.

— Vai chorar ou não? — disse Jondrette em voz baixa, dando um beliscão na mão machucada da menina, que recomeçou a chorar..

A jovem a quem Marius chamava de Úrsula aproximou-se da garota.

— Coitadinha da criança!

— Veja como ela está com a mão cheia de sangue — prosseguiu o pai. — Ela machucou a mão numa roda onde trabalhava para ganhar seis soldos por dia... Talvez seja preciso amputar o braço!

A pobrezinha levou a coisa a sério e desatou a chorar ainda mais alto.

Jondrette estava contemplando o velho de um modo estranho. Ao mesmo tempo que falava, parecia observá-lo com atenção, como se tentasse reunir as suas reminiscências. De repente, aproveitando a ocasião em que os recém-chegados faziam algumas perguntas à menina a respeito do ferimento, ele se aproximou da mulher deitada na cama:

— Olhe bem para este homem!

Depois, voltando-se para o senhor Leblanc, continuou a lamentação:

— Meu senhor, não temos um vintém em toda a casa! Minha mulher doente, e não tenho um vintém! Minha filha perigosamente ferida, e nem um vintém! Minha esposa sente falta de ar. É a idade, e também o sistema nervoso. Precisa de um tratamento, ela e a menina! Mas, e o médico? E o farmacêutico? Como pagar? Sabe, gentil senhorita, e o senhor, meu generoso benfeitor, os senhores que respiram virtude e bondade e perfumam

essa igreja aonde minha pobre filha vai rezar, todos os dias, eu educo as minhas filhas na religião. Estou sempre falando sobre a honra, a moral, a virtude! Pergunte a elas! É preciso que andem direito. Afinal, elas têm um pai! Não são dessas infelizes que começam por não ter família e acabam esposando o público.

Começam como senhorita Fulana e acabam sendo senhora Todo-Mundo. Nunca! E, meu senhor, sabe o que vai acontecer amanhã? Amanhã é o dia 4 de fevereiro, o dia fatal, o último prazo que a senhoria me concedeu; se eu não pagar esta noite, amanhã minha filha mais velha, eu, minha esposa com febre e a caçula com a mão naquele estado, todos seremos expulsos daqui e jogados lá na rua, sem abrigo, debaixo da neve e da chuva. Aí está: devo um ano! Sessenta francos!

Jondrette mentia. Quatro trimestres não lhe custavam quarenta francos, e ele não poderia dever quatro, desde que Marius tinha pago dois.

O senhor Leblanc tirou cinco francos do bolso e os colocou em cima da mesa. Jondrette teve tempo de cochichar à filha mais velha:

— Miserável! Que quer que eu faça com cinco francos? Não dá nem para pagar a cadeira e a vidraça.

No entanto, o senhor Leblanc havia tirado o sobretudo cinza que vestira por cima da casaca azul, deixando-o no encosto da cadeira.

— Senhor Fabantou, agora não tenho mais que cinco francos, mas vou levar minha filha para casa e voltarei às seis horas com os sessenta francos.

— Meu benfeitor! — e acrescentou em voz baixa: — Mulher, repare bem nele!

O senhor Leblanc tomara a filha pelo braço e já se dirigia para a porta, mas a filha mais velha de Jondrette notou que ele esquecera o sobretudo cinza e o alertou.

— Não me esqueci, não; deixei-o de propósito.

Tarifa dos cabriolets: dois francos a hora

Marius não perdera nada de toda a cena. Enquanto a jovem que ele conhecia como Úrsula abria o embrulho e desdobrava as roupas e os cobertores, conversando com a mulher enferma e a menina machucada, ele seguia todos os movimentos, esforçando-se por ouvir sua voz.

Não conseguia acreditar que fosse realmente aquela criatura divina a que via em meio a seres tão imundos, naquele chiqueiro monstruoso. Parecia um colibri no meio de sapos.

Quando ela saiu, Marius decidiu que deveria segui-la para saber onde estava morando, sem perdê-la de vista, depois de reencontrá-la de modo tão milagroso!

Mas quando estava para sair, um pensamento o fez parar. E se o senhor Leblanc o visse de novo, e achasse um modo de desaparecer novamente? Tudo estaria acabado. Esperar um pouco? Mas a carruagem deles poderia partir... Marius arriscou-se e saiu do quarto.

Não havia mais ninguém no corredor. Correu até a escada. Também ali não havia ninguém. Desceu apressadamente e chegou à rua a tempo de ver um fiacre virando na esquina. Marius correu nessa direção. Chegando à esquina, tornou a ver o fiacre muito longe, e não havia meios de o alcançar. Correr atrás?

Nesse momento, Marius percebeu um cabriolé de aluguel que passava vazio. Fez um sinal ao cocheiro;

— Quanto a hora?

Marius estava sem gravata, vestido com uma velha casaca de trabalho à qual faltavam alguns botões; a camisa estava rasgada numa das dobras do peitilho. O cocheiro parou, piscou um olho e estendeu para Marius a mão esquerda:

— Só pagando adiantado, são quarenta soldos — respondeu o cocheiro.

Marius então se lembrou de que tinha consigo apenas dezesseis soldos.

— Pago quando voltar.

O cocheiro, como resposta, fustigou o cavalo.

Marius, sem saber o que fazer, viu o cabriolé afastar-se. Por não ter vinte e quatro soldos perdera a felicidade, a alegria, o amor! Caiu de novo nas trevas! Desesperado, voltou para o quarto.

No momento em que ia subir a escada, viu, do outro lado da rua, Jondrette vestido com o sobretudo do “filantropo”, conversando com um desses homens de aspecto inquietante, com ar de quem tem maus pensamentos, sempre dispostos a dormir durante o dia, o que nos faz supor que trabalham durante a noite.

Marius não pôde deixar de pensar que o vagabundo com quem Jondrette conversava se assemelhava a certo Panchaud, um célebre membro da quadrilha dos Patron-Minette, conhecido naquelas redondezas como um sujeito bastante perigoso.

Nessa época a polícia já o vigiava, mas ele ainda era um simples gatuno.

A miséria se oferece para ajudar a dor

Marius subiu lentamente a escada; no instante em que ia entrar no quarto, percebeu a Jondrette mais velha, que o seguia. Sentiu ódio ao vê-la; era ela que estava com seus cinco francos que muito o ajudariam, mas já era muito tarde para pedi-los de volta; o cabriolé não estava mais lá e o fiacre já ia muito longe.

Marius entrou no quarto e bateu a porta.

A porta não se fechou; voltou-se e viu uma mão que a mantinha entreaberta. Era a jovem Jondrette.

— Sempre você! — ralhou Marius. — O que quer?

A jovem levantou para ele os olhos tristonhos, nos quais uma espécie de claridade parecia brilhar vagamente, e lhe disse:

— Senhor Marius, o senhor parece estar triste. Que tem?

— Não tenho nada.

— Tem sim.

— Deixe-me em paz, já disse que não tenho nada!

Marius empurrou a porta, mas a jovem não saiu do lugar.

— O senhor não é rico, mas foi bom nesta manhã, o senhor me deu com que matar a fome, então me diga o que sente. O que eu posso fazer para ajudá-lo? Posso servir para alguma coisa? Estou às ordens. Não quero conhecer seus segredos, nem é preciso que me diga, mas afinal posso ser útil para alguma coisa. Quando é preciso levar cartas, pedir de porta em porta, descobrir um endereço, seguir alguém, para isso eu sirvo. Disponha de mim.

Uma ideia ocorreu a Marius. Quando se está prestes a cair, quem despreza o ramo onde se segurar? Aproximou-se da jovem Jondrette.

— Ouça, você trouxe até aqui aquele senhor e sua filha! Você sabe onde eles moram?

— Não.

— Então, procure saber para mim.

— Já sei! — replicou ela com vivacidade. — O senhor não a conhece ainda, mas quer conhecê-la.

— Enfim, você é capaz de descobrir o endereço deles?

Ela o olhou fixamente.

— E o que o senhor me dará?

— Tudo o que quiser!

— Tudo?

— Tudo.

— Pois então vá saber onde moram.

Com um movimento rápido, ela bateu a porta e Marius se viu só de novo. Tudo o que se passara desde a manhã, o aparecimento do anjo, seu desaparecimento, o que aquela criatura acabava de lhe dizer, um raiozinho de esperança pairando em meio a seu enorme desespero, eis o que o preocupava confusamente.

De repente, ouviu a voz áspera de Jondrette no quarto ao lado.

— Estou dizendo que eu o reconheci!

Como? Ele reconhecera quem? O senhor Leblanc? O pai da “sua Úrsula”? Jondrette o conhecia?

Marius pulou em cima da cômoda, e retomou seu posto de observação.

O uso da moeda de cinco francos do senhor Leblanc

A mulher e as meninas haviam vestido as roupas e meias de lã que encontraram no

pacote. Dois cobertores novos tinham sido estendidos por cima das duas camas.

Jondrette caminhava pela sala a passos largos, com os olhos expressivos.

— O quê! Você tem mesmo certeza absoluta? — exclamou a mulher.

— Absoluta! Já se passaram oito anos, mas eu o reconheci muito bem! À primeira vista! É o mesmo porte, o mesmo olhar, apenas mais velho. Está mais elegante, é só! Ah, velho misterioso do diabo, desta vez eu te pego!

Jondrette parou de falar e mandou as duas meninas saírem. Era evidente que o homem era daqueles a quem não se responde.

No momento em que ambas iam atravessar a soleira da porta, o pai agarrou a mais velha pelo braço e disse a ambas com uma expressão estranha:

— Estejam aqui precisamente às cinco horas. Vou precisar de vocês duas.

Marius redobrou a atenção. Jondrette continuava andando pela sala, até que, de repente, voltou-se para a mulher e disse:

— Sabe o que mais? A senhorita...

— O que tem a senhorita? — retrucou a mulher.

Marius não tinha dúvidas, estavam mesmo falando da “sua Úrsula”. Mas Jondrette se inclinara, falando em voz baixa à mulher. Depois, levantou-se e terminou em voz alta.

— É ela!

— Impossível! — Bastaram-lhe algumas palavras, sem dúvida um nome, segredado ao ouvido pelo marido, para que aquela mulherona desanimada despertasse e, de repente, se tornasse medonha. — Quando penso que minhas filhas andam descalças e não têm o que vestir! Capa de cetim, sapatos de seda, chapéu de veludo, e tudo o mais! Mais de duzentos francos de roupas! Parecia até uma grande dama! Não, você está enganado! A outra era feia como um bode, e esta não é de todo má... Não pode ser a mesma!

— Pois eu digo que é e você vai ver.

— O quê? — Nesse momento, pareceu a Marius que a senhora Jondrette era ainda mais temível que o marido. Uma porca com olhos de tigresa. — Então aquela gentil senhorita que olhava minhas filhas com ares de piedade era aquela imprestável! Oh!, se eu pudesse arrebentar-lhe o ventre a pontapé!

O homem ia e vinha sem dar-lhe atenção. Após alguns momentos de silêncio, aproximou-se dela, parou em sua frente e disse:

— E quer saber ainda mais? Minha fortuna está feita.

A mulher o olhou como se estivesse ficando louco.

— Chega de miséria! Quero comer quando tiver fome, quero beber quando tiver sede! Dormir! Não fazer nada! Quero ter a minha vez, antes de esticar as canelas! Quero ser um pouco milionário!

— Mas o que você quer dizer com isso?

— Já está feito. Tudo está arranjado. Falei até com algumas pessoas. Ele virá esta noite às seis horas trazer-me os sessenta francos, o canalha! Viu como inventei toda aquela história? É a hora em que o nosso vizinho vai jantar. A porteira Bougon vai não sei aonde lavar a louça. Não fica mais ninguém na casa. O vizinho nunca volta antes das onze. As meninas ficarão de vigia. Você me ajudará, e ele terá de se explicar.

Jondrette abriu um armário que estava ao lado da lareira, tirou dali um velho boné e o

pôs à cabeça.

— Agora vou sair. Preciso ver ainda algumas pessoas. Você vai ver como tudo sairá às mil maravilhas. O negócio é bom demais.

E, com as mãos enfiadas nos bolsos, exclamou:

— Até foi bom ele não me reconhecer, senão ele não voltaria. Foi a minha barba romântica que me salvou!

E começou a rir. Foi até a janela. A neve continuava a cair, riscando o céu pardacento.

— Que diabo de tempo! O casaco é muito grande. Não faz mal, sem isto eu não poderia sair e tudo iria por água abaixo. Ah, antes que me esqueça, compre um pouco de carvão para acender o fogareiro, mas não gaste tudo, também preciso comprar uma coisa.

E jogou no avental da mulher a moeda de cinco francos que o filantropo lhe havia dado. Jondrette saiu e dessa vez Marius pôde ouvir-lhe os passos afastando-se pelo corredor, descendo rapidamente a escada.

*Solus cum solo, in loco remoto, non cogitabuntur orare
pater noster*

Marius, por mais sonhador que fosse, era de natureza firme e enérgica. Seu olhar acabava de penetrar numa cova de serpentes, num ninho de monstros.

— Devo esmagar esses miseráveis! — disse a si mesmo.

Não sabia nada de novo acerca da bela jovem do Luxembourg e do homem a quem chamava de senhor Leblanc, senão que Jondrette o conhecia. Através das palavras tenebrosas que ouvira, alguma armadilha se preparava. Não sabia do que se tratava, mas tinha certeza de que era algo terrível e que ambos corriam grande perigo, ela provavelmente, ele com toda a certeza. Por isso, era preciso salvá-los, destruir as hediondas combinações dos Jondrette e romper a teia daquelas aranhas.

Mas, como avisar as pessoas sobre o perigo? Onde encontrá-las? E se ele esperasse o senhor Leblanc na porta, alertando-o sobre a armadilha? Mas Jondrette e seus amigos estariam à espreita e o veriam, e quem Marius queria salvar estaria perdido.

Só havia uma coisa a fazer.

Marius saiu cautelosamente, para que a mulher não escutasse seu andar, passou a caminhar preocupado, a neve abafando o ruído de seus passos. De repente, ao passar por um muro baixo, ouviu vozes bem perto.

Teve a ideia de olhar por cima do muro. Ali estavam dois homens encostados, sentados na neve, conversando em voz baixa. Eram ambos desconhecidos; um tinha barba comprida, usava blusão; o outro tinha uma cabeleira enorme e vestia-se de trapos. Marius pôde ouvir o que diziam.

O cabeludo acotovelava o outro e dizia:

— Com Patron-Minette não pode falhar. Cada um receberá quinhentos e o pior que pode acontecer é cinco anos, seis anos, dez anos, no máximo.

O outro respondeu algo hesitante, coçando a cabeça.

— Bom, a coisa é mesmo boa. Não se pode negar.

— O negócio não falha — replicou o da cabeleira. — A turma do não-sei-quem estará à espera.

Parecia a Marius que as palavras daqueles homens, tão estranhamente escondidos por trás daquele muro e acorados na neve, talvez tivessem alguma ligação com os projetos de Jondrette.

Dirigiu-se para o subúrbio de Saint-Marceau e perguntou, na primeira loja que encontrou, onde poderia falar com um comissário de polícia. Indicaram-lhe a rua Pontoise, número 14. Marius foi até lá.

Enquanto caminhava, fez justiça à Providência. Concluiu que, se não tivesse dado seus cinco francos à jovem Jondrette, teria seguido o fiacre do senhor Leblanc e, portanto, nada saberia das tramas de Jondrette, e, não podendo desfazer aquela cilada, o senhor Leblanc e sua filha estariam perdidos.

Um agente de policia dá duas pistolas a um advogado

Chegando ao número 14 da rua Pontoise, subiu até o primeiro andar e perguntou pelo comissário de polícia.

O escrevente conduziu-o ao escritório do comissário. Ele não estava, mas havia na sala um homem alto de pé, por trás de uma grade, levantando com as duas mãos a tríplice gola de um grande sobretudo. Tinha um rosto quadrado, boca pequena e firme, um olhar capaz de esvaziar bolsos. Aquele olhar não penetrava, mas revistava. O homem não tinha aspecto menos feroz nem menos temível que Jondrette.

— O que deseja?

— Trata-se de um assunto urgente.

— Então, fale depressa.

Aquele homem, arrebatado e sereno, era ao mesmo tempo medonho e tranquilizador. Inspirava medo e confiança.

Marius relatou-lhe a sua aventura.

Que uma pessoa que ele só conhecia de vista deveria naquela mesma noite cair numa cilada. Que, morando num quarto vizinho, ele ouvira tudo através de uma abertura. Que o celerado que imaginara a armadilha era um tal de Jondrette; que este teria cúmplices, provavelmente malandros, entre outros um tal Panchaud. Que as filhas de Jondrette serviriam de sentinela; que não havia modo de prevenir o homem em questão, pois Marius não sabia sequer o seu nome. Que, enfim, tudo estava preparado para as seis horas daquele

dia, no ponto mais deserto do boulevard do Hospital, na casa número 50-52.

Ao ouvir esse número, o inspetor levantou a cabeça e disse friamente:

— Então, é no quarto no fim do corredor.

— Precisamente. O senhor já conhece essa casa?

O inspetor ficou calado por alguns instantes, depois respondeu:

— Aparentemente. Deve haver alguma coisa de Patron-Minette nisso tudo.

Essas palavras impressionaram a Marius.

— Patron-Minette! Eu ouvi falar nesse nome.

E contou ao inspetor de polícia o diálogo que ouvira entre o homem de barba e o de cabeleira, sentados na neve por trás do muro.

O inspetor resmungou:

— O de cabeleira deve ser Brujon e o de barba deve ser Demi-Liard, ambos da quadrilha. E acho que sei quem é o tal “não-sei-quem”...

Em seguida, olhou para Marius.

— Não viu ninguém mais, além do tal barbudo e do cabeleira?

— Eu vi Panchaud.

— Não viu mais ninguém por lá, um demônio, ou um elefante, um diabinho, nada?

— Não... Mas que gente é essa de que o senhor está falando? — perguntou Marius.

O inspetor respondeu:

— Além do mais, não é a hora deles ainda.

E voltou a seu silêncio. Depois continuou:

— Está com medo desses homens? O senhor fala como homem destemido e honesto.

A coragem não teme o crime e a honestidade não teme a autoridade.

Marius interrompeu:

— Está bem; mas o que pretende fazer?

O inspetor limitou-se a responder:

— Os locatários daquela casa devem ter uma chave para poderem entrar à noite.

Portanto, o senhor deve ter a sua.

— Tenho.

— Então, me dê.

Marius entregou a chave e comentou:

— Acho que o senhor devia levar reforços...

O inspetor olhou a Marius como Voltaire olharia para um acadêmico de província e entregou a ele duas pequenas pistolas, dizendo:

— Tome isto, volte para casa e esconda-se no quarto, para que pensem que você está fora. Observe o movimento, e lembre-se que estas armas têm duas balas cada uma. Quando as pessoas chegarem, deixe-as à vontade e quando achar que a coisa deve ser interrompida, dê um tiro para o ar. Cuidado para não atirar cedo demais. Espere que a coisa comece. Como é advogado, deve saber o que isso significa. Depois, deixe tudo comigo.

Marius pegou as armas. Quando já punha a mão na maçaneta da porta para sair, o inspetor gritou:

— A propósito, se precisar de mim até lá, venha aqui ou mande alguém no seu lugar.

É só procurar pelo inspetor Javert.

Jondrette faz as compras

Alguns minutos depois, Courfeyrac passava pela rua com Bossuet, outro dos amigos da confraria, quando viram Marius subindo pela alameda com um ar esquisito. Bossuet quis falar com ele, mas Courfeyrac lembrou ao amigo que Marius estaria ocupado, seguindo alguma moça por estar apaixonado.

— Mas o caso — observou Bossuet — é que não vejo nenhuma mulher por aqui.

Courfeyrac olhou e exclamou:

— Ele está seguindo um homem!

De fato, um homem de boné caminhava uns vinte passos na frente de Marius; embora o vissem de costas, puderam perceber que sua barba era grisalha. Estava com uma sobrecasaca muito grande para ele, e usava calças rasgadas e sujas de lama.

Bossuet deu uma gargalhada.

— Ora essa, quem será esse homem?

— Deve ser um poeta — respondeu Courfeyrac. — Os poetas gostam de andar assim, mal-ajambrados.

E foram embora.

Marius tinha visto Jondrette e decidira descobrir para onde ia o homem. Jondrette entrou numa das mais sujas baiucas da área e se demorou lá um quarto de hora. Depois, foi até uma loja de ferragens e saiu de lá trazendo um grande formão com cabo de madeira, que escondeu debaixo da sobrecasaca.

Quando Jondrette entrou pela rua onde havia o muro baixo, Marius deixou de segui-lo. E fez bem, porque, chegando perto do muro onde ouvira o diálogo do homem barbudo com o de cabelos compridos, Jondrette voltou-se, certificou-se de que ninguém o seguia ou espionava, pulou o muro e desapareceu.

Marius achou melhor aproveitar a ausência de Jondrette para voltar a seu quarto sem ser visto. Todas as tardes, *Mame* Bougon, antes de sair para lavar louça na cidade, tinha o costume de trancar a porta da rua, que sempre ficava fechada àquela hora. Marius entregara a chave ao inspetor de polícia, portanto, precisava apressar-se.

Chegando em casa, subiu as escadas rapidamente. Ao passar na frente da porta aberta de um dos quartos de aluguel, vazios naquela época, pensou ter visto quatro cabeças de homens, vagamente iluminadas por um resto de luz que penetrava por uma fresta.

Tinha anoitecido completamente. Temendo ser visto, Marius chegou a seu quarto e se fechou lá dentro.

Ouve-se novamente a canção inglesa muito em moda em 1832

Marius sentou-se na cama. Somente meia hora o separava do que estava por acontecer. Ouvia bater as artérias como se fossem um relógio na escuridão. Pensava na dupla marcha que, naquele momento, se efetuava nas trevas; o crime avançando por um lado, a justiça por outro.

Havia luz no quarto dos Jondrette, mas o silêncio era sepulcral, e não se notava nenhum movimento, ninguém falava, não se sentia o mínimo sopro. Marius ouviu passos pesados no corredor e a porta do aposento vizinho abrir-se ruidosamente. Era Jondrette que voltava.

— E então? — perguntou a mãe.

— Tudo resolvido, e ainda bem que você se arrumou. Precisa inspirar confiança.

— Estou pronta para sair.

— Você não vai se esquecer de nada do que lhe disse? Vai fazer tudo direitinho?

— Fique tranquilo.

Marius ouviu o colocar um objeto pesado sobre a mesa, provavelmente o formão que havia comprado. E Jondrette acrescentou, em voz baixa:

— A ratoeira está armada e os gatos prontos a saltar!

Abaixou mais ainda a voz e disse:

— Ponha isto no fogo.

Marius ouviu remexerem o carvão com uma tenaz ou um pedaço de ferro, e Jondrette prosseguiu:

— Colocou óleo nas dobradiças para não rangerem?

— Sim.

— Está na hora de as meninas ficarem de vigia. Venham aqui e ouçam.

Cochicharam alguma coisa e Jondrette tornou a levantar a voz:

— A velha já saiu? E não tem ninguém aí no vizinho?

— Ela já saiu — respondeu a mãe — e ele não voltou durante o dia. Agora deve ter ido jantar.

— Não custa averiguar — voltando-se para a filha mais velha, Jondrette ordenou: — Você, pegue a vela e vá até lá.

Marius desceu silenciosamente e escondeu-se debaixo da cama. No mesmo instante, viu uma luz através das fendas da porta.

— Pai, ele saiu — era a voz da menina mais velha.

— Você entrou?

— Não, mas a chave está na porta; quer dizer que ele saiu!

— Não importa, entre assim mesmo.

A porta se abriu, e Marius viu a jovem Jondrette com uma vela na mão. Ela foi direto

ao espelho, ergueu-se na ponta dos pés e mirou-se, alisando o cabelo e sorrindo para o reflexo. No quarto vizinho, ouvia-se um ruído de ferros remexidos.

Marius tremia enquanto a jovem se olhava no espelho e cantava uma antiga canção com voz rouca e sepulcral.

A jovem estava fazendo poses diante do espelho, alisando o cabelo com as mãos e se olhando de frente e de lado.

— Então! — gritou o pai. — O que está fazendo aí?

— Estou olhando debaixo da cama — respondeu ela, ainda arrumando os cabelos. — Não tem ninguém aqui.

— Então volte aqui, nada de perder tempo.

Ela saiu, fechando a porta, e logo em seguida Marius ouviu os passos das duas meninas no corredor e a voz de Jondrette:

— Prestem bem atenção! Uma fica deste lado, outra na esquina. Não percam de vista nem por um minuto a porta da casa e, logo que notarem algo de anormal, corram imediatamente para cá!

A mais velha resmungou:

— Ficar de sentinela com os pés descalços, na neve!

— Amanhã vocês terão sapatinhos de seda cor de escaravelho!

Na casa agora só estavam Marius, os Jondrette e aqueles homens que Marius vira num dos quartos vazios.

Como a moeda de cinco francos de Marius foi usada

Marius voltou ao posto de observação.

O interior do aposento dos Jondrette tinha uma vela acesa num castiçal e também um grande fogareiro colocado sob a chaminé da lareira, e seu clarão ajudava a iluminar o formão que o homem comprara mais cedo. Viam-se ainda dois volumes perto da porta, um que parecia um monte de ferros e o outro, um enorme molho de cordas. Tudo fazia vislumbrar uma ideia sinistra. O ar que penetrava pelo vidro quebrado contribuía para dissipar o cheiro do carvão e dissimular a presença do fogareiro. Esse covil de Jondrette parecia ter sido escolhido para servir de palco a um evento violento, porque era o quarto mais retirado da casa mais isolada no bairro mais deserto de Paris. Se as ciladas não existissem, seriam inventadas ali.

Jondrette acendera o cachimbo, sentara-se na cadeira quebrada e fumava. De repente, falou:

— Com esse tempo, ele virá de fiacre. Acenda a lanterna e desça com ela. Fique atrás da porta. No momento em que ouvir a carruagem parar, abra depressa, ele sobe, você ilumina a escada e o corredor e, enquanto ele entra aqui, você volta correndo, paga ao

cocheiro e o manda embora.

— E o dinheiro? — perguntou a mulher.

Jondrette vasculhou os bolsos e lhe deu cinco francos.

— É o dinheiro que o vizinho nos deu de manhã. E sabe de uma coisa? Precisamos de duas cadeiras. Vá buscar no vizinho.

Marius mal teve tempo para descer da cômoda, ir até a cama e esconder-se. A mulher entrou, não viu Marius, pegou as duas cadeiras, as únicas que Marius possuía, e saiu, batendo ruidosamente a porta.

A mulher desceu com a lanterna e Jondrette ficou só.

Arrumou as cadeiras nos dois lados da mesa, pôs diante da lareira um velho biombo para esconder o fogareiro; depois foi até o canto onde estava o rolo de cordas e abaixou-se como se para examinar alguma coisa. Marius pôde ver, então, que se tratava de uma escada de cordas, com degraus de madeira e ganchos nas extremidades. Essa escada e alguns outros objetos, verdadeiras maçãs de ferro, misturados ao monte de metal que estava por trás da porta, tinham sido trazidos para ali evidentemente à tarde.

— São ferramentas de serralheiro — pensou Marius.

Se Marius fosse um pouco mais entendido no assunto, teria reconhecido que o que ele achava serem ferramentas de serralheiro eram instrumentos próprios para forçar uma fechadura ou uma porta, e outros capazes de cortar e talhar, duas famílias de objetos sinistros que os ladrões costumam usar.

Jondrette deixara que o cachimbo se apagasse, grave sinal de preocupação, e voltara a sentar-se. Ele enrugava as sobrancelhas e, repentinamente, puxou depressa a gaveta da mesa, pegou uma faca de cozinha que ali se achava escondida e experimentou o corte na própria unha. Feito isso, tornou a colocar a faca na gaveta e fechou-a.

Marius, por seu lado, pegou a pistola que estava no bolso direito e a deixou armada. Ao engatilhá-la, ouviu-se um leve ruído claro e seco. Jondrette assustou-se e levantou-se da cadeira:

— Quem está aí? — gritou.

Marius prendeu a respiração, Jondrette prestou mais atenção e depois começou a rir, dizendo:

— Que estúpido! Foi o tapume que estalou.

Marius manteve a arma engatilhada na mão.

As duas cadeiras de Marius frente a frente

Então, a vibração longínqua e triste de um sino sacudiu a vidraça. Eram seis horas. Na sexta badalada, Jondrette apagou a vela com os dedos.

A porta se abriu e a velha Jondrette fez entrar o senhor Leblanc, que depositou na

mesa os quatro luíses, dizendo:

— Senhor Fabantou — disse ele —, aqui tem para o aluguel e as primeiras necessidades. Depois, veremos.

— Deus o recompense, meu generoso benfeitor! — disse Jondrette. — Sente-se, por favor.

A neve, que desde a manhã não havia parado de cair, estava tão espessa que não se ouviu o fiacre chegar, como ninguém o ouviu quando se foi.

O senhor Leblanc sentara-se. Jondrette tomara posse da outra cadeira em frente do senhor Leblanc.

Jondrette estava iluminado por uma vela, e, naquele covil, estavam dois homens sentados junto a uma mesa, o senhor Leblanc, tranquilo, Jondrette, sorridente e terrível, sua mulher, a loba, a um canto, e, por trás do tapume, Marius, invisível, de pé, atento a cada palavra, ao mínimo movimento, olhando por uma fresta, com a arma em punho.

Marius sentia a polícia emboscada nas imediações, esperando o sinal convencional, pronta a estender o braço.

Preocupação com os cantos escuros

O senhor Leblanc olhou para os catres vazios.

— Como vai a pequena?

— Mal — respondeu Jondrette. — A irmã mais velha foi com ela ao hospital, e logo estarão aqui.

— A senhora Fabantou me parece bem melhor, porém...

A mulher estava de pé diante da porta, como se para impedi-lo de sair.

— Oh, ela está moribunda — disse Jondrette —, mas é corajosa. Ela não é uma mulher, é um boi.

A mulher, comovida com o cumprimento, retorquiu com trejeitos de monstro lisonjeado:

— Você sempre tão bom para mim, Jondrette.

— Jondrette? — exclamou o senhor Leblanc. — Não me disse que se chamava Fabantou?

— Fabantou, vulgo Jondrette! — retrucou imediatamente o marido. — Apelido de artista!

E, dirigindo à mulher um olhar furioso que o senhor Leblanc não percebeu, prosseguiu com uma inflexão de voz enfática e acariciante:

— Ah! meu senhor, é que nós sempre vivemos em paz, essa pobre mulher e eu! O que nos restaria se não tivéssemos nem isso? Somos tão infelizes, meu senhor! Temos braços, mas não temos trabalho! Temos coração, mas não temos o que fazer!

Enquanto Jondrette falava, Marius levantou os olhos e percebeu no fundo do quarto um homem que acabava de entrar, tão sorrivelmente que não se ouvira nem o ruído da porta ao se abrir. Sentara-se na cama mais próxima, com o rosto preto de fuligem ou tinta e, como estava atrás da velha Jondrette, mal podia ser visto.

Essa espécie de instinto magnético que adverte o olhar fez com que o senhor Leblanc se voltasse quase ao mesmo tempo que Marius. Ele não pôde deixar de fazer um movimento de surpresa que não passou despercebido a Jondrette:

— Quem é aquele homem? — perguntou o senhor Leblanc.

— Aquele? É um vizinho. Não ligue para ele.

Jondrette apoiou-se na mesa contemplando o senhor Leblanc com olhos fixos e ternos, muito semelhantes aos olhos da jiboia.

— Senhor Leblanc, eu tenho um quadro para vender.

Ouviu-se um ligeiro ruído à porta. Acabava de entrar o segundo homem, que sentou na cama atrás da mulher de Jondrette. Como o primeiro, tinha os braços nus e uma máscara de tinta ou de fuligem. Não pôde deixar de ser visto.

— Não faça caso, são inquilinos da casa. Então, como ia dizendo, tenho um quadro precioso... Olhe, senhor, veja!

Levantou-se, foi até a parede, ao pé da qual estava encostada a almofada de porta, e virou-a, deixando-a ainda apoiada à parede. Era algo semelhante a um quadro, muito mal iluminado pela luz da vela. Marius nada podia distinguir, pois Jondrette estava entre ele e o quadro.

— O que é isso? — perguntou o senhor Leblanc.

Jondrette exclamou:

— Uma pintura de mestre, um quadro de valor inestimável, meu senhor! Quero-o tanto como às minhas duas filhas, mas, como já disse, estou em má situação e não há outro jeito senão desfazer-me dele.

Talvez porque já estivesse começando a ficar inquieto, enquanto examinava o quadro, o olhar do senhor Leblanc foi para o fundo do quarto. Estavam agora ali quatro homens, três sentados na cama, um de pé, encostado no batente da porta, todos de braços nus, imóveis, com o rosto pintado de preto. Um dos que estavam sentados apoiava-se à parede, de olhos fechados, como se estivesse dormindo. Era um velho; os cabelos brancos caídos sobre o rosto negro eram horríveis. Os outros dois pareciam jovens. Um usava barba e o outro tinha os cabelos compridos.

Jondrette notou que o senhor Leblanc não perdia esses homens de vista.

— Não ligue para meus vizinhos, senhor. Mas compre meu quadro, não vou pedir muito. Quanto acha que vale?

— Mas isso é uma tabuleta de taverna, não deve valer mais do que três francos...

Jondrette respondeu com doçura:

— O senhor trouxe sua carteira? Ficarei feliz com mil escudos...

O senhor Leblanc levantou-se, encostou-se à parede e examinou rapidamente o quarto. Jondrette estava à sua esquerda, perto da janela; à direita estavam a mulher e mais os quatro homens perto da porta. Jondrette recomeçou a falar em tom de lamentação:

— Se o senhor não comprar o meu quadro, meu benfeitor — disse Jondrette —,

estarei sem recursos, e só me restará me atirar no rio... Quando penso que mandei minhas duas filhas aprender cartonagem, a fazer caixinhas para brindes...Trabalhar doze horas por dia para ganhar quatro soldos por dia! Como quer o senhor que a gente viva assim?

Enquanto falava, Jondrette não olhava para o senhor Leblanc, seus olhos estavam fixos na porta. De repente, seus olhos apagados se iluminaram de um brilho hediondo. O homenzinho levantou-se e se tornou medonho, deu um passo em direção ao senhor Leblanc e gritou-lhe com voz estrondosa:

— Mas não é nada disso que se trata... Não me reconhece?

A cilada

A porta acabava de se abrir bruscamente, deixando ver três homens vestidos com blusões de zuarte, com o rosto oculto em máscaras de papel preto. O primeiro era magro e carregava um longo cajado com ponta de ferro; o segundo, uma espécie de gigante, segurava pelo cabo uma marreta usada para abater bois; o terceiro, de espáduas largas, menos magro que o primeiro, menos musculoso que o segundo, segurava fortemente uma chave enorme, roubada da porta de alguma prisão.

Era a chegada desses homens que Jondrette esperava. Um diálogo rápido travou-se entre eles.

— Tudo pronto? — disse Jondrette. — Onde está Montparnasse?

— Está conversando com sua filha mais velha. Temos um fiacre lá embaixo, com dois excelentes cavalos.

— Muito bom — disse Jondrette.

O senhor Leblanc olhava para tudo muito pálido. Sua cabeça rodeava a todos, e ele não demonstrava nada que parecesse medo. A mesa era sua trincheira improvisada e ele se transformara numa espécie de atleta, apoiando os punhos robustos no encosto da cadeira, com um aspecto temível e surpreendente.

Três dos homens de braços nus haviam tirado do montão de ferro-velho uma grande tesoura, própria para cortar metais, uma alavanca e uma marreta, colocando-se à entrada da porta sem pronunciarem uma única palavra. O mais velho deles continuou sentado na cama, limitando-se a abrir os olhos. A velha Jondrette sentou-se ao seu lado.

Marius levantou a mão em direção ao teto, prestes a disparar um tiro para a polícia intervir. Jondrette, por sua vez, repetiu a pergunta ao senhor Leblanc, seguida daquela risada baixa e terrível:

— Então, não me reconhece? — e avançou para a mesa, aproximando o queixo anguloso e feroz do rosto calmo do senhor Leblanc. — Eu não me chamo Fabantou, nem Jondrette; meu nome é Thénardier! Sou o estalajadeiro de Montfermeil! Ouviu bem? Thénardier! Agora me reconhece?

Um rubor imperceptível passou pela fronte do senhor Leblanc, e ele respondeu, sem que a voz lhe tremesse, nem se elevasse, com sua placidez habitual:

— Não mais do que antes, senhor.

Marius não ouvira a resposta. Quando ouviu Thénardier, ele sentiu como se o frio de uma espada tivesse lhe atravessado o coração, e sua mão, perto de disparar o tiro de aviso, baixou lentamente.

Então, o salvador de seu pai era um bandido! O homem por quem Marius poderia até morrer era um monstro! O sargento que salvara o coronel Pontmercy preparava-se para cometer um atentado que se assemelhava a um assassinato! E contra quem, grande Deus! Que fatalidade! Que amargo sarcasmo da sorte! Seu pai ordenara que fizesse o possível para ajudar o estalajadeiro e havia quatro anos que Marius não pensava em outra coisa que não pagar a dívida do pai... Que fazer agora? Condenar a vítima e poupar o assassino? Se disparasse a pistola, o senhor Leblanc estaria salvo e Thénardier, perdido; se não, seria o senhor Leblanc o sacrificado!

Parecia ouvir de um lado “Úrsula” suplicando por seu pai, de outro lado, o coronel recomendando Thénardier. Que fazer?

Nesse meio-tempo, Thénardier andava de um lado para outro; de repente, agarrou o castiçal e o colocou em cima da lareira com tal força que a vela quase se apagou, borrifando de sebo a parede.

Em seguida, voltou-se para o senhor Leblanc, terrível, e cuspiu-lhe no rosto o que segue:

— Finalmente encontrei o querido doador de bonecas! Ah! Então não me reconhece! Não! Não foi o senhor que foi até Montfermeil, ao meu albergue, oito anos atrás, na noite de Natal de 1823! Não foi o senhor que levou de minha casa a filha de Fantine, a Cotovia! Não era o senhor que usava um casaco amarelo! Não! Então, não me reconhece? Pois bem, eu o reconheço! E o reconheci logo que meteu o focinho aqui. Ah, enfim vai ver que não é tão fácil assim entrar na casa da gente, sob o pretexto de que é um albergue, com roupas surradas, com tal cara de pobre que tive vontade de dar-lhe uma esmola, dando de presente um sobretudo muito grande e dois cobertores de santa casa, velho espião, ladrão de crianças!

Thénardier parou e por um momento pareceu falar sozinho. Então, deu um soco na mesa e continuou:

— O senhor é a causa de minha desgraça! Comprou, por mil e quinhentos francos, uma menina minha, na certa filha de ricos, que já me rendera bastante dinheiro e que me daria com que viver para o resto da vida! Deve ter-me achado com cara de bobo quando se foi com a Cotovia! No bosque, o senhor estava armado com um cajado, e por isso era o mais forte. Vingança! Hoje, eu é que estou com as cartas na mão! Agora o senhor está perdido! Agora quem se ri sou eu. Caiu na esparrela! Canalha! Nem teve o bom coração de me dar cem francos pelo menos! E como acreditou nas minhas lorotas! Como me diverti! Hoje de manhã lambi suas patas, mas à noite hei de roer-lhe o coração!

Thénardier calou-se. Estava sem fôlego. Seu peito estreito roncava como um fole.

O senhor Leblanc não o interrompeu, mas disse-lhe, quando parou de falar:

— O senhor decerto está enganado. Não sou nenhum milionário. O senhor está me

tomando por outra pessoa.

— O senhor insiste em fazer gracinhas! Então não se recorda de mim! Não sabe quem sou eu!

— Bem — respondeu o senhor Leblanc, com uma expressão delicada que naquele momento tinha algo de estranho e poderoso —, vejo que o senhor é mesmo um ladrão.

A essa palavra, *ladrão*, a senhora Thénardier pulou da cama e o marido agarrou-se à cadeira, como se a fosse esmagar entre as mãos.

— Ladrão, isso mesmo. Os ricos me chamam assim. Há três dias que não como, e por isso sou ladrão! E o senhor vem até nossas cavernas, isso mesmo, cavernas, para nos chamar de ladrões! Mas nós os comeremos, os devoraremos, pobrezinhos!

Thénardier tomou fôlego e continuou:

— Não sou homem de quem se desconhece o nome e que vai roubar crianças nas casas dos outros! Estive em Waterloo! Salvei numa batalha um general chamado Conde de não sei o quê. Ele me disse como se chamava, mas com um diabo de voz tão fraca que não entendi. O general nada fez por mim; valia tanto quanto os outros! Nem por isso deixei de salvar-lhe a vida com perigo da minha, e hoje tenho o bolso cheio de nada! E agora que tive a bondade de lhe dizer tudo isso, acabemos de uma vez; eu preciso de dinheiro, mas de muito mesmo, ou eu o extermino, santo Deus!

A última possibilidade de dúvida acabava de se esvanecer. Tratava-se mesmo do Thénardier de quem falava o pai de Marius. Este estremeceu ao perceber toda a maldade de um caráter, naquela mistura de fanfarronice e de abjeção, de orgulho e de mesquinhez, de raiva e de tolices, naquele caos de sentimentos reais e fingidos.

Quando Thénardier tomou fôlego, fixou no senhor Leblanc os olhos avermelhados, dizendo em voz baixa e depressa:

— Tem algo a dizer antes que a gente comece a brincar?

— Se é para arreentar, aqui estou eu! — era o homem da marreta a postos.

Thénardier ficara de costas e o senhor Leblanc se aproveitou, empurrou a cadeira com o pé, a mesa com a mão e, de um pulo, com uma agilidade espantosa, estava junto à janela. Abri-la e escalá-la foi um segundo. Já estava quase fora quando seis punhos robustos o agarraram e o arrastaram para dentro. Eram os três “foguistas” que se haviam lançado sobre ele. Ao mesmo tempo, a velha Thénardier agarrara-o pelos cabelos.

Marius já ia disparar a arma quando ouviu Thénardier gritar:

— Não façam mal a ele!

A luta continuava. Com um soco no peito, o senhor Leblanc jogou no meio da sala o velho bêbado, que acordara com um martelo na mão. Depois, com as duas mãos, derrubou outros dois. Assim, dominando uns e dominado por outros, esmagando os que tinha debaixo de si e sufocado pelos que o seguravam, sacudindo inutilmente todos os que o agarravam, o senhor Leblanc desaparecia sob aquele horrível grupo de bandidos como um javali atacado por uma matilha de sabujos.

Finalmente, conseguiram colocar o senhor Leblanc imobilizado na cama e revistaram seus bolsos, encontrando uma bolsa de couro com seis francos e um lenço.

— Ele não trouxe a carteira, não faz mal — disse Thénardier, jogando um rolo de cordas. — Amarrem o velho ao pé da cama.

Quando deram o último nó, Thénardier pegou uma cadeira e foi sentar-se quase em frente do senhor Leblanc.

— Meu senhor — disse ele —, notei que o senhor não deu nenhum grito, nem chamou por ninguém. Claro que nada adiantaria, este quarto é à prova de som. E entendo... Quando se grita, geralmente vem a polícia, e se o senhor não gritou é porque deseja tanto quanto nós que não venham a polícia nem a Justiça, porque tem algum interesse em esconder não sei o quê. Por isso, podemos entrar em um acordo.

Thénardier levantou-se, foi até a lareira, afastou o biombo, deixando ver o fogareiro cheio de brasas e o formão candente.

— Vamos ajeitar as coisas — continuou ele calmamente, sentado de novo perto do prisioneiro. — Eu me deixei levar pela raiva, dizendo que, como o senhor é rico, eu ia exigir muito dinheiro... Meu Deus, o senhor faz bem em ser rico; afinal, deve ter seus compromissos, quem é que não tem? Não quero arruiná-lo, por isso farei um sacrifício. Quero apenas duzentos mil francos.

O senhor Leblanc não disse uma palavra. Thénardier prosseguiu:

— O senhor é um homem caridoso e pode muito bem dar duzentos mil francos a um pai de família que se encontra em dificuldades. E vai certamente dizer que não tem essa quantia aqui com o senhor, como bem vimos ao encontrar seus seis francos. Por isso, terá a bondade de escrever o que vou lhe dizer.

Ele empurrou a mesa para mais perto do senhor Leblanc, pegou a pena e uma folha de papel da gaveta, deixando visível a lâmina da faca.

— Escreva... E aviso desde já que continuará amarrado até que a pessoa encarregada de levar a carta esteja de volta. Agora, faça o favor de escrever o que vou ditar...: “Minha querida filha”... “Venha depressa...”. O senhor a trata de você, não é?

— Quem? — perguntou o senhor Leblanc.

— Ora, a pequena Cotovia, quem mais?

— Não entendo o que quer dizer.

— Não faz mal... Continue...: “Venha depressa. Preciso urgentemente de você. A pessoa que leva este bilhete está encarregada de trazê-la até onde eu estou. Fico à espera. Venha sem medo.”

O senhor Leblanc escreveu tudo. Thénardier observou:

— Agora, assine. Como é o seu nome?

— Urbano Fabre — respondeu o prisioneiro.

Thénardier, com o movimento de um gato, enfiou a mão no bolso e tirou o lenço que roubara ao senhor Leblanc. Procurou as iniciais e aproximou-se da vela.

— U.F. Está certo. Urbano Fabre. Pois bem: assine U.F. E agora, ponha o endereço da senhorita Fabre.

O prisioneiro ficou pensativo por um momento; depois pegou a pena e escreveu:

“Senhorita Fabre, em casa do senhor Urbano Fabre, rua Saint-Dominique-d’Enfer, número 17”.

Thénardier agarrou a carta com uma espécie de convulsão febril.

— Mulher, já sabe o que tem que fazer. Vá correndo com o fiacre e volte depressa. — E chamou o homem da marreta:

— Você, acompanhe-a.

Marius esperava, em luta com uma ansiedade crescente. Quem seria a Cotovia de quem Thénardier falava? Seria sua “Úrsula”? Mas ela não tinha esse nome, porque as duas letras tinham sido explicadas, Urbano Fabre era o nome do velho. Em todo caso, logo saberia se a Cotovia é ela, já que Thénardier a mandou trazer aqui.

Assim passou-se meia hora. De repente, o antigo estalajadeiro dirigiu-se a seu prisioneiro:

— Como viu, minha mulher foi buscar sua filha, a Cotovia. Ambas subirão ao fiacre, guardadas pelo meu colega. E, num determinado lugar, está uma carruagem atrelada a dois ótimos cavalos. É para lá que vão levar a menina. Ela descera do fiacre, meu colega subirá com ela à outra carruagem e minha mulher voltará para cá. Não farão mal algum à sua filha e, logo que me der a ninharia de duzentos mil francos, ela lhe será restituída. Se o senhor me prender, meu colega torcerá o pescocinho da Cotovia. Isso é tudo.

O prisioneiro não disse uma palavra. Imagens horríveis passaram diante dos olhos de Marius. Então a jovem não viria? Um daqueles monstros iria levá-la? Para onde?... E se fosse ela! Estava claro que era ela. Marius sentiu parar-lhe o coração. Que fazer? Dar o sinal de alarme? Jogar aqueles miseráveis na mão da Justiça? Mas o horrível homem da marreta na companhia da jovem estaria fora de seu alcance, e Marius pensava nestas palavras de Thénardier, cujo terrível significado sabia: — “Se o senhor me prender, meu colega torcerá o pescocinho da Cotovia”.

Logo, a porta se abriu e a senhora Thénardier entrou esbaforida:

— Endereço errado!

O bandido que havia ido em sua companhia apareceu e voltou a segurar a marreta.

— Ninguém sabe desse Fabre nesse endereço! Esse velho enganou você, não existe nenhum Fabre nessa rua! Falei com o porteiro, com a porteira, que é uma bela mulher, mas ninguém sabe desse homem!

Marius respirou aliviado. Ela, Úrsula ou Cotovia, aquela que ele não sabia mais como chamar, estava salva.

Depois que a mulher parou de falar, Thénardier olhou para o prisioneiro e disse com uma inflexão lenta e singularmente feroz:

— Endereço errado? O que esperava ganhar com isso?

— Tempo! — gritou o senhor Leblanc com voz forte.

E no mesmo instante ele livrou-se das cordas, que tinham sido cortadas. O prisioneiro não estava mais amarrado à cama senão por uma perna. E antes que todos se recuperassem da surpresa, o homem se inclinou para a lareira e pegou o formão em brasa, levantando-o por cima da cabeça.

O inquérito que se seguiu à cilada no casarão mostrou que, quando a polícia acudiu, aparecera uma grande moeda de um soldo, cortada e trabalhada de um modo particular. Ela era uma dessas maravilhas produzidas pela paciência dos presos das galés que serviam para as fugas. O preso cortava a moeda ao meio e depois a juntava outra vez. Ela estava debaixo da cama, junto de uma pequena serra de aço azulado, certamente escondida na moeda e que, oculta dentro de uma mão fechada, serviria para cortar as cordas. O senhor Leblanc não podia abaixar-se para não se trair, não cortar a corda que lhe prendia a perna.

Enquanto os bandidos percebiam que ele ainda estava preso à cama, o prisioneiro ergueu a voz:

— Vocês são uns desgraçados, mas se imaginaram que me obrigarão a falar, que me obrigarão a escrever o que eu não quero, que me forçarão a dizer o que eu não quero dizer...

E, arregaçando a manga do braço esquerdo, acrescentou:

— Olhem!

Ele esticou o braço e colocou sobre a carne o formão incandescente, segurando-o pelo cabo de madeira.

Ouviu-se o chiado da carne queimada e o odor próprio das câmaras de tortura se espalhou pelo quarto. Marius cambaleou, horrorizado, os próprios assaltantes estremeceram, o rosto do estranho velho apenas se contraiu.

E, retirando o formão em brasa da ferida, atirou-o pela janela aberta.

— Agarrem-no! — gritou Thénardier.

Pouco depois, Marius ouviu o seguinte diálogo:

— Agora, só há uma coisa a fazer.

— Cortá-lo de alto a baixo!

— Isso mesmo.

Eram o marido e a mulher. Thénardier dirigiu-se lentamente para a mesa, abriu a gaveta e tirou a faca.

Marius estava perplexo. Até aquele momento, ele tentava encontrar um meio de conciliar os dois deveres, mas o perigo aumentava. Thénardier estava a alguns passos do prisioneiro. De repente, estremeceu. A seus pés, em cima da mesa, um raio de lua iluminava e parecia mostrar-lhe uma folha de papel. Nela pôde ler as palavras escritas, em grandes letras, naquela mesma manhã, pela filha mais velha dos Thénardier: “Chegaram os gendarmes”.

Uma ideia atravessou a mente de Marius; era o meio que ele procurava, a solução do horrível problema que o atormentava: poupar o assassino e salvar a vítima. Ajoelhou-se sobre a cômoda, estendeu o braço, pegou a folha de papel, arrancou da parede um pouco de reboco, enrolou-a no papel e, pelo buraco, atirou-o no meio do quarto de Thénardier.

— Caiu alguma coisa! — gritou a mulher.

A senhora Thénardier correu e pegou o pequeno embrulho, entregando-o ao marido.

— Por onde veio isso? — perguntou Thénardier.

— Pela janela, por onde mais?

Thénardier desdobrou rapidamente o papel e o aproximou da vela.

— É a letra de Eponine. Diabo!

Fez sinal à mulher, que se aproximou depressa, mostrou-lhe a linha escrita na folha de papel e acrescentou em voz baixa:

— Depressa! A escada! Deixemos o toucinho na ratoeira e vamos dar o fora!

— Sem cortar o pescoço dele? — perguntou ela.

— Não temos tempo.

— Por onde? — replicou um dos asseclas, Bigrenaille.

— Pela janela — respondeu Thénardier. — Já que Eponine jogou a pedra pela janela,

isso indica que a casa não está sendo vigiada por aquele lado.

Os dois que seguravam o prisioneiro o largaram; num abrir e fechar de olhos a escada de corda foi desenrolada para fora da janela e presa solidamente ao parapeito pelos dois ganchos de ferro.

Assim que a escada estava armada, Thénardier gritou:

— Venha, mulher!

E correu para a janela. Mas, quando já ia pular, Bigrenaille agarrou-o pela gola do casaco.

— Isso é que não, velho farsante! Depois de nós!

— Seus idiotas — berrou o homem. — Estamos perdendo tempo, a polícia já está aí!

— Então — disse um dos bandidos —, vamos tirar a sorte para ver quem vai primeiro.

Thénardier exclamou:

— Vocês são burros ou o quê? Querem tirar a sorte, no palitinho, escrever os nomes e botar num chapéu?

— Querem o meu? — gritou uma voz da soleira da porta.

Todos se voltaram. Era Javert.

Tinha o chapéu na mão e o oferecia, sorrindo.

Deve-se começar prendendo as vítimas

Ao anoitecer, Javert postara seus homens, diante do pardieiro. A primeira coisa que fez foi prender as duas sentinelas, mas só conseguiu pegar Azelma; Eponine havia desaparecido e não estava em seu posto.

Impaciente, porque o sinal de Marius não vinha, e tendo reconhecido vários bandidos que entraram, decidiu não esperar mais.

Javert chegou no momento certo.

Os bandidos, assustados, jogaram-se sobre as armas que haviam abandonado no momento da fuga. Em menos de um segundo, aqueles sete homens estavam em posição de defesa, um com a marreta, outro com o cajado, os demais com tenazes, ferros e martelos; Thénardier empunhava a faca. A mulher agarrara uma enorme pedra que estava no canto da janela e que servia de banco às filhas.

Javert pôs o chapéu na cabeça e deu dois passos no quarto, com os braços cruzados, a bengala escondida, a espada na bainha.

— Vocês não vão sair pela janela — gritou. — Vocês são sete, nós somos quinze. Saiam pela porta, em ordem.

Bigrenaille pegou uma arma que tinha escondido debaixo da blusa e a colocou na mão de Thénardier, dizendo-lhe ao ouvido:

— É Javert, atire nele, eu não tenho coragem.

Thénardier pegou a arma e apontou para Javert. Javert encarou-o bem e disse:

— Você não vai acertar. Não atire.

O outro apertou o gatilho, mas a arma falhou. Bigrenaille jogou seu cassetete aos pés de Javert.

— Eu me entrego.

Os outros bandidos também se entregaram.

Javert voltou-se e gritou para o destacamento entrar.

— Algemas para todos!

Os soldados, armados de cassetetes e porretes, dominaram os bandidos.

— Podem vir! — gritou uma voz que não era de homem, mas que ninguém poderia afirmar que era de mulher.

A senhora Thénardier tinha-se entrincheirado num dos cantos da janela; fora ela quem dera esse rugido. Os soldados e os agentes recuaram. A mulher deixara cair o xale e conservava o chapéu na cabeça; o marido, agachado atrás dela, quase desaparecia debaixo do xale que lhe caíra em cima, e ela o cobria com o corpo, levantando a pedra acima da cabeça com as duas mãos, com o impulso de um gigante prestes a arremessar um rochedo.

— Cuidado! — gritou ela de novo.

Todos recuaram para o corredor. Fez-se um grande vazio no meio do quarto. Ela lançou um olhar aos bandidos que se tinham deixado algemar e rugiu:

— Covardes!

Javert sorriu e avançou para o espaço vazio no meio do quarto.

— Não se aproxime ou esmago você! — gritou ela.

— Você tem barba como homem — sorriu Javert —, mas eu tenho garras como mulher.

E continuou avançando.

A mulher, descabelada e terrível, firmou-se bem nos pés e lançou a pedra na cabeça de Javert. Javert abaixou-se, a pedra passou-lhe por cima, foi bater na parede do fundo, arrancando um bom pedaço de argamassa e, batendo de canto a canto pelo quarto, felizmente quase vazio, foi parar aos pés do inspetor.

Com uma de suas mãos enormes, ele agarrou a mulher pelo ombro e com a outra segurou o marido pela cabeça.

— Algemas! — gritou aos policiais, que entraram novamente.

A senhora Thénardier, derrotada, olhou para suas mãos presas e deixou-se cair ao chão, chorando e gritando:

— Minhas filhas!

— Elas estão bem — tranquilizou Javert.

Passando em revista os bandidos, ele os cumprimentou um a um e, finalmente, notou o prisioneiro dos malfetores que, desde que a polícia chegara, não dissera uma palavra, mantendo a cabeça baixa.

— Desamarrem este senhor — ordenou o inspetor. — E que ninguém saia.

Dito isso, sentou-se diante da mesa e começou a redigir o auto de prisão. Depois de escrever as primeiras linhas, levantou os olhos:

— Tragam o senhor que estava amarrado.

Os soldados olharam em volta. O prisioneiro dos bandidos, o senhor Leblanc, Urbano Fabre, pai de Úrsula ou da Cotovia, tinha desaparecido.

A porta estava vigiada, mas a janela não. Assim que se viu livre, ele aproveitou a confusão, o aperto de pessoas, a escuridão e fugiu pela janela. Um agente correu até lá e ainda viu a escada de cordas balançando.

— Diabos — resmungou Javert entre dentes. — Esse devia ser o mais valioso de todos.

O menino que gritava na estalagem de Thénardier

No dia seguinte a esses fatos, numa noite fechada, um menino pálido, vestido em trapos, subia pela rua cantando a plenos pulmões. Na esquina da rua, uma velha toda agachada estava remexendo num monte de lixo. O moleque a empurrou:

— Ora! Eu achei que fosse um cachorro! — exclamou ele.

A velha levantou-se, furiosa:

— Diabo de moleque! — resmungou. — Se eu não estivesse agachada, faria você ver estrelas com um pontapé!

O menino já estava longe. Continuou cantando até chegar em frente ao número 50-52 da rua. Ao achar a porta trancada, começou a dar-lhe pontapés. No entanto, a mesma velha que ele havia encontrado na esquina corria atrás dele, gritando e gesticulando:

— Acudam! Deus do céu! Estão arrombando a porta! Estão assaltando a casa!

Os pontapés continuavam. A velha já estava sem fôlego. Mas, de repente, parou, porque havia reconhecido o menino.

— Ora — disse ele —, como vai, tia Burgon! Eu vim ver meus antepassados.

— Não há mais ninguém, cara de porco.

— O quê? — replicou o menino. — Então, onde está o meu pai?

— Na Force.

— Droga! E a minha mãe?

— Em Saint-Lazare.

— Diabos! E minhas irmãs?

— Nas Madelonnettes.

O garoto coçou atrás das orelhas e encarou a velha. Depois, disse:

— Ah!

Então, ele fez uma pirueta e, logo depois, ela o ouvia cantando com sua voz clara e jovem, caminhando por baixo dos olmeiros negros que balançavam ao vento do inverno.

QUARTA PARTE

Idílio na rua Plumet e

Epopeia na rua de S. Diniz

ALGUMAS PÁGINAS DE HISTÓRIA

Luís Filipe

As revoluções têm o braço terrível e a mão feliz; ferem com firmeza e escolhem com segurança. Mesmo incompletas, resta-lhes quase sempre bastante lucidez para que não sejam vãs.

Mas as revoluções também podem se enganar, e graves erros são conhecidos.

Voltemos a 1830. Com o que se chamou de ordem social depois da revolução interrompida, o rei valia mais que a realeza. Luís Filipe era um homem raro.

Cuidadoso com a própria fortuna, com a própria saúde, com a própria pessoa, com seus negócios; sóbrio, sereno, pacífico, paciente, bom homem e bom príncipe; dormindo com a esposa, conhecedor de todas as línguas da Europa e, o que é mais raro, de todas as linguagens de todos os interesses; e falando-as correntemente; governando do melhor modo possível, incapaz de rancor e de reconhecimento, usando sem compaixão a superioridade sobre a mediocridade, amando seu país, preferindo, porém, sua família; prezando mais a dominação que a autoridade, mais a autoridade que a dignidade, contradizendo-se e às vezes desmentindo-se; disfarçando sua vontade em influência, a fim de ser obedecido mais como inteligência que como rei; dotado de observação e não de adivinhação; pouco atento aos espíritos, mas conhecedor dos homens, isto é, precisando ver para julgar; Luís Filipe será classificado entre os homens eminentes do seu século, e seria colocado entre os governantes mais ilustres da história se tivesse desejado um pouco a glória, ou se tivesse o sentimento do que é grande no mesmo nível do sentimento do que é útil.

Luís Filipe era bonito e, mais velho, continuou simpático; nem sempre agradando à nação, foi sempre amado pelo povo que ele sabia agradar. Tinha esse dom, a simpatia. A majestade não lhe ficava bem; não usava coroa, embora fosse rei, nem tinha cabelos brancos, embora fosse idoso. Suas maneiras eram as do Antigo Regime e seus hábitos pertenciam ao novo, uma mistura de nobreza e burguesia, tão conveniente em 1830.

Não tinha corte. Saía com o guarda-chuva debaixo do braço, e esse guarda-chuva por muito tempo fez parte da sua auréola.

Nas críticas da história contra Luís Filipe deve-se fazer um desconto. Eis seu grande defeito : foi modesto em nome da França. De onde vem esse defeito?

Luís Filipe foi um rei muito paternal; a excessiva timidez, que desagradava o povo, vinha da incubação de uma família com o objetivo de fundar uma dinastia e que não gosta de ser

incomodada.

Além disso, se descontarmos os deveres públicos que devem ser cumpridos antes de tudo, aquela profunda ternura de Luís Filipe para com sua família era merecida por esta. Virtudes ali viviam lado a lado com talentos. Duas das filhas de Luís Filipe extraíram de Metternich este elogio: “São jovens raramente vistas e princesas nunca vistas”.

Aí está, sem nada dissimular, mas também sem nada aumentar, a verdade a respeito de Luís Filipe.

Enquanto reinou, a imprensa foi livre, a tribuna foi livre, assim como a consciência e a palavra. Embora conhecendo o poder da luz sobre os privilégios, deixou seu trono exposto à claridade. A história há de levar-lhe em conta essa lealdade.

Tirem de Luís Filipe o rei, ficará o homem. E o homem é bom. Tão bom que chega às vezes a ser admirável. Muitas vezes, no meio dos mais graves cuidados, depois de uma jornada de luta contra toda a diplomacia do continente, recolhia-se à noite aos seus aposentos, e lá, caindo de sono, que fazia ele? Pegava um dossiê e passava a noite a revisar um processo criminal, certo de que era grande coisa enfrentar a Europa, mas que era ainda muito mais importante arrancar um homem ao carrasco. Às vezes, sua mesa ficava coberta por pilhas desses processos; examinava um por um; para ele, era uma angústia abandonar tantas pobres cabeças condenadas.

Fendas nos alicerces

No momento em que o drama que estamos narrando vai penetrar no interior de uma das trágicas nuvens que cobrem o início do reinado de Luís Filipe, era necessário que não houvesse equívocos e que este livro desse sua opinião a respeito desse rei.

Luís Filipe nasceu príncipe e julgava-se eleito rei. Ofereceram a ele esse mandato e ele o aceitou. O governo de 1830 teve começo difícil. A resistência nascera na manhã seguinte; talvez até tenha nascido na véspera. De mês em mês, a hostilidade crescera, e de secreta que era tornara-se evidente.

Nas revoluções existem os que nadam contra a corrente: são os velhos partidos. Para os velhos partidos que se agarram à hereditariedade pela graça de Deus, tendo as revoluções surgido do direito de revolta, deve-se ter igual direito contra elas. Erro.

Toda revolução, sendo um acontecimento normal, contém em si mesma a legitimidade, que falsos revolucionários às vezes desonram, mas que persiste, mesmo deturpada, que sobrevive, mesmo ensanguentada. As revoluções surgem, não de um acidente, mas da necessidade. Uma revolução é a volta do fictício ao real. Ela existe porque é preciso que exista.

O fato é que 1830 não cumpriu o que havia prometido ao povo. A democracia indignada censurava-o. A realeza revoltava-se.

A pobreza, o proletariado, o salário, a educação, as penalidades, a prostituição, o destino da mulher, a riqueza, a miséria, a produção, o consumo, a partilha, a troca, a moeda, o crédito, o direito do capital, o direito do trabalho, todos esses problemas se multiplicavam sobre a sociedade, um terrível declive.

Fora dos partidos políticos, manifestava-se outro movimento. À fermentação democrática respondia a fermentação filosófica. A elite mostrava-se tão perturbada quanto a plebe; de modo diverso, mas com igual intensidade.

Os pensadores debatiam os problemas sociais pacífica, mas profundamente; exploradores impassíveis, cavando tranquilamente galerias nas bases de um vulcão, apenas incomodados pelos abalos surdos e pelas fomalhas entrevistas.

Elevavam as questões materiais, os problemas agrícolas, comerciais, industriais, quase à dignidade de uma religião. Na civilização, os interesses se combinam, se agregam, de maneira a formar verdadeira rocha sólida, segundo uma lei dinâmica pacientemente estudada pelos economistas, verdadeiros geólogos da política.

Esses homens, que se congregavam sob diferentes denominações, mas que poderemos chamar, todos, pelo título genérico de socialistas, procuravam abrir essa rocha, para fazer brotar dela a água viva da felicidade humana.

Desde a questão do cadafalso até a questão da guerra, seus trabalhos examinavam todos os problemas. Ao direito do homem, proclamado pela Revolução Francesa, acrescentaram o direito da mulher e da criança. Todos os problemas que os socialistas se propunham a estudar e resolver podem ser reduzidos a dois principais.

Primeiro problema: produzir a riqueza.

Segundo problema: distribuí-la.

O primeiro problema contém a questão do trabalho.

O segundo contém a questão do salário.

No primeiro problema, trata-se do uso das forças.

No segundo, da distribuição dos resultados.

Do bom uso das forças resulta o poderio político.

Da boa distribuição dos resultados decorre a felicidade individual.

Por boa distribuição é preciso entender não distribuição igual, mas distribuição equitativa. A primeira igualdade é a equidade.

Dessas duas coisas combinadas, poderio público no exterior e felicidade individual no interior, resulta a prosperidade social.

Prosperidade social quer dizer homem feliz, cidadão livre, nação grande.

A Inglaterra resolveu o primeiro desses dois problemas. Ela cria admiravelmente a riqueza, mas a reparte mal. Essa solução, completa por um só lado, leva fatalmente a estes dois extremos: opulência monstruosa, miséria monstruosa. Todas as benesses a alguns, todas as privações aos demais, isto é, ao povo; o privilégio, a exceção, o monopólio e o feudalismo nascem do próprio trabalho. Situação falsa e perigosa, que assegurava o poderio público sobre a miséria individual, enraizando a grandeza do Estado nos sofrimentos do indivíduo.

O comunismo e a lei agrária julgam resolver o segundo problema. Mas se enganam. O modo como repartem mata a produção. A partilha igual suprime a emulação e, por

consequência, o trabalho. É uma partilha feita pelo açougueiro, que mata o que divide. Portanto, não podemos aceitar essas pretensas soluções.

Matar a riqueza não é reparti-la.

Os dois problemas precisam ser resolvidos juntos, para ser bem resolvidos. As duas soluções devem ser combinadas, como se fossem uma única.

Resolvamos os dois problemas, encorajemos o rico e protejamos o pobre, suprimamos a miséria, ponhamos um fim à exploração injusta do fraco pelo forte, ajustemos matematicamente e fraternalmente o salário ao trabalho, aliemos o ensinamento gratuito e obrigatório ao desenvolvimento da criança, façamos da ciência a base da dignidade, desenvolvamos as inteligências enquanto damos trabalho aos braços, sejamos ao mesmo tempo um povo poderoso e uma família de homens felizes, democratizemos a propriedade, não abolindo-a, mas universalizando-a, de modo que todo cidadão, sem exceção, seja proprietário; em duas palavras, saibamos produzir a riqueza e saibamos reparti-la; e teremos ao mesmo tempo a grandeza material e a grandeza moral.

Mas Luís Felipe sabia que nuvens perigosas cobriam o horizonte. Uma sombra estranha, crescendo mais e mais, estendia-se pouco a pouco sobre os homens, sobre as coisas, sobre as ideias, sombra nascida do ódio e dos sistemas. Tudo o que fora sufocado antes da hora se revolia, fermentava. Apenas vinte meses tinham se passado depois da Revolução de julho; o ano de 1832 abria-se com ares de perigo e ameaça. A penúria do povo, os trabalhadores sem pão, as conspirações, as revoltas e o cólera juntavam-se ao sombrio rumor das ideias e ao sombrio tumulto dos acontecimentos.

Fatos dos quais surge a história e que a própria história ignora

Em fins de abril, tudo havia se agravado. A fermentação transformara-se em fervura. A partir de 1830 houve pequenas revoltas parciais, logo abafadas, mas renascendo sempre, sinal de uma vasta conflagração latente.

A França focava os olhos em Paris. Discutia-se publicamente sobre a “conveniência de combater ou de ficar em paz”. Havia salas secretas nas quais se faziam juramentos e liam-se brochuras “subversivas” apedrejando o governo. Dizia-se em voz baixa que “a coisa está madura, prestes a estourar”. Havia reuniões periódicas, em que não apareciam mais do que oito ou dez pessoas, e sempre as mesmas. Em outras, entrava quem quisesse, e a sala ficava tão cheia que era preciso ficar de pé. Havia operários produzindo cartuchos às escondidas, havia homens que paravam em plena rua à luz do dia para proferir discursos enraivecidos contra a monarquia. A polícia, à escuta, recolhia, não apenas nas tavernas, mas até na rua, diálogos singulares. Como o de dois transeuntes em andrajos:

— Quem nos governa?

— *Monsieur* Filipe.

— Não, é a burguesia.

Certa vez, um carpinteiro encontrou num terreno fragmentos daquilo que foi considerado depois uma carta, um documento, endereçado a alguém que não foi possível descobrir. O papel havia sido rasgado e seus pedaços espalhados, mas o curioso carpinteiro acabou por encontrar quase todos os pedaços, e o significado dessa carta foi mais tarde interpretado por um burguês em cujas mãos o papel foi cair.

Escritas a lápis e de forma enigmática, parece que era a nomenclatura completa das seções da quarta divisão da Sociedade dos Direitos do Homem, com os nomes e os endereços dos chefes de cada seção.

E assim, depois dos preparativos e das palavras, depois desses indícios escritos, os fatos materiais começavam a aparecer.

Na rua Popincourt, na casa de um comerciante de objetos usados, apreenderam sete folhas de papel cinzento, todas igualmente dobradas em quatro; as folhas escondiam vinte e seis quadrados do mesmo papel dobrados em forma de cartucho e uma nota na qual se lia o seguinte:

Salitre 12 onças.

Enxofre 2 onças.

Carvão 2 onças e meia.

Água 2 onças.

O processo constatou que a gaveta exalava forte cheiro de pólvora.

Um pedreiro, à tarde, quando voltava para casa, esqueceu um pequeno pacote em cima de um banco. O pacote foi levado ao Corpo da Guarda. Nele havia folhetos intitulados *Operários, uni-vos* e uma lata de folha de flandres cheia de cartuchos.

Um operário, bebendo com um companheiro, dizia-lhe que o apalpasse para que “sentisse como estava quente”; o outro apalpou-o e percebeu o cano de uma arma escondida sob o casaco.

Certo dia o governo recebeu aviso de que acabavam de distribuir armas por todo o bairro, assim como duzentos mil cartuchos. Na semana anterior tinham sido distribuídos cerca de trinta mil cartuchos. Coisa notável: a polícia não conseguiu apreender nenhum.

Uma carta interceptada dizia: “Não está longe o dia em que, às quatro horas, oitenta mil patriotas estarão em armas”.

A insurreição iminente preparava, sossegada, uma tempestade nas barbas do governo. Os burgueses falavam tranquilamente aos operários sobre aquilo que estava sendo preparado. Perguntavam: “Como vai a revolta?”, como quem pergunta: “Como vai sua mulher?”.

A febre revolucionária aumentava. Nenhum ponto de Paris ou da França permanecera imune. E as sociedades parisienses ramificavam-se pelas principais cidades. Lyon, Nantes, Lille e Marselha tinham também suas organizações secretas e as faculdades não estavam menos agitadas. Os estudantes se reuniam em restaurantes e cafés, como a já citada Sociedade dos Amigos do ABC, que se reunia no café Musain. Os mesmos jovens se encontravam ainda num restaurante chamado Corinto. Essas reuniões eram secretas.

Tal era a situação.

Mas, afinal, o que pretendiam esses bandos heroicos e, às vezes, selvagens? Queriam o fim das opressões, o fim das tiranias, o fim da espada; queriam trabalho para o homem, instrução para a criança, tranquilidade social para a mulher, liberdade, igualdade, fraternidade, pão para todos, o progresso; essa coisa santa, boa e agradável, o progresso.

Eles queriam, embora pelo terror e pelo medo, forçar o gênero humano ao paraíso. Pareciam bárbaros e eram salvadores. Reclamavam a luz usando a máscara da noite.

Enjolras e seus tenentes

Foi por essa época que Enjolras, um dos mais eminentes membros dos Amigos do ABC, instituiu uma espécie de recenseamento, levando em conta os recentes acontecimentos em Paris, toda a convulsão que agitava a sociedade.

Estavam todos reunidos no café onde organizavam seus encontros.

— Temos que saber onde estamos — disse ele — e com quem podemos contar, se queremos homens para lutar. Quantos somos? Nós, como revolucionários, temos que ter pressa. O progresso não tem tempo a perder. Não podemos estar desprevenidos. Courfeyrac, você vai falar com os politécnicos. Combeferre prometeu-me ir ao Picpus. Bossuet dará uma volta pelo palácio e conversará com os estagiários. Eu me encarrego de Cougourde.

— Está tudo combinado? — perguntou Courfeyrac.

— Ainda há a barreira do Maine — disse Enjolras. — Lá estão pintores e os aprendizes dos ateliês de escultura. É uma família entusiasta, mas sujeita a desânimos. Não sei o que há de uns tempos para cá. Passam o tempo jogando dominó, então temos que ir até eles, falar com firmeza. Eu contava com o Marius para fazer isso, mas faz tempo que ele não aparece por aqui. E não há mais ninguém...

— E eu? Posso ir até lá — disse Grantaire.

— Você, doutrinar republicanos? Você não acredita em nada e se acha capaz de fazer isso? Tem coragem?

— Sou capaz de fazer isso.

— E o que vai dizer a eles?

— Vou falar de Robespierre, de Danton, dos princípios.

— Você?

— Eu sei de cor a Constituição! *“A liberdade de um cidadão acaba onde a liberdade de outro cidadão começa.”* Sou capaz de repetir durante seis horas, com o relógio na mão, uma infinidade de coisas soberbas.

Enjolras pensou por alguns instantes e fez o gesto de alguém que adota uma resolução.

— Grantaire, vou tentar. Você vai fazer esse serviço.

Grantaire, antes de sair, disse ao ouvido de Enjolras:

— Fique descansado.

Pouco depois, todos os Amigos do ABC tinham ido embora, cada um com a sua missão. Enjolras, enquanto seguia para sua reunião, passava em revista a gravidade dos acontecimentos. Ele previa uma grave desordem para breve, por conta das doenças sociais latentes. Talvez o momento estivesse realmente próximo. Que maravilha seria, o povo reconquistando o direito. A revolução tomando posse da França e, naquele mesmo instante, um rastilho de seus amigos estava espalhado por Paris e tudo estava bem. Isso o fez pensar em Grantaire... Como o lugar para onde ele devia ir estava no caminho de Enjolras, ele poderia ver em que ponto estava seu companheiro.

Quando chegou ao botequim, entrou e viu a sala cheia de homens em meio ao nevoeiro provocado pela fumaça. Naquele ambiente, uma voz sobressaía, vivamente cortada por outra. Grantaire estava sentado em frente de outra pessoa, numa mesa coberta de dominós, e dava socos na mesa.

Eis o que Enjolras ouviu:

— Duplo seis.

— Quatro.

— O porco! Eu não tenho mais.

— Você está morto. Um dois.

— Seis.

— Cometi um erro enorme.

— Você está indo bem.

— Você não esperava aquele duplo seis. Se eu o tivesse colocado no início, toda o jogo teria mudado.

— Um dois de novo.

— Um.

— Nem cinco nem um. Isso é ruim para você.

— Dominó.

— Diabos te carreguem!

EPONINE

O campo da Cotovia

Assim que Javert deixou a casa, levando os prisioneiros, Marius saiu. Pagou o aluguel, carregou uma carroça com seus livros, a mesa, cadeiras, a cômoda e foi embora sem deixar endereço. Assim, quando Javert voltou para interrogá-lo, encontrou apenas a velha Bougon.

— Ele se mudou!

Ela estava convencida de que Marius era, de alguma forma, cúmplice dos ladrões presos. “Quem diria”, comentava ela com o porteiro da rua, “um rapaz tão educado que parecia uma moça...”

Foram duas as razões que levaram Marius a se mudar tão rapidamente. Primeiro, ele sentia horror daquela casa onde vira, em primeira mão, uma chaga social mais horrível talvez que o mau rico: o mau pobre. Em segundo lugar, ele não queria participar de nenhum processo em que tivesse que depor contra Thénardier.

Marius tinha se mudado para a casa de Courfeyrac e, depois de um mês, ainda continuava por lá. Javert supôs que o rapaz, de cujo nome não se lembrava, ficara com medo e fugira, por isso não empenhou grandes esforços para encontrá-lo. Marius, por seu lado, soubera que Thénardier estava incomunicável. Todas as segundas-feiras, Marius mandava à secretaria da Force cinco francos para Thénardier.

Para Marius, tudo desaparecera outra vez. Num momento, em meio à escuridão, vira de novo a jovem que amava e o velho que parecia seu pai, e quando julgava ter ambos seguros, um sopro de vento roubou-lhe novamente aquelas sombras. Não havia nenhuma conjectura possível. Nem mesmo o nome que pensava saber era verdadeiro. A única certeza é que a jovem não se chamava Úrsula e tinha como apelido Cotovia. E que pensar do velho? Ele se escondia mesmo da polícia? Por que o homem não gritara por socorro? O tal Thénardier de fato reconheceria o senhor Leblanc? O que lhe restava, além de todas essas dúvidas, era a paixão no coração.

Aquela que ele chamara de Úrsula estava certamente em algum lugar, mas Marius não tinha nenhuma indicação sobre onde deveria procurá-la. Toda a vida se resumia em duas palavras: uma incerteza absoluta perdida em um nevoeiro impenetrável.

— Será que nunca mais vou revê-la? — repetia consigo continuamente.

Suas caminhadas melancólicas o levaram, certo dia, a um prado verdejante atravessado por cordas nas quais se viam pendurados alguns panos rasgados e esburacados, que os

moradores da vizinhança vinham estender ali para secar. Havia algumas sebes arruinadas, ouvia-se ao longe um sussurro de vozes e risadas.

Nesse dia, em seu passeio próximo a um pequeno lago, Marius viu uma raridade, um transeunte. Ninguém nunca passava por ali, exceto uma carroça de tempos em tempos.

— Como se chama este lugar? — perguntou Marius ao homem.

O desconhecido respondeu:

— É o campo da Cotovia.

Marius ficou maravilhado. Cotovia era o nome que, nas profundezas da melancolia de Marius, havia substituído Úrsula.

— É o campo dela! — disse a si mesmo. — Então, saberei aqui onde ela mora.

Era absurdo pensar assim, porém irresistível.

E voltou todos os dias àquele campo da Cotovia.

Formação embrionária dos crimes na incubação das prisões

O triunfo de Javert parecia completo, mas não era. Em primeiro lugar, e isso para ele era motivo de maior preocupação, não prendera o prisioneiro. Ele achava que esse homem, tão valioso para os bandidos, também o fosse para as autoridades. Em segundo lugar, o perigoso bandido Montparnasse escapara a Javert.

Ele encontrara Eponine, a filha mais velha do casal, e a levara junto. Foi um pequeno consolo para Javert tê-la conseguido encontrar e colocá-la junto da irmã Azelma nas Madelonnettes, antigo convento convertido em prisão durante a Revolução.

Outro golpe fora durante o trajeto à penitenciária; Claquesous, um dos mais importantes prisioneiros, tinha desaparecido. Os agentes não sabiam explicar como ele se livrara das algemas e escapara pelas fendas da carruagem, que estava rachada. Houvera convivência dos guardas? Depois de fugir, Claquesous não foi mais encontrado.

E aquele advogado, que tinha sentido medo, seria mesmo um advogado?

De todo modo, o juiz decidira não manter incomunicável um dos bandidos da Patron-Minette, na esperança de que alguém desse com a língua nos dentes. O escolhido foi Brujon, o cabeludo que Marius vira atrás do muro com outro meliante. Brujon ficou no pátio, sob estrita vigilância.

Mas os ladrões não param só porque estão nas mãos da Justiça. Estar preso por um crime não impede que planejem um outro.

Brujon costumava ser visto por horas de pé ao lado da cantina. De repente, certo dia, soube-se que ele, o indolente, mandara pelos serventes da prisão três recados diferentes, não da parte dele, mas em nome de três de seus companheiros. Esse serviço lhe custara a enorme quantia de cinquenta soldos, o que chamou a atenção do diretor da prisão.

Após averiguações e descobriu-se que os recados tinham ido a três endereços diferentes, precisamente os domicílios de três perigosos bandidos, provavelmente filiados à Patron-Minette, cujos dois chefes, Babet e Gueulemer, estavam na prisão.

Supunha-se que os recados, que não foram dirigidos a tal e tal casa, mas a pessoas que estavam esperando na rua, tinham como objetivos avisá-los de alguma maquinação criminosa. Como os três bandidos foram presos, a Justiça acreditou ter destruído os planos de Brujon.

Uma semana depois, um vigia viu Brujon escrevendo alguma coisa, agachado e apoiado em sua cama. Brujon foi preso por um mês na solitária, mas não conseguiram achar o bilhete.

O que é certo é que encontraram uma bolinha de pão endurecida, atirada de um pátio para outro, dentro da prisão. Atira-se a bolinha e quem a vê cair abre-a e encontra um bilhete endereçado a alguém. Se for um prisioneiro, o bilhete é entregue ao destinatário. Se for um guarda, é entregue à polícia.

Dessa vez, o destinatário recebeu o bilhete. Era Babet, um dos quatro cabeças de Patron-Minette. O papel enrolado dizia:

“Babet, há um negócio a fazer na rua Plumet. Uma grade em um jardim”.

Era isso que Brujon tinha escrito à noite.

Babet achou um meio de enviar o bilhete a uma amiga encarcerada em Salpêtrière, que por sua vez o passou a uma conhecida, chamada Magnon. Essa Magnon tinha relações com os Thénardier e podia, a pretexto de visitar Eponine, servir de ponte entre Salpêtrière e Madelonnettes.

Na mesma ocasião, porém, tanto Eponine quanto Azelma foram postas em liberdade por falta de provas, e quando Eponine saiu, Magnon a esperava à porta e lhe entregou o bilhete. A menina, então, foi até a rua indicada, reconheceu a grade e o jardim, vigiou a casa, esperou e vigiou. Dias mais tarde, levou a Magnon um biscoito, que Magnon entregou à amásia de Babet, na Salpêtrière.

Um biscoito, no tenebroso simbolismo das prisões, significa: “Nada a fazer”.

Foi assim que, menos de uma semana depois, Babet encontrou-se com Brujon na ronda da prisão, quando um ia ao tribunal e o outro voltava.

— E então, Brujon, e a rua P.?

— Biscoito — respondeu Babet.

E esse feto de crime gerado por Brujon foi abortado na prisão.

Esse aborto, no entanto, teve consequências completamente estranhas ao programa de Brujon. Muitas vezes, quando se julga dar nó em um fio, liga-se outro.

A aparição ao senhor Mabeuf

Marius não costumava mais ir à casa de ninguém, mas às vezes se encontrava com o senhor Mabeuf.

As flores do senhor Mabeuf não se vendiam mais como antes. Seu quintalzinho em Austerlitz tinha um terreno pouco propício. Mas, longe de desanimar, ele conseguira um pedaço de terra no Jardim Botânico para lá fazer suas experiências. Estava com uma renda tão pequena que reduzira seu almoço a dois ovos, deixando um para a velha que o servia e a quem não pagava havia um ano e meio. Já não ria como antes, tornara-se carrancudo e não recebia visitas. Às vezes, quando Mabeuf se dirigia ao Jardim Botânico, cruzava com o rapaz na rua, mas não se falavam. Apenas acenavam tristemente um ao outro com a cabeça. Dolorosa verdade. Há momentos em que a miséria até desfaz amizades.

O velho trabalhava o dia todo em seu canteiro, depois voltava para casa para regar as plantas e ler. Estava com quase 80 anos nessa época.

Certa noite, ele teve uma aparição esquisita.

Tinha se sentado em seu jardim para ler. O livro que o interessava falava de superstições e duendes; seu jardim, em outros tempos, tinha sido um dos locais frequentados por duendes. Enquanto lia, o senhor Mabeuf erguia os olhos e observava suas plantas, em especial um magnífico rododendro. Mas quatro dias de sol, sem uma gota de chuva, tinham deixado os ramos curvados e tristes. O velho se levantou e foi até o poço, mas, quando segurou a corrente para puxar o balde cheio de água, não teve forças para fazer isso. Então, voltou-se e dirigiu ao céu um olhar de angústia. A noite prometia ser tão árida quanto o dia que findava.

— Estrelas, só estrelas! — pensava. — Nenhuma nuvem, nenhuma gota de chuva...

Voltou ao poço e tentou uma vez mais puxar a corrente, mas não conseguiu.

Nesse momento, uma voz por trás dele perguntou:

— Senhor Mabeuf, quer que eu regue o seu jardim?

O velho viu sair por entre as moitas, assustada, uma jovem alta e magra, que o fitava com atrevimento. Mais parecia um fantasma do que uma figura humana.

Antes que ele respondesse, a criatura lançou a corrente ao poço, mergulhou o balde, enchendo-o de água, e o trouxe de volta para completar o regador. Mabeuf ficou observando aquela menina, de pés descalços, que corria pelos canteiros molhando as plantas. Esvaziado o primeiro balde, a menina tirou um segundo e um terceiro, e regou todo o jardim.

Vendo-a a andar assim, agitando o xale esburacado que lhe cobria os ombros, o velho teve a impressão de que observava um morcego.

— Deus lhe pague, menina — disse ele —, você é um anjo, porque só um anjo cuidaria assim das plantas.

— Não — respondeu ela —, eu sou um diabo, mas tanto faz...

— Pena que eu seja tão pobre que não possa recompensar o que acaba de fazer.

— Mas pode, sim — disse ela. — Basta me dizer onde mora o senhor Marius.

O velho não compreendeu.

— Um rapaz que antes vinha até sua casa.

Mabeuf esforçava-se por recordar.

— Ah, sim... o barão de Pontmercy... Sim, ele mora... Não... Não mora mais... Ele

passa sempre pela rua e vai até o campo da Cotovia... não será difícil encontrá-lo.

Enquanto falava, o senhor Mabeuf se agachou para ajustar uma haste do rododendro. Quando se levantou, não havia mais ninguém.

— Se o jardim não estivesse molhado, eu diria que acabei de ver um fantasma.

Na hora de se deitar, quase dormindo, falou confusamente para si mesmo:

— O que se passou comigo hoje parece o que o autor contou em seu livro sobre os duendes... Teria sido um deles?

Aparição a Marius

Alguns dias depois, Marius se preparava para sair. Dizia a Courfeyrac, que lhe dera um quarto onde morar, que iria passear um pouco e depois iria trabalhar. Era sempre assim: logo que se levantava, sentava-se à mesa diante de um livro e uma folha de papel, para acabar uma tradução. Lia quatro linhas, tentava escrever uma e tanto se embrenhava em pensamentos alheios ao trabalho que se levantava e saía.

E ia até o campo da Cotovia. Morava mais no campo da Cotovia do que no quarto de Courfeyrac.

Naquela manhã, um sol reanimador penetrava por entre a folhagem. Ele sonhava com “ela” e pensava dolorosamente na paralisia da alma e na noite cada vez mais espessa diante de seus olhos, a ponto de não ver mais o sol.

De repente, no meio de seus pensamentos, acabrunhado, ouviu uma voz conhecida que lhe dizia:

— Oh! Aqui está ele!

Marius ergueu os olhos e viu a menina desventurada que um dia fora a seu quarto, a filha mais velha de Thénardier, Eponine. Que contraste, ela parecia mais pobre e mais bonita! Vinha descalça e coberta de andrajos, como no dia em que entrara em seu quarto. A diferença é que os trapos estavam dois meses mais gastos, os buracos maiores, e o que restava, mais imundo. No rosto, tinha aquela indefinível expressão de terror e de angústia que a passagem pela prisão acrescenta à miséria.

Apesar de tudo, era bonita.

— Bem que o senhor Mabeuf me disse para procurá-lo aqui. Se soubesse como o procurei! Estive na cadeia por duas semanas e saí por falta de provas. Faz dois meses já... Então, não mora mais lá?

— Não.

— Já sei! Por causa daquela história! Sabe, o senhor Mabeuf o chama de barão não sei por quê, mas o senhor não é nenhum barão... Barões são velhos. Uma vez fui levar uma carta na casa de um barão e ele tinha 100 anos... Onde está morando agora?

Marius não respondeu.

— O senhor não parece contente em me ver... Mas, se eu quisesse, eu faria o senhor ficar com cara alegre.

— O que quer dizer?

Ela mordeu os lábios, hesitante, como que presa a um combate interior. Mas, finalmente, pareceu decidir-se:

— O senhor me prometeu me dar tudo que eu quisesse...

— Está certo, mas fale... O que você quer me dizer?

— Eu sei o endereço.

Marius empalideceu. Todo o sangue refluíu para o coração.

— O endereço que o senhor me pediu... daquela menina.

Marius pulou do parapeito onde estava sentado e pegou-lhe as mãos, sem saber o que fazer.

— Então me diga, leve-me até lá! Peça o que quiser! Onde é?

— Venha comigo, não sei bem a rua, mas sei a casa, é bem longe, mas sei chegar até lá.

De repente, uma nuvem passou pelo rosto de Marius e ele segurou a jovem pelo braço.

— Jure-me uma coisa, Eponine! Jure que nunca revelará esse endereço a seu pai!

Ela olhou para ele, admirada.

— Como sabe que me chamo Eponine?

— Jure, jure o que lhe pedi.

Ela parecia não compreender.

— Que graça, ele me chamou de Eponine!

Marius a segurou pelos dois braços.

— Preste atenção! Jure que não vai contar a seu pai sobre esse endereço.

— Meu pai está na cadeia, que me importa?

— Então me prometa e me leve até lá!

— Agora?

— Imediatamente!

— Nossa, como ficou alegre... — acrescentou ela.

Eponine deu alguns passos e parou, e logo Marius parou ao lado dela. A menina falou, sem se voltar para ele:

— O senhor se lembra de que me prometeu alguma coisa, não?

Marius vasculhou seus bolsos e tudo que havia eram os cinco francos destinados ao pai dela. Colocou-os na mão de Eponine.

Ela abriu os dedos e deixou cair a moeda no chão, olhando-o com ar sombrio:

— Eu não quero o seu dinheiro!

A CASA DA RUA PLUMET

A casa misteriosa

Era uma casa de um só pavimento, duas salas no térreo, dois quartos em cima, depois o sótão, e com um grande jardim na frente cercado por uma grade que dava para a rua. A casa tinha uma característica: fora construída pelo presidente do Parlamento de Paris para ocultar o relacionamento com uma mulher, e por isso tinha uma porta secreta nos fundos, que se comunicava com um longo corredor a céu aberto, ladeado por altos muros, o qual, escondido e como que perdido entre as sebes dos jardins e do pomar, ia dar em outra porta igualmente secreta que se abria à distância de meio quarto de légua, em outro quarteirão.

O presidente entrava por ali, de tal modo que mesmo os que o seguissem, curiosos para descobrir aonde ele ia todos os dias, não iriam suspeitar que, entrando pela porta daquele quarteirão, iriam sair do outro lado, em outra casa.

A casa ficou desabitada por muito tempo, e os transeuntes viram a tabuleta pendurada na grade do jardim, anunciando a venda ou o aluguel, desde 1810. Pelo fim da Restauração, esses passantes notaram as janelas do primeiro andar abertas e perceberam que a casa estava sendo ocupada.

Um homem de certa idade alugara a casa no estado em que se encontrava, incluindo tanto os cômodos do quintal como o corredor que levava até o outro quarteirão. O novo inquilino mandou renovar as portas secretas que davam para aquela passagem e fez alguns pequenos consertos aqui e ali, mudando-se finalmente com a filha e uma velha criada, sem fazer alarde, mais como quem entra sorrateiramente do que como alguém que toma posse do que é seu. Como não havia vizinhos, ninguém comentou nada nem achou estranho.

O novo inquilino era Jean Valjean e a jovem, Cosette. A criada, que se chamava Toussaint, era uma pobre criatura, a quem ele salvara da miséria e do hospital, quase último paradeiro das infelizes como ela. Era velha, provinciana e gagá, três qualidades que influíram em sua escolha. Ele alugara a casa como senhor Fauchelevent. Mas o que acontecera para que ele deixasse o convento com a jovem? Nada de excepcional.

Jean Valjean estava feliz no convento, via Cosette todos os dias e achava que continuaria tudo sempre assim. Para ele, a jovem se faria religiosa, já que, tanto para Cosette quanto para ele, ali era todo o universo. Ele envelheceria, ela cresceria, envelheceria também e ali morreria. Mas, refletindo sobre isso, começou a se perguntar se aquela felicidade lhe pertencia de fato, ou se não estaria confiscando a felicidade daquela criança. Ele teria o direito de roubar a chance daquela menina de conhecer a vida antes de

renunciar a ela? Seria justo se aproveitar de sua ignorância sobre o mundo e de sua inocência, sob o pretexto de lhe poupar das privações? Sem a consultar, forçando uma vocação religiosa de modo artificial? Por isso tudo, mesmo desolado, reconheceu que era preciso deixar o convento.

Cinco anos dentro daqueles muros deveriam necessariamente ter dispersado os motivos de receio. Mais velho e tão mudado, ele podia voltar ao mundo porque ninguém o reconheceria. Por pior que fosse, só haveria perigo para ele, pois não tinha o direito de condenar Cosette ao claustro só porque ele havia sido condenado às galés.

Então, quando o velho Fauchelevent morreu, Jean Valjean comunicou à priora que, recebendo uma pequena herança que lhe permitiria viver sem trabalhar, ele deixaria o serviço do convento e levaria consigo a filha; mas, como não era justo que Cosette tivesse sido educada gratuitamente, pediu que a priora aceitasse em nome da comunidade, como indenização pelos cinco anos, a importância de mil francos. Foi assim que Jean Valjean saiu do convento da Adoração Perpétua.

Na ocasião de sua saída, ele mesmo levou a pequena valise que sempre carregava consigo, em qualquer lugar que fosse. Eram inseparáveis.

Descobriu a casa da rua Plumet e ali se alojou, com o nome de Ultime Fauchelevent. Ao mesmo tempo, alugou outras duas casas em Paris, a fim de atrair menos a atenção do que se ficasse sempre no mesmo lugar, podendo assim, quando quisesse, ausentar-se à menor desconfiança e para não estar desprevenido como na noite em que escapou milagrosamente de Javert.

Eram duas casas modestas e de aparência pobre, distantes uma da outra, uma na rua de l'Ouest, outra na rua del'Homme-Armé. De vez em quando, ora passava algumas semanas numa casa, ora na outra, sem levar a criada, mas sempre em companhia de Cosette.

Passava por um proprietário de terras que vinha à cidade de tempos em tempos. Assim se via constrangido, aquele homem virtuoso, a possuir três domicílios em Paris para escapar da polícia.

Jean Valjean, guarda nacional

Jean Valjean, porém, vivia quase sempre na casa da rua Plumet. Todos os dias ele pegava Cosette pelo braço e a levava a passear. Conduzia-a ao Luxembourg, à aleia menos frequentada, e todos os domingos iam à missa, sempre na igreja mais distante. Como ficava num bairro pobre, ele dava muitas esmolas, e foi por isso que os Thénardier enviaram a carta, endereçada ao “benfeitor da igreja Saint-Jacques-du-Haut-Pas”.

Nenhum estranho entrava na casa da rua Plumet. Toussaint fazia as compras e o próprio Jean Valjean ia buscar água numa fonte que ficava bem próxima. Na porta secreta

que dava no outro quarteirão, havia uma caixa para receber cartas e jornais, mas atualmente servia apenas para receber os avisos dos impostos e as ordens do comandante da Guarda Nacional, pois o senhor Fauchelevent, proprietário, pertencia à Guarda Nacional; ele não tinha conseguido escapar às malhas estreitas do recenseamento de 1831. Mas Jean Valjean não reclamava, ao contrário. Ele não tinha estado civil; escondia seu nome, escondia sua identidade, escondia sua idade, escondia tudo; e era da Guarda Nacional de muito boa vontade. Seu ideal era se parecer com qualquer cidadão pagador de impostos.

Quando saía com Cosette, vestia-se como se fora um oficial reformado. Mas quando saía sozinho, à noite, disfarçava-se com roupas de operário, usando um boné que lhe escondia o rosto. Cosette já se acostumara com as singularidades do pai.

Nenhum deles saía ou entrava por outra porta que não fosse a da rua Babylone, a do outro quarteirão. A menos que alguém os visse da rua pela grade da frente, era difícil dizer que alguém morava naquela casa. O portão da grade estava sempre fechado e Jean Valjean deixara o jardim sem cuidar, para não atrair a atenção.

Nisso ele se enganara.

Mudança de grades

Cosette saía do convento quase uma criança. Agora estava com 14 anos, e parecia mais feia do que bonita, com exceção dos olhos. Era acanhada, magra, muito alta.

Sua educação estava terminada e ela não teve mãe, foi educada por freiras. E embora Jean Valjean fosse a mais desvelada criatura, nada sabia sobre a “idade crítica” de uma jovem.

Nada predis põe tanto uma jovem para as paixões quanto um convento. E quando Cosette saiu de lá, não podia encontrar nada mais agradável e perigoso do que a casa da rua Plumet. Era a continuação da solidão e o começo da liberdade; um jardim fechado, mas uma natureza agreste, rica, voluptuosa, perfumada; os mesmos sonhos do convento, envolvendo porém alguns rapazes; uma grade, mas que dava para a rua.

Ela amava o pai com toda a alma. Ele lia muito, desde que fora o senhor Madeleine; por isso, nos passeios ao Luxembourg Jean Valjean dava-lhe longas explicações a respeito de tudo, recorrendo ora ao que havia lido, ora ao que havia sofrido.

Cosette lembrava confusamente de sua infância. Mas rezava pela mãe que não conhecera. Os Thénardier, para ela, eram apenas dois vultos medonhos que via nos sonhos. Recordava-se de que certa noite fora a um bosque buscar água, mas um bosque muito distante. Segundo suas ideias, sua infância fora cercada de centopeias, aranhas e cobras e estava à beira do abismo quando Jean Valjean surgira e a salvara. À noite, pensando antes de dormir, como não tinha uma ideia muito nítida de ser filha ou não de

Jean Valjean, imaginava que a alma de sua mãe se mudara para aquele homem e viera morar a seu lado.

Todas as vezes que perguntava a Jean Valjean sobre o nome de sua mãe, ele se calava. Seria por respeito? Pensava em Fantine e sentia-se dominado pelo silêncio. Sentia que não devia perturbá-la em seu sono eterno, ao falar seu nome em voz alta.

Mas Jean Valjean estava feliz.

Quando Cosette saía com ele, apoiava-se em seu braço, ativa, feliz, na plenitude de seu coração. Jean Valjean, a todas essas provas de ternura tão exclusiva e satisfeita, sentia o pensamento fundir-se em delícias. O pobre homem comovia-se, convencendo-se com entusiasmo de que tudo aquilo duraria toda a vida e que, na verdade, não havia sofrido o bastante para merecer felicidade tão radiante, e agradecia a Deus, nas profundezas de sua alma, por lhe haver permitido ser assim tão amado, ele, um miserável, por aquela criatura inocente.

A rosa descobre que é uma máquina de guerra

Um dia, por acaso, Cosette olhou-se no espelho e viu que era quase bonita. Até aquele instante nunca tinha pensado na própria aparência. Além do mais, tinham-lhe dito tantas vezes, que ela era feia que cresceu com essa ideia da infância. Somente Jean Valjean lhe dizia o contrário.

Mas agora o espelho dizia outra coisa, e ela começou a pensar que seria muito bom se fosse bonita de verdade.

À noite, depois do jantar, costumava ficar fazendo um bordado enquanto Jean Valjean lia a seu lado. Certa vez, ela ergueu os olhos do trabalho e notou o modo preocupado como o pai a observava.

Outra ocasião, na rua, alguém passou por ela e comentou que “era uma mulher bonita, mas malvestida”. Como Cosette não tinha se virado para saber quem era, achou que o comentário não havia sido dirigido a ela, mas a outra pessoa. “Sou feia”, pensou, “e estou bem vestida.”

Por fim, no jardim, ouviu a senhora Toussaint perguntar ao pai:

— O senhor já notou como a menina está ficando bonita?

As palavras da criada a emocionaram, e ela subiu ao quarto para se ver no espelho, pois fazia três meses que não se olhava; achava que, como era feia, de que valia ficar se admirando? Ficou deslumbrada!

Estava linda, as formas estavam desenvolvidas, a pele estava mais alva, os cabelos lustrosos, um brilho desconhecido cintilava nos lindos olhos azuis.

Mas Jean Valjean sentia uma terrível angústia. Era uma nova mudança em sua vida, mas, de tudo por que passara, só uma coisa realmente lhe importava: que Cosette o

amasse. Que nada viesse impedir o coração daquela criança de vir a ele e de continuar a lhe pertencer! Se Cosette o amasse, iria se sentir curado, repousado, tranquilo, contente, recompensado, coroado.

Ele jamais soube o que seria a beleza de uma mulher, mas seu instinto dizia que era algo terrível. Tinha medo de alguém tomar seu lugar no coração da jovem.

Logo, com fé na própria beleza, a alma feminina se expandiu em Cosette e ela instantaneamente aprendeu tudo o que se poderia aprender sobre sapatos, chapéus, punhos de renda, a cor que melhor lhe servia.

Jean Valjean assistia com ansiedade a essas transformações. Ele, que só se sentia capaz de se arrastar, quando muito, de caminhar, via nascer asas em Cosette.

A partir desse momento, ele notou que Cosette, que antes lhe pedia para ficar em casa, dizendo que se divertia mais ali com ele, agora sempre pedia para sair. Afinal, para que ser bonita e andar bem vestida, se não para se mostrar?

Cosette não mais preferia ficar no pátio traseiro. Sabendo-se bela, preferia ficar no jardim da frente, passeando ao lado da grade com prazer. Jean Valjean, desconfiado, não punha os pés no jardim. Ficava no quintal, como o cachorro.

Foi por essa época que Marius, depois de passados seis meses, tornou a vê-la no Luxembourg.

Começa a batalha

Cosette vivia na sombra, assim como Marius, e prestes a incendiar-se à primeira faísca. Na mesma hora em que Cosette lançara a Marius aquele olhar que tanto o perturbara, Marius não percebeu que seu olhar a ela também a deixara perturbada. No dia em que seus olhares se encontraram, dizendo aquelas coisas obscuras e inefáveis que um olhar balbucia, Cosette não compreendeu o que havia acontecido de imediato.

Ela voltou pensativa para a casa onde Jean Valjean viera passar seis semanas. No dia seguinte, quando foi com ele caminhar habitualmente pelo Luxembourg, pensou naquele desconhecido que durante tanto tempo se mantivera frio e indiferente, e agora parecia lhe dar atenção. Marius ainda hesitava, aflito, e ficava em seu banco sem nunca se aproximar deles. Cosette, despeitada, pediu então ao pai para irem passear daquele lado.

Já que Marius não ia até ela, ela foi até ele. Naquele dia, o olhar de Cosette enlouqueceu Marius, e o olhar de Marius fez Cosette tremer. A partir de então, ambos se adoraram.

Era uma espécie de adoração a distância, uma contemplação muda, como a adoração a um objeto belo, luminoso e impossível. Qualquer encontro mais palpável, mais próximo, teria nesse momento afugentado Cosette, ainda envolta na exagerada névoa do claustro. Ainda evaporava nela, lentamente, o espírito do convento, que durante cinco anos saturara

seus pensamentos e lhe fazia tremer em relação a tudo que a rodeasse. Nessa situação, ela não precisava de um amante ou de um namorado, mas de uma visão.

Tanto Marius quanto Cosette viviam um para o outro no meio da escuridão. Não trocavam palavras, não se saudavam, não se conheciam, apenas se viam. Viviam de se olhar, como os astros no céu, separados por milhões de léguas.

Era assim que ela se tornava mulher, pouco a pouco, bela e apaixonada, consciente de sua beleza e inocentemente galanteadora.

Para tristeza, tristeza e meia

Jean Valjean nada via, nada sabia, mas sentia no íntimo que algo desmoronava. E Marius, também sem compreender direito o que acontecia, entendia que não podia se deixar ver pelo “pai”. Mas cometia imprudências, fazendo-se notar por Jean Valjean. Não chegava mais perto deles no banco, antes vinha com roupas velhas, depois aparecia todos os dias com roupas novas. Ficava ao longe, sentado em um banco, fingindo ler um livro... Fingia por quê?

Jean Valjean notara que havia um paralelismo importuno entre o recente gosto de Cosette por se vestir bem e a roupa nova com que o desconhecido passara a se vestir. Era um acaso, mas um acaso ameaçador.

Por isso, iniciou uma guerra secreta contra o rapaz, que não percebeu, cego pela paixão e pela ingenuidade da juventude. Valjean preparou uma série de ciladas e Marius caiu em todas. Mudou de horário, mudou de banco, esqueceu o lenço, foi sozinho ao Luxembourg. Cosette permanecia imperturbável em sua aparente indiferença, e Jean Valjean concluiu que “aquele bobo está louco de amor por Cosette, mas ela nem sabe que ele existe!”.

Seu coração, porém, estava aflito. O minuto em que Cosette começaria a amar soaria de um momento para outro. Afinal, tudo não começa pela indiferença?

Um dia, porém, Cosette se deixou trair, e enquanto ela sorria para um Marius que não via mais nada nesse mundo que não aquele rosto irradiando beleza, Jean Valjean fixou no jovem um olhar faiscante e terrível.

Em seus pensamentos, sentia levantar-se contra o rapaz os antigos abismos de sua alma, cheios de cólera. Que vinha fazer aqui aquele sujeito? Rodeando, farejando sua vida, querendo roubar sua Cosette e levá-la embora? Veio procurar um namorico, uma aventura? Depois de ter vivido uma vida sem jamais ter tido amigos, esposa, filhos, depois de ter deixado seu sangue manchando todas as pedras das galés, no momento em que perdeu a tudo e a todos e se sentia recompensado, no momento em que tinha tudo o que desejava, estava ameaçado de perder Cosette, que era sua vida, sua alma, porque um imbecil qualquer inventara de vir passear no Luxembourg?

O resto é sabido. Marius continuou a ser insensato. Um dia seguiu Cosette até a rua de l'Ouest. Outro dia, falou com o porteiro. Este, por sua vez, contou a Jean Valjean:

— O senhor sabe quem é esse rapaz que anda indagando a seu respeito?

Oito dias depois, Jean Valjean mudou-se, jurando não mais pôr os pés nem no Luxembourg nem na rua de l'Ouest. Voltou para a rua Plumet.

Cosette não se queixou, não disse nada, não fez perguntas, porque já chegara ao período em que temia trair-se. Jean Valjean não tinha experiência alguma nessas misérias, as únicas que são encantadoras e que ele não conhecia. Por isso não compreendeu o grave significado do silêncio de Cosette. Notou apenas que ela ficara triste, o que o tornou igualmente triste. Tanto de um lado como de outro, eram duas in experiências em conflito.

Em uma ocasião, ele fez uma experiência. Perguntou a Cosette:

— Quer ir ao Luxembourg?

O rosto pálido de Cosette iluminou-se com um brilho de alegria:

— Quero — disse ela.

Tinham se passado três meses. Marius não ia mais.

No dia seguinte, Jean Valjean tornou a perguntar a Cosette:

— Quer ir ao Luxembourg?

Então ela respondeu tristemente:

— Não!

Jean Valjean sentiu-se magoado por aquela tristeza e angustiado por aquela doçura. O que acontecia naquele espírito tão jovem e já tão impenetrável? O que estava para acontecer? O que acontecia à alma de Cosette?

Ela sofria com a ausência de Marius, do mesmo modo como se alegrava com sua presença. No dia em que voltou ao Luxembourg, Marius não estava mais lá. Teria terminado tudo? Que fazer? Voltaria a encontrá-lo?

Mas não deixou que o pai notasse sua palidez e imensa tristeza. Ele lhe perguntava o que ela sentia, e a jovem respondia que não tinha nada. E Jean Valjean sofria com igual intensidade e tristeza.

Aquelas duas criaturas que se amavam de modo tão estranho e com amor tão intenso, depois de terem vivido por tanto tempo um para o outro, sofriam agora um ao lado do outro, um por causa do outro, sem nada dizerem, sorrindo sempre.

A corrente

O mais infeliz dos dois era Jean Valjean. E sofria tanto que chegava a ser pueril em suas angústias. Ele sentia que Cosette lhe escapava e queria lutar para reter com ele a jovem.

Um acontecimento inesperado veio a se juntar a esses tristes pensamentos. Na vida

isolada que levavam, ambos, de tempos em tempos, se permitiam o prazer de assistir ao nascer do sol. Passear de manhã bem cedo nas ruas desertas e com os passarinhos cantando era motivo de alegria para Cosette. A preferência de Jean Valjean era pelos lugares pouco frequentados, pelos recantos solitários e esquecidos. Cosette brincava, corria, colhia ramos de flores e ficava assistindo às borboletas pousadas nos arbustos e flores.

Assim, numa manhã de outubro, no clima perfeito de outono, foram assistir ao nascer do sol perto da barreira do Maine. Tudo era paz e silêncio; ninguém pela estrada; aos lados, alguns raros operários dirigindo-se ao trabalho.

Jean Valjean sentou-se sobre um monte de lenha depositado na estrada. Pensava em Cosette, na felicidade possível, se ninguém se colocasse entre os dois, na luz com que ela iluminava toda a sua vida, luz que era a própria respiração de sua alma. Sentia-se então quase feliz. Cosette, de pé a seu lado, olhava as nuvens tingirem-se de rosa.

De repente, exclamou:

— Meu pai, parece que vem gente!

Pelo som do tropel de cavalos e de estalos de chicote, parecia ser uma carroça. Aos poucos, divisavam-se seus contornos. Era, de fato, uma carroça que se dirigia para onde Jean Valjean estava. Atrás dela veio uma segunda carroça, depois mais uma, e logo sete carroças surgiram, as cabeças dos cavalos tocando a parte traseira das carroças que vinham antes deles. Via-se a agitação dos vultos em cima dos carros e o relampejar dos sabres. Era uma visão impressionante, que só se podia ver em sonhos.

Ao se aproximarem, as formas que surgiam por entre as árvores foram ficando mais distintas, e o clarão do crepúsculo revelou o que era aquela massa.

Seguiam pelo caminho sete carroças. As seis primeiras eram como longas escadas apoiadas sobre rodas. Havia vinte e quatro homens em cada uma delas, doze de cada lado, encostados uns aos outros. Às costas, tinham uma corrente presa ao pescoço em gargalheiras, de tal modo que quando esses homens tinham de descer do carro, estavam ligados nessa espécie de unidade inexorável, como uma centopeia. Na frente, e atrás de cada carro, dois homens, armados de espingardas, mantinham-se de pé pisando cada um deles uma das extremidades da corrente. A sétima carroça levava um monte de caldeiras e painéis de ferro, fogareiros e correntes e mais alguns homens amarrados e deitados, que pareciam doentes.

A procissão de carroças ocupava o meio da estrada e, de ambos os lados, caminhavam alas de guardas, sujos e sórdidos, uma espécie de soldados bem vagabundos, armados de baionetas. O que parecia ser o chefe empunhava um chicote de cocheiro. Na frente e atrás do comboio, iam soldados a cavalo, sérios, de sabres desembainhados.

Triste era o aspecto daqueles homens acorrentados, tiritando, lívidos, ao contato da friagem do amanhecer. Trajavam todos calças de estopa, e o resto do vestuário era o retrato da miséria, bonés rasgados, por entre os rasgões da roupa entevia-se o peito cabeludo. Os homens da escolta praguejavam, os acorrentados nem uma palavra proferiam; de espaço a espaço ouvia-se o som de uma paulada nas costas ou nas cabeças dos desgraçados.

Confundiam-se naquele cortejo todas as variedades da miséria humana. Velhos, adolescentes, barbas grisalhas, bocas selvagens, magras faces de esqueletos. O olhar de Jean Valjean expelia um clarão medonho. Aquele homem não assistia a um espetáculo, sofria

uma visão. Quis levantar-se, fugir, escapar, mas não conseguiu mover um pé. Ficou pregado, petrificado, aparvalhado, perguntando a si mesmo de onde saíra aquele pandemônio que o perseguia.

Lentamente, lembrou-se de que aquele era o itinerário, que faziam aquele caminho para evitar o encontro com as comitivas reais em direção a Fontainebleau, e que, trinta e cinco anos antes, ele próprio passara por ali.

Cosette não compreendia, a respiração lhe faltava, e finalmente perguntou:

— Mas que gente é aquela?

Jean Valjean respondeu:

— São forçados que vão para as galés.

Essa era a Corrente, que seguia pela estrada de Mans para evitar Fontainebleau, onde estava o rei. Esse desvio aumentava a horrível viagem em mais três ou quatro dias, mas, para poupar à visão da nobreza esse suplício, podia-se prolongar a viagem sem problemas.

Felizmente, quis o acaso que o dia seguinte ao do trágico espetáculo fosse de festa em Paris, e houvesse parada no Campo de Marte, teatros nos Campos Elíseos, fogos de artifício e iluminação por toda a parte. Contrariando seus hábitos, Jean Valjean levou Cosette a esses divertimentos para distrair o espírito da jovem e apagar o espetáculo abominável da véspera.

Ele acreditava que não restasse mais nada da hedionda visão. Mas, alguns dias depois, Cosette estava no jardim desfolhando uma margarida e Valjean a contemplava com infinita ternura, fascinado pela visão daqueles dedos pequeninos sobre a flor, esquecendo-se de tudo diante do brilho daquela criança.

De repente, ela inclinou a cabeça com a delicada lentidão do cisne e perguntou:

— Papai, mas o que são as galés?

A AJUDA DA TERRA PODE SER A AJUDA DO CÉU

Ferido por fora, restabelecido por dentro

Assim, gradualmente, a existência daquelas duas criaturas ia se obscurecendo.

Sua única distração era levar pão aos que tinham fome e roupas aos que tinham frio. Nessas visitas aos pobres, ambos reencontravam um pouco de sua antiga confiança; e, às vezes, quando o dia havia sido bom, quando tinham sido muitas as misérias socorridas e muitas as crianças alimentadas e agasalhadas, Cosette, à noite, sentia-se um pouco mais alegre.

Foi por essa época que visitaram a morada dos Jondrette.

E foi no dia seguinte à visita que Jean Valjean voltou com uma grande ferida no braço, inflamada e de mau aspecto. Por causa da ferida, teve febre por mais de um mês, mas não quis consultar um médico. Cosette fazia curativos de manhã e à noite e passava quase os dias inteiros ao lado do pai.

Jean Valjean praticamente renascia com os cuidados da jovem, e era tal sua felicidade que o terrível encontro com os Thénardier, por mais inesperado que tivesse sido, quase havia caído no esquecimento. Ela escapara e sua pista tinha sido perdida, o que mais lhe importava? Estavam todos presos e sem possibilidade de fazer mal a alguém. Quanto ao cortejo dos forçados, Cosette nunca mais tocou no assunto.

A ferida de Jean Valjean cicatrizou depois de algum tempo, o inverno terminava e os dias ficavam mais compridos, a primavera se aproximava. Cosette, estimulada pelo pai, voltara a cuidar do jardim da casa, e ele, inebriado, percebia como a jovem estava mais corada e bem disposta.

— Abençoada ferida — dizia baixinho, e sentia-se grato aos Thénardier.

Assim, ele recomeçou seus passeios ao crepúsculo, como antes, mas é um erro supor que é possível aventurar-se sozinho pelos locais ermos de Paris sem deparar com alguma aventura.

A senhora Plutarco não tem dúvidas ao explicar certos fenômenos

Certa noite, o pequeno Gavroche lembrou-se de que ainda não tinha jantado e foi se aventurar pelos lados de Austerlitz, onde encontrou um povoado que já havia visitado noutra época.

Num de seus passeios anteriores, ele notara uma casa com um pequeno jardim, onde viviam um velho e uma velha, e também havia uma macieira no quintal. Uma maçã pode muito bem substituir uma ceia; uma maçã é a própria vida. O que perdera Adão poderia salvar Gavroche.

A noite estava escura, a rua era solitária e não se via nem um gato. Quando começou a escalar o pequeno muro que cercava o jardim da casa, parou. Ouviu vozes e passou a escutar a conversa.

— Senhor Mabeuf! — dizia a velha.

— Mabeuf! — disse consigo Gavroche. — Que nome gozado!

Como o velho não respondesse, a velha tornou:

— Senhor Mabeuf!

— Que é, dona Plutarco? — Respondeu enfim o velho, sem erguer os olhos do chão.

— Plutarco! — murmurou Gavroche. — Outro nome estranho!

— O senhorio não está satisfeito — tornou a senhora Plutarco, dirigindo-se ao velho, que não teve remédio senão entabular conversa.

— Por quê?

— Porque o senhor deve três trimestres.

— E daqui a três meses serão quatro!

— Diz que o porá para fora.

— Pois que ponha!

— A quitandeira quer que o senhor salde as contas e não vai mais nos dar lenha. Como o senhor vai se aquecer no inverno?

— Mas temos o sol.

— O açougueiro não vende mais fiado; vamos ficar sem carne.

— Não estou digerindo bem a carne. É muito pesada.

— O que teremos para jantar?

— Pão.

— O padeiro quer ser pago e já me disse que, sem dinheiro, acabou-se o pão. O que o senhor vai comer?

— Maças.

— Mas não se pode viver assim, sem dinheiro.

— Eu é que não tenho.

A velha se retirou, o homem ficou sozinho. Pôs-se a pensar. Gavroche, por sua vez, também pensava.

O primeiro resultado da meditação de Gavroche foi que, em vez de escalar a sebe, decidiu se esconder embaixo, onde havia uma clareira. E tão próxima do velho que dava para ouvir-lhe a respiração.

De repente, dois vultos surgiram a pequena distância. O primeiro vulto parecia um velho, aquebrado e pensativo, e o segundo, que vinha atrás a pouca distância, era mais firme e delgado, mais jovem, com roupas modernas e elegantes. Por baixo do chapéu,

Gavroche o reconheceu. Era Montparnasse.

Um dos transeuntes tinha evidentemente projetos a respeito do outro. Gavroche estava num ótimo lugar para presenciar o que acontecesse. Montparnasse à caça, naquela hora, naquele lugar, era ameaçador, e Gavroche sentiu que se comovia pelo destino do velho. Que fazer? Devia intervir? Isso seria motivo de riso para Montparnasse. Gavroche sabia que, para aquele temível assaltante de dezoito anos, primeiro o velho, depois o menino, seriam apenas duas vítimas a destruir em instantes.

Enquanto Gavroche deliberava, teve lugar o ataque, repentino e feroz. Ataque de tigre contra o carneiro, ataque da aranha contra a mosca. Montparnasse saltou sobre o velho, agarrou-lhe o pescoço e o derrubou em um instante. O menino a custo não deixou escapar um grito.

Daí a momentos, jazia um homem por baixo do outro, rugindo e debatendo-se sufocado sob um joelho de mármore que lhe esmagava o peito. O que Gavroche demorou um instante para perceber é que Montparnasse estava deitado no chão, o velho é que estava por cima. Num abrir e fechar de olhos, o assaltante e o assaltado tinham trocado os papéis.

— Aquele velhote tem coragem! — disse Gavroche para si mesmo.

Seguiu-se então um momento de silêncio, em que Montparnasse parou de se debater e o velho, que até então não dissera uma palavra, ergueu-se e falou:

— Levante-se!

Montparnasse levantou-se, porém o velho não o largava. Montparnasse estava na atitude humilhada e furiosa de um lobo que se via mordido por um cordeiro. O velho perguntava, Montparnasse respondia.

— Quantos anos você tem?

— Dezenove.

— Você é forte e tem saúde. Por que não trabalha?

— Não gosto.

— Qual é sua profissão?

— Vadio.

— Talvez se possa fazer alguma coisa em seu favor. O que é que você quer ser?

— Ladrão.

O velho parecia profundamente preocupado. Continuava imóvel e ainda não havia largado Montparnasse. Parecia pensativo. Finalmente, falou:

— Pare enquanto é tempo. Uma vez preso, não espere mais nada. Trabalhe, preguiçoso! Nada de descansar! Você não quer ganhar a vida, ter uma ocupação, cumprir um dever! Ser como os outros o aborrece! Você não quer ser operário, então será escravo. Você não quer o cansaço honesto dos homens, terá então o suor dos condenados. Não haverá uma semana, um único dia, uma única hora, sem cansaço. Qualquer um, quando quer sair, empurra a porta, e está fora. Você, se quiser sair, terá de furar as paredes. Surge uma fechadura, para qualquer um basta uma chave para abri-la. Você, se quiser passar, terá de pegar uma moeda e cortá-la em duas lâminas. Com que ferramentas? Você terá de inventá-las. Depois terá de cavar a parte interna das duas lâminas, tendo o cuidado de deixar o outro lado intacto, fazendo uma rosca nas bordas para que as duas partes se

ajustem uma à outra, como uma caixa e uma tampa. Para os guardas — pois você será vigiado —, não passará de uma moeda; para você, é um estojo. O que você guardará nesse estojo? Um pedacinho de aço, uma corda de relógio, na qual você terá de fazer dentes, transformando-a numa serra. Com essa serra, do tamanho de um alfinete, escondida numa moeda, você terá de cortar a lingueta da fechadura, a haste dos trincos, a asa do cadeado, as grades da janela, a corrente que lhe prenderá os pés. Ser inútil, rapaz, é nocivo! Isso leva diretamente à mais horrível miséria. Você não pensa senão em beber bem, comer bem, dormir bem, mas terá de beber água, comer pão negro, dormir em cima de tábuas com uma corrente presa aos pés. Você então quebra essa corrente e foge. Muito bem. Terá de se arrastar sobre o ventre debaixo das moitas, comendo mato como os animais selvagens. Depois, será novamente preso. Então, terá de passar anos e anos num subterrâneo, preso a um muro, tateando para ir beber água suja, mordendo um pão nojento que os próprios cães rejeitariam, mastigando favas que os vermes terão roído antes de você. Eu peço encarecidamente que me ouça. Você entrará lá com 20 anos e sairá com 50! Entrará jovem, sadio, corado, com olhos brilhantes, com todos os dentes brancos, bela cabeleira de adolescente, e sairá alquebrado, recurvado, enrugado, sem dentes, de cabelos brancos! É muito menos penoso ser homem honesto, acredite em mim. Agora vá, e pense no que eu lhe disse. A propósito, o que você queria de mim? A bolsa? Aqui está ela.

Montparnasse pesou a bolsa na mão e a colocou no bolso de trás de seu casaco. Enquanto o velho se afastava tranquilamente, o bandido murmurou:

— Que idiota!

Admirado, ficou observando o velho desaparecer no crepúsculo, e enquanto isso Gavroche se aproximava por trás. Enfiou cuidadosamente a mão no bolso da casaca onde estava a bolsa e se escondeu de novo, como uma cobra na escuridão. Montparnasse, não tendo nenhum motivo para desconfiar de alguma coisa, e pensando — pela primeira vez na vida — em tudo que o velho misterioso tinha dito, não percebeu nada e foi embora.

Gavroche, voltando ao lugar em que estava o velho Mabeuf, jogou a bolsa por cima da cerca e fugiu a toda a pressa. A bolsa caiu aos pés do senhor Mabeuf. Esse barulho o despertou. Inclinou-se e pegou-a.

Sem entender nada, abriu a bolsa e viu que, numa das divisões, havia algumas moedas e, na outra, seis napoleões.

Espantado, mostrou-a à senhora Plutarco, que explicou o fenômeno que o velho não compreendera.

— Foi coisa que caiu do céu.

O FINAL QUE NÃO SE PARECE COM O PRINCÍPIO

Solidão e caserna se atraem

A dor de Cosette, ainda tão pungente e tão viva quatro ou cinco meses antes, tinha entrado em convalescença. A natureza, a primavera, a juventude, o amor pelo pai, tudo isso filtrava, pouco a pouco, o que parecia o esquecimento. Ela dizia a si mesma que quase nem se lembrava de Marius.

Foi nessa semana que Cosette notou um belo oficial dos lanceiros passando diante da grade do jardim. Bigode retorcido, farda apurada, ar insolente e vaidoso, devia ser do regimento aquartelado ali nas redondezas. No dia seguinte, tornou a vê-lo passar e marcou o horário. A partir de então, ele passava por ali quase todos os dias... Seria apenas acaso?

Os companheiros do oficial calcularam que, por trás daquela velha grade, no jardim tão mal cuidado, devia haver alguma linda criatura que interessasse a ele, o jovem tenente Theodule Gillenormand.

Foi nessa mesma época que Marius submergia vagarosamente no desespero e pensava: “Oh! Se eu pudesse ao menos voltar a vê-la antes de morrer!”. Mas, se seus desejos fossem realizados e se ele visse Cosette naquela ocasião, ela olhando para um lanceiro, primeiro morreria de dor, antes que pudesse dizer uma palavra.

E quem seria o responsável? Ninguém.

Marius era desses temperamentos que mergulham na própria dor e nela permanecem; e Cosette era dos que mergulham na dor para sair logo depois.

Mas o que abrigava a alma de Cosette? Alguma paixão acalmada ou adormecida; algum amor no estado flutuante; o que quer que fosse de límpido e brilhante, a certa profundidade mais turvo e mais profundamente sombrio. Por baixo, bem por baixo da superfície, em que se refletia a imagem do belo oficial dos lanceiros, estaria alguma recordação?

Talvez, mas Cosette não saberia responder.

Deu-se então um acontecimento inusitado.

O susto de Cosette

Em meados de abril, Jean Valjean fez mais uma de suas viagens de poucos dias, um ou dois dias no máximo. Ninguém sabia para onde ele ia, mas em geral era quando estava faltando dinheiro em casa.

Naquela noite, Cosette estava sozinha no salão. Para não se aborrecer, abriu o piano-órgão e começara a cantar; depois que terminou a canção, apoiou a cabeça em uma das mãos sobre o piano e ficou pensativa.

De repente, pareceu-lhe ouvir alguém no jardim. Não seria o pai, porque ele estava fora, tampouco a senhora Toussaint, que já estava deitada, pois eram dez horas da noite. Cosette correu à janela, então fechada, e colou o ouvido à vidraça.

Realmente, pensou estar ouvindo alguém andando no jardim, com todo o cuidado. Subiu rapidamente ao seu quarto, no primeiro andar, abriu uma portinhola feita na janela e espiou. Era lua cheia e enxergava-se tudo tão bem como se fosse dia. Não havia ninguém.

Abriu a janela. O jardim estava absolutamente calmo e toda a parte que se via da rua estava deserta como sempre. Então Cosette concluiu que tinha se enganado.

No dia seguinte, ao cair da noite, ela passeava pelo jardim. Mas, de repente, acreditou ter ouvido um ruído semelhante ao da noite anterior. Era como se alguém caminhasse no escuro, no meio das árvores, não muito longe do lugar onde se encontrava.

Cosette não era alguém afeita a medos. Em seu sangue havia um quê de aventureira. Ainda assim, decidiu sair das moitas do jardim, quase um bosque, e dirigiu-se para casa. Faltava atravessar um pequeno gramado para alcançar a escadaria quando parou subitamente.

O clarão da lua, que se erguia por trás dela, projetou uma sombra no gramado. Ao lado de sua própria sombra, havia outra, medonha, de um homem de pé, com um chapéu redondo na cabeça, perto das árvores e alguns passos atrás de Cosette.

Após um instante sem emitir um som por causa do susto, reuniu toda a sua coragem e se voltou. Não havia ninguém. Olhou no chão. A sombra tinha desaparecido. Entrou no meio das árvores, examinou corajosamente todos os cantos, foi até a grade, mas não encontrou coisa alguma.

No dia seguinte, Jean Valjean estava de volta. Cosette contou-lhe o que julgara ter ouvido e o que vira. Esperava que seu pai a sossegasse, levantasse os ombros e dissesse: “Você é bobinha, não foi nada”.

Mas ele se mostrou preocupado.

— Talvez não seja nada... — disse ele.

E, afastando-se dela sob um pretexto qualquer, Cosette viu quando ele se dirigiu ao jardim e foi examinar a grade com muita atenção.

Naquela noite, ela acordou e dessa vez estava certa. Ouviu passos de alguém andando pela escadaria e bem debaixo de sua janela. Era um homem, que segurava um grande cajado nas mãos. No momento em que abriu a janela e ia gritar, a lua iluminou o perfil daquele homem. Era Jean Valjean.

Ele passou as duas noites seguintes no jardim. Cosette podia ver seu pai andando pelo jardim da janela de seu quarto.

Na terceira noite, a lua, minguante, começava a erguer-se mais tarde; seria uma hora

da manhã quando ela ouviu uma gargalhada e a voz de seu pai chamando-a. Saltou da cama, vestiu um roupão e abriu a janela. Seu pai estava no gramado.

— Acordei para te sossegar — disse ele. — Olha, ali está a sombra do chapéu redondo.

E lhe mostrou na grama uma sombra projetada pelo luar, que se assemelhava à silhueta de um homem com um chapéu redondo. Era a sombra produzida pelo tubo de zinco de uma chaminé, com capitel, que se elevava acima de um telhado próximo.

Cosette também se pôs a rir, desapareceram todas as suposições lúgubres que fizera e, no dia seguinte, jantando em companhia do pai, brincou muito falando no sinistro jardim frequentado por sombras de misteriosas chaminés.

Jean Valjean ficou novamente tranquilo; quanto a Cosette, nem sentiu curiosidade por aquela chaminé tão estranha, que, quando se viu pega em flagrante, fugiu no momento em que Cosette se virou para confrontá-la. Cosette sossegou por completo.

Mas, alguns dias depois, deu-se novo incidente.

Comentários da senhora Toussaint

Naquele mesmo mês de abril, quando Jean Valjean estava fora, Cosette foi ao jardim depois do pôr do sol. Lá, perto da grade que dava para a rua, ela sentou-se num banco de pedra oculto dos olhares dos curiosos por uma folhagem que, contudo, ainda poderia ser alcançado por alguém que passasse o braço através da grade e das folhagens.

Mergulhada em profundos pensamentos, Cosette se levantou e foi dar outro passeio, caminhando vagarosamente pelo gramado molhado pelo orvalho. No momento em que voltou e ia se sentar no banco novamente, notou uma pedra bastante grande sobre ele. Essa pedra evidentemente não estava ali alguns momentos antes.

Cosette ficou observando, perguntando a si mesma o que aquilo poderia significar. De repente, percebendo que aquela pedra não teria ido parar ali sozinha, mas imaginando que alguém a tivesse colocado ali passando o braço por entre as grades e as folhagens, ficou com medo. Não havia dúvida possível, a pedra estava ali, não era imaginação. Sem tocar nela e sem olhar para trás, Cosette fugiu e se refugiou dentro de casa, trancando bem a porta e passando ferrolhos.

Perguntou à criada se o pai já tinha voltado e soube que não. Jean Valjean, homem dado a reflexões e amante dos passeios noturnos, voltava para casa geralmente bem tarde.

Cosette pediu então à senhora Toussaint que tomasse cuidado, fechando bem as portas e as janelas com os trincos e os ferrolhos.

— Fique tranquila, menina — respondeu ela, que sempre tomava cuidado, e acrescentou: — É que aqui é tão deserto!

Cosette, amedrontada pela lembrança das aparições da semana anterior, não teve

coragem de pedir a ela que fosse ver a pedra no banco do jardim, só de medo de abrir a porta. E obrigou a velha a revistar bem toda a casa, do porão ao sótão, trancou-se no quarto, fechando os ferrolhos da porta, olhou embaixo da cama, deitou-se e dormiu muito mal. Durante toda a noite viu a pedra grande, como uma montanha e cheia de cavernas.

Ao nascer do sol, esse que tem a propriedade de nos fazer rir de nossos terrores noturnos, Cosette acordou e, imaginando que seu medo era simples efeito de um pesadelo, disse a si mesma:

— Que bobagem... Foi um sonho. Há uma pedra no banco tanto quanto havia um homem de chapéu no jardim.

Ela se vestiu, desceu ao jardim, correu ao banco e sentiu calafrios. A pedra estava lá, no mesmo lugar do dia anterior. Mas o medo da noite se transformou em curiosidade de dia. E decidiu ver o que era.

Levantando a pedra, achou sob ela um envelope branco. Cosette o pegou, mas não havia nada escrito nem de um lado nem do outro. No entanto, não estava vazio. Podiam-se ver alguns papéis em seu interior.

Cosette abriu o envelope. Não era mais receio nem curiosidade, era um começo de ansiedade.

Tirou o conteúdo; era um caderno com as páginas numeradas, em cada uma algumas linhas escritas com uma caligrafia bonita e elegante. Procurou um nome, mas não havia; alguma assinatura, mas também não havia.

A quem seria endereçada? Talvez a ela, já que alguém a pusera em seu banco. De quem viria?

Depois de alguma hesitação, Cosette se convenceu de que deveria ler o que estava escrito.

Um coração sob a pedra

“A redução do universo a uma só criatura, eis definido o amor. O amor é a saudação dos anjos aos astros. Como é triste a alma, quando é o amor a causa da sua tristeza! Que vácuo imenso deixa atrás de si a pessoa que se ausenta e abandona as solidões de que era o único encanto!

Há pensamentos que valem por orações e momentos em que, qualquer que seja a atitude do corpo, a alma está de joelhos.

Os amantes separados iludem a ausência por meio de mil coisas quiméricas, que têm, todavia, mais ou menos realidade. Impedem-nos de se verem, roubam-lhes os meios de se escreverem, mas eles acham um sem-número de misteriosos modos de correspondência. Envia-se mutuamente o canto das aves, o perfume das flores, a luz do sol, os suspiros do vento, os fulgores das estrelas, a criação inteira.

O futuro pertence ainda aos corações do que aos espíritos. Amar, essa é a única coisa capaz de ocupar a eternidade.

Aqui está o segredo da vida de dois seres, ele os fundiu e consubstanciou numa angélica e sagrada unidade, o amor.

É o amor verdadeiro sensível à angústia de uma luva perdida ou às alegrias de um lenço achado, e só a eternidade lhe basta às suas esperanças e às suas dedicações.

Ela tem vindo ao Luxembourg?

Não, senhor.

É esta a igreja a que ela vem assistir à missa, não é?

Ela já não vem mais.

Ainda mora aqui?

Mudou-se.

Para onde?

Ela não disse.

O amor é uma respiração celeste do ar do paraíso.

Oh, que sublime coisa ser amado! Que coisa maior ainda amar! Torna-se heroico o coração à força de paixão!

Se no mundo não houvesse quem amasse, o sol se apagaria.”

Cosette depois da carta

Durante a leitura, Cosette começou a sonhar. No momento em que levantou os olhos da última linha do caderno, o belo oficial, estava na hora, passou triunfalmente diante da grade. Cosette achou-o horrível.

Cosette jamais lera algo semelhante.

Aquele manuscrito, em que ela via mais luz do que escuridão, inundava seu coração como uma luz estranha em cada uma daquelas linhas. Ela sentia ali uma natureza apaixonada, ardente, generosa, honesta, uma vontade sagrada, uma imensa dor e uma esperança imensa, um coração fechado, expandindo-se em êxtase.

Era uma carta sem endereço, sem nome, sem data, urgente e desinteressada. Mas de quem viriam aquelas páginas? Quem poderia tê-las escrito?

Cosette sabia.

Ele!

— Eu reconheço tudo isto! É o mesmo que eu vi nos olhos dele, antes de ler essa carta.

A luz voltara a seu espírito. Tudo tornava a aparecer. Cosette sentia uma alegria inaudita e uma angústia profunda. Era ele! Ele quem lhe escrevia! Era ele quem passara o braço através das grades do jardim! Enquanto ela o esquecia, ele tornava a encontrá-la! Mas ela teria mesmo esquecido? Não, jamais! Era loucura ter pensado assim por um

momento. Sempre o amara, sempre o adorara. O fogo estivera coberto, escondera-se por momentos, mas Cosette sentia que o incêndio recomeçava.

Quando terminou de ler a carta pela terceira vez, o tenente Theodule passava de novo pela frente das grades, fazendo as esporas tinir batendo o pé nas lajes. Cosette não teve como evitar erguer os olhos e o achou sem graça, bobo, pretensioso, impertinente e feio. O oficial pensou que deveria sorrir para ela, mas Cosette voltou-lhe as costas, envergonhada e indignada, entrou em casa e fechou-se no quarto para reler o manuscrito, para aprendê-lo de cor e sonhar. Depois de lê-lo muitas vezes, beijou-o e guardou-o no seio.

Estava acabado: Cosette voltava a cair no profundo amor seráfico. O abismo do Éden voltava a se abrir.

Durante todo o dia, ficou meio atordoada. Pensava com dificuldade; suas ideias estavam emaranhadas em seu cérebro; esperava, trêmula, que algo indefinido lhe acontecesse. E convencia-se de que uma intervenção dos anjos, um acaso celeste, o havia trazido de volta.

Os velhos são feitos para sair na hora oportuna

À noite, Jean Valjean saiu; Cosette vestiu-se melhor. Arrumou os cabelos do modo que mais lhe convinha, pôs um vestido cuja gola havia recebido uma tesourada a mais, deixando-lhe descoberto o começo do seio; era, como dizem as mocinhas, “um pouco indecente”. Na verdade, não era nada indecente, mas a tornava mais bonita.

Arrumou-se toda assim sem saber o motivo.

Esperava uma visita? Não. Queria sair? Também não.

Ela desceu ao jardim enquanto a senhora Toussaint estava na cozinha. Cosette foi passear no jardim e se aproximou do local onde ficava o banco; a pedra continuava no mesmo lugar. Sentou-se e colocou a mão sobre ela, como se fosse acariciá-la e mostrar-se agradecida.

De repente, sentiu essa impressão indefinível que experimentamos sem ver, quando alguém chega por trás. Cosette virou a cabeça e se levantou.

Era ele.

Estava com a cabeça descoberta, muito pálido e magro. O crepúsculo cobria-lhe os olhos com sombra. Seu rosto estava iluminado pela claridade do dia que ia desaparecendo e pelo pensamento de uma alma que se vai deste mundo. O chapéu estava caído entre os arbustos.

Cosette quase desmaiou, mas não soltou nenhum grito. Afastou-se lentamente, porque se sentia atraída. Ele não se movia.

Cosette, recuando, encontrou uma árvore e encostou-se a ela. De outro modo, teria

caído. Foi então que ouviu a voz dele; ela, na verdade, jamais a tinha ouvido — um pouquinho mais forte que o ciciar da folhagem, murmurando assim:

— Perdoe-me por estar aqui. Tenho o coração dilacerado, não podia continuar a viver como vivia, e foi por isso que eu vim. Você leu o que eu deixei sobre este banco? Lembra-se de mim? Não tenha receio. Já faz tanto tempo! Lembra-se do dia em que olhou para mim? Foi no Luxembourg... E os dias em que passou pela minha frente? Foi em 16 de junho e em 2 de julho; há quase um ano. Você morava na rua Ouest, no terceiro andar de uma casa nova; eu sei onde você morava porque a segui muitas vezes. O que eu devia fazer? Depois desapareceu. De noite, eu venho até aqui. Mas não tenha medo, ninguém me vê. Uma dessas noites eu estava atrás de você, mas quando se voltou, eu me afastei, tinha receio de assustá-la. Uma noite eu a ouvi cantando, e fiquei feliz em ouvir sua voz. Você é meu anjo! Se soubesse como eu a adoro! Perdoe-me; estou falando sem saber o que digo; talvez até lhe desagrade; estou sendo importuno?

— Oh! Minha mãe!

Pareceu a ele que Cosette iria desmaiar; ele então a segurou e a abraçou com força, sem ter consciência do que estava fazendo.

Estava louco de amor.

Ela tomou-lhe a mão e a colocou sobre o peito. Ele sentiu o manuscrito que ali estava escondido e balbuciou:

— Então você me ama?

— Cale-se, você bem sabe que sim!

E escondeu o rosto vermelho no peito do jovem, enlevado. Ele sentou-se no banco; ela sentou-se junto dele. Não tinham mais palavras.

As estrelas começavam a brilhar.

Um beijo, e nada mais.

Ambos tremiam, olhando-se na escuridão com olhos brilhantes.

Sem perceber, estavam de mãos dadas.

Cosette nem lhe perguntou, nem se lembrava mais de fazer isso, como ou por onde ele tinha entrado no jardim. Parecia a ela uma coisa tão simples ele estar ali...

De vez em quando o joelho de Marius tocava a perna de Cosette e ambos estremeciam.

Cosette gaguejava de vez em quando. Aos poucos, e logo ambos começaram a falar. As duas puras criaturas contaram tudo, sonhos, desânimos, ilusões e fraquezas; falaram como se adoravam de longe, como desejaram estar juntos, falaram sobre seu desespero quando se perderam de vista. Confiaram um ao outro, numa intimidade que nada poderia tornar mais intensa, tudo o que tinham de mais íntimo, de mais misterioso.

Depois de haverem dito tudo o que desejavam, ela apoiou a cabeça em seu ombro e perguntou:

— Como você se chama?

— Marius, e você?

— Cosette.

O PEQUENO GAVROCHE

A maliciosa jovialidade do vento

Depois de 1823, enquanto o albergue de Montfermeil soçobrava e desaparecia lentamente não no abismo de uma bancarrota, mas na cloaca das pequenas dívidas, o casal Thénardier teve mais dois filhos, ambos homens. Assim, eram ao todo cinco: duas meninas e três meninos. Era demais.

Dos dois últimos, a senhora Thenardier se desfez com extrema felicidade. Seu ódio pelo gênero humano começava nos próprios filhos. Ela detestava o menino mais velho e execrava os dois mais novos. Pr quê? Porque sim.

— Porque sim — dizia ela. — Não preciso desse monte de filhos.

Aquela Magnon, de quem já falamos lá atrás, foi quem conseguiu do velho Gillenormand uma mesada para os dois meninos. Ela morava no Quai des Célestins, na esquina da antiga rua Petit-Musc. Numa das epidemias que assolaram Paris, ela perdeu seus dois filhos, um de manhã e o outro à noite, e ambos na mais tenra idade. As crianças eram preciosas demais para aquela mãe e foi uma calamidade. Elas representavam para Magnon um valor de oitenta francos por mês, que eram pagos pontualmente em nome do senhor Gillenormand pelo seu administrador, senhor Barge, Mas, como as crianças tinham morrido, essa mesada estaria encerrada. Magnon precisava de dois meninos; Thénardier tinha dois. Mesmo sexo, mesma idade. Boa solução para uma, bom emprego de capital para a outra. Os dois Thénardier transformaram-se nos pequenos Magnon.

Como não houve denúncia, as trocas se deram na maior simplicidade. Thénardier exigiu dez francos mensais pelas crianças, que Magnon chegou mesmo a pagar. Não é preciso dizer que o senhor Gillenormand continuou a mandar-lhe as mesadas. De seis em seis meses, ia visitar os meninos, de modo que não percebeu a troca.

— Como eles se parecem com o senhor! — afirmava Magnon.

Foi nessa época que Thénardier, para quem as metamorfoses eram fáceis, aproveitou a ocasião para se tornar Jondrette. Suas duas filhas e Gavroche tiveram apenas tempo suficiente para saberem da existência dos dois irmãozinhos.

Os dois pequenos meninos alugados a Magnon não tiveram do que se queixar da mudança. Com os oitenta francos, eram bem-vestidos, bem alimentados, tinham mais é que agradecer à mãe mercenária do que à verdadeira.

Assim passaram-se alguns anos, mas de repente as duas crianças, até então favorecidas pela sorte, viram-se inesperadamente jogadas no mundo e forçadas a começar a vida.

Uma prisão em massa de malfeitores, como a que se deu no quarto dos Jondrette, produziu novas investigações e novas prisões. E uma catástrofe como a dos Thénardier causou a da Magnon.

Um dia, pouco tempo depois de Magnon ter mandado a Eponine o bilhete relativo à rua Plumet, a polícia, de repente, fez uma devassa e Magnon foi presa. Os dois meninos brincavam no quintal e nada viram da busca. Quando quiseram voltar para casa, encontraram a porta fechada e a casa vazia.

Um vizinho entregou a eles um papel, e contou que a mãe tinha ido embora e os deixado. No papel estava escrito o endereço do senhor Barge.

Os meninos partiram, o mais velho conduzindo o mais moço e levando na mão o papel que deveria guiá-los a quem os ajudaria. Ele sentia frio e os dedos estavam enregelados. Uma rajada de vento arrancou o papel de sua mão e, como era noite e estava escuro, não conseguiu mais encontrá-lo.

Começaram então a andar ao acaso pelas ruas.

O pequeno Gavroche tira proveito de Napoleão, o Grande

Certa noite, em que o vento gelado soprava com mais intensidade pelas ruas de Paris, Gavroche, sempre alegre mas tiritando, estava diante da vitrine de um cabeleireiro, admirando em êxtase uma boneca de cera que representava uma noiva. Na realidade, ele observava a loja para ver se conseguiria surrupiar da vitrine um sabonete, para depois vendê-lo por um soldo a qualquer barbeiro dos arredores. Muitas vezes conseguira jantar usando esse estratagema.

O barbeiro, em sua loja aquecida por um bom fogareiro, barbeava um freguês e, de vez em quando, espreitava o inimigo, o moleque gelado e descarado, com as duas mãos metidas nos bolsos e o espírito evidentemente alerta.

Enquanto Gavroche examinava a vitrine e os sabonetes, dois meninos de altura diferente chegaram. Eram bem-vestidos, ainda menores que ele, um de 7 e o outro de 5 anos, levantaram timidamente o trinco da porta e entraram na loja, pedindo alguma coisa, talvez uma esmola, numa voz chorosa. Falavam ambos ao mesmo tempo, com palavras ininteligíveis, entrecortadas pelo soluço do mais novo e pelos dentes que batiam de frio do mais velho. O barbeiro virou-se furioso e os empurrou para fora, com a mão o mais velho e com o joelho o mais novo, reclamando que de eles tinham vindo abrir a porta e o ar gelado entrara sem necessidade.

Os dois meninos, chorando, continuaram a andar. No entanto, uma nuvem cobria o céu e começava a chover. Gavroche correu atrás deles e perguntou:

— O que aconteceu com vocês dois?

— Não temos onde dormir.

— Só isso? — disse Gavroche com ar de superioridade. E num tom de amável proteção, continuou: — Crianças, venham comigo.

— Sim, senhor — disse o mais velho.

Os dois meninos o seguiram como teriam seguido um arcebispo. Haviam parado de chorar, mas se esforçavam para seguir os passos de Gavroche.

— E então? — perguntou ele. — Vocês não têm nem pai nem mãe?

— Perdão, senhor, temos papai e mamãe, mas não sabemos onde estão.

Gavroche parou um instante antes de responder:

— Às vezes, é até melhor não saber.

E continuaram caminhando rumo à Bastilha. Quando chegaram à esquina de onde, ao fundo, se viam os portões e muros da prisão da Force, alguém disse:

— Ora, mas é você, Gavroche?

— Ora, mas é você, Montparnasse?

O homem que abordara o moleque era mesmo Montparnasse disfarçado, de óculos azuis, mas perfeitamente reconhecível.

— Fale baixo! — disse ele.

E levou o moleque para longe do clarão das vitrines. Os dois pequenos seguiram-no maquinalmente, dando-se as mãos.

Sob as sombras de um arco de portão, o homem e o moleque conversaram em voz baixa, acompanhados pelo olhar atento das duas crianças, que evidentemente não entendiam nada.

Montparnasse conta a Gavroche que estava indo se encontrar com Babet, que acabara de fugir da prisão. E Gavroche, por sua vez, conta que ia levar as duas crianças para dormir em “sua casa”, o elefante. A passagem para entrar, ainda não descoberta pela polícia, ficava entre as pernas da frente. Montparnasse parecia aflito com alguma coisa, e quando Gavroche passeou os olhos pelos arredores, divisou um agente da polícia de costas voltadas para eles.

Montparnasse advertia o moleque da presença do policial, por isso ele se despediu, dizendo:

— Boa noite; vou para o meu elefante com os meus guris. Se por acaso precisar de mim alguma noite, encontre-me lá. Moro na sobreloja. Lá não há porteiro. Pergunte pelo senhor Gavroche.

— Combinado — disse Montparnasse.

Cada um foi para seu lado, Montparnasse ao encontro de um dos líderes da quadrilha mais ameaçadora de Paris, recém-fugido da prisão, e Gavroche e seus meninos em direção à Bastilha.

Era lá que, há vinte anos, fora erguido um monumento esquecido pelos parisienses, mas que merecia ser lembrado porque se tratava de uma recordação do próprio Napoleão.

Na verdade, esse monumento não passava de uma maquete, porque nunca foi realmente construído. Era um elefante de 24 metros de altura, de madeira e alvenaria, carregando às costas uma torre semelhante a uma casa, outrora pintado de verde, atualmente pintado de preto pelo céu, pela chuva e pelo tempo. Foi para esse canto da

praça, iluminado apenas pelo reflexo de um lampião, que o moleque levou os dois meninos.

Chegando ao pé do colosso, Gavroche compreendeu o efeito que o infinitamente grande pode produzir sobre o infinitamente pequeno, e disse:

— Não é preciso ter medo.

Depois, entrou por uma abertura no tapume que cercava a construção e ajudou os dois pequenos a passar pela brecha. Os dois, um tanto assustados, seguiam Gavroche sem nada dizer, confiantes na pequena providência em farrapos que lhes prometera abrigo.

Havia ali, deitada ao longo do tapume, uma escada, que servia aos operários de uma obra próxima. Gavroche ergueu-a com vigor e encostou-a no ventre do bicho. No ponto onde a escada encostava, via-se um buraco — aquele que Gavroche mencionara a Montparnasse.

— Subam e entrem — disse ele aos pequenos. — Vejam como eu faço.

Agarrou-se ao pé enrugado do elefante e, num abrir e fechar de olhos, sem usar a escada, chegou à abertura. Entrou como uma cobra que se introduz por uma fenda, desapareceu; um momento depois, os dois pequenos viram vagamente aparecer como uma forma esbranquiçada, apagada, seu rosto pálido à beira do buraco cheio de trevas.

— Subam, e vocês vão ver como se fica bem aqui dentro!

Gavroche ajudou os dois meninos a escalar o elefante e, em pouco tempo, estavam todos acomodados dentro da barriga da estrutura. Esse monumento enorme, concretização de uma ideia do imperador, transformara-se no abrigo de uma criança. O moleque fora aceito e amparado pelo colosso.

O elefante servia para salvar Gavroche do frio, da neve, do granizo, da chuva, para defendê-lo do vento do inverno, para preservar o sono, para protegê-lo da lama que produz febres, da neve que provoca a morte de uma pequena criatura sem pai, sem mãe, sem pão, sem roupas, sem asilo.

Era uma toca aberta àquele para quem todas as portas estavam fechadas.

O buraco pelo qual Gavroche entrara com as crianças era uma brecha aberta no ventre do animal, tão estreita que só gatos e crianças poderiam passar por ela. Com a certeza de quem conhece onde mora, Gavroche mergulhou na sombra, pegou uma tábua e fechou o buraco.

Então, empurrou os dois meninos para onde nós chamaríamos o fundo do quarto, onde estava sua cama feita de palha, com uma coberta de lã grosseira. Os três se estenderam sobre a cama e Gavroche disse:

— Estamos bem ou não estamos?

— Sim, senhor — responderam as duas crianças.

Os dois meninos olhavam com respeito e espanto o garoto intrépido e cheio de iniciativas, vagabundo como eles, sozinho como eles, magro como eles, que tinha algo de miserável e poderoso, parecendo-lhes sobrenatural, cuja fisionomia se compunha de todas as caretas de um velho saltimbanco aliadas ao mais ingênuo e encantador dos sorrisos.

Gavroche mandou que eles dormissem e a noite passou. As sombras cobriam a imensa praça da Bastilha, um vento frio soprava em rajadas, as patrulhas olhavam para as portas, para os tapumes, para os cantos mais escuros, e, procurando vagabundos noturnos,

passavam silenciosamente diante do elefante. O monstro em pé, imóvel, com os olhos no meio das trevas, parecia meditar satisfeito com sua boa ação de abrigar do céu e dos homens as três pobres crianças adormecidas.

Pouco antes de o dia despontar, desembocou na praça um homem correndo, contornou o tapume e foi se colocar sob o ventre do elefante. Lá, soltou um grito estranho por três vezes, até ser ouvido dentro da barriga do monstro. Quase que imediatamente, a tábua que fechava a abertura foi retirada, dando passagem a um menino que desceu pelo pé do elefante, vindo cair ao lado do homem. Era Gavroche. O homem era Montparnasse.

Montparnasse limitou-se a dizer:

— Precisamos de você. Venha.

Gavroche não pediu mais esclarecimentos.

— Às ordens.

E ambos foram para a rua Saint-Antoine, de onde viera Montparnasse, serpenteando rapidamente através da longa fila de carroças que, àquela hora, desciam para o mercado.

As incertezas da fuga

Nessa mesma noite, na prisão, aconteceu uma grande fuga. Havia sido combinada entre Babet, Brujon, Gueulemer e Thénardier, embora Thénardier não soubesse. Montparnasse deveria ajudá-los de fora.

Brujon, tendo passado um mês numa cela de castigo, tivera tempo suficiente, primeiro, para tecer uma corda e, depois, para amadurecer um plano. Por isso, quando ele saiu da cela, veio com uma corda. E o colocaram no prédio novo, onde acabou se encontrando com Gueulemer.

Outra circunstância favorável para uma fuga é que estavam justamente naquela ocasião reparando e consertando parte do telhado das prisões. Viam-se por todo lado pranchas, escadas e andaimes. Os pátios não estavam mais isolados como antes.

Gueulemer e Brujon estavam no mesmo dormitório. Por precaução, ficarem em um andar inferior. Mas quis o acaso que a cabeceira de suas camas ficasse encostada em um largo tubo de chaminé que vinha do térreo, quase como um pilar chato. Talvez tivesse sido de uma antiga cozinha do edifício.

Por cima desse pavilhão se elevava um muro negro, que se encostava à construção. Era por ele que passava a ronda da prisão.

Thénardier estava na solitária, numa das celas dessa prisão, e ninguém jamais pôde descobrir como e com ajuda de quem ele conseguira arranjar e esconder uma garrafa de vinho com propriedades narcóticas. Em muitas prisões existem funcionários desonestos, meio carcereiros, meio ladrões, que ajudam as fugas, que vendem à polícia uma honestidade infiel, fazendo toda sorte de negócios.

Na mesma noite em que Gavroche recolheu os dois meninos abandonados, Brujon e Gueulemer, cientes de que Babet — que não esperara pelos companheiros e fugira naquela manhã — os esperava na rua em companhia de Montparnasse, levantaram-se com todo o cuidado e começaram a furar a chaminé à qual suas camas estavam encostadas com um prego que Brujon havia encontrado.

Chovia muito e o aguaceiro, acompanhado de trovões, fazia ecoar nos corredores da prisão um gigantesco estrondo que muito ajudava os prisioneiros em seu intento. Os prisioneiros que acordavam fingiam dormir, deixando que Gueulemer e Brujon agissem à vontade. Brujon era forte, Gueulemer era atlético. Antes que algum ruído chegasse até o guarda que dormia numa cela protegida por grades, os dois temíveis bandidos já estavam em cima do telhado.

Prenderam a corda que Brujon arranjara em sua masmorra e desceram pela outra ponta, escorregando até um telhado dos banheiros, puxaram a corda, saltaram ao chão, abriram um dos batentes do portão e viram-se na rua.

Decorridos alguns instantes, juntaram-se a Babet e Montparnasse, que giravam pelos arredores. Quando puxaram a corda, ela se partiu, ficando uma parte presa à chaminé em cima do telhado.

Nessa noite, Thénardier, avisado de alguma forma sem que se pudesse saber por que meios, não dormiu. À uma hora da manhã, estando a noite muito escura, viu passar sobre o telhado, em meio à chuva e à borrasca, diante da claraboia que ficava bem em frente da sua cela, duas sombras. Uma parou diante da claraboia. Era Brujon. Thénardier reconheceu-o e compreendeu logo.

Thénardier, considerado perigoso, era vigiado por uma sentinela armada que era rendida a cada duas horas. Às duas da manhã a sentinela, um velho soldado, foi rendida por um recruta. Alguns instantes depois, o homem dos cachorros — que vinha trazer água e pão ao prisioneiro, acompanhado sempre de dois enormes mastins — não notou nada de extraordinário, a não ser a pouca idade da sentinela. Duas horas mais tarde, quando foram render o rapaz, ele estava caído por terra, estirado no chão ao lado da gaiola de Thénardier.

O prisioneiro já não estava lá. No teto via-se um buraco e no telhado, outro. Na cama faltava uma tábua, que ele tinha arrancado e decerto levado consigo, porque não foi possível encontrá-la. Apareceu ainda uma garrafa quase cheia, que continha o resto do vinho narcotizado que servira para adormecer o soldado. A baioneta deste tinha desaparecido.

Thénardier conseguira chegar um pouco depois das três horas da manhã ao alto desses telhados. Teria ele usado os andaimes e as escadas dos marceneiros para chegar, de telhado em telhado, de construção em construção, aos edifícios da prisão e de lá até as ruínas de um velho prédio abandonado? Teria usado a tábua da cama como ponte entre o prédio onde estava preso e o muro da ronda, arrastando-se depois por todo o comprimento do muro até chegar às ruínas?

Seja como for, molhado de suor, encharcado pela água da chuva, com as roupas em trapos, as mãos esfoladas, os cotovelos ensanguentados, os joelhos feridos, Thénardier chegara até a beirada da parede em ruínas da velha casa, deitando-se ali sem forças.

Estava separado da rua por um declive íngreme, da altura de um terceiro andar. A

corda que achara presa na chaminé era curta demais. Perguntava a si mesmo se os três cúmplices da fuga tinham sido bem-sucedidos, se o esperavam, se viriam em seu auxílio.

Deram quatro horas. Thénardier estremeceu. Rebentou na prisão o confuso rumor que se sucede à descoberta de uma fuga. Ranger de portas que se abrem e fecham, as vozes roucas dos soldados, o choque das coronhas no piso dos pátios, tudo isso ecoava nos ouvidos de Thénardier. Ele estava em cima de uma parede deitado sob a chuva, com um abismo à direita e outro à esquerda, impossibilitado de qualquer movimento, tomado pela vertigem de uma possível queda e pelo horror de uma prisão quase certa; seu pensamento, como o badalo de um sino, ia de uma ideia a outra: “Se cair, morro; se ficar, me prendem”.

No meio dessa aflição, viu lá de cima um homem caminhando encostado às paredes, e parando bem embaixo do lugar em que estava. Esse homem foi alcançado por um segundo que andava com idêntica precaução, depois por um terceiro e um quarto. Assim que se reuniram, um deles levantou o trinco da porta que se abria no tapume e todos os quatro entraram no terreno precisamente debaixo de Thénardier. Os homens, evidentemente, haviam escolhido esse lugar para poderem conversar sem ser vistos pelos transeuntes ou pela sentinela da prisão, a alguns passos dali. Thénardier, sem poder ver seus rostos, aguçou os ouvidos. Entre frases que não podia ouvir distintamente por causa dos trovões, duas delas chamaram sua atenção.

— Não há motivo para pressa — disse alguém. Parecia a voz de Montparnasse.

Um deles, pelos ombros largos, só podia ser Gueulemer.

— Não se abandonam os amigos nas ocasiões difíceis — murmurou Montparnasse.

O que acontecera era que os quatro homens, com a fidelidade própria dos bandidos que jamais se abandonam, tinham girado a noite toda pelos arredores da prisão, com a esperança de verem surgir Thénardier do alto de algum muro. Mas o frio que os enregelava, as roupas molhadas, os sapatos rotos, o barulho inquietante que acabava de se manifestar na prisão, as horas perdidas, as patrulhas, a esperança que se ia, o medo que voltava, tudo os impelia à retirada. O próprio Montparnasse, que afinal era meio genro de Thénardier, já desanimava. Um momento mais, e eles teriam ido embora.

Thénardier não ousava chamar por eles, porque qualquer grito poria tudo a perder. Mas teve uma última ideia e atirou o pedaço de corda de Brujon, que havia finalmente desamarrado da chaminé onde estava presa.

A corda caiu aos pés de Babet.

— O homem está lá em cima — apontou Montparnasse, e todos se viraram para olhar.

Ele não tinha mais cordas para atar a essa e descer do muro, além de estar sem forças. Alguém teria que subir, levar outra corda e ajudá-lo a descer. Um velho tubo de pedra e cal, quase desmoronando, erguia-se até o alto do muro. Podia se subir por ali, mas teria que ser alguém muito pequeno e leve.

— Nenhum de nós pode subir por ali — disse Babet.

— Eu sei quem consegue, deixe comigo.

Dizendo isso, Montparnasse saiu com cuidado para a rua e foi correndo até a Bastilha.

Alguns minutos depois, voltou esbaforido com Gavroche, que perguntou o que eles queriam.

Montparnasse respondeu:

— Que você suba por esse tubo.

— Com esta corda — disse Babet.

— Para amarrar — continuou Brujon.

— Em cima daquela parede — acrescentou Babet.

— Na travessa daquela janela — disse Brujon.

— E depois? — perguntou Gavroche.

— Lá em cima está um homem, e você vai salvá-lo — replicou Montparnasse.

Gavroche tirou os sapatos e começou a escalar o tal tubo. Thénardier, vendo aproximarem-se a salvação e a vida, debruçou-se à borda do muro; os primeiros clarões do dia iluminavam sua fronte inundada de suor, e Gavroche o reconheceu.

— Ora — disse ele —, é o meu pai! Mas isso não vai atrapalhar.

E, prendendo a corda entre os dentes, começou a subir resolutamente. Chegou ao alto, montou na parede como em um cavalo e amarrou solidamente a corda na travessa superior da janela.

Um momento depois, Thénardier estava na rua.

— Vamos acabar com isso — disse Brujon. — E depois vai cada um para o seu lado. Havia um serviço na rua Plumet, uma rua deserta, uma casa isolada, uma grade enferrujada no jardim e mulheres sozinhas.

— E o que aconteceu que não foi feito? — perguntou Thénardier.

— Sua filha Eponine foi ver como é a coisa — respondeu Babet. — E levou um biscoito à Magnon. Nada feito!

— Minha filha não é nenhuma boba — disse Thénardier. — Mas sempre é bom ir ver.

— Sim, sim, vamos ver — disse Brujon.

Nenhum daqueles homens parecia se lembrar de Gavroche, que, durante essa conversa, sentara sobre uma das pilastras que seguravam o tapume; esperou alguns instantes, talvez para ver se o pai se voltava para ele, tornou a calçar os sapatos e disse:

— Não precisam mais de mim? Posso ir embora? Preciso ir acordar minhas crianças.

E afastou-se.

Os cinco homens saíram, um depois do outro, para fora do tapume.

Quando Gavroche desapareceu na esquina, Babet chamou Thénardier de lado e perguntou:

— Reparou naquele rapaz?

— Qual rapaz?

— O que subiu ao muro, o que levou a corda.

— Não reparei muito, não.

— Pois olhe, não sei bem, mas me parece que é seu filho.

— Ora — disse Thénardier —, você acha mesmo?

ENCANTAMENTOS E AMARGURAS

Luz plena

Eponine, depois de reconhecer quem vivia na casa com as grades, passou a afastar os bandidos de lá, ao mesmo tempo que levou Marius e mostrou-lhe a jovem com quem ele sonhava.

Marius, depois de passar muito dias em completo êxtase, finalmente entrou no jardim e se apresentou a Cosette. Foi depois que um beijo uniu aquelas duas almas que ele passou a ir todas as noites. Durante todo o mês de maio de 1832, todas as noites, encontravam-se naquele jardim selvagem, sob as ramagens cada vez mais espessas, dois seres compostos de todas as inocências, transbordando de felicidade. E na hora em que a volúpia se cala por completo sob o poder absoluto do êxtase, Marius seria mais capaz de ir procurar uma mulher pública do que erguer o vestido de Cosette até a altura do tornozelo. Uma vez, à luz da lua, Cosette se abaixou para pegar algo no chão; assim abriu-se um pouco a gola de seu vestido deixando ver-lhe o começo dos seios. Marius afastou os olhos.

O que se passava entre aquelas duas criaturas? Nada. Simplesmente se adoravam.

Marius imaginava a vida na companhia de Cosette daquele modo, sem nada acrescentar; ir todas as noites à rua Plumet, afastar uma das barras da grade do jardim, sentar-se lado a lado naquele banco, contemplar através das árvores as cintilações da noite no seu começo, juntar o friso da calça com o amplo vestido de Cosette, acariciar a unha do polegar dela, chamá-la de você, e não de senhorita, respirar um depois do outro a mesma flor, para sempre, indefinidamente. Durante esse tempo, as nuvens passavam por cima de suas cabeças. Cada vez que o vento sopra, arrasta consigo mais sonhos dos homens que nuvens do céu.

Cosette era toda ingenuidade, simplicidade, transparência, alvura, candura, luz.

Poderia se dizer de Cosette que ela era clara. Produzia em quem a via a sensação que produz o despontar da aurora. Em seus olhos havia orvalho. Cosette era uma condensação do brilho da aurora em forma de mulher.

Eles se idolatravam.

A desorientação da felicidade completa

Os dois viviam vagamente assombrados por tanta felicidade.

Extasiavam-se vagamente, loucos de felicidade. Fizeram todas as confidências possíveis, mas todas não passaram muito além de seus nomes. Marius contara a Cosette que era órfão, que se chamava Marius Pontmercy, que era advogado e vivia de escrever coisas para as livrarias; que seu pai fora um coronel, um herói, e ele, Marius, havia brigado com o avô, homem bastante rico.

De sua parte, Cosette dissera que tinha sido educada no convento do Petit-Picpus, que sua mãe também havia falecido, que seu pai se chamava Fauchelevent, que era um homem muito generoso com os pobres, e que se privava de tudo, dando-lhe tudo o que podia.

O que era estranho é que, para Marius, o passado, desde que conhecera Cosette, inclusive o mais recente, tornara-se de tal modo confuso que se sentiu satisfeito com o que dividira com ela. Não pensou em lhe falar da aventura noturna do casarão, nem sobre os Thénardier, da queimadura, da atitude estranha e da singular fuga do pai dela.

Ele se esquecera momentaneamente de tudo isso, nem mesmo sabia o que havia comido de manhã ou o que jantara, ele não existia a não ser nos momentos em que via Cosette. Como estava no céu, podia muito bem se esquecer da terra.

Para Cosette e Marius nada mais existia além de Marius e Cosette. A muito custo ele pensava que a jovem tinha um pai. Tudo para os enamorados é o nada. Mas o pai, a realidade, a cilada, os bandidos, a aventura, para que falar sobre isso? Eles eram dois, adoravam-se; simplesmente isso. Todo o resto não existia.

E eles nem se preocupavam em saber o fim daquilo, para onde esse encontro de almas os conduziria. Eles se olhavam como se já tivessem chegado lá. É uma estranha pretensão dos homens querer que o amor os leve a algum lugar.

Começo de sombra

Jean Valjean não suspeitava de nada.

Cosette estava alegre e feliz, e isso para ele bastava. Quando dois corações se entendem, quando as coisas correm maravilhosamente bem, e uma terceira pessoa, seja quem for, pode perturbar esse amor, essa pessoa é mantida na cegueira graças a um número de precauções sempre iguais, e que são sempre as mesmas para todos os enamorados.

Por isso Cosette nunca fez objeção alguma a Jean Valjean. Quer passear? Claro, meu pai, vamos. Quer ficar em casa? Pois não. Quer passar a tarde ao lado de Cosette? Com muito gosto, meu pai. E como ele se recolhia a seu quarto sempre às dez da noite, Marius só iria ao jardim depois dessa hora, quando ouvia Cosette abrir a porta da varanda. Nem é preciso dizer que Marius não seria encontrado durante o dia, e Jean Valjean nem mesmo imaginava que Marius existisse.

A senhora Toussaint, que se deitava muito cedo, também nada sabia, como seu patrão. Marius, por sua vez, jamais entrara na casa. Quando estava ao lado de Cosette, ambos se escondiam num recanto próximo à escadaria, a fim de não serem vistos nem ouvidos por quem passasse na rua.

Marius ia embora habitualmente à meia-noite e voltava para a casa de Courfeyrac, homem prático, que não apreciava o reflexo de paraíso que notava em Marius, porque tinha pouca tendência para paixões, e, impaciente, dizia ao amigo para que voltasse à realidade.

Durante aquele mês, Marius e Cosette conheceram imensas alegrias; porém, sem que soubessem, aproximavam-se diversas complicações.

Certa noite, Marius ia para seu encontro costumeiro, caminhando como sempre de olhos baixos, quando ouviu alguém dizer muito próximo dele:

— Boa noite, senhor Marius.

Era Eponine.

Desde o dia em que ela o levara até a casa de Cosette, nunca mais pensara na menina, esquecendo-a completamente. Ele devia se mostrar agradecido, afinal, era a ela que devia sua felicidade, mas Marius não gostou de reencontrá-la. E nem mesmo se lembrava de que o nome dela era Eponine Thénardier.

— Ah, é você? — disse ele, embaraçado.

— Diga-me... — começou ela, mas calou-se. Parecia que estavam faltando palavras àquela menina tão atrevida. Ela tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Então... — continuou ela. Calou-se ainda uma vez e baixou os olhos.

— Boa noite, senhor Marius — disse ela de repente, e foi-se embora.

Um cão improvisado

No dia seguinte, ao cair da noite, quando Marius se encaminhava para seu encontro, percebeu por entre as árvores do caminho que Eponine vinha em sua direção. Achando que seria demais dois encontros sucessivos com a menina, mudou de trajeto e seguiu para seu destino por outra rua. Isso obrigou Eponine a segui-lo até a rua Plumet, coisa que ela ainda não tinha feito.

Até então ela se limitara a vê-lo passar, mas desta vez viu até quando Marius passou pelos varões da grade. Eponine foi até lá, procurou o lugar certo por onde ele passara, mas mudou de ideia.

— Isso não, Lisette.

E sentou-se ao pé da grade, como se estivesse vigiando. Ali era o ponto onde a grade tocava o muro e, nesse ângulo escuro, Eponine desaparecia por completo.

Por volta das dez da noite, um velho que se apressava a atravessar aquele local deserto,

ao chegar no ponto de união da grade com a parede, disse com voz ameaçadora:

— Não me admira que ele venha todas as noites!

O velho olhou em volta, não viu ninguém e apertou o passo, seguindo rapidamente o seu caminho. E foi bom ele ter se apressado, porque logo depois seis homens se aproximaram. O primeiro a alcançar a grade parou e esperou os demais; logo começaram a conversar em voz baixa.

— É aqui — disse um.

— Tem algum cachorro no jardim? — perguntou outro.

— Na dúvida, fiz uma bolinha para ele mastigar.

— Trouxe massa para quebrar a vidraça?

— Sim.

— A grade é velha — comentou um deles.

— Melhor assim — disse o segundo que falara. — Não vai gritar com a serra nem vai ser dura de cortar.

O sexto, que ainda não tinha aberto a boca, pôs-se a examinar a grade, como Eponine fizera antes, sacudindo sucessivamente um por um os varões de ferro oxidados. Assim, chegou ao que Marius deslocara para entrar. Quando ia experimentá-lo, uma mão saiu da escuridão e o agarrou.

— Tem cachorro!

Ao mesmo tempo, viu uma mulher pálida, de pé, em sua frente. Ele recuou gaguejando:

— Mas quem é essa idiotinha?

— É a sua filha.

Era Eponine que falava com Thénardier.

Ante a aparição de Eponine, Claquesous, Gueulemer, Babet, Montparnasse e Brujon se aproximaram sem ruído, sem pressa, em silêncio, com a lentidão sinistra própria desses homens da noite. Gueulemer segurava um pé de cabra dos que são usados pelos ladrões.

— Mas que diabos você está fazendo aqui? Está louca? — gritou Thénardier, se é que se pode gritar falando em voz baixa. — Por acaso vai querer impedir que a gente trabalhe?

Eponine começou a rir e saltou-lhe ao pescoço.

— Estou aqui porque estou aqui, paizinho. Não é mais permitido sentar nas pedras? O senhor é que não deveria estar aqui. Para que veio, se eu já avisei à Magnon que o negócio não vale a pena? Ei! Então, já está livre?

Thénardier procurou soltar-se dos braços de Eponine dizendo:

— Isso mesmo, já estou livre. Não estou mais na cadeia, agora me solte e vá embora.

— Mas não quero ir, faz quatro meses que não o vejo!

E tornou a abraçar o pai.

— Diabos, pare com isso!

— Vamos logo, que a polícia pode passar! — grunhiu Gueulemer.

Eponine voltou-se para os cinco bandidos.

— Ora, mas estão todos aqui! Brujon, Claquesous. Não está me reconhecendo, *seu* Gueulemer? Como vai, Montparnasse?

— É a hora das raposas, não das galinhas — disse Montparnasse.

— Você já percebeu que temos um serviço aqui — acrescentou Babet.

Eponine tomou a mão de Montparnasse.

— *Seu* Babet — disse ela —, *seu* Gueulemer, eu é que fui encarregada de investigar o serviço. E sabem que não sou boba. Eu tomei as informações que pude, e garanto que vão se expor à toa. Não há o que fazer nessa casa.

— Aqui há mulheres sozinhas — disse Gueulemer.

— Eu soube que se mudaram.

— Mas tem luz ainda — disse Babet, e mostrou a Eponine, através da copa das árvores, uma luz que andava de um lado para outro no sótão do pavilhão. Era Toussaint, que ainda não se deitara por ter de estender algumas roupas.

Eponine tentou um último esforço.

— É gente muito pobre, não há um vintém aí dentro.

— Vá para o diabo! — gritou Thénardier. — Depois que revirmos a casa, pondo o porão para cima e o sótão para baixo, nós diremos o que há lá dentro, se são luíses, francos ou vinténs.

E a empurrou para entrar.

— Montparnasse, você que é tão bom, não entre.

— Cuidado! Pode se cortar — disse ele —, estou com o canivete aberto!

Eponine largou a mão de Montparnasse, que estava segurando havia um tempo, e agarrou-se à grade, enfrentando os seis bandidos sozinha:

— Bem, se vocês querem entrar nesta casa, eu não vou deixar!

Todos pararam, admirados. E ela continuou:

— Deixem de brincadeira, que agora falo sério. Para começar, se entrarem neste jardim, se puserem as mãos nesta grade, eu grito, bato em todas as portas, acordo todo mundo, faço prender vocês todos e chamo a polícia.

— É bem capaz de ela fazer isso — disse Thénardier em voz baixa.

— A começar pelo meu pai! — acrescentou Eponine.

Thénardier recuou e resmungou por entre os dentes:

— Mas por que diabo está fazendo isso? — E acrescentou: — Cadela!

Eponine pôs-se a rir de um modo terrível.

— Vocês não vão entrar. Vocês são homens e eu sou mulher, mas não me metem medo. O cão desta casa sou eu! Não me importo com vocês, sigam seu caminho que já me estão aborrecendo! Vão lá aonde quiserem, mas aqui vocês não virão.

Deu um passo na direção dos seis homens e riu:

— Não tenho medo. No verão terei fome e no inverno terei frio. Que estúpidos vocês são se acham que terei medo... Acham isso porque suas amantes se escondem debaixo da cama quando engrossam a voz... Pois eu não tenho medo de ninguém.

E, fitando seu pai, acrescentou: — Nem mesmo de você, meu pai.

Depois prosseguiu fitando os ladrões com as suas pupilas de espectro:

— A mim, basta-me gritar; vocês são seis e eu sou todo mundo!

Os seis assaltantes, impossibilitados de agir, envergonhados ao se verem assim ludibriados por uma jovem, foram até um lugar escuro para discutir a situação, erguendo os ombros, humilhados e furiosos.

— Aí tem alguma coisa, essa aí se apaixonou por um cachorro — disse Babet. — Mas é uma pena desistir. Duas mulheres, um velho que dorme no quintal, e as vidraças cheias de cortinas. O velho deve ser algum judeu. A coisa deve ser mesmo boa.

— Entrem vocês — disse Montparnasse. — Façam o serviço e eu vigio a menina, se ela fizer alguma coisa...

E mostrou o brilho do canivete.

Thénardier nada disse; parecia pronto para tudo o que quisessem. Brujon não falava nada, parecia pensativo. Tinha sido ele o autor daquele negócio.

— Você não diz nada, Brujon? — perguntou Babet.

Depois de alguns instantes de silêncio, ele falou:

— Hoje de manhã vi dois pardais brigando, e de noite tem uma mulher querendo brigar. A coisa não está boa. Vamos embora.

E todos se afastaram. Enquanto caminhavam, Montparnasse resmungou:

— Não faz mal, mas se quisessem, eu cortava a garganta dela.

Babet respondeu:

— Eu não toco numa dama.

Eponine foi atrás deles, oculta nas sombras. Seguiu-os até que desapareceram nas trevas.

Marius volta à realidade a ponto de dizer a Cosette onde mora

Enquanto Eponine montava guarda e enfrentava seis bandidos, Marius estava ao lado de Cosette. Mas ela parecia triste, parecia que tinha chorado.

— O que você tem? — perguntou ele.

— Meu pai me disse hoje mais cedo que tem vários negócios a resolver e que me preparasse, porque devemos partir.

Marius estremeceu da cabeça aos pés. Quando se está no fim da vida, morrer quer dizer partir; quando se está no começo, partir quer dizer morrer.

A voz da realidade fez Marius despertar. Fazia seis semanas que ele vivia como que fora do mundo, e bastou a palavra “partir” para que acordasse daquele sonho. Não sabia o que dizer. Cosette sentiu apenas que suas mãos estavam frias.

— E você — foi a vez de ela perguntar —, o que é que você tem?

— Eu não entendo o que você quis me dizer.

Cosette explicou:

— Meu pai me disse que eu preparasse todas as minhas coisas e ficasse pronta. Disse que era preciso fazer uma viagem e que eu preparasse uma mala grande para mim e uma pequena para ele, talvez tenhamos que ir para a Inglaterra.

— Mas isso é absurdo! — exclamou Marius.

Naquele momento, nenhuma violência ou abuso de poder se igualava a esta imposição: o senhor Fauchelevent leva a filha para a Inglaterra porque tem negócios a tratar. Ele perguntou timidamente:

— E quando vai partir?

— Ele não disse quando vamos partir nem quando vamos voltar.

Marius levantou-se e perguntou friamente:

— Cosette, e você vai?

— O que quer que eu faça? — disse ela, juntando as mãos.

— Então, você vai...

— Mas, se meu pai também vai!

— Está bem, então vou para outro lugar.

Cosette percebeu o sentido dessa frase, mesmo sem a compreender.

— O que você quer dizer? — balbuciou ela.

— Nada...

Marius a encarou, depois ergueu os olhos para o céu e, quando os baixou, viu que Cosette sorria.

— Como somos bobos, Marius! Se nós partirmos, você vai também! Eu lhe direi onde estou e você vai se encontrar comigo.

Marius estava perfeitamente desperto e voltara à realidade.

— Mas não tenho como! Para isso, preciso de dinheiro, e eu não tenho! Já devo mais de dez luíses a meu amigo Courfeyrac, tenho um casaco velho sem botões na frente, nunca lhe contei isso... Cosette, sou miserável, você só me vê de noite, se me visse de dia me daria uma esmola.

Cosette soluçava. Marius foi ter com ela, e ajoelhou-se diante da jovem.

— Eu vou embora e você não poderá me acompanhar! — soluçou ela.

— Cosette, jamais dei minha palavra de honra a ninguém, porque minha palavra de honra me assusta. Eu sinto que meu pai está a meu lado. Pois bem, dou-lhe a minha palavra de honra mais sagrada que, se você partir, eu morrerei.

Essas palavras foram ditas com uma melancolia tão solene e tranquila que Cosette estremeceu. Sentiu o frio produzido pela passagem de uma coisa sombria e verdadeira. O grande sobressalto que experimentou fê-la parar de chorar.

— Agora, escute-me — disse ele. — Não me espere amanhã, só depois de amanhã. Vamos sacrificar um dia para termos quem sabe a vida toda.

Marius acrescentou à meia-voz: “É um homem que não muda seus hábitos e que não recebe ninguém senão à noite”.

— De quem você está falando? — perguntou Cosette.

— De ninguém... E anote meu endereço, caso aconteça alguma coisa. Moro com esse amigo Courfeyrac, na rua de la Verrerie, número 16.

Com a lâmina do canivete, gravou o endereço na parede.

— Marius, conte-me o que você vai fazer amanhã à noite.

— Vou tentar uma coisa.

Então, sem nada dizerem, e movidos pelo mesmo pensamento, ambos caíram nos

braços um do outro, sem perceber que seus lábios se tinham juntado, enquanto seus olhos, transbordando de êxtase e cheios de lágrimas, contemplavam as estrelas.

Quando Marius saiu, era o momento em que Eponine seguia os bandidos até que desaparecessem na neblina.

Um coração jovem na presença de um coração velho

O senhor Gillenormand tinha por essa época seus 91 anos.

Mas, já havia algum tempo, sua filha dizia que o velho pai definhava. Já não batia nas empregadas e lia, sem se exaltar, os jornais do dia. O velhinho andava bem abatido.

Já se passavam quatro anos que ele esperava que Marius viesse bater à sua porta, mas como isso não acontecera, as pessoas diziam que, se o neto demorasse muito... Não era a morte que parecia insuportável ao senhor Gillenormand, era a ideia de não tornar a ver o neto; isso jamais lhe passara pela cabeça; mas agora já começava a pensar assim e sentia-se gelado. O velho não se julgava culpado de nada, mas pensava em Marius com profunda ternura e o mudo desespero de um bom velho que vai entrando nas trevas.

A tia Gillenormand formulou um profundo diagnóstico do velho:

— Meu pai nunca mais gostou de minha irmã depois daquela tolice. É evidente que detesta Marius.

A tolice havia sido o casamento dela com o coronel. E, infelizmente, ela não teve sucesso em sua tentativa de substituir Marius pelo seu favorito, o oficial dos lanceiros. O tenente Theodule não conseguira nada e o senhor Gillenormand não aceitara a troca. O vazio de um coração não pode ser preenchido por qualquer coisa e o tenente, embora não desdenhasse a herança, sentia repugnância por aquela imposição de agradar. O velho não gostava do lanceiro e este enfurecia o bom velho. Sem dúvida, o tenente Theodule era alegre, mas não deixava de ser tagarela; era frívolo, mas vulgar; tinha amantes, é verdade, e falava muito delas, o que também é verdade, mas falava mal.

O velho estava farto do oficial e disse à filha que não o receberia mais, e que ela guardasse o “seu Theodule” para si mesma.

Uma noite, o senhor Gillenormand, sozinho em seu quarto, pensava em Marius, amorosamente, amargamente; e, como sempre, a amargura dominava. Sua ternura rude acabava sempre por ferver e se transformar em indignação. Estava prestes a tomar uma resolução, aceitando enfim o que mais temia. Pensava, afinal, que Marius não tinha mais razão para voltar, pois, se o quisesse, já o teria feito; era melhor não pensar mais no caso. Procurava habituar-se à ideia de que tudo estava terminado e que ia morrer sem tornar a ver “aquele senhor”.

Em meio a esses pensamentos, seu velho criado chegou:

— O senhor pode receber o senhor Marius?

O velho endireitou-se na poltrona, pálido. Seu sangue refluiu todo para o coração.

— Marius? — perguntou, surpreso. — Mande-o entrar... — balbuciou.

Com os olhos fixos na porta, viu um jovem entrar. Era Marius.

Ele parou no limiar da porta, como que esperando que o mandasse entrar. Escondido, como ficava, na penumbra das luzes, o seu vestuário quase miserável não podia ser notado pelo velho. Não se via mais que o seu rosto, sereno e grave, porém estranhamente triste.

O senhor Gillenormand, como que extasiado de alegria, ficou alguns instantes sem ver outra coisa além de um clarão, como quando se tem uma aparição. Era ele! Era Marius, mesmo!

Finalmente, depois de quatro anos! Absorveu-o por inteiro, achando-o nobre, belo, crescido, homem-feito, encantador. Teve vontade de abrir os braços, de chamá-lo, suas entranhas se fundiam nesse arrebatamento, mas como sua natureza era o contraste, falou com aspereza:

— O que vem fazer aqui?

Marius respondeu embaraçado:

— Senhor...

O avô queria que o neto se lançasse em seus braços, mas percebeu a rispidez e a frieza do neto. O azedume tornou a dominá-lo e por isso interrompeu Marius num tom enfadado:

— Então, para que veio?

Este então significava “se não quer me dar um abraço...”.

— Senhor...

O velho replicou em tom severo:

— Veio me pedir perdão? Reconheceu afinal que errou?

Marius estremeceu; pediam-lhe que renegasse a seu pai; abaixou os olhos e respondeu:

— Não, senhor.

— Então, o que quer de mim? — gritou o ancião, encolerizado. Marius juntou as mãos, deu um passo e disse com voz fraca e trêmula:

— Senhor, tenha pena de mim!

Essas palavras comoveram o senhor Gillenormand; se tivessem sido ditas mais cedo, ele ficaria enternecido, mas agora era tarde demais. O avô ergueu-se, apoiado na bengala; sua estatura dominava o neto, encurvado.

— Pena? É a juventude exigindo piedade do velho de 91 anos? Você está entrando na vida, eu estou saindo dela; você vai ao teatro, aos bailes, ao café, ao salão de bilhar; você tem inteligência, você agrada às mulheres, é um sujeito bonito; você é rico com as únicas riquezas que realmente existem, e eu possuo toda a pobreza de idade, enfermidades, isolamento! Você tem seus trinta e dois dentes, uma boa digestão, olhos brilhantes, força, apetite, saúde, alegria, uma floresta de cabelos negros. Não tenho mais nem cabelos brancos, perdi meus dentes, estou perdendo minhas pernas, estou perdendo minha memória; você tem diante de si todo o futuro, cheio de sol, e eu estou começando a perder minha visão, estou avançando na noite; você está apaixonado, isso é óbvio, e eu não sou amado por ninguém em todo o mundo; e você pede piedade a mim! Se é assim que vocês brincam no tribunal, senhores advogados, os meus sinceros cumprimentos. Vocês são

divertidos.

E o octogenário prosseguiu em voz colérica e grave:

— Afinal, que quer de mim?

— Meu senhor — respondeu Marius —, sei que a minha presença lhe desagrada, mas venho somente para pedir-lhe uma coisa; depois, vou-me embora.

— O senhor é um tolo! — disse o velho. — Por que falar agora em ir-se embora?

O senhor Gillenormand percebera que Marius o deixaria em alguns instantes, repellido e assustado pela má acolhida e pela má vontade com que fora recebido. Ele queria que Marius o entendesse, ele queria um abraço, mas como Marius não o compreendia, ficava cada vez mais furioso.

— O senhor abandonou seu avô, saiu de minha casa para ir não se sabe aonde, saindo quando queria, entrando quando queria, para se divertir e sem dar sinal de vida e, ao cabo de quatro anos, vem à minha casa, e a única coisa que me tem a dizer é isso!

Esse modo violento de levar o neto à ternura teve como resultado apenas o silêncio de Marius. O velho Gillenormand cruzou os braços e perguntou:

— Vamos acabar com isso. O senhor veio pedir-me alguma coisa? Pois bem, o quê? Fale!

— Senhor, venho pedir-lhe licença para me casar.

O senhor Gillenormand bateu a campainha. Basco entreabriu a porta.

— Chame a minha filha!

Um segundo depois, a senhorita Gillenormand apareceu, e quando o pai a notou, disse apenas:

— Não é nada, pode cumprimentar o senhor Marius, ele quer se casar. Pode sair.

A tia contemplou Marius assustada; parecia quase não o reconhecer, não fez um gesto, não disse uma sílaba e desapareceu ao sopro de seu pai, mais depressa que uma palhinha diante do furacão.

Entretanto, o senhor Gillenormand voltara a se encostar na lareira.

— Muito bem, quer se casar! Aos 21 anos! Então já está tudo pronto! Só falta conseguir a minha permissão! Simples formalidade! Sente-se, meu senhor. Então, quer casar-se? Com quem? Se não for indiscrição de minha parte, poderia dizer-me com quem?

Parou e, antes que Marius tivesse tido tempo para responder, acrescentou:

— E a sua profissão? Está com a vida feita? Quanto ganha como advogado?

— Nada — respondeu o jovem, com uma resolução quase selvagem.

O velho Gillenormand continuou:

— Ah, já entendo! A noiva é rica?

— Tanto como eu.

— Como? Ela não tem dote?

— Não, senhor.

— Nem esperanças de vir a ter alguma coisa?

— Creio que não.

— O pai, o que faz?

— Não sei.

— Então como ela se chama?

— Senhorita Fauchelevent.

— Fauche o quê?

— Fauchelevent.

— Sim, senhor, acho graça! Vinte e um anos, uma mulher sem dote e mil e duzentas libras por ano. Vai ser bonito ver a senhora baronesa de Pontmercy fazendo a feira com dois soldos...

— Meu senhor — disse Marius, na alucinação da última esperança que se desvanece —, eu lhe peço, eu lhe suplico, em nome do céu, de mãos juntas, ajoelhado a seus pés, permita-me que a espose!

O velho soltou uma estridente e lúgubre gargalhada, e exclamou num acesso de riso, interrompido a cada instante por outro de tosse:

— Ah! Ah! Ah! O senhor disse com os seus botões: “Vou procurar aquele velho careca, e lhe direi: velho cretino, você está muito contente por me ver, eu quero casar-me com uma senhora qualquer, filha de não sei quem, mas não tenho sapatos, ela não tem roupas, isso, porém, não importa; quero jogar minha carreira na água, o meu futuro, a minha juventude, a minha vida, quero mergulhar na miséria com uma mulher ao pescoço, é essa a minha ideia, e é preciso que o senhor dê o seu consentimento! E o velho fóssil concordará com tudo”. Vá, meu rapaz, faça o que bem entender, amarre bem a pedra ao pescoço, case-se com essa tal Pousselevant, Coupelevant... Mas não vou consentir jamais! Nunca!

— Meu pai...

— Não consinto!

O modo como esse “não consinto” foi pronunciado fez Marius perder as esperanças. Cruzou o quarto lentamente, mais parecendo alguém que vai morrer do que alguém que se retira. O senhor Gillenormand seguia-o com os olhos e, no momento em que a porta se abria e Marius ia sair, deu quatro passos com a vivacidade senil dos velhos mandões, segurou Marius pela gola do casaco, trouxe-o energicamente para dentro do quarto, jogou-o a uma poltrona e lhe disse:

— Agora, conte-me essa história.

Aquele “meu pai” dito por Marius provocou toda essa mudança.

Marius encarou-o, assustado. O rosto do velho Gillenormand não exprimia nada mais que uma rude e inefável bondade. A severidade anterior dera lugar ao avô.

— Vamos, conte-me suas aventuras! Mas como são bobos esses rapazes!

E Marius contou tudo, como estava apaixonado, como a via todos os dias sem o pai dela saber, até que no dia anterior ficara sabendo que o pai a levaria para a Inglaterra e, como ele queria muito se casar com ela, senão ficaria louco, pensara em ir contar ao avô o que estava acontecendo.

— Ela mora num jardim com grades, na rua Plumet, do lado dos Invalides — concluiu Marius.

— Rua Plumet? Há um quartel por ali! — disse o velho.

— O seu primo, Theodule, já me falou dessa rua. O lanceiro, ele me falou dessa mocinha. Ela recebe você às escondidas do pai, isso é muito comum. Eu também tive casos assim. Mais de um até. Sabe como se faz? Não se deve pegar a coisa de um modo que

caia para a tragédia. Vá, meu rapaz, e faça o mesmo com o seu neto. Aqui estão duzentos escudos duplos. Divirta-se, e coragem! Nada melhor! E assim o caso está resolvido. Não se case, nem por sombra, faça dessa moça sua amante!

Marius empalideceu. Não compreendera nada do que o avô lhe acabava de dizer. Aquela confusão toda sobre seu primo lanceiro, o quartel, amante, nada daquilo podia se referir a Cosette. E a palavra “amante” foi como uma espada em seu coração.

Ele se levantou e foi para a porta a passos firmes. Lá, voltou-se para o avô e disse:

— Há cinco anos, o senhor ofendeu o meu pai; hoje, ofende a minha mulher. Não lhe peço mais nada, senhor. Adeus.

O velho Gillenormand, estupefato, abriu a boca, estendeu os braços, procurou levantar-se e, antes que pudesse pronunciar uma palavra, a porta tinha se fechado e Marius desaparecera.

— Marius! Marius! Volte! Está louco?

O neto já não podia ouvir nada, tinha virado a esquina.

Os criados e a filha acudiram e viram quando ele levou as mãos à cabeça, recuou e apoiou-se numa cadeira, sem voz, sem lágrimas, balançando a cabeça e movendo os lábios, aparvalhado, não tendo nos olhos e no coração senão algo triste e profundo que se assemelhava à noite.

PARA ONDE VÃO ELES?

Jean Valjean

Nesse mesmo dia, pelas quatro horas da tarde, Jean Valjean estava sentado sozinho numa rampa num dos lugares mais solitários do Champ de Mars. Fosse por prudência, fosse por desejo de se recolher, Jean Valjean saía muito raramente na companhia de Cosette.

Quando saía sozinho, vestia-se como operário, e num desses passeios encontrara-se com Thénardier; graças a seu disfarce, não foi reconhecido, mas desde então ele vira o bandido muitas outras vezes. Isso lhe deu a certeza de que Thénardier andava rondando pelas vizinhanças de sua casa. Isso foi o bastante para que tomasse uma resolução importante.

A presença de Thénardier ali resumia todos os perigos de uma só vez. Além do mais, Paris não estava tranquila, as perturbações políticas que agitavam a todos provocavam ainda um inconveniente perigoso para quem tivesse algo a esconder. A polícia andava inquieta, e se podia encontrar agitadores, podia muito bem encontrar um fugitivo como Jean Valjean.

Um fato inexplicável e recente viera a perturbar ainda mais seu espírito. Nessa manhã, passeava sozinho pelo jardim, antes que Cosette tivesse aberto as janelas de seu quarto, quando viu, de repente, uma linha gravada na parede, provavelmente com prego: “16, rua de la Verrerie”.

Era coisa recente; os traços estavam bem claros ainda na argamassa escura, e uma touceira de urtigas, ao pé da parede, estava polvilhada de cal. Aquilo, provavelmente, havia sido escrito durante a noite. O que era? Um endereço? Um sinal para alguma pessoa? Um aviso para ele? Em qualquer caso, era evidente que o jardim fora invadido e desconhecidos tinham entrado.

Por isso tudo, havia decidido sair de Paris e mesmo da França, mudando-se para a Inglaterra. Sentado na rampa, remoía todos esses pensamentos, Thénardier, a polícia, aquela estranha linha escrita na parede, a viagem, a dificuldade para conseguir um passaporte.

Foi quando notou, pela sombra que o sol projetava, que alguém tinha parado exatamente atrás dele. Já ia se virar quando um papel dobrado foi lançado por cima de sua cabeça e caiu a seus pés.

Ele pegou o papel, desdobrou-o e leu esta frase escrita a lápis: MUDE DE CASA.

Jean Valjean levantou-se depressa, porém não viu mais ninguém ali; alguém pouco maior que uma criança, menor que um homem, deixava-se escorregar por uma das rampas do Champ de Mars.

Jean Valjean, muito preocupado, voltou imediatamente para casa.

Marius

Marius saía desolado da casa do senhor Gillenormand. Entrara com pouca esperança, saía com imenso desespero. Foi andando pelas ruas até chegar a seu quarto na casa de Courfeyrac e jogou-se, vestido como estava, sobre a cama.

O sol já ia alto quando conseguiu dormir, com o sono medonho e pesado que deixa as ideias irem e virem livremente pelo cérebro. Quando se levantou, viu de pé, no quarto, com o chapéu na cabeça, muito assustados e prontos para sair, Courfeyrac, Enjolras, Feuilly e Combeferre. Courfeyrac lhe perguntou:

— Você não vai ao enterro do general Lamarque?

Marius teve a impressão de que seu amigo estava falando em chinês.

O general, ex-comandante popular do Exército, que se tornara membro do Parlamento francês e criticava a monarquia, morrera de cólera e vários protestos contra Luís Filipe estavam programados.

Marius saiu logo depois deles, levando as duas pistolas que Javert lhe havia dado. Caminhou durante todo o dia sem muita noção do que estava fazendo. Às vezes, enquanto andava pelas ruas mais desertas, julgava ouvir estranhos ruídos em Paris. Punha a cabeça para fora de seus sonhos e dizia:

— Estarão lutando?

Nessa noite, como havia prometido a Cosette, foi até o jardim, e diante da grade, esqueceu-se de tudo. Tirou o varão e correu para o lugar onde Cosette costumava esperar por ele. Ela não estava; então Marius atravessou o pequeno bosque e foi até o ângulo perto da escadaria.

A jovem também não estava lá. Levantou os olhos e viu que as janelas todas estavam fechadas. Deu uma volta completa pelo jardim; estava tudo deserto.

Resolveu se arriscar a ser atendido pelo pai severo, batendo nas janelas e chamando:

— Cosette! Cosette!

Ninguém respondeu. Não havia ninguém na casa, ninguém no jardim. Marius fixou os olhos desesperados naquela casa lúgubre, tão escura, tão silenciosa e mais vazia que um túmulo.

Olhou para o banco de pedra em que passara horas tão adoráveis ao lado de Cosette. Sentou-se nos degraus da escadaria, o coração cheio de ternura e resolução, abençoou seu amor com toda a alma e disse consigo que, uma vez que Cosette partira, só lhe restava

morrer.

De repente, ouviu uma voz que parecia vir da rua, gritando no meio das árvores:

— Senhor Marius!

Levantou-se.

— O que é?

— Senhor Marius, o senhor está aí?

— Estou.

— Senhor Marius — continuou a voz —, os seus amigos o esperam na barricada da rua de la Chanvrière.

Aquela voz não lhe era inteiramente desconhecida. Assemelhava-se à voz rouca e ríspida de Eponine.

Marius correu até a grade, afastou o varão, passou a cabeça através da grade e viu alguém, talvez um rapaz, desaparecer correndo por entre as sombras da noite.

O senhor Mabeuf

A bolsa de Jean Valjean fora inútil para o senhor Mabeuf.

Em sua venerável austeridade infantil, ele não aceitara o presente dos astros; não admitia que um astro pudesse se converter em luíses de ouro. Não sabia que o inesperado auxílio viera de Gavroche.

Ele entregou a bolsa à polícia, e como ninguém a reclamou, ela ficou de fato perdida e sem utilidade, pois não voltou a seu dono e nem ajudou o pobre velho.

Suas experiências no Jardim Botânico não foram melhores do que em seu quintal, e o senhor Mabeuf continuava a decair. Vendera os últimos móveis que lhe restavam, depois tudo o que tinha em duplicata, tanto roupas de cama como roupa pessoal; depois, ainda, vendera os herbários e as estampas.

Nunca acendia a lareira e deitava-se ainda com sol para não gastar velas.

Parecia que não tinha mais vizinhos; ele percebia que o evitavam quando passava pelas ruas. A miséria de uma criança interessa a alguma mãe, a miséria de um rapaz interessa a alguma jovem, mas a miséria de um velho não interessa a ninguém. Ele ainda conservava seus adorados livros, alguns muito raros. Quando, certa noite, a criada a quem não pagava havia um ano comunicou-lhe que não tinha como fazer o jantar, e que ninguém mais lhe vendia fiado, o senhor Mabeuf abriu o armário, olhou por muito tempo todos os livros, um após outro, como um pai que, obrigado a matar os próprios filhos, os contemplaria antes de escolher, pegou um e o meteu debaixo do braço.

Saiu e voltou depois de duas horas com trinta soldos. Era o dinheiro para o jantar.

Nos dias seguintes, a mesma cena se repetia. Ele saía com um livro e voltava com dinheiro. Como os livreiros sabiam que ele estava necessitado, compravam por vinte

soldos o que lhes teria custado vinte francos.

Às vezes, o senhor Mabeuf dizia que “afinal, já estava com 80 anos”, como se tivesse uma secreta esperança de terminar seus dias antes que terminassem seus livros.

Passaram-se algumas semanas. De repente, a senhora Plutarco caiu doente. Há ainda algo mais triste do que não ter com que comprar pão na padaria, é não ter com que comprar remédios na farmácia. Uma noite, o médico receitara uma poção muito cara. Além do mais, a doença se agravava; era preciso uma enfermeira. O velho Mabeuf abriu a biblioteca; não havia mais nada ali. Já tinha vendido todos os volumes. Restava-lhe somente o Diógenes Laércio, que estava em sua mesa de cabeceira e do qual costumava ler algumas páginas antes de se deitar. Pegou o livro e saiu.

Voltou com cem francos, colocou o dinheiro em cima da mesa da criada e se trancou no quarto.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, sentou-se na pedra que havia em seu jardim, e ficou por lá a manhã toda. No meio da tarde, ouviu-se um barulho estranho em Paris; talvez tiros e clamores de uma multidão.

Um jardineiro que passava explicou ao senhor Mabeuf:

— Eles estão lutando. No lado do arsenal.

O velho Mabeuf entrou em casa, pegou o chapéu, procurou maquinalmente um livro para carregar debaixo do braço, não encontrou nenhum, e disse: — Ah! É verdade! — e saiu com ar desvairado.

O ÁTOMO CONFRATERNIZA COM O FURACÃO

Origens da poesia de Gavroche

A insurreição se deu do choque entre o povo e as tropas diante do arsenal, durante o funeral do general Lamarque. Surgiu um movimento de frente para trás na multidão que seguia o coche fúnebre, as fileiras se romperam e todos correram.

A multidão transbordou à esquerda e para a direita, espalhando-se ao mesmo tempo por duzentas ruas de Paris, como uma represa da qual as barragens se rompessem. Nesse momento, um menino esfarrapado que descia a rua segurando um ramo de flores, viu na vitrine de um antiquário uma pistola usada, jogou o ramo no chão, pegou a velha pistola e saiu correndo.

Dois minutos depois, uma onda de populares em debandada se encontrava com o rapazinho brandindo a pistola e cantando:

À noite não podemos ver nada,

De dia vemos muito bem,

De uma escrita apócrifa o burguês está irritado,

Pratique a virtude,

Chapéu pontudo!

Era o pequeno Gavroche que ia para a guerra.

Enquanto caminhava, percebeu que a arma estava quebrada; faltava o cão. Gavroche conhecia todas as cantilenas populares, acrescentando a elas a sua própria inspiração.

Gavroche não sabia que, naquela noite de chuva em que oferecera a hospitalidade de seu elefante a dois gurus, fora para seus próprios irmãos que fizera o papel da Providência Divina. Na manhã seguinte, tirando-os do ventre do monstruoso monumento inacabado, combinou com os dois pequenos de encontrá-los ali de noite, caso não se reunissem aos pais.

As duas crianças nunca mais voltaram, talvez porque tivessem sido detidas pela polícia ou roubadas por algum saltimbanco, ou por terem se perdido no imenso labirinto das ruas de Paris. Já haviam se passado três meses desde aquela noite e Gavroche, de vez em quando, coçava a cabeça, pensando: “Onde se meteram meus dois garotinhos?”

Ele continuou caminhando, com fome e sem nenhum vintém no bolso, cantando as estrofes da *Marselhesa* e se rindo dos ricos bem-vestidos que via pelas ruas.

A criança admira-se pelo velho

Gavroche agora já fazia parte do bando chefiado por Enjolras, Courfeyrac, Combeferre e Feuilly. Bahorel e Jean Prouvaire haviam sido encontrados e faziam parte do grupo. Todos estavam mais ou menos armados e acompanhavam a insurreição. Vinham de Quai Morland, sem gravatas, sem chapéus, cansados, molhados pela chuva e com os olhos brilhando de emoção.

Bahorel vinha pulando como um peixe fora d'água; de repente, viu colada numa parede uma pastoral do arcebispo de Paris, dando permissão às suas ovelhas de comer ovos na Quaresma.

— Ovelhas? Modo delicado de chamar de tolos!

E arrancou o aviso. Isso agradou a Gavroche. A partir desse instante, Gavroche passou a estudar Bahorel.

— Bahorel — disse Enjolras —, você não agiu direito. Devia ter deixado em paz aquele papel; não é contra ele que devemos nos bater; você está gastando a sua cólera de forma inútil. Poupe as suas reservas. Não se faz fogo fora das fileiras, nem com a alma nem com as armas.

Ao avistar numa janela um jovem pálido de barba negra que os olhava passar, provavelmente um Amigo do ABC, gritou-lhe:

— Depressa, cartuchos, *para bellum*!

Um cortejo barulhento os acompanhava. Estudantes, artistas, jovens filiados à Cougorde de Aix, operários, taifeiros armados de paus e baionetas, alguns como Combeferre, com pistolas enfiadas nos bolsos das calças. Um senhor que parecia muito velho marchava com esse grupo. Não carregava armas e se apressava para não ficar para trás, embora se mostrasse preocupado. Gavroche o viu:

— Quem é ele? — perguntou a Courfeyrac.

— É só um velho.

Era o senhor Mabeuf.

O velho

Quando os dragões começaram a avançar, Enjolras e seus amigos estavam perto dos celeiros. Enjolras, Courfeyrac e Combeferre faziam parte daqueles que desceram pela rua gritando “Para as barricadas!”. Foi nessa descida que encontraram um velho que vinha em direção oposta. O que mais lhes atraiu a atenção foi ver o pobre homem caminhando em zigue-zague, como se estivesse embriagado. Courfeyrac logo viu que era o senhor Mabeuf,

porque acompanhara Marius diversas vezes até a casa dele. Estando familiarizado com os hábitos pacíficos do ancião, e espantado ao vê-lo no meio daquele tumulto e a dois passos das cargas da cavalaria, quase no meio de um tiroteio, sem chapéu e debaixo de chuva, passeando sossegadamente entre as balas, chegou-se a ele, e então houve o seguinte diálogo entre o revoltoso de 25 anos e o octogenário:

— Olá, senhor Mabeuf! É melhor voltar para casa.

— Por quê?

— Porque vamos ter barulho.

— Isso é bom.

— Haverá tiros e cutiladas.

— Isso é bom.

— E até tiros de canhão.

— Isso é bom. E para onde vão os senhores?

— Derrubar o governo.

— Isso é bom.

E foi assim que ele passou a segui-los. Desde esse momento ele não havia dito uma palavra. Seus passos, de repente, tornaram-se firmes; alguns operários ofereceram-lhe o braço, mas ele se recusou a aceitar a ajuda com um sinal de cabeça. Caminhava quase que na primeira fileira da coluna.

— Que velho danado! — murmuravam os estudantes.

Corria o boato de que era um antigo convencionalista, um velho regicida. O pequeno Gavroche marchava na frente, cantando com toda a força, o que o transformava numa espécie de clarim dos revoltosos.

Recrutás

O bando aumentava a cada instante. Em certo momento um homem de elevada estatura, já grisalho, cujo aspecto rude e atrevido fora notado por Courfeyrac, Enjolras e Combeferre, sem que nenhum deles o conhecesse, juntou-se ao grupo. Gavroche, ocupado em cantar, em assobiar, em ir na frente batendo nas portas das lojas com a coronha de sua pistola quebrada, nem reparou nele.

No trajeto, aconteceu de passarem diante da casa de Courfeyrac. Como ele tinha esquecido sua bolsa e perdido o chapéu, separou-se do grupo e subiu correndo até seu quarto. Pegou um chapéu e a bolsa e levou também uma caixa bem grande, escondida debaixo da roupa suja. Ao descer as escadas correndo, a porteira o chamou, dizendo que havia alguém que gostaria de falar com ele.

Nesse mesmo instante, surgiu uma espécie de operário, muito moço, magro, pálido, de pequena estatura, muito sardento, vestido com uma blusa esburacada, calças remendadas,

e que tinha mais o aspecto de uma jovem vestida de homem do que o de um homem; saiu do cubículo, dirigiu-se a Courfeyrac e disse-lhe com uma voz que nem por sombras era a de uma mulher:

— Por favor, sabe me dizer do senhor Marius?

— Não sei.

— Não voltará hoje para casa?

— Não sei.

E Courfeyrac acrescentou:

— Eu é que não volto.

O rapaz olhou-o fixamente e perguntou:

— Por quê?

— Porque sim.

— Para onde vai o senhor?

— Que tem com isso?

— Quer que lhe leve a sua caixa?

— Vou para as barricadas.

— Quer que vá com o senhor?

— Se quiser... — respondeu Courfeyrac. — A rua é de todos.

E foi correndo juntar-se aos seus amigos. Quando os alcançou, deu a caixa a um deles para que a carregasse. Somente um quarto de hora depois percebeu que o rapaz o havia seguido.

CORINTO

História de Corinto

A taverna Corinto ficava na velha rua Mondétour, repleta de casas tão decrépitas que as fachadas eram escoradas por vigas que iam de uma casa a outra. A rua era estreita e a sarjeta muito larga; quem por ali passasse caminhava pelas calçadas sempre molhadas, junto de lojas semelhantes a subterrâneos, de grandes marcos cercados de ferro, de enormes montões de imundícies e de grandes portas guarnecidas de enormes grades seculares.

A rua Mondétour iria desembocar numa espécie de beco sem saída, onde se notava uma casa menos alta que as outras, formando uma espécie de cabo com a rua. Era nessa casa, de apenas dois andares, que estava alegremente instalada havia trezentos anos uma taverna ilustre. O lugar era bom e os taverneiros ali se sucediam de pai para filho.

Uma sala ao rés do chão, onde se achava o balcão, uma sala no primeiro andar, onde estava o bilhar, uma escada de madeira em espiral, furando o teto, vinho em cima das mesas, paredes cobertas de fumaça, velas acesas em pleno dia, eis em que consistia a taverna. Uma escada com alçapão na sala térrea conduzia à adega. No segundo andar moravam os Hucheloup, os donos da taverna.

Corinto era um dos lugares de reunião de Courfeyrac e de seus amigos. Grantaire foi quem descobriu Corinto. Comia-se, bebia-se, gritava-se; pagava-se pouco, pagava-se mal ou não se pagava; mas era-se sempre bem-vindo.

Hucheloup era um bom homem. Sempre parecia estar de mau humor, parecia querer intimidar seus fregueses, resmungava com as pessoas que iam à sua taverna, mostrando-se mais disposto a discutir que a servir. Contudo, mantemos o que dissemos, era-se sempre bem-vindo. Essa extravagância dera fama ao seu estabelecimento, atraindo a juventude, que dizia: — Vamos ver o velho Hucheloup resmungar. A senhora Hucheloup, muito barbuda, era feia demais. Por volta de 1830, Hucheloup morreu. A viúva, inconsolável, continuou com a taverna. Mas a cozinha degenerou, tornando-se execrável; o vinho, que sempre fora ruim, ficou intragável. Contudo, Courfeyrac e os amigos continuaram a frequentar Corinto, por piedade, dizia Bossuet.

As duas barricadas

A chuva havia parado. Novos recrutas iam chegando. Alguns operários trouxeram um barril de pólvora, um cesto contendo garrafas de vitríolo, dois ou três archotes de Carnaval e uma canastra cheia de lampiões, “restos da festa do rei”, celebrada havia pouco tempo, em primeiro de maio.

Agora duas barricadas estavam sendo construídas simultaneamente, ambas apoiadas na taverna Corinto, formando ângulo reto; a maior fechava a rua de la Chanvrière, a outra fechava a rua Mondétour dos lados da rua du Cygne. Essa última barricada, muito estreita, era construída apenas com tonéis e pedras da rua. Estavam ali cerca de cinquenta trabalhadores, dos quais trinta armados de espingardas, pois no caminho haviam feito um empréstimo na loja de um armeiro.

Não podia haver nada mais extravagante do que aquele grupo. Um estava de jaqueta, um sabre da cavalaria e duas pistolas no coldre. Outro gritava: “Exterminemos até o último e morramos na ponta de nossas baionetas!”. Esse não tinha baioneta.

Muitas espingardas com o número de diversas legiões, poucos chapéus, nenhuma gravata, grande número de braços nus. Viam-se ali todas as idades, toda espécie de fisionomia, rapazinhos magros e lívidos, trabalhadores do porto queimados pelo sol, todos se apressavam e todos se ajudavam. Falavam de todas as probabilidades, que seriam socorridos às três da manhã, que era certo que um regimento ficaria ao lado dos revoltosos, que Paris se sublevaria. Eles pareciam irmãos e nem sabiam os nomes uns dos outros. Os grandes perigos têm isto de bom: trazem à luz a fraternidade entre os desconhecidos.

O homem de elevada estatura, que se unira ao grupo pouco antes, trabalhava nessa barricada menor. Quanto ao rapaz que esperou por Courfeyrac, perguntando pelo senhor Marius, desaparecera. Gavroche, radiante, encarregara-se dos preparativos. Corria de um lado para o outro, subia e descia, parecia lançar faíscas. Gavroche era um turbilhão. Viam-no a toda hora, ouviam-no sem parar. Enchia o ar, estando ao mesmo tempo em todo lugar.

Ele repreendia os ociosos, encorajava os preguiçosos, reanimava os cansados, impacientava os pensativos, alegrava uns, cansava outros, enraivecía alguns, voava sobre o tumulto e o esforço, parecia uma mosca zumbindo sobre o imenso coche revolucionário.

Acima de tudo, Gavroche estava furioso com sua pistola quebrada e ia de um canto a outro reclamando:

— Quero uma espingarda! Uma espingarda! Por que não me dão uma espingarda?

— Uma espingarda para você?! — disse Combeferre.

— Ora essa! — replicou Gavroche. — Por que não? Então não tive uma em 1830, quando brigamos com Carlos X?

Enjolras encolheu os ombros.

— Quando tivermos armas para todos os homens, então daremos às crianças.

Gavroche voltou-se atrevidamente para ele e respondeu:

— Se você morrer primeiro, eu pegarei a sua!

— Moleque! — disse Enjolras.

— Novato! — replicou Gavroche.

Um almofadinha, transviado do bom caminho e que passava no fim da rua, distraiu a turba.

Gavroche gritou-lhe:

— Ei! Venha conosco! Então não se faz nada por esta velha pátria?

O almofadinha fugiu.

Preparativos

A barricada estava longe de ser inexpugnável, como se comentou depois. Ela não ultrapassava dois metros e meio, e fora construída de maneira que os combatentes pudessem desaparecer por detrás, ou dominar a barragem ou escalá-la graças a uma quádrupla fileira de pedras sobrepostas de modo a formarem degraus na parte interna. Por fora, a barricada, feita de pilhas de pedras, de tonéis fixos por meio de vigas e tábuas que se encaixavam nas rodas de uma carroça, tinha um aspecto eriçado e inextricável. Entre as paredes das casas e a extremidade da barricada, a parte oposta à da taverna, deixou-se uma abertura suficiente para dar passagem a um homem.

Já a barricada menor, oculta por trás da taverna, quase não se via. As duas juntas formavam uma verdadeira fortaleza. A barricada estava praticamente encostada nas paredes das casas da rua, todas habitadas, mas completamente fechadas. Os transeuntes, pouco numerosos, que se aventuravam ainda naquele instante da revolta pela rua Saint-Denis, lançavam um olhar, percebiam a barricada e dobravam o passo.

Concluídas as duas barricadas e erguida a bandeira em um mastro, trouxeram uma mesa para fora da taverna. Courfeyrac saltou para cima dela. Enjolras foi buscar a caixa e Courfeyrac a abriu. A caixa estava cheia de cartuchos. Quando apareceram os cartuchos, houve um estremecimento entre os mais bravos e um momento de silêncio.

Courfeyrac distribuiu trinta cartuchos para cada um, sorrindo. Muitos tinham pólvora e puseram-se a fazer mais cartuchos com as balas que estavam fundindo. Quanto ao barril de pólvora estava sobre uma mesa à parte e ficou de reserva.

O toque de recolher que percorria Paris não cessava, mas acabara por não ser mais do que um ruído monótono, a que eles não davam atenção. O ruído ora se afastava, ora se aproximava com lúgubres ondulações.

Todos carregaram ao mesmo tempo suas espingardas e as clavinas sem precipitação e com solene gravidade. Enjolras foi postar três sentinelas fora das barricadas, uma em cada rua e travessa das vizinhanças.

Depois, construídas as barricadas, distribuídos os postos de cada um, carregadas as armas, postadas as sentinelas, sozinhos naquelas ruas terríveis por onde ninguém mais passava, rodeados por aquelas construções emudecidas, como se estivessem mortas, envoltos pelas sombras sempre mais espessas do crepúsculo que se iniciava, no meio daquela escuridão e daquele silêncio onde se sentia que alguma coisa avançava, algo trágico e aterrador, isolados, armados, firmes, tranquilos, eles esperavam.

O homem recrutado na rua Des Billettes

Era noite alta e nada acontecia. Essa demora era sinal de que o governo aproveitava o tempo para reunir forças. Aqueles cinquenta homens esperavam sessenta mil. Enjolras, impaciente, acabou indo procurar Gavroche, que estava ocupado fabricando cartuchos na sala do térreo.

O moleque, naquele momento, estava muito preocupado, mas não exatamente com os cartuchos. O homem alto que havia sido recrutado algum tempo atrás tinha acabado de entrar na sala, sentando-se na mesa menos iluminada. Ele escolhera uma espingarda de munição tipo especial e mantinha-a segura entre as pernas.

Quando ele entrou, Gavroche, até então distraído com outras coisas, seguiu-o com os olhos e, quando o homem se sentou, o garoto se levantou.

Se alguém estivesse vigiando aquele homem, teria visto observá-lo todos os detalhes da barricada, e todos os revoltosos, com atenção especial. Mas, assim que entrara na sala, parecia ter se recolhido a si mesmo, sem dar atenção a mais nada. Gavroche aproximou-se desse canto da sala na ponta dos pés, como quem não quer acordar uma pessoa que está dormindo. Em seu rosto se espelhavam todos os pensamentos que corriam em sua mente: “Não é possível! Mas não pode ser ele! Não, estou sonhando... Não é possível!”.

Foi nesse instante de maior preocupação que Enjolras o abordou:

— Você é pequeno e não será visto — disse ele. — Saia das barricadas, percorra as ruas e depois venha me contar o que você ouviu ou viu.

— Então os pequenos servem para alguma coisa, afinal — respondeu o menino. — Confie nos pequenos e desconfie dos grandes.

Levantando a cabeça e baixando a voz, apontou para o homem sentado com a arma presa nas pernas.

— Aquele grandão ali, ele é um agente da polícia.

— Tem certeza?

— Não faz quinze dias, ele me tirou pela orelha do parapeito da Ponte Royal, onde eu estava tomando ar.

Enjolras afastou-se rapidamente de Gavroche, disse algumas palavras para um homem ali perto, que saiu e voltou em instantes com mais três. Os quatro homens, quatro carregadores de ombros largos, foram se colocar, sem fazer barulho, atrás da mesa onde estava o homem alto. Estavam prontos para se lançarem sobre ele.

— Quem é o senhor?

O homem sobressaltou-se com essa pergunta inesperada. Fitando os olhos de Enjolras, entendeu o que se passava. Sorriu de modo mais desdenhoso e resolutivo e respondeu.

— Já sei o que há... Pois bem, não nego! Sou agente da autoridade.

— E como se chama?

— Javert.

A um sinal, e antes que Javert pudesse reagir, os homens o jogaram por terra,

revistaram-no e o amarraram.

Encontraram nos bolsos um pequeno cartão circular colocado entre dois vidros, trazendo gravadas de um lado as armas da França, com a seguinte legenda: "Precaução e vigilância", e do outro esta menção: "Javert, Inspetor de Polícia, 52 anos de idade", e a assinatura do chefe de polícia.

Além disso, encontraram um papel dentro de um envelope. Enjolras desdobrou-o e leu estas linhas escritas pela mão do chefe de polícia:

"Logo depois de cumprida sua missão política, o inspetor Javert deve se certificar, por uma vigilância especial, se é verdade que malfetores se reúnem à margem direita do Sena, perto da Ponte d'Iéna".

Terminada a revista, levantaram Javert e o amarraram na coluna no centro da sala. Gavroche, que havia assistido a toda a cena, aprovando tudo em silêncio, aproximou-se de Javert e disse:

— O rato prendeu o gato.

Courfeyrac, Bossuet, Joly, Combeferre e os que estavam na rua, ao avistarem Javert amarrado, correram todos para ver de que se tratava.

— É um espião — disse Enjolras. E voltando-se para Javert:

— Dez minutos antes de tomada a barricada será fuzilado.

Javert replicou no tom mais imperioso:

— Por que não já?

— Porque precisamos poupar a pólvora.

— Então acabem isto com uma facada.

— Espião — disse o belo Enjolras —, nós somos juízes, não assassinos.

Em seguida chamou Gavroche,

— Ei, lembra-se do que eu lhe disse?

— Vou já! — gritou Gavroche.

E, parando por um momento antes de sair, disse:

— Bem, você pode me dar a arma dele.

E acrescentou: — Eu lhe deixo o músico, mas quero a clarineta.

O moleque fez a saudação militar e saiu alegremente pela abertura da grande barricada.

Dividas a respeito de certo Le Cabuc

Os agrupamentos, como sabemos, são como bolas de neve; aglomeram, na queda, um amontoado de desordeiros sem que um pergunte ao outro a sua origem. Entre os transeuntes que se haviam reunido ao grupo havia um vestido como carregador, de blusa gasta nos ombros, que gesticulava e vociferava como um bêbado. Esse homem, de nome

ou sobre nome Le Cabuc, bastante embriagado, ou fingindo que estava, sentara-se na companhia de alguns outros a uma mesa.

Observando a grande casa de cinco andares bem diante da barricada, exclamou:

— Sabem de uma coisa? Devemos atirar daquela casa. Pobre de quem avançar pela rua quando estivermos naquelas janelas.

Quando alguém lembrou que a casa estava fechada, Cabuc decidiu arrombar a fechadura da porta com coronhadas de uma espingarda. Bateu uma, duas e três vezes, até que uma janela do terceiro andar se abriu e o porteiro, um velho grisalho, apareceu:

— Que desejam, senhores? — perguntou ele.

— Abra! — respondeu Le Cabuc.

— Senhores, não posso abrir.

— Abra, já disse!

— É impossível!

Le Cabuc levantou a espingarda e apontou para o porteiro; como estava embaixo e não havia luz alguma, o porteiro não o viu.

— Vai abrir ou não?

— Não, senhores.

Ouviu-se um tiro, a bala entrou pelo queixo do homem e saiu pela nuca. Não se via nada mais que uma cabeça imóvel à beira da janela e um pouco de fumaça esbranquiçada que subia para o teto.

— Pronto, eu avisei.

Ele mal acabara de falar quando sentiu no ombro uma mão com o peso de uma garra de águia, e ouviu uma voz que lhe dizia:

— De joelhos!

O assassino voltou-se e viu diante de si a figura branca e fria de Enjolras, que segurava uma pistola. Com a mão esquerda agarrava a gola, a blusa, a camisa e os suspensórios de Le Cabuc.

— De joelhos! — repetiu Enjolras.

Todos acorreram ao local e formaram um círculo, com Enjolras de pé, apontando a arma para o homem ajoelhado, que tremia dos pés à cabeça. Ninguém emitia uma única palavra.

— Recomponha-se — disse Enjolras, segurando o relógio. — Reze ou pense no que fez. Você tem um minuto.

— Perdão! — murmurou o assassino; depois, abaixou a cabeça e balbuciou alguns juramentos inarticulados.

Passado um minuto, o moço colocou o relógio no bolso e apoiou o cano da pistola no ouvido de Le Cabuc. Muitos daqueles homens intrépidos, que tão calmamente haviam entrado na mais perigosa das aventuras, voltaram a cabeça. Ouviu-se a detonação, o assassino caiu de bruços contra a lama e Enjolras endireitou-se, olhando ao redor com olhar convicto e severo.

Depois, empurrou o cadáver com os pés e disse:

— Joguem isto fora.

Enjolras ficou em silêncio por alguns instantes, e depois levantou a voz:

— O que este homem fez é medonho, o que eu fiz é horrível. Matei-o porque ele matou. Tive que fazer isso porque é preciso manter a disciplina dentro da insurreição. Estamos sob os olhos da revolução, somos os sacerdotes da República, ninguém pode caluniar a nossa luta. Julguei e condenei à morte este homem. Quanto a mim, constringido de fazer o que fiz, mas fazendo contra a vontade, julguei-me também, e dentro em pouco verão ao que me condenei.

Os companheiros, encostados um ao outro num ângulo da barricada, contemplavam com assombro em que havia compaixão, o jovem sério que julgara, condenara e executara, cheio de luz como cristal, mas forte como uma rocha.

Mais tarde, após a ação, quando os corpos foram levados ao necrotério e revistados, foi encontrado um cartão de agente policial em Le Cabuc. O autor deste livro teve nas mãos, em 1848, o relatório especial sobre o assunto feito ao chefe de polícia em 1832.

Se dermos crédito a uma tradição policial, que é estranha, mas provavelmente bem fundada, Le Cabuc era Claquesous. O fato é que, desde a morte de Le Cabuc, não se ouviu mais falar de Claquesous. Claquesous não havia deixado nenhum vestígio de seu desaparecimento; ele parecia ter se amalgamado ao invisível. Sua vida tinha sido só trevas, seu fim foi a noite.

Todo o grupo de revoltosos ainda estava sob a influência da emoção daquele trágico caso que fora julgado tão rapidamente e tão rapidamente encerrado, quando Courfeyrac viu novamente na barricada o jovem que lhe perguntara naquela manhã por Marius.

Esse rapaz, que tinha um ar ousado e imprudente, veio à noite para se juntar aos insurgentes.

MARIUS ENTRA NA SOMBRA

Da rua Plumet ao quartier Saint-Denis

A voz que, através do crepúsculo, chamara por Marius para encontrar os amigos na barricada foi como a voz do destino. Ele queria morrer, já que perdera Cosette, e alguém na escuridão lhe oferecia a chave para isso.

Afastando a grade que lhe dera passagem tantas vezes, saiu do jardim dizendo:

— Vamos!

Acabrunhado por todos os sonhos do desespero, ele só tinha um desejo: chegar logo ao fim daquilo tudo. Levava consigo as duas armas que tinha recebido de Javert.

O rapazinho que acreditava ter visto do lado de fora do jardim havia desaparecido no meio das ruas.

Marius avançou rapidamente. Entrou na rua Saint-Honoré. As lojas ali estavam fechadas, os comerciantes conversavam diante das portas entreabertas, os transeuntes circulavam, os lampiões estavam acesos, a partir do primeiro andar, todas as janelas estavam iluminadas como de costume. Na praça do Palais-Royal, havia alguns soldados da cavalaria.

O jovem avançou e, à medida que se afastava dali, rareavam as janelas iluminadas; as lojas estavam completamente fechadas; ninguém conversava na porta das casas, a rua ia ficando escura e ao mesmo tempo a multidão de transeuntes aumentava. Não se via ninguém conversando, mas ouvia-se um sussurro surdo e profundo. Próximo a um chafariz, viam-se alguns grupos de pessoas, imóveis e sombrios, que estavam em meio aos que iam e vinham, como pedras na água corrente. Mais adiante, a multidão estava parada. Era um rochedo resistente, maciço, sólido, compacto, quase impenetrável, de gente amontoada falando em voz baixa. Essa multidão ondulava em meio à bruma noturna. Seu murmúrio tinha o som rouco de um bramido. Embora ninguém sáísse do lugar, ouvia-se o bater de pés na lama. Além dessa multidão, não havia uma única vidraça onde brilhasse o clarão de uma vela nas ruas seguintes.

Mas essas ruas não estavam desertas. Viam-se nelas, por entre a bruma noturna, suportes de espingardas no calçamento, o brilho de baionetas em movimento e tropas acampadas. Ali terminava a multidão e começava o exército.

Marius seguia contra a vontade, afinal, tinha sido chamado pelos amigos e era preciso que fosse. De circuito em circuito, chegou a uma ruela; havia ali uma barricada. Transpôs o monte de pedras e viu-se do outro lado da barragem. Avançou cautelosamente e ouviu

um tiro de espingarda.

Aquele tiro foi um sinal de vida. A partir daquele momento, não encontrou mais coisa nenhuma. O itinerário parecia-se mais a uma descida por degraus escuros. Marius nem por isso deixou de ir adiante.

O limite extremo

Marius chegara a Les Halles.

Ali, tudo estava mais calmo, mais escuro, mais imóvel ainda que nas ruas vizinhas. Mas um clarão avermelhado se refletia nesse fundo negro. Era o archote aceso na barricada da taverna.

Marius avançou, guiado por essa luz, e pouco depois percebeu ao longe uma lanterna brilhando numa espécie de muralha informe e alguns homens sentados com espingardas apoiadas nos joelhos. Era a barricada, finalmente.

Pensou no pai. O heroico coronel Pontmercy, que havia sido tão valente soldado e que havia deixado em todos os campos de vitória da Europa gotas do mesmo sangue dele. Convenceu-se de que para ele também havia chegado o dia; que sua hora, enfim, havia soado; que, depois do pai, também ele iria ser bravo, intrépido, corajoso; iria enfrentar as balas, oferecer o peito às baionetas.

Essa seria a sua guerra, a guerra civil, um abismo aberto à sua frente. Marius estremeceu. Começou a chorar amargamente.

Aquilo era uma coisa horrível, mas viver sem Cosette era impossível. Como ela havia ido embora, ele devia morrer. Afinal, tinha dado sua palavra de honra. Além do mais, estava claro que já não o amava, já que fora embora sem avisar, sem deixar uma palavra, uma carta que fosse. Então, não havia mais motivo para viver. Depois, chegar até ali e fugir? Fugir tremendo porque era um punhado de homens contra um exército! Mas como poderia abandonar os amigos que precisavam de sua ajuda? Se o fantasma de seu pai estivesse ali na sombra e o visse recuar, decerto lhe bateria com a lâmina da espada, gritando: — Decida-se, covarde!

Mas, de repente, ergueu a cabeça. Estar próximo da morte nos faz ver as coisas com mais clareza. Todos os tumultuosos pontos de interrogação de seu espírito voltaram-lhe à mente, mas sem perturbá-lo. Ele não deixou nenhum sem resposta.

Guerra civil, irmãos combatendo irmãos? Mas todas as guerras entre homens não são guerras entre irmãos? A guerra só se torna vergonhosa quando assassina o direito, o progresso, a razão, a civilização, a verdade. Então, seja guerra civil ou estrangeira, a guerra é iníqua; chama-se crime. Excetuando-se essa coisa sagrada, a justiça, com que direito uma forma de guerra desprezaria outra? Era preciso restabelecer a verdade social, restituir o trono à liberdade, entregar o povo ao povo, entregar ao homem a soberania, tornar a

colocar a púrpura na cabeça da França, restaurar em sua plenitude a razão e a equidade, aniquilar o obstáculo que a realza cria contra a imensa concórdia universal. Guerras assim constroem a paz.

Era esse o estado de espírito de Marius. Seu olhar se fixou no interior da barricada, onde viu os revoltosos conversando em voz baixa; por cima deles, numa fresta do terceiro andar, ele distinguiu uma espécie de espectador ou de testemunha, que lhe pareceu estranhamente atenta. Era o porteiro morto por Le Cabuc. Não podia haver nada mais estranho do que aquele rosto lívido, de olhos abertos, debruçado na janela. Dir-se-ia que o morto espreitava os que iam morrer.

Um grande rastro de sangue descia pela parede desde a janela até o primeiro andar, onde terminava.

A GRANDEZA DO DESESPERO

A bandeira: primeiro ato

Nada havia acontecido ainda.

Acabavam de soar dez horas. Junto da abertura da barricada maior, Enjolras e Combeferre estavam de arma em punho.

De repente, em meio ao lúgubre silêncio que os rodeava, ouviu-se uma voz clara, jovem e alegre que parecia vir da rua vizinha, entoando uma velha canção popular, terminada por uma espécie de grito semelhante ao canto do galo.

Enjolras e Combeferre apertaram-se as mãos.

— É Gavroche — disse Enjolras.

— Está dando um sinal — exclamou Combeferre.

O silêncio foi agora perturbado por uma corrida precipitada; alguém subiu pela barricada e pulou para o seu interior, gritando quase sem fôlego:

— Minha espingarda! Eles vêm aí!

Uma faísca elétrica percorreu toda a barricada e ouviu-se o ruído de mãos à procura das armas. Gavroche pegou a arma de Javert.

Duas sentinelas entraram quase ao mesmo tempo que o menino e correram aos seus postos de combate. Quarenta e três revoltosos, entre os quais Enjolras, Combeferre, Courfeyrac, Bossuet, Joly, Bahorel e Gavroche, estavam ajoelhados por trás da grande barricada, canos das espingardas e carabinas assentados sobre as pedras e prontos a fazer fogo. Seis deles, comandados por Feuilly, estavam posicionados, com as armas engatilhadas, nas janelas dos dois andares da taverna.

Passaram-se ainda alguns minutos, depois ouviu-se do lado de Saint-Leu um ruído de passos pesados e numerosos. Esse ruído aproximava-se vagarosamente, sem cessar, sem interrupção, com tranqüila e terrível continuidade. O ruído aproximou-se, aproximou-se mais, e depois parou. No fim da rua, era possível ouvir a respiração de muitos homens. Nada se via, mas era possível distinguir ao fundo, naquela escuridão, lâminas metálicas que se agitavam no ar. Eram as baionetas, iluminadas difusamente pelo clarão longínquo dos archotes.

Houve uma pausa, como se os dois lados esperassem. De repente, uma voz que parecia sair daquela sombra sinistra, gritou:

— Quem está aí?

Ao mesmo tempo, ouviu-se o estalido das espingardas sendo engatilhadas. Enjolras

respondeu num tom vibrante e altivo:

— A Revolução Francesa.

— Fogo! — disse a voz.

A rua foi instantaneamente iluminada por um relâmpago vermelho, como se alguém houvesse aberto e fechado, instantaneamente, a boca de uma fornalha.

Medonha detonação rebentou sobre a barricada.

Horíveis disparos ouviram-se sobre a barricada. A bandeira vermelha caiu. A descarga havia sido tão violenta e tão densa que cortara sua haste. As balas, ricocheteando nas paredes das casas, penetraram na barricada, ferindo vários homens.

A impressão produzida por essa primeira descarga foi tremenda. O ataque foi tão forte que preocupou os mais corajosos. Era evidente que eles teriam que lutar contra um regimento inteiro, no mínimo.

— Camaradas! — gritou Courfeyrac. — Não desperdicem pólvora. Esperem que eles entrem na rua.

— E devemos erguer a bandeira de novo! — disse Enjolras. E levantou-a do chão.

Ouviu-se o tinir das varetas nos canos das espingardas. Os soldados estavam recarregando suas armas.

— Quem tem valor aqui? — perguntou Enjolras. — Quem é capaz de levantar novamente a bandeira?

Ninguém respondeu. Subir à barricada no momento em que estava sob a mira de tantas armas era se condenar à morte. O mais valente hesitaria. O próprio Enjolras teve medo. E repetiu:

— Ninguém se apresenta?

A bandeira: segundo ato

Desde que haviam começado a montar a barricada, ninguém mais prestara atenção ao senhor Mabeuf. Courfeyrac e outros chegaram-se a ele por duas ou três vezes, advertindo-o do perigo, convidando-o para que se retirasse, sem que ele desse mostras de entender o que se passava.

Algumas horas antes que a barricada fosse atacada, ele havia se colocado numa posição da qual não mais saíra: os dois punhos sobre o joelho, a cabeça pendida para diante como se olhasse para um abismo. Parecia que seu espírito estava longe das barricadas. Quando cada homem se colocou em seu posto de combate, ficaram na sala somente Javert amarrado à coluna, um homem vigiando o prisioneiro com o sabre desembainhado e o senhor Mabeuf.

Ao som dos primeiros disparos, Mabeuf parece que acordou e, ao ouvir o apelo de Enjolras, ele se mostrou na porta da taverna.

O velho caminhou direto até Enjolras; os revoltosos afastavam-se diante dele com um temor religioso; arrancou a bandeira das mãos de Enjolras, que recuou petrificado, e então, sem que ninguém ousasse impedir seus passos, subiu vagarosamente a escada de pedras construída dentro da barricada. Era uma cena tão grandiosa que todos tiraram os chapéus. A cada degrau que ele subia, o espetáculo ficava mais terrível. Os cabelos brancos, a face encovada, a boca aberta e seu velho braço sustentando a bandeira da Revolução, surgindo das sombras e aparecendo a cada instante na claridade sangrenta do archote. Todos julgavam ver sair da terra o espectro de 93 empunhando a bandeira do terror.

Quando o senhor Mabeuf subiu o último degrau, quando aquele fantasma trêmulo e terrível, de pé sobre o monte de entulho, enfrentando mil e duzentas espingardas invisíveis, ergueu-se encarando a morte como se fosse mais forte do que ela, toda a barricada viu em meio às trevas um vulto gigantesco, colossal. Houve um silêncio que só se observa na presença de um prodígio.

No meio desse silêncio, o velho agitou a bandeira vermelha e gritou:

— Viva a Revolução! Viva a República! Fraternidade! Igualdade! E Morte!

Ouviu-se então nas barricadas um murmúrio baixo e rápido como o de um sacerdote apressado chegando ao fim de uma oração. Talvez fosse o comissário de polícia fazendo as intimações legais no outro extremo da rua.

Depois, a mesma voz estridente de antes gritou novamente:

— Retire-se!

O velho Mabeuf, pálido, desorientado, de olhos iluminados pelas lúgubres chamas da alucinação, levantou a bandeira acima da cabeça e repetiu:

— Viva a República!

— Fogo! — ordenou a voz.

Uma segunda descarga, tão poderosa quanto a primeira, caiu sobre a barricada.

O velho caiu sobre os joelhos, tornou a erguer-se, largou a bandeira e caiu para trás na calçada, estendido e com os braços em cruz. Debaixo dele surgiu um rio de sangue. O seu velho rosto lívido e triste parecia olhar para o céu.

Enjolras levantou a voz:

— Cidadãos! Este é o exemplo que os velhos dão aos moços. Nós hesitamos, ele veio! Nós recuamos, ele avançou! Eis o que os que tremem de velhice ensinam aos que tremem de medo! Que cada um defenda este velho morto como se defendesse a vida do próprio pai; que sua presença torne esta barricada inexpugnável!

Enjolras curvou-se, levantou a cabeça do ancião, beijando-lhe a fronte; depois, afastando-lhe os braços, despiu-lhe o casaco, mostrando a todos os buracos ensanguentados, e disse:

— É esta, agora, a nossa bandeira.

Gavroche teria feito melhor aceitando a arma de Enjolras

Quando o cadáver do velho Mabeuf, coberto com um xale preto, foi levado para a mesa da sala e passou diante de Javert, Enjolras disse ao espião:

— Logo será sua vez.

Gavroche, por sua vez, tinha sido o único a não abandonar seu posto de observação, e viu homens se aproximarem sorrateiramente da barricada. De repente, gritou:

— Cuidado!

Quase não dava mais tempo. O momento era crítico. Via-se um grande número de baionetas ondulando acima da barricada. Guardas de alta estatura já se dispunham a entrar, alguns passando por cima, outros pela abertura de comunicação, empurrando o garoto que recuava mas não fugia.

Aquele era o primeiro minuto da inundação, quando o rio chega à altura da barragem e a água se infiltra pelas fendas do dique. Mais um segundo e a barricada seria tomada.

Bahorel lançou-se sobre o primeiro soldado que entrava e o matou com um tiro de carabina; o segundo matou Bahorel com um golpe de baioneta. Outro já havia derrubado Courfeyrac, que gritava: “Sigam-me!”. O maior deles, um colosso, corria para Gavroche de baioneta em riste. O garoto pegou a enorme espingarda de Javert, mirou o gigante e atirou. Mas Javert não havia carregado a arma. O guarda deu uma gargalhada e avançou contra o moleque.

Antes que a baioneta tocasse em Gavroche, a espingarda escapou das mãos do soldado, que tombou para trás; uma bala o atingira no meio da testa. Um segundo disparo atingiu outro guarda que havia atacado Courfeyrac, jogando-o ao chão.

Era obra de Marius, que acabava de entrar na barricada.

O barril de pólvora

Marius, escondido na esquina, havia assistido ao primeiro ataque da guarda indeciso e trêmulo. Mas não conseguiu resistir por muito tempo à vertigem sombria que nos atrai ao abismo. Diante do perigo, diante da morte do senhor Mabeuf, diante da morte de Bahorel e de Courfeyrac caído, ao ver uma criança em perigo e seus amigos pedindo ajuda ou vingança, empunhou as duas armas de Javert e se lançou à luta. Com o primeiro disparo, salvou Gavroche, com o segundo libertou Courfeyrac.

Já havia subido à barricada um grande número de guardas municipais, soldados de infantaria e guardas nacionais, todos de armas carregadas. Eles cobriam mais de dois terços da barreira, sem saltarem para seu interior, como se hesitassem, temendo uma cilada.

Marius, que não tinha mais cartuchos, jogou longe suas duas pistolas descarregadas, mas tinha visto o barril de pólvora dentro da taverna, ao lado da porta. No momento em que se voltava para observar o barril de perto e verificar o que continha, um dos soldados apontou-lhe a espingarda, fazendo menção de disparar. Nesse momento, a mão de alguém

segurou o cano da arma e a tapou. Era o jovem operário. A bala atravessou-lhe a mão, e quem sabe o peito, mas não atingiu Marius. O jovem caiu. Marius, que havia entrado na taverna, apenas notara confusamente a arma apontada para ele e a mão que desviara o disparo.

Enjolras estava gritando para que os revoltosos não disparassem a esmo, porque poderiam ferir uns aos outros na confusão. Os mais obstinados, como Enjolras, Jean Prouvaire, Courfeyrac e Combeferre, haviam-se encostado corajosamente às casas do fundo, a descoberto, de frente para as fileiras de soldados e de guardas que encimavam a barricada.

Tudo isso aconteceu sem precipitação, com a estranha e ameaçadora gravidade que antecede as lutas. Ambos os lados apontavam as armas de tão pouca distância e estavam tão próximos que poderiam ouvir-se falando sem esforço. No momento em que os disparos estavam prestes a se efetuar, um oficial de gola bordada e grandes dragonas ergueu sua espada e gritou:

— Soltem as armas!

— Fogo! — respondeu Enjolras.

As duas descargas ecoaram ao mesmo tempo e tudo ficou envolto em fumaça e com o cheiro acre da pólvora. Fumaça sufocante em meio à qual os moribundos e feridos se arrastavam, gemendo. Quando a fumaça se dissipou, viram-se os combatentes de ambos os lados aturdidos, mas carregando as suas armas em silêncio.

De repente, ouviu-se uma voz que gritava:

— Retirem-se, ou faço a barricada ir pelos ares!

Todos se voltaram para o lado de onde vinha a voz.

Marius tinha arrastado o barril, em meio à fumaça dos disparos, e se esgueirara ao longo da barricada até o monte de pedras onde estava o archote aceso. Ele só precisou do tempo suficiente para arrancar o archote de onde estava antes, colocar o barril de pólvora em seu lugar e se levantar de novo.

Agora, todos os guardas, oficiais e soldados, reunidos do outro lado da barricada, olhavam surpresos. Marius estava de pé, segurando o archote, com o rosto iluminado por uma resolução fatal, inclinando a chama do archote acima do barril.

Marius, em cima daquelas pedras, depois do octogenário, era a visão da jovem revolução depois da aparição da velha.

— A barricada vai pelos ares — disse um sargento. — E você também!

Marius respondeu:

— Sim, e eu também!

E aproximou ainda mais o archote do barril de pólvora.

Mas já não havia ninguém em cima da barricada. Os agressores, abandonando seus mortos e feridos, afastavam-se em desordem para a extremidade da rua, sumindo na escuridão da noite. Foi um salve-se quem puder.

A barricada estava livre.

Fim dos versos de Jean Prouvaire

Todos rodearam Marius. Courfeyrac saltou-lhe ao pescoço.

— Eis você aqui, enfim!

— Você chegou na hora exata! — disse Bossuet.

Marius perguntou:

— E onde está o chefe?

— O chefe é você! — respondeu Enjolras.

Marius, durante todo o dia, sentira uma fornalha no cérebro; agora sentia um turbilhão na mente. Seus dois meses de alegria com Cosette terminando de repente naquele medonho precipício, Cosette perdida para ele, o senhor Mabeuf deixando-se matar pela República, ele próprio feito chefe dos revoltosos, todas essas coisas lhe pareciam um pesadelo monstruoso.

Naquela perturbação de seus pensamentos, não reconhecera Javert, amarrado à coluna, que não fizera o menor movimento durante o ataque à barricada, vendo agitar-se a seu redor a revolta com a ressignação de um mártir e a majestade de um juiz.

Marius nem sequer o vira.

Nesse meio-tempo, os atacantes não se moviam. Era possível ouvir seus passos na extremidade da rua, mas não avançavam, fosse porque esperavam ordens, fosse porque aguardavam a chegada de reforços para um novo ataque.

Os revoltosos tinham colocado sentinelas e aqueles que eram estudantes de medicina cuidavam dos feridos. Nesse momento, uma comoção cobriu de sombras a alegria da barricada momentaneamente a salvo.

Quando fizeram a chamada, faltava um dos mais queridos e valentes insurgentes: Jean Prouvaire. Ele não estava entre os mortos e feridos; evidentemente, tinha sido feito prisioneiro.

— Apanharam o nosso amigo — disse Combeferre a Enjolras —, mas nós temos o agente deles. Você quer mesmo a morte do espião?

— Quero — respondeu Enjolras —, mas muito menos que a vida de Jean Prouvaire.

Tudo isso se passava dentro da taberna, ao lado de onde estava Javert.

— Nesse caso — tornou Combeferre —, vou atar um lenço na minha bengala, como uma bandeira de trégua, e oferecer o homem deles em troca do nosso.

— Escute — disse Enjolras, pondo a mão no braço de Combeferre para detê-lo.

Ouviu-se então no fim da rua um tinir de armas e uma voz gritar com energia:

— Viva a França! Viva o futuro!

Era a voz de Prouvaire.

Logo em seguida, viu-se um relâmpago acompanhado de uma detonação. Depois, tudo voltou a ficar silencioso.

— Eles o mataram! — exclamou Combeferre.

Enjolras olhou para Javert e disse:

— Seus amigos acabam de fuzilar você.

A agonia da morte depois da agonia da vida

A barricada maior era o ponto mais ameaçado e onde, evidentemente, a luta iria acontecer mais uma vez. Mas Marius estava também preocupado com a barricada menor e se dirigiu para lá. Estava deserta. Feita a inspeção, estava prestes a se retirar quando ouviu chamarem seu nome.

Era a mesma voz que o chamara horas antes, através das grades da rua Plumet. A diferença é que, agora, essa voz não passava de um sopro.

— Senhor Marius!

Olhou ao redor e não viu ninguém.

— A seus pés...

Curvou-se e viu no escuro um vulto que se dirigia para ele. A sombra arrastava-se pelas pedras. Era quem o chamava. Podia ver que tinha calças rasgadas e os pés descalços, em meio ao que parecia ser uma poça de sangue.

Era Eponine.

— Bom Deus, o que está fazendo aqui?

— Estou morrendo.

— Você está ferida! Espere que vou levá-la para a sala. Lá cuidarão de você.

Quando passou os braços debaixo dela para carregá-la, tocou-lhe na mão e ela gritou. Eponine ergueu a mão, onde ele pôde ver um buraco escuro.

— Quando apontaram uma espingarda para o senhor, minha mão desviou a bala... A bala atravessou a mão e saiu pelas minhas costas. É inútil me tirar daqui... Vou dizer-lhe como poderá me curar, e melhor que qualquer cirurgião. Sente-se perto de mim, nesta pedra.

Marius obedeceu; Eponine apoiou a cabeça nos joelhos de Marius e, sem olhar para ele, murmurou:

— Oh! como é bom! Como estou bem! Pronto. Não sofro mais.

Ela ficou um momento em silêncio; depois virou o rosto com esforço e olhou para Marius.

— Sabe, senhor Marius, eu não gostava quando o senhor entrava naquele jardim, mas era estupidez minha, porque fui eu que lhe mostrei a casa... E eu deveria saber que um moço como o senhor...

Eponine parou de falar, e replicou, sorrindo penosamente:

— O senhor me achava feia, não é? O senhor está perdido, e fui eu quem o trouxe até aqui... Ninguém conseguirá sair da barricada. Mas quando vi que iam atirar no senhor, coloquei minha mão no cano da arma para desviar a bala. Eu queria morrer antes do

senhor. Quando recebi aquela bala, arrastei-me para cá; ninguém me viu, ninguém me socorreu. Eu o esperava, dizendo: “Ele não vem!”. Agora estou bem. Lembra-se do dia em que entrei no seu quarto e me olhei naquele espelho, o senhor me deu cem soldos e eu não quis seu dinheiro? Oh! Estou tão feliz!

Ela parecia transtornada, emocionada. A blusa rasgada mostrava-lhe o peito nu. Enquanto falava, ela apertava a mão ferida contra o peito, onde se via outra ferida da qual saía uma golfada de sangue, como um jato de vinho de um barril aberto.

Marius contemplava aquela pobre criatura com profunda compaixão. Nesse momento, ouviu-se a voz de Gavroche cantando.

— É meu irmão! Não quero que me veja, ele vai brigar comigo!

— Seu irmão? O que está cantando? Gavroche?

— Sim...

Marius fez um movimento.

— Oh! Não se vá ainda! — disse ela. — Não vai demorar muito!

Às vezes faltava-lhe a respiração. Ela aproximava o mais que podia o seu rosto ao rosto de Marius. Eponine continuou:

— Escute, eu não quero pregar uma peça no senhor. Tenho uma carta no bolso. Disseram-me para colocá-la no correio. Eu a guardei. Não queria que ela chegasse às suas mãos. Mas talvez você ficasse zangado comigo por isso quando nos encontrássemos novamente. Pegue sua carta.

Ela agarrou a mão de Marius convulsivamente com a mão ferida, mas não parecia mais sentir a dor. Colocou a mão de Marius no bolso da blusa. Ali, de fato Marius sentiu um papel.

— Pegue — disse ela.

Marius pegou a carta.

Ela fez um sinal de satisfação e contentamento.

— Agora, prometa-me...

E ela parou.

— O quê? — perguntou Marius.

— Prometa!

— Eu prometo.

— Prometa me dar um beijo na testa quando eu tiver partido... Eu sentirei isso.

Ela baixou a cabeça novamente sobre os joelhos de Marius e suas pálpebras se fecharam. O rapaz pensou que a pobre alma tivesse partido.

Eponine permaneceu imóvel. De repente, no exato momento em que Marius a imaginou adormecida para sempre, ela lentamente abriu os olhos nos quais aparecia a sombria profundidade da morte, e disse-lhe em um tom cuja doçura parecia já vir de outro mundo:

— E por falar nisso, senhor Marius, acho que me apaixonei um pouco pelo senhor.

Ela tentou sorrir mais uma vez e expirou.

Gavroche, profundo calculador de distâncias

Marius cumpriu a promessa.

Beijou aquela fronte gelada e brilhante de suor. Não era infidelidade para com Cosette; era um adeus triste e terno a uma alma infeliz.

Nem bem a pobre menina fechara os olhos e ele, impaciente, desdobrou a carta para ler. Era um pequeno bilhete, e o sobrescrito denunciava a letra de uma mulher:

“Ao senhor Marius Pontmercy, aos cuidados do senhor Courfeyrac, rua de la Verrerie, número 16”.

Abriu o envelope e leu:

“Querido, infelizmente meu pai exige que eu parta imediatamente. Esta noite estaremos na rua de l’Homme-Armé, número 7.

Em oito dias estaremos em Londres. — Cosette, 4 de junho”.

O que havia acontecido pode ser descrito em poucas palavras.

Eponine fizera tudo. Ela concebera dois planos: o primeiro era anular o projeto do pai e dos bandidos, sobre a casa da rua Plumet, e o segundo, separar Cosette de Marius.

Depois de trocar seus andrajos com o primeiro moleque que encontrara, vestindo-se com roupas de homem, fora ela quem dera a Jean Valjean no Champ de Mars aquele aviso: “Mude de casa”. Quando Valjean voltara para casa assustado, anunciando que se mudariam naquela mesma noite e que em oito dias estariam em Londres, Cosette escrevera apressadamente aquelas duas linhas para Marius. Mas, como mandar o bilhete pelo correio? Foi quando notou, ansiosa, um rapazinho passeando pelos arredores. Cosette chamou “o rapazinho”, deu-lhe cinco francos e a carta, dizendo-lhe que a entregasse no endereço anotado no envelope.

Eponine guardou a carta no bolso, no dia seguinte foi até a casa de Courfeyrac à procura de Marius, não para lhe entregar a carta, mas para vê-lo, coisa que toda alma enamorada e ciumenta será capaz de compreender. Quando Courfeyrac disse que eles iriam para a barricada, Eponine teve a ideia de se arrojar àquela morte, como teria feito com qualquer outra, e levar Marius ao mesmo destino. Sabendo que Marius não tinha recebido nenhum aviso de Cosette, já que interceptara a carta, e que ele portanto iria até a casa das grades, como fazia todas as noites, foi até a rua Plumet e lhe transmitiu o chamado em nome de seus companheiros.

Tudo correu como Eponine planejava. Morreria com a alegria trágica dos corações ciumentos, que arrastam o ser amado para a morte, ciente de que “ninguém o possuirá”.

Marius cobriu de beijos o bilhete de Cosette, que comprovava que ela o amava, mas logo se deu conta de que sua situação em nada havia mudado. O pai de Cosette a levaria para Londres e seu avô se opunha ao casamento.

Lembrou-se que tinha dois deveres finais a cumprir: enviar a Cosette um adeus e salvar da catástrofe iminente aquele menino, irmão de Eponine e filho dos Thénardier. Arrancou uma folha do pequeno caderno que trazia e escreveu um bilhete que dizia:

“Nosso casamento era impossível. Pedi licença a meu avô, ele a recusou; sou pobre, você também é pobre. Corri à sua casa, mas não a encontrei. Você conhece a palavra que eu lhe dei; eu a mantenho. Vou morrer. Eu a amo. Quando você ler estas linhas, minha alma estará a seu lado e lhe sorrirá”.

Dobrou o papel e escreveu o endereço. Depois, abriu o caderno e escreveu na primeira página que levassem seu cadáver ao avô, anotando o endereço do velho. Em seguida, chamou Gavroche, pedindo-lhe que saísse da barricada e levasse a carta de Cosette.

O menino coçou a cabeça e disse:

— Está bem, mas nesse tempo assaltarão a barricada e eu não estarei aqui.

— Tudo indica que o ataque só vai se dar amanhã e antes do meio-dia não conseguirão tomá-la — explicou Marius.

Gavroche ficou ali, indeciso, coçando a orelha. Finalmente, pegou a carta e saiu correndo. Ele tivera uma ideia, mas não a contou a Marius, temendo que ele fizesse objeção.

Enquanto corria, disse a si mesmo:

— Ainda é meia-noite, a rua de l’Homme-Armé não fica longe; levarei a carta e estarei de volta a tempo.



A RUA DE L'HOMME-ARMÉ

Um mata-borrão tagarela

Cosette não tinha saído da rua Plumet sem tentar resistir. Pela primeira vez, desde que viviam lado a lado, a vontade de Cosette e a de Jean Valjean eram diferentes. De um lado, objeção; do outro, inflexibilidade. O inesperado conselho para que se mudasse tinha tornado Valjean assustado e despótico. Achava que havia sido descoberto, e Cosette foi obrigada a ceder.

A senhora Toussaint tinha sido levada junto, porque Jean Valjean provavelmente achava que não poderia voltar à casa das grades, e não seria prudente deixar Toussaint para trás, nem revelar-lhe o segredo.

Nessa mudança da rua Plumet, quase uma fuga, Jean Valjean nada levava consigo, além da pequena valise perfumada, batizada por Cosette de “a inseparável”. Malas cheias teriam exigido carregadores, e carregadores são testemunhas. Chamara um fiacre à porta da rua de Babylone, e de lá partiram. Para não dar na vista, ele planejava tudo de modo a se mudar da casa da rua Plumet à noite, o que dera tempo a Cosette para escrever o bilhete a Marius, chegando à rua de l’Homme-Armé já noite fechada.

Todos se deitaram sem nada dizer.

O homem se tranquiliza quase tão abruptamente quanto se inquieta. Bastou chegarem à outra casa e Jean Valjean sentiu diminuir a aflição que o oprimia. Rua escura, moradores pacatos, Jean Valjean sentiu como que um contágio de tranquilidade naquela pequena rua de Paris, tão estreita que era vedada aos veículos por uma prancha transversal apoiada sobre dois mourões nas duas extremidades, surda e muda no meio da cidade barulhenta. Como poderiam encontrá-lo naquele lugar?

Seu primeiro cuidado fora colocar junto de si “a inseparável”. Dormiu bem. A noite é boa conselheira, e poderíamos acrescentar: a noite acalma. Na manhã seguinte, levantou-se quase alegre.

No jantar, que Cosette tomou em seu quarto, queixando-se de uma dor de cabeça, Jean Valjean nem prestou atenção ao que a senhora Toussaint disse por três vezes.

— Senhor, temos barulho em Paris.

Cosette era sua única preocupação, naquela tristeza imensa que a garota sentia. Mas estava mais tranquilo. Ter se mudado da casa da rua Plumet sem complicação e sem incidentes já era um grande passo.

Talvez fosse bom ficar algum tempo em Londres. Enquanto andava lentamente de um

lado para o outro da sala, depois do jantar, seu olhar deparou com algo estranho. Viu, no reflexo do espelho em sua frente, estas linhas bem legíveis:

“Querido, infelizmente meu pai exige que eu parta imediatamente. Esta noite estaremos na rua de l’Homme-Armé, número 7. Em oito dias estaremos em Londres. — Cosette, 4 de junho”.

Ele ficou boquiaberto.

Cosette, quando chegara, pusera seus papéis no aparador diante do espelho e, entregue à sua dolorosa aflição, esquecera-se de os levar dali, sem ao menos reparar que tinha deixado por cima o mata-borrão em que havia secado as linhas do bilhete entregue ao rapazinho. As letras estavam todas no mata-borrão e o espelho as refletira.

Em geometria isso se chama imagem simétrica; as letras, invertidas no mata-borrão, estavam no reflexo do espelho em seu sentido natural.

Jean Valjean aproximou-se mais do espelho. Releu aquelas linhas, mas não acreditou. Não passava de uma alucinação. Era impossível. Não podia ser!

Ele pegou o mata-borrão e contemplou aquelas letras que nada significavam. E riu-se de sua estupidez, acreditando em uma alucinação. De repente, seus olhos fixaram-se novamente no espelho, e lá estava a mesma visão. Dessa vez, não era miragem. Não havia dúvidas, o espelho tornou-lhe a leitura possível.

Cosette escrevera aquilo a alguém. E ouviu então a própria alma lançar nas trevas seu terrível rugido. Experimente roubar o cão que o leão mantém preso em sua jaula!

Coisa estranha e triste. Quis o destino que Jean Valjean lesse a carta de Cosette antes que Marius a tivesse recebido.

De todas as torturas a que se submetera na longa luta que o destino lhe reservara, esta era a mais perigosa. Jamais garras tão fortes o haviam subjugado. Ele sentiu a agitação misteriosa de todas as sensibilidades latentes. Sentiu que lhe tiravam o ser amado.

O velho Jean Valjean não amava Cosette senão como pai, mas nessa paternidade a solidão de sua vida colocara todos os amores. Ele amava Cosette como sua filha, ele a amava como sua mãe, ele a amava como sua irmã; e como jamais tivera amante ou esposa, também esse sentimento estava misturado aos outros, vago, ignorado, puro como a cegueira, inconsciente. Com exceção de Cosette, Jean Valjean, em toda a sua longa vida, nada havia conhecido que pudesse amar.

Assim, quando viu que tudo acabara, que ela lhe escapava, que lhe escorregava das mãos, quando viu diante de si essa evidência esmagadora, a dor que experimentou ultrapassou os limites do possível. Ter feito tudo o que fizera para no fim de tudo não ser nada! Ele sentiu até a raiz dos cabelos o imenso despertar do egoísmo.

Seu instinto não hesitou. Reaproximou certas circunstâncias, certas datas, certa palidez, certos rubores de Cosette, e concluiu: “É ele”. Sempre pensara em Marius, embora não lhe soubesse o nome. Era o vadio desconhecido do Luxembourg, aquele vagabundo miserável à procura de namoros e romances, aquele imbecil, aquele covarde, pois é covardia mostrar olhos ternos a meninas que têm ao lado um pai amoroso.

Depois de constatar que, no fundo de tudo aquilo, estava o tal rapaz, Jean Valjean, o homem regenerado, o homem que havia trabalhado na sua própria alma, olhou para dentro de si mesmo e viu um espectro, o ódio.

Nesse mesmo momento, Toussaint entrou na sala. Jean Valjean levantou-se e perguntou:

— A senhora sabe para que lado da cidade estão lutando?

— Ah, sim, meu senhor — respondeu a criada. — Do lado de Saint-Merry.

Cinco minutos depois, Jean Valjean estava sentado, sem chapéu, no pilar de pedra diante de sua casa.

Parecia escutar. Já era noite.

O moleque inimigo das luzes

A rua estava deserta. Pessoas inquietas, voltando apressadamente para casa, mal o viram. Nas ocasiões de perigo, cada um por si.

O relógio da catedral bateu onze horas e Jean Valjean continuava sentado em frente de sua casa, imóvel como um espectro de gelo. O desespero congela. Nesse instante, uma detonação se ouviu do lado de Les Halles, seguida por uma segunda, mais violenta ainda; talvez fosse o ataque à barricada repellido por Marius.

Ao ouvir aquela dupla descarga, Jean Valjean levantou-se, olhando para o lado de onde viera o barulho; depois, sentou-se novamente, cruzou os braços, e sua cabeça, lentamente, voltou a apoiar-se no peito.

De repente, ouviu passos e notou que uma criança jovem e radiante se aproximava, olhando para os lados, como se procurasse alguma coisa. Era Gavroche, que vira Jean Valjean perfeitamente, mas não deu importância.

— Menino, o que deseja? — perguntou o homem.

— Comer — respondeu ele, com atrevimento.

Enquanto o homem procurava alguma coisa nos bolsos, Gavroche pegou uma pedra e atirou no lampião. O vidro, ao cair, fez tanto barulho que alguns burgueses, escondidos por trás das cortinas da casa em frente, gritaram:

— Estamos em 93, novamente!

O lampião oscilou violentamente e se apagou. A rua mergulhou em completa escuridão.

Jean Valjean, comovido com o garoto, aproximou-se de Gavroche e deu-lhe a moeda de cem soldos. Gavroche levantou o rosto, admirado pelo tamanho da moeda; olhou-a extasiado, porque apenas tinha ouvido falar dela, e estendeu-a a Jean Valjean, dizendo:

— Prefiro quebrar lampiões, ninguém me corrompe.

— Ora, se você não a quiser, guarde esse dinheiro para a sua mãe.

— Então — disse o menino — não foi para que eu não quebrasse os lampiões?

— Quebre quantos quiser.

Sentindo-se mais confiante, Gavroche perguntou a Jean Valjean se ele morava naquela

casa, a de número 7.

Uma ideia passou pela mente de Jean Valjean. A angústia tem desses momentos de lucidez. Disse então ao menino:

— Então é você quem está trazendo uma carta para a senhorita Cosette? Estou esperando há horas...

— Cosette? Isso mesmo; acho que é mesmo esse nome engraçado.

— Pois então me entregue, eu é que devo entregá-la.

— Nesse caso — retrucou Gavroche —, o senhor deve saber que fui enviado das barricadas.

— Sem dúvida — disse Jean Valjean.

Gavroche meteu a mão num dos bolsos e tirou um papel dobrado em quatro. Depois, fez a saudação militar.

— A carta lhe foi enviada pelo Governo Provisório.

Valjean estendeu a mão, mas Gavroche continuava segurando o papel.

— Não vá imaginar que é um bilhete de amor — disse ele. — É para uma mulher, mas é pelo povo. Nós combatemos, mas respeitamos o sexo. Não somos como a alta sociedade, em que há leões que enviam moças aos camelos.

— A carta. Depressa. A resposta deve ser enviada a Saint-Merry?

— Não, senhor — respondeu Gavroche. — Essa carta vem da barricada na rua de la Chanvrière, para onde volto. Boa noite, cidadão.

Gavroche foi embora, mergulhando na escuridão, e a rua ficou novamente silenciosa e solitária, num abrir e fechar de olhos.

Minutos depois de a criança sumir, um estrondoso ruído de vidros quebrados e o barulho de um lampião espatifando-se contra as pedras acordou os moradores indignados.

Era Gavroche indo embora.

Enquanto Cosette e Toussaint dormiam

Jean Valjean entrou em casa com a carta de Marius bem apertada na mão.

Em silêncio, para não acordar nem Cosette nem a criada, que dormiam, acendeu uma vela e leu o que estava escrito.

No bilhete de Marius a Cosette, Jean Valjean não viu mais que estas palavras:

“... *Vou morrer... Quando você ler estas linhas, minha alma estará a seu lado...*”. Jean Valjean ficou deslumbrado; olhava para aquele bilhete com uma espécie de admiração.

Soltou um horrível grito de alegria interior... Tudo se acabava, com a morte do ser que odiava. Esse rapaz ia por vontade própria, livremente, de boa vontade. Sem que ele, Jean Valjean, tivesse feito algo para isso, sem que fosse culpado, “aquele homem” ia morrer. Talvez até já estivesse morto.

Cosette jamais saberia o que acontecera “àquele homem”. Bastaria guardar o bilhete no bolso. “É só deixar que as coisas caminhem. Aquele homem não pode escapar. Se ainda não morreu, sem dúvida vai morrer. Que felicidade!”

Depois de dizer tudo isso consigo mesmo, entristeceu-se. Então desceu e acordou o porteiro.

Uma hora depois, Jean Valjean saía em uniforme completo da Guarda Nacional. Levava consigo uma espingarda carregada e uma sacola cheia de cartuchos. Dirigiu-se para o lado de Les Halles.

Excesso de zelo de Gavroche

Gavroche seguia cantando pela rua todas as canções que conhecia. Vinha saltando e dançando, com sua alegria peculiar, até que viu, no pilar de um portão, algo que chamou sua atenção.

Era um carrinho de mão e um aldeão que dormia dentro dele. Os braços estavam para fora e as pernas tocavam o chão. Gavroche, com a experiência que possuía das coisas deste mundo, logo reconheceu nele um bêbado. Era algum carregador que havia bebido demais e que, por isso mesmo, dormia demais.

— Para isso é que servem as noites de verão... Esse carrinho vai ficar muito bem na barricada. Levemos o carrinho para a República e deixemos o bêbado para a monarquia.

Gavroche puxou o bêbado delicadamente pelos pés e, um minuto depois, o aldeão repousava estendido na calçada. Gavroche, habituado a enfrentar os mais estranhos imprevistos, carregava de tudo nos bolsos. De um deles tirou um pedaço de papel e um lápis vermelho roubado de algum carpinteiro.

Escreveu:

República francesa.

Recebida uma carrocinha.

E assinou: *Gavroche.*

Feito isso, guardou o papel no bolso do colete do aldeão, que continuava a roncar, pegou nos braços do carrinho de mão e foi na direção de Les Halles, empurrando-o, sempre a correr, e provocando um barulho verdadeiramente triunfal.

Isso era perigoso. Havia um posto de guarda nas imediações. Gavroche nem pensara nisso.

Os guardas estavam inquietos, alguma coisa os incomodava. Dois lampiões quebrados, aquela canção cantada a plenos pulmões, já era demais para ruas tão pacatas, acostumadas a dormir ao pôr do sol e a apagar muito cedo as velas.

O barulho do carrinho de mão fez o sargento se decidir:

— Deve ser um bando de revoltosos!

O sargento se arriscou e saiu do posto, com toda a cautela. Gavroche, descendo a rua, viu aquele homem com uma espingarda e foi obrigado a parar.

— Para onde vai, malandro? — gritou o sargento.

— Cidadão — disse Gavroche —, ainda não o chamei de burguês. Por que me insulta desse modo?

— Para onde vai, moleque?

— O senhor fala com muita educação. Ninguém lhe daria a idade que tem. O senhor deveria vender todo o seu cabelo a cem francos o fio. Ganharia quinhentos francos.

— Afinal, vai me dizer ou não vai para onde está indo, miserável?

— Meu general, vou procurar um médico para minha esposa, que vai dar à luz.

— Em guarda! — gritou o sargento.

No momento em que o sargento atacou Gavroche, o menino transformou o carrinho em projétil e o arremessou com toda a força em sua direção. O homem, atingido na barriga, caiu para trás na lama e sua espingarda disparou para o ar.

Os outros guardas saíram do posto em confusão e dispararam todos, carregando em seguida suas armas e disparando novamente. Essa fuzilaria às cegas acabou quebrando alguns vidros de janela da vizinhança.

Gavroche já havia desaparecido, correndo seis ruas e sentando-se arquejante para tomar fôlego. Foi quando teve tempo de fazer uma reflexão amarga:

— Estou me arrebatando de alegria pela confusão que causei, mas estou também perdendo meu tempo. Terei que dar uma volta maior. Tomara que não chegue tarde demais à barricada.

Logo em seguida, continuou a correr. E, enquanto corria, disse:

— É mesmo! Onde é que eu parei?

E continuou a cantar a canção que entoava antes, embrenhando-se rapidamente nas ruas.

Graças ao alarme do posto de guarda, o carrinho de mão foi conquistado e o bêbado, preso. O Ministério Público de então provou nessa circunstância o seu zelo infatigável pela defesa da sociedade.

QUINTA PARTE

Jean Valjean

A GUERRA ENTRE QUATRO PAREDES

Que fazer no abismo senão conversar?

Os rebeldes, sob o olhar de Enjolras, aproveitaram bem a noite e puderam não apenas reparar a barricada, mas também a aumentara em sua altura. Barras de ferro cravadas entre as pedras assemelhavam-se a lanças em riste.

A cozinha se transformara em enfermaria e os feridos haviam sido medicados. Balas e cartuchos tinham sido feitos, as armas dos mortos distribuídas. Os mortos foram colocados numa ruela vizinha.

Enjolras havia recomendado duas horas de sono. Um conselho seu era uma ordem. Contudo, somente três ou quatro obedeceram. A maior parte dos feridos queria e podia continuar lutando. Na sala, estavam apenas Mabeuf, coberto com um pano preto, e Javert, amarrado ao poste.

Não havia mais na barricada nem pão nem carne. Os cinquenta homens tinham estado ali por dezesseis horas e, durante esse tempo, consumiram as poucas provisões. Foi necessário resignarem-se à fome. E como não havia mais o que comer, Enjolras proibiu as bebidas. Proibiu o vinho e diminuiu as rações de aguardente. Eles eram ainda trinta e sete combatentes.

O dia começava a raiar. O interior da barricada, um pequeno pátio construído no meio da rua, parecia o convés de um navio abandonado, mergulhado em trevas, com os revoltosos indo e vindo, como fantasmas sombrios. No terceiro andar do edifício em frente, o vento agitava os cabelos grisalhos do homem assassinado.

Combeferre falava dos mortos, rodeado por estudantes e operários. Falava de Jean Prouvaire, de Bahorel, de Mabeuf, e até mesmo de Cabuc e da tristeza de Enjolras.

O alvorecer desperta os espíritos do mesmo modo que desperta as aves, por isso todos conversavam. Era o que se podia fazer.

Luz e sombra

Enjolras tinha ido fazer um reconhecimento pela viela adjacente, procurando não ser

visto.

Os revoltosos estavam cheios de esperança. O modo como haviam repellido o ataque noturno fazia com que dessem pouca importância ao ataque esperado naquela manhã. Além disso, não duvidavam de que seriam socorridos, era o socorro com que contavam com firmeza. Acreditavam que, às seis da manhã, um regimento apalavrado viria defendê-los; ao meio-dia, rebentaria a insurreição em toda Paris; ao pôr do sol, teria lugar a revolução.

Ouvia-se ainda o sino de Saint-Merry, que desde a véspera não tinha se calado, o que provava que a grande barricada, a de Jeanne, continuava a resistir. Todas essas esperanças passavam de grupo em grupo, numa espécie de murmúrio alegre e terrível que se assemelhava ao zumbido de guerra de uma colmeia.

Enjolras voltara. Ele escutou por um instante toda aquela alegria de braços cruzados, com uma mão à boca. Depois, disse:

— A tropa de Paris está toda em armas. A terça parte pesa sobre a barricada em que estamos. Já não falo na Guarda Nacional. Acabo agora mesmo de avistar as barretinas do 5º batalhão e os estandartes da sexta legião. Dentro de uma hora seremos atacados. Quanto ao povo, estava ontem em efervescência, porém hoje não se mexe. Não há o que esperar, não podemos contar com ninguém, nem com povo nem com tropa! Estamos abandonados!

Essas palavras caíram no meio dos grupos fazendo o efeito da primeira gota de chuva num enxame. Todos se calaram. Houve um momento de inexprimível silêncio em que se teria ouvido o voo da morte.

Foi um curto instante. Uma voz, do fundo mais obscuro de um dos grupos, gritou a Enjolras:

— Pois que seja. Elevemos a barricada a vinte pés de altura e fiquemos aqui.

Cidadãos, ofereçamos o protesto dos cadáveres. Mostremos que, se o povo abandona os republicanos, os republicanos não abandonam o povo.

Essas palavras foram acolhidas com aclamação.

Ninguém nunca soube o nome do homem que assim falara. Era um herói passageiro, aliado às crises humanas e às gêneses sociais que, em determinado instante, diz de maneira consagradora a palavra decisiva, desvanecendo-se nas trevas depois de haver representado, por um minuto, à luz de um relâmpago, o povo e Deus.

Quase na mesma hora, na barricada de Saint-Merry, os revoltosos davam um grito que se tornou histórico: “Que importa se eles vêm em nosso auxílio ou não? Vamos morrer aqui até o último homem”.

As duas barricadas, materialmente isoladas, se comunicavam.

Menos cinco, mais um

Depois que falou o desconhecido, decretando o protesto dos cadáveres, Enjolras disse que a barricada era forte e que trinta homens poderiam resistir. Então, disse que aqueles que estivessem com medo de ficar poderiam ir embora.

Ele e Combeferre entraram na taverna e saíram de lá com quatro uniformes da Guarda que eles haviam recolhido dos mortos.

— Temos quatro uniformes, e com eles quem quiser ir embora pode se misturar às tropas e fugir.

E jogou ao chão os quatro fardamentos.

Nenhum movimento se fez no estoico auditório. Combeferre tomou a palavra:

— Precisamos de um pouco de piedade. Temos mulheres, temos filhos. Está bem, morram, mas não provoquem outras mortes. Enjolras acaba de me contar que viu na esquina uma janela iluminada pela luz de uma vela, no quinto andar de um prédio, e, na vidraça, a sombra trêmula de uma cabeça de mulher que parecia ter passado toda a noite a esperar. Talvez seja a mãe de alguém aqui presente. Pois bem, que esse fuja e volte para ela. E fique tranquilo, que lutaremos em seu lugar. Pensem nas irmãs, nas esposas... Quiseram livrar o povo da monarquia e entregaram as próprias mulheres nas mãos da polícia. E as crianças abandonadas? Os filhos sem pais? Agora, se há pais no meio de vocês, pais que têm como felicidade passear aos domingos puxando pela mão robusta a pequenina mão do filhinho, que cada um desses pais imagine que aquela criança abandonada e perdida na rua pode ser a sua. As estatísticas constataam que a mortalidade entre as crianças abandonadas é de cinquenta e cinco por cento. Sabemos que todos têm na alma a alegria e a glória de dar a própria vida pela grande causa; sabemos que se sentem eleitos para morrer magnificamente, e que cada um tem a sua parte no triunfo. Felizmente. Mas vocês não estão sozinhos neste mundo. Há outras criaturas em quem devemos pensar. Não devemos ser egoístas.

Todos baixaram a cabeça tristemente.

As palavras de Combeferre comoveram a Marius. Ele não tinha senão uma ideia: morrer, e dela não queria afastar-se; mas pensou, em seu sonambulismo fúnebre, que, embora morrendo, não estava proibido de salvar a vida de alguém.

— Enjolras e Combeferre têm razão — disse ele, erguendo a voz —, nada de sacrifícios inúteis. Se há entre vocês quem tenha família, mãe, irmãos, esposa e filhos, esses que saiam das fileiras.

Ninguém se moveu.

— Os homens casados e os que sustentam família, fora das fileiras! — repetiu Marius.

A sua autoridade era grande. Enjolras era chefe da barricada, mas Marius era o seu salvador.

— Isso é uma ordem! — gritou Enjolras.

— Eu lhes suplico! — disse Marius.

Então aqueles homens heroicos, abalados pelas palavras de Combeferre, assustados pela ordem de Enjolras, comovidos pela súplica de Marius, começaram a se denunciar mutuamente.

— É verdade — dizia um rapaz a um homem já feito —, você é pai de família, é melhor que vá embora.

— Vá você antes, que sustenta duas irmãs.

Começou uma luta estranha, cada um lutava para não sair do túmulo.

— Depressa — disse Courfeyrac —, daqui a um quarto de hora já será tarde.

— Cidadãos — prosseguiu Enjolras —, aqui está a República, onde reina o sufrágio universal. Escolham entre vocês quem deve sair.

Passados cinco minutos, cinco homens foram escolhidos e saíram das fileiras.

— São cinco! — exclamou Marius. — E só temos quatro fardas. É preciso que fique um.

Recomeçou a discussão, cada qual procurando no outro razões para não ficar.

— Você tem uma mulher que o adora.

— Você tem sua mãe, que já é idosa.

— Você não tem mais nem pai nem mãe; o que acontecerá a seus três irmãos?

— Você é pai de cinco filhos.

— Você tem mais direito à vida; tem 17 anos, é ainda muito cedo.

— Decidam depressa! — repetia Courfeyrac.

Mas os cinco disseram que Marius deveria escolher, e eles obedeceriam.

Escolher um homem para morrer... Marius teria empalidecido, se fosse possível ficar ainda mais pálido.

Dirigiu-se para os cinco que lhe sorriam, e cada um, com os olhos brilhantes, gritava a ele:

— Eu! Eu! Eu!

Nesse instante, um quinto uniforme caiu, como do céu, sobre os quatro outros.

O quinto homem estava salvo.

Era o senhor Fauchelevent. Jean Valjean acabava de entrar na barricada.

Graças a seu uniforme da Guarda Nacional, ele passaria com facilidade pelos pontos de vigia. Mesmo a sentinela colocada pelos revoltosos na esquina não achou necessário dar o alarme por causa de um guarda apenas, poderia até mesmo ser um reforço.

Quando entrara na barricada, ele assistiu a toda a discussão, despiu seu uniforme e o atirou por cima dos outros. A emoção foi indescritível.

— Quem é esse homem? — perguntou Bossuet.

— Eu o conheço — disse Marius.

Enjolras voltou-se para Jean Valjean.

— Cidadão, seja bem-vindo! O senhor sabe que vamos morrer.

Jean Valjean, sem responder, ajudou o homem que salvara a vestir seu uniforme.

Marius desvairado, Javert lacônico

Marius estava dominado pelos pensamentos turbulentos. Mas o que o senhor

Fauchelevant estava fazendo ali? Por quê? O senhor Fauchelevant não lhe dirigira a palavra, parecia até que nem o tinha visto.

Mas a atitude do velho até o aliviara. Ele nunca conseguira dirigir a palavra àquele homem enigmático e autoritário. Além disso, havia muito que não o encontrava, o que, pela natureza tímida e reservada de Marius, aumentava ainda mais essa impossibilidade.

Os cinco homens escolhidos saíram da barricada e um deles foi embora chorando. Antes de partir, eles abraçaram os que iam ficar.

Enjolras tinha ido à taverna ver o condenado à morte.

— Quando vão me matar? — perguntou Javert.

— Espere. Por enquanto, precisamos de todos os cartuchos.

— Estou mal aqui nesta coluna. Vocês bem que poderiam me deixar passar a noite numa mesa, como aquele outro.

E, com um movimento de cabeça, mostrou o cadáver de Mabeuf.

Enquanto, por ordem de Enjolras, quatro homens desamarravam Javert e o faziam deitar numa mesa, amarrando-lhe as mãos às costas e depois as pernas à mesa, um homem, parado na soleira da porta, observava tudo com atenção.

A sombra que esse homem projetava fez com que Javert voltasse sua cabeça; quando reconheceu Jean Valjean, nem sequer estremeceu.

Abaixou altivamente a vista e limitou-se a dizer:

— É perfeitamente simples.

A situação se agrava

O dia surgia rapidamente, mas nenhuma janela ou porta se abria ainda; nenhum ser vivo nas calçadas iluminadas pelo sol. Nada mais lúgubre que essa claridade das ruas desertas.

Não se via nada, mas ouvia-se. A certa distância havia um movimento misterioso. Era evidente que o instante crítico se aproximava. Como na véspera, à noite, as sentinelas se recolheram, mas dessa vez todas elas.

A barricada estava mais forte do que quando sofrera o primeiro assalto. Temendo um ataque por trás, Enjolras ordenou que fechassem o pequeno trecho da rua Mondétour, livre até então. Assim, a barricada estava fechada por três frentes, mas sem nenhuma saída. Era uma fortaleza, mas ao mesmo tempo uma ratoeira.

Logo que Enjolras pegou a sua carabina e se postou junto de uma espécie de seteira, todos se calaram. Como na véspera, todas as atenções estavam voltadas para o fim da rua, agora iluminada e visível. Mas a espera não foi longa.

Os movimentos começaram do lado de Saint-Leu, mas não parecia o movimento de um primeiro ataque. Era o retinir de correntes, uma espécie de fragor anunciava a

aproximação de uma sinistra massa de metais. Parecia que se aproximava uma máquina de guerra.

Os olhos fixos de todos viram quando apareceu o primeiro canhão. Os artilheiros empurravam a peça.

— Fogo! — ordenou Enjolras.

Toda a barricada fez fogo; a detonação foi medonha; uma avalanche de fumaça escondeu o canhão e os soldados; depois de alguns segundos, a nuvem se dissipou, fazendo reaparecer canhão e homens; os soldados haviam continuado a empurrar a peça. Ninguém fora atingido.

Logo depois, bem colocada no meio da rua, a peça estava pronta, apontada para a barricada.

— Depressa, recarreguem as armas! — bradou Enjolras.

Como a barricada se comportaria sob o impulso de uma bala de canhão? O tiro iria abrir uma brecha? Enquanto os revoltosos tornavam a carregar as armas, os artilheiros carregavam o canhão.

A ansiedade era profunda no reduto.

O disparo do canhão ecoou pelas paredes das casas.

— Presente! — exclamou uma voz em tom galhofeiro.

Era Gavroche, que caía na barricada ao mesmo tempo que a bala do canhão. Ele causou mais efeito na barricada do que o canhão. A bala foi se perder no meio do entulho. Quando muito, acabou com uma velha carroça.

À vista disto, toda a barricada desatou a rir e Bossuet exclamou:

— Pois não, senhores artilheiros, continuem!

Os artilheiros devem ser levados a sério

Todos rodearam Gavroche. Mas o menino não teve tempo para contar coisa alguma. Marius, trêmulo, chamou-o à parte.

— Mas o que veio fazer aqui?

— Ora essa, e o senhor?

— Não era para você voltar aqui! Ao menos entregou a carta?

Gavroche sentiu certo remorso. Na pressa de voltar, ele mais se desfizera da carta do que a entregara, deixando-a nas mãos daquele homem, cujo rosto nem chegara a ver direito. Então, para se livrar das críticas de Marius, mentiu descaradamente.

— Cidadão, entreguei a carta ao porteiro. A senhora dormia. Quando se levantar receberá a carta.

Marius, ao enviar a carta, tivera duas finalidades: dizer adeus a Cosette e salvar Gavroche. Teve de se contentar com a metade de seus desejos. Mas a carta fez com que se

lembrasse do senhor Fauchelevent na barricada.

— Conhece aquele homem? — perguntou Marius, apontando o velho.

Gavroche só havia visto Jean Valjean à noite.

— Não — respondeu.

As conjecturas confusas e mal fundadas no espírito de Marius dissiparam-se. Talvez o senhor Fauchelevent fosse republicano, daí sua presença no combate.

Enquanto isso, Gavroche alertava a todos de que a barricada estava bloqueada. A passagem estava tomada por todos os lados por batalhões de soldados e por homens da Guarda Municipal. Enjolras, sempre atento, viu o chefe dos artilheiros mudar a mira do canhão, inclinando-o ligeiramente para a esquerda. Depois, os artilheiros se puseram a carregar a peça. O próprio chefe dos artilheiros empurrou o morrão e o aproximou da arma.

— Abaixem a cabeça e encostem-se na parede! — gritou Enjolras. — E todos de joelhos ao longo da barricada!

Ouviu-se a detonação e o tiro, dirigido para a abertura do reduto, que ricocheteara na parede, fazendo dois mortos e três feridos. Se aquilo continuasse, a barricada não se manteria por muito tempo. As balas penetravam facilmente. Houve um murmúrio de consternação.

— Temos que impedir o segundo tiro — disse Enjolras.

E, abaixando a carabina, apontou para o chefe dos artilheiros, que, naquele momento, inclinado sobre a culatra do canhão, ajustava e fixava definitivamente a pontaria.

Era um belo sargento de artilharia, muito jovem ainda, de aparência amável e inteligente. Combeferre, de pé ao lado de Enjolras, contemplava o jovem soldado.

— Coisa horrível essas matanças — disse ele.

— Que pena! — disse Combeferre. — Que coisa horrível essas matanças! Enjolras, você mira o sargento, mas não o vê. Imagine que é um rapaz encantador, vê-se que ele pensa; é muito instruído, tem pai, mãe e família; talvez esteja amando; tem, no máximo, 20 anos de idade; poderia ser seu irmão.

— Ele é meu irmão — disse Enjolras.

— E meu também — retrucou Combeferre. — Por isso, vamos deixá-lo viver.

— Isso tem que ser feito.

Uma lágrima correu lentamente pelo rosto de mármore de Enjolras. Ao mesmo tempo, apertou o gatilho da carabina. Viu-se um clarão, o artilheiro deu duas voltas sobre si mesmo, os braços estendidos para a frente, a cabeça erguida como para aspirar o ar, depois tombou de lado sobre o canhão.

Estava morto. A bala havia atravessado o seu peito de um lado a outro.

Enquanto o tiravam dali e o substituíam por outro, os revoltosos ganharam alguns minutos.

Emprego do velho talento de caçador furtivo e da pontaria

infalível que influíu na condenação de 1796

No interior da barricada, Enjolras avisava que era preciso amortecer o impacto das balas de canhão e pedira um colchão para colocar ali na abertura da barricada. Mas não havia nenhum disponível.

Todos estavam ocupados pelos feridos.

Jean Valjean, que estava quieto até aquele momento, levantou-se. Olhava para uma janela de sótão num edifício de seis andares, fora das barricadas. Lá, assim que os revoltosos chegaram à rua, uma senhora havia pendurado um colchão diante da janela, prevendo o tiroteio. O colchão, atravessado, apoiado na parte inferior por dois paus de estender roupa, era seguro por duas cordas que, de longe, pareciam barbantes amarrados a dois pregos presos na parede.

— Alguém poderá emprestar-me uma carabina de dois canos? — perguntou Jean Valjean.

Enjolras entregou a dele. Jean Valjean apontou e atirou. Uma das duas cordas do colchão já estava cortada. O colchão pendia apenas por um fio. Jean Valjean disparou o segundo tiro. O colchão escorregou por entre os dois paus, caindo na rua. A barricada aplaudiu.

— Bem, já temos um colchão — disse Combeferre. — Mas quem irá buscá-lo?

O colchão caíra para fora da barricada, que estava agora sob pesada chuva de projéteis dos soldados, furiosos com a morte de seu sargento artilheiro. Os revoltosos não respondiam ao ataque para poupar munições. As balas chocavam-se inutilmente contra a barricada, mas a rua, sob a mira constante de armas, era o mais terrível dos lugares para se estar.

Jean Valjean saiu pela pequena passagem, entrou na rua, atravessou a tempestade de balas, foi até o colchão, pegou-o e, carregando-o aos ombros, voltou à barricada. Ele próprio colocou o colchão na abertura, encostando-o contra a parede, de modo que os artilheiros não o vissem.

Feito isso, esperaram pelo segundo disparo, que não demorou.

O canhão vomitou ruidosamente sua carga de chumbo. Mas não houve ricochete. O petardo fora amortecido pelo colchão, confirmando que a ideia fora vitoriosa. A barricada estava preservada.

— Cidadão — disse Enjolras, dirigindo-se a Jean Valjean —, os meus agradecimentos em nome da República!

Bossuet admirava e ria, exclamando:

— É uma imoralidade que um simples colchão tenha tanto poder. Mas que seja, glória ao colchão que anula o canhão!

Nesse momento, Cosette acordava, e nada sabia sobre o que estava acontecendo em Paris.

Seu primeiro pensamento foi alegre. Sentia-se completamente tranquila.

Do mesmo modo como acontecera com Jean Valjean algumas horas antes, provava essa reação da alma que não quer absolutamente ver a infelicidade. Pôs-se a esperar com todas as suas forças, sem saber por quê. Depois, voltou-lhe a angústia. Havia três dias que não se encontrava com Marius. Achava que ele já deveria ter recebido a carta e conhecia, portanto, seu novo endereço; inteligente como era, encontraria meios de chegar até ela. E isso certamente hoje, talvez nesta mesma manhã.

Marius iria voltar, trazendo boas novas. Assim é feita a juventude que enxuga depressa os olhos, acha a dor inútil e não a aceita. Parece que sua respiração é feita de esperança. Cosette vestiu-se bem depressa, penteou-se, e depois abriu a janela, olhando ao redor na esperança de ver um pedacinho da rua, o ângulo de uma casa, um canto de calçada, para dali espreitar a chegada de Marius. Mas dali era impossível ver qualquer canto da rua.

Todos os moradores do prédio ainda dormiam. Por toda parte reinava uma paz de província. Todas as janelas permaneciam fechadas. Toussaint ainda não se tinha levantado, e Cosette, muito naturalmente, achou que o pai ainda estivesse dormindo. Ela ainda acusava o pai e lhe atribuía, mentalmente, a causa da sua desgraça, de afastá-la de Marius.

De tempos em tempos, ouvia ao longe surdos abalos, e dizia consigo mesma:

— Estranho que comecem a abrir e fechar os portões das carruagens tão cedo.

Eram os tiros de canhões desfechados contra as barricadas.

O tiro certo que não mata ninguém

O ataque continuava sem cessar. Os disparos dos mosquetes e dos canhões se alternavam, mas sem grandes prejuízos. Quem mais sofria era o alto da parede da taverna, cujas janelas do primeiro andar, crivadas de balas, iam desmoronando gradualmente. Os combatentes que estavam ali tiveram que se retirar. Era essa a tática de assalto às barricadas: oprimir os insurgentes debaixo de um fogo contínuo a fim de esgotar suas munições, caso respondessem, e depois o avanço da infantaria. Mas Enjolras não havia caído nessa armadilha, a barricada não respondia.

Esse silêncio inquietara os soldados, que sentiam a necessidade de ver por entre aquele monte de pedras para saber o que se passava atrás daquela muralha impassível que recebia tiros sem responder.

Assim foi que os insurgentes avistaram no telhado de uma casa um capacete brilhando ao sol. Era um bombeiro encostado a uma chaminé, de onde, olhando para a barricada, observava o que se passava.

— Ali está uma sentinela incômoda — disse Enjolras.

Jean Valjean, havia lhe devolvido a carabina, mas conservava ainda a sua espingarda. Ajustou-a, sem proferir uma palavra, apontou para o bombeiro, e um instante depois caía o capacete com estrondo no meio da rua, e o soldado fugia a toda a pressa, apavorado pelo risco que correria.

O seu lugar foi logo ocupado por um segundo observador. Este era um oficial. Jean Valjean, que tornara a carregar a espingarda, fez nova pontaria e mandou a barretina do oficial se juntar ao capacete do soldado. O oficial não insistiu e retirou-se depressa. Ninguém mais apareceu.

— Por que não matou o homem? — perguntou Bossuet a Jean Valjean.

Jean Valjean não lhe respondeu.

Clarões efêmeros

No caos de sentimentos e de paixões que defendem uma barricada, há de tudo; há bravura, juventude, honra, entusiasmo, ideal, convicção, o encarniçamento do jogador e, sobretudo, esperança.

— Ouçam! — exclamou bruscamente Enjolras, sempre de espreita. — Parece que Paris se levanta.

Naquela manhã, realmente, a insurreição recrudesceu durante duas horas. Esboçaram-se barricadas em algumas ruas, um jovem armado de carabina atacou sozinho um esquadrão de cavalaria e foi morto em seguida a golpes de sabre. Vários postos da Guarda foram atacados. Lançavam dos telhados, sobre a tropa, cacos de telhas e louça, tudo um mau sinal. Esses sintomas de revolta sobre massas profundas de combustível que chamamos de bairros de Paris, todo esse conjunto inquietou os chefes militares, que se apressaram em apagar esses princípios de incêndio.

Por isso, retardaram os ataques às barricadas de Maubué, de la Chanvrière e de Saint-Merry, a fim de só terem de lutar contra elas e acabarem com tudo de uma só vez.

Assim, enviaram às ruas colunas de soldados, que arrombavam as casas de onde haviam atirado, ao mesmo tempo que dispersavam os grupos dos boulevards. Essa repressão do Exército contra o povo era o que Enjolras ouvia.

Quando viu, na entrada da rua, alguns feridos carregados em padiolas, comentou com Courfeyrac:

— Não são feridos que vieram daqui.

Mas a esperança durou pouco. Em menos de meia hora a ilusão se desfez e os

revoltosos sentiram a indiferença do povo para com os revolucionários obstinados. O movimento geral, que parecia ter-se esboçado, abortara, e a atenção do ministro da Guerra e a estratégia dos generais podiam concentrar-se agora sobre as três ou quatro barricadas que ainda se mantinham de pé.

Um dos insurgentes interpelou Enjolras:

— Estamos com fome. Nós vamos mesmo morrer aqui, assim, sem ter o que comer?

Enjolras, sempre apoiado à seteira, com os olhos fixos na extremidade da rua, fez um sinal afirmativo.

Onde se lerá o nome da amante de Enjolras

— Admiro Enjolras — dizia Bossuet. — Sua temeridade impassível me encanta. Vive sozinho, o que talvez o deixe um tanto triste. Enjolras lamenta-se da própria grandeza que o condena à viuvez. Nós outros temos mais ou menos amantes que nos enlouquecem, isto é, que nos tornam corajosos. Quando se está apaixonado como um tigre, o mínimo que se pode fazer é lutar como um leão. Todos os nossos heroísmos vêm de nossas mulheres. Um homem sem mulher é uma arma sem cão. Pois bem, Enjolras não tem mulher.

Enjolras parecia nada ouvir, mas alguém que estivesse a seu lado teria ouvido ele murmurar:

— Pátria.

Bossuet ainda ria, quando Courfeyrac exclamou:

— Temos novidade! — E, fazendo voz de porteiro que anuncia, acrescentou: — Chamo-me Peça de Oito!

Um novo personagem acabava de entrar em cena. Um novo canhão fora assestado contra a barricada. Era o esboço do desfecho.

Instantes depois, os dois canhões abriram fogo, e os disparos do pelotão de infantaria e da Guarda sustentavam a artilharia. A alguma distância ouvia-se outra carga. Ao mesmo tempo que os dois canhões fustigavam a barreira da rua de la Chanvrière, dois outros enchiam de balas a barricada de Saint-Merry. Os quatro canhões faziam eco um ao outro.

Dos dois canhões que atacavam a barricada da rua de la Chanvrière, um atirava balas pesadas, o outro lançava metralhas. A peça que atirava balas estava apontada um pouco para cima; o tiro era calculado de modo que o projétil batesse na borda superior da barricada, despedaçando-a e jogando as pedras esmigalhadas por cima dos revoltosos.

Esses tiros tinham por finalidade afastar os combatentes do alto da muralha, forçando-os a se reunirem no interior do reduto; era o prenúncio do assalto final.

Uma vez afastados os combatentes do alto da barricada pelos tiros de canhão e das janelas da taverna pela metralha, as colunas de ataque poderiam seguir pela rua sem serem incomodadas e talvez sem mesmo serem vistas, e então escalar a barricada e tomá-la de

surpresa.

— Temos que diminuir o ataque desses canhões! — ordenou Enjolras. — Fogo nos artilheiros!

A barricada, há tanto tempo silenciosa, lançou oito descargas sucessivas e a rua encheu-se de fumaça. Minutos depois, foi possível avistar, em meio àquela neblina ofuscante, dois terços dos artilheiros deitados sob as rodas do canhão. Os que haviam ficado de pé continuaram a alimentar o canhão, mas o fogo já não era tão intenso.

— Estamos bem — disse Bossuet a Enjolras. — Sucesso.

Enjolras, balançando a cabeça, respondeu:

— Engano seu. Se as coisas continuarem assim por mais um quarto de hora, não haverá mais cartuchos nesta barricada.

Parece que Gavroche ouviu essas palavras.

Gavroche fora da barricada

Courfeyrac, de repente, viu alguém na base da muralha, na rua, debaixo das balas.

Gavroche buscara um cesto de garrafas na taverna, saíra pela abertura lateral da barricada e estava calmamente esvaziando as sacolas de cartuchos dos guardas mortos em seu cesto.

— O que está fazendo aí? Não viu as metralhas? — disse Courfeyrac.

Gavroche levantou o nariz.

— Cidadão, estou enchendo o meu cesto debaixo dessa chuva.

— Volte aqui, depressa!

— Um instante.

Gavroche subiu pela rua, seguindo um rastro de mortos que o regimento deixara para trás no primeiro ataque. Eram vinte corpos, vinte cartucheiras para Gavroche recolher e levar de volta à barricada.

A fumaça da rua era como um nevoeiro. Ela subia lentamente, renovando-se sem parar, e a muito custo se podiam ver os combatentes, mesmo que a distância não fosse muito grande. Esse nevoeiro, provavelmente desejado e calculado pelos chefes que deviam dirigir o assalto à barricada, foi muito útil a Gavroche.

Da barricada, ninguém ousava gritar para que Gavroche, avançando sem parar em meio aos mortos, voltasse depressa, com medo de chamar a atenção do inimigo.

Porém o menino avançou tanto pela rua que chegou ao ponto onde a bruma do tiroteio ficava transparente. Os soldados escondidos atrás da pequena muralha de pedra que tinham levantado notaram que alguma coisa se movia no meio da fumaça.

No momento em que Gavroche esvaziava a cartucheira de um sargento que jazia próximo a um paiol, uma bala atingiu o cadáver!

— Essa não! — disse Gavroche. — Estão matando meus mortos para mim!

Uma segunda bala arrancou faíscas de uma pedra a seu lado, uma terceira virou-lhe o cesto. Gavroche olhou e viu que os tiros vinham dos Guardas Nacionais.

Levantou-se, com os cabelos ao vento, as mãos nos quadris, os olhos fixos nos guardas que atiravam e cantou:

*Se há gente feia em Nanterre,
A culpa é só de Voltaire;
Se há asnos em Palaiseau,
A culpa é só de Rousseau.*

Depois pegou o cesto, recolocou dentro dele todos os cartuchos que tinham caído e seguiu adiante, para esvaziar outra cartucheira. Uma bala passou por ele sem o atingir, e ele continuava a cantar:

*A culpa é só de Voltaire,
De eu não ter tabelião;
A culpa é só de Rousseau,
De eu não ser um homenzarrão.*

Uma quinta bala veio, mas não conseguiu mais que extrair outros versos:

*A culpa é só de Voltaire,
Se eu do prazer sou amigo;
A culpa é só de Rousseau
Não ser eu mais que um mendigo.*

Assim continuaram as coisas por mais algum tempo.

Era horrível ver Gavroche zombando daquele chuvaireiro de balas, parecendo até que lhe agradava fazer aquilo. Era o pardal dando bicadas nos caçadores.

A cada descarga, ele replicava com um verso. Estavam todas as espingardas apontadas para ele. Os soldados riam e atiravam, Gavroche saltava e pulava, escondia-se, aparecia, tornava a se esconder, ia recolhendo os cartuchos e esvaziando as sacolas e cartucheiras. Os revoltosos o seguiam com a vista, ansiosos.

Gavroche cantava, não era uma criança, era um invulnerável gnomo de combate. As balas corriam atrás dele, porém ele era mais veloz do que elas. Parecia se divertir com esse jogo contra a morte.

Mas uma bala mais certa o alcançou, ele girou e caiu. Partiu um grito desolado da barricada. Gavroche caiu, mas se levantou, permaneceu sentado com o rosto riscado por um filete de sangue; levantou os dois braços para o ar, olhou para o lado de onde o haviam alvejado e continuou a cantar:

A culpa é só de Voltaire,

*Se agora dei trambolhão;
A culpa é só de Rousseau
Se dei com o nariz no...*

Não concluiu a estrofe. Uma segunda bala do mesmo atirador o atingiu. Dessa vez, ele caiu com o rosto no chão e não tornou a se mover. Aquela pequenina grande alma acabava de levantar voo.

Como o irmão se transforma em pai

Naquele mesmo momento achavam-se no jardim de Luxembourg dois meninos de mãos dadas. Um poderia ter 7 anos, o outro 5. O menorzinho dizia:

— Estou com fome.

O mais velho conduzia o menor e levava uma varinha na outra mão. Eles estavam perdidos e eram as mesmas crianças que Gavroche tinha recolhido em seu elefante, algumas noites atrás. Sem saber que eram seus irmãozinhos.

Os dois garotos abandonados haviam chegado perto do grande lago, um pouco perturbados por toda aquela luz do sol de verão, e procuravam esconder-se, instinto do pobre e do fraco diante da magnificência, mesmo impessoal, e acabavam se escondendo atrás da casinha dos cisnes.

Aqui e ali, às vezes, quando o vento soprava, ouviam-se gritos confusos, ruídos da metralha, golpes surdos, os tiros dos canhões. Para o lado de Les Halles, via-se fumaça por cima das casas. Um sino, como que a chamar, soava ao longe.

Os pequenos pareciam não ouvir esses ruídos. O menor repetia de vez em quando à meia-voz:

— Estou com fome.

Quase ao mesmo tempo que as duas crianças, aproximara-se do lago outro par. Era um homem de 50 anos, que levava pela mão uma criança de 6 anos. Sem dúvida pai e filho... A criança tinha na mão um grande brioche. Os dois meninos perdidos, ao verem se aproximar aquele homem, esconderam-se ainda mais.

O homem tinha um ar afável e a criança parecia contrariada, segurando o brioche que não acabara de comer.

Pai e filho tinham parado junto do lago, onde giravam os dois cisnes. O burguês dedicava aos cisnes uma admiração especial. Talvez isso se desse por se parecer com eles no modo de andar.

Se os dois meninos pobres tivessem escutado e tivessem idade para poder compreender, ouviriam as palavras de um homem sério. O pai dizia ao filho:

— O sábio vive contente com pouco. Olhe para mim, meu filho. Não gosto de fausto.

Nunca me veem coberto de ouro nem de pedrarias; deixo esse falso esplendor para as almas mal organizadas.

Aqui, os gritos profundos que vinham do lado de Les Halles cresceram de intensidade, junto com o toque de um sino e um confuso rumor.

— O que é isso? — perguntou o menino.

O pai respondeu:

— São as saturnais; farras, orgias.

De repente, o homem viu os dois pobres, imóveis, escondidos por trás da casinha verde dos cisnes.

— Aí está o começo — disse ele. — A anarquia entrou neste jardim.

Nesse meio-tempo, o filho mordeu o brioche, cuspiu e começou a chorar.

— Por que está chorando? — perguntou o pai.

— Não quero mais — disse o menino.

O pai mostrou-lhe os cisnes.

— Então dê àqueles palmípedes. Seja humano. É preciso ter pena dos animais.

E, tirando o doce das mãos do filho, jogou-o no tanque. O brioche caiu perto da margem. Os cisnes estavam longe, no centro do lago, e não tinham visto o petisco. O burguês, sentindo que a rosca estava em risco de se perder, e inquieto por aquele naufrágio inútil, entregou-se a uma agitação telegráfica que acabou por atrair a atenção dos cisnes.

As aves perceberam qualquer coisa que flutuava, viraram de bordo, como navios que são, e se dirigiram para a margem lentamente, com a majestade que convém a animais brancos.

Nesse momento, o tumulto longínquo da cidade fez-se ouvir ainda mais forte. Ouviram-se o rufar de tambores, gritos e o tiroteio cerrado, as réplicas lúgubres dos sinos e dos canhões.

— Vamos voltar — disse o pai —, estão atacando as Tulherias. Logo as balas vão chover.

— Eu queria ver os cisnes comendo — disse o menino.

O pai respondeu:

— Seria uma imprudência.

E levou o pequeno burguês.

Entretanto, ao mesmo tempo que os cisnes, os dois pequenos errantes tinham se aproximado do brioche que flutuava na água. O menor olhava o doce, o maior vigiava o burguês que se afastava.

Assim que os perdeu de vista, o menino mais velho estendeu a varinha na direção do doce. Os cisnes, vendo o inimigo, se apressaram e o movimento da água empurrou docemente o brioche até a varinha do menino. Ele fez um último esforço, espantou os cisnes, agarrou o doce e pôs-se de pé. Partiu-o em dois pedaços e deu um ao irmãozinho:

— Encha o bucho.

Marius pater filium moriturum expectat

Marius saiu rapidamente da barricada, com Combeferre atrás, mas era muito tarde. Gavroche já estava morto. Combeferre levou o cesto de cartuchos; Marius carregou o corpo de Gavroche.

Ao voltar, Marius tinha o rosto banhado de sangue. No instante em que se abaixara para pegar Gavroche, uma bala, sem que o percebesse, roçara-lhe o crânio. Courfeyrac tirou a gravata e com ela atou a cabeça de Marius. Combeferre distribuiu os cartuchos que trouxera no cesto. Com isso, cada homem ficava com quinze balas mais.

O fogo dirigido contra a barricada pouco ou nada perturbava o seu interior. Os combatentes se comportavam como se estivessem numa roda de amigos, conversando. Essa situação de tranquilidade parece existir nesse tipo de guerra, em meio às convulsões. A situação dos combatentes de crítica passara a temerosa e se tornaria desesperadora. Combeferre, de avental, cuidava dos feridos; Bossuet e Feuilly faziam cartuchos com a pólvora recolhida por Gavroche. Courfeyrac, sobre o punhado de pedras que tinha reservado para si ao lado de Enjolras, colocava em ordem todo um arsenal: sua bengala, sua espingarda, duas pistolas. Jean Valjean, mudo, olhava para a parede que estava à sua frente. Marius inquietava-se com o que o pai iria lhe dizer.

O abutre se transforma em presa

De repente, ouviu-se o badalar longínquo de um sino.

As doze badaladas ainda não haviam soado quando Enjolras se pôs de pé, lançando do alto da barricada este clamor:

— Levem pedras para a taverna! Protejam o parapeito da janela e das mansardas. Metade dos homens às espingardas, a outra metade às pedras. Não há um minuto a perder.

Um pelotão de sapadores bombeiros, de machado ao ombro, acabava de aparecer em ordem de batalha na extremidade da rua. Era a vanguarda de uma coluna, que só podia ser a coluna de ataque, pois os sapadores eram sempre encarregados de demolir as barricadas, precedendo sempre os soldados que as deviam escalar.

Quando as pedras destinadas à última defesa já estavam em seu devido lugar, as pedras que sobraram fecharam a abertura deixada na barragem por Enjolras. Finalmente, ele disse a Marius:

— Nós dois somos os chefes. Vou dar as últimas ordens lá dentro. Você, fique aqui e observe.

Marius pôs-se de sentinela em cima da barricada.

— Nada de estilhaços caindo em cima dos feridos — disse Enjolras.

Deu as últimas ordens com voz baixa, mas profundamente tranquila:

— Somos vinte e seis. Vinte homens na barricada. Seis emboscados nas mansardas e na janela do primeiro andar, para atirar sobre os assaltantes através das seteiras das pedras. Que ninguém aqui fique inútil.

Dadas essas ordens, voltou-se para Javert e disse:

— Não me esqueci de você.

E, colocando sobre a mesa uma pistola, acrescentou:

— O último que sair daqui se encarregará de matar este espião. Pode-se muito bem pular a pequena barricada da rua Mondétour; tem apenas quatro pés de altura. O homem está bem amarrado. É só levá-lo e dar-lhe um tiro.

Nesse instante, apareceu Jean Valjean. Misturara-se ao grupo de revoltosos. Adiantou-se e disse a Enjolras:

— Senhor, se acha que mereço uma recompensa por ajudar na barricada, peço-lhe uma.

— A barricada tem dois salvadores, Marius Pontmercy e o senhor. Qual é sua recompensa?

— Que eu possa estourar os miolos desse homem.

Javert levantou a cabeça, olhou para Jean Valjean, fez um movimento imperceptível e murmurou:

— É justo.

Quanto a Enjolras, ocupava-se em carregar a carabina; olhou ao redor, e disse:

— Como ninguém se opõe, leve-o.

Jean Valjean, com efeito, dominou Javert, fazendo-o sentar-se à beira da mesa. Pegou a pistola; um pequeno estalido anunciou que acabava de armá-la. Quase no mesmo instante, ouviu-se um toque de clarins.

— Às armas! — gritou Marius do alto da barricada.

— Todos para fora! — gritou Enjolras.

Os insurgentes precipitaram-se em tumulto e, ao sair da taverna, receberam pelas costas estas palavras de Javert:

— Vamos nos encontrar de novo em breve.

A vingança de Jean Valjean

Quando Jean Valjean se viu sozinho com Javert, desatou a corda que o prendia pelo meio do corpo, depois lhe fez sinal para que se levantasse. Em seguida, puxando Javert atrás de si, atravessou o pátio interno da barricada. Todos os revoltosos estavam atentos ao ataque iminente, e somente Marius viu aquela cena, vítima e carrasco, iluminada pelo

clarão sepulcral que ele trazia em sua alma.

Jean Valjean fez Javert escalar a pequena barreira que fechava a ruela Mondétour e viram-se sozinhos. O ângulo das casas escondia-os aos olhos dos revoltosos. Os cadáveres retirados do interior da barricada formavam um monte horrível a alguns passos dali. Distingua-se entre os mortos uma face lívida, uma cabeleira solta, uma mão furada, um seio de mulher seminu. Era Eponine.

Javert, profundamente calmo, disse à meia-voz:

— Parece-me que conheço aquela jovem.

Jean Valjean pôs a pistola debaixo do braço e fixou em Javert um olhar que não tinha necessidade de palavras para dizer: “Javert, sou eu!”. Javert respondeu:

— Pode se vingar...

Jean Valjean tirou do bolso uma navalha e a abriu.

— Uma navalha! — exclamou Javert. — Tem razão, isso lhe serve melhor.

Jean Valjean cortou as cordas que prendiam Javert pelo pescoço, cortou as cordas dos punhos; depois, abaixando-se, cortou a que prendia os pés; e, levantando-se, disse:

— Está livre.

Javert não se espantava por qualquer coisa. Contudo, apesar de estar senhor de si, não pôde conter certa comoção.

Jean Valjean prosseguiu:

— Não creio que eu possa sair daqui. No entanto, se por acaso eu sair, moro, com o nome de Fauchelevent, na rua de l’Homme-Armé, número 7.

Javert rosnou como um tigre, o que fez abrindo um canto da boca, e murmurou entre os dentes:

— Tome cuidado!

Então, abotoou o capote, restituiu aos ombros a habitual rigidez militar, deu meia-volta, e pôs-se a caminhar na direção de Les Halles. Jean Valjean seguiu-o com o olhar. Javert afastou-se devagar.

Um momento depois, virava a esquina e quando desapareceu, Jean Valjean deu um tiro para o ar.

Nesse meio-tempo, Marius, que não tinha ainda prestado atenção ao homem amarrado na coluna, teve uma súbita lembrança quando o viu passando à luz do dia. Veio-lhe não apenas o rosto, mas o nome: “Não é esse o inspetor de polícia que disse chamar-se Javert?”.

Talvez estivesse ainda em tempo de interceder em seu favor. Mas, antes, era preciso ter absoluta certeza de que se tratava de Javert.

Marius interpelou Enjolras, que acabava de se postar no fundo da barricada:

— O inspetor de polícia, você sabe como ele se chama?

— Claro, ele mesmo disse: Javert.

Marius levantou-se.

Nesse momento, ouviu-se o disparo de pistola.

Jean Valjean reapareceu e gritou:

— Pronto.

Um frio tenebroso atravessou o coração de Marius.

Os mortos têm razão, mas os vivos não deixam de tê-la

A agonia da barricada ia começar. Tudo concorria para a tragédia daquele minuto supremo; mil estrondos misteriosos no ar, o rumor de tropas armadas marchando por ruas invisíveis, o galope da cavalaria, o pesado rodar da artilharia, os disparos do pelotão e os tiros de canhão cruzando-se nos becos de Paris.

Desde a véspera, as duas fileiras de casas da rua tinham se transformado em duas muralhas, com portas fechadas, janelas trancadas. Nessa época, o cidadão, como que penetrado pela revolta, era o auxiliar do combatente, e as casas confraternizavam com as fortalezas improvisadas que se apoiavam em suas fachadas. Quando a insurreição não havia obtido ainda o completo consentimento, quando as massas desaprovavam o movimento, infelizes dos combatentes! A cidade transformava-se num deserto ao seu redor, as almas enregelavam-se, e a rua se transformava num desfiladeiro para ajudar o Exército a tomar a barricada. Ninguém é capaz de obrigar um povo a marchar de surpresa, mais depressa do que ele quer. Um povo não se deixa conduzir assim. Quando isso acontece, o povo abandona a insurreição à própria sorte. Os revoltosos transformam-se em pestíferos. Cada porta é uma recusa, cada fachada é uma muralha. Essa muralha vê, ouve, mas não tem vontade. Poderia entreabrir-se e salvar!

Que espetáculo sombrio essas casas fechadas! Parecem mortas, mas estão vivas. A vida, que está como que suspensa, persiste em seu interior. Faz vinte e quatro horas que ninguém sai às ruas, mas não falta ali ninguém. No interior dessa rocha, anda-se, deita-se, levanta-se, está-se em família, bebe-se, come-se e, coisa terrível, sente-se medo! Há cintilações de medo das quais sai como que uma fumaça lúgubre, a raiva. — O que querem eles? Nunca estão contentes. Eles comprometem os homens pacíficos. Como se já não houvesse bastantes revoluções! O que vieram fazer aqui? Que se arrumem! Tanto pior para eles. A culpa é deles. Eles têm o que merecem. Não temos nada a ver com isso. Olhem a nossa pobre rua crivada de balas. Sobretudo, não abram a porta. — E a casa toma um aspecto de túmulo.

O revoltoso agoniza à soleira dessa porta, vendo a metralha e os sabres nus que se aproximam sempre mais; ele grita, sabe que o estão ouvindo, mas que ninguém o socorrerá; ali estão paredes que o poderiam proteger, homens que o poderiam salvar, mas essas paredes têm orelhas de carne, e esses homens têm entranhas de pedra.

Somos injustos para com esses grandes preparadores do futuro quando malogram. Acusam-se os revolucionários de semear o terror. Cada barricada parece um atentado. Incriminam-lhes as teorias, suspeitam de suas finalidades, temem-lhes as segundas intenções, denunciam-lhes a consciência. Repreendem-nos por arrancarem dos abismos os blocos de trevas para neles se entrincheirar e combater. Gritam-lhes: — Vocês estão arrancando as pedras do inferno! — Eles poderiam responder-nos: — É por isso que nossa barricada é feita de boas intenções.

Na verdade, o melhor é a solução pacífica. Nenhum remédio violento é necessário.

Estudar o mal amigavelmente, constatá-lo e depois saná-lo.

Seja como for, embora caídos, sobretudo caídos, como são augustos esses homens que dão a própria vida, desinteressadamente, pelo progresso; eles cumprem a vontade da Providência, fazem um ato de religião. Eles aceitam esse combate sem esperança, esse desaparecimento estoico, para levar às esplêndidas e supremas consequências universais o magnífico movimento humano irresistivelmente iniciado em 14 de julho de 1789. Esses soldados são verdadeiros sacerdotes. A Revolução Francesa é um gesto de Deus.

Há insurreições aprovadas que se chamam revoluções; há revoluções recusadas que se chamam revoltas. Uma insurreição que irrompe é uma ideia que faz seu exame diante do povo. Se o povo deixa cair a esfera negra, a ideia é fruto seco, a insurreição é temerária.

Mas toda insurreição que assesta armas contra um governo ou um regime visa sempre mais alto. Assim, os jovens em 1832 não combatiam Luís Filipe. A maior parte deles, falando francamente, fazia justiça às qualidades desse rei que se colocava entre a monarquia e a revolução: ninguém o odiava. O que eles queriam destruir, destruindo a realeza na França, era a usurpação do homem pelo o homem e do privilégio acima do direito no universo inteiro. Paris sem reis teria como resultado o mundo sem déspotas. Assim é que eles raciocinavam.

Os revoltosos poetizam e louvam a insurreição. Lançam-se à trágica aventura embriagando-se com o que vão fazer. Quem sabe? Talvez tenham êxito. São em pequeno número, têm contra si todo um exército, mas estão defendendo o direito, a lei natural, a soberania de cada um sobre si mesmo, soberania para a qual não há abdicação possível, a justiça, a verdade, e, se necessário, morrem como os trezentos espartanos. Não pensam em Dom Quixote, mas em Leônidas.

Vão sempre para a frente e, uma vez nas fileiras, não recuam jamais. Mas esses movimentos armados em favor do progresso comumente fracassam. As massas pesadas, as multidões frágeis, justamente por causa de seu peso, temem as aventuras; e o ideal subentende a aventura.

Os heróis

De repente, ouviu-se o rufar dos tambores anunciando o ataque.

Agora, em pleno dia, naquela rua deserta, a surpresa era realmente impossível, o canhão começara a rugir, o Exército arremetia contra a barricada.

Uma poderosa coluna de infantaria, cortada em intervalos iguais por pelotões da Guarda Nacional e da Guarda Municipal a pé, apontou na rua a passo de carga, aos rufos do tambor, ao som do clarim, de baionetas caladas, sapadores à frente, e, imperturbável sob os projéteis, caiu sobre a barricada com o peso de um aríete de bronze de encontro a uma muralha.

A muralha resistiu.

Os insurgentes fizeram fogo impetuosamente. O ataque foi tão desesperado que a barricada esteve por um instante inundada de soldados; mas afastou-os e a coluna recuou, embora permanecendo na rua, a descoberto, mas terrível, e replicando com medonhas descargas. A resolução era igual de ambos os lados. A bravura ali era quase bárbara e aliava-se a uma espécie de ferocidade heroica, que começava pelo sacrifício próprio. A tropa queria acabar com aquilo; a insurreição queria lutar.

A rua se encheu de cadáveres.

A barricada tinha numa das suas extremidades Enjolras e na outra Marius. Enjolras, que tinha toda a barricada na mente, abrigava-se, e três soldados caíram sucessivamente sob seu fogo sem ao menos o terem visto; Marius combatia a peito descoberto. Fazia-se ponto de mira. Tinha mais de meio corpo fora da barricada. Estava no meio da batalha como no meio de um sonho, era um fantasma disparando uma espingarda.

Os soldados tinham número, os insurgentes a posição. Estes estavam no alto de uma muralha e fulminavam à queima-roupa os soldados, que caíam sobre os mortos e os feridos nas pedras. Aquela barricada, construída como estava e admiravelmente amparada pela parte de dentro, era uma dessas situações em que um punhado de homens contém uma legião. Contudo, a coluna de ataque, sempre renovada e aumentada sob a chuva de balas, se aproximava inexoravelmente, e agora, pouco a pouco, passo a passo, o Exército apertava a barricada como uma prensa.

Os assaltos eram sucessivos. O horror amentava.

Aqueles homens pálidos, esfarrapados, esgotados, que não se alimentavam havia vinte e quatro horas, sem dormir, com apenas alguns cartuchos para se defender, com a cabeça ou os braços envoltos em trapos enegrecidos, escorrendo sangue, armados apenas com espingardas velhas e sabres enferrujados, transformavam-se em titãs. A barricada foi atacada dez vezes; por dez vezes foi assaltada e escalada, sem ceder jamais.

Batiam-se corpo a corpo, passo a passo, a socos, de longe, de perto, do telhado do prédio, das janelas da taverna. Era um contra sessenta. Bossuet, Feuilly, Courfeyrac e Joly foram mortos; Combeferre, atravessado por três baionetadas no momento em que levantava um soldado ferido, só teve tempo de olhar para o céu e expirar.

Marius não parava de combater um instante, mas estava tão crivado de feridas, principalmente na cabeça, que seu rosto parecia coberto por um lenço vermelho. Somente Enjolras não estava ferido. Quando se via sem armas, estendia os braços à direita ou à esquerda, e alguém lhe punha na mão uma arma qualquer.

Palmo a palmo

Quando não havia mais chefes senão Enjolras e Marius nas duas extremidades da

barricada, o centro, por tanto tempo sustentado por Courfeyrac, Joly, Bossuet, Feuilly e Combeferre, cedeu.

O canhão havia feito um grande rombo no meio da muralha. Os soldados tentaram por aí um último assalto e foram bem-sucedidos. A massa de baionetas, arremessando-se em passo cadenciado, atacou irresistivelmente, e a espessa vanguarda da coluna de ataque apareceu envolta em fumaça no alto da barricada.

Dessa vez, tudo estava acabado. O grupo de revoltosos que defendia o centro recuou em confusão.

Então, despertou em alguns o sombrio amor à vida. Ao verem apontada contra eles aquela floresta de espingardas, muitos perderam o desejo de morrer. É esse o momento em que o instinto de conservação solta rugidos e em que no homem reaparece a besta. Os insurgentes achavam-se situados junto à alta casa de seis andares, que formava o fundo da barricada. Essa casa podia ser a salvação, porém achava-se trancada, desde o primeiro até ao último andar. Antes que a tropa entrasse no interior da barricada, bastaria que a porta se abrisse e se fechasse, por trás da casa havia ruas desertas, a fuga possível, o espaço. Eles se puseram a bater com as coronhas e com os pés, chamando, gritando, suplicando de mãos juntas. Ninguém os atendeu. Mas Enjolras e Marius, e mais sete ou oito combatentes, ao redor deles, protegiam-nos. Enjolras gritara aos soldados:

— Não avancem!

Um oficial que desobedeceu à ordem foi morto por Enjolras.

Ele estava agora no pequeno pátio interior, encostado à taverna, com a espada numa mão, a espingarda na outra, mantendo aberta a porta da taverna e rechaçando os invasores.

Enjolras gritou aos desesperados:

— A única porta aberta é esta!

E, protegendo-os com seu corpo, enfrentando sozinho um batalhão, deixou-os passar por trás de si. Todos se precipitaram para a taverna. Enjolras entrou por último. E enquanto os soldados se batiam para entrar, os revoltosos esforçaram-se por fechar a porta.

Marius ficara de fora. Uma bala acabava de quebrar-lhe a clavícula; sentiu que ia desmaiar e caiu. Nesse momento, com os olhos já fechados, percebeu que duas mãos vigorosas o agarravam. Ao desmaiar, teve apenas tempo de, lembrando-se de Cosette, formular este pensamento: “Sou prisioneiro; serei fuzilado”.

Enjolras trancou a porta, fechou os trincos, a fechadura e o cadeado, enquanto, da parte de fora, soldados e sapadores procuravam arrombá-la a coronhadas e a golpes de machado. Começava, então, o ataque à taverna.

Os soldados estavam furiosos. Além da morte do sargento da artilharia, corria o boato de que os revoltosos mutilavam os prisioneiros e que havia no interior da taverna o cadáver de um soldado decapitado.

Enjolras disse ao grupo:

— Vamos vender caro as nossas vidas!

Nada faltou no ataque à taverna, nem as pedras arremessadas de cima do telhado e das janelas sobre os soldados, esmagando-os, nem os tiros dados pelas frestas da adega, nem o furor do ataque, nem o desespero da defesa, nem, finalmente, quando a porta cedeu, a loucura frenética do extermínio. Os atacantes, ao se precipitarem pela taverna adentro,

tropeçando nos fragmentos da porta arrombada, não encontraram um único combatente. A escada, arrebatada a golpes de machado, jazia no meio da sala; alguns feridos acabavam de expirar; os que ainda não haviam morrido achavam-se no primeiro andar, de onde, pela abertura do forro, atiravam nos invasores. Eram os últimos cartuchos. Quando estes terminaram, os revoltosos agonizantes pegaram as garrafas de aguardente separadas antes por Enjolras e resistiram à escalada com aquelas armas terrivelmente frágeis.

Os disparos dos soldados, de baixo para cima, eram mortais. A borda da abertura do soalho viu-se rodeada de cabeças mortas das quais corriam filetes de sangue vermelho e quente.

Orestes em jejum, Pilades embriagado

Finalmente, subindo uns sobre os outros, apoiando-se nas paredes, dando golpes de sabre nos últimos que resistiam, vinte soldados, Guardas Nacionais e Guardas Municipais em confusão, em sua maioria cegos pelo sangue, furiosos, selvagens, invadiram a sala do primeiro andar. Havia um único homem de pé: Enjolras. Sem cartuchos, sem espadas, apenas com a carabina cuja coronha quebrara na cabeça dos que tentavam entrar. Colocara a mesa de bilhar entre ele e os soldados, recuando até um canto da sala; ali, de cabeça erguida, olhar feroz, um pedaço de arma na mão, era ainda bastante terrível para que fizessem um círculo ao seu redor.

Ouviu-se, então, um grito:

— Aquele é o chefe! Foi o que matou o artilheiro! Vamos fuzilá-lo ali mesmo!

— Fuzilem! — disse Enjolras.

E, lançando fora o cano da carabina, cruzou os braços e apresentou o peito.

No canto oposto àquele onde se encontrava Enjolras, formaram-se doze homens em pelotão e começaram a preparar silenciosamente as espingardas.

Em seguida, um sargento gritou:

— Apontar!

— Esperem! — gritou um oficial.

E acrescentou, dirigindo-se para Enjolras:

— Quer que lhe vendem os olhos?

— Foi realmente o senhor quem matou o sargento de artilharia?

— Fui!

Grantaire tinha acordado havia alguns instantes. Ele estava dormindo, bêbado, desde o dia anterior, sentado numa cadeira do primeiro andar e debruçado sobre uma mesa. A mistura de cerveja, aguardente e absinto lançara-o em total letargia. Nada conseguira despertá-lo; nem o estrondo dos canhões, nem os disparos que entravam pela janela. Respondia com um ronco, de tempos em tempos, aos tiros dos canhões. Vários cadáveres

jaziam à sua volta. O desmoronamento geral a seu redor aumentava o aniquilamento de Grantaire; as ruínas embalavam-no. Mas a pausa do tumulto diante de Enjolras sacudiu-lhe o irresistível sono, fazendo o mesmo efeito de uma carruagem a galope que para de repente. Os que dormem despertam. Grantaire levantou-se assustado, estendeu os braços, esfregou os olhos, olhou, bocejou e compreendeu.

Como estava oculto em um canto, os soldados, com os olhos pregados em Enjolras, não sequer tinham percebido a presença de Grantaire, e o sargento preparava-se para repetir a ordem de apontar e fuzilar, quando de repente ouviram este grito, entoado por uma voz forte ao lado deles:

— Viva a República! Eu sou um deles!

E, ao dizer isto, levantou-se. O clarão imenso de todo aquele combate a que ele não havia assistido revelou-se no olhar fulgurante do transfigurado bêbado.

Atravessou a sala com passo firme e foi postar-se defronte das espingardas, ao lado de Enjolras.

— Matem dois de uma vez só ! — gritou ele.

E, voltando-se serenamente para Enjolras, disse-lhe:

— O senhor me permite?

Enjolras apertou-lhe a mão, sorrindo.

Ele ainda sorria quando a fuzilaria aconteceu.

Enjolras, trespassado por oito balas, ficou como que pregado à parede, de pé e apenas com a cabeça curvada. Grantaire caiu fulminado a seus pés.

Instantes depois, os soldados desalojavam do alto da casa os últimos revoltosos, e lutava-se igualmente nos porões. Gritos, disparos, ruído terrível de pés. Depois, silêncio.

A barricada caíra.

Os soldados começaram a revistar as casas vizinhas e a perseguir os fugitivos.

Prisioneiro

Marius estava prisioneiro. Prisioneiro de Jean Valjean.

A mão que o agarrara por trás no momento em que caíra, sentindo-a antes de perder a consciência, era a mão de Jean Valjean.

Ele não tomara parte no combate, apenas se expusera a ser morto. Sem ele, ninguém, naquela suprema agonia, teria cuidado dos feridos. Graças a ele, presente em todos os lugares onde se consumava aquela carnificina, os que caíam eram levantados, transportados para a taverna e aí tratados. Nos intervalos dessa sua tarefa, ocupava-se em reparar a barricada. De resto, tinha apenas alguns arranhões. As balas haviam respeitado aquele homem.

Jean Valjean não tirava os olhos de Marius. Mal o rapaz caíra ferido, Jean Valjean

saltou com a agilidade de um tigre, arremessou-se a ele como para uma presa e levou-o. Nessa ocasião, o turbilhão do ataque estava tão violentamente concentrado em Enjolras e na porta da taverna que ninguém viu Jean Valjean levando nos braços o rapaz desfalecido, atravessar o pequeno pátio da barricada e desaparecer por trás da esquina.

Ali chegando, deitou Marius no chão, encostou-se à parede e olhou em torno de si. A situação era assustadora.

Por enquanto, durante dois ou três minutos talvez, aquele lugar era um abrigo. Mas, depois, como escapar à terrível carnificina? Tinha em sua frente o implacável prédio de seis andares, que não parecia habitado senão pelo homem morto debruçado à janela; à direita, estava a pequena barricada que fechava a rua de la Petite-Truanderie; saltar esse obstáculo parecia fácil, mas, por cima da barricada, via-se uma fileira de pontas de baionetas. Eram as tropas de infantaria postadas em observação por trás dela. Era evidente que escalá-la era o mesmo que tornar-se alvo do fogo de todo um batalhão, toda cabeça que se aventurasse a ultrapassá-la serviria de mira a sessenta disparos de espingarda. À esquerda, ele tinha o campo de combate. A morte estava atrás do ângulo da parede. Que fazer? Somente um passarinho poderia escapar dali.

Era preciso tomar uma decisão, e depressa. Apenas a alguns passos dele, travava-se a luta; felizmente, todos se concentravam em um único ponto, a porta da taverna. Mas se apenas um soldado decidisse dar a volta no prédio da taverna, tudo estaria perdido. Jean Valjean olhou para a casa em frente, olhou para a barricada, e por último olhou para o chão, como se quisesse cavar um buraco com os olhos.

A alguns passos dali, na base da pequena barricada tão bem guardada e vigiada pela parte exterior, sob um monte de pedras que a escondia em parte, notou uma grade de ferro colocada horizontalmente no nível da rua. Através da grade, via-se uma abertura escura, algo semelhante a uma cisterna. Jean Valjean adiantou-se.

Sua velha habilidade em fugas subiu-lhe ao cérebro como um clarão. Afastar as pedras que caíam sobre a grade, carregar Marius inerte nos ombros, descer àquela espécie de poço que era pouco profundo, colocar por cima da cabeça a grade de ferro e descer a uma superfície lajeada no fundo, tudo isso durou apenas alguns minutos.

Jean Valjean viu-se com Marius, ainda desmaiado, numa espécie de longo corredor subterrâneo. Ali, silêncio absoluto, noite.

Acima dele ouvia-se apenas, como um vago murmúrio, o tumulto da taverna tomada de assalto.

LAMA, E TAMBÉM ALMA

O esgoto e suas surpresas

Jean Valjean achava-se no esgoto de Paris.

Mas o ferido não se movia. Jean Valjean não sabia se o que carregava aos ombros era um ser vivo ou um morto.

A sua primeira sensação foi a cegueira. Pareceu-lhe também que, num minuto, ficara surdo. Não ouvia coisa alguma. A frenética tempestade de tiros e mortos alguns metros acima dele já não chegava até ali.

Estendeu um braço, depois o outro, tocou de ambos os lados a parede e reconheceu que o corredor era estreito; escorregou e percebeu que a laje estava molhada. Adiantou com precaução um pé, temendo que deparasse com um buraco, um poço ou um precipício, e convenceu-se de que a laje continuava. Uma baforada fétida lhe informou onde estava.

Passados alguns minutos, já não estava cego. Pelo respiradouro por onde tinha descido penetrava uma réstia de luz, que o ajudou a recuperar a vista no meio da vala em que se achava. Começou a distinguir alguma coisa. O corredor em que se enterrara — nenhuma outra palavra definiria melhor a situação — fechava-se por trás do lugar em que se encontrava. Era um desses becos sem saída que a linguagem especializada chama de ramal. À sua frente havia outra parede, uma parede de trevas. A claridade de um respiradouro, dez ou doze passos à frente, lançava uma luz tênue sobre alguns metros da parede úmida do esgoto. Mais adiante, a opacidade era maciça; penetrar naquela escuridão era o mesmo que desaparecer. Contudo, era possível ultrapassar aquela muralha de bruma, era preciso.

Jean Valjean lembrou-se de que aquela grade, descoberta por ele debaixo das pedras, podia ser também vista pelos soldados. Eles poderiam descer e revistar o lugar.

Então, decidiu entrar naquela escuridão.

A cortina de trevas caiu sobre ele, cegando-o novamente. Viu-se forçado a caminhar encostado às paredes para não mergulhar os pés na água que corria no meio do túnel, pois não sabia a profundidade. O mais difícil era orientar-se. O traçado dos esgotos repete, por assim dizer, o traçado das ruas que estão acima. A Paris daquele tempo tinha duas mil e duzentas ruas. Imaginem, portanto, essa floresta de ramos tenebrosos que chamamos de esgoto. Ele caminhava sempre para a frente, com calma, às cegas, sem saber para onde ir, ao acaso, isto é, entregando-se à Providência.

À medida que avançava, começou a ter medo. A sombra que o envolvia começava a

penetrar-lhe no espírito. Achava-se em um enigma. Cada passo que dava poderia ser o último. Como sair dali? Encontraria uma saída? Conseguiria fazê-lo a tempo? Talvez Marius morresse de hemorragia e ele, de fome, acabando ambos por se perderem, deixando dois esqueletos a um canto daquela noite.

De repente, um acontecimento o surpreendeu. No momento em que menos esperava e continuava a caminhar em linha reta, percebeu que não mais subia, a água da enxurrada batia-lhe nos calcanhares, em lugar de lhe passar pelas pontas dos pés. Por consequência, o cano descia. Será que em poucos momentos ele iria desembocar no Sena? O perigo em que se ia meter era grande, mas o de recuar era ainda maior. À vista disso, continuou a avançar.

Não era para o Sena que ele caminhava. Um ramal levava até o esgoto do Louvre, perto dos boulevards, e outro ao esgoto de Montmartre, próximo de Les Halles. É a esse ponto culminante que Jean Valjean chegara. Em certo momento, reconheceu que saíra do subsolo daquela Paris petrificada pela revolta, onde as barricadas haviam impedido a circulação, e que voltava a caminhar sob a Paris viva e normal. Sentiu por cima da cabeça um rumor de trovões, longínquo, mas contínuo. Eram as rodas das carruagens.

Ele já estava andando por mais ou menos meia hora quando viu a própria sombra diante de si. Ela se recortava sobre um fraco clarão avermelhado, que tingia vagamente de púrpura o chão a seus pés e pelas paredes viscosas do corredor. Apavorado, voltou-se.

Atrás dele, justamente na parte do corredor por onde acabara de passar, a uma distância que lhe pareceu imensa, brilhava, riscando a espessura das trevas, uma espécie de astro horrível que parecia espiá-lo.

Era a sombria estrela da polícia que se acendera do interior do esgoto. Por trás dessa estrela moviam-se confusamente oito ou dez silhuetas negras, retilíneas, indistintas, terríveis.

Explicação

No dia 6 de junho, havia sido ordenada uma batida nos esgotos de Paris. Temia-se que os vencidos pudessem ter fugido por ali. Três pelotões de agentes e encarregados da limpeza exploraram a rede subterrânea da cidade: o primeiro, a margem direita; o segundo, a margem esquerda; o terceiro, o centro da cidade. Os agentes estavam armados de carabinas, cassetetes, espadas e punhais.

Os homens da polícia julgaram ouvir um ruído de passos na direção do esgoto circular. De fato, eram os passos de Jean Valjean. O sargento-chefe da ronda levantara a lanterna e a equipe tentou vislumbrar alguma coisa na direção de onde vinha o ruído de passos. Felizmente, se ele via bem a lanterna, a lanterna o via mal. Ela era luz, ele, sombra. Ele estava muito longe, misturado com as trevas do lugar. Encostou-se na parede e parou.

Naturalmente, como havia parado de andar, os ruídos de passos cessaram. Os homens

da ronda escutavam, mas nada ouviam; olhavam, mas nada viam. Começaram a trocar opiniões e a conclusão foi que tinham se enganado, que não havia ninguém, que era inútil internar-se por aquela galeria, que seria tempo perdido, que o melhor era vasculhar em outras direções.

Durante algum tempo, ainda se ouviu um rumor de passos cadenciados e lentos, cada vez mais distantes, à medida que se iam afastando; o grupo dos vultos negros desapareceu; Jean Valjean viu oscilar, flutuar e depois sumir completamente o clarão de uma luz, que desenhava na abóbada um arco avermelhado cada vez menor; tornou-se de novo profundo o silêncio e completa a escuridão, e Jean Valjean, não ousando ainda mover-se, permaneceu por muito tempo encostado na parede, com o ouvido atento, as pupilas dilatadas, contemplando inconsciente o desaparecimento daquela patrulha de fantasmas.

Ele também carrega uma cruz

Jean Valjean continuava a andar sem novas interrupções, mas as dificuldades eram cada vez maiores. A umidade das pedras e a viscosidade do chão eram péssimos pontos de apoio, tanto para as mãos como para os pés. Ele escorregava no horrível monturo do canal subterrâneo. Sua força prodigiosa começara a faltar, ele sentia-se enfraquecendo, e o peso do fardo aumentava. Jean Valjean carregava Marius de modo a não forçar-lhe o peito para que respirasse sempre o melhor possível. Ele sentia entre as pernas as rápidas correrias dos ratos. Um deles assustou-se a ponto de mordê-lo. De vez em quando algum respiradouro lhe levava um sopro de ar fresco que o reanimava.

Seriam três horas da tarde.

Pouco além de um afluente que, segundo todas as probabilidades, era o ramal da Madeleine, Jean Valjean parou. Estava exausto. Um respiradouro bastante largo, talvez o da rua d'Anjou, iluminava suficientemente o local. O rosto ensanguentado de Marius apareceu sob a claridade do bueiro como se estivesse no fundo de uma sepultura. Tinha os olhos fechados, os cabelos colados à fronte como pincéis secos em tinta vermelha, as mãos pendentes e inertes, os membros frios e sangue coagulado nos cantos dos lábios.

Jean Valjean afastou as roupas do rapaz que estavam grudadas nas feridas e colocou-lhe a mão sobre o coração, que ainda batia. Rasgou então sua própria camisa e fez uma bandagem o melhor que pôde para deter a hemorragia. Então, olhou-o com ódio inexprimível.

Ao desabotoar as roupas de Marius, encontrara nos bolsos duas coisas, o pedaço de pão que ele havia esquecido ali desde a véspera e a caderneta. Comeu o pão e abriu a caderneta. Na primeira página, encontrou as quatro linhas escritas por Marius:

“Meu nome é Marius Pontmercy. Levem meu cadáver para a casa de meu avô, senhor

Jean Valjean pôs a caderneta de volta no casaco de Marius, tornou a colocá-lo nas costas e voltou a caminhar. Nada lhe indicava qual área da cidade estava atravessando, nem o trajeto que já havia feito.

Somente a palidez crescente das réstias de luz que encontrava de quando em quando lhe indicava que o dia não tardaria a se pôr. Ao perceber que o ruído intermitente das carruagens cessara por completo, ele compreendeu que não estava mais sob o centro de Paris e que se aproximava de alguma região solitária, vizinha dos boulevards afastados ou dos últimos cais. Onde há menos casas e menos ruas, o esgoto tem menos respiradouros.

A escuridão tornava-se cada vez mais espessa ao redor de Jean Valjean, mas nem por isso ele parou de avançar. Mas essas trevas, em certo ponto, se tornaram terríveis.

O sarvedouro

Jean Valjean sentiu que ia entrando na água; não pisava mais em pedras, mas no lodo. Ele estava numa depressão do terreno, causada por desabamentos frequentes no subsolo dos Champs-Élysées, formado por areia movediça que só poderia ser contida com alicerces sólidos de argamassa.

O charco onde estava Jean Valjean tinha sido causado pela chuva da véspera. Uma depressão da calçada, mal sustentada pela areia subjacente, fizera empoçar as águas da chuva. E a infiltração provocava o desmoronamento. O escoadouro, deslocado, enterrava-se no lodo. Em que extensão? Era impossível dizê-lo. A escuridão ali era mais densa do que em qualquer outro ponto. Era um buraco de lama numa caverna de trevas.

Jean Valjean sentiu o chão fugir-lhe sob os pés. Ele entrou nessa lama. Era preciso passar. Voltar atrás agora era impossível. Marius estava agonizante, e Jean Valjean sentia-se exausto. Além do mais, para onde poderia ir? Jean Valjean prosseguiu. Ele avançava levantando Marius com os dois braços erguidos acima da água. O lodo chegava agora à altura dos joelhos e a água, à cintura.

O lodo, bastante denso, podia sustentar o peso de um homem, mas não de dois. Jean Valjean continuou a andar, carregando um moribundo que talvez já fosse cadáver.

Ele fez um esforço desesperado e lançou o pé para a frente; o pé topou com um objeto sólido: um ponto de apoio. Já era tempo. Aquele ponto de apoio achado no lodo e no momento supremo era o começo de outra vertente do escoadouro, que cedera sem se destruir e se curvara debaixo da água, como uma tábua.

Era uma verdadeira rampa e Jean Valjean subiu por aquele plano inclinado e chegou ao outro lado do charco. Ao sair da água bateu numa pedra, o que o fez ajoelhar-se. Achou que era justo e assim continuou por algum tempo, com a alma entregue em algum tipo de

oração.

Tornou a se erguer, trêmulo, gelado, infecto, curvado sob o corpo exangue que carregava, escorrendo lama, com a alma cheia de uma estranha claridade.

As vezes se encalha onde se acredita desembarcar

Jean Valjean pôs-se novamente a caminho.

Ele não deixara sua vida no esgoto, mas parecia ter deixado suas forças. Seu cansaço agora era tal que, a cada três ou quatro passos, se via obrigado a tomar fôlego, apoiando-se às paredes. Caminhou desesperadamente, quase depressa, deu uma centena de passos sem levantar a cabeça, quase sem respirar, e de repente esbarrou numa parede.

Bem distante à sua frente, viu uma claridade. Era a luz do sol. Jean Valjean encontrara a saída. Nesse momento, ele não sentiu mais o cansaço, não sentiu mais o peso de Marius, voltou a sentir-se forte; não andou, correu.

Jean Valjean chegara à saída. Ali, parou. Era a porta, mas não podia sair. O arco estava fechado por uma forte grade, presa à ombreira de pedra por meio de uma grande fechadura vermelha de ferrugem. Viam-se o buraco da chave e a grossa lingueta profundamente embutida em seu encaixe de ferro, visivelmente fechada com dupla volta.

Para além da grade, o ar livre, o rio, o dia, a encosta. Ao longe do cais, Paris, o amplo horizonte, a liberdade. Era um dos pontos mais solitários de cidade, a encosta fronteira ao Gros-Caillou. Por entre os varões da grade entravam e saíam as moscas.

Seriam oito e meia da noite.

Jean Valjean pôs Marius no chão, encostado na parede e na parte seca do escoadouro, foi direto à grade e a sacudiu, mas a grade nem se moveu. Sem alavanca, não havia recurso algum. Não havia como abrir aquela porta.

Que fazer? Atravessar de novo todo aquele lodo de onde saíra por um milagre?

Estava acabado. Tudo o que Jean Valjean havia feito tinha sido inútil. Deus recusava-se a ajudá-lo. Ele fugira para terminar numa prisão.

Voltou as costas para a grade e caiu ao chão mais prostrado que sentado, perto de Marius ainda imóvel, descansando a cabeça entre os joelhos. Não poderia sair.

Era a última gota de angústia.

Em quem ele pensava com tanto desespero? Não pensava em si mesmo ou em Marius.

Pensava em Cosette.

A aba do casaco rasgada

Em meio a sua prostração, sentiu pousar uma mão no ombro e ouviu uma voz, falando baixo:

— Meio a meio.

Havia alguém ali naquelas trevas? Mas não ouvira passos!

Levantou os olhos. Havia um homem descalço e segurando os sapatos, certamente para chegar ali sem ser percebido.

Apesar do encontro imprevisto, reconheceu logo Thénardier. Este apertou os olhos, franzindo as sobrancelhas, como quem tenta reconhecer o outro. Não conseguiu, porque Jean Valjean estava tão desfigurado, tão coberto de lama e sangue, que nem mesmo durante o dia seria possível reconhecê-lo.

Contemplaram-se ambos um momento, no meio daquela penumbra, como se estivessem se medindo. Thénardier foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— E como vai fazer para sair daqui?

Jean Valjean não respondeu.

Thénardier continuou:

— Forçar a grade é impossível. Mas como você quer sair, meio a meio então.

— O que quer dizer com isso?

O estalajadeiro apontou para Marius.

— Você não matou esse sujeito sem antes olhar nos bolsos dele? Então me dê a metade e eu lhe dou a chave da grade que eu tenho.

Jean Valjean ficou atônito. Era a Providência aparecendo, o bom anjo surgindo da terra sob a forma de Thénardier. Ele meteu a mão num grande bolso do blusão, mostrou a chave, tirou uma corda e a estendeu para Jean Valjean.

— Tome essa corda, que ainda por cima vou lhe dar. É preciso também uma pedra, mas você a encontrará lá fora. Ali mesmo há um monte de entulho.

— Mas para que...

— Imbecil, já que vai jogar a vítima no rio, precisa de uma pedra e de uma corda, senão isso aí vai boiar.

Thénardier ficou observando Jean Valjean, certamente para ver se o reconhecia, e tentava fazer com que o outro falasse.

— Puxa, colega, não sei como fez para atravessar aquele lodaçal! Eu não me arrisquei. Você não cheira nada bem!

Empurrou-lhe o ombro, procurando vê-lo de perfil, e exclamou, sem sair do meio-tom em que mantinha a voz:

— Por falar em lodaçal, por que não jogou lá o homem?

Jean Valjean não respondeu.

— Bem, vamos fechar o negócio. Você viu a chave, agora me mostre o dinheiro.

Thénardier era perigoso, ladino, covarde, um tanto provocador, mas amigável. Havia ali uma coisa estranha, ele não estava muito à vontade; falava baixo, embora só houvesse eles dois ali. Jean Valjean pensou que talvez outros bandidos estivessem escondidos e o homem não quisesse dividir com eles. Ou alguém estivesse perseguindo o estalajadeiro.

Thénardier falou:

— Acabemos com isso. Quanto tinha a vítima na carteira?

Jean Valjean revistou os próprios bolsos. Não tinha senão algumas moedas no bolso do colete. Não chegavam a trinta francos. Revirou os bolsos cheios de lama e espalhou pelo chão um luís de ouro, duas moedas de cinco francos e cinco ou seis moedas de dez cêntimos em bronze.

Thénardier achou pouco e foi apalpar o casaco de Marius. Sem que Jean Valjean percebesse, arrancou um pedaço de aba do casaco, escondendo-o na própria roupa, pensando que esse pedaço de pano poderia servir-lhe mais tarde para reconhecer a vítima e o assassino. Ali, não encontrou nada mais que os trinta francos.

E, esquecendo-se da expressão meio a meio, pegou tudo. Feito isso, tirou novamente a chave que escondera no blusão.

— É hora de ir embora.

Thénardier ajudou Jean Valjean a recolocar Marius sobre os ombros, meteu a chave na fechadura, entreabriu a porta o suficiente para que Jean Valjean passasse, tornou a fechá-la, e voltou a mergulhar na escuridão do esgoto, sem fazer mais ruído que um sopro.

Jean Valjean estava fora.

Marius parecia morto a quem olhasse

Estavam livres!

Os miasmas, a escuridão e o horror ficaram para trás. O crepúsculo desdobrava sobre a cabeça de Jean Valjean todas as doçuras do infinito. Ele ficou um pouco respirando aquele ar puro.

Em seguida, com um movimento rápido, como se lhe voltasse a consciência do dever, curvou-se sobre Marius e, pegando um pouco de água do rio com as mãos em concha, borrifou-lhe no rosto. As pálpebras do rapaz continuaram fechadas, porém a sua boca entreaberta respirava.

Quando Jean Valjean ia mergulhar outra vez a mão no rio, sentiu essa espécie de sobressalto que nos acomete quando sentimos alguém por trás de nós.

Voltou-se.

Um homem alto, numa longa sobrecasaca, de braços cruzados, segurando na mão direita um cassete do qual se via o castão de chumbo, estava de pé, alguns passos atrás de Jean Valjean, inclinado sobre Marius.

Valjean reconheceu Javert.

Era ele quem seguia Thénardier. Depois que saíra da barricada, fora até a Chefatura de Polícia, fizera seu relatório verbal ao próprio prefeito, e depois retomara o serviço, que era a vigilância da margem direita do Sena. Lá, vira Thénardier e o seguira.

Mas Thénardier sentia que Javert estava ali, do lado de fora da grade. A polícia ficaria satisfeita ao ver um assassino, e assim, colocando Jean Valjean em seu lugar, dava uma

presa à polícia, que iria abandonar a sua pista.

Javert não reconheceu Jean Valjean, que, como dissemos, estava irreconhecível.

— Quem é o senhor? — perguntou ele.

— Jean Valjean.

O olhar de Javert era terrível. Curvou o corpo, encarou o outro e finalmente o reconheceu.

— Inspetor Javert — disse Jean Valjean —, estou em seu poder. Aliás, desde esta manhã me considero seu prisioneiro. Prenda-me.

Porém peço-lhe uma coisa.

— Que faz aqui? Quem é esse homem?

Jean Valjean respondeu, e o som da sua voz pareceu despertar Javert:

— É sobre ele que queria lhe falar. Ajude-me a levá-lo para casa. É só o que lhe peço.

O rosto de Javert se contraiu, como em todas as vezes que se mostrava capaz de fazer uma concessão. Contudo, não disse não.

Tirou o lenço do bolso e, depois de mergulhar o tecido na água, limpou o rosto ensanguentado de Marius.

— Este homem estava na barricada — disse ele à meia-voz e como falando consigo mesmo. — É o tal a quem chamavam de Marius. Então o senhor o carregou das barricadas até aqui?

Jean Valjean parecia ter um pensamento único. Replicou:

— Ele mora no Marais, rua des Filles-du-Calvaire, na casa do avô... Não me lembro do nome.

Jean Valjean tirou a caderneta de Marius do casaco dele, abriu na página em que Marius escrevera e a estendeu para Javert.

Javert leu as poucas linhas e murmurou:

— Gillenormand, rua des Filles-du-Calvaire, número 6. Cocheiro!

Havia um fiacre à espera para alguma emergência.

Um momento depois, o cocheiro fustigava os cavalos. Silêncio completo no fiacre. Marius, imóvel, encostado no fundo da carruagem, parecia não esperar mais que um esquite. Jean Valjean parecia feito de sombra, Javert, de pedra; e naquela carruagem o acaso reunira lugubrememente aquelas três imobilidades trágicas: o cadáver, o espectro, a estátua.

A volta do filho pródigo

Era noite fechada quando o carro chegou ao número 6 da rua des Filles-du-Calvaire. Javert desceu primeiro e bateu violentamente na porta. O porteiro apareceu cambaleando, meio dormindo, com uma vela na mão. Todos na casa dormiam. Dorme-se cedo no

Marais, sobretudo nos dias de revolta.

— Alguém aqui se chama Gillenormand? — indagou Javert, autoritário.

— Sim, senhor, o que deseja?

— Entregar o filho que morreu.

Jean Valjean, que vinha esfarrapado e sujo atrás de Javert, carregando Marius, e que o porteiro olhava com horror, fez-lhe um sinal negativo com a cabeça. O porteiro parecia não compreender as palavras de Javert nem o sinal de Jean Valjean.

Javert continuou:

— Ele estava nas barricadas e deixou-se matar. Vá chamar o pai.

O porteiro limitou-se a acordar Basco. Basco acordou Nicolette; Nicolette acordou a senhorita Gillenormand. Quanto ao avô, deixaram-no dormir, pensando que ele logo estaria informado de tudo.

Transportaram Marius para o primeiro andar, e deitaram-no num velho canapé na antessala de Gillenormand. Enquanto buscavam um médico e Nicolette tirava panos de linho de dentro dos armários, Jean Valjean sentiu que Javert lhe punha a mão no ombro.

Compreendeu e saiu imediatamente, seguido por Javert. Entraram no fiacre e Jean Valjean pediu outro favor.

— Qual? — perguntou Javert com aspereza.

— Deixe-me voltar por um instante à minha casa. Depois pode fazer de mim o que quiser.

Javert ficou calado por alguns segundos, com o queixo escondido na gola da sobrecasaca; depois abaixou o vidro da carruagem.

— Cocheiro, rua de l’Homme-Armé, número 7.

Abalo no absoluto

Jean Valjean queria acabar o que havia começado, avisar Cosette de onde estava Marius e, quanto a si mesmo, estava tudo acabado; tinha sido agarrado por Javert sem opor resistência.

À entrada da rua de l’Homme-Armé, o fiacre parou, pois a rua era estreita demais e não dava passagem para veículos. Javert e Jean Valjean desceram. Javert pagou o cocheiro e o dispensou.

Jean Valjean supôs que a intenção de Javert era conduzi-lo a pé ao posto de polícia em Blancs-Manteaux ou ao dos Arquivos, que ficam próximos.

Entraram na rua, que se achava deserta, como de costume. Jean Valjean ia adiante. Chegaram ao número 7. Ele bateu e a porta se abriu.

— Está bem — disse Javert. — Suba.

E acrescentou com estranha expressão e como se fizesse um esforço para falar:

— Eu espero aqui.

Jean Valjean fitou os olhos em Javert. Aquele modo de agir era estranho. Pensou que Javert agora confiava nele, a confiança do gato que concede ao rato uma liberdade ao alcance de suas garras. Empurrou a porta, entrou na casa e parou.

O lampião da rua, bem em frente da casa, iluminava um pouco os degraus, e Jean Valjean olhou pela janela que estava aberta.

A rua era curta e o lampião a iluminava de uma extremidade a outra. Jean Valjean ficou espantado: não havia mais ninguém ali.

Javert tinha ido embora.

O avô

O médico já havia chegado. A senhorita Gillenormand já estava de pé. Ela ia e vinha, assustada, juntando as mãos, incapaz de fazer outra coisa senão dizer: “Misericórdia, meu Deus”. Outras vezes dizia: “Tudo vai ficar manchado de sangue!”. Passado o primeiro susto, veio-lhe à mente certa filosofia da situação, traduzida por esta exclamação: “Isso tinha de acabar assim!”.

O médico examinou o rapaz e, depois de ter constatado que o pulso persistia, que o ferido não tinha nenhum ferimento profundo e que o sangue da boca provinha das fossas nasais, fez com que o deitassem na cama a fim de facilitar a respiração.

Marius não tinha lesão interna; uma bala, amortecida pela carteira, resvalara ao longo das costelas, fazendo um rasgão pouco profundo e, por consequência, sem perigo. Os braços estavam cheios de feridas de sabre. Da cintura para baixo, o corpo, protegido pela barricada, não sofrera nada.

No momento em que o médico enxugava o rosto do ferido, que acabara de limpar, e lhe tocava de leve as pálpebras, que continuavam fechadas, abriu-se uma porta no fundo da sala e surgiu um vulto esguio e pálido. Era o avô.

Parado na porta, com uma das mãos no trinco, a cabeça trêmula um pouco inclinada para diante, vestido com um roupão branco, com ar espantado, ele parecia um fantasma olhando para o túmulo. Ao avistar na cama aquele rapaz coberto de sangue, com o rosto branco como cera, os olhos fechados, crivado de feridas, Gillenormand sentiu um estremecimento. Os braços caíram desfalecidos, os joelhos se curvaram e ele murmurou:

— Marius! Ele morreu! Ah! Bandido! Deixou-se matar nas barricadas! Só por raiva de mim! Foi contra mim que ele fez isso! É assim que volta para casa!

Em seguida, foi a uma janela, abriu-a de par em par e, em pé diante da escuridão, começou a falar por entre as trevas da noite:

— Tratante! Aparecer-me aqui neste estado! Cheio de feridas, degolado, retalhado, feito em postas! Ele bem sabia que eu o esperava, que tinha mandado preparar o quarto e

posto à cabeceira da minha cama o retrato, dele quando era pequeno! Bem sabia que, se não voltasse, era porque não queria, porque eu havia muitos anos que eu o esperava e passava as noites diante da lareira, sem saber o que havia de fazer! Você bem sabia disso; bastava você voltar e dizer: sou eu, para ser o dono da casa; que eu lhe obedeceria e você poderia fazer o que quisesse do seu imprestável avô! Foi para isso que eu fui acordar!

O médico saiu do lado de Marius e dirigiu-se para o senhor Gillenormand:

— Obrigado, senhor — disse o avô. — Estou tranquilo, sou um velho e presenciei muitas mortes na minha vida, e eu também vou morrer... É um bobo, quantas vagabundas não dariam tudo para uma noite com ele? Pois bem, na verdade, tanto melhor; é o que eu esperava; isso vai me matar depressa. Sou muito velho, tenho 100 anos, tenho 100 mil anos, há muito tempo que tenho o direito de estar morto. Desta vez, tudo está acabado. Vá-se embora, ele está morto, bem morto.

Neste momento, Marius abriu vagarosamente as pálpebras, e o seu olhar, ainda embaciado pelo pasmo letárgico, fitou-se em Gillenormand.

— Marius! — bradou o ancião. — Marius! Meu pequeno Marius! Meu filho! Meu querido filho! Você abriu os olhos, você olha para mim, está vivo! Obrigado!

E caiu sem sentidos.

JAVERT SEM RUMO

I

Javert afastara-se a passos lentos da rua de l'Homme-Armé. Pela primeira vez na vida, caminhava de cabeça baixa, e também, pela primeira vez na vida, com as mãos atrás das costas. Toda a sua pessoa, lenta e triste, demonstrava ansiedade.

Tomou o caminho mais curto para o Sena, em direção aos cais dos Olmos, até o ponto do rio que é temido pelos navegantes.

Nada mais perigoso do que aquela torrente, onde a água corre com muita velocidade por baixo dos arcos, as vigas forçando os pilares das pontes, como se tentassem arrancá-los com grossas cordas líquidas. Quem ali cai nunca mais torna a aparecer; os melhores nadadores ali se afogam.

Javert firmou os cotovelos no parapeito, apoiou o queixo entre as mãos afagando as espessas suíças, e mergulhou em profunda meditação. Uma novidade, uma revolução, uma catástrofe, acabava de se dar nele; por isso era necessário que se examinasse.

Javert sofria dolorosamente.

Havia duas horas que ele perdera a sua habitual serenidade. Estava perturbado; aquele cérebro, tão límpido, havia perdido a sua transparência. Ele sentia na sua consciência a transgressão de um dever e não podia dissimular isso a si próprio. Quando tão de repente se encontrara com Jean Valjean na ribanceira do Sena, experimentara um sentimento semelhante ao do lobo que volta a apoderar-se da presa. Via abertos diante de si dois caminhos, ambos retos, mas eram dois, e essa vista amedrontava-o, porque ele nunca na sua vida conhecera senão uma única linha reta.

Mas angústia pungente! Esses dois caminhos eram opostos! Qualquer dessas duas linhas retas excluía a outra. Qual delas era a verdadeira?

O que o assustava era dever a vida a um malfeitor; aceitar essa dívida e pagá-la; estar no mesmo nível de um foragido da polícia e pagar-lhe um favor com outro. Uma coisa o espantava: Jean Valjean ter-lhe poupado a vida; e outra coisa o petrificava: ele, Javert, deixar Jean Valjean em liberdade.

Onde estava ele? Procurava a si mesmo e não se encontrava. Que fazer agora? Entregar Jean Valjean não era justo; deixá-lo livre também não era justo.

No primeiro caso, o agente da autoridade caía mais baixo que o foragido; no segundo caso, um foragido subia mais alto que a lei e a pisava. Em ambos os casos, era uma desonra para ele, Javert. Em todas as resoluções que tomasse havia uma falta.

Ele estava sendo constrangido a pensar. Pensar, sobre qualquer assunto fora do círculo estreito de suas funções, seria para ele uma inutilidade e uma fadiga; mas o pensamento sobre o dia que acabava de passar era uma tortura.

O que acabara de fazer lhe causava calafrios. Ele, Javert, achara bom permitir, contra todos os regulamentos da polícia, a liberdade de um criminoso; assim lhe conviera; substituíra seus próprios interesses aos interesses públicos; não era inqualificável? Cada vez que se punha diante da ação sem nome que havia cometido, tremia da cabeça aos pés.

Mas que fazer? Voltar e prender Jean Valjean? Era evidente que essa era a única resolução acertada. Mas sentia-se incapaz de tomá-la.

Alguma coisa barrava seu caminho por esse lado. No mundo pode haver algo mais que tribunais, sentenças executórias, polícia, autoridade?

Jean Valjean, mais forte que toda a ordem social, estava em liberdade, e ele, Javert, continuaria a comer o pão do governo! Pouco a pouco, seu delírio ia se tornando terrível. No meio de tudo isto, pudera também acusar-se do modo como procedera com o insurgente que fizera transportar até em casa. A falta maior fazia esquecer a menor.

Além disso, o insurgente era, evidentemente, um homem morto, e, legalmente, a morte suprime qualquer procedimento da Justiça.

Jean Valjean, esse é que era o seu pesadelo.

Jean Valjean o desconcertava.

O senhor Madeleine reaparecia por trás de Jean Valjean, e ambos se sobrepunham de modo a se identificarem como algo venerável. Javert percebia que sua alma se via tomada por um sentimento horrível: a admiração por um forçado. O respeito por um criminoso; seria isso possível? Tremia, e não conseguia eliminar essa admiração.

Um criminoso magnânimo, um forçado compassivo, afável, caridoso, clemente, pagando o mal com o bem, dando perdão em troca de ódio, preferindo a piedade à vingança, achando melhor perder-se do que perder o próprio inimigo. Javert via-se constrangido a acreditar que esse monstro existia.

Isso não podia continuar assim.

Javert pensara em entregar esse criminoso à Justiça; teve vontade de agir, de prendê-lo, mas, como agora, não foi capaz de fazê-lo; cada vez que sua mão se levantara convulsivamente para agarrar Jean Valjean pelo pescoço, sua mão, como que sob um peso enorme, voltava a cair.

Sua suprema angústia era o desaparecimento da certeza. Sentia-se desenraizado. O código não passava agora de uma coisa inútil em suas mãos. Todo um mundo novo se revelava à sua alma: o benefício recebido e retribuído, o devotamento, a misericórdia, a indulgência, as violências feitas pela piedade à austeridade, nada de condenações definitivas, a possibilidade de uma lágrima nos olhos da lei, certa justiça de acordo com Deus.

Ele percebia nas trevas o terrível nascer de um sol moral desconhecido; sentia-se horrorizado e deslumbrado.

Convencia-se de que havia exceções, que a autoridade podia ser confundida, que nem tudo se ajustava no texto do código que havia casos imprevistos a que era forçoso obedecer. Via-se na necessidade de confessar que a bondade existia. Aquele forçado tinha

sido bom. E até ele, coisa maravilhosa!, acabava de dar uma prova de bondade. Portanto, depravara-se.

Sentia horror de si mesmo. O ideal para Javert não consistia em ser humano, em ser grande, em ser sublime; consistia em ser irrepreensível. Mas acabava de falhar. Como chegara a isso? Perguntava-se: “Esse forçado, esse desesperado que persegui incessantemente e que me teve debaixo dos pés, podendo então vingar-se, o que devia mesmo fazer, não só por ódio mas também para sua segurança, que fez ele em me poupar a vida? O seu dever? Não. E eu em lhe perdoar, o que fiz? O meu dever? Não”.

Existe então alguma coisa acima do dever.

Esse novo chefe, Deus, o deixava perturbado. Agora devia ser outro homem. Sentia-se vazio, inútil, deslocado de sua vida passada, não tinha mais razão de ser. Via-se obrigado a confessar isto: a infalibilidade não é infalível, o dogma pode conter erros, o código não é completo, a sociedade não é perfeita, a autoridade pode vacilar, um desacordo no imutável é possível, os juízes são homens, a lei pode enganar-se, os tribunais podem errar!

Javert deixou o parapeito de cabeça erguida, dirigiu-se com passo firme para o posto indicado por um lampião a uma das esquinas da praça do Chatelet. Entrou e disse como se chamava. Então, sentou-se, mostrou sua nomeação aos guardas, pegou uma folha de papel e pena e escreveu:

“Algumas observações para o bom andamento do serviço.

Primeiro: peça a atenção do senhor Chefe de Polícia para isto.

Segundo: os presos, ao chegarem dos interrogatórios, tiram os sapatos e ficam de pés descalços no chão frio enquanto são revistados. Muitos, ao voltar à prisão, tosseem, o que acarreta despesas hospitalares.

Terceiro: a vigilância é boa, com a substituição de agentes de distância em distância, mas seria necessário que, nas ocasiões importantes, pelo menos dois agentes não se percam de vista, para que, se, por uma razão qualquer, um deles venha a falhar, o outro assuma o lugar.

Quarto: não se explica por que o regulamento especial da prisão das Madelonnettes proíbe ao prisioneiro a posse de uma cadeira, mesmo pagando por ela.

Quinto: nas Madelonnettes não há senão duas barras de ferro na cantina, o que permite que a cantineira toque os detentos.

Sexto: os detentos chamados gritadores, porque chamam os outros presos ao locutório, cobram dois soldos de cada prisioneiro para gritar-lhe o nome. É um roubo.

Sétimo: por um fio corrido, cobram-se dez soldos ao prisioneiro na oficina dos tecelões; é um abuso do empreiteiro, pois o tecido nem por isso é pior.

Oitavo: é inconveniente que os visitantes da Force tenham de atravessar o pátio dos detentos para chegar ao locutório de Santa Maria Egípcíaca.

Nono: é sabido que se ouvem todos os dias os guardas descrevendo no pátio da Chefatura de Polícia os interrogatórios dos acusados. Um guarda, que deveria ser pessoa sagrada, repetindo o que ouviu no gabinete de instruções, comete falta grave.

Décimo: Mme. Henry é uma mulher honesta; sua cantina é muito asseada; mas não é bom que uma mulher possua a chave das solitárias. Isso não é digno da prisão de uma grande civilização”.

Javert escreveu essas linhas com a caligrafia mais calma e mais correta, sem omitir uma vírgula, fazendo ranger o papel sob a pena. Abaixo da última linha, assinou:

“Javert

Inspetor de 1ª classe

Posto da Praça du Châtelet

7 de junho de 1832, mais ou menos à uma hora da manhã”.

Secou a tinta fresca com o mata-borrão, dobrou o papel como se fosse uma carta, fechou-o e escreveu na parte de fora: “Notas para a administração”. Deixou-o em cima da mesa e saiu. A porta gradeada e envidraçada fechou-se atrás dele.

Atravessou de novo a praça, chegou ao cais e voltou com precisão ao ponto exato que abandonara um quarto de hora antes, encostando-se na mesma atitude sobre a mesma pedra do parapeito. Parecia não ter saído dali.

A escuridão era completa. Um teto de nuvens escondia as estrelas. Não se via nenhum transeunte pelas ruas.

As chuvas tinham engrossado o leito do rio. O local em que Javert se encontrava ficava exatamente por cima das corredeiras do Sena, era a temível espiral de turbilhões que se ata e se desata como um redemoinho sem fim.

Javert inclinou-se e olhou. Tudo estava escuro. Nada se podia distinguir. Ouvia-se o ruído da água, mas não se via o rio. Um hálito selvagem subia daquele abismo.

Ele ficou imóvel por alguns instantes, olhando aquela abertura de trevas; contemplava o invisível com uma fixidez que se assemelhava à atenção. De repente, tirou o chapéu e o colocou sobre o parapeito. Um momento depois, uma silhueta alta e escura, que de longe algum transeunte notívago poderia tomar por um fantasma, apareceu de pé sobre o parapeito, curvou-se para o Sena, tornou a se erguer e caiu pesadamente nas trevas.

Ouviu-se um rumor surdo, e só a escuridão soube das convulsões daquela forma escura que desaparecia no seio das águas.

O NETO E O AVÔ

Aparece novamente a árvore com a chapa de zinco

O senhor Boulatruelle era um homem que se ocupava com coisas misteriosas e diversas. Britava pedras e assaltava os viajantes da estrada. Esse ladrão tinha um sonho: acreditava nos tesouros escondidos na floresta de Montfermeil. Esperava algum dia encontrar dinheiro enterrado ao pé de uma árvore e, enquanto esperava, buscava-o no bolso de quem passava por ali.

Ele fora apanhado com os outros bandidos quando a polícia invadiu o quarto de Jondrette, e nunca se soube, pelo fato de se encontrar embriagado na ocasião, se ele estava lá como ladrão ou como vítima. Uma ordem, baseada em seu estado de embriaguez na noite da cilada, pusera-o em liberdade. Estava solto.

Voltara aos bosques e à estrada para pavimentá-la e estava sempre um tanto indiferente para o roubo que quase o desgraçara, voltando-se, porém, com mais avidez para o vinho, que o salvara.

Certa manhã, Boulatruelle, dirigindo-se como de hábito ao trabalho pouco antes do nascer do sol, percebeu no meio do mato um homem de costas voltadas para ele, cujo aspecto não lhe era de todo desconhecido.

— Onde diabos vi esse homem? — perguntou a si mesmo.

O desconhecido não era da região. Chegara, evidentemente, a pé. Nenhuma carruagem pública passava àquela hora. De onde vinha? Não de muito longe, pois não levava nem alforje nem pacotes. De Paris, sem dúvida. Por que estava naquele bosque, àquela hora? Que viera fazer?

E lembrou-se do tesouro.

À força de investigar na memória, recordou-se de ter tido, muitos anos antes, igual suspeita acerca de um homem, que podia ser, talvez, aquele mesmo. Enquanto assim meditava, curvara a cabeça sob o peso da própria meditação; coisa natural, mas pouco hábil. Quando tornou a erguê-la, já não viu ninguém.

O homem desaparecera na mata e no crepúsculo.

— Diabos! Hei de achá-lo desta vez. Não há segredo no meu bosque que eu desconheça.

Depois de ter dado uma centena de passos, o sol, que já se levantava, o ajudou. Pegadas recentes na areia, aqui e ali, relva pisada, indicaram-lhe uma pista. Seguiu-a, mas depois a perdeu de vista. O tempo passava.

Explorando os arredores do lado em que o bosque é mais selvagem, Boulatruelle avistou, de repente, o homem. Apenas o viu, perdeu-o de vista.

O homem deslizou para o interior de uma clareira bastante afastada, disfarçada por grandes árvores, mas que Boulatruelle conhecia muito bem, por ter notado ali, perto de um monte de pedras, um castanheiro doente tratado com uma chapa de zinco pregada na própria cortiça.

O famoso e tão sonhado tesouro provavelmente estava ali. Mas não era tão simples chegar até lá, naquela mata tão intrincada. Teve que lidar com azevinhos, urtigas, roseiras silvestres, cardos e toda sorte de espinheiros muito agressivos. Estava todo arranhado. Ao fim de quarenta minutos, chegou à clareira que buscava, suado, molhado, feroz.

Não havia ninguém na clareira.

Boulatruelle foi logo direto ao monte de pedras. Continuava no mesmo lugar. Ninguém o tocara. Quanto ao homem, desaparecera na floresta. Fugira. Para onde? De que lado? Impossível adivinhar.

E para o cúmulo de sua angústia, entre a árvore com a chapa de zinco e o monte de pedras, via-se terra removida havia pouco, uma picareta abandonada e um buraco. O buraco estava vazio.

— Ladrão! — gritou Boulatruelle, levantando para o ar os punhos cerrados.

Marius, saindo da guerra civil, prepara-se para a guerra doméstica

Marius esteve por muito tempo entre a vida e a morte. Durante várias semanas, sentiu febre acompanhada de delírio e de sintomas cerebrais bastante graves, causados mais pelo choque dos ferimentos na cabeça do que pelos próprios ferimentos.

Ele repetiu o nome de Cosette durante noites inteiras, com a loquacidade lúgubre da febre e a sombria obstinação da agonia. Não foi sem custo que as loções cloretadas e o nitrato de prata conseguiram vencer a gangrena. Enquanto continuou o perigo, o senhor Gillenormand, desesperado à cabeceira do neto, como ele esteve entre a vida e a morte.

Todos os dias — e algumas ocasiões duas vezes ao dia — vinha saber do ferido um sujeito de cabelos brancos e bem trajado — tal era a descrição dada pelo porteiro —, que ia embora deixando sempre um grande pacote de ataduras para curativo do enfermo.

Finalmente, a 7 de setembro, quatro meses depois da dolorosa noite em que o trouxeram moribundo para casa de seu avô, o médico declarou que estava salvo. Principiou então a convalescença.

No dia em que o médico lhe anunciou que Marius estava fora de perigo, o bom velho delirou de alegria. Deu três luíses de gratificação ao porteiro. À noite, voltando para o quarto, dançou tocando castanholas com os dedos.

Quando a Marius, enquanto se deixava medicar, tinha uma única ideia fixa: Cosette. Desde que a febre e o delírio o tinham abandonado não lhe pronunciara mais o nome, quase como se o tivesse esquecido. Calava-se precisamente porque nele estava toda a sua alma.

Marius não sabia o que era feito de Cosette; as cenas da rua de Chanvrière eram confusas em sua memória. Eponine, Gavroche, Mabeuf, os Thénardier, todos os seus amigos misturados à fumaça da barricada, a estranha aparição de Fauchelevent no meio daquela sanguinolenta aventura, tudo lhe parecia um enigma no meio de uma tempestade; não compreendia nada da sua própria vida, não sabia como nem por quem tinha sido salvo, e nenhum dos que o rodeavam sabia responder. Tudo o que lhe disseram foi que havia sido transportado de noite num carro para a casa do avô. E passado, presente, futuro, tudo isso ele via como uma ideia vaga. Mas havia um ponto claro e límpido, como vulto de granito, uma resolução, uma vontade — saber onde estava Cosette.

Depois, à medida que ia voltando à vida, reapareciam os antigos problemas, reabriam-se as velhas úlceras da memória, voltava a pensar no passado; o coronel Pontmercy colocava-se entre o senhor Gillenormand e ele, Marius, e convencia-se de que não podia esperar nenhuma bondade de quem tinha sido tão injusto e duro com seu pai. E, com a saúde, voltava-lhe uma espécie de aspereza para com o avô. O velho sofria resignadamente.

Como quase sempre acontece em casos semelhantes, Marius armou escaramuças antes de travar a batalha. Chama-se a isso reconhecer o terreno. Aconteceu uma manhã que o senhor Gillenormand, a propósito de um jornal que lhe caíra às mãos, falara ligeiramente da Convenção, citando um epifonema realista contra Danton, Saint-Just e Robespierre.

— Os homens de 93 eram gigantes — disse Marius com severidade. O velho calou-se e não disse mais nada pelo resto do dia.

Marius achava que aquele silêncio era sinal de que o avô continuava inflexível. E decidiu que, em caso de recusa, arrancaria os aparelhos, deslocaria a clavícula, poria a nu as feridas que ainda lhe restavam e recusaria todo e qualquer alimento. Era ter Cosette ou a morte!

Marius ataca

Um dia, o senhor Gillenormand inclinou-se para Marius e disse com a expressão mais terna:

— Marius, eu, no seu lugar, comeria mais carne do que peixe. Um linguado frito é excelente para começar uma convalescença; mas, para pôr o doente de pé, só mesmo uma boa costeleta.

Marius, quase restabelecido por completo, encarou o avô, assumiu uma expressão terrível e disse:

— Eu quero me casar.

— Ora, eu concordo ! — disse o avô. E desatou a rir.

— Como? Concorde?

— Sim, você terá sua garota.

Marius, admirado e vencido pelo assombro, estremeceu.

O avô Gillenormand continuou:

— Sim, você a terá, aquela sua linda garotinha. Ela vem todos os dias na forma de um velho cavalheiro para perguntar por você. Desde que você foi ferido, ela passou o tempo chorando e fazendo atadura. Eu fiz perguntas. Ela mora na rua de l'Homme Armé, nº 7. Ah! Aí está! Ah! Então você a quer! Bem, você a terá. Você arranjou sua pequena conspiração e disse a si mesmo:

— Vou mostrar isso diretamente para meu avô, para aquela múmia da Regência e do Diretório, para ele que se entregou a suas frivolidades também, ele que teve seus casos de amor, e suas Grisettes e suas Cosettes. Ah! você esperava uma discussão, porque não sabia que sou um velho covarde! O que me diz agora de tudo isso? Está com raiva, hein? Ter que rasgar seu discurso, por essa você não esperava! Escute. Já tomei informações, eu também sou matreiro; ela é encantadora, inteligente, o lanceiro não existe, ela fez montes de ataduras, adora você; se você morresse, seríamos três; o caixão dela acompanharia o meu. Desde que você foi ferido, tive a ideia de trazê-la sem mais nem menos à sua cabeceira, mas somente nos romances é que se trazem meninas apaixonadas ao lado do leito dos rapazes feridos que as interessam. Isso não se faz. O que teria dito a sua tia? E, depois, o que diria o médico? Uma menina bonita não faz passar a febre... Enfim, está bem, está dito, está feito, negócio fechado, fique com ela. Eu não desejo nada melhor. Faça-me a gentileza de se casar. Seja feliz, meu querido filho!

Dizendo isso, o velho rompeu em soluços.

— Meu pai! — exclamou Marius.

— Ah! Então você me quer bem! — disse o velho.

Ambos se sentiam sufocados pela emoção. Enfim, o velho balbuciou:

— Vamos! Está tudo resolvido. Ele me chamou de pai.

— Meu pai, agora que já estou bom, penso que poderia vê-la.

— Também isso já foi previsto; você a verá amanhã.

— Meu pai! Por que não hoje?

— Está bem, hoje. Já me chamou três vezes de “meu pai”, e você bem o merece.

A senhorita Gillenormand concorda que o senhor Fauchelevent entre com algo debaixo do braço

Cosette e Marius tornaram a se ver.

Ela estava encantada, extasiada, assustada, no céu. Estava tão amedrontada quanto pode estar uma pessoa feliz. Balbuciava, ora pálida, ora corada, com vontade de lançar-se aos braços de Marius sem ousar fazer isso, com vergonha de amar diante de toda aquela gente.

Acompanhando Cosette, entrara um homem de cabelos brancos, grave, embora sorrisse de um modo triste e vago. Era o senhor Fauchelevent; era Jean Valjean.

Ele ficou afastado, perto da porta, e trazia debaixo do braço um pacote envolto em papel. O papel era esverdeado e parecia bolorento.

O senhor Gillenormand saudou o recém-chegado em voz alta:

— Senhor Trachevent...

O velho Gillenormand não o fez de propósito, mas a falta de atenção aos nomes próprios era para ele um costume aristocrático.

— Senhor Trachevent, tenho a honra de pedir para o meu neto, o senhor barão Marius Pontmercy, a mão da senhorita.

O “Senhor Trachevent” inclinou-se.

— Está feito — disse o avô.

E, voltando-se para Marius e Cosette, com os dois braços estendidos, exclamou, abençoando-os:

— Têm permissão para se adorarem.

Os dois não esperaram que se dissesse duas vezes. O arrulho começou imediatamente. Falavam baixinho, Marius recostado no sofá, Cosette de pé, a seu lado, murmurando:

— Oh, Deus! É você! Ir combater dessa maneira! Mas por quê? Que coisa horrível! Oh!, que maldade ir combater assim! Eu lhe perdoo, mas não faça mais. Há pouco, quando nos avisaram para vir, pensei que ia morrer, mas de alegria. Eu estava tão triste! Não tive tempo para me vestir; devo estar horrível. Mas fale! Você me deixa falando sozinha! Moramos ainda na rua de l’Homme-Armé. Parece-me que o seu ombro estava mal, que lhe cortaram as carnes com tesouras. Que coisa horrível! O seu avô parece tão bom. Não se mova, não se apoie assim nos cotovelos, cuidado que você se machuca. Mas eu sou mesmo muito boba. Eu queria dizer tanta coisa que não sei mais. Você ainda gosta de mim? Ainda moramos na rua de l’Homme-Armé. Estive todo o tempo preparando ataduras. Veja, por sua culpa, tenho um calo no dedo.

— Anjo! — disse Marius.

Tia Gillenormand assistia com espanto àquela irrupção de luz em seu interior envelhecido. Esse espanto nada tinha de agressivo; era o olhar admirado de uma pobre inocente de 57 anos; era a velhice contemplando aquele triunfo, o amor.

— Contemple a felicidade dos outros — disse o velho para a filha. Então, voltou-se para o neto.

— Você não tinha um amigo íntimo?

— Tinha, Courfeyrac. Morreu.

— Isso foi bom.

Sentou-se ao lado deles, mandou que Cosette se sentasse e tomou-lhes as mãos entre suas velhas mãos enrugadas:

— É uma obra-prima esta Cosette! É tão novinha e tão senhora. Só agora é que me

lembro: mais da metade do que eu possuo é renda vitalícia; enquanto eu viver, tudo irá menos mal; mas depois de minha morte, daqui a uns vinte anos, meus pobres filhos, vocês ficarão sem dinheiro! Essas lindas mãozinhas brancas, senhora baronesa, terão de suar para ganhar a vida.

Ouviu-se então uma voz grave e tranquila que dizia:

— A senhorita Eufrásia Fauchelevent possui seiscentos mil francos.

Era a voz de Jean Valjean. Ele ainda não havia pronunciado uma palavra; ninguém mesmo parecia lembrar-se de que ele estava ali.

— Seiscentos mil francos? — replicou o senhor Gillenormand. — Isso soluciona muitos problemas, não é, senhorita Gillenormand? Esse diabo de Marius desencantou na árvore dos sonhos uma mocinha milionária!

Quanto a Marius e Cosette, entretidos como estavam em se contemplarem, não pareciam preocupados com esse detalhe.

Deposite seu dinheiro numa floresta

Jean Valjean, depois do caso Champmathieu, conseguira, graças à primeira fuga de alguns dias, chegar a Paris e retirar do banco Laffitte a soma por ele economizada, sob o nome de senhor Madeleine, em Montreuil-sur-Mer. Temendo ser preso novamente, o que realmente aconteceu pouco tempo depois, escondera essa soma no bosque de Montfermeil, na clareira.

A quantia, seiscentos mil francos, toda em notas do banco, estava fechada numa caixa; porém, para preservá-la da umidade, colocara-a dentro de um cofre de carvalho cheio de aparas de castanheiro.

Cada vez que precisava de dinheiro, ia buscá-lo na clareira. Essa a razão das ausências de que já falamos. Quando soube da convalescença de Marius, acreditou que aquela seria a hora em que o dinheiro seria útil. Era ele quem Boulatruelle vira no interior do bosque.

Quanto a Javert, sentia-se livre dele, porque tinha lido no jornal que o corpo de um inspetor de polícia chamado Javert fora encontrado sob um barco entre a Ponte au Change e a Ponte Neuf, e que um bilhete deixado por esse homem, aliás irrepreensível e muito estimado pelos superiores, fazia crer num acesso de alienação mental e num suicídio.

— Nisso eu acredito — pensou Jean Valjean. — Ele me tinha nas mãos e me deixou ir livre. Para fazer isso, só mesmo se estivesse louco.

Os dois velhos fazem de tudo para que Cosette seja feliz

Os preparativos para o casamento começaram.

E o velho Gillenormand não se aguentava de felicidade:

— Perfeição de menina! — exclamava sobre Cosette. — E parece tão meiga, tão boa! Ela é a menina mais encantadora que eu vi em toda a minha vida. Marius, meu rapaz, você é barão, é rico, não torne a advogar, eu lhe suplico.

Jean Valjean fez tudo, ajudou tudo, conciliou tudo, tornou tudo mais fácil. Apressava-se para a realização da felicidade de Cosette com tanto mais solicitude e, aparentemente, com tanto mais alegria que a própria Cosette.

Como havia sido prefeito e juiz, soube resolver um problema delicado, cujo segredo somente ele conhecia: o estado civil de Cosette. Arrumou-lhe uma família já extinta. Cosette era o único membro que ainda restava; não era filha dele, mas de outro Fauchelevant. Dois irmãos Fauchelevant haviam sido jardineiros no convento de Petit-Picpus. No convento, as boas religiosas disseram tudo o que se queria e o fizeram com ênfase. Assim, lavrou-se um auto e Cosette tornou-se diante da lei a senhorita Eufrásia Fauchelevant. Foi declarada órfã de pai e mãe e Jean Valjean, nomeado seu tutor.

Quanto aos quase seiscentos mil francos, era um legado deixado a Cosette por uma pessoa já falecida que desejava ficar incógnita; Cosette soube que não era filha daquele bom senhor que por tanto tempo chamara de pai. Ele era apenas um parente; outro Fauchelevant era o seu pai. Mas estava habituada a ver a seu redor tantos enigmas, que continuou a chamar Jean Valjean de pai.

A embriaguez dos namorados não era igualada senão pelo êxtase do avô. E a senhorita Gillenormand contemplava tudo aquilo com sua placidez imperturbável. Havia cinco ou seis meses que ela passava por sucessivos abalos; a volta de Marius, o estado em que ele chegara, o perigo que corra, a sua convalescença, a sua reconciliação com o avô, Marius querendo casar com uma pobretona, casando depois com uma milionária, tudo isso a deixara profundamente impressionada. Depois disso, voltara à sua indiferença. Ia regularmente à missa, sentava-se a um canto a murmurar *Ave-Marias*, enquanto Marius e Cosette, que ela entrevia vagamente como duas sombras, murmuravam seus *I love you*. Ela, porém, é que era a sombra.

O pai fazia tão pouco-caso dela que não a consultara nem lhe pedira o seu consentimento para o casamento de Marius. Realmente revoltada interiormente, mas exteriormente impassível, dissera consigo:

— Meu pai resolveu a questão do casamento sem me consultar; eu resolverei a questão da herança sem o consultar!

Ela era rica e seu pai não era. Por isso reservou essa decisão para si mesma. Se o casamento fosse pobre, pobre o deixaria, provavelmente.

— Pior para meu sobrinho! Casou com uma pobretona, que seja pobretão!

O meio milhão de Cosette, porém, agradou à tia e mudou a situação interior com relação aos noivos. Seiscentos mil francos é uma soma digna de respeito, e era evidente que o seu dever era deixar a sua fortuna àqueles jovens, visto que não precisavam dela.

Ficou combinado que o casal moraria com o avô. O senhor Gillenormand fez questão absoluta de ceder-lhe o quarto, o mais bonito de toda a casa. A biblioteca do senhor Gillenormand transformou-se no escritório de advocacia de que Marius necessitava; o

conselho da ordem exigia um escritório conveniente.

Efeitos do sonho aliado à felicidade

O casal de namorados via-se todos os dias. Cosette chegava na companhia do senhor Fauchelevent. Marius e o senhor Fauchelevent se viam, mas não conversavam. Parecia que tinham convencionado assim. Toda moça tem necessidade de um acompanhante, e Cosette não poderia vir sem o senhor Fauchelevent.

Para Marius, o senhor Fauchelevent era a condição de Cosette. Ele aceitava. Interiormente, bem no fundo do seu pensamento, Marius fazia a si próprio mil perguntas acerca daquele senhor Fauchelevent, que para com ele era simplesmente benévolo e frio. Às vezes duvidava das suas próprias reminiscências. Tinha na memória um ponto negro, um abismo cavado por quatro meses de agonia; abismo em que sumira uma infinidade de coisas, chegando a perguntar a si mesmo se, realmente, tinha visto esse homem na barricada, esse homem de aspecto tão grave e sereno.

Mas não era apenas isso que o incomodava. Todas as cenas vividas na revolta, as mortes dos amigos, ele próprio seria o mesmo homem? Ele, pobre, era agora rico; abandonado, possuía agora uma família; desesperado para morrer, ia se casar com Cosette. Parecia ter passado pelo interior de um túmulo; entrara sombrio, saíra com luminosidade, e os outros lá ficaram.

Em certos momentos, todos aqueles amigos do passado se tornavam presentes, e o cercavam, enchendo-o de tristeza. Então pensava em Cosette e voltava-lhe a serenidade; somente tamanha felicidade seria capaz de apagar tão grande catástrofe.

Marius hesitava em acreditar que o Fauchelevent da barricada fosse o mesmo Fauchelevent em carne e osso, tão circunspecto sentado ao lado de Cosette.

Somente uma vez Marius tentou fazer uma experiência. Desviou o assunto para a rua de la Chanvrière e, voltando-se para o senhor Fauchelevent, lhe perguntou:

— O senhor conhece bem a rua de la Chanvrière.

— Não tenho nenhuma ideia a respeito desse nome — respondeu o senhor Fauchelevent, no tom mais natural do mundo.

A resposta, que se referia ao nome da rua e não da própria rua, pareceu a Marius mais conclusiva do que realmente era.

“Sem dúvida alguma”, pensava ele, “devo ter sonhado. Tive uma alucinação. Era alguém parecido. O senhor Fauchelevent nunca esteve na barricada”.

Dois homens impossíveis de encontrar

O encantamento, por maior que fosse, não apagou outras preocupações da mente de Marius. Enquanto se preparava o casamento, à espera da data marcada, ele determinou que se fizessem escrupulosas e difíceis averiguações.

Tinha uma dívida de gratidão pela parte do pai e por si próprio. Havia Thénardier, e o desconhecido que o levara até a casa do senhor Gillenormand. Marius esforçava-se por encontrar esses dois homens, não querendo casar-se, ser feliz e esquecê-los, temendo que as dívidas não pagas lhe turvassem a vida, agora cheia de luz.

Embora Thénardier fosse um criminoso, nem por isso deixaria de ser o salvador da vida do coronel Pontmercy. Thénardier era um bandido para todo mundo, exceto para Marius.

Nenhum dos diversos agentes de que Marius se servira conseguiu achar a pista de Thénardier. Parecia ter desaparecido por completo. A senhora Thénardier morrera na prisão durante a instrução do processo. Thénardier e sua filha Azelma, os únicos que restavam, tinham novamente mergulhado na sombra.

Com a morte da senhora Thénardier, com Boulatruelle fora do caso, com o desaparecimento de Claquesous, com a fuga da prisão dos principais acusados, o processo da cilada tinha sido praticamente abortado. Thénardier, chefe e instigador do crime, foi condenado à morte. É evidente que essa condenação, fazendo com que o criminoso se ocultasse ainda mais com receio de ser agarrado, aumentava o mistério tenebroso que cobria esse homem.

Quanto ao desconhecido que salvara a vida de Marius, as buscas tiveram a princípio algum resultado. Conseguiu-se identificar o fiacre que levara Marius até a rua des Filles-du-Calvaire na noite de 6 de junho. O cocheiro declarou que no dia 6 de junho, por ordem de um agente de polícia, ele ficara estacionado acima da embocadura do esgoto no cais do Champs-Élysées. Pelas nove da noite, a grade do esgoto se abriu e um homem saiu, carregando nos ombros outro homem, aparentemente morto. A mando do agente, eles foram primeiro para a rua des Filles-du-Calvaire, lá deixando o morto chamado Marius, e em seguida foram até perto da porta dos Arquivos, onde ele foi pago pelo serviço e o agente e o outro homem foram embora a pé.

Esse era o homem que Marius procurava, o homem que o levara pelo esgoto da barricada até Champs-Élysées. O agente de polícia não fizera nenhum relatório sobre a tal prisão. E guardou silêncio. Por qual motivo? Teria morrido, assim como seu misterioso salvador, que nunca dera sinal de vida?

Na esperança de que algum dia lhe pudesse ser útil para suas investigações, Marius mandou conservar a roupa ensanguentada que usava quando o conduziram à casa de seu avô. Ao examinar o casaco, reparou que uma das abas estava rasgada de modo estranho, faltando um pedaço.

Uma noite, Marius falava, diante de Cosette e de Jean Valjean, a respeito das inúmeras informações que havia recebido e da inutilidade de seus esforços.

— Não há dúvida; esse homem, seja lá quem for, foi sublime. Sabe o senhor o que ele fez? Ele interveio como um arcanjo. Foi preciso que se lançasse ao combate, que me carregasse, abrisse o esgoto e me arrastasse até aqui! Com o único desejo de salvar um cadáver, que era eu. Esse homem fez tudo isso sem esperar por nenhuma recompensa. Oh!

Se os seiscentos mil francos de Cosette fossem meus!

— Eles são seus — interrompeu Jean Valjean.

— Bem — continuou Marius —, eu daria tudo isso para encontrar esse homem uma vez mais.

Jean Valjean manteve-se calado.

A NOITE PASSADA EM CLARO

16 de fevereiro de 1833

A noite de 16 para 17 de fevereiro de 1833 foi uma noite abençoada. Foi a noite de núpcias de Marius e de Cosette. O casamento foi feito na casa do senhor Gillenormand.

Na véspera, Jean Valjean, na presença do senhor Gillenormand, entregara a Marius os quase seiscentos mil francos. Como o casamento era celebrado no regime de comunhão de bens, os documentos eram simples. Toussaint, agora, era inútil a Jean Valjean; Cosette herdou-a, promovendo-a ao grau de camareira. Quanto a Jean Valjean, havia na casa dos Gillenormand um belo quarto mobiliado especialmente para ele, e Cosette tanto pedira que ele prometera mudar-se para lá.

Poucos dias, porém, antes do dia do casamento, acontecera um acidente com ele que quase lhe esmagou o dedo polegar da mão direita. Jean Valjean teve de pôr o braço na tipoia e ficou impossibilitado de assinar o quer que fosse. Por isso, em seu lugar, Gillenormand assinara, como o segundo tutor de Cosette.

Como era Carnaval, e o calçamento estava sendo renovado em algumas ruas, as carruagens não podiam ir diretamente até a igreja de Saint-Paul. Foi preciso alterar o itinerário, e o mais fácil era cortar caminho pelo boulevard. Um dos convidados observou que, por ser Carnaval, deveria haver grande ajuntamento de carruagens. O cortejo nupcial, ao sair da rua des Filles-du-Calvaire, misturou-se à longa procissão de carruagens que rodavam da Madeleine à Bastilha e da Bastilha à Madeleine. Era grande o número de máscaras.

De tempos em tempos, surgia um embaraço qualquer naquela procissão de veículos, e uma e outra das duas filas paralelas parava até que o nó fosse desfeito. Tanto nas janelas dos edifícios quanto nas calçadas, via-se uma multidão de espectadores. Em certa altura, houve uma parada. Quase no mesmo instante, do outro lado, a fila que se dirigia para a Madeleine também parou. Justamente ali havia uma carruagem de mascarados.

— Um casamento! — disse um deles

— O nosso é que é o verdadeiro! — replicou outro.

E, sem poder fazer alguma brincadeira com os noivos, temendo a intervenção da polícia, desviaram o olhar.

Entretanto, dois outros mascarados da mesma carruagem, um espanhol de nariz descomunal, de aparência envelhecida e enormes bigodes negros, e uma peixeira magra, ainda muito jovem, também haviam notado os noivos, e conversavam em voz baixa.

- Veja aquele velho de braço na tipoia — disse o espanhol.
- O que tem?
- Eu conheço aquele sujeito, que me cortem o pescoço se não conheço. Você consegue ver a noiva?
- Não, nem o noivo.
- Não faz mal; aquele velho com a pata machucada, eu o conheço.
- E qual a vantagem, pai?
- Nunca se sabe... Às vezes... Como diabos ele está nesse casamento?
- E eu é que sei?
- Escute, você vai fazer uma coisa. Vai descer aqui e seguir esse casamento para saber para onde vai e quem é a noiva.
- Mas não posso, fui contratada pelo grupo. Se eu deixar o grupo, posso ir presa pelo primeiro policial.
- É mesmo.
- Hoje, estou por conta do governo.
- Mas aquele velho está na primeira carruagem, então é o pai da noiva.
- E que me importa?
- Escute... Eu só posso sair à rua mascarado. Aqui, ninguém sabe quem sou eu. Mas amanhã não haverá mais Carnaval. É perigoso. Preciso voltar para a minha toca. Você é livre.
- Mas e daí?
- Estou dizendo que você tem de saber de onde vem aquele casamento, quem é aquele velho e onde mora a noiva.
- Pensa que é fácil? Isso é como achar uma agulha num monte de feno! Acha que é possível?
- Não importa. Você tem de tentar. Entendeu, Azelma?

Jean Valjean com o braço na tipoia

Cosette esteve magnífica por onde passou. Marius, apesar de algumas cicatrizes da barricada, estava de cabelos lustrosos e perfumado.

O avô, soberbo, de cabeça erguida, conduzia Cosette pela mão. Substituíra Jean Valjean que, por causa da mão machucada, não podia dar o braço à noiva.

Na saída da cerimônia, o casal resplandecia. Estavam no instante irrevogável e único, no deslumbrante ponto de intersecção de toda a juventude e de toda a alegria. Todo o tormento por que haviam passado se transformava em embriaguez. Nas duas almas brilhava o sentimento de que todas as preocupações, as insônias, as lágrimas, as angústias, os desesperos davam maior encanto ao momento.

Voltaram para a casa do avô. Marius, ao lado de Cosette, subiu, triunfante, a escadaria pela qual o haviam carregado moribundo. Os pobres, aglomerados à porta, recebiam esmolas e os abençoavam. Havia flores por toda parte. A casa não estava menos perfumada que a igreja; depois do incenso, as rosas.

O agora capitão Theodule Gillenormand viera de Chartres, onde estava sua guarnição, para assistir às núpcias do primo Pontmercy. Cosette não o reconheceu.

Ele, por sua vez, habituado a ser apreciado pelas mulheres, não se lembrou de Cosette mais do que de outras.

Um banquete fora servido na sala de jantar. O espaço entre os candelabros estava coberto de buquês; assim, onde não havia luz, havia flores. Na antecâmara, três violinos e uma flauta tocavam em surdina quartetos de Haydn.

Jean Valjean sentara-se em uma poltrona do salão, por trás de uma porta cujo batente quase o escondia por completo. Os convidados, assim que o jantar foi servido, entraram na sala de jantar precedidos pelo senhor Gillenormand, de braço dado a Cosette, sentando-se ao redor da mesa de acordo com a distribuição dos lugares. Duas grandes poltronas estavam ali, à direita e à esquerda de Cosette, uma para o senhor Gillenormand, outra para Jean Valjean. O senhor Gillenormand sentou-se. A outra poltrona continuou vazia.

Todos procuravam “o senhor Fauchelevent”. Não estava na sala.

— Sabe onde está o senhor Fauchelevent? — disse Gillenormand, dirigindo-se a Basco.

— Sei, sim, senhor! O senhor Fauchelevent pediu que dissesse ao senhor que, como sua mão o estava incomodando, não poderia acompanhar o jantar, pelo que pedia desculpa ao senhor barão e à senhora baronesa. Acaba de sair agora mesmo e disse que amanhã pela manhã voltará.

O vácuo causado por aquela poltrona fez esfriar por um instante o prazer do banquete nupcial. Se, porém, faltava Fauchelevent, achava-se presente Gillenormand, cuja alegria o fazia valer por dois. Declarou ele que o senhor Fauchelevent fez bem em ir se deitar cedo, mas que aquilo não passava de um arranhão. Essa declaração foi o bastante. E cinco minutos depois toda a mesa ria de uma ponta a outra, com toda a inspiração do esquecimento.

Dançou-se um pouco, riu-se muito. Foi um lindo casamento.

Houve um tumulto e, depois, silêncio. Os recém-casados desapareceram. Pouco depois da meia-noite, a mansão dos Gillenormand se transformou num templo.

A inseparável

Que fora feito de Jean Valjean?

Ele levantou-se, desespercebido, foi para a sala. O ruído confuso do banquete chegava até ele. Ouvia a voz forte do avô, os violinos, o retinir dos talheres e cristais, as risadas. Em meio a todo aquele rumor alegre, distinguia perfeitamente a meiga voz de Cosette.

Então, saiu da casa e voltou para a rua de l'Homme-Armée, acendeu uma vela e subiu. O apartamento estava vazio. Todos os armários estavam abertos. Foi até o quarto de Cosette. A cama estava desfeita. Todos os pequenos objetos femininos preferidos por Cosette tinham sido levados; não restavam senão os móveis pesados e as quatro paredes. A cama de Toussaint também estava desfeita. Um único leito continuava arrumado, como à espera de alguém; era o de Jean Valjean.

Ele já tinha tirado o braço da tipoia, como se nada sofresse. Ao aproximar-se da cama, o seu olhar parou na pequena valise que o acompanhava sempre, na “inseparável” de que Cosette dizia ter ciúmes. Tirou uma chave do bolso e a abriu.

Lentamente, tirou de lá as roupas com as quais, dez anos antes, Cosette saía de Montfermeil; o vestidinho preto, depois o lenço, os pesados sapatos de criança, que Cosette talvez ainda pudesse calçar, tão pequenos eram seus pés, depois a blusa, o saiote de malha, o avental de bolsos e as meias de lã. Todas as roupas eram de cor preta. Fora ele quem lhe levara o pequeno enxoval até Montfermeil.

Lembrou-se daquele inverno; Cosette tiritava de frio, e ele fizera a menina trocar os andrajos e vestir-se de luto. A mãe deveria alegrar-se no túmulo por ver a filha de luto e, sobretudo, por vê-la bem-vestida e bem agasalhada. Pensava no bosque de Montfermeil que haviam atravessado juntos, Cosette e ele.

Então, sua cabeça branca tombou sobre o leito, o velho e estoico coração despedaçou-se, seu rosto escondeu-se nas roupas de Cosette, e se alguém tivesse passado pela escada, naquele instante, teria ouvido soluços angustiados.

Combate sem fim

A velha e terrível luta recomeçara. E quantas vezes já vimos Jean Valjean agarrado corpo a corpo, no meio das trevas, com sua própria consciência, lutando desesperadamente!

Mas, naquela noite, ele sentia que iria travar o último combate. Jean Valjean, naquele instante, estava diante da mais perigosa das encruzilhadas. Dessa vez ainda, como já lhe acontecera em outras vezes, dois caminhos se abriam em sua frente; um tentador, outro medonho. Qual escolher?

A questão que o dilacerava era: como se comportar em relação à felicidade de Cosette e de Marius? Essa felicidade havia sido desejada e construída por ele próprio; ele mesmo a cravara nas entranhas de cada um. Cosette tinha Marius, Marius tinha Cosette. Eles tinham tudo, até riqueza. E tudo era obra sua.

Mas o que faria Jean Valjean dessa felicidade verdadeira e real? Faria com que o

aceitassem à força? Tratá-la-ia como se lhe pertencesse? Continuará como uma espécie de pai, respeitado, como até então tinha sido? Não explicaria nada de seu passado? Descansaria, ao lado da lareira do velho Gillenormand, os pés que arrastavam atrás de si a sombra infamante da lei?

Foi uma felicidade para Jean Valjean poder chorar, o que, talvez, serviu para esclarecer tudo. O que fora o processo de Champmathieu em confronto com o casamento de Cosette e suas consequências? Voltar para as galés comparado com isto: voltar ao nada?

Enfim, Jean Valjean chegou à calma da prostração. Pesou, pensou, considerou as alternativas da misteriosa balança de luz e de sombra. Impor sua ignomínia àquelas duas encantadoras crianças, ou consumir sozinho sua perdição? De um lado, o sacrifício de Cosette; de outro lado, o sacrifício de si mesmo.

Que decisão tomar? Isso durou a noite toda.

Assim ficou até a manhã, dobrado em dois sobre o leito, as mãos crispadas, os braços estendidos em ângulo reto como um crucificado despregado da cruz que tivessem jogado com o rosto voltado para o chão. Quem o visse imóvel julgaria que estivesse morto; de repente, ele estremecia convulsivamente e, com os lábios colados às roupas de Cosette, beijava-as; via-se então que ainda estava vivo.

Mas quem o veria, se Jean Valjean estava só e não havia mais ninguém naquela casa?

Via-o alguém que está nas trevas, aberto sobre nós.

A ÚLTIMA GOTA DO CÁLICE

O sétimo círculo e o oitavo céu

Os dias que se seguem ao casamento são solitários. O barulho das visitas e das felicitações não recomeça senão mais tarde.

Na manhã de 17 de fevereiro, era pouco mais de meio-dia quando Basco ouviu baterem à porta e foi abrir. Era o senhor Fauchelevent, querendo falar com o jovem Pontmercy.

Passaram-se alguns minutos depois que o criado foi chamar o patrão. Jean Valjean continuava imóvel no mesmo lugar em que Basco o deixara. Estava muito pálido. Seus olhos estavam tão encovados nas órbitas, por causa da insônia, que quase desapareciam. Fez-se um ruído à porta e Marius entrou, de cabeça erguida, boca sorridente, uma certa luz no semblante, fronte alegre, olhar triunfante. Também ele não havia dormido.

— Como estou contente em vê-lo! Se soubesse como sentimos a sua falta ontem! Bom dia, pai. Como está a mão? Melhor, não é?

E, satisfeito com a boa resposta que deu a si mesmo, prosseguiu:

— Falamos muito no senhor. Cosette o ama tanto! Não se esqueça de que tem aqui um quarto à sua disposição. Mude-se para cá. Hoje mesmo. Ou terá de se haver com Cosette. Parece-me que há uma pequena mala da qual nunca se separa; já arrumei um cantinho de honra para ela. Saiba que meu avô gostou muito do senhor. Viveremos todos juntos. Sabe jogar *whist*? Se souber, meu avô ficará encantado. Nos dias em que eu estiver no tribunal, o senhor irá passear de braço dado com Cosette, como antigamente, no Luxembourg. Almoça conosco hoje?

— Senhor — disse Jean Valjean —, tenho de dizer-lhe uma coisa. Eu sou um ex-forçado.

O limite dos sons agudos perceptíveis pode ser ultrapassado tanto pelo espírito como pelo ouvido. Essas palavras, “eu sou um ex-forçado”, saídas da boca de Fauchelevent e entrando no ouvido de Marius, excediam as raias do possível. Ficou boquiaberto.

Jean Valjean desatou o lenço preto em que sustentava o braço, desatou as ataduras e mostrou o polegar:

— Como vê, eu não tenho nada na mão!

Jean Valjean prosseguiu:

— Era conveniente que eu não assistisse ao seu casamento. Ausentei-me o máximo possível. Inventei esse ferimento para não fazer uma falsificação, para não anular os

registros do casamento, e assim ser dispensado de assinar. Porque estive nas galés.

Marius balbuciou:

— O senhor está me deixando louco!

— Senhor Pontmercy — disse Jean Valjean —, estive dezenove anos nas galés, por roubo. Depois fui condenado à prisão perpétua, por reincidência. Hoje, sou um forçado evadido.

Marius queria recusar os fatos, resistir à evidência, mas via-se obrigado a se render. Começou a compreender, e uma ideia terrível lhe passou pela mente.

— Diga, diga tudo, o senhor é o pai de Cosette!

E deu dois passos para trás com um movimento de indizível horror.

— O senhor há de acreditar em mim. Pai de Cosette, eu! Diante de Deus, não.

Senhor barão de Pontmercy, sou um camponês de Faverolles. Ganhava a vida podando árvores. Não me chamo Fauchelevent, chamo-me Jean Valjean. Não sou nada de Cosette. Fique tranquilo.

Marius balbuciou:

— Quem me prova?...

— Eu, pois lhe estou dizendo.

Marius encarou-o. Sentia-se a verdade naquela frieza sepulcral.

— Eu acredito — disse Marius.

— Para Cosette, sou um estranho. Há dez anos, eu não sabia de sua existência. Eu a amo, é verdade. Não se pode deixar de gostar de uma criança que se conhece ainda pequena, quando a gente já está velho. Ela era órfã de pai e mãe. Precisava de mim. Eis por que me afeiçoei a ela. Hoje, Cosette deixa a minha vida; nossos caminhos se separam. Agora nada mais posso fazer em seu favor. Ela é a senhora Pontmercy. Cosette ganhou na troca. Tudo está bem. Quanto aos seiscentos mil francos, o que importa? Já os entreguei. Completo a restituição dizendo-lhe o meu verdadeiro nome. Faço questão de que saiba quem eu sou.

Jean Valjean olhou fixamente para Marius.

Tudo o que Marius sentia era tumultuoso e incoerente.

— Mas que necessidade tem de me dizer isso? — perguntou ele. — O senhor poderia guardar o segredo para si. Não está sendo denunciado, perseguido, nem preso. Por que me confessa essas coisas? Por qual motivo?

— Por qual motivo? — respondeu Jean Valjean em voz baixa como se falasse consigo mesmo, e não com Marius. — É por honestidade. Minha desgraça é um fio que tenho no coração e que me mantém preso. Tentei arrebentar esse fio, puxei-o, mas ele resistiu; quase arrancava com ele o meu coração. Mas, por que não ficar aqui simplesmente? O senhor me oferece um quarto nesta casa, madame Pontmercy me adora, o seu avô concorda, moraremos todos juntos, comeremos juntos, darei meu braço a Cosette, teremos o mesmo teto, a mesma mesa, os mesmos passeios no verão, isso é alegria, é felicidade, é tudo. Viveremos em família. Em família!

Jean Valjean cruzou os braços, fitou o soalho como se quisesse cavar um abismo:

— Eu não pertencço a nenhuma família. Nas casas em que se vive em intimidade, eu sou demais. Há famílias, não porém para mim. Sou um desgraçado, fora de tudo. Tudo

acabou no dia em que casei essa criança; via-a feliz ao lado do homem que ela amava, na companhia de um bom velho, e disse para mim: “Não entre”. Eu podia mentir, e continuar a ser o senhor Fauchelevent. Enquanto foi para o bem de Cosette, fui capaz de mentir; agora seria por mim, e não devo fazê-lo. Por isso vim para confessar-lhe tudo. Não foi uma decisão fácil de tomar. Se eu continuasse sendo o senhor Fauchelevent, tudo iria às mil maravilhas. Tudo, exceto minha alma. Haveria alegria por toda parte, porém o fundo de minha alma permaneceria às escuras.

Jean Valjean parou. Marius continuava a escutar.

— Eu não fui denunciado, não estou sendo perseguido, não fui preso, diz o senhor. Sim! Eu fui denunciado, perseguido e preso! Por mim. No passado, para viver, roubei um pão; hoje, para viver, não quero roubar um nome, Fauchelevent.

— O senhor não precisa desse nome para viver! — interrompeu Marius.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual nem um nem outro quebraram o seu mútuo silêncio, ambos em profunda cogitação. Marius sentara-se junto de uma mesa. Jean Valjean passeava de um lado para o outro. Ao passar diante de um espelho que havia na sala, parou e ficou imóvel. De súbito, olhou para o espelho, sem ver nele o reflexo da sua imagem, e disse, como respondendo a um íntimo raciocínio:

— Agora, sinto-me aliviado!

Marius levantara-se, trêmulo. Jean Valjean continuou:

— Que me diz de tudo isso?

Marius respondeu com o silêncio. Jean Valjean continuou:

— Olhe, seja feliz, viva em pleno céu, seja o anjo de um anjo, fique no sol, contente-se com isso sem se inquietar com a maneira como um condenado abre o próprio peito para cumprir um dever.

Marius atravessou lentamente o salão e, ao chegar perto de Jean Valjean, estendeu-lhe a mão. Mas teve de pegar a mão que não lhe fora estendida.

— Meu avô tem amigos — disse ele — e pode lhe conseguir o perdão.

— Todos me acham morto, e isso basta. Os mortos não estão sujeitos à vigilância; supõe-se que apodreçam tranquilamente. A morte é o mesmo que o perdão.

Nesse momento, a porta do outro lado se abriu e entrou Cosette. Fez o movimento do pássaro que levanta a cabeça acima do ninho, olhando primeiro para o marido, depois para Jean Valjean, e gritou-lhe rindo; parecia um sorriso no fundo de uma rosa.

— Aposto que estão falando de política em vez de me fazer companhia!

Jean Valjean estremeceu.

— Cosette! — balbuciou Marius.

Cosette, radiante, continuava a olhá-los. Seus olhos pareciam ter o brilho do céu.

— Peguei os dois em flagrante delito. Ouvi falar em consciência, em cumprir o dever, isso é política.

— Engano seu, Cosette — respondeu Marius. — Estamos falando de negócios. Falamos do melhor modo de aplicar seus seiscentos mil francos...

Cosette entrou no salão e fez uma reverência a Marius e a Jean Valjean.

— Vou me sentar nesta poltrona ao lado dos senhores e tomaremos o café daqui a meia hora. Podem falar tudo o que quiserem. Bem sei que os homens precisam conversar;

ficarei quietinha.

— Você é a minha adorada Cosette. Mas não é possível. Temos algo a terminar.

— Pois bem, eu vou embora — disse ela, sorrindo. — Os senhores vão se arrepender de não contar com a minha presença.

E saiu, fechando a porta.

— Pobre Cosette, quando souber de tudo isso.

A essas palavras, Jean Valjean estremeceu, olhando assustado para Marius.

— É verdade, o senhor quer contar isso a ela... Mas eu lhe suplico, senhor, não basta que o senhor o saiba? Preciso de sua palavra de que guardará tudo para si.

E deixou-se cair numa poltrona, escondendo o rosto entre as mãos. Não se ouvia um soluço, mas, pelo movimento dos ombros, via-se que chorava. Lágrimas silenciosas, lágrimas terríveis.

— Fique tranquilo — disse Marius —, guardarei o seu segredo somente para mim. Não posso deixar de lhe dizer uma palavra a respeito do depósito de que o senhor tão fiel e honrada entrega fez. É uma ação de probidade que merece uma recompensa! Nada mais justo! Fixe o senhor mesmo a soma e será pontualmente entregue. Não receie exagerar no pedido!

— Agradeço-lhe muito, senhor — respondeu Jean Valjean calmamente. — Tudo está quase acabado. Falta-me ainda uma coisa...

— Qual?

Jean Valjean sentiu como que uma suprema hesitação e, sem voz, quase sem respirar, mais balbuciou do que falou:

— Agora, que já sabe tudo, acha o senhor, que é o dono da casa, que não devo tornar a ver Cosette?

— Eu entendo que seria melhor — respondeu Marius friamente.

— Pois então não voltarei a vê-la! — murmurou Jean Valjean.

E dirigiu-se para a porta. Mas, ao colocar a mão no trinco, voltou-se para o jovem:

— Senhor barão, se permitir, gostaria de vê-la. Se não tivesse interesse em ver Cosette, não teria feito a confissão. Como sabe, há nove anos que a conservo ao meu lado. Moramos a princípio num pardieiro afastado, depois no convento, depois perto do Luxembourg. Foi lá que o senhor a viu pela primeira vez. Em seguida, fomos para o Quartier des Invalides, onde havia uma grade e um jardim. Na rua Plumet. Eis toda a minha vida. Nunca nos afastamos um do outro. Isso durou nove anos e alguns meses. Não sei se está compreendendo, senhor Pontmercy, mas ir-me embora agora, não vê-la nunca mais, será muito difícil. Se não se incomodar, virei visitar Cosette de vez em quando. Não virei muitas vezes, nem me demorarei muito. Senhor, realmente, eu gostaria tanto de ver ainda Cosette. Tão raramente quanto quiser. Ponha-se no meu lugar: essa é a única coisa que me resta.

— Pode vir todas as noites — disse Marius —, e Cosette o receberá.

— O senhor é muito bom! — disse Jean Valjean.

Marius saudou Jean Valjean. A felicidade reconduziu até a porta o desespero, e os dois homens se despediram.

Os pontos obscuros de uma revelação

Marius estava transtornado.

A espécie de distância que sempre houve entre ele e o homem ao lado do qual conhecera Cosette estava perfeitamente explicada. Havia naquele personagem algo enigmático de que o instinto o advertia. Esse enigma era a mais hedionda das vergonhas, eram as galés.

O senhor Fauchelevent era o forçado Jean Valjean.

A aceitação daquele homem faria parte integrante do seu casamento, sem que nada mais fosse possível fazer?

Recordava-se de que, na embriaguez do seu amor, na rua Plumet, no decorrer daquelas seis ou sete semanas, nem se lembrara de contar a Cosette sobre o drama no covil dos Jondrette, onde a vítima se calara durante a luta, fugindo depois. Como foi que nem sequer tocou no nome dos Thénardier, nem no dia que se encontrara com Eponine? Lembrava-se do seu atordoamento, da sua embriaguez, do amor que tudo absorvia. Aliás, aquelas poucas semanas passaram como um relâmpago; eles não tiveram tempo senão para se amar. Mas se tivesse contado a Cosette sobre a cilada, quando tivesse falado nos Thénardier, quais teriam sido as consequências? Se tivesse descoberto que Jean Valjean era um forçado, isso mudaria a ele, Marius, ou a ela, Cosette? Teria desistido? Deixaria de se casar com ela? Não. Isso mudaria alguma coisa do que tinha sido feito? Não.

Portanto, nada havia de que se arrepender, nada havia que censurar. Tudo estava bem.

E aquele ladrão, um ladrão reincidente, restituíra um depósito. E que depósito! Seiscentos mil francos. O segredo de tal soma somente ele o possuía. Poderia ter se calado e ficar com o dinheiro, mas entregara tudo.

Além disso, ele revelara espontaneamente a própria situação. Nada o obrigava a isso. Se conhecia a sua identidade, fora graças a ele. Naquela confissão aceitara mais do que uma humilhação, aceitara o perigo. Para um condenado, a máscara não é uma simples máscara, é um abrigo. E ele renunciara a esse abrigo. Um nome falso significa segurança; e ele havia rejeitado esse nome.

Jean Valjean era sincero. Essa sinceridade visível, palpável, evidente, justamente pela dor que lhe causava, dava autoridade a tudo o que ele dizia. Daí, para Marius, a estranha inversão de situações. O que se destacava do senhor Fauchelevent? A desconfiança. E em Jean Valjean? A confiança.

Em meio a esse balanço, Marius começava a enxergar algumas respostas. O que era, na realidade, a cilada do pardieiro dos Jondrette? Por que, à chegada da polícia, aquele homem, em lugar de se queixar, havia fugido? Ele era um condenado foragido. Por que aquele homem fora até as barricadas? Aquele homem estivera nas barricadas.

Que fora fazer lá? Javert. Havia ali, evidentemente, ódio entre o espião e o condenado. Um incomodava o outro. Jean Valjean fora à barricada para se vingar, ao saber de algum modo que o policial lá estava. Jean Valjean matara Javert. Pelo menos isso parecia evidente.

Havia uma última pergunta, para a qual não havia resposta. De que modo a existência de Jean Valjean se unira por tanto tempo à existência de Cosette? De que maneira, por que prodígio da Providência pôde estabelecer-se a comunhão de vida entre aquela menina celestial e aquele velho condenado? A infância e a adolescência de Cosette, seu desenvolvimento, seu virginal crescimento para a vida e para a luz, haviam sido abrigadas por aquela dedicação disforme. Quem era aquele Jean Valjean, o educador de Cosette? Quem era aquela figura de trevas cuja única preocupação era preservar de qualquer sombra ou nuvem o despontar de uma estrela?

Esse era o segredo de Jean Valjean; esse era também o segredo de Deus.

Jean Valjean trabalhara a alma de Cosette; de certo modo, cooperara para a sua formação. Isso era incontestável. E depois?

Marius se agarrava à declaração do homem: “Eu não sou nada de Cosette. Há dez anos, eu nem sequer sabia da sua existência”.

Jean Valjean era um estranho. Ele mesmo o dissera. Pois bem, como estranho iria embora. Seu papel estava terminado. Agora havia Marius para tomar as funções ao lado de Cosette.

Por mais que tentasse atenuar, Marius voltava sempre ao mesmo ponto. Jean Valjean era um forçado; isto é, um ser que, na escala social, nem tem lugar, ficando abaixo do último degrau. Depois do último dos homens, vem o forçado. O forçado, por assim dizer, não é mais o semelhante dos vivos. A lei o destituiu de toda humanidade de que pode privar o homem.

Marius, ao interroga-los, deixara de fazer-lhe algumas perguntas, porque o amedrontavam. O covil dos Jondrette? A barricada? Javert? Das explicações desesperadas de Jean Valjean poderia surgir alguma luz terrível, e quem sabe se essa claridade vergonhosa não iria refletir-se em Cosette?

Nesse estado de espírito, Marius não conseguia pensar que aquele homem viria ainda a se encontrar com Cosette. Essas perguntas terríveis, diante das quais recuara e das quais poderia originar-se uma decisão implacável e definitiva, agora quase que se arrependia por não tê-las feito.

Que deveria então fazer?

As visitas de Jean Valjean repugnavam-lhe profundamente. Para que iria aquele homem a sua casa? O que tinha que fazer ali? Havia prometido a Jean Valjean e deveria manter a palavra, mesmo a um forçado. Contudo, o seu primeiro dever era para com Cosette.

Em suma, sentia-se agitado por uma repulsão, que dominava tudo. Não lhe foi fácil ocultar essa perturbação a Cosette; mas o amor é um talento, e Marius conseguiu.

Aliás, com aparente indiferença, fez várias perguntas a Cosette, tão cândida como uma pomba branca, não desconfiando de coisa alguma; falou-lhe de sua infância e de sua juventude, e convenceu-se cada vez mais de que tudo o que um homem pode ser de bom, de paternal e de respeitável, aquele homem tinha sido para Cosette.

Tudo o que Marius entrevira e imaginara era real. A urtiga sinistra amara e protegera o lírio.



O CREPÚSCULO

A sala de baixo

No dia seguinte, ao cair da noite, Jean Valjean batia no portão dos Gillenormand.

Basco o atendeu:

— O senhor barão encarregou-me de lhe perguntar se prefere subir ou ficar aqui embaixo.

— Fico embaixo — respondeu Jean Valjean.

O quarto em que Jean Valjean entrara era abobadado, úmido e servia, em caso de necessidade, de despensa; dava para a rua, tinha ladrilhos vermelhos e era mal iluminado por uma janela guarnecida de grades de ferro. Duas poltronas tinham sido colocadas nos dois cantos da lareira. Entre elas, estendia-se um velho tapete de quarto, mostrando mais corda do que lã.

Jean Valjean deixou-se cair sobre uma das poltronas e, de repente, levantou-se sobressaltado. Cosette estava atrás dele.

— Ora, pai — disse ela —, sempre soube que o senhor era esquisito, mas jamais esperaria uma coisa dessas. Que ideia! Marius me disse que o senhor é que quis que eu o recebesse aqui. Que foi que eu lhe fiz? E por que o senhor escolheu para me ver a sala mais feia de toda a casa?

— A senhora sabe, sou meio estranho, tenho minhas manias.

Cosette bateu as mãos uma contra a outra.

— Senhora!... A senhora sabe!... Que quer dizer com isso?

— Você quis ser senhora e conseguiu.

— Não para o senhor, meu pai. Ah, e finalmente me tratou por você.

— Não me chame mais de pai.

— O senhor não é mais meu pai? Eu não sou mais Cosette? O que significa isso? E ainda não quer morar conosco! Que lhe fiz eu? Que fiz?

— Nada. Já que agora é madame Pontmercy, eu bem posso ser o senhor Jean.

— Não estou compreendendo mais nada. O senhor está me deixando preocupada. O senhor, que é bom, não tem o direito de ser mau.

Jean Valjean não respondeu. Cosette pegou-lhe as duas mãos e, com um gesto irresistível, apertou-as fortemente contra o pescoço, num profundo gesto de ternura.

— Seja bom, por favor. Ser bom é ser gentil, vir morar conosco, recomeçar nossos passeios; aqui há passarinhos como na rua Plumet, viver aqui conosco, deixar aquele

buraco da rua de l'Homme-Armé, ser como todo mundo, almoçar conosco, jantar conosco, ser o meu pai.

Jean Valjean afastou-lhe as mãos.

— A senhora não tem mais necessidade de um pai, agora que tem um marido.

Cosette ficou amuada e retrucou:

— Desde ontem que o senhor só sabe me aborrecer. Não compreendo coisa alguma. Arrumei um quarto com todo o cuidado. Se eu pudesse, poria nele o próprio Deus. E meu pai Fauchelevent quer que o chame de senhor Jean, que o receba numa adega embolorada, onde os muros têm barba e onde, como cortinas, há teias de aranha! O senhor é diferente, está bem, é seu temperamento, mas deve dar uma trégua a quem acaba de se casar. O que é que o senhor tem contra mim? Assim o senhor me faz sofrer muito.

E, tornando-se subitamente séria, olhou fixamente para Jean Valjean e acrescentou:

— O senhor está com raiva porque estou feliz?

Jean Valjean empalideceu. Ficou por um momento sem responder; depois murmurou:

— A sua felicidade era a razão da minha vida. Agora, Deus pode marcar a minha partida. Cosette, você é feliz; terminei o que tinha a fazer.

— Obrigada, pai! — disse-lhe Cosette, lançando-se sobre seu pescoço.

Esse entusiasmo tinha algo de dramático para Jean Valjean, que, livrando-se docemente de seus braços, pegou o chapéu.

— Bem? — perguntou Cosette.

— Eu me retiro, senhora, estão lhe esperando.

E, do limiar da porta, acrescentou:

— Tratei-a de você. Diga a seu marido que isso não se repetirá. Perdoe-me.

Jean Valjean saiu, deixando Cosette assustada com essa despedida enigmática.

Outros passos para trás

No dia seguinte, à mesma hora, Jean Valjean chegou.

Cosette não fez mais perguntas, não se mostrou admirada, não falou mais do frio nem da sala e evitou chamá-lo de pai ou de senhor Jean.

A sala passara por certa limpeza. Não havia mais garrafas vazias nem teias de aranha.

Nos dias que se seguiram, Jean Valjean repetiu suas visitas sempre na mesma hora. E Marius arranjava para não estar em casa nesse momento. Toussaint disse que seu ex-patrão sempre fora assim. Em vista disso, o senhor Gillenormand até gostou de se ver livre do tal senhor Fauchelevent, Tranchelevent ou lá o que fosse.

— Não há nada mais comum do que esses excêntricos — acrescentou ele —, fazem toda a espécie de extravagâncias, não há nada de novo. O marquês de Canaples ainda era pior. Comprou um palácio para viver nas águas-furtadas! São esquisitices que certa gente

tem. Deixe-os lá.

Ninguém tinha como ver o interior daquele homem. E como poderiam?

Uma nova vida foi gradualmente operando a sua influência sobre Cosette; as relações originadas pelo casamento, as visitas, os cuidados domésticos, os divertimentos, enfim, novas preocupações, tudo isso devia atuar poderosamente sobre o espírito da jovem. Os divertimentos de Cosette eram pouco dispendiosos; consistiam num só: estar com Marius. Sair com ele, ficar com ele em casa, essa era a grande ocupação da sua vida.

Gillenormand passava bem; Marius ocupava-se em advogar, de vez em quando, em alguma causa; a tia Gillenormand passava na companhia do jovem casal a sua vida lateral, e se dava por satisfeita.

Quanto a Jean Valjean, continuava a vir todos os dias. Mas desaparecia a intimidade, com todas as formalidades de “senhora” e “senhor Jean”. Um dia, Cosette lhe disse:

— O senhor era meu pai, agora não é mais; era meu tio, agora não é mais; era o senhor Fauchelevent, agora se chama Jean. Quem é o senhor, afinal? Não gosto nada disso. Se eu não soubesse que é tão bom, teria medo do senhor.

Nas primeiras visitas, não ficava ao lado de Cosette senão durante alguns minutos; depois se retirava. Pouco a pouco, adquiriu o hábito de deixá-las menos curtas. Parecia que aproveitava a autorização dos dias que se prolongavam: chegava mais cedo e retirava-se mais tarde.

Um dia Cosette, distraída, chamou-o de pai. Um relâmpago de alegria iluminou o velho rosto sombrio de Jean Valjean. Ele a corrigiu:

— Diga Jean.

— Ah!, é verdade — respondeu ela, dando uma gargalhada.

— Senhor Jean.

— Isso mesmo — disse ele.

E voltou-se de costas para que ela não o visse enxugar as lágrimas dos olhos.

Recordações do jardim da rua Plumet

Foi a última vez.

A partir desse último clarão, seguiu-se a extinção completa.

Desapareceu toda a familiaridade, cessaram os bons-dias acompanhados de beijos, cessaram estas palavras afetuosas: — Meu pai! Por sua vontade e cumplicidade, Jean Valjean foi sucessivamente expulso de todas as felicidades; e ainda teve a desgraça de, depois de ter perdido Cosette de uma só vez num dia, ver-se obrigado a perdê-la outra vez aos poucos.

Certo dia de primavera, Marius disse a Cosette:

— Vamos rever o jardim da rua Plumet?

E voaram para lá, como duas andorinhas na primavera.

Para eles, aquele jardim era uma espécie de aurora de seu amor. O prazo do arrendamento ainda não tinha expirado e, portanto, a casa ainda pertencia a Cosette.

Visitaram então aquele jardim e aquela casa, e ao se acharem nela, esqueceram-se de tudo o mais.

De tarde, à hora de costume, Jean Valjean chegou.

— A senhora saiu com o senhor Marius e ainda não voltaram — disse-lhe Basco.

Jean Valjean sentou-se silenciosamente, esperou uma hora, e Cosette não voltou. Então, ele baixou a cabeça e retirou-se.

Cosette ficara tão feliz com o seu passeio “ao nosso jardim”, como ela dizia, e tão contente por ter “vivido um dia no seu passado”, que no dia seguinte não falou em outra coisa, e nem se lembrou que nesse dia não tinha estado com Jean Valjean.

— Vocês foram até lá a pé? E voltaram a pé? — perguntou ele.

— Num fiacre.

Havia algum tempo que Jean Valjean notava a economia com que vivia o jovem casal, e essa circunstância o afligia. A economia de Marius era severa, e Jean Valjean arriscou uma pergunta:

— Por que não comprem uma carruagem, que custaria apenas quinhentos francos por mês, despesa com que podem arcar porque são ricos?

— Não sei — respondeu Cosette.

— É como com a Toussaint — prosseguiu Jean Valjean. — Ela não se deu bem com Nicollete e foi embora, e assim deixaram ficar. Por que não contrataram outra criada?

— A Nicolette nos basta.

— Mas a senhora precisa de uma camareira.

— E não tenho Marius?

— Por que não comprem uma casa para vocês, com criados e carruagem? Por que não reservam um camarote no teatro? Não há nada que ambos não mereçam. Por que não aproveitam o dinheiro que têm? A riqueza completa a felicidade.

Cosette nada respondeu.

Certa vez, em uma de suas visitas, Jean Valjean recebeu com preocupação um comentário de Cosette:

— Meu marido ontem me contou uma coisa estranha — disse ela. — Ele falou: “Cosette, temos trinta mil francos de renda. Vinte e sete seus e três de meu avô”. Eu respondi: “Total: trinta”. Ele retrucou: “Você tem coragem de viver com os três mil?”. Respondi: “Como não? Até com nada, contanto que seja com você”. Depois, perguntei: “Por que está me dizendo isso?”. Ele respondeu: “Eu só queria saber”.

Jean Valjean não soube o que dizer. Voltou para sua casa, absorto em seus pensamentos.

Era evidente que Marius tinha dúvidas sobre a origem daqueles seiscentos mil francos; ele temia, provavelmente, que o dinheiro viesse de uma fonte desonesta, e, hesitando diante dessa fortuna suspeita, preferia continuarem pobres, ele e Cosette, a possuírem uma riqueza de origem duvidosa.

Além disso, Jean Valjean começava a sentir-se indesejado.

No dia seguinte, ao entrar na pequena sala, sentiu um choque. As duas poltronas haviam desaparecido. Não havia ali nem sequer uma cadeira.

— Mas, e as poltronas? — exclamou Cosette, ao chegar. — Onde estão as poltronas?

Jean Valjean balbuciou:

— Eu pedi a Basco que as levasse.

— E por quê?

— Hoje não vou me demorar senão alguns minutos.

— Ficar pouco não é motivo para se ficar de pé.

— Creio que Basco precisava das poltronas no salão. Sem dúvida, hoje receberão visitas.

— Não esperamos ninguém.

Jean Valjean não pôde dizer nem mais uma palavra. Saiu acabrunhado e no dia seguinte não apareceu. No outro dia, ele também não veio. Cosette não se preocupou; passou a tarde e dormiu à noite, não pensando no caso senão na manhã seguinte. Ela era tão feliz!

Cosette enviou Nicolette à casa de Jean Valjean para saber se ele estava doente e por que não aparecera no dia anterior. Ela voltou informando que ele não estava doente, mas apenas ocupado, e que iria fazer-lhe uma visita assim que pudesse.

Atração e extinção

Durante os últimos meses da primavera e os primeiros meses do verão de 1833, as pessoas notaram um velho decentemente vestido de preto, que todos os dias, ao cair da noite, saía da rua de l'Homme-Armé e, ao chegar perto da esquina da rua des Filles-du-Calvaire, começava a caminhar vagarosamente.

À medida que se aproximava desse ponto, seus olhos se inundavam de um intenso clarão, as pupilas se enchiam de uma espécie de alegria semelhante a uma aurora e seus lábios se agitavam imperceptivelmente, como se falasse com alguém que não visse. Parecia fascinado e comovido, e avançava o mais vagarosamente que lhe era possível. Assim chegando na esquina, parava e permanecia parado, imóvel, e depois voltava pelo mesmo caminho, sem nunca ir em frente naquela rua.

Pouco a pouco, o velho deixou de ir até à esquina da rua des Filles-du-Calvaire; parava no meio do caminho. Depois, balançava silenciosamente a cabeça da direita para a esquerda, como se recusasse alguma coisa, e voltava.

Todos os dias ele saía de casa à mesma hora, refazia o mesmo trajeto, mas não o terminava. Talvez sem o perceber, abreviava-o cada vez mais. Nem chegava mais até a metade do caminho. Todo o seu rosto expressava esta única ideia: “Para quê?”.

Seus olhos estavam apagados e sem brilho. As lágrimas rareavam, não se formavam

mais no canto das pálpebras. Seus olhos, pensativos, estavam secos.

As boas mulheres do bairro diziam:

— É um coitado.

As crianças o seguiam rindo.

SUPREMA SOMBRA, SUPREMA AURORA

Piedade para os desgraçados, indulgência, para os felizes

Marius, antes de se casar, não fizera perguntas ao senhor Fauchelevent, e depois teve medo de fazê-las a Jean Valjean. Limitara-se a afastar Jean Valjean pouco a pouco, a apagá-lo o mais possível da mente de Cosette.

Ele fazia o que julgava necessário e justo. Tendo encontrado por acaso, num processo do qual era advogado, um antigo funcionário do banco Laffitte, conseguira informações que na verdade não conseguiu aprofundar, por respeito ao segredo que prometera guardar e por cuidado com a perigosa situação de Jean Valjean. Marius tinha a convicção de que era seu dever a restituição dos seiscentos mil francos a alguém que ele procurava descobrir o mais secretamente possível. Enquanto esperava, não tocava naquele dinheiro.

Cosette nada sabia disso e aceitava as intenções do marido sem nada questionar. Sua alma se identificara de tal modo com a de Marius que o que se cobria de sombra no pensamento dele obscurecia-se também na sua mente.

Quanto a Jean Valjean, ela estava mais atordoada que esquecida. Cosette amava muito aquele que por tanto tempo chamara de pai; mas amava mais ainda o marido. Foi o que desequilibrou a balança daquele coração, fazendo-o pender para um só lado.

Às vezes, falava de Jean Valjean e Marius a tranquilizava, lembrando que ele poderia ter ido viajar.

— É verdade — pensava Cosette. — Ele tinha o hábito de desaparecer assim, porém não por tanto tempo.

Por duas ou três vezes mandou Nicolette à rua de l'Homme-Armé para saber se o senhor Jean já havia chegado. Jean Valjean mandava responder que não. Cosette não perguntou mais nada, não tendo sobre a Terra senão uma única necessidade, Marius.

Pouco a pouco, ele conseguiu roubá-la de Jean Valjean. Cosette não se opôs. Pois aquilo a que, com demasiada severidade em certos casos, se dá o nome de ingratidão dos filhos, nem sempre é uma coisa tão digna de censura como o fazem. É a ingratidão da natureza. A natureza olha para a frente. Ela divide os seres vivos entre os que chegam e os que partem. Os que partem estão voltados para a sombra, os que chegam para a luz. Daí a separação que, da parte dos velhos, é fatal e, da parte dos jovens, involuntária. A juventude dirige-se para onde há alegria, festas, luz, amor. A velhice dirige-se para o fim. Não se perdem de vista, mas não estão mais juntas.

Não acusemos esses pobres jovens.

Últimas cintilações da lâmpada sem óleo

Um dia Jean Valjean desceu a escada, deu três passos na rua, sentou-se na mesma pedra em que Gavroche o encontrara pensativo na noite de 5 para 6 de junho, ficou ali por alguns instantes e depois tornou a subir. Foi a última oscilação do pêndulo. No dia seguinte, não saiu mais de casa. Depois, não saiu mais do leito.

A única pessoa que ele via era a porteira, que lhe preparava as refeições; mas ultimamente ele nem comia. Em Paris, há ruas por onde ninguém passa e casas em que ninguém entra. Ele estava numa dessas ruas e numa dessas casas.

Um dia, a porteira comentou com o marido que o velhinho lá de cima não saía do quarto havia uma semana. Não comia direito, ele não iria longe desse jeito. Quando estava limpando a calçada, viu quando um médico do bairro passava e o chamou por sua conta.

O médico foi ver Jean Valjean; quando desceu, disse à porteira:

— O doente não está nada bem.

— O que ele tem?

— Tudo e nada. É um homem que, tudo indica, deve ter perdido alguma pessoa querida. Dessa doença também se morre.

— O senhor vai voltar, doutor?

— Vou — respondeu o médico —, mas será preciso que mais alguém volte.

Uma pena pesada para quem levantou a carroça de Fauchelevent

Uma tarde, Jean Valjean tomou o pulso, mas não o sentiu, percebeu a respiração difícil e reconheceu que estava mais fraco do que antes. Então, vestiu-se e colocou duas velas de cera nos castiçais do bispo, em cima da lareira, acendendo-as.

Abriu a valise e retirou o enxoval de Cosette. Em seguida, estendeu-o sobre a cama. Uma das cadeiras em que se deixara cair estava colocada na frente do espelho, tão fatal para ele, tão providencial para Marius, no qual lera, invertido no mata-borrão, o recado de Cosette. Olhou-se nesse espelho e não se reconheceu. Estava com 80 anos, e antes do casamento de Cosette, ninguém lhe daria 50. Agora, aquele ano valera por trinta...

Sentou-se na velha poltrona, que empurrara junto com a mesa para perto da lareira, pegou papel e tinta, e escreveu:

“Cosette, eu te abençoo. Vou explicar. Seu marido estava certo em me fazer entender que eu

deveria ir embora; mas há um pequeno erro no que ele acreditava, embora ele estivesse certo. Ele é excelente. Ame-o muito, mesmo depois de eu estar morto. Monsieur Pontmercy, ame muito minha querida filha. Cosette, este papel há de ser encontrado; isto é o que eu desejo dizer a você, verá as cifras, se eu tiver forças para relembra-las, e ouça bem: esse dinheiro é seu mesmo. Aqui está como se deu: o azeviche branco vem da Noruega, o azeviche negro vem da Inglaterra, as miçangas pretas vêm da Alemanha. O azeviche é mais leve, mais precioso, mais caro. Na França, podem fazer-se imitações, assim como na Alemanha. O que é necessário é uma pequena bigorna quadrada de cinco centímetros e uma lamparina de álcool para amolecer a cera. A cera era feita anteriormente com resina e pó de carvão e custava quatro francos a libra. Inventei uma forma de fazer com goma-laca e terebintina. Não custa mais do que trinta soldos e é muito melhor. As fivelas são feitas com um vidro violeta que se fixa, por meio desta cera, a uma pequena armação de ferro preto. O vidro deve ser violeta para joias de ferro e preto para joias de ouro. A Espanha compra muito. É o país das miçangas...”

Aqui Jean Valjean parou. A pena caiu-lhe das mãos. Acometeu-lhe um daqueles soluços desesperados que lhe subiam por momentos das profundezas da alma; o pobre homem escondeu a cabeça entre as mãos e pensou:

— Acabou-se tudo! Não a verei mais. Foi um sorriso que passou por mim. Vou entrar na noite sem nem sequer a rever. Morrer não é nada, porém morrer sem a rever é horrível. Ela sorria para mim, diria uma palavra para mim. Isso não faria mal a ninguém. Meus Deus! Meu Deus! Eu não a verei mais!

Nesse momento, bateram à porta.

Tinta que não escurece clareia

Naquela mesma tarde, Marius recebeu uma carta e Basco informou que a pessoa que a escrevera estava na sala de espera. Papel grosseiro, mal dobrado, cheirava a tabaco.

Ele reconheceu a caligrafia, o tabaco ajudou. Não há nada como o cheiro para despertar uma recordação. O papel, a maneira como foi dobrado, a caligrafia conhecida, sobretudo o mesmo cheiro de tabaco, isso acabara de fazer reviver um mundo de lembranças terríveis. O covil dos Jondrette voltava-lhe à memória. Assim, por estranho capricho, uma das duas pistas que tanto se esforçara para encontrar se apresentara voluntariamente.

Marius abriu avidamente o envelope e leu:

"Senhor barão,

Se o Ser Supremo me houvesse dado talentos, eu poderia ser agora o barão Thenard, membro do Instituto (Academia das Ciências), mas não sou. Tenho apenas o mesmo nome que ele, e ficarei feliz se essa lembrança me recomendar à excelência de sua bondade. O benefício com que

me honrar será recíproco. Estou de posse de um segredo concernente a um indivíduo. Esse indivíduo lhe diz respeito. Conservo o segredo à sua disposição, desejando ter a honra de lhe ser útil. Darei ao senhor o meio mais simples de expulsar semelhante indivíduo de sua honrada família, pois ele não tem esse direito, uma vez que a senhora baronesa é descendente de alta linhagem. Esse santuário da virtude não poderia coabitar por mais tempo com o crime, sem abdicar.

Espero na antecâmara as ordens do senhor barão.

Com respeito."

A carta estava assinada por *Thenard*.

A assinatura não era falsa. Estava apenas abreviada. Além do mais, o estilo e a ortografia completavam a revelação. Nenhuma dúvida seria possível.

A emoção de Marius foi profunda. Agora, era só encontrar o homem que o havia salvo e nada mais teria a desejar.

— Faça-o entrar — disse a Basco.

Entrou um homem. Nova surpresa para Marius. Era um completo desconhecido.

Esse homem, já velho, tinha nariz volumoso, óculos verdes e os cabelos alisados na testa, tocando quase as sobrancelhas. Os cabelos eram grisalhos. Estava todo vestido de preto, com roupa muito usada, mas limpa. Na mão tinha um velho chapéu. Caminhava curvado, e a curvatura aumentava mais com a profundidade dos cumprimentos.

O que à primeira vista se notava era que a casaca daquele personagem, larga demais, apesar de abotoada com muito cuidado, não parecia feita para ele.

O que ocorria, e que Marius não sabia, era que em Paris havia um judeu engenhoso que sabia transformar qualquer tratante em homem de bem. A transformação era feita por meio de uma roupa que se assemelhasse o mais possível à honestidade de todo mundo. Ele possuía um guarda-roupa completo e todos os gatunos o chamavam de O Trocador. O interessado podia se vestir com a casaca do magistrado, ou a batina do padre, ou a roupa do banqueiro, ou ainda o uniforme do militar reformado. O inconveniente é que essas roupas nunca caíam bem; para uns ficavam muito justas e para outros, largas demais.

O desapontamento de Marius, vendo entrar um homem diferente do que esperava, foi desfavorável para o recém-chegado. Examinou-o dos pés à cabeça e lhe perguntou sem rodeios:

— O que deseja o senhor?

— Parece-me impossível que não tenha já tido a honra de encontrar em sociedade o senhor barão. Parece-me tê-lo visto, há já alguns anos, em casa da senhora princesa Bagration e nas salas de sua senhoria o visconde Dombray, par de França.

É sempre boa tática do tratante mostrar conhecer alguém que não se conhece. Marius continuava atento, mas seu assombro crescia porque o falar era anasalado e diferente do que esperava ouvir. Estava desorientado.

— Não conheço a princesa nem o senhor Dombray — disse ele. A fisionomia de Marius tornava-se cada vez mais severa

A resposta foi ríspida. O personagem, apesar disso, insistiu:

— Digne-se ouvir-me, senhor barão. Há na América, num território do lado do

Panamá, uma aldeia chamada La Joya. Lá existe uma grande casa quadrada, de três andares, feita de tijolos. É uma terra afortunada, abundante em minas de ouro.

— Mas a que propósito vem tudo isso? — interrompeu Marius, que do assombro ia passando à impaciência.

— Ao que vou lhe dizer, senhor barão. Eu sou um antigo diplomata cansado. A velha civilização deixou-me em péssimo estado. Quero tentar a terra dos selvagens.

— E então?

— Senhor barão, o egoísmo é a lei do mundo. O cão do pobre ladra atrás do rico, o cão do rico ladra atrás do pobre. Cada um por si. O interesse é o alvo de todos os homens. O ouro, eis o ímã que os atrai.

— Mas então? Acabe logo com isso.

— Eu desejo me estabelecer em La Joya. Somos três: eu, minha mulher e uma menina de extrema beleza. A viagem é longa e cara. Preciso de algum dinheiro.

— E em que isso me interessa? — perguntou Marius.

O desconhecido estendeu o pescoço para fora da gravata, gesto próprio do abutre, e replicou redobrando o sorriso:

— O senhor barão não leu a minha carta?

— Queira explicar-se.

O desconhecido meteu ambas as mãos nos bolsos, ergueu a cabeça, sem endireitar a espinha dorsal, mas perscrutando Marius através dos vidros verdes dos óculos.

— Eu me explico. Tenho um segredo para lhe vender.

— E que segredo é esse?

— O senhor barão tem em sua casa um ladrão e assassino.

Marius estremeceu.

— Em minha casa, não — disse ele.

O desconhecido limpou o chapéu com a manga da casaca e prosseguiu:

— Assassino e ladrão. Esse homem entrou em sua família com outro nome, e vou lhe contar seu nome verdadeiro. Chama-se Jean Valjean.

— Já sei disso.

— Vou lhe contar, e de graça, quem ele é. É um ex-forçado.

— Também já sei. Já sabia, aliás.

O tom frio de Marius, aquelas respostas, o tom lacônico, tudo isso agitou uma cólera surda no desconhecido. Mas ele continuou sorrindo.

— Bem, não me permito desmenti-lo, senhor barão, mas o senhor deve perceber que estou bem informado. Agora, o que lhe vou relatar é segredo meu. Isso interessa à fortuna da senhora baronesa. É um segredo extraordinário. Está à venda. Ofereço-o ao senhor por vinte mil francos. Está barato.

— Eu conheço esse segredo, assim como conhecia os outros.

O homem sentiu a necessidade de abaixar um pouco o preço:

— Se me der dez mil, eu falo ao senhor.

— Repito que já conheço esse segredo. Eu conheço esse seu segredo extraordinário, como sei o nome de Jean Valjean e também o seu nome.

— O meu nome? Não é difícil, senhor barão. Tive a honra de escrever-lhe e de assinar,

Thenard.

— Dier.

— Como?

—Thénardier.

— Quem?...

Marius continuou:

— E o senhor também é o operário Jondrette, o comediante Fabantou, o poeta Genflot, o espanhol Don Alvarez e a dona Balizard. E era proprietário de uma taverna em Montfermeil.

— Uma taverna, eu? Nunca! Eu nego.

— E eu lhe digo que é um velhaco. Tome.

E atirou no rosto do homem uma nota de banco. O homem, transtornado, inclinando-se, agarrando a nota, examinou-a.

— Pois bem... Com esta nota de quinhentos francos, vou me colocar mais à vontade.

Com a agilidade de um macaco, arrancou os óculos e o nariz falso, e trocou de rosto como se troca de chapéu. Os olhos se iluminaram, o nariz voltou a ser pontudo como um bico e o perfil de ave de rapina voltou a aparecer.

— Muito bem, senhor barão, o senhor não errou. Sou Thénardier — disse, endireitando a espinha.

Esse barão estava não somente informado a seu respeito, como também a respeito de Jean Valjean. Quem era esse jovem? Embora sendo vizinhos, jamais chegara a ver Marius, coisa muito frequente em Paris; outrora ouvira as filhas falar vagamente a respeito de um rapaz muito pobre chamado Marius, que morava na mesma casa. Quanto ao nome de Pontmercy, no campo de batalha de Waterloo ele ouvira apenas as duas últimas sílabas. Na mente de Thénardier, não havia conexão entre Marius e esse barão.

Foi por intermédio de Azelma e pelas suas investigações que ele adivinhara quem era o homem que encontrara no esgoto. Sabia que a baronesa Pontmercy era Cosette. Quem era Cosette? Nem ele sabia ao certo. Imaginava alguma bastarda, a história de Fantine parecera-lhe sempre mal contada; mas para que tocar nesse assunto? Para que lhe pagassem o silêncio? Ele tinha, ou julgava ter, algo melhor para pôr à venda.

Marius continuava pensativo. Enfim encontrara Thénardier. O homem que tanto desejava encontrar estava ali. Agora, afinal, poderia honrar o pedido do coronel Pontmercy. Era humilhante constatar que aquele herói devia algo àquele bandido. Fosse como fosse, estava contente, porque iria, enfim, libertar a sombra do coronel daquele credor indigno. E talvez pudesse esclarecer a origem da fortuna de Cosette. Esse Thénardier poderia saber alguma coisa.

Marius rompeu o silêncio.

— Já lhe disse o seu nome. Agora, quer que lhe diga também o seu segredo, aquele que vinha me contar? Eu também estou informado, e verá que sei mais que o senhor. JeanValjean é, como disse, assassino e ladrão; ladrão porque roubou um rico industrial, chamado Madeleine, a quem causou a ruína; e assassino porque matou o inspetor Javert.

— Não entendi, senhor barão.

— Explico: houve um homem, em 1822, que tivera suas questões com a Justiça e que,

sob o nome de Madeleine, conseguira progredir e reabilitar-se. Esse homem, com uma indústria, fez a fortuna de toda uma cidade. Era ele quem alimentava os pobres. Fundava hospitais, abria escolas, visitava os doentes, sustentava as viúvas e adotava os órfãos; e foi nomeado prefeito. Um forçado liberto conhecia o segredo da pena desse homem; ele o denunciou, prendeu-o e se aproveitou disso para vir a Paris retirar o dinheiro no banco Laffitte, uma soma de mais de meio milhão pertencente ao senhor Madeleine. Quem roubou o senhor Madeleine foi Jean Valjean. Quanto ao outro fato, Jean Valjean matou Javert com um tiro de pistola. Eu estava presente.

Thénardier lançou a Marius o olhar do homem vencido que torna a se apoderar da vitória e que acaba de reconquistar todo o terreno perdido. E o sorriso reapareceu depressa.

— Senhor barão, o senhor está no caminho errado. Jean Valjean não roubou Madeleine e Jean Valjean não matou Javert. Ele não roubou Madeleine, visto que Jean Valjean é o próprio Madeleine.

— Como? O que está dizendo?

— E não assassinou Javert, porque Javert se suicidou.

E tirou de um dos bolsos um grande envelope de papel cinzento que parecia conter folhas dobradas de vários tamanhos.

— Este é meu dossiê — disse Thénardier com calma. — Aqui estão as provas de que Jean Valjean é Madeleine e que Javert se suicidou.

Enquanto falava, Thénardier tirava do envelope dois exemplares de jornais amarelos, desbotados e fortemente impregnados do cheiro de tabaco. Estendeu para Marius os dois jornais dobrados.

O mais antigo, de dez anos antes, estabelecia a identidade entre o senhor Madeleine e Jean Valjean, como vimos anteriormente. O outro noticiava o suicídio de Javert, acrescentando que, por uma declaração feita ao prefeito pelo próprio Javert, aprisionado na barricada da rua da Chanvrerie, ele devia sua vida à magnanimidade de um insurgente, o qual, tendo-o na mira da sua pistola, em vez de matá-lo, atirara para o ar.

Marius leu as provas irrefutáveis. A notícia sobre Javert tinha sido comunicada pela Chefatura de Polícia. As informações do guarda-livros do banco estavam erradas, ele se enganara. Jean Valjean, engrandecendo-se de repente, saía da nuvem que o escondia.

— Então, esse infeliz é um homem admirável! Toda essa fortuna realmente lhe pertence! É Madeleine, a providência de toda uma região! É Jean Valjean, o salvador de Javert! É um herói! É um santo!

— Não é nem uma coisa, nem outra! — exclamou Thénardier. — É assassino e ladrão. Jean Valjean não roubou Madeleine, mas é ladrão. Não matou Javert, mas é assassino. O que tenho para revelar é inédito. E talvez o senhor encontre aí a origem da fortuna oferecida por Jean Valjean à senhora baronesa. Mas estou cansado, permita-me que eu me sente.

Marius sentou-se e fez um sinal ao homem para que se sentasse também.

— Senhor barão, há quase um ano, no dia da revolta, um homem se encontrava no Grande Esgoto de Paris, no local onde este encontra o Sena, entre a Ponte des Invalides e a Ponte d'Iéna.

Marius arrastou sua cadeira para perto da cadeira de Thénardier.

Thénardier notou esse movimento e continuou com a lentidão do orador que tem nas mãos seu interlocutor e que sente a palpação do adversário sob suas palavras:

— Esse homem, obrigado a se esconder por motivos alheios à política, estava no esgoto quando ouviu ruídos e viu outro homem carregando nos ombros um cadáver. Ele ia em direção à grade de saída. O pouco de luz que por ali entrava permitiu-lhe reconhecer o recém-chegado. Era um antigo condenado! E ele ia jogar o cadáver no rio! Foi um roubo, porque não se mata alguém de graça. Um fato a notar é que ele, vindo de longe no esgoto, deve ter encontrado um lodaçal horrível, onde talvez poderia ter jogado o cadáver; mas, no dia seguinte, os operários que trabalhavam no esgoto encontrariam o assassinado, o que não convinha ao assassino. Ele preferiu atravessar aquele poço com o fardo às costas, fazendo esforços sobre-humanos.

Marius arrastou sua cadeira para mais perto ainda de Thénardier.

— Ambos os homens acabaram se encontrando e o assassino pediu a chave da grade ao que já estava lá. Contudo, o que possuía a chave parou, unicamente para ganhar tempo. Encontrou meios de rasgar um pedaço do casaco do homem assassinado. Corpo de delito, o senhor compreende, um meio de provar o crime para o criminoso. Ele guardou essa prova no bolso. O senhor está compreendendo agora? Quem carregava o cadáver era Jean Valjean; o que possuía a chave é quem lhe está falando neste momento; e o pedaço do casaco...

Thénardier terminou a frase tirando do bolso um pedaço de tecido preto desfiado, todo coberto de manchas escuras e, segurando-o pelo indicador e o polegar das duas mãos.

Marius levantara-se, pálido, de olhos fixos naquele pedaço de pano preto, e, sem pronunciar uma palavra, recuou até a parede. Com a mão direita estendida para trás, abriu o armário, introduziu nele o braço sem olhar, sem que seus olhos espantados deixassem de fixar o pedaço de pano que Thénardier ainda lhe mostrava.

— Senhor barão, eu acredito que o jovem assassinado era um opulento estrangeiro atraído a uma cilada por Jean Valjean cilada e que trazia consigo uma soma enorme.

— O jovem era eu; aqui está o casaco! — gritou Marius, e jogou ao chão um velho casaco negro todo manchado de sangue.

Depois, arrancando o pedaço das mãos de Thénardier, ajustou-o ao casaco, no lugar de onde havia sido arrancado. Thénardier estava petrificado.

— O senhor é um infame! — gritou Marius, quase esfregando no rosto do outro homem a mão cheia de notas de quinhentos e de mil francos. — O senhor é um mentiroso, um caluniador. Veio aqui acusar um homem, mas só conseguiu justificá-lo. O senhor é que é ladrão! O senhor é que é assassino! Eu o vi, Thénardier Jondrette, naquele pardieiro. Sei o bastante para mandá-lo para as galés ou mais longe até, se o quisesse. Tome, aqui tem mil francos, desgraçado!

E jogou-lhe uma nota de mil francos.

— Tome esse dinheiro, seu miserável, e fora daqui! Waterloo o protege!

— Waterloo! — resmungou Thénardier, embolsando as notas. — Lá eu salvei um general e...

— Um coronel! Eu lhe digo que o senhor cometeu todos os crimes. Vá-se embora! Desapareça! Tome mais três mil francos! Amanhã o senhor embarca para a América com a

sua filha, pois a sua mulher já morreu, mentiroso abominável! E estarei vigiando sua partida, e então lhe darei vinte mil francos. Vá se enforcar em outro lugar!

— Senhor barão, minha gratidão eterna!

E saiu, sem nada entender, mas contente com o resultado. Dois dias depois, ele partiu para a América, sob um nome falso, com a filha Azelma, de posse de uma letra de vinte mil francos para resgatar em Nova York. A miséria moral de Thénardier continuou lá como na Europa. Com o dinheiro de Marius, Thénardier se tornou traficante de escravos.

Logo que Thénardier saiu, Marius correu ao jardim, onde estava Cosette.

— Cosette! Cosette! — gritou. — Venha! Venha depressa! Ah! meu Deus! Foi ele que me salvou a vida! Não percamos um minuto! Ponha o xale.

Cosette achou que ele estava louco, mas obedeceu.

Marius estava transtornado. Começava a entrever em Jean Valjean um vulto nobre e sombrio. Marius sentia o deslumbramento desse prodígio. Quando tomaram um fiacre para a rua de l'Homme-Armé, número 7, Cosette quase explodiu de alegria por ir visitar o senhor Jean.

— O seu pai, Cosette, seu pai mais do que nunca... Ele deve ter recebido a carta de Gavroche e foi para as barricadas me salvar para você. Carregou-me pelos esgotos, salvou outros, salvou Javert. Eu sou um ingrato monstruoso. Vamos buscá-lo para viver conosco; queira ou não, agora não nos deixará mais. Tomara que esteja em casa! Gavroche entregou-lhe a minha carta. Tudo está explicado. Está compreendendo?

Cosette não compreendia uma palavra.

— Você tem razão — disse ela.

A noite atrás da qual existe o dia

Ao ouvir bater à sua porta, Jean Valjean se voltou.

— Entre — disse com voz fraca.

A porta se abriu.

Cosette e Marius apareceram. Cosette correu para o interior do quarto. Marius ficou à porta, de pé.

— Cosette! — disse Jean Valjean. E endireitou-se na cadeira, com os braços abertos e trêmulos, espantado, com incrível alegria nos olhos.

Cosette, sufocada pela emoção, caiu sobre o peito de Jean Valjean.

— Meu pai! — disse ela.

Jean Valjean, emocionado, balbuciou:

— É você! Você veio! Então você me perdoa!

Marius, tentando impedir que as lágrimas corressem, deu um passo e murmurou entre os lábios contraídos para abafar os soluços:

— Meu pai!

— O senhor também, o senhor também me perdoa! — disse Jean Valjean.

Marius não pôde achar uma palavra para dizer, e Jean Valjean acrescentou:

— Obrigado.

Cosette, que só confusamente entendia a situação, redobrava as carícias, como se quisesse apagar a dívida de Marius. Jean Valjean balbuciava:

— Como sou bobo! Pensava que não a veria mais. Imagine, senhor Pontmercy, que no momento em que o senhor chegou, eu estava dizendo para mim mesmo: está tudo acabado. Ali está o seu vestidinho, não verei mais Cosette; eu dizia isso justamente no momento em que estavam subindo as escadas. Como sou idiota!

— Que maldade deixar-nos assim! — ralhou Cosette. — Para onde o senhor foi? Por que demorou tanto? Antigamente suas viagens não duravam mais que três ou quatro dias. Ficou doente e nós não soubemos? Olhe, Marius, veja como tem as mãos frias!

Tudo que se acumulava no coração de Marius achou meios de sair.

— Cosette, está ouvindo? Ele é que me pede perdão. E sabe o que ele me fez? Ele me salvou a vida. Fez mais ainda. Deu-me você. E, depois de me ter salvado a vida, depois de me presentear com você, que fez de si próprio? Sacrificou-se. Ele é um verdadeiro homem. E, para mim, o ingrato, para mim, o impiedoso, para mim, o culpado, ele diz: — Obrigado!

— Não, não — disse baixinho Jean Valjean. — Para que dizer tudo isso?

— O senhor devia ter dito toda a verdade — replicou Marius. — Por que não disse nada? É culpa sua também. Salva a vida dos outros e nada diz! Por que não disse que era Madeleine? Por que não disse que salvara Javert? Eu lhe devia a vida; por que não me disse nada?

— Porque eu pensava como o senhor. Era preciso que eu me afastasse. Se o senhor soubesse o caso do esgoto, me obrigaria a ficar ao seu lado. Por isso, calei-me. Se eu tivesse falado, atrapalharia tudo.

— Atrapalharia o quê? — retrucou Marius. — Ah! meu Deus! Quando penso que soube de tudo por simples acaso! Vamos levá-lo conosco. O senhor é parte de nós mesmos. O senhor é pai de Cosette e meu pai. O senhor nos pertence. Não o deixaremos mais.

— Temos uma carruagem lá embaixo. Vou raptá-lo. Se for necessário, usarei de força — disse Cosette e, rindo, fez o gesto de levantá-lo nos braços.

Jean Valjean murmurou:

— A prova de que Deus é bom é que você está aqui!

Depois de um instante de silêncio, continuou:

— É verdade que seria tão bonito vivermos juntos. Teríamos árvores cheias de passarinhos. Eu passearia com Cosette. Cada um de nós cultivaria um pequeno canteiro. Ela me faria comer de seus morangos e eu colheria minhas rosas para ela. Seria tão bonito! Só que...

Cosette tomou as duas mãos do velho entre as suas.

— Meus Deus! — disse ela. — Suas mãos estão mais frias ainda. O senhor está sofrendo alguma coisa?

— Eu? Não — respondeu Jean Valjean —, eu estou muito bem. Mas vou morrer logo.

Cosette e Marius estremeceram. Cosette soltou um grito dilacerante.

— Pai! Meu pai! O senhor vai viver! Eu quero que o senhor viva! Está ouvindo?

Jean Valjean voltou a cabeça para ela com adoração.

Ouviu-se um ruído à porta. Era o médico que entrava.

— Bom dia, e adeus, doutor — disse Jean Valjean. — Aqui estão os meus pobres filhos.

Marius aproximou-se do médico. Dirigiu-lhe somente esta palavra:

— Senhor?

Mas na maneira como a pronunciou havia uma pergunta completa.

O médico respondeu à pergunta com um olhar expressivo.

— Só porque as coisas nos desagradam — disse Jean Valjean —, isso não é razão para sermos injustos com Deus.

Houve um silêncio. Todos se sentiam angustiados. Jean Valjean voltou-se para Cosette. Pôs-se a contemplá-la como se quisesse fixar-lhe a imagem por toda a eternidade.

O médico tomou-lhe o pulso.

— Ah! É da senhora que ele precisava! — murmurou, olhando para Cosette e Marius.

E, segredando ao ouvido de Marius, prosseguiu em voz baixa:

— Tarde demais.

Jean Valjean, quase sem parar de olhar para Cosette, observou Marius e o médico com serenidade. Ouviram-no balbuciar estas palavras apenas articuladas:

— Morrer não é nada; não viver é que é horrível!

De repente levantou-se. Dirigiu-se com passos firmes para a parede, afastou Marius e o médico, que queriam ajudá-lo, tirou o crucifixo de cobre que ali estava pendurado, tornou a ir sentar-se com toda a liberdade de movimentos próprios da mais perfeita saúde, e disse em voz alta, pondo o crucifixo sobre a mesa:

— Eis aqui o grande mártir!

Virando-se para Cosette e Marius, falou com lucidez:

— Vou lhes contar o que me fez sofrer. O que me fez sofrer, senhor Pontmercy, foi o senhor não querer tocar naquele dinheiro. Aquele dinheiro pertence à sua mulher. O azeviche negro vem da Inglaterra, o azeviche branco vem da Noruega. Tudo isso está escrito naquele papel, que vocês vão ler. Para os braceletes, imaginei substituir as presilhas de metal soldado por simples encaixes. É mais bonito, melhor e menos caro. Já imaginaram quanto dinheiro se pode ganhar? A fortuna de Cosette pertence a ela. Conto-lhes esses pormenores para que fiquem tranquilos.

A porteira subira as escadas e olhava pela porta entreaberta. Ela perguntou ao moribundo:

— O senhor quer um padre?

— Já tenho um — respondeu Jean Valjean.

E, com o dedo, parecia indicar acima da cabeça um ponto onde, talvez, ele visse alguém. É provável que o bispo em pessoa o assistisse naquela agonia.

Cosette, docemente, colocou um travesseiro para apoiar-lhe as costas.

Jean Valjean continuou:

— Senhor Pontmercy, não tenha receio, peço-lhe. Os seiscentos mil francos são de

Cosette. Minha vida teria sido inútil se vocês não usassem esse dinheiro! Conseguimos trabalhar muito bem com aqueles vidrilhos. Chegamos a rivalizar com o que chamam de joias de Berlim.

Quando alguém que nos é caro está para morrer, o olhar parece agarrar-se a ele com vontade de retê-lo. Cosette e Marius, emudecidos pela angústia, não sabendo o que dizer à morte, desesperados e trêmulos, permaneciam de pé de mãos dadas em sua frente. De instante em instante, Jean Valjean declinava, aproximando-se do horizonte sombrio. O rosto empalidecia e ao mesmo tempo sorria. Ele não tinha mais vida, mas outra coisa. A respiração diminuía, o olhar se engrandecia. Era um cadáver no qual se viam asas.

Fez sinal a Cosette para que se aproximasse e depois a Marius; era o último minuto da última hora, e ele pôs-se a falar-lhes com uma voz tão fraca que parecia vir de muito longe:

— É bom morrer assim. Você, minha Cosette, também gosta de mim! Sempre tive certeza de que sempre senti amizade por este pobre velho. Você há de chorar um pouco, não é? Não muito. Eu não quero que sofra. Vocês devem divertir-se muito, meus filhos. E não se assuste com o dinheiro, senhor Pontmercy. É dinheiro honesto. Vocês podem ser ricos tranquilamente. Devem comprar uma carruagem, de vez em quando um camarim no teatro, comprar lindos vestidos de baile, minha Cosette, e depois oferecer bons jantares aos amigos, ser muito felizes. Deixo para ela os dois castiçais que estão em cima da lareira. São de prata; mas para mim eles são de ouro, são de diamantes. Não sei se quem me deu de presente está contente comigo lá em cima. Fiz o que pude. Meus filhos, Cosette e o senhor são uma só pessoa para mim. Fico-lhes muito grato. Cosette, está vendo o seu vestidinho lá, em cima da cama? Reconhece-o? Já se passaram dez anos! Como o tempo voa! Fomos muito felizes. Acabou-se. Cosette, lembra-se de Montfermeil? Você estava no bosque, tinha medo; lembra-se de quando peguei na alça do balde? Foi a primeira vez que toquei em sua mãozinha. Ela estava tão fria! E a boneca! Lembra-se? Você a chamava de Catarina. Cosette, chegou o momento de lhe dizer o nome de sua mãe. Ela se chamava Fantine. Guarde esse nome: Fantine. Ponha-se de joelhos todas as vezes que o pronunciar. Ela sofreu muito, e a amava muito. Teve em tristezas tudo o que você tem em felicidade. Meus filhos, já não enxergo direito, eu tinha ainda tantas coisas a dizer, mas não faz mal. Pensem um pouco em mim. Vocês são criaturas abençoadas. Não sei o que eu tenho, estou vendo uma luz. Aproximem-se mais. Eu morro feliz. Deem-me suas cabeças para que eu as acaricie.

Cosette e Marius se ajoelharam, desorientados, sufocados pelas lágrimas, cada um sob uma das mãos de Jean Valjean. Aquelas mãos já não se moviam. Tinha-se encostado para trás; a luz dos dois castiçais iluminava o seu rosto.

A noite não tinha estrelas e era profundamente escura.

Sem dúvida, no meio da sombra, estava de pé algum anjo imenso de asas abertas, esperando aquela alma.

A grama esconde, a chuva apaga

No cemitério do Père-Lachaise, longe do quarteirão elegante dessa cidade de sepulcros, longe de todos aqueles túmulos de fantasia que ostentam diante da eternidade as vergonhosas modas da morte, num canto deserto, ao longo de um velho muro, há uma pedra. Essa pedra não está mais isenta que as outras da lepra do tempo, do mofo, dos liquens e do excremento dos passarinhos. A água a enverdece, o ar a escurece. Não está perto de nenhum caminho, e ninguém gosta de andar por aqueles lados, porque a relva é alta e molha os pés. Quando faz um pouco de sol, os lagartos a visitam. Ao redor, tremulam hastes de folhagem. Na primavera, as toutinegras cantam nos ramos da árvore.

A pedra é lisa. Ao talhá-la, não pensaram senão no necessário para a sepultura, sem ter outro cuidado que fazê-la bastante longa e estreita para cobrir um homem.

Não se vê ali nenhum nome. Como pediu quem ali foi enterrado.

Porém, há vários anos, alguém escreveu ali a lápis estes quatro versos, que pouco a pouco ficaram ilegíveis sob a chuva e a poeira e que provavelmente hoje já estão apagados:

*Il dort. Quoique le sort fût pour lui bien étrange,
Il vivait. Il mourut quand il n'eut plus son ange;
La chose simplement d'elle-même arriva,
Comme la nuit se fait lorsque le jour s'en va.*

*Ele dorme. Embora seu destino fosse muito estranho, ele sobreviveu.
Ele morreu quando não tinha mais seu anjo.
A coisa aconteceu simplesmente, por si mesma,
como a noite chega quando o dia passa.*

VICTOR HUGO

Victor-Marie Hugo foi poeta, escritor, dramaturgo e estadista francês. Nasceu em Besançon, na França, no dia 26 de fevereiro de 1802. Era filho do conde Joseph Léopold-Sigisbert Hugo, general das tropas de Napoleão, e de Sophie Trébucher. Em razão da carreira do pai, Victor passou grande parte da sua infância viajando.

Em 1814, aos 12 anos de idade, iniciou os estudos no Liceu Louis le Grand, em Paris, época em que seus cadernos já contavam com diversos versos. Aos 14 anos começou a ser influenciado pelos livros de François-René Chateaubriand, escritor e ensaísta que deu início ao Romantismo francês. Seu desejo era ser no mínimo igual a Chateaubriand.

O autor dedicou-se totalmente à carreira literária. Em 1817, participou de um concurso e recebeu o prêmio da Academia Francesa. Em 1819, ganhou o “Lírio de Ouro”, considerado o prêmio máximo da Academia de Jogos Florais de Toulouse, pelos seus poemas líricos. Ainda no ano de 1819, Victor e os irmãos fundaram a revista *O Conservador Literário*, tendo como primeiro ensaio a “Ode ao Gênio”, um tributo prestado a Chateaubriand.

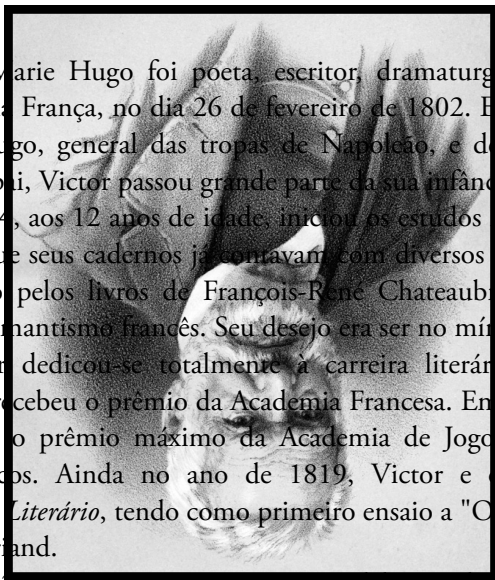
Em 1822, Victor Hugo casa-se com Adele Foucher e publica sua primeira antologia poética, *Odes e Poesias Diversas*, obra que lhe valeu uma pensão de Luís XVIII. No ano seguinte publica seu primeiro romance, *Han de Islândia*. Em 1827, escreve sua primeira peça teatral, *Cromwell*, que obteve muito sucesso de público e crítica. Em 1829, publica *O Último Dia de um Condenado*, um apelo ao fim da pena de morte, e também escreve a peça *Marion Delorme*, que aborda a vida de Luís XIII, e que acaba vetada pela censura. Em 1831, escreve seu mais importante romance: *O Corcunda de Notre-Dame*.

Victor Hugo era um liberal por convicção e um defensor da liberdade de escolha na religião e na política, sempre defendendo as novas ideias. Torna-se o mais famoso poeta e prosador do Romantismo francês.

Em 1833, publica *Lucrecia Borgia e Maria Tudor*. Nesse período, já separado de Adèle, com quem teve cinco filhos, assume seu romance com a atriz Juliette Drouet.

Em 1841, Victor Hugo já é um cidadão rico e famoso, frequentador da corte das Tulherias. Nesse ano é eleito para a Academia Francesa. Em 1845 torna-se membro do Senado francês. Logo fica conhecido como “Leão”, por causa de sua postura incisiva e combativa.

Preocupado com a miséria do povo francês, funda o jornal *O Acontecimento*, colocando seus filhos Charles e François como redatores. Defensor do príncipe Luís Napoleão, escreve artigos em defesa da sua candidatura para a presidência da República. Porém, após ser eleito, o príncipe Luís o decepciona ao violar a Constituição. Assim, recusa-se a aceitar a política do novo líder, sendo perseguido ao tentar organizar resistência à ditadura.



de Napoleão III. Consequentemente, foge para o exílio em Bruxelas, onde permanece por mais de dezoito anos. Seu retorno à França só ocorre após a queda do império.

No exílio, período especialmente produtivo de sua carreira literária, Victor Hugo escreve *Os Castigos* (sarcásticos versos políticos, 1853), *As Contemplações* (com o melhor de sua lírica, 1856), *Os Miseráveis* (1862), *Os Trabalhadores do Mar* (1866) e *O Homem que Ri* (1869).

Em 1870, é eleito deputado e se torna presidente da ala esquerda da Assembleia Nacional. Em 1876, eleito senador, faz uma intensa defesa da anistia aos *communards* (membros e apoiadores da comuna de Paris). Deste modo, Victor Hugo alcança o prestígio nacional e internacional.

Em 1883, sua mulher, Juliette Drouet, com quem viveu por mais de cinquenta anos, falece. Em 22 de maio de 1855, Victor Hugo também parte. No entanto, foi sepultado somente no dia 1º de junho, no Panteão, monumento fúnebre para os heróis franceses.

Victor Hugo deixou escrito em seu testamento:

“Dou cinquenta mil francos aos pobres. Desejo ser levado ao cemitério em um carro fúnebre e recuso a oração de todas as igrejas, peço uma prece a todas as almas. Creio em Deus”.